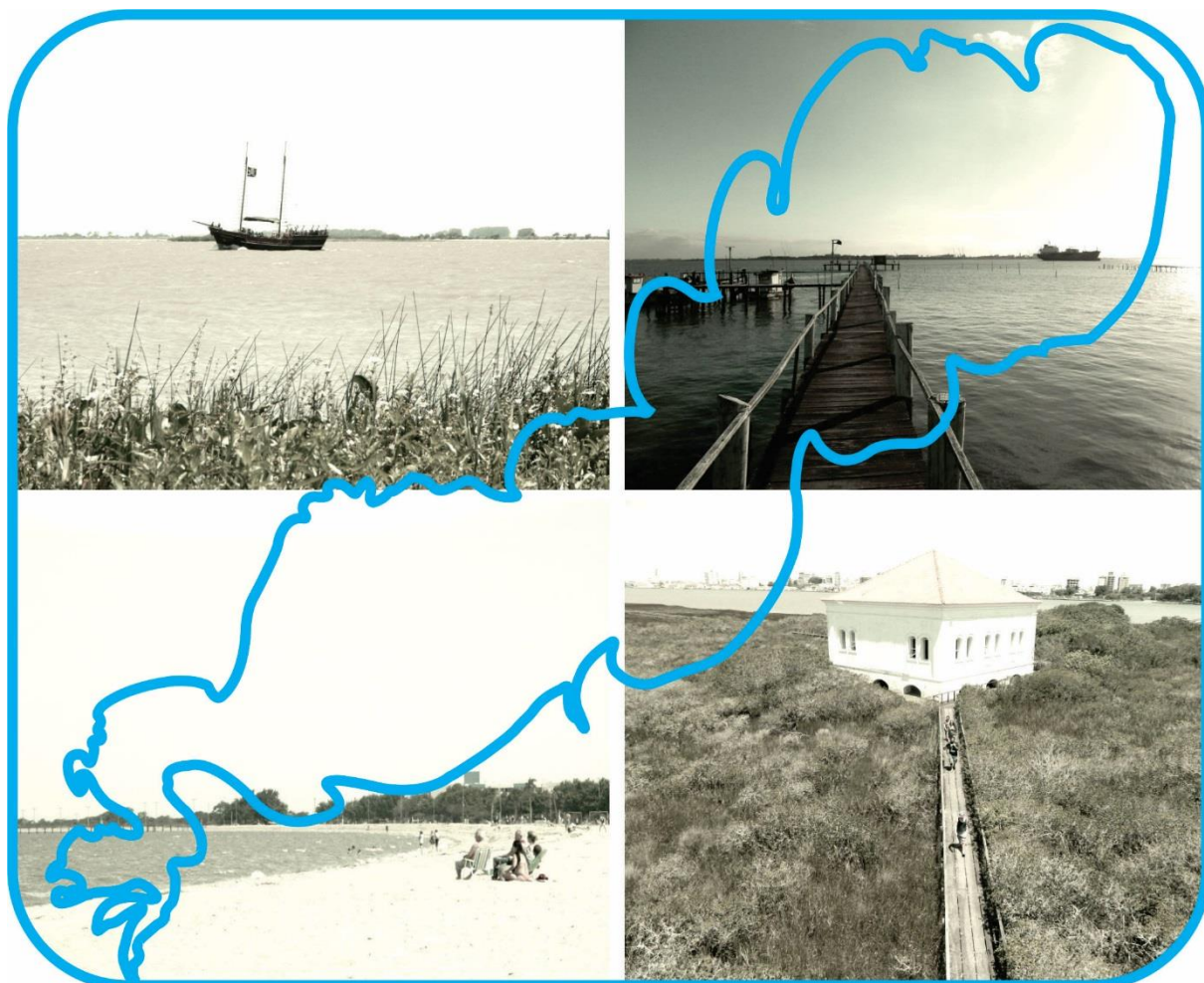


**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
TESE DE DOUTORADO**

LAURA RUDZEWICZ

**PAISAGENS LACUSTRES E PRÁTICAS TURÍSTICAS: “COM OS PÉS NA ÁGUA”
OU “DE COSTAS PARA A ÁGUA”? O CASO DA LAGUNA DOS PATOS, RIO
GRANDE DO SUL, BRASIL**



Porto Alegre

2018

LAURA RUDZEWICZ

**PAISAGENS LACUSTRES E PRÁTICAS TURÍSTICAS: “COM OS PÉS NA ÁGUA”
OU “DE COSTAS PARA A ÁGUA”? O CASO DA LAGUNA DOS PATOS, RIO
GRANDE DO SUL, BRASIL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Castrogiovanni

Porto Alegre

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitora: Jane Fraga Tutikian

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

Diretor: André Sampaio Mexias

Vice-Diretor: Nelson Luiz Sambaqui Gruber

Rudzewicz, Laura

Paisagens lacustres e práticas turísticas: “com os pés na água” ou “de costas para a água”? O caso da Laguna dos Patos, Rio Grande do Sul, Brasil. / Laura Rudzewicz. – Porto Alegre: IGEO/UFRGS, 2018.

[294 f.] il.

Tese (Doutorado). - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Instituto de Geociências. Porto Alegre, RS - BR, 2018.

Orientador: Antonio Carlos Castrogiovanni

1. Geografia 2. Turismo 3. Paisagem 4. Práticas turísticas. 5. Laguna dos Patos I. Título.

910.4:379.845

Catálogo na Publicação

Biblioteca Instituto de Geociências - UFRGS

Sônia Teresinha Duarte de Oliveira

CRB 10/2310

LAURA RUDZEWICZ

**PAISAGENS LACUSTRES E PRÁTICAS TURÍSTICAS: “COM OS PÉS NA ÁGUA”
OU “DE COSTAS PARA A ÁGUA”? O CASO DA LAGUNA DOS PATOS, RIO
GRANDE DO SUL, BRASIL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Castrogiovanni

Aprovada em: 15/06/2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antonio Carlos Castrogiovanni (Orientador)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. Dr. Francisco Antonio dos Anjos
Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI)

Profa. Dra. Ivanira Falcade
Universidade de Caxias do Sul (UCS)

Prof. Dr. Roberto Verdum
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. Dr. Paulo Roberto Rodrigues
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Aos meus pais, Estanislau e Lúcia, pelo amor e apoio incondicional à realização dos meus
sonhos.

À minha avó, Luiza (*In Memoriam*), e minha dinda, Lucí (*In Memoriam*), que participaram
intensamente da minha formação na vida.

AGRADECIMENTOS

Ao tecer os meus agradecimentos nesta tese, permito-me “flutuar” entre sentimentos e memórias das inúmeras experiências vividas ao longo desse processo. Ancorada na dialogicidade das águas, autorizo-me a um “mergulho profundo” nesses anos de dedicação, que, entre águas “calmas” e “turbulentas”, fizeram emergir sensações que transcendem sua escritura. Nesse momento de transição, proponho-me a compor a complexa rede de sujeitos que participaram dessa construção, de maneira individual e coautoral, tornando-o um processo possível, mesmo que provisório, abrindo-se às incertezas do hoje e do amanhã. São eles componentes e compositores das minhas, das nossas paisagens de águas, que pelas suas racionalidades, sensibilidades e afetividades, compartilham comigo as diferentes (re)leituras do mundo.

Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, agradeço pelas oportunidades de aprofundamento e descoberta imaginativa e apaixonante da ciência geográfica. Aos professores, técnicos e colegas de Mestrado e Doutorado, obrigada por esses anos de acolhida e trocas acadêmico-científicas.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Antonio Carlos Castrogiovanni, pelo apoio, confiança e incentivo à autonomia do pensamento. Aos professores que compuseram a banca de qualificação, por suas contribuições ao amadurecimento desta tese – Professora Ivanira Falcade, Professores Roberto Verdum e Nelson Luiz Gruber. Ao grupo de orientandos do Prof. Castrogiovanni, pelas trocas de ideias e momentos de descontração. Ao laboratório de pesquisa PAGUS - UFRGS, pelas apreciações paisagísticas colaborativas e intercâmbios de ideias e bibliografias, que se imprimem nas muitas (entre)linhas desta tese.

À Universidade Federal de Pelotas, em especial, às colegas do Departamento de Turismo, pelo apoio e concessão do afastamento para a realização dessa qualificação. Aos meus alunos e ex-alunos pelo incentivo à realização dessa etapa: vocês motivam essa contínua caminhada, “regando” minhas esperanças na educação e no Brasil!

À CAPES, pela concessão da bolsa de doutorado sanduíche (Processo PDSE 88881.133299/2016-01), realizada entre março e outubro de 2017, em Sabóia, na França.

À Universidade *Savoie Mont Blanc*, Laboratório *EDYTEM*, agradeço a oportunidade de vivência acadêmico-científica no exterior. Em especial, a acolhida fraterna da Profa. Véronique Peyrache-Gadeau e as trocas realizadas com os colegas da *équipe lacustre* – especialmente Yoann Baulaz, Ana Brancelj e Alice Nikolli. A toda equipe *EDYTEM*, agradeço pelas convivências *au bord du lac* e pelo convite à descoberta das paisagens *savoyardes*. Aos

meus entrevistados, no caso do Lago de *Aiguebelette*, obrigada por oferecerem a possibilidade de *immersion* em suas paisagens lacustres, “inundando” de impressões e conhecimentos também esta tese.

Aos professores Rosane Lanzer e Alois Schäfer, da Universidade de Caxias do Sul, pelo primeiro convite à conhecer esse mundo lacustre do estado do Rio Grande do Sul.

Aos colegas e professores da Aliança Francesa Porto Alegre e Smart Way Pelotas, pela oportunidade de aprendizado e imersão no mundo francófono.

Minha imensa gratidão a cada um dos entrevistados, que confiaram a mim suas sensações, percepções, preocupações e expectativas, narrando e compartilhando poeticamente suas paisagens. Espero que tenhamos dado vida a essa “imensidão de águas” da Laguna dos Patos! Obrigada também àqueles que contribuíram na identificação dos sujeitos-chave dessa pesquisa, em São Lourenço do Sul (em especial, a família Cassalha), em Pelotas, em Rio Grande e em São José do Norte.

Ao meu namorado, Michel Bregolin, por estar sempre ao meu lado, dividindo comigo os sonhos e as paixões da vida, a curiosidade pelas paisagens do mundo... mas, também, pela escuta paciente, pelo apoio, e por acreditar sempre nas minhas aspirações.

À família, pai e mãe, Estanislau e Lúcia Rudzewicz, aos meus irmãos Bruno e Guilherme, meu afilhado Bernardo, e à “grande família” Mangini, obrigada pelo aconchego afetivo do lar, pelo exemplo de amor e superação diante das separações mais dolorosas.

Aos demais familiares (famílias Rudzewicz, Bregolin e Dondé), amigas e amigos, de Porto Alegre, de Caxias do Sul, de Pelotas, do Brasil, da França, do Chile, do mundo! O meu mais sincero obrigado pela compreensão das muitas ausências e pelo incentivo a sempre seguir em frente. Em especial, às amigas Daniela Cattani, Ivone Maio e Mariana Garcias, que acompanharam com mais proximidade os entusiasmos e as angústias desse período.

À minha equipe técnica, essencial à consolidação desta tese: Jasmine Pereira Vieira e Sílvia Lazzaretti, pelo esforço das transcrições; Jean Carlo Caneppele, pelas produções cartográficas; ao primo Estanislau Rudzewicz, pelas elaborações visuais; Mayara Zanotto, pelas formatações textuais; Sandra M. Leal Alves, pela revisão do texto; e, mais uma vez, Michel e Guilherme, pela assistência e companhia durante o trabalho de campo.

Minha eterna gratidão a todas e todos que de alguma maneira inspiraram e colaboraram com a construção desse mosaico de olhares sobre a Laguna dos Patos!

*[...] Oh! C'est l'eau, c'est l'eau
C'est l'eau qui m'attire, c'est l'eau
Même l'eau qui saoule l'eau de vie qui coule et qui endort
Même l'eau qui fond l'eau des glaçons l'eau du bouillon [...].*

(Letra da música: *L'Eau*, de Jeanne Cherhal, 2006)

RESUMO

Esta tese aborda as interações entre os temas paisagem, água e Turismo. A partir da abordagem geográfica, considera-se as complexidades inerentes ao fenômeno turístico, conjugando interdependências globais, heterogeneidade de sujeitos e diversidade de práticas, na busca pela compreensão da natureza e evolução dos locais turísticos e da sua integração com outras funções e mobilidades nos territórios. O vasto arcabouço simbólico e de usos sociais relacionados à água são retomados com o intuito de revelar as relações das sociedades com os espaços geográficos onde o componente hídrico, sob distintas formas e manifestações, desempenha um papel importante. O objetivo geral é analisar as percepções, representações e práticas que emergem nessa relação das sociedades contemporâneas com as paisagens de água, sob o prisma do Turismo. Sendo o campo de investigação a Laguna dos Patos, Rio Grande do Sul, Brasil, são as paisagens lacustres que são tomadas como foco desse trabalho, sob o recorte espacial de quatro municípios – São Lourenço do Sul, Pelotas, Rio Grande e São José do Norte – entre outubro de 2016 e março de 2018. Ao compreender a paisagem como um processo de mediação sociocultural dos indivíduos e sociedades com o espaço geográfico, parte-se dos conhecimentos e das práticas dos sujeitos, a partir de suas narrativas de experiências junto às paisagens lacustres e relacionadas ao Turismo. Nessa perspectiva, emerge o problema da pesquisa: de que forma o Turismo se relaciona com as paisagens lacustres? Para tanto, objetiva-se interrogar os sentidos e valores atribuídos a essas paisagens, e conhecer o cenário atual das práticas, espaços e dinâmicas turísticas nessas localidades. Ainda, busca-se discutir as expectativas e potencialidades, as tensões e limitações na interação entre paisagens lacustres e Turismo, trazendo proposições de ação nesses encontros, em especial no campo em estudo. O Paradigma da Complexidade de Edgar Morin e as aproximações interdisciplinares entre a Geografia e o Turismo sustentam a presente iniciativa de interpretar as paisagens lacustres em suas múltiplas dimensões e funcionalidades, pautando-se na adoção de instrumentos de pesquisa qualitativos como a entrevista-episódica e a observação não participante. As leituras das paisagens lacustres associam-se ao tema do patrimônio, desvelando múltiplos sentidos e valores atribuídos pelos sujeitos à Laguna dos Patos, onde a água assume papel articulador na relação dessas sociedades com o espaço geográfico. A inserção do Turismo em um *continuum* re-criativo e de múltiplas mobilidades que caracterizam a sociedade contemporânea global são manifestadas na escala local e regional, por meio de múltiplas (re)conexões entre práticas turísticas e não turísticas, nas mutações das dinâmicas e funções dos espaços e na articulação dos sujeitos do Turismo. Ao revelar as diversidades e identidades das paisagens lacustres, sob múltiplos pontos de vista, emergem conhecimentos aprofundados sobre esses territórios e suas transformações espaciais e temporais, contribuindo com a tomada de consciência e com a (re)valorização do patrimônio paisagístico e suas possibilidades de (re)interpretação pelo Turismo. Novas formas de relações das sociedades contemporâneas com as paisagens lacustres são desveladas ao se questionar as diferentes formas de apropriação e uso das margens lacustres pela função turística. Uma teia de desafios emerge como condição às apropriações turísticas das paisagens lacustres, como as questões relacionadas à qualidade das águas e dos ecossistemas associados, à acessibilidade e à visibilidade das paisagens, e à democratização das práticas e dos usos dos espaços.

Palavras-chave: Geografia; Turismo; Paisagem; Água; Práticas turísticas; Laguna dos Patos.

ABSTRACT

This work addresses the interactions between the following: landscape, water and Tourism. Starting from a geographical standpoint, we must take into account the complexities inherent to the Tourism phenomenon, which combines global interdependence, the heterogeneous nature of agents and the wide array of practices while seeking to understand the development of tourist locations, as well as their integration with other functions and mobilities across territories. The vast structure of symbols and social uses related to water are retaken with the purpose of revealing the relationships between societies and geographical areas where water elements, with their various forms and manifestations, play an essential role. The general objective is to analyze the perceptions, representations and practices emerging from this relationship between contemporary societies and water landscapes, from the perspective of Tourism. The field of research being *Laguna dos Patos*, a lagoon located in the state of *Rio Grande Sul*, Brazil, this work shall be concentrated on these lake landscapes, focusing primarily on four municipalities (*São Lourenço do Sul, Pelotas, Rio Grande e São José do Norte*) during a period of time ranging from October 2016 to March 2018. By perceiving landscapes as a social-cultural mediation process involving individuals/societies and geographic areas, the starting point is defined as the knowledge and practices held by individuals, resulting from the narratives of their experiences involving such lake landscapes in relation with Tourism. Within such perspective, the question raised by the research is unveiled: in what way is Tourism related to lake landscapes? In order to address this question, we must enquire about the meanings and values attributed to these landscapes, as well as get to know the current scenario of all tourism-related dynamics, spaces and practices in these locations. Moreover, this work intends to discuss expectations and potentialities, tensions and limitations inherent to the relationship between lake landscapes and Tourism, generating proposals for action concerning this relationship, especially with regard to the field of study addressed herein. Edgar Morin's Complexity Paradigm and multi-disciplinary approaches involving Geography and Tourism support the initiative to interpret lake landscapes taking into account their multiple dimensions and functionalities, based on the adoption of qualitative research instruments such as the episodic interview technique and non-participant observation. The interpretations of these lake landscapes are associated with the concept of heritage, revealing the multiple meanings and values attributed by individuals to *Laguna dos Patos*, where the water take on an articulating role in the relationship between these societies and surrounding geographical areas. The insertion of Tourism into a re-creative *continuum* with multiple mobilities, which characterize global society in contemporary times, is manifested on a local and regional level by means of multiple (re)connections between tourist and non-tourist practices, on the changes in space dynamics and functions and on the articulation of Tourism agents. By revealing the diversities and identities of these lake landscapes, under multiple viewpoints, in-depth knowledge is revealed with regard to these territories and their respective time and space transformations, contributing to the awareness and (re)appreciation of this landscape heritage as well as (re)interpretation possibilities enabled by Tourism. New forms of relationships involving contemporary societies and lake landscapes are revealed when raising questions related to the various ways of appropriation and use of lake beds for tourism-related purposes. A wide array of challenges emerges as a condition for tourism-related appropriations of lake landscapes, such as questions related to water quality and preservation of related ecosystems, landscape accessibility and visibility, and to the popularization of practices and ways in which these areas are used.

Keywords: Geography; Tourism; Landscape; Water; Tourist Practices; *Laguna dos Patos*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da área de estudo: a Laguna dos Patos e os municípios de São Lourenço do Sul, Pelotas, Rio Grande e São José do Norte, 2018	18
Figura 2 – Mapa das Bacias Hidrográficas da área de estudo: Camaquã, Mirim-São Gonçalo e Litoral Norte, 2018.....	114
Figura 3 –Mapa da Região Turística Costa Doce: municípios integrantes no contexto do Rio Grande do Sul, 2017	122
Figura 4 – Fotos das paisagens lacustres: referentes aos valores naturais e estéticos indicados pelos sujeitos	145
Figura 5 – Fotos das paisagens lacustres: referentes aos valores de uso social e simbólicos indicados pelos sujeitos.....	160
Figura 6 – Fotos de pinturas expostas no Restaurante Atalaia, na Praia do Mar Grosso, em São José do Norte	169
Figura 7 – Reprodução de folhetos sobre Pelotas, 2015-2017	172
Figura 8 – Reprodução de folhetos sobre São Lourenço do Sul, Rio Grande e São José do Norte, 2017.....	174
Figura 9 – Fotos das paisagens lacustres: referentes às práticas de turismo e de lazer observadas nos municípios estudados.....	178
Figura 10 – Mapa dos locais de interesse turístico no município de São Lourenço do Sul, 2017	188
Figura 11 – Mapa dos locais de interesse turístico no município de Pelotas, às margens da Laguna dos Patos, 2017.....	191
Figura 12 – Mapa dos locais de interesse turístico no município de Pelotas, na zona central da cidade, 2017.....	192
Figura 13 – Mapa dos locais de interesse turístico no município de Rio Grande, na zona central da cidade, 2017	197
Figura 14 – Mapa dos locais de interesse turístico no município de Rio Grande, na zona do Molhe Oeste, 2017.....	198
Figura 15 – Mapa dos locais de interesse turístico no município de São José do Norte, 2017	204

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Síntese da estrutura da pesquisa, 2018.....	20
Quadro 2 – Síntese dos grupos e sujeitos entrevistados, 2016-2017.....	32
Quadro 3 – As formas de mobilidade conforme a prática dos locais	43
Quadro 4 – Distâncias rodoviárias (em km) e principais acessos entre os municípios estudados e a capital Porto Alegre, 2018	124

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dados demográficos e área dos municípios estudados, 2010 e 2017	115
Tabela 2 – Capacidade dos meios de hospedagem nos municípios estudados, comparativamente à Costa Doce e ao Rio Grande do Sul, 2018	123
Tabela 3 – Taxa de função turística dos municípios estudados, 2018.....	186

SUMÁRIO

“UM VOLUME PERMANENTE DE ÁGUA FLUINDO”:	UMA INTRODUÇÃO	14
O PERCURSO METODOLÓGICO DA INVESTIGAÇÃO.....		24
1ª PARTE – “ELA ME CONECTOU COM AS ÁGUAS DO MUNDO”:	AS RELAÇÕES	
ENTRE A GEOGRAFIA E O TURISMO.....		36
1.1 EM BUSCA DAS ESPECIFICIDADES DA PRÁTICA DE MOBILIDADE		
TURÍSTICA.....		41
1.2 A HETEROGENEIDADE DOS SUJEITOS DO TURISMO.....		44
1.3 A CRIAÇÃO E EVOLUÇÃO DOS LOCAIS TURÍSTICOS.....		47
2ª PARTE – “TEM ÁGUA DE TODOS OS LADOS”:	OS ENCONTROS DA	
GEOGRAFIA E DO TURISMO COM A ÁGUA.....		54
2.1 NAS CONFLUÊNCIAS DA ÁGUA: PERCEPÇÕES, REPRESENTAÇÕES E		
PRÁTICAS SOCIAIS.....		54
2.2 COM OS PÉS NA ÁGUA OU COM VISTA PARA A ÁGUA? A RELAÇÃO ENTRE AS		
PRÁTICAS TURÍSTICAS E A ÁGUA		64
3ª PARTE – “ESSA PAISAGEM É DOMINADA PELA ÁGUA”:	AS RELAÇÕES	
ENTRE A PAISAGEM GEOGRÁFICA, A PAISAGEM LACUSTRE E O TURISMO		76
3.1 A PAISAGEM NA GEOGRAFIA		76
3.2 A PAISAGEM GEOGRÁFICA E O TURISMO		86
3.3 AS PERCEPÇÕES, REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS DO TURISMO NAS		
PAISAGENS DE ÁGUA.....		90
3.4 AS PERCEPÇÕES, REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS DO TURISMO NAS		
PAISAGENS LACUSTRES		96
4ª PARTE – “UMA IMENSIDÃO DE ÁGUA”:	A LAGUNA DOS PATOS COMO	
CAMPO DE INVESTIGAÇÃO		106
4.1 A LAGUNA DOS PATOS.....		109
4.2 A LAGUNA DOS PATOS NA REGIÃO TURÍSTICA COSTA DOCE.....		120
5ª PARTE – “DESCOBERTO PELAS ÁGUAS”:	ANÁLISE DAS NARRATIVAS DOS	
SUJEITOS DA INVESTIGAÇÃO		128
TEMA 1: “DO CONVÍVIO COM AS ÁGUAS INTERNAS”: O PATRIMÔNIO DA		
PAISAGEM LACUSTRE.....		129
5.1 A “LAGOA” DOS PATOS: NESSA “IMENSIDÃO DE ÁGUAS”, UM “MAR” DE		
EMOÇÕES.....		130

5.2	UMA HERANÇA DE “IMPACTO VISUAL” E “IMPACTO HISTÓRICO”	141
5.3	“NOSSA MINA DE ÁGUA”: OUTRAS RELAÇÕES DO “GAÚCHO DA LAGOA” COM AS PAISAGENS LACUSTRES.....	155
	TEMA 2: “PORQUE ÁGUA ATRAI”: A INTERAÇÃO ENTRE SUJEITOS, PRÁTICAS E LOCAIS TURÍSTICOS	175
5.4	PRÁTICAS DE TURISMO QUE SE INTEGRAM EM UM <i>CONTINUUM</i> RE- CRIATIVO ASSOCIADO ÀS PAISAGENS LACUSTRES	176
5.5	A “COSTA DOCE” – A (RE)INVENÇÃO DOS LOCAIS TURÍSTICOS.....	185
	TEMA 3: “ENTRE A TERRA E A ÁGUA HÁ UM PORTAL”: AS POTENCIALIDADES E EXPECTATIVAS RELACIONADAS À PAISAGEM E AO TURISMO	207
	TEMA 4: “ESSE JOGO ENTRE ÁGUA SALGADA E DOCE”: AS LIMITAÇÕES E TENSÕES RELACIONADAS À PAISAGEM E AO TURISMO	218
	6ª PARTE – “O MUNDO DAS ÁGUAS PRESENTE NA VIDA DOS SUJEITOS” - PROPOSIÇÕES DE ENCONTROS ENTRE PAISAGENS LACUSTRES E TURISMO	241
	“O RETORNO PARA A ÁGUA”: CONSIDERAÇÕES (NÃO TÃO) FINAIS	254
	REFERÊNCIAS.....	261
	APÊNDICE A – GUIA DE ENTREVISTA - MODELO A.....	279
	APÊNDICE B – GUIA DE ENTREVISTA - MODELO B	280
	APÊNDICE C – CADASTRO DAS ENTREVISTAS E TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	281
	APÊNDICE D – NOTAS DA ENTREVISTA	282
	APÊNDICE E – NOTAS DE CAMPO.....	283
	APÊNDICE F – LISTA DAS ENTREVISTAS SELECIONADAS PARA A ANÁLISE DA TESE	284
	APÊNDICE G – ANÁLISE GLOBAL DAS ENTREVISTAS	286
	APÊNDICE H – ESTRUTURA TEMÁTICA DA ANÁLISE DAS ENTREVISTAS ...	287
	APÊNDICE I – CHAVES DE LEITURA DOS MAPAS, CONFORME PICTOGRAMAS TURÍSTICOS ADAPTADOS AO CONTEXTO LOCAL DE ESTUDO	288
	NOTAS DE TRADUÇÃO.....	289

“UM VOLUME PERMANENTE DE ÁGUA FLUINDO”: UMA INTRODUÇÃO

Esta tese aborda as interações entre paisagem, água e Turismo¹, sob uma abordagem geográfica. Nas leituras de uma geopoética da água, como proposta por Bachelard (1942), nasce a inspiração para tecer essas relações, recorrendo às metáforas e simbologias que remetem às diferentes representações da água no tempo. A partir das narrativas dos sujeitos² pesquisados, suas visões sobre o tema da água são capturadas por meio de fragmentos textuais, compondo os títulos e subtítulos das partes desta tese, com o intuito de valorizar as subjetividades em relação às paisagens lacustres em estudo.

A motivação para essa investigação surge das inquietações científicas deste sujeito-pesquisadora, concebidas ao longo da trajetória pessoal, acadêmica e profissional, especialmente das experiências vivenciadas na Planície Costeira do Rio Grande do Sul (PCRS), Brasil. Um percurso iniciado enquanto sujeito-turista, apreciadora de paisagens, pelas vivências no Litoral Norte gaúcho, ou pelas memórias de infância, de paisagens em movimento, apreendidas através das janelas de um *motor-home*, somadas ainda às inúmeras oportunidades de apreciar outras paisagens do mundo. Como acadêmica-pesquisadora no campo do Turismo, surge o despertar para um olhar interdisciplinar sobre os fenômenos, a partir de uma experiência científica significativa relacionada às paisagens das lagoas costeiras do estado. Posteriormente, também um sujeito-residente do município de Pelotas, que, sendo proveniente de outra região do estado (Serra Gaúcha), mantém um olhar de estrangeira sobre essas paisagens. Motivada pela atuação no ensino, na pesquisa e na extensão em Turismo, um sujeito que reflete e se vê refletida nas múltiplas paisagens da PCRS e sua relação intrínseca com as águas, desvelando-se em emoções e sensações diversas, entre experiências cotidianas e científicas.

A partir das vivências nesse contexto geográfico, sucedem as aproximações ao tema da água, por meio da Geografia e suas relações com o Turismo. Em diferentes escalas geográficas, cenários atuais de poluição, contaminação, escassez ou distribuição desigual da água, têm gerado conflitos que se agravam diante das mudanças climáticas. Isso somado à ampliação do consumo, pelos múltiplos e crescentes usos da água para as atividades humanas, nas quais também se insere o Turismo. A questão hídrica é pauta eminente nos debates

¹ O termo Turismo é utilizado em letra maiúscula para designar o campo de estudo.

² A noção de sujeito baseia-se nas obras de Edgar Morin que, ao reconhecer a complexidade individual, pressupõe um rompimento com o princípio determinista clássico que separa sujeito-objeto, integrando-os e concebendo o sujeito relacionado às noções de autoria, individualidade, consciência de si, liberdade, autoprodução, unidade/multiplicidade, autonomia/dependência, elo recorrente produto/produzidor (MORIN, 2000).

científicos, políticos e sociais contemporâneos, da escala local à global. No cotidiano, a água é percebida como um recurso à sobrevivência humana e aos usos produtivos, mas também remete a um vasto arcabouço simbólico e de usos sociais nas diferentes sociedades, hoje reivindicada como um bem comum, um direito das sociedades, um patrimônio a ser protegido.

A esfera recreativa ganha novos contornos na atualidade (CERIANI-SEBREGONDI *et al.*, 2008; BOURDEAU; MAO; CORNELOUP, 2011; DARBELLAY; STOCK, 2012), onde o Turismo integra-se a um sistema global de mobilidades humanas (CERIANI-SEBREGONDI *et al.*, 2008), desafiando pesquisadores à compreensão de sua natureza e evolução diante da “sociedade de indivíduos móveis” (STOCK, 2005). Sendo o Turismo inerentemente complexo, conjuga interdependências globais e heterogeneidade de sujeitos, articulando diferentes esferas da sociedade (DARBELLAY; STOCK, 2012). Adota-se nessa investigação a perspectiva da abordagem geográfica do Turismo (ÉQUIPE MIT, 2005; 2008; 2011; CERIANI-SEBREGONDI *et al.*, 2008; SACAREAU; STOCK, 2003; LAZZAROTTI, 2003; PIMENTEL, 2017), refletindo as implicações espaciais e temporais desse fenômeno social, a partir das práticas turísticas, das dinâmicas dos locais³ e da geograficidade⁴ dos sujeitos.

Nesse contexto, a investigação científica das relações do Turismo com o tema da água tem emergido principalmente nas últimas duas décadas, em diferentes contextos geográficos, apesar de ser geograficamente e historicamente inerente ao surgimento do fenômeno turístico nas sociedades industriais (SACAREAU; STOCK, 2003). Hoje, as preocupações voltam-se para a perspectiva da mensuração do consumo de água e dos impactos do setor turístico no sistema hídrico, revelando a emergência de conflitos sociais relacionados à água envolvendo o Turismo, principalmente nas escalas local e regional, no compartilhamento com outros usos (VERA REBOLLO, 2006; RICO AMORÓS, 2002; GÖSSLING, 2001; GÖSSLING *et al.*, 2012). Sendo o Turismo dependente de quantidade e qualidade de água, torna-se questão emergente na gestão dos destinos turísticos (COLE, 2013; VERA REBOLLO, 2006). Entretanto, esses critérios são ainda pouco considerados no planejamento turístico, o que também se reflete numa tímida inserção do Turismo nos debates científicos, políticos e sociais

³ O uso recorrente do termo local é utilizado nesse texto com um sentido amplo, referindo-se à uma das menores escalas geográficas, e decorre de uma adaptação da literatura científica francesa, originalmente apresentada sob o termo *lieu/lieux*, traduzido como lugar/local. Com isso, busca-se demarcar a diferença de entendimento para o termo lugar que, seguindo os preceitos da Geografia Humanista de corrente fenomenológica, conforme Tuan (1983), define o lugar por e a partir das relações de afetividade, de significação, decorrentes da experiência individual ou coletiva do espaço.

⁴ Geograficidade é um conceito fundamental da obra de Dardel (1952), proveniente do paralelo terminológico com a historicidade, reflete a visão humanista de que os sujeitos estão ligados à Terra, sendo as “[...] inscrições do terrestre no humano e do homem sobre a Terra, de tal modo que nem o humano nem o terrestre podem ser geograficamente pensáveis um sem o outro. O ‘sujeito’ e o ‘objeto’ se envolvem um no outro [...] circularidade que constitui propriamente o mundo geográfico [...]” (BESSE, 2011, p. 112).

sobre a gestão das águas (GÖSSLING *et al.*, 2012). Os destinos turísticos litorâneos (marítimos) e insulares são frequentemente abordados sob essas questões, diante da intensa e crescente atividade turística nesses espaços, conjugando-se às especificidades e fragilidades desses ambientes (DUHAMEL; VIOLIER, 2009; VERA REBOLLO, 2006; BRITO-HENRIQUES; SARMENTO; LOUSADA, 2010; GÖSSLING, 2001; BLONDY, 2016).

No entanto, os encontros contemporâneos dos sujeitos e das sociedades com a água pelo prisma do Turismo são ainda pouco investigados, no sentido de revelar a complexidade dessas relações. A água motivou diversas práticas sociais ao longo da história, vinculando-se também à história do Turismo: o banho termal, a invenção das praias marítimas (CORBIN, 1988), e depois das praias lacustres (VERNEX, 1996b, 1998) e fluviais (GRAVARI-BARBAS; JACQUOT, 2016a), motivaram, e ainda motivam, deslocamentos humanos para usufruir dessas águas para fins de turismo, lazer, saúde, esportes e cultura. Mas as percepções, representações e apropriações relacionadas às paisagens de água, especialmente sob a forma de lagos, lagunas e outras áreas úmidas, ainda são pouco frequentes na literatura científica das ciências sociais (VERNEX, 1998), sendo ainda menos recorrente a abordagem às práticas, espaços e dinâmicas relacionadas ao Turismo.

Configurando-se como a “nascente” desse processo investigativo, parte-se da água sob a forma de lagos e lagunas⁵ da PCRS, para interrogar as complexas relações entre os sujeitos, o Turismo e a água na contemporaneidade. Pela abordagem geográfica da paisagem, surge o interesse científico sobre a atribuição de valores e sentidos às paisagens lacustres⁶ pelos sujeitos, em sua interação com o espaço geográfico em constante (trans)formação, a partir das experiências vividas, na condição de sujeitos residentes ou turistas.

⁵ O termo laguna é compreendido como uma extensão de água presente nas costas marítimas, delimitada por um cordão de sedimentos, sendo que a água é mais ou menos salgada ou salobra, conforme os aportes continentais e o comportamento de saída das águas para o mar, possuindo influência de fracas marés e de ricos aportes sedimentares (BRUNET; FERRAS; THÉRY, 1993, p. 294-295, tradução nossa). Segundo Guerra e Guerra (2009, p. 381), “a separação das águas da laguna da do mar pode-se fazer por um obstáculo mais ou menos efetivo, mas não é rara a existência de canais pondo em comunicação as duas águas. Na maioria das vezes, se usa erradamente o termo lagoa ao invés de laguna”. Essa questão de nomenclatura é também apontada por Tomazelli e Villwock (1991), que explicam que o termo lagoa tem sido tradicionalmente usado no Brasil para designar, de forma genérica, os corpos aquosos litorâneos, independentemente de seu grau de afastamento ou ligação com o mar. Já o termo lago designa uma extensão de água no interior das terras, que, em princípio, representa uma grande superfície de águas doces e calmas, mas também há lagos salgados (Ex: Mar Morto, Grande Lago Salgado de Utah). Os lagos formam-se quando as águas são em parte ou completamente retidas por uma barreira natural, podendo ser alimentados pela água da chuva e do escoamento (rios, neve, geleiras), descarregando parte das águas em um afluente, outros apenas por evaporação ou infiltração (BRUNET; FERRAS; THÉRY, 1993, p. 294-295, tradução nossa).

⁶ Utiliza-se lacustre aqui para designar as paisagens vinculas a esse tipo de corpo aquoso, ao se verificar que a “bacia ou região lacustre” faz referência aos “lagos existentes numa região, bem como todos os cursos d’água que vertem para a concha lacustre [...]”, compreendidos entre esses, as lagunas e as lagoas situadas na borda litorânea (GUERRA, GUERRA, 2009, p. 77).

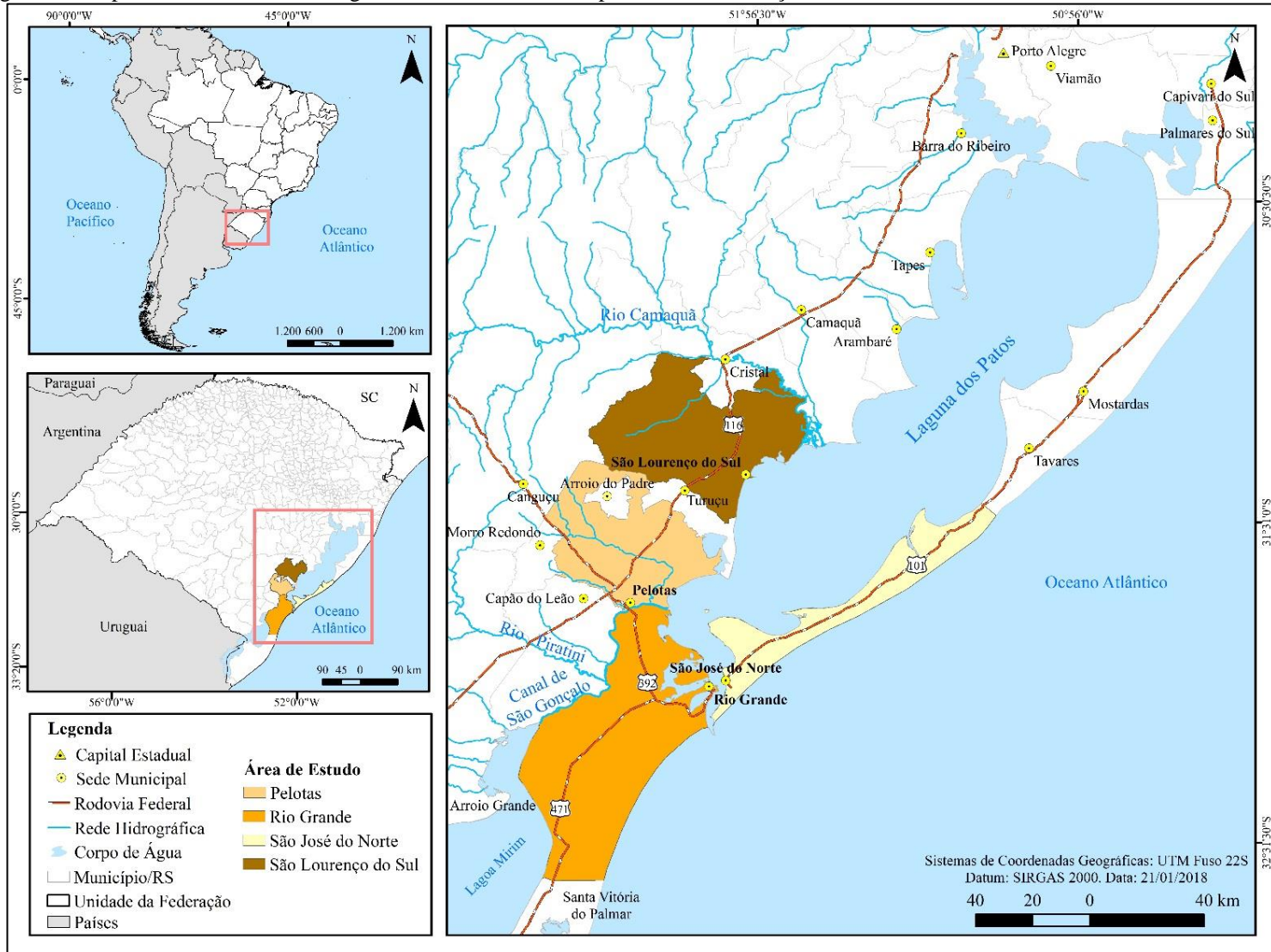
Com isso, emergem os seguintes questionamentos: qual é o papel da água na paisagem costeira do Rio Grande do Sul? Quais as representações e percepções sociais acerca desse sistema hídrico composto por lagos e lagoas? Sendo a Laguna dos Patos o maior desses corpos hídricos, diretamente relacionada à origem do nome do estado⁷, como ela é percebida e sentida pelas sociedades atualmente? De que forma essas paisagens lacustres são apreendidas pelo ponto de vista do Turismo? Como ocorre (ou não) o seu aproveitamento turístico? Ela é (ou pode ser) considerada um ativo para o Turismo? Quais são as práticas e formas de apropriação turística da Laguna dos Patos? As leituras das paisagens lacustres pela abordagem geográfica podem contribuir com o planejamento e a gestão do Turismo? E o campo do Turismo, pode contribuir para as leituras paisagísticas? A partir disso, apresenta-se como problemática principal da investigação: de que forma o Turismo se relaciona com as paisagens lacustres?

O objeto empírico é a Laguna dos Patos, diante da sua relevância na composição paisagística da PCRS, sendo analisada a partir das práticas e experiências vividas pelos sujeitos em sua relação com o espaço geográfico e com o Turismo. Devido às dimensões físicas desse corpo hídrico de aproximadamente 10.000 km² de área, 240 km de comprimento e 40 km de largura máxima (TOLDO JÚNIOR *et al.*, 2006), houve a necessidade de um recorte espacial em virtude do tempo disponível para a realização da investigação. Assim, essa pesquisa trata da porção sul da Laguna dos Patos, sob o recorte de quatro municípios que estão às margens desse corpo hídrico, conforme apresentados na Figura 1: São Lourenço do Sul, Pelotas, Rio Grande e São José do Norte. A escolha desse segmento territorial justifica-se pela atuação profissional da pesquisadora junto ao município de Pelotas, aliada à intenção de manter a representatividade em ambas as costas, leste e oeste, até a desembocadura no Oceano Atlântico. A partir disso, a seleção dos municípios seguiu o critério da existência de aspectos ou áreas de interesse turístico relacionados à Laguna dos Patos, conforme consta nos sites oficiais de Turismo dos municípios⁸. Já o recorte temporal do estudo tem enfoque nas práticas, percepções e representações das paisagens lacustres e sua relação com o Turismo na contemporaneidade, considerando-se o período de coleta e análise das informações desta tese, entre outubro de 2016 e março de 2018.

⁷ Os registros encontrados relatam que em tempos passados a Laguna dos Patos era designada como “Rio Grande”, englobando desde as águas do Guaíba até a Barra de Rio Grande, dando origem ao nome do Rio Grande do Sul (SPALDING, 1961).

⁸ A consulta foi realizada entre os meses de junho e agosto de 2016, nos sites das prefeituras e órgãos municipais de Turismo (Secretarias, Departamentos) dos 14 municípios que se situam às margens da Laguna dos Patos. Na porção sul, Turucu foi um município excluído do recorte espacial, uma vez que não apresenta elementos ou locais com função turística nas proximidades da Laguna dos Patos. Essa informação foi reforçada por alguns entrevistados, que indicaram um direcionamento à função agrícola e de acessos privados à orla lacustre nesse município.

Figura 1 – Mapa da área de estudo: a Laguna dos Patos e os municípios de São Lourenço do Sul, Pelotas, Rio Grande e São José do Norte, 2018



Fonte: Geodiversidade (2010); Hasenack e Weber (2010); IBGE (2018a; 2018b); MapCruzim (2018); Elaboração da autora e produção cartográfica do Geógrafo Msc. Jean Carlo Gessi Caneppele (2018).

A reflexão sobre um corpo lagunar específico fez emergir muitos meandros de possibilidades e dúvidas no entrelaçamento dos temas dessa pesquisa, sob o fluxo do seguinte objetivo geral: analisar as percepções, representações e práticas contemporâneas relacionadas às paisagens lacustres sob o prisma do Turismo na Laguna dos Patos, Rio Grande do Sul, Brasil. Para tanto, fez-se necessário interrogar os sentidos e valores atribuídos às paisagens lacustres pelos sujeitos direta ou indiretamente relacionados ao Turismo na Laguna dos Patos (objetivo 1) e, também, conhecer o cenário atual das práticas, espaços e dinâmicas turísticas associadas às paisagens lacustres (objetivo 2). Procurou-se ainda discutir as expectativas e potencialidades (objetivo 3), bem como as tensões e limitações nessa interação do Turismo com as paisagens lacustres (objetivo 4), sob o ponto de vista dos sujeitos, e, por fim, propor possibilidades de ação nos encontros entre as paisagens lacustres e o Turismo (objetivo 5). O desenho da pesquisa é apresentado em forma de síntese no Quadro 1.

A Laguna dos Patos e suas áreas de entorno expõem feições morfológicas representativas da evolução geológica da PCRS, a mais ampla planície litorânea brasileira (TOMAZELLI; VILLWOCK, 2000). Desde o século XIX, tem despertado o interesse científico de naturalistas, geógrafos, historiadores, filósofos, ecólogos e demais pesquisadores, ao integrar ambientes aquático e terrestre, ecossistemas costeiros e marinhos, e uma diversidade de espécies e dinâmicas que surgem do encontro das águas doces e salgadas nesse extremo sul do Brasil. Seus pontais⁹, baías, ilhas, matas, dunas, rios, estuário¹⁰, restinga¹¹, sacos, praias, balneários, cerritos¹², faróis, vilas de pescadores, portos e cidades, construídas ao longo de sua orla, revelam a diversidade de suas paisagens.

⁹ O pontal é entendido como uma “língua de areia e seixos, de pouca altura, disposta de modo paralelo, oblíquo, ou mesmo perpendicular à costa e que se prolonga, algumas vezes, sob as águas, em forma de banco.” (GUERRA; GUERRA, 2009, p. 500).

¹⁰ O estuário é designado como a “forma de desaguadouro de um rio no oceano, oposto ao delta, que aparece geralmente constituído por vários braços [...] o estuário forma uma boca única e é, geralmente, batido por correntes marinhas e correntes de marés que impedem a acumulação de detritos, como ocorre nos deltas. [...] Os estuários representam porções finais de um rio, estando sujeitos aos efeitos sensíveis das marés.” (GUERRA; GUERRA, 2009, p. 258).

¹¹ A restinga é considerada uma “faixa ou língua de areia, depositada paralelamente ao litoral, graças ao dinamismo destrutivo e construtivo das águas oceânicas. Esses depósitos são feitos com apoio em pontas ou cabos que comumente podem barrar uma série de pequenas lagoas, como acontece no litoral, do sul da Bahia ao Rio Grande do Sul” (GUERRA; GUERRA, 2009, p. 542).

¹² O cerrito é entendido como “uma elevação artificial, não intencional, resultado da ocupação de centenas de anos. Ocorre em áreas alagadiças do Rio Grande do Sul, especialmente no extremo sul [...] circulares ou elípticos, isolados ou em grupos, em média de 1,5m de altura, os cerritos mais antigos chegam há 4.000 anos. São encontrados sepultamentos, instrumentos líticos, ósseos, fogueiras e restos de alimentação.” (TORRES, 2015, p. 14).

Quadro 1 – Síntese da estrutura da pesquisa, 2018

(continua)

Título	PAISAGENS LACUSTRES E PRÁTICAS TURÍSTICAS: “COM OS PÉS NA ÁGUA” OU “DE COSTAS PARA A ÁGUA”? O CASO DA LAGUNA DOS PATOS, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL				
Problema	De que forma o Turismo se relaciona com as paisagens lacustres?				
Recorte espacial	Porção sul da Laguna dos Patos, no Rio Grande do Sul, Brasil, a partir dos pontos ou áreas de interesse turístico nas margens lacustres ou ambientes associados, nos municípios de São Lourenço do Sul, Pelotas, Rio Grande e São José do Norte				
Objetivo geral	Analisar as percepções, representações e práticas contemporâneas relacionadas às paisagens lacustres sob o prisma do Turismo na Laguna dos Patos, Rio Grande do Sul, Brasil				
Objetivos específicos					
O quê?	Por quê?	Quais são os instrumentos/técnicas de coleta?	Quais são as fontes?	Quais são os instrumentos/técnicas de análise?	Quais são os tipos de dados?
1. Interrogar os sentidos e valores atribuídos às paisagens lacustres pelos sujeitos direta ou indiretamente relacionados ao Turismo na Laguna dos Patos	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer os sentidos das relações contemporâneas entre as sociedades e a Laguna dos Patos • Revelar os valores naturais, estéticos, históricos, de uso social, simbólicos e produtivos atribuídos às paisagens lacustres • Identificar os aspectos, elementos e conjuntos paisagísticos, dotados de interesse turístico e patrimonial relacionados à porção sul da Laguna dos Patos 	<ul style="list-style-type: none"> • Entrevistas-episódicas • Observação não-participante • Fotografias de campo 	<ul style="list-style-type: none"> • Sujeitos entrevistados • Trabalho de campo • Outras formas de representação da paisagem 	<ul style="list-style-type: none"> • Análise global e codificação temática das entrevistas 	<ul style="list-style-type: none"> • Visuais (fotografias, quadros) • Verbais (entrevistas) • Textuais (transcrições de entrevistas, notas de campo, literatura, poesia, música, material turístico)
2. Conhecer o cenário atual das práticas, espaços e dinâmicas turísticas associadas às paisagens lacustres	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar os sujeitos, as práticas, os espaços e as dinâmicas do Turismo relacionado às paisagens lacustres na porção sul da Laguna dos Patos • Interrogar a atratividade e a escolha dos sujeitos quanto as paisagens lacustres investidas pelo Turismo 	<ul style="list-style-type: none"> • Entrevistas-episódicas • Observação não-participante • Fotografias de campo 	<ul style="list-style-type: none"> • Sujeitos entrevistados • Trabalho de campo • Imagens de satélite e mapas 	<ul style="list-style-type: none"> • Análise global e codificação temática das entrevistas • Elaboração cartográfica 	<ul style="list-style-type: none"> • Visuais (imagens de satélite, mapas, fotografias) • Verbais (entrevistas) • Textuais (transcrições de entrevistas, notas de campo, materiais, sites e aplicativo)
3. Discutir as expectativas e potencialidades nessa interação entre as paisagens lacustres e o Turismo, sob o ponto de vista dos sujeitos	<ul style="list-style-type: none"> • Averiguar as percepções e opiniões dos sujeitos sobre as potencialidades e suas expectativas em relação ao Turismo e as paisagens lacustres na porção sul da Laguna dos Patos 	<ul style="list-style-type: none"> • Entrevistas-episódicas • Observação não-participante • Fotografias de campo 	<ul style="list-style-type: none"> • Sujeitos entrevistados • Trabalho de campo 	<ul style="list-style-type: none"> • Análise global e codificação temática das entrevistas 	<ul style="list-style-type: none"> • Visuais (imagens de satélite, mapas e fotografias) • Verbais (entrevistas) • Textuais (transcrições de entrevistas, notas de campo)

(conclusão)

Objetivos específicos	Por quê?	Quais são os instrumentos/técnicas de coleta?	Quais são as fontes?	Quais são os instrumentos/técnicas de análise?	Quais são os tipos de dados?
O quê?					
4. Discutir as tensões e limitações nessa interação entre as paisagens lacustres e o Turismo, sob o ponto de vista dos sujeitos	<ul style="list-style-type: none"> • Refletir sobre as percepções e opiniões dos sujeitos sobre as tensões e limitações em relação ao Turismo paisagens lacustres na porção sul da Laguna dos Patos 	<ul style="list-style-type: none"> • Entrevistas-episódicas • Observação não-participante • Fotografias de campo 	<ul style="list-style-type: none"> • Sujeitos entrevistados • Trabalho de campo 	<ul style="list-style-type: none"> • Análise global e codificação temática das entrevistas 	<ul style="list-style-type: none"> • Visuais (imagens de satélite, mapas e fotografias) • Verbais (entrevistas) • Textuais (transcrições de entrevistas, notas de campo)
5. Propor possibilidades de ação nos encontros entre as paisagens lacustres e o Turismo	<ul style="list-style-type: none"> • Aprofundar a análise e a interpretação por meio da integração de todas as informações coletadas • Refletir possibilidades à gestão do Turismo, por meio da elaboração de uma agenda de sugestões pela valorização patrimonial das paisagens lacustres sob o prisma do Turismo 	<ul style="list-style-type: none"> • Integração dos instrumentos utilizados 	<ul style="list-style-type: none"> • Integração das fontes utilizadas 	<ul style="list-style-type: none"> • Integração dos instrumentos utilizados 	<ul style="list-style-type: none"> • Integração de todos os tipos de dados utilizados

Fonte: Elaboração da autora (2018).

Esse é um exercício de leitura interpretativa das paisagens lacustres a partir das experiências vividas pelos sujeitos, residentes ou turistas das proximidades da Laguna dos Patos, e que faz emergir múltiplos conteúdos, sentidos e memórias, através da relação multisensorial das sociedades com essa “imensidão de águas”. Paisagens que podem ser apreendidas pela dialética simbólica e concreta da água, sob representações positivas e negativas, revelando a história das cidades e das vilas, sendo meio para as atividades socioeconômicas, ou elemento motivador de encontros e sociabilidades, de festividades e religiosidades, de conectividades, ou mesmo de dissolução, destruição, poluição, barreira. Às paisagens da Laguna dos Patos são atribuídos valores naturais, estéticos, históricos, simbólicos, produtivos e de uso social (adaptados de NOGUÉ; SALA; GRAU, 2016), associados aos usos diversos ao longo da história. São usos e apropriações socioespaciais, do passado e do presente, que incluem motivações de deslocamento, de contemplação, de aventura, de descobertas científicas, de práticas pedagógico-educativas e esportivas, de Turismo e Lazer, promovendo o contato dos sujeitos com as águas e seus ambientes imediatos.

Desde a expansão da prática dos banhos de mar no litoral do Rio Grande do Sul, no final do século XIX e início do século XX, levando à instalação de diversos balneários (STROHAECKER, 2007), as políticas de Turismo na PCRS voltam-se para o aproveitamento da orla marítima, “dando as costas” para os ativos paisagísticos e patrimoniais no interior dessas áreas litorâneas. Com isso, as percepções e representações das distintas formas de paisagens de águas (lagos, lagoas, rios, arroios, etc) e as práticas e dinâmicas turísticas nessas águas interiores do Rio Grande do Sul permanecem “à margem” da investigação científica, motivando o “fluxo” das reflexões propostas nesta tese.

Os conhecimentos e informações sistematizados na bibliografia consultada até o momento sobre a Laguna dos Patos referem-se especificamente aos seus aspectos geomorfológicos, geográficos, hidrológicos, ecológicos, biológicos e, também, sociais e culturais, especialmente no que tange aos estudos sobre a pesca artesanal. Nesses, o Turismo é indicado enquanto potencialidades a serem ativadas ou mesmo como atividade presente, de forma sazonal, na margem oeste, mas geralmente reduzido à noção de atividade econômica, geradora de impactos ou de conflitos com outros usos dos recursos hídricos.

A partir disso, configuram-se os “meandros” percorridos por essa investigação, sendo apresentados em seis partes¹³. A “nascente” é aqui representada pela introdução e pela

¹³ Esta tese é composta de partes, não de subdivisões em capítulos, compreendendo-a como uma trama de partes que se inter-relacionam, formando um todo, e de um todo que é mais do que a soma das partes que o constituem. conforme Edgar Morin (2000; 2003).

apresentação dos procedimentos metodológicos, seguindo pelas “correntes” da revisão teórica, da apresentação do campo de investigação, da interpretação das paisagens lacustres e das dinâmicas turísticas, chegando às proposições de ação, até desembocar em considerações provisórias.

A primeira parte está destinada à reflexão sobre as relações entre a Geografia e o Turismo, na busca pela compreensão da natureza e da trajetória evolutiva dos locais, práticas e sujeitos turísticos, a partir da abordagem geográfica.

A segunda direciona-se à busca das conexões entre a Geografia e o Turismo com o tema transversal da água, embasados na literatura científica nacional e internacional.

A terceira parte está dedicada ao tema da paisagem na Geografia e suas relações com o Turismo, elucidando o conceito de paisagens de água. A busca de embasamento teórico sobre as percepções, representações e práticas turísticas nessas paisagens de água, e, especificamente, em paisagens lacustres, torna-se elemento articulador na construção desse trabalho.

A quarta parte apresenta o campo de investigação, a Laguna dos Patos e, em especial, os quatro municípios que fizeram parte desse estudo, refletindo sobre o cenário atual da Região Turística Costa Doce.

A quinta parte “navega” entre as interpretações dos sujeitos pesquisados e do sujeito pesquisadora, abordando diversas percepções e representações das paisagens lacustres em cada um dos municípios do estudo e no seu conjunto. Percorrendo os conteúdos das narrativas dos sujeitos entrevistados, busca-se valorizar seus conhecimentos e experiências das paisagens lacustres e sua relação com as práticas turísticas locais e regionais. Os objetivos e problemas propostos nessa investigação são aqui revisitados, sendo apresentados sob a forma de quatro temas principais:

Tema 1: “Do convívio com as águas internas”: o patrimônio da paisagem lacustre

Tema 2: “Porque água atrai”: a interação entre sujeitos, práticas e locais turísticos

Tema 3: “Entre a terra e a água há um portal”: As potencialidades e expectativas relacionadas à paisagem e ao Turismo

Tema 4: “Esse jogo entre água salgada e doce”: As limitações e tensões relacionadas à paisagem e ao Turismo.

A sexta parte está designada às proposições de ação no campo do Turismo em seus encontros com as paisagens lacustres e, em especial, direcionadas ao recorte do estudo na Laguna dos Patos.

Por fim, considerando-se que as verdades são muitas e provisórias, são apresentadas algumas considerações possíveis até o momento, como forma de síntese do percurso

investigativo, trazendo perspectivas de “novos efluentes”, pela continuidade desse estudo.

Para explicitar alguns aspectos de forma desta tese, buscou-se valorizar fragmentos narrativos dos sujeitos entrevistados, trazidos para compor os títulos e subtítulos, entre outras, bem como a utilização de formas semânticas e poéticas ao longo do texto, que remetem à variedade de representações e simbologias da água, em suas distintas formas. Os discursos dos sujeitos ganham ênfase nas etapas de interpretação e análise das informações do estudo, tratando de valorizar seus pontos de vista, opiniões, conhecimentos e experiências vividas na relação com os espaços geográficos pela mediação da paisagem.

A proposta então representa um convite à leitura dessa relação com a água, num recorte determinado da Laguna dos Patos, fluando ao longo do curso metodológico, bordeando as diferentes perspectivas teóricas, de encontros ou desencontros, com os pés na água ou de costas para a água, sob o farol que ilumina as interfaces entre a Geografia e o Turismo. A jusante, o intuito é revelar algumas das percepções, representações e práticas na relação entre as paisagens lacustres e o Turismo, e a montante, abrir-se às incertezas e as solidariedades conflitivas de um mundo complexo, em constante (trans)formação.

O PERCURSO METODOLÓGICO DA INVESTIGAÇÃO

Esse processo investigativo insere-se no âmbito da pesquisa social (GIL, 1999), representada pela interface entre a Geografia e o Turismo, cujos objetivos e problema levaram à adoção de instrumentos de pesquisa qualitativa. Devido às mudanças sociais aceleradas e à pluralização das esferas de vida nos tempos contemporâneos, o estudo das relações sociais pela pesquisa qualitativa tem demandado uma nova sensibilidade interpretativa dos pesquisadores para tratar das questões da sociedade por meio de estudos locais, temporais e situacionais (FLICK, 2009a). Pelo diálogo com a realidade nos contextos sociais estudados, local e temporalmente situados, parte-se de uma perspectiva indutiva (GIBBS, 2009), objetivando novas visões sobre os fenômenos associados aos temas do estudo, em seus desdobramentos múltiplos e complexos. Diante disso, esta pesquisa volta-se para a realidade revelada pelo ponto de vista dos sujeitos, a partir da contemplação dos significados subjetivos atribuídos às paisagens lacustres, revelados por meio das narrativas de suas práticas, experiências, interações e conhecimentos cotidianos, no que concerne à relação paisagem e Turismo.

Em primeiro plano, a abordagem ao subjetivismo, dialogando com as correntes

fenomenológicas dos estudos da paisagem, no contexto dos conhecimentos cotidianos e das experiências dos sujeitos no ambiente em que habitam ou visitam. E, também, a adoção de uma abordagem construtivista, no interesse pela construção da realidade social a partir do ponto de vista dos sujeitos (FLICK, 2009a).

O instrumental metodológico dessa investigação está embasado no Paradigma da Complexidade de Edgar Morin, entendendo-a como um “[...] princípio do pensamento que considera o mundo e não como o princípio revelador da essência do mundo” (MORIN, 2003, p. 151). Com isso, ao longo do texto, busca-se lançar questionamentos diante das incertezas e (re)composições da contemporaneidade. Essas complexidades são entendidas como uma tapeçaria, que se compõe de algo mais do que a soma dos fios pois “um todo é mais do que a soma das partes que o constituem”, uma vez que a qualidade de cada fio não se exprime plenamente no todo, “o todo é então menor que a soma das partes”, pois os fios estão organizados e concorrem para o conjunto, então, “o todo é simultaneamente mais e menos que a soma das partes” (MORIN, 2003, p. 124).

Uma forma de fazer ciência pela dialógica da ordem/desordem/organização, pela integração dos conhecimentos e articulação das disciplinas, por um saber multidimensional e solidário, o qual seja capaz de lidar com a complexidade da realidade antropológica na sua microdimensão (o ser individual) e macrodimensão (o conjunto planetário da Humanidade), que pretende superar a redução, fragmentação e disjunção do pensamento pelo paradigma da simplificação predominante nas ciências (MORIN, 2003).

O Pensamento Complexo pretende ser multidimensional e organizador ou sistêmico, ao conceber a relação recursiva da parte no todo e do todo na parte, reconhecendo, em simultaneidade, o uno e o múltiplo, o sujeito e o objeto, o subjetivo e o objetivo, as noções complementares e antagônicas, discernindo as interdependências e negociando com as incertezas da contemporaneidade. Então, trata-se de realizar uma leitura do objeto empírico, pelo diálogo científico entre a Geografia e o Turismo, a partir das aproximações e confrontações com os temas transversais da água e da paisagem, tratando-se: “[...] de buscar sempre a relação de inseparabilidade e de inter-retroação entre todo fenômeno e seu contexto, e de todo contexto com o contexto planetário.” (MORIN; KERN, 2005, p. 159).

Essa é uma pesquisa que ultrapassa as segmentações disciplinares (MORIN, 2003), integrando conhecimentos especialmente da Geografia e do Turismo, mas também da Arquitetura e do Urbanismo, da Hidrologia, da Geologia, da História Cultural, da Filosofia, da Sociologia e outros. As possibilidades de comunicação entre as ciências por uma interdisciplinaridade, ou mesmo transdisciplinaridade, é manifestada nessa interação temática,

transversal e multidimensional, entre água, paisagem e Turismo, pois solicita a compreensão da complexa multiplicidade do que é o humano ao “[...] enraizar o conhecimento físico, e igualmente biológico, numa cultura, numa sociedade, numa história, numa humanidade” (MORIN, 2008, p. 139). A Geografia é reconhecida por Morin (2000) como uma ciência multidimensional e globalizante, complexa por princípio, ao integrar os saberes físicos da Terra, da biosfera e das intervenções humanas, e que hoje amplia-se como uma “Ciência da Terra dos homens” (MORIN, 2000, p. 29). O Turismo também é compreendido como inerentemente complexo (CASTROGIOVANNI, 2004; MOESCH, 2000; NOSCHANG, 2014). Ao integrar interdependências globais e heterogeneidades de atores, o fenômeno turístico articula-se com as diferentes esferas da sociedade, trazendo problemas transversais e multidimensionais que desafiam as ciências sociais contemporâneas (DARBELLAY; STOCK, 2012).

Na busca do conhecimento, a explicação científica dos meios objetivos não é mais suficiente, segundo Morin (2000), é preciso uma compreensão humana dos sujeitos como seres subjetivos, em que os componentes afetivos não sejam menos importantes do que os da consciência. Por isso, a escolha aqui pela valorização das subjetividades, a partir das narrativas dos sujeitos entrevistados, integrando uma busca científica pelo caráter intersubjetivo das interações da sociedade, a partir da explicação e da compreensão sobre o humano, o individual, o interindividual e o social (MORIN, 2000).

Assim, a noção de Sujeito Complexo pressupõe um rompimento com o princípio determinista clássico de separação entre sujeito e objeto. Mais do que tratar de singularidade e diferença entre os indivíduos é compreendê-los como sujeitos, ou seja, “[...] colocar-se no centro do seu próprio mundo, é ocupar o lugar do ‘eu’” (MORIN, 2003, p. 95). Nessa perspectiva, integram-se as noções de individualidade, consciência de si, liberdade, autoprodução, autonomia/dependência, elo recorrente produto e produtor. A complexidade individual própria dos sujeitos está em sua capacidade de ser não apenas ator, mas autor, de ser unidade e multiplicidade de personagens, caracteres, contradições e potencialidades, em suas capacidades de cognição/escolha/decisão (MORIN, 2000, p. 127).

A Complexidade oferece uma abertura a novos percursos para a compreensão do Turismo relacionado à paisagem geográfica, impulsionando uma imersão mais profunda do que a noção de recurso ou matéria-prima para a exploração turística. Percursos que pretendem ir em busca das dimensões sensíveis, afetivas e simbólicas da experiência dos sujeitos com a paisagem (BERQUE, 1990), nesse caso as paisagens lacustres e sua relação com o Turismo, adentrando as subjetividades ao conceber que “[...] somos seres ao mesmo tempo físicos, biológicos, sociais, culturais, psíquicos e espirituais” (MORIN, 2008, p. 176).

Dos princípios do Paradigma da Complexidade¹⁴ (MORIN, 2000; 2003), o Princípio Hologramático pode contribuir para a compreensão do paradoxo das organizações complexas, admitindo um movimento produtor de conhecimentos das partes refletindo no todo e, assim, inversamente, como nos esforços pela compreensão da relação entre os sujeitos e o mundo, o local e o global, onde o Turismo adquire um novo papel perante os processos contemporâneos da globalização e das múltiplas mobilidades. Pelo Princípio Recursivo, concebe-se a sociedade como produzida pelos indivíduos, que retroage sobre os mesmos, sendo todos produtos e produtores num ciclo de autoprodução e auto-organização, que ultrapassa a noção de regulação, onde o Turismo é entendido como produto e produtor da sociedade capitalista, que valoriza e consome paisagens. Já pelo Princípio Dialógico, considera-se a dualidade no seio da unidade, de aspectos concorrentes, porém indissociáveis, de maneira complementar e antagônica, associando-se à dialógica da ordem/ desordem/organização, como na tensão global/local que se pode encontrar nos locais turísticos.

Esse processo investigativo propõe-se como exploratório-descritivo, pois tem como ponto inicial as intenções de explorar os temas e o campo do estudo, devido aos poucos conhecimentos encontrados acerca dessa relação, colocando em evidência as descrições e narrativas das experiências subjetivas sobre a paisagem, a água e o Turismo. De abordagem idiográfica (GIBBS, 2009), considera o ponto de vista dos entrevistados como casos individuais ao tratar da porção sul da Laguna dos Patos.

A revisão teórica teve como proposta estudar e delimitar conceitos e ideias e realizar as aproximações epistemológicas que fundamentam a pesquisa (GIL, 1999; TRIVIÑOS, 1987). Essa etapa acompanhou todo o processo de concepção, elaboração e redação da presente tese, sendo ampliada pela oportunidade de realização de estágio de doutorado sanduíche na França, entre março e outubro de 2017, resultando em um maior aprofundamento teórico e metodológico sobre os temas do estudo. De forma complementar, foram explorados materiais como textos literários, relatos de viajantes, músicas, poesias, auxiliando nas leituras das paisagens em estudo, bem como a consulta aos conteúdos em sites, aplicativos e materiais informativos turísticos oficiais dos municípios e das regiões turísticas abrangidas.

Na etapa da pesquisa descritiva, buscou-se uma aproximação com o campo em estudo, com informações coletadas na própria realidade, subsidiando a identificação das características, propriedades ou relações existentes em determinada população ou fenômeno (CERVO;

¹⁴ Os sete princípios do Paradigma da Complexidade em Morin (2000, p. 93-97) são: sistêmico ou organizacional, hologramático, circuito retroativo, circuito recursivo, autonomia/dependência (auto-organização), dialógico, reintrodução do conhecimento em todo conhecimento.

BERVIAN; SILVA, 2007), concentrando-se na descrição do cenário turístico e na caracterização das paisagens na porção sul da Laguna dos Patos.

O texto constitui-se no material básico dessa pesquisa, sendo tratado como forma de objetivação e fixação das descobertas da investigação (FLICK, 2009a), base para a construção e interpretação dos sentidos subjetivos e das realidades sociais estudadas, considerando a reflexividade da pesquisadora e da pesquisa. Já o material visual, especialmente fotográfico, produzido pela autora, é utilizado de forma complementar e ilustrativa nesta tese.

Uma primeira etapa foi a realização de um inventário dos elementos ou locais de interesse turístico às margens lacustres nos quatro municípios do estudo, com base na consulta aos sites oficiais, aplicativos, mapas e imagens de satélite. A realização de uma primeira reunião com os representantes das secretarias e departamentos municipais de Turismo também auxiliou na elaboração do plano de visitas a campo e uma primeira lista de sujeitos a serem entrevistados. Posteriormente, procedeu-se o trabalho de campo, com a observação *in situ* das práticas e espaços investidos pelo Turismo, e, concomitantemente, a realização das entrevistas com os sujeitos-chave previamente identificados, sob agendamento, e com os demais usuários da Laguna dos Patos, entre eles os turistas. A abordagem imprevista dos encontros com esse último grupo de entrevistados demandou adaptações da guia de entrevistas, uma vez que eles aceitaram falar com certa resistência, expressando desconfiança inicial e dispendo de tempo reduzido para suas falas. Essas dificuldades também foram encontradas por Germaine, Viry e Menozzi (2016).

As entrevistas e suas transcrições, a observação, notas e fotografias de campo (GIBBS, 2009), compõem a base dos dados qualitativos considerados nessa investigação, coletados a partir das seguintes técnicas e instrumentos:

- a) entrevista-episódica: optou-se por esse tipo de entrevista com o intuito de acessar e permitir um vínculo sistemático entre as formas de conhecimento do tipo narrativo-episódico e semântico-conceitual (FLICK, 2002; 2009a; 2009b), através da contemplação dos conhecimentos cotidianos e das experiências vividas pelos sujeitos no ambiente que habitam ou visitam, relacionado à Laguna dos Patos. A apreensão desses conhecimentos pôde se dar pelo incentivo à narrativa ou relato de situações, rotinas ou episódios concretos, selecionados pelos sujeitos como experiências significativas vividas. Elas foram somadas a questões específicas, de cunho teórico-argumentativo, incentivando os respondentes a um processo de abstração e generalização das relações e suposições, evidenciando seus conhecimentos cotidianos associados aos temas do estudo (FLICK, 2009a).

Pretendeu-se uma estratégia de coleta das informações que permitisse uma maior abertura em relação aos tópicos propostos, com o intuito de acessar e revelar as versões do mundo construídas pelos sujeitos, suas maneiras de pensar e comunicar a realidade vivida, a partir do ponto de vista subjetivo e da apresentação das suas experiências e seus contextos gerativos. O objetivo foi de caracterizar os usos e apropriações das paisagens lacustres por meio de práticas turísticas e não turísticas (usos, temporalidades, atividades individuais e coletivas), a percepção e representação das paisagens lacustres (descrição dos elementos e conjuntos paisagísticos, espaços de preferência, sensações e emoções relacionadas, etc), além do ponto de vista dos sujeitos sobre as potencialidades e limitações na relação entre as paisagens lacustres e o Turismo. Para isso, foi elaborada uma guia de entrevista (Apêndice A – Modelo A), direcionada aos sujeitos dos grupos 1 ao 4, a qual precisou ser adaptada para o grupo 5 (Apêndice B – Modelo B), essa última mais concisa e direcionada às práticas realizadas pelos usuários. Essas foram aplicadas de forma semipadronizada, compondo-se de apresentação do tipo de entrevista ao sujeito, seguida de tópicos gerais e específicos, com questões que incentivavam a narrativa de situações ou questões abertas. De forma geral, foram realizadas individualmente, permitindo uma aproximação entre pesquisadora-pesquisados através do diálogo aberto. Porém, em alguns casos (especialmente de turistas), houve a interação de até quatro participantes durante a entrevista. Um termo de consentimento livre e esclarecido foi apresentado no início de cada sessão aos sujeitos entrevistados, solicitando a autorização de uso das informações para os fins relacionados à pesquisa científica, o qual acompanhava o cadastro das informações sobre o perfil do sujeito e do contexto da entrevista (Apêndice C);

- b) notas da entrevista: utilizada para registrar, de forma semipadronizada, as observações e anotações da pesquisadora sobre o processo de agendamento e condução das entrevistas, constando os elementos observados durante o encontro presencial com o sujeito, as dificuldades e os ajustes ocorridos na negociação entre pesquisado e pesquisadora (Apêndice D). Foram anotadas ainda as informações reveladas além das gravações, as indicações de potenciais sujeitos a serem entrevistados e seus contatos, as referências aos materiais textuais e visuais complementares trazidos pelos sujeitos (livros, fotografias, mapas, croquis, materiais turísticos);
- c) notas de campo: utilizado como instrumento de documentação da observação não

participante (Apêndice E), realizadas diretamente pela pesquisadora durante o trabalho de campo, principalmente em espaços públicos, mantendo-se a uma certa distância dos eventos e situações (FLICK, 2009a). Seguindo um modelo semipadronizado, permitiu anotações sobre a descrição das paisagens e das práticas e dinâmicas relacionadas ao Turismo, no tempo e no espaço observado. Também houve o registro de ideias, informações e contatos apreendidos durante as conversas informais com os sujeitos usuários, e anotações gerais sobre as experiências e sensações durante o processo de coleta de informações em campo. A escolha dos locais visitados compreendeu áreas de uso atual ou de interesse turístico, ou equipamentos turísticos instalados na orla da Laguna dos Patos ou áreas adjacentes nos quatro municípios do estudo (ex: Canal de São Gonçalo, em Pelotas e Arroio São Lourenço, em São Lourenço do Sul). Essas áreas e equipamentos incluíram balneários e praias, ilhas, vilas de pescadores, portos, museus, meios de hospedagem, restaurantes, escunas turísticas, escolas e guarderías náuticas. Também foram realizados registros fotográficos com a utilização da câmera Nikon Coolpix L120, e o registro das coordenadas geográficas através do Garmin eTrex 30, dados que foram utilizados na elaboração das figuras que constam nesse estudo.

Houve uma tentativa de coletar fotografias de autoria dos sujeitos que expressassem as paisagens lacustres, como dado complementar às entrevistas. No entanto, essa técnica de pesquisa mostrou-se insatisfatória, uma vez que as imagens apresentaram baixa resolução, em sua maioria realizadas por câmeras integradas aos *smartphones*, e também pela dificuldade de se cumprirem as solicitações feitas aos entrevistados (autoria do próprio sujeito, não exposição de outros sujeitos na imagem, informações incompletas). Também houve limitações tecnológicas quanto à disponibilidade de internet ou outro meio que possibilitasse o compartilhamento da imagem, simultaneamente a ocorrência da entrevista, inviabilizando o uso desse recurso como dado da pesquisa.

A amostragem teórica (FLICK, 2009a) foi adotada como forma de seleção dos sujeitos e grupos de entrevistados, que foi sendo composta de forma gradual ao longo do processo de coleta e análise das informações. Foram identificados aqueles que pudessem contribuir com aporte de conteúdos relevantes aos propósitos da pesquisa, de forma a abranger uma multiplicidade de locais de fala - não apenas dos sujeitos diretamente relacionados ao Turismo, mas também aqueles considerados com relações indiretas ou potenciais (ex: esportes, cultura, meio ambiente, etc), bem como a incorporação da amplitude da área de estudo. Com o intuito

de investigar a variedade e distribuição de perspectivas e experiências sobre as questões do estudo, procurou-se manter uma diversidade de perfis dos participantes a fim de valorizar as múltiplas subjetividades e os contextos sociais diversos. Dessa forma, buscou-se integrar à pesquisa relatos que enfatizam tanto os conhecimentos do senso comum, quanto aqueles associados ao discurso técnico-científico.

Assim, os grupos de sujeitos entrevistados foram previamente estabelecidos (Quadro 2), conforme sua relação com as práticas turísticas na área de estudo, sendo esses identificados como:

1. operadores de serviços turísticos ou relacionados ao Turismo;
2. representantes de órgãos públicos municipais de Turismo ou relacionados;
3. representantes do terceiro setor, relacionados direta ou indiretamente ao Turismo;
4. pesquisadores e professores universitários, de diferentes áreas do conhecimento; e
5. usuários, entre esses, turistas, residentes e praticantes de esportes náuticos.

A coleta das informações ocorreu em cinco saídas de campo, entre os meses de outubro de 2016 e fevereiro de 2017, com duração de sete a dez dias, sendo priorizadas as estações da primavera e do verão, período em que as práticas turísticas são mais recorrentes nesse recorte espacial. Os trabalhos seguiram uma agenda prévia de entrevistas, quando possível, e a tentativa de contemplar, de forma equivalente, os territórios dos quatro municípios. Ao final, foram realizadas 63 entrevistas, envolvendo 81 sujeitos (Quadro 2), já que algumas foram realizadas com até quatro pessoas, especialmente dos grupos de turistas. A identificação dos possíveis entrevistados (Grupos 1, 2, 3 e 4 – Quadro 2) ocorreu pelo procedimento metodológico do tipo bola de neve (VINUTO, 2014), fazendo-se uso de cadeias de referência, que foi iniciada a partir de informantes-chaves¹⁵, os quais auxiliaram na localização dos sujeitos com o perfil pretendido dentro da população. A partir das primeiras entrevistas, novos contatos passaram a ser indicados pelos sujeitos, os quais foram revisados com base nos critérios teóricos estabelecidos, e assim sucessivamente, formando um quadro de referências que foi crescendo ao longo do processo. O encerramento da coleta das informações ocorreu pela saturação teórica (VINUTO, 2014), quando as informações já não contribuíam com novas abordagens ao quadro de análise, bem como pela repetição mais frequentes na indicação dos nomes.

¹⁵ Foram realizadas reuniões presenciais no mês de outubro de 2016 com os representantes das secretarias ou departamentos de turismo nos quatro municípios de estudo, sendo esses considerados os informantes-chaves na identificação inicial da rede de possíveis sujeitos a serem entrevistados.

Já a entrevista com os usuários (Grupo 5 – Quadro 2) seguiu outros critérios, adotando-se a amostragem intencional por conveniência (FLICK, 2009a). Os sujeitos foram selecionados ao acaso, pela abordagem direta da pesquisadora aos indivíduos e/ou grupos que realizavam práticas de turismo ou de lazer, tratando-se de manter uma diversidade de perfis (tipo de público, tipo de prática, local da prática, dia da semana, etc). Foram realizadas sob as condições e limitações de realização do campo da pesquisa, conforme o tempo disponível, os aspectos meteorológicos e os meios de transporte para deslocamento.

Quadro 2 – Síntese dos grupos e sujeitos entrevistados, 2016-2017

ID do Grupo	Grupos	Áreas de atuação	ID das entrevistas	Total de entrevistas realizadas
1	Operadores de serviços turísticos ou relacionados ao Turismo	Agências receptivas, Meios de hospedagem, Acampamentos turísticos, Serviços de Alimentação, Transportes turísticos, Barcos turísticos, Atrativos turísticos, Guias de Turismo, Escolas e Guarderías Náuticas, Artesanato	3, 9, 11, 12, 13, 17, 18, 20, 21, 24, 25, 28, 30, 31, 33, 34, 36, 37, 39, 40, 41, 55	22
2	Representantes de órgãos públicos municipais de Turismo ou relacionados ao Turismo	Secretarias/Departamentos Municipais de Turismo, Desenvolvimento Rural, Cultura, Esporte e Lazer, Meio Ambiente	16, 26, 50, 51, 53, 54, 56, 58, 61	9
3	Representantes do terceiro setor, relacionados direta ou indiretamente ao Turismo	ONGs, associações, sistema S, órgãos colegiados, coletivos sociambientais e outras instituições sem fins lucrativos	8, 22, 23, 27, 29, 44, 57, 63	8
4	Pesquisadores e professores universitários, de diferentes áreas do conhecimento	Turismo, História, Gerenciamento Costeiro, Oceanologia, Oceanografia, Ciências Sociais, Arqueologia, Zoologia, Gestão Ambiental, Educação Física, Navegação	5, 6, 7, 10, 15, 32, 52, 62	8
5	Usuários	Turistas, Residentes, Praticantes de esportes náuticos	1, 2, 4, 14, 19, 35, 38, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 59, 60	16
	TOTAL	5 grupos	81 sujeitos	63 entrevistas

Fonte: Elaboração da autora (2018).

As entrevistas foram registradas com o uso do gravador IC Recorder Sony ICD – PX440. Apenas uma entrevistada não permitiu a gravação do áudio, procedendo-se a tomada de notas do conteúdo da sua fala. E, também, alguns sujeitos não aceitaram contribuir com o estudo. A preparação do material ocorreu pelo processo de transcrição, transformando-se os dados verbais, provenientes das gravações de áudio das entrevistas, em textos, de forma a manter a literalidade das falas e as expressões gramaticais regionais (GIBBS, 2009), dando-se

especial atenção ao conteúdo dos relatos. Para a redação desta tese, esses fragmentos narrativos sofreram ajustes gramaticais e cortes nas repetições de certas expressões, bem como a supressão de partes que pudessem expor os sujeitos.

Devido ao grande contingente de informações coletadas, houve a necessidade de seleção de casos a serem analisados. Foram escolhidos oito casos em cada um dos cinco grupos, totalizando 40 entrevistas e 53 sujeitos¹⁶ que compuseram a base de interpretação desta tese (Apêndice F). Essa seleção de casos ocorreu a partir da exploração do material textual decorrente da análise global das entrevistas (FLICK, 2009a). Nessa etapa, realizou-se uma revisão geral do material empírico, a partir da leitura flutuante dos textos, quando se procedeu uma breve descrição de cada caso, além da edição do conteúdo e da identificação dos critérios: i) enunciado; ii) palavras-chaves; iii) perfil do sujeito; iv) anotações sobre os tópicos centrais do estudo (Turismo e paisagem); e v) elementos da paisagem indicados pelos sujeitos (Apêndice G).

Posteriormente, o procedimento interpretativo do material textual se deu por meio da codificação temática (FLICK, 2009a; GIBBS, 2009), em que cada entrevistado é tratado como um caso representativo dos grupos previamente definidos na pesquisa, com a intenção de acessar uma diversidade de pontos de vista e experiências dos sujeitos relativos aos temas em estudo, ampliando as possibilidades de comparações entre os casos. A estrutura temática foi organizada em seis códigos principais (Apêndice H), denominados temas e subtemas, sendo eles: i) patrimônio paisagístico (subtemas: biofísico, sociocultural e integrados); ii) percepções e sensações relacionadas às paisagens lacustres (subtemas: positivas e negativas); iii) práticas (subtemas: turísticas e outras); iv) tensões/limitações (subtemas: relacionadas ao Turismo e outras); v) expectativas/potencialidades (subtemas: relacionadas ao Turismo e outras); e vi) elementos da paisagem (subtemas: caminhos, construções, locais, manifestações socioculturais, natureza e traçados). Alguns desses temas foram inspirados no trabalho de Caron (2017), porém adaptados às especificidades do estudo turístico.

Essa estrutura temática foi construída com base no material empírico, ao longo do processo de análise e comparações dos casos, sendo constantemente checada e atualizada, permitindo associações com os tópicos definidos nas guias de entrevista (Apêndices A e B).

¹⁶ Para a composição das entrevistas a serem analisadas nesta tese, utilizou-se o recorte de oito casos em cada um dos grupos de entrevistados, pois sendo o número máximo atingido em dois grupos (3 e 4) (Quadro 2), procurou-se manter a mesma representatividade para os demais grupos. Esses foram selecionados a partir do procedimento metodológico da análise global das entrevistas, o que permitiu identificar aqueles que traziam contribuições diversificadas e significativas ao problema e objetivos do estudo, tratando-se de valorizar os diferentes contextos sociais e geográficos dos sujeitos.

Essa etapa definiu-se pela organização e tratamento do conteúdo textual, permitindo, em primeira instância, a interpretação de cada um dos casos selecionados e suas subjetividades, e as análises comparativas, de forma a apreender os conhecimentos sobre as práticas sociais relacionadas às paisagens lacustres.

Esses procedimentos interpretativos resultaram na quinta parte desta tese, elaborada sob a forma de quatro temas, que retomam os objetivos e problemas da pesquisa, vinculando-os aos resultados elucidados, conforme os atributos (temas e subtemas) definidos na codificação temática. Nessa etapa, foram evidenciados os conteúdos específicos dos casos, expressados sob a forma de fragmentos de narrativas, selecionados com o intuito de valorizar as práticas e dinâmicas locais do Turismo e os aspectos mais profundos e representativos dos sentidos e os valores atribuídos às paisagens lacustres, esses com base em Nogué, Sala e Grau (2016), considerando-se os valores naturais, estéticos, históricos, de uso social, simbólicos e produtivos. Partiu-se dos sujeitos entrevistados e dos significados subjetivos enquanto análise de casos únicos, suas semelhanças e diferenças, para a reconstrução dos significados sociais e culturais relevantes no recorte espaço-temporal, para então tecer as propostas apresentadas na sexta parte da tese.

Com o objetivo de avaliar constantemente os procedimentos e as informações coletadas, e aumentar a profundidade da análise e interpretação, fez-se uso da estratégia da triangulação, pela combinação de diferentes perspectivas teóricas dentro da entrevista-episódica (conhecimentos narrativo-episódico e semântico-conceitual) e dos procedimentos metodológicos (entrevista, observação e material complementar) (FLICK, 2009b). Também foi considerada a triangulação de diferentes tipos de fontes de dados (verbais, visuais e textuais), considerando-se diferentes locais, momentos e sujeitos selecionados (FLICK, 2009b).

Quanto aos mapas temáticos, esses foram produzidos no *software* ArcGis 10.2.2, com a utilização das bases cartográficas, de imagens de satélite¹⁷ disponibilizadas pelo próprio *software*, e de arquivos *shapefile* dos locais indicados na forma de pontos, linhas e polígonos. Foram utilizadas as bases cartográficas do Serviço Geológico Brasileiro (CPRM) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), além da base cartográfica vetorial contínua do Rio Grande do Sul em escala 1:50.000, vetorizada e disponibilizada em Hasenack e Weber (2010). Os arquivos com os locais indicados foram elaborados, inicialmente, com a utilização do *software* Google Earth Pro, a partir do relato dos entrevistados e das observações em campo, utilizando-se da ferramenta de busca do *software* e de pesquisa bibliográfica para a obtenção

¹⁷ As imagens de satélite disponibilizadas pelo *software* são provenientes do Satélite CNES/Astrium, com resolução espacial de 1,5 metros, referentes ao ano de 2016.

da localização e das coordenadas. Os pontos foram plotados no Google Earth Pro em formato *kml*, para conversão em formato *shapefile* no ArcGis. Nesse *software*, foi realizada a vetorização das linhas e polígonos, utilizando as imagens de satélite para a elaboração dos mapas temáticos. Para a identificação dos locais, principalmente das áreas próximas à Laguna dos Patos, foram utilizados os pictogramas do Guia Brasileiro de Sinalização Turística¹⁸, divulgado pelo Ministério do Turismo, cujas chaves de leitura para os mapas estão disponibilizadas no Apêndice I. Para a medição da orla lagunar, foi utilizado o *software* Google Earth Pro e as imagens de alta definição que o mesmo disponibiliza. Com a ferramenta “caminho” foi efetuada a medição da orla, a partir da vetorização sobre as imagens datadas do ano 2017, em escala 1:1500. Esses dados são aproximativos, pois podem variar conforme as dinâmicas hídricas da Laguna dos Patos e de outros cursos de água que nela deságuam, onde se considerou apenas a faixa continental emersa, não referentes às ilhas.

Também foi utilizado o *software* de análise de dados qualitativos denominado NVIVO 11 Pro, devido ao amplo número de entrevistas realizadas, servindo como ferramenta para auxiliar na manipulação e no gerenciamento do material textual. Para auxiliar na etapa de interpretação das informações coletadas, fez-se uso das ferramentas que permitiram a edição e o armazenamento dos textos em um banco de dados, a associação dos temas e subtemas (“nós” no *software*) aos segmentos de texto (“fontes”), a recuperação, a combinação e o agrupamento das informações, a busca de segmentos de texto e palavras relevantes e a contagem da frequência de palavras (utilizada como suporte na etapa de análise global).

As três primeiras partes deste trabalho correspondem à apresentação da revisão teórica, trazendo uma discussão sobre os referenciais que fundamentam essa pesquisa, com o intuito de entrelaçar a abordagem geográfica do Turismo aos temas da paisagem e da água.

¹⁸ MTUR – MINISTÉRIO DO TURISMO. Guia Brasileiro de Sinalização Turística. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/publicacoes/item/41-guia-brasileiro-de-sinalizacao-turistica.html>>. Acesso em: 06 fev. 2018.

1ª PARTE – “ELA ME CONECTOU COM AS ÁGUAS DO MUNDO”¹⁹: AS RELAÇÕES ENTRE A GEOGRAFIA E O TURISMO

O Turismo é aqui entendido como fenômeno social de múltiplas manifestações espaciais e temporais, por isso, é objeto de interesse do pensamento geográfico. O surgimento dos primeiros ‘estudos turísticos’ teria ocorrido nos anos 1920, mas é a partir dos anos 1950, com a difusão do fenômeno, que a Geografia passa a dedicar-se às primeiras publicações específicas (LAZZAROTTI, 2003; CERIANI-SEBREGONDI *et al.*, 2008²⁰). Na contemporaneidade, as interfaces entre Geografia e Turismo são cada vez mais evidentes, envolvendo questões múltiplas como: mobilidades humanas, intencionalidades, conexões entre o urbano e o rural, interações entre a paisagem e o patrimônio, a identidade e o território, etc.

Uma “invenção” das sociedades industriais²¹, o Turismo revela-se cada vez mais como um fenômeno de pertinência social, alcançando todas as escalas geográficas na contemporaneidade. Entendido como um produto e produtor da globalização, por um lado, a expansão da dimensão turística em todo o mundo oportunizou o acesso a essas práticas nas diferentes sociedades, e, por outro, submete-se a uma governança global, refletida na turistificação²² de locais, sociedades, pessoas e economias (DARBELLAY; STOCK, 2012).

As complexidades do Turismo, hoje, são estudadas por diferentes abordagens científicas, assumindo-o como uma prática, um sistema, um setor ou atividade econômica, um olhar, uma intencionalidade, uma disciplina ou campo do conhecimento em formação. Não havendo consenso sobre a definição de Turismo, essas concepções flutuam conforme os conteúdos e metodologias multidisciplinares envolvidas (DARBELLAY; STOCK, 2012). Nessa investigação, adota-se a abordagem geográfica do Turismo, inspirada nos trabalhos da

¹⁹ Os títulos e subtítulos trazem fragmentos das narrativas dos entrevistados, entre aspas, no sentido de ilustrar pontos de vista relacionados ao tema da água, nas referências à Laguna dos Patos, os quais são aqui utilizados de forma poética e metafórica para introduzir o texto em cada uma das partes da tese.

²⁰ Toda a bibliografia utilizada para a elaboração desta tese que versa em língua estrangeira foi traduzida pela autora, tratando-se de manter o sentido literal das ideias, podendo ser consultada no original nas Notas de Tradução.

²¹ O Turismo é entendido como uma construção social pós-Revolução Industrial, que emerge entre os anos 1800-1850, de forma integrada à dinâmica histórica de transformação dos valores da sociedade e do trabalho, tendo influência do Romantismo (CORBIN, 1988).

²² O termo turistificação em português, *mise en tourisme* em francês e *touristification* no inglês, é designado como: “processo de criação de um local turístico ou de transformação de um local antigo pelo turismo, levando a um estado: o local turístico. A expressão *mise en tourisme* é preferível [no francês] à *touristification* (*touristisation*) [uma vez que] tem a vantagem de sublinhar o caráter dinâmico e humano da ação.” (ÉQUIPE MIT, 2008, p. 300, tradução nossa), porém essa distinção de termos é difícil de ser designada no português.

*Équipe MIT*²³ (2005; 2008; 2011), Ceriani-Sebregondi *et al.* (2008), Sacareau e Stock (2003), Stock (2010), Lazzarotti (2003) e Pimentel (2017). Com o intuito de extrapolar a noção que o reduz à “atividade” turística, direciona-se para a sua compreensão como um “sistema de sujeitos, práticas e locais”, concebendo-o em suas múltiplas dimensões: geográfica, social, individual, espacial, temporal, simbólica (STOCK, 2003, p. 4).

A partir do ponto de vista sistêmico, o Turismo emerge pela capacidade de interação e dinâmicas entre os elementos que o compõe. Porém, pela abordagem geográfica, mobiliza-se o turístico, não como um sistema autônomo, mas a partir das situações em que se religa a outros elementos da sociedade (STOCK, 2010), integrando interdependências globais e heterogeneidades de atores (DARBELLAY; STOCK, 2012). Então, ele se compõe da articulação de múltiplos elementos - sujeitos, instituições, práticas, locais, mercados, tecnologias, códigos, imagens, leis, normas, valores, a seguir exemplificados:

Esse sistema é constituído por empresas (propondo diferentes serviços, da agência de viagens aos restaurantes e hotéis, passando pelas transportadoras e pelas operadoras turísticas), por normas e valores (para alguns, o turismo é positivo, para outros, é negativo, e, sobretudo, existem diferentes maneiras, socialmente e culturalmente diferenciadas de ser turista), por leis (sobre a nacionalidade, as férias pagas, a tributação, etc.), por turistas (que são temporariamente em outros locais e se distinguem por suas práticas), por locais turísticos de qualidades diferentes (podendo ser classificados segundo os tipos: estação turística, sítio turístico, local de viliatura, cidade turistificada, metrópole turística, etc.), por mercados (mais ou menos segmentados) e por relações não mercantis (emprestar ou intercambiar um alojamento, apreciar uma paisagem, etc.). Esse sistema é também informado por outras instituições sociais (a família, como local de aprendizagem das práticas turísticas, o casamento, como a viagem de lua-de-mel, etc.), por imaginário (o paraíso mudou: da Suíça aos mares do Sul), por imagens (veiculadas pelos catálogos, pela televisão, pelas fotos de outros turistas, etc.), e por discursos (os guias, os cientistas, as emissões de rádio ou televisão, etc.)ⁱⁱ (*ÉQUIPE MIT*, 2011, p. 278-279, tradução nossa).

²³ A *Équipe MIT (Mobilités, Itinéraires, Tourismes)*, da Universidade Paris 7 – Denis Diderot, na França, é um programa de pesquisa proposto por Rémy Knafou em 1994, cujo foco de interesse é a abordagem dialógica do turismo centrada na Geografia, campo de formação da maioria dos seus pesquisadores, mas aberta a outras disciplinas. Segundo Darbellay e Stock (2012) de uma fase de especializações disciplinares ocorridas entre os anos 1940-1970, o Turismo passou a ser objeto científico, em especial da Geografia, Economia, Sociologia e Antropologia, sob uma lógica disjuntiva de suas dimensões, e que atinge uma fase de autonomia dentro do campo da Geografia depois dos anos 1970, denominada “Geografia do Turismo”. Essa, consolida-se nos anos 1980 com as obras de Lozato-Giotard, direcionados aos estudos das instalações turísticas, dos fluxos e estadas, dos diferentes fatores físicos e humanos nas regiões turísticas (*ÉQUIPE MIT*, 2008). Por sua vez, a *Équipe MIT* trabalha sob a perspectiva da “abordagem geográfica do turismo”, a fim de contribuir tanto na compreensão do fenômeno a partir dos conceitos geográficos, quanto à evolução do pensamento geográfico diante das questões do mundo contemporâneo (LAZZAROTTI, 2003). Não apresentam o objetivo de constituir uma “ciência do turismo”, mas não negam que possa estar em fase de construção tendo em vista a diversidade atual dos fenômenos turísticos, valorizando a conjugação de abordagens científicas pluridisciplinares e multiculturais sobre esse fato social importante (CERIANI-SEBREGONDI *et al.*, 2008). Para isso, objetivam descrever e explicar os elementos e as interrelações do Sistema Turismo pela sua dimensão espacial, por meio dos saberes sobre a produção e a evolução dos locais turísticos e da geograficidade dos atores e suas práticas, perante o contexto global de análise das sociedades e indivíduos móveis (*ÉQUIPE MIT*, 2008; CERIANI-SEBREGONDI *et al.*, 2008).

O Turismo apresenta uma complexidade inerente, a partir da relação que estabelece com os locais. Segundo Darbellay e Stock (2012, p. 444-447), essa complexidade é manifestada nos seguintes aspectos:

- a) as relações multilocais e translocais criadas pelo deslocamento dos turistas e suas práticas, levando à construção de um “ecúmeno turístico”;
- b) o Turismo como uma relação, diante da multiplicidade de atores e de interesses envolvidos;
- c) o Turismo como um produto e produtor da globalização;
- d) a diversificação das suas práticas, locais e intencionalidades;
- e) o Turismo participa da “virada social re-criativa” contemporânea, em que há uma “infusão turística” no cotidiano, pelas práticas, imagens, valores, produtos, e assim extrapola o contexto do não cotidiano;
- f) o Turismo integra os “processos de civilização”, articulando re-criação²⁴ e alteridade, podendo contribuir com o desenvolvimento individual e da sociedade.

A partir dessas implicações espaciais e temporais, investigar a natureza do fenômeno com base nas práticas turísticas, na trajetória evolutiva dos locais e na geograficidade dos sujeitos, em especial, dos turistas, torna-se a base das reflexões da abordagem geográfica do Turismo (ÉQUIPE MIT, 2005; 2008; 2011; CERIANI-SEBREGONDI *et al.*, 2008; SACAREAU; STOCK, 2003; STOCK, 2010; LAZZAROTTI, 2003; PIMENTEL, 2017). Com isso, o esforço em transcender as definições oficiaisⁱⁱⁱ²⁵ amplamente difundidas, as quais se utilizam de critérios como tempo e motivação do turista, para fins específicos de contagens estatísticas dos fluxos turísticos. No entanto, a aplicação científica dessas definições tem se mostrado insuficiente na diferenciação do Turismo entre as demais práticas de mobilidade,

²⁴ O termo re-criação é assim traduzido por Pimentel (2017) do francês *recréation ou re-création*, originalmente proposto nas obras de Sacareau e Stock (2003), Stock (2005) e *Équipe MIT* (2005; 2008; 2011), substituindo a noção de recreação - *récréation*. Tendo um sentido mais amplo do que o último, a re-criação englobaria as novas recomposições entre as práticas rotineiras e não rotineiras, sugerindo um relaxamento das obrigações e das necessidades da vida cotidiana (SACAREAU; STOCK, 2003)), sob a ideia de revigoramento e aprendizagem do sujeito, sendo esses aspectos presentes tanto no Lazer quanto no Turismo.

²⁵ As definições de turismo e turista encontradas no Glossário da Organização Mundial do Turismo (OMT, 2018), mostram-se atualizadas quanto à delimitação do tempo de permanência do turista (antes delimitada em um período consecutivo inferior a um ano), porém ainda enfocam a permanência mínima dos turistas (com pernoite no local visitado) e as motivações dos turistas (pessoais e profissionais). Atualmente a OMT considera o Turismo como: “[...] um fenômeno social, cultural e econômico que envolve o movimento de pessoas para os países ou locais fora do seu ambiente habitual, para fins pessoais ou profissionais/ a negócios. Essas pessoas são chamadas de visitantes (que podem ser tanto turistas ou excursionistas; residentes ou não residentes) e o turismo tem a ver com suas atividades, algumas das quais envolvem gastos com turismo.” (OMT, 2018, p.1, tradução nossa). E um visitante “[...] é classificado como turista (ou visitante com pernoite), se sua viagem incluir um pernoite, ou como visitante de um mesmo dia (ou excursionista)” (OMT, 2018, p. 12, tradução nossa).

causando limitações e contradições na sua compreensão diante das dinâmicas do mundo contemporâneo (SACAREAU; STOCK, 2003; *ÉQUIPE MIT*, 2011). Assim, as práticas do Turismo interagem de forma particular com outras formas de mobilidades: as migrações, os deslocamentos com fins de lazer (lúdicas, esportivas), profissionais (viagens de negócios, eventos, movimentos pendulares entre local de residência e local de trabalho), religiosos (peregrinações), a estudos (intercâmbios acadêmicos, de idiomas), residenciais (locais para viver a aposentadoria, segundas residências convertidas em residências principais).

Essas definições não dão mais conta do que Ceriani-Sebregondi *et al.* (2008) considera a inserção do Turismo em um sistema global de mobilidades, em que os sujeitos e as sociedades contemporâneas são permeados por processos de deslocamentos diversos. Conforme Stock (2005), essa “sociedade de indivíduos móveis” pode ser apreendida pelas mobilidades geográficas crescentes para a realização das práticas diversas. E, mais do que um fluxo de sujeitos que se deslocam no espaço, ela se expressa numa multiplicidade de práticas, transformando as relações dos sujeitos com os locais, e mesmo os locais a partir das práticas. Stock (2005) defende uma leitura pelo conceito de “habitar” os espaços geográficos do mundo, como uma forma de sintetizar “[...] todo o conjunto das práticas dos locais, isto é, de ‘fazer-com’ os locais, sem esquecer a parte do imaginário, das representações, dos valores e símbolos atribuídos aos locais”^{iv} (STOCK, 2005, p. 5, tradução nossa).

E, se o Turismo é produto e produtor da globalização, ele reflete e é reflexo de um mundo marcado pelas incertezas, fragmentações e recomposições nessa evolução social global. Novos desafios estão lançados ao pensamento científico na interface Turismo e Geografia, diante da aceleração das mobilidades de todos os tipos e das inovações re-criativas, na sociedade contemporânea, solicitando (re)leituras dos tempos e dos espaços a partir das práticas.

Nesse contexto, a esfera recreativa ganha novos contornos na sociedade contemporânea, designada como a “virada re-criativa” ou um “*continuum* re-criativo” do qual participam o Turismo e o Lazer (CERIANI-SEBREGONDI *et al.*, 2008; DARBELLAY; STOCK, 2012). Em Bourdeau, Mao e Corneloup (2011), uma análise dos esportes de natureza (*sports de nature*), reflete a mediação entre as práticas de lazer e de turismo, entre a cidade e a montanha/natureza, não pelos seus limites e fronteiras, mas pelas suas (re)ligações e solidariedades conflitivas presentes nas diferentes escalas.

A atual difusão re-criativa decorre dos processos de democratização e generalização das práticas, das mobilidades e da busca pela alteridade na sociedade contemporânea, gerando rupturas nas noções tradicionais sobre os tempos e os espaços destinados a essas diferentes

práticas:

Ele leva especialmente à diversificação das práticas recreativas, dos locais recreativos e até mesmo de re-criação, abolindo progressivamente as organizações sazonais para se dirigir a um crescente fracionamento dos tempos recreativos ao longo do ano. Como distinguir o turismo de outras práticas recreativas como o lazer, num contexto em que as mobilidades são agora parte do cotidiano? Ao contrário, pode-se fazer a hipótese de que o turismo se integra em um *continuum* re-criativo com outras práticas, das quais restaria determinar os critérios de distinção^v (CERIANI-SEBREGONDI *et al.*, 2008, p. 10, tradução nossa).

Os esforços na determinação dos critérios que diferenciam as mobilidades turísticas das demais práticas são descritos a seguir. No entanto, nessa investigação, pretende-se abordar as práticas turísticas nas suas interações com outras formas de mobilidades, especialmente integrantes desse *continuum* re-criativo.

Para Darbellay e Stock (2012), essas realidades multidimensionais do fenômeno turístico e seus problemas transversais desafiam as ciências sociais contemporâneas, solicitando uma construção conjunta dentro de um processo interdisciplinar que é entendido como:

A pesquisa interdisciplinar em turismo pode ser definida como a organização de uma interface entre diferentes disciplinas e corpos de conhecimento a fim de analisar as manifestações e as complexidades existentes das dimensões turísticas da sociedade. As diferentes abordagens disciplinares são, portanto, vistas como complementares. A pesquisa interdisciplinar envolve a coordenação organizada dentro de um processo de pesquisa^{vi} (DARBELLAY; STOCK, 2012, p. 453, tradução nossa).

Darbellay e Stock (2012) lembram que o Turismo é confrontado pelos aspectos da complexidade descritos por Morin, em que a globalidade do fenômeno desafia a atual inadequação dos conhecimentos disjuntivos, de um modo de conhecimento que separa e não integra, ainda predominando as abordagens multidisciplinares. O Turismo ainda não tem sido encarado como obstáculo epistemológico que solicita a hibridização dos conhecimentos e das metodologias pela interdisciplinaridade, ou mesmo transdisciplinaridade.

Nessa investigação, interroga-se o papel do Turismo nas sociedades contemporâneas a partir da Geografia, pela perspectiva da abordagem geográfica do Turismo, e à luz da Complexidade. E integram-se aportes de outras disciplinas que possam contribuir à construção de um diálogo científico interdisciplinar sobre o Turismo, a partir da interação temática, transversal e multidimensional entre a paisagem e a água. Assim, trata-se de compreender os locais turísticos, suas características e dinâmicas, pela perspectiva da dimensão espacial dos sujeitos e suas práticas. Uma análise que, reciprocamente, interpela a ciência geográfica por meio do Turismo, questionando as relações dos indivíduos e sociedades com os espaços que

habitam (permanentemente ou temporariamente), os valores e os conteúdos que atribuem às paisagens, na multiplicidade de práticas turísticas e geográficas no tempo e no espaço.

1.1 EM BUSCA DAS ESPECIFICIDADES DA PRÁTICA DE MOBILIDADE TURÍSTICA

Neste trabalho, o Turismo é entendido como “um sistema de atores, de práticas e de locais que visa à re-criação pelo deslocamento e pelo habitar temporário em outros locais”^{vii} (STOCK, 2010, p. 21, tradução nossa).

Dessa forma, as práticas turísticas são entendidas como práticas de mobilidade específicas, caracterizadas por “[...] práticas de ‘re-criação’ escolhidas, efetuadas a partir do deslocamento do local de residência para um outro local”^{viii} (SACAREAU; STOCK, 2003, p. 23, tradução nossa). Configuram-se como “uma maneira particular de habitar os espaços geográficos”^{ix} (STOCK, 2003, p. 5, tradução nossa), um “habitar turisticamente” (*ÉQUIPE MIT*, 2011, p. 276, tradução nossa), diferentemente dos residentes, a partir da re-criação. Dessa forma, distingue-se das demais formas de mobilidade pela livre escolha - social ou biológica (não sendo uma obrigação, difere das outras formas de mobilidades, por exemplo, viagens a negócios), pelo tempo e pelo local do não cotidiano (SACAREAU; STOCK, 2003).

Três aspectos têm sido abordados como identificadores das práticas turísticas (*ÉQUIPE MIT*, 2005; 2008; 2011; SACAREAU; STOCK, 2003; 2005; 2010): i) o deslocamento de um local para outro, compreendendo uma mudança de um local do cotidiano para um habitar temporário um local do não cotidiano; ii) a confrontação à alteridade, o outro, o distanciamento do local de vida habitual; e iii) a re-criação, entendida como práticas de ruptura entre o cotidiano e o não cotidiano.

Primeiro, o deslocamento associado a um habitar temporário que, segundo Stock (2005), diferencia a prática turística de outras formas re-criativas, acontecendo pelo movimento corporal do turista no tempo e espaço. A questão dos locais de perto/distantes, não estão mais relacionados a uma questão de distância quilométrica, mas de prática habitual dos locais familiares. O sujeito deixa temporariamente seu local habitual para ir a um ou mais locais situados fora da esfera de vida cotidiana, denominados locais do não cotidiano, não familiares. Isso também conduz a uma mudança no modo de habitar dos sujeitos, que é temporário e dedicado à re-criação, implicando em formas particulares de apreender e se apropriar dos outros

locais, através da experiência turística *in situ*:

De fato, o deslocamento é constitutivo das práticas turísticas; não há turismo sem deslocamento. Isso implica a prática *in situ* de um local, isto é, necessariamente o corpo do indivíduo está envolvido na prática. Essa associação necessária da prática a um outro local faz com que os indivíduos sejam forçados a se deslocar^x (STOCK, 2005, p. 4, tradução nossa).

Essa presença física do turista vai muito além do “olhar turístico” (URRY, 1996) e das suas representações sobre o local visitado. As práticas turísticas são individuais, mas também são práticas sociais sujeitas à moda, normas, negociações, e outros aspectos (STOCK, 2005).

Segundo aspecto, as práticas turísticas implicam um movimento marcado pela busca do diferencial nos locais visitados, pela confrontação com a alteridade no sentido de descoberta do outro (locais, paisagens ou pessoas – residentes e outros turistas) (SACAREAU; STOCK, 2003, p. 25-26). Segundo Stock (2005), a questão da alteridade/identidade requer um distanciamento em relação ao local do cotidiano, um diferencial de estranheza que compõe o “efeito do local”, da qual se vale a oferta turística, associando práticas, espaços e experiências de re-criação. A relação de pertencimento não se estabelece necessariamente com os locais onde se nasceu ou viveu, mas remete a uma questão de identidade (STOCK, 2005).

A re-criação seria o terceiro aspecto presente nas práticas turísticas, ou seja, não basta apenas realizar o deslocamento físico espacial, mas estabelecer uma ruptura entre o cotidiano e o não cotidiano, ou ainda, estabelecer recomposições entre práticas recursivas, rotineiras e não-rotineiras (STOCK, 2005). Isso retoma a questão da familiaridade, engajamento/estranheza ou distanciamento dos locais, referindo-se às práticas dos espaços e dos saberes geográficos (locais mais ou menos familiares). A partir desse contexto, Stock (2005) sugere recomposições dos referentes geográficos de identidade e espaços familiares, diante dos novos modos de habitar uma multiplicidade de locais, das práticas turísticas intervindo na maneira de ser no cotidiano e em como os indivíduos habitam os espaços geográficos.

Práticas lúdicas, esportivas ou de descanso também são consideradas re-criativas, mas não requerem necessariamente uma mudança de local como requer a prática turística. Diversas referências na literatura científica convergem sob certas características que diferenciam, mas também aproximam os fenômenos de mobilidade turística e do lazer. As aproximações referem-se a ambos serem mobilidades escolhidas, com fins de re-criação, realizadas em um tempo fora do cotidiano. Porém, diferenciam-se quanto ao espaço, pois enquanto as práticas do

lazer^{xi26}efetuam-se nos locais do cotidiano, o Turismo ocorre pelo deslocamento, pela ruptura provisória com o espaço, o tempo e as atividades da esfera de vida habitual dos sujeitos (SACAREAU; STOCK, 2003).

No entanto, Stock (2005) enfatiza que em uma “sociedade de indivíduos móveis”, não apenas a mudança de local, mas a maneira como são praticados pelos indivíduos, oferece múltiplas possibilidades de distinguir os locais do cotidiano – não cotidiano – fora do cotidiano, variando os níveis de familiaridade. Essa distinção da prática dos locais, a partir da questão do não-cotidiano e cotidiano, é a base da proposta apresentada no 3, em que Stock (2005) atualiza o modelo apresentado anteriormente (SACAREAU; STOCK, 2003). De um lado, os “locais do cotidiano” (aqueles que são familiares aos sujeitos) e “locais do não-cotidiano” (aqueles que são estranhos aos sujeitos), e do outro, as práticas como “recursivas” ou “desrotinizantes”. Nesse aspecto específico, relativiza a noção de práticas do cotidiano e do não cotidiano, propondo que essa distinção é mais evidente nas denominadas “práticas recursivas”, e menos nas “práticas desrotinizantes” (*dé-routinisante*). Atentando para o caráter recursivo entre o rotineiro e o não rotineiro, Stock (2005) fundamenta-se em Elias (1994) para tratar de “práticas desrotinizantes”, em que as obrigações e as emoções estão mais ou menos presentes, exigindo uma liberação, um relaxamento mais ou menos controlado. Com isso, chega-se a uma variedade de práticas que podem ocorrer tanto nos locais do cotidiano como do não cotidiano, quanto em ambos.

Quadro 3 – As formas de mobilidade conforme a prática dos locais

	Local do cotidiano	Local do não cotidiano
Prática recursiva (do trabalho)	Trabalho	Viagens de negócios
Prática “desrotinizante” (da re-criação)	Lazer	Turismo

Fonte: Stock (2005, p. 2, tradução nossa).

Bourdeau, Mao e Corneloup (2011) trazem reflexões sobre as (re)configurações entre o Lazer e o Turismo, diante dos múltiplos fatores de incertezas e crises (econômica, climática, energética, identitária), das mobilidades generalizadas e dos acessos fluidos à alteridade. Considerando as diferentes formas de habitabilidade contemporâneas entre a cidade e a natureza, a partir da expressão francesa “*entre deux ville-nature*”²⁷, refutam as características

²⁶ O termo lazer é compreendido como aquelas práticas que podem incluir um deslocamento fora do local de residência habitual, sem pernoite, ou mesmo incluindo um fim de semana como um prolongamento do modo de habitar o cotidiano (SACAREAU; STOCK, 2003, p. 29, tradução nossa).

²⁷ A figura retórica do “*entre deux*” (entre dois, em português, *betweeness*, em inglês) é uma expressão francesa utilizada por Bourdeau, Mao e Corneloup (2011) com o intuito de repensar as ligações socioespaciais marcadas por dualidades, ambiguidades, oposições, substituindo-o pelo “*pas de deux*” (negação do entre dois), propondo a associação das diferenças, a dissipação das fronteiras, permitindo novos trajetos e passagens entre os dois termos relacionados.

binárias de oposição, tradicionalmente utilizadas nos discursos sobre Lazer e Turismo (natureza x cidade, corpos ativos x corpos passivos, participação x consumo). Hoje elas passam a ser relativizadas sob a forma de continuidades de espaços, tempos e práticas: “[...] uma vez que múltiplas transgressões espaciais, territoriais e geoculturais contribuem para a afirmação de um *continuum* crescente entre espaços urbanos e espaços da natureza”^{xii} (BOURDEAU; MAO; CORNELOUP, 2011, p. 453, tradução nossa). A (re)ligação cidade e natureza, trazida sob a expressão “*pas de deux ville-nature*”²⁷, reflete a forma de hibridização pós-moderna, a busca da unidade através da dualidade, de forças que se justapõem, ampliando suas possibilidades. Não apenas as (re)composições dos espaços e territórios, mas dos usos e práticas sociais, transfigurando-se em numerosas e dinâmicas associações entre Turismo e esporte, trabalho e lazer, locais turísticos e não turísticos, cidade e natureza, artificial e natural, ação e contemplação, risco e segurança, utopia e atopia, tempos do cotidiano e do não cotidiano (BOURDEAU; MAO; CORNELOUP, 2011). Assim, os autores também questionam as noções de proximidade-distância, do “aqui” (cidade, cotidiano, trabalho) e do “outro” (natureza, não cotidiano, lazer), utilizado como marcador tradicional das socializações e espacializações das práticas, hoje demarcados por uma territorialização expansiva, fluida, multiescalar, de continuidades e (re)composições:

Nessa superação da ruptura tradicional entre os espaços, os tempos e as práticas do próximo e do distante, é uma hibridização crescente entre enraizamento e mobilidade, trabalho e lazer, cotidiano e não cotidiano, turismo de proximidade e de estada, visitantes - visitados, mas também funções residenciais, produtivas e recreativas que se operam, retornando novamente ao regime do entre-dois^{xiii} (BOURDEAU; MAO; CORNELOUP, 2011, p. 455, tradução nossa).

Sendo assim, a tentativa aqui empreendida é de compreender as especificidades do Turismo, tratando de ultrapassar suas distinções e confrontações com outras práticas, principalmente do Lazer, em busca de suas (re)conexões dentro de um *continuum* re-criativo no enfrentamento das complexidades do mundo contemporâneo.

1.2 A HETEROGENEIDADE DOS SUJEITOS DO TURISMO

Ao contemplar o Turismo a partir das práticas turísticas, a abordagem geográfica salienta o papel dos sujeitos. Em especial, o turista, ator principal desse processo, hoje toma uma posição diferente do sujeito passivo do “olhar turístico” (URRY, 1996) ou que compõe

apenas “impressões fugazes”, reduzido a simples apreciação estética ao “usar os olhos para compor quadros” (TUAN, 1980, p. 72). O turista de hoje assume cada vez mais um papel ativo e de autonomia na escolha dos locais e práticas turísticas, interagindo nos processos de desenvolvimento e de governança nos destinos.

O turista é considerado aquele que “se desloca temporariamente para locais situados no espaço-tempo do não cotidiano a fim de desenvolver práticas ‘re-criativas’”^{xiv} (*ÉQUIPE MIT*, 2008, p. 301, tradução nossa). Sacareau e Stock (2003, p. 22) identificam-no como aquele sujeito que realiza práticas turísticas, sem abandonar suas outras identidades e práticas geográficas. Nessa abordagem, a figura do turista, muitas vezes desprestigiada em relação à do viajante na produção científica, é então revisitada como o centro da análise e desempenhando um papel cada vez mais amplo. O sentido do Turismo para as sociedades passa então a ser apreendido pelas práticas de mobilidade específicas do turista, sua maneira de estar no mundo através dos locais turísticos, de suas intenções e projetos de re-criação, construídos na relação com a sua vida cotidiana (CERIANI-SEBREGONDI *et al.*, 2008).

Hoje, o mundo do Turismo é marcado por uma intensa diversificação das práticas e diferenciação dos locais turísticos, levando estudiosos do fenômeno à revisão de algumas posturas fechadas e estáticas sobre as concepções de Turismo, de turista e de local turístico. Primeiro, a análise da trajetória evolutiva da dimensão turística da sociedade tem demonstrado as incompatibilidades da noção de “vocação”, de “atração”, de atributos físicos e históricos que atraem os sujeitos (*ÉQUIPE MIT*, 2008; CERIANI-SEBREGONDI *et al.*, 2008; VERNEX, 1993). Ela passa a ser substituída pela noção de “projeto”, de “eleição”, de “intenção” dos sujeitos em relação   prática turística, identifica-a como “[...] uma mudanç a de local induzida pela intenção dos turistas de realizarem suas práticas em locais adequados”^{xv} (CERIANI-SEBREGONDI *et al.*, 2008, p. 12, tradução nossa).

Com isso, retoma-se a ênfase no papel ativo dos turistas na escolha dos locais e práticas turísticas, em que: “Não é o local em si mesmo que atrai os turistas, mas são os turistas que escolhem os locais em função de suas necessidades e de suas práticas, que mudam ao longo do tempo, segundo a evolução das sociedades”^{xvi} (SACAREAU; STOCK, 2003, p. 18, tradução nossa). Os sujeitos móveis têm múltiplos referentes geográficos e também uma disposição de escolha cada vez mais aut noma, o que leva Stock (2005) a propor um “modo de habitar poli-t pico”, reforçando o caráter temporário do projeto na sociedade contemporânea:

Essas duas dinâmicas – familiarizar-se com os locais geográficos e buscar os locais mais adequados para os habitantes móveis da sociedade contemporânea – poderiam ser o fundamento de um ‘modo de habitar poli-t pico’, com múltiplos locais para os

habitantes móveis das sociedades contemporâneas. O que acontece então com o ‘habitat’, investido para os projetos, por definição, temporários? Os locais geográficos tornam-se, em uma sociedade de indivíduos móveis, locais de projetos, com significados múltiplos simultâneos^{xvii} (STOCK, 2005, p. 5, tradução nossa).

Outras críticas referem-se à noção de “motivação” dos turistas, presente nas definições oficiais, e largamente utilizada pelo *marketing* para a identificação de segmentos de Turismo. Na esfera científica, tem sido discutida sob a perspectiva de que: “[...] não leva em conta a complexidade das práticas turísticas dos indivíduos, e, em particular, o fato de que os indivíduos nem sempre realizam, uma vez no local, as atividades que eles planejaram fazer antes de partir”^{xviii} (SACAREAU; STOCK, 2003, p. 18, tradução nossa). Nesse sentido, a abordagem geográfica pretende valorizar as diferentes formas de re-criação que conduzem os sujeitos contemporâneos na escolha de suas práticas e locais turísticos, sugerindo cinco modalidades fundamentais: jogar, descobrir, repousar/cuidar de si, comprar e socializar^{xix} (*ÉQUIPE MIT*, 2011, tradução nossa). Apesar da designação de segmentos do Turismo estar presente nas falas dos entrevistados, o objetivo nesse estudo é abordar a diversidade de práticas, reais e potenciais, partindo das observações e relatos, no sentido de ampliar as possibilidades sob a perspectiva das modalidades de re-criação pretendidas pelos sujeitos e sociedades contemporâneas,

O Turismo é composto de uma heterogeneidade de atores: o turista, o residente, o setor público, a iniciativa privada, as organizações do terceiro setor, entre outros. Sendo assim, a dimensão turística é primeiro uma escolha política ou socioeconômica de sujeitos e instituições em interação, sendo dependente da dinâmica de cooperação entre eles:

Esses atores atuam nos locais de acordo com seus projetos existenciais, econômicos ou políticos, suas representações que variam no tempo, na natureza de suas práticas nos locais, em sua capacidade desigual de intervenção e de grau de investimento nos locais. O sucesso do turismo em um local depende estreitamente das interações entre esses diferentes atores e, em particular, das interações entre turistas e os atores da sociedade local. Quanto aos locais, eles nascem e evoluem em função da dinâmica gerada por esses diferentes atores^{xx} (SACAREAU; STOCK, 2003, p.31, tradução nossa).

A importância da articulação e coordenação dos atores do Turismo, do fomento das redes e da criação de um capital social é abordada por Clergeau e Violier (2012). Eles tratam de ampliar a ideia de organização dos territórios sob a forma de “*cluster* de turismo”, questionando a dinâmica de “articulação harmoniosa das proximidades” e o papel dos sujeitos e instituições na intermediação dessa rede. Para dar conta das dinâmicas dos territórios turísticos, Clergeau e Violier (2012) insistem na integração do turista nessa rede, além de considerar a diversidade e a heterogeneidade das configurações socioeconômicas e espaciais

das localidades. As trajetórias turísticas e as formas de governança são específicas em cada território, uma vez que os efeitos de proximidade, as formas de coordenação, a articulação com o contexto social e as dinâmicas de inovação variam localmente (CLERGEAU; VIOLIER, 2012). Assim, a capacidade de transformação dos destinos turísticos está ligada ao constante jogo de conflito/cooperação/negociação entre todos os atores da rede:

Os destinos mudam, inovam, renovam suas organizações e seus recursos, e isso, sob o impulso de escolha dos atores associados, em processos de triagem e erro. A capacidade de evoluir está ligada à influência dessas partes interessadas e aos jogos de conflito / cooperação / negociação em torno da partilha dos territórios que os animam^{xxi} (CLERGEAU, VIOLIER, 2012, p. 69, tradução nossa)

Então, o local turístico é dependente da escolha e da capacidade de articulação entre esses diferentes sujeitos e instituições que compõem o Turismo.

1.3 A CRIAÇÃO E EVOLUÇÃO DOS LOCAIS TURÍSTICOS

No que concerne à dimensão turística dos locais e sua trajetória evolutiva ao longo do tempo, estudiosos têm questionado a tradicional distinção pelas tipologias de meios geográficos (a montanha, o litoral, o rural, o urbano, e mesmo o lago), desvelando-se categorias estanques e deterministas, não condizentes com a diversidade e dinâmica turística, instigando à busca de novos critérios (DUHAMEL, 2003; CERIANI-SEBREGONDI *et al.*, 2008).

Isso porque os locais turísticos podem apresentar estruturas similares em meios geográficos distintos, como as estações balneárias nos lagos de montanhas ou no litoral oceânico, ou mesmo se comparadas às estações de esportes de inverno. Outro exemplo, mesmo que o litoral oceânico e as práticas balneárias exerçam força de atração nas sociedades ocidentais desde os séculos XVIII (CORBIN, 1988), não se pode concluir que toda praia é turística, uma vez que nem todas foram planejadas e estruturadas para essa função. Com isso, observar e analisar a dimensão turística retoma o papel do turista como sujeito central, pois “não existe turismo sem turistas, nem locais turísticos sem uma frequência por um número significativo de turistas”^{xxii} (SACAREAU; STOCK, 2003, p. 19, tradução nossa).

Devido a essas questões, evita-se aqui tratar de um “turismo lacustre”, como se o meio geográfico fosse determinante das formas e funções turísticas ali instituídas, mas, ao contrário, busca-se ampliar a reflexão sobre a interação entre as práticas, os locais e os sujeitos, em suas

relações com as paisagens lacustres e espaços adjacentes - no caso da Laguna dos Patos, envolve interações tanto do urbano como do rural, do litoral lacustre e do oceânico. Também não se trata de designar ou não um *status* turístico aos municípios e localidades trabalhadas, mas questionar: quais são as práticas e dinâmicas locais do Turismo? Quais são os espaços investidos pelo Turismo? Como a dimensão turística interage com outras funções do território? De que forma a paisagem geográfica de perspectiva fenomenológica pode contribuir para essas leituras?

A partir da abordagem geográfica, procura-se também ultrapassar o discurso que muitas vezes condena o Turismo como destruidor da natureza (“das paisagens”) e das sociedades, como lembrado por Stock (2003, p. 4). Consideram-se aqui ambas as suas faces, tanto as contribuições que pode aportar, quanto aos limites e problemas que pode gerar nos territórios. Como qualquer outra atividade humana, o Turismo engendra transformação dos meios biofísicos e das sociedades onde se instala, podendo aumentar a pressão sobre os meios naturais, os conflitos de uso da terra, a sobrecarga dos serviços públicos (água, saneamento, lixo, iluminação, etc), a dependência econômica e problemas sociais diversos. Por outro lado, pode contribuir para a melhoria da qualidade de vida e da infraestrutura nas localidades, oferecer diversificação das atividades socioeconômicas, emprego e renda para as populações locais, oportunidades de intercâmbios culturais e de valorização da paisagem, da cultura e do patrimônio, entre outros aspectos.

Nessa dinâmica de multilocalidades e transnacionalidades, os locais turísticos hoje estabelecem uma rede de (re)conexões e (re)arranjos socioeconômicos e espaciais multiescalares, desde o interior de seu próprio território até a escala global. Esse cenário complexo interroga constantemente os pesquisadores em Turismo a (re)pensar os processos de criação e a trajetória evolutiva dos locais turísticos. Desde os primeiros modelos estabelecidos na década de 1970-1980, o mais conhecido proposto por Butler (1980) do ciclo de evolução do destino turístico, que evidencia as etapas de desenvolvimento das estações turísticas no tempo em relação ao número crescente de turistas (fases de descoberta e exploração, de envolvimento da sociedade local, de desenvolvimento, de consolidação, de estagnação, e, após, variam entre o declínio e o rejuvenescimento), e, mais recentemente, Duhamel (2003) e *Équipe MIT* (2000; 2008; 2011).

Um estudo realizado pela *Équipe MIT* (2000) identificou critérios precursores para a análise da diferenciação dos locais turísticos explanada a seguir. Esse estudo propõe a observação de condições socioeconômicas e espaciais das localidades, enumerando os seguintes critérios para a análise da dinâmica turística local:

- a) a taxa de função turística²⁸ - a relação entre a capacidade total de acomodação turística e o número de habitantes permanentes;
- b) a frequência turística - dados complementares à capacidade de hospedagem;
- c) a presença de residências secundárias - a relação entre os espaços turísticos e os espaços de vida permanente, incluindo aqui as residências secundárias;
- d) a dinâmica econômica - a situação de declínio ou abandono de certas atividades econômicas mostram-se favoráveis ao surgimento do Turismo;
- e) a evolução da população ativa no setor terciário - se há implicações no setor de serviços, gerando mudanças nas atividades principais;
- f) a evolução no saldo de deslocamentos migratórios - casos de perda ou atração de novos residentes;
- g) a postura dos atores locais, em especial os governantes e a população local em relação ao Turismo - atitudes de hostilidade ou passividade, indiferença ou aceitação;
- h) a situação geográfica - distância e acessibilidade relativa aos mercados potenciais e outros locais turísticos; e
- i) a abertura paisagística do local - aspecto físico da paisagem, pela capacidade de estar aberta ou fechada ao Turismo (*ÉQUIPE MIT*, 2000).

Nessa publicação é evidenciada uma trajetória turística mais favorável em espaços polivalentes, onde interagem múltiplos usos.

Avançando um pouco mais nessa questão, tipologias de locais turísticos são propostas por Duhamel (2003) e *Équipe MIT* (2008; 2011), partindo dos seguintes critérios: a presença ou ausência de capacidade de acolhida (hospedagem), de população permanente, e da relação entre função turística e outras funções urbanas diversificadas. A partir disso, sugerem quatro tipos principais de locais turísticos: sítio turístico, enclave turístico, estação turística e cidade turística^{xxiii}. Dessa tipologia, surgem outros subtipos, explicitando o papel (dominante ou não dominante) do Turismo na dinâmica local, o estado do local na fase de pré-Turismo (da existência ou não de uma cidade ou localidade antes do processo turístico), o processo de turistificação (invenção pelo Turismo, criação para o Turismo, subversão ou ocupação pelo Turismo, inserção de uma função turística, ou com função turística limitada à hospedagem) e,

²⁸ A taxa da função turística é proposta como um índice que pode auxiliar na compreensão da dimensão turística dos locais, porém não de forma isolada, solicitando outras análises complementares. Esse dado é alcançado pela divisão da capacidade total de hospedagem turística (em leitos comercializados e segundas residências), pela população total do local (número de habitantes permanentes) (*ÉQUIPE MIT*, 2000).

ainda, as transformações espaciais introduzidas pela justaposição das funções urbanas e turísticas. Assim, passam a distinguir de forma mais precisa a cidade turística, inserindo as subdivisões: a estação-cidade turística, a cidade-estação turística, a cidade turistificada, a cidade com função turística e a cidade de trânsito.

Essa proposição mostra-se interessante uma vez que oferece chaves de interpretação não estáticas, fazendo emergir princípios comuns aos locais turísticos no tempo e no espaço, valorizando as trajetórias evolutivas nos processos de produção e diversificação turística, permitindo situar os diferentes momentos de desenvolvimento em cada caso. A migração entre as categorias pode ocorrer, a partir da diversificação das práticas turísticas e não turísticas, ou mesmo, da multiplicidade de itinerários dos locais turísticos, trazendo como exemplo casos recentes em que espaços não-turísticos, *a priori*, foram convertidos a uma função turística, a partir de projetos de requalificação espacial, social e funcional (KNAFOU; STOCK, 2003).

Com o intuito de oferecer suporte à reflexão sobre o cenário atual das práticas, dinâmicas e espaços do Turismo e suas interações com outras funções no campo dessa investigação, apresenta-se uma breve explanação dos oito tipos de locais turísticos e exemplos, conforme propostos em Duhamel (2003) e *Équipe MIT* (2008; 2011). Os primeiros quatro tipos apresentam características de predominância das funções turísticas sob outras funções, em maior ou menor grau de intensidade, sendo inventados pelo Turismo ou criados para o Turismo:

- a) sítio turístico: caracteriza-se pelos locais especialmente inventados pelo Turismo, frequentados por turistas em trânsito, geralmente com visita limitada a determinadas épocas do ano, durante o dia e apenas algumas horas, em alguns casos sob o pagamento de taxa de ingresso. Podem conjugar atividades de lazer das sociedades locais e práticas turísticas, a exemplo das práticas balneárias junto às praias. A função de hospedagem e outras funções urbanas, bem como a população permanente são fatores inexistentes, a exemplo dos sítios inscritos no Patrimônio Mundial da Unesco como Machu Pichu, no Peru;
- b) enclave turístico: destinados exclusivamente à função turística, tornando-se monofuncionais, dependentes de uma frequência de turistas, geralmente diurna e sazonal. Diferencia-se do sítio pela capacidade de hospedagem, mas devido aos regramentos específicos, apresentam restrição de acesso e permanência às sociedades locais, a exemplo de parques temáticos, resorts e condomínios privados de segunda residência. Expõe rupturas espaciais e socioeconômicas com os entornos, situando-se até mesmo distantes de outros centros de interesse turístico. As funções turísticas requerem um arranjo de poucos atores (investidor, promotor),

e a alteração de sua dinâmica pode modificar sua condição para sítio ou estação turística;

- c) estação turística: o Turismo tem um papel propulsor, sendo fortemente dependente da frequência turística, geralmente diurna, em trânsito, marcada pelos picos de sazonalidade. A oferta de serviços pode variar conforme as temporadas turísticas, mas a abertura e permanência das sociedades locais garante a manutenção de atividades ao longo do ano, fator que o distingue do enclave turístico. Nesses locais, coexistem diferentes formas de hospedagem (turísticas, residências secundárias ou principais), e em alguns casos com elevadas taxas de função turística (número de leitos turísticos é maior do que o de habitantes permanentes). Apresentam-se como espaços multifuncionais, não apenas dependentes do Turismo, mobilizando uma multiplicidade de atores no processo de turistificação. Podem revelar-se em descontinuidades espaciais e socioeconômicas com os entornos, a exemplo de estações de esportes de inverno destinadas ao esqui como *La Plagne*, na França, e estações litorâneas destinadas às práticas náuticas, como na Catalunha, em Maiorca, na Espanha, e *Deauville* e *Biarritz*, na França;
- d) estação-cidade turística: sendo originalmente uma estação turística, criada para o Turismo, é convertida em local multifuncional, como forma de enfrentamento da sazonalidade turística. Há uma multiplicação dos atores socioeconômicos pela integração e diversificação das práticas, entre elas viagens de negócios e eventos. As práticas turísticas mantêm-se perenes, com um fluxo de turistas em trânsito, geralmente de frequência diurna. Também há diversidade das formas de acomodação, porém com a atração de novos residentes, podem apresentar retração da taxa de função turística. A exemplo de *Cannes*, na França, internacionalmente reconhecida pelo Festival Internacional de Cinema, com o intuito de ampliar sua frequência ao longo do ano, aproveitou a infraestrutura já disponível para investir na atração e organização de outros eventos.

Nas outras quatro tipologias de locais turísticos apresentadas a seguir, a dimensão turística desempenha um papel complementar em estruturas urbanas previamente instaladas, geralmente surgindo a partir de uma crise econômica ou pela vontade local. Esses passam a ser subvertidos para e pelo Turismo, gerando mutações espaciais mais ou menos presentes, conforme a tipologia:

- e) cidade-estação turística: caracterizada pela multifuncionalidade urbana, passa a ser investida ou subvertida pelo Turismo em áreas específicas, onde se torna a

atividade principal, porém gerando polaridades espaciais. Espaços anteriormente investidos por outras atividades são modificados para fins turísticos, ou levam à retração das funções e serviços urbanos. Essa dicotomia espacial é exemplificada no caso de Agadir, cidade portuária do Marrocos, que, após um abalo sísmico ocorrido na década de 1960, foi reconstruída sob a lógica de partição entre a cidade para os turistas e suas práticas na praia, e a cidade para os residentes e suas práticas de pesca. Assim, as funções de hospedagem concentram-se na porção do território caracterizada como estação turística, a exemplo também de Palma de Maiorca, na Espanha;

- f) cidade ou localidade turistificada: a função turística emerge e amplifica-se, podendo gerar mutações espaciais, motivadas pelo e para o Turismo. Há uma refuncionalização dos espaços, principalmente nas áreas centrais, cujas atividades precedentes podem desaparecer ou integrar-se às funções turísticas. A permanência dos turistas nesses locais pode ser de apenas algumas horas até alguns dias, mas raramente mais de uma semana, e a função de hospedagem pode concentrar-se tanto no centro quanto na periferia. Constam nessa tipologia cidades que tiveram processos de patrimonialização e que contam com uma imagem turística emblemática como Veneza, na Itália, Bruges, na Bélgica e *Saint Tropez*, na França;
- g) cidade ou localidade com função turística: são locais multifuncionais, onde o Turismo torna-se atividade complementar, sendo então menos dependentes da função turística do que em outras tipologias. A dinâmica turística é priorizada em algumas porções do espaço, não havendo grandes transformações da estrutura urbana. Geralmente configuram-se como metrópoles ou aglomerações urbanas globais, concentrando serviços urbanos e elementos de atração para públicos diversos, conjugando função turística e outros tipos de mobilidades (viagens de negócios, eventos, de estudos, etc). Os equipamentos destinados aos turistas podem encontrar-se agrupados ou dispersados por todo o espaço urbano. Por outro lado, o Turismo não é prioritário nas políticas locais e concorre com outras atividades e locais. Nesses locais predominam os períodos de curta permanência dos turistas, mas que podem prolongar-se conforme a oferta diversificada de práticas e serviços, tendo como exemplo, grandes cidades como Paris, Roma, Londres, Sydney;
- h) cidade ou localidade de trânsito: o Turismo tem um papel parcial nesses casos, apresentando uma função limitada à hospedagem dos turistas que estão em deslocamento para outros destinos, caracterizando-se pela curta permanência dos

turistas, muitas vezes de um pernoite. Apresentam uma oferta de hospedagem ampliada e diversificada, concentrando-se entre a área central e as principais vias de acesso (autoestradas, aeroportos, etc). O Turismo integra-se às demais estruturas urbanas, sem demandar modificações significativas. Ele complementa as demais atividades socioeconômicas, podendo agregar outras tipologias como a cidade com função turística, sobretudo aquelas situadas em eixos estratégicos, como os exemplos das cidades de *Toulouse* e *Clermont-Ferrand*, na França.

Com base nessa classificação, busca-se repensar os locais turísticos em estudo, ao realizar uma leitura provisória dos espaços, práticas e sujeitos em interação em cada um dos quatro municípios. A adoção desses referenciais permitiu um acesso às dinâmicas multiescalares do Turismo contemporâneo, ao oportunizar a reflexão das trajetórias evolutivas dos processos de produção e diversificação turística dos locais, no tempo e no espaço, e sua confrontação com as práticas de mobilidades re-criativas em expansão na escala global.

2ª PARTE – “TEM ÁGUA DE TODOS OS LADOS”: OS ENCONTROS DA GEOGRAFIA E DO TURISMO COM A ÁGUA

A água é elemento predominante na superfície da Terra e elemento vital a toda a forma de vida nela existente. Os cursos de água precedem a presença humana na história geológica da Terra, e foram sendo (re)criados e alterados pelas sociedades ao longo dos tempos. Elemento material indispensável à existência humana enquanto seres biológicos, mas também enquanto seres sociais e históricos, pelo vasto arcabouço simbólico relacionado à água (BRUNI, 1993). Ela ofereceu condições à ocupação e perenização das civilizações nas proximidades de cursos hídricos, impulsionando o desenvolvimento das técnicas hidráulicas e a realização de diversas práticas sociais. As sensibilidades relacionadas às diferentes formas da água mostram-se flutuantes no tempo e espaço, marcando suas múltiplas funcionalidades e dimensões para as sociedades.

Na atualidade, a água configura-se como um tema transversal e estreitamente relacionado com a paisagem e o patrimônio (NOGUÉ; PUIGBERT; BRETCHA, 2016), integrando diferentes saberes, do senso comum à ciência, investigada em seus múltiplos aspectos pelos diferentes campos do conhecimento, sendo também foco de debates e conflitos sociais e políticos, da escala local à global. Nessa investigação, é trazida ao debate dentro do campo da Geografia em sua interface com o Turismo, primeiro, pela abordagem das representações e percepções da água, e, na sequência (terceira parte da tese), suas aproximações ao tema da paisagem em interação com as práticas turísticas.

2.1 NAS CONFLUÊNCIAS DA ÁGUA: PERCEPÇÕES, REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS SOCIAIS

Elemento material indispensável às rotinas domésticas e dos cuidados com o corpo, a água garante a saúde, a alimentação, a higiene, a limpeza, representando condição de vida à existência humana enquanto seres biológicos, mas também como seres sociais e históricos (BRUNI, 1993). A água teve papel fundamental no desenvolvimento das civilizações ao longo dos tempos, servindo como recurso de água potável, fonte de alimento e meio de transporte para as sociedades. As proximidades de corpos hídricos foram especialmente requeridas,

apropriadas e dominadas para a instalação das populações, servindo à expansão e ocupação humana da Terra: “Habitando às margens dos rios, regiões costeiras e insulares, as civilizações construíram seus impérios, lançaram seus dejetos, construíram portos, pontes, aquedutos; navegaram, lavaram os corpos, beberam suas águas, pescaram, contraíram doenças [...]”. (SILVA, 1998, p. 11). Desde as primeiras técnicas de irrigação, drenagem, captação e canalização para abastecimento de água potável ou saneamento, a construção de diques e aquedutos, presentes desde as primeiras civilizações, a água é elemento fundamental à sustentação da sociedade.

Ela oferece condições à sobrevivência dos grupos sociais e ao desenvolvimento das diferentes atividades: irrigação, dessedentação de animais, indústria, atividade portuária, mineração, construção civil, transportes, navegação, pesca, lazer, turismo, preservação, entre outros. Com o aumento significativo da população urbana no mundo, a água torna-se indispensável ao abastecimento das cidades, além de ser fator de conflitos cada vez mais frequentes na atualidade.

A água é portadora de um vasto conteúdo simbólico, significada e representada por meio de mitos, lendas, superstições e estórias em diferentes culturas, e nas diferentes artes, na pintura, na literatura, na poesia, na fotografia, no cinema. A água faz emergir emoções, sentimentos, inspirações, sensações contraditórias, conforme as sensibilidades sociais envolvidas na relação entre os sujeitos e as diferentes formas de água no tempo e espaço. É também instrumento e meio para a realização de práticas sociais diversas, englobando múltiplas dimensões e funcionalidades: biológica, simbólica, política, econômica, religiosa, espiritual, artística, paisagística, lúdica, esportiva, turística, patrimonial, etc.

Então, quais são os significados e valores que emanam da relação entre os sujeitos e as diferentes formas de água nos tempos atuais? Quais são as sensibilidades sobre a água nas sociedades contemporâneas? De que maneira o Turismo participa dessa interação? Para isso, primeiramente, busca-se recorrer a alguns dos significados da água ao longo da história, sem com isso pretender esgotar esta vasta gama de simbologias, presentes nas diferentes culturas.

O elemento água é reconhecido nas ideias de importantes filósofos da Antiguidade. Tales de Mileto, considerado o primeiro filósofo ocidental, questionou: qual seria a matéria-prima básica do cosmos? Então, tratou de identificar uma substância a partir da qual tudo poderia ser formado, essencial à vida, com capacidade de movimento e de mudança, e então definiu “tudo é composto de água”, em algum estágio de transformação. Em Heráclito, a ideia de que todo objeto no universo está em permanente estado de mudança levou-o à observação do movimento de um rio: “Ninguém se banha duas vezes no mesmo rio” (O LIVRO..., 2011).

A água também compõe os quatro elementos clássicos proposta por Empédocles, juntamente com o fogo, a terra e o ar, sendo teoria dominante no pensamento ocidental até a Renascença. Ao considerar um mundo sempre em mutação, Empédocles reconheceu que a formação de todas as coisas provinha da combinação, separação e recombinação dessas quatro substâncias materiais, fundamentais e irreduzíveis (O LIVRO..., 2011).

Entre os filósofos, a água está presente sob as noções de substância essencial à vida, base da formação das coisas e o caráter passageiro do mundo na sua relação com o tempo e espaço, contestando as coisas fixas e imutáveis (BRUNI, 1993). Desde esses pensadores até os tempos atuais, ela é símbolo do tempo que passa, que corre pelas águas, e que alcança o oceano (BETHEMONT; RIVIÈRE-HONEGGER; LE LAY, 2006). Na Geografia, Dardel utiliza metáforas do “espaço geográfico aquático” para explicitar o caráter temporal da paisagem, como portadora de uma história: “O deslocamento insensível da geleira e mesmo a imobilidade do lago temporalizam o mundo. ‘A água’, disse Claudel, ‘é o olhar da Terra, seu aparato para observar o tempo’” (DARDEL, 1952, p. 33).

Os conteúdos simbólicos da água nas mais variadas culturas aparecem sob três temas dominantes: fonte de vida, meio de purificação e centro de regeneração (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1991). A primeira ideia repercute a noção quase universal das águas como origem e veículo de toda a forma de vida, proveniente dos oceanos, recorrente em diversas tradições e mitos sobre a criação. Tanto no plano corporal quanto espiritual, a água apresenta-se como símbolo universal de fertilidade e fecundidade, de força e pureza e, em diversos contextos, de eternidade, juventude, imortalidade. Água que cura, purifica ou rejuvenesce em razão das suas virtudes específicas. Os rios, as chuvas e o orvalho são agentes de fertilização de origem divina, e os pontos de água são sagrados, centros de paz e de luz, oásis (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1991). Então a água apresenta-se como símbolo de vida, ligada às noções de fertilidade, fecundidade, pureza, sabedoria, eternidade, imortalidade.

Enquanto instrumento de purificação e de regeneração corporal, psíquica e espiritual, o simbolismo da água é reconhecido em diversos cultos de civilizações antigas (BIERDERMANN, 1993) e nas tradições do islamismo, hinduísmo, budismo, cristianismo e judaísmo (BECKER, 1999). Em seu estado líquido, configura também a ideia de dissolver o indesejável, o mal, o pecado, capaz de purificar e regenerar para um outro estado, um renascimento, num sentido de morte e vida. Preenhe de significado religioso, o batismo torna-se um importante rito de purificação/regeneração, representando uma passagem do corpo para o espírito (BRUNI, 1993). Chevalier e Gheerbrant (1991, p. 18) relatam que rituais pagãos e cultos celtas, bem como os locais de peregrinação, foram deliberadamente centrados em torno

de nascentes e fontes de água, evidenciando a devoção popular ao “valor sagrado e sacralizante das águas”. Disso provém o costume ainda contemporâneo de atirar moedas nas fontes como uma continuação das oferendas simbólicas aos deuses aquáticos para satisfação dos desejos (BIERDERMANN, 1993).

A dialética constitutiva dos símbolos mostra-se recorrente nas representações e percepções da água, apreendida na interação entre vida e morte, criadora e destruidora, torna fértil e gera afogamentos, gera caos e calma (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1991; BRUNI, 1993; BECKER, 1999).

Nos esquemas cosmológicos, a água apresenta dois complexos simbólicos antitéticos: água descendente, proveniente do céu (a chuva), masculina, associada ao fogo; enquanto que a água nascente brota da terra, feminina, associada à Lua, como símbolo de fecundidade. Em rituais astecas, celtas, druidas, surgem as relações da água e do fogo, ambos elementos primordiais da vida, ou da água e do sangue, associado ao Sol e ao fogo, à Terra e à Lua (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1991, p. 18-19). Tuan (1980) descreve a presença da água nas simbologias cosmológicas, a exemplo do esquema chinês, onde fogo é *yang*, macho, ascendente, alegre e fálico, enquanto a água é *yin*, fêmea, passiva, a representação do medo. Essas interpretações mantiveram-se presentes na modernidade pelos trabalhos de Freud e Jung na psicanálise, em que o fogo é consciência lutadora, e água:

[...] é a imagem do inconsciente; ela é amorfa, mas fertilizadora, uma fonte potencial de força. A água simboliza o lado feminino da personalidade humana. A imersão na água significa a extinção do fogo e da consciência. Significa morte. [...] também significa sabedoria e regeneração; é temida, mas a autoconsciência lutadora deve aceitar a imersão e a morte, se quer ser revitalizada e atingir a totalidade (TUAN, 1980, p. 26-27).

Já na tradição judaico-cristã, outras dualidades na relação humana com a água: “águas superiores”, são puras, calmas, benéficas e significam paz e ordem; enquanto as “águas inferiores”, do mar, salgadas, agitadas, produzem maldição e desordem (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1991, p. 18-19).

Segundo Bethemont, Rivière-Honegger e Le Lay (2006), as águas já foram divididas em diferentes classificações binárias conforme as variações de escala e formas: águas correntes e estagnantes, naturais e antropizadas, subterrâneas e superficiais; ou ainda pelas suas funções e dinâmicas (lago, lagoa, laguna, lago-reservatório; ou mesmo lago de lazer, lago de pesca, lago industrial, etc). Nesse sentido, águas dos rios, de lagos, de fontes, do mar, da chuva, são apreendidas de formas variadas:

Frequentemente ‘as águas sob a Terra’ são associadas ao caos original, enquanto a água que cai do céu em forma de chuva é associada à salutar e benéfica animação. Os redemoinhos de água (cf. Espiral) representam metaforicamente as dificuldades e as revoluções, enquanto os rios que fluem calmamente simbolizam a vida que transcorre de maneira regular. Lagoas e poças, mas principalmente os lagos de fontes, para muitas culturas foram a moradia de espíritos naturais, sereias e gênios da água, ou ainda de demônios aquáticos de diversos tipos, proféticos e muitas vezes perigosos. (BIERDERMANN, 1993, p. 15).

Vernex (1996b) reforça essa diferenciação dos ritos, das práticas e das formas de habitar os diferentes tipos de água pelas sociedades antigas, ao abordar as contraposições das representações e percepções sociais relacionadas às águas correntes (*eaux vivantes*) e águas dormentes, paradas (*eaux mortes, dormantes*). Para essas sociedades, a natureza era impregnada de perigos, e a água, substância primordial, estava ligada às divindades, aos princípios fundamentais do universo. A força benéfica geralmente era apreciada na forma de água corrente, como nos rios intermitentes, enquanto as águas paradas como dos lagos e áreas úmidas, representavam perigo, medo, profundezas, escuridão, morte, solicitando distanciamento dos sujeitos:

Fontes e rios são águas vivas, transmitindo a vida e da qual, na maioria das vezes, surgem princípios benéficos. Utilizadas com todas as precauções necessárias, elas só podem liberar influências positivas e oferecem pouco perigo para os homens, ao contrário das águas dormentes. Águas dormentes, águas ‘mortas’, águas que dormem entre suas margens, águas que correm muito lentas nos pântanos próximos. É necessário se debruçar sobre sua percepção e sua valorização dentro das sociedades tradicionais [...] existe nas águas dormentes essa visão de mundos múltiplos que às vezes coexistem para o maior perigo dos humanos. Águas silenciosas, águas escuras, águas insondáveis, elas escondem dentro delas mil maravilhas, mas ao mesmo tempo mil perigos. [...] De maneira geral, as águas estagnadas representam locais de contato privilegiados entre o mundo dos mortos e o mundo dos vivos. [...] O mundo infernal é encarnado nesses espaços de água estagnada, onde os limites entre a água e a terra são indecisos, assim como entre a água e o céu. Limites que não são sem perigo, porque nas profundezas dos lagos encontra-se um mundo de fantasia cheio de personagens sobrenaturais, guardiões de tesouros inestimáveis ou às vezes os portões do inferno^{xxiv} (VERNEX, 1996b, p. 14-15, tradução nossa).

Em diversas culturas, a crença no duplo regime de águas superficiais e profundas é existente, começando pelo mundo greco-latino, mas cientificamente traduzida somente no século XVII. A noção era de que todas as águas se comunicavam e se mesclavam com as águas míticas dos quatro rios provenientes do Jardim do Éden, e eram associadas às águas infernais e povoadas de criaturas. A água das fontes predominou na crença popular como a água mais pura e mais próxima das criaturas infernais, das quais se depreende os valores curativos transferidos para as águas termais (BETHEMONT; RIVIÈRE-HONEGGER; LE LAY, 2006).

Os lagos e áreas úmidas são geralmente representados por mitos de caça ao tesouro,

local de monstros (ex: Monstro do Lago Ness), de comunicação com o mundo subterrâneo (BRUNET; FERRAS; THÉRY, 1993). Locais de rituais e de morada dos deuses, de paraísos ilusórios, para onde humanos são atraídos para a morte por fadas, feiticeiras, ninfas e sereias (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1991).

Para Bethemont, Rivière-Honegger e Le Lay (2006), os espaços de água representam um duplo princípio: de liberdade e sociabilidade. Primeiro, por serem espaços indecisos, que variam conforme os fluxos, os rejeitos, as correntes, flutuando entre margens secas e inundadas. Liberdade dos cursos de água, onde prosperam a fauna e a flora, mas também no plano econômico e social, nos quais a água assegura a vida material e cultural das populações ribeirinhas. Ainda, são espaços de sociabilidades diversas, principalmente nas proximidades das cidades, passando por três fases: de osmose, de ruptura e de reapropriação contemporânea da água (BETHEMONT; RIVIÈRE-HONEGGER; LE LAY, 2006, p. 3).

Na fase de ruptura, predominaram o medo, a repulsão e o distanciamento dos espaços de água, representações que estão associadas à ideia do dilúvio, como punição, cólera divina (CORBIN, 1988). Arelada ao simbolismo da morte pelo seu caráter passageiro, a água simboliza desaparecimento, desintegração, morte de um momento para outro surgir. Bachelard (1942), em sua reflexão poética sobre a água, evidencia toda a ambiguidade da representação aquática, oscilando entre a vida e a morte, como um espelho que dá acesso a si mesmo e ao mundo:

A morte cotidiana não é a morte exuberante do fogo que perfura o céu com suas flechas; a morte cotidiana é a morte da água. A água corre sempre, a água cai sempre, acaba sempre em sua morte horizontal. Em numerosos exemplos nós veremos que na imaginação materializante a morte da água é mais sonhadora que a morte da terra: o sofrimento da água é infinito^{xxv} (BACHELARD, 1942, p. 13, tradução nossa).

Outras ambivalências simbólicas da água também são descritas por Bethemont, Rivière-Honegger e Le Lay (2006):

A água distingue o puro do impuro. Ela conecta os locais, os momentos e os símbolos graças às suas metamorfoses incessantes. Ele funde os opostos, engolindo pouco antes de ser absorvido. Os habitantes da Europa temperada são sensíveis a essas unidades multiplexas. [...] Bom e ruim, a água pode influenciar o bem e o mal: é o elemento das aparições e das peregrinações, dos ritos chamados de aniversários, da preparação e da procuração, das procissões e deambulações, das abluções e insurreições. Ela é o suporte de paisagens oníricas como das paisagens utilitárias^{xxvi} (BETHEMONT; RIVIÈRE-HONEGGER; LE LAY, 2006, p. 6, tradução nossa).

Bruni (1993) e Queiroz (1999) lembram que a água está associada ao declínio e desaparecimento de civilizações como os sumérios na antiga Mesopotâmia, atribuída às práticas

de irrigação que levaram ao colapso da agricultura e à escassez de alimentos. Outros exemplos, as secas ocasionadas pelas longas vazantes do Nilo, os indícios de extinção da civilização acadiana devido à seca do Tigre e do Eufrates, e o abandono do território pelos Maias, pela carência de água e erosão do solo (SILVA, 1998).

Uma perspectiva histórica da água sob o desenvolvimento das técnicas hidráulicas nos tempos é abordada por Silva (1998). Na Idade Média, a importância da navegação impulsionou o desenvolvimento econômico e a instalação das cidades às margens dos cursos de água ou em pântanos drenados e aterrados, motivando a construção de barragens, eclusas, canais artificiais e portos. Na Modernidade, o autor destaca as fontes (chafarizes) em jardins, parques, palácios e monumentos, marcando as transformações técnicas hidráulicas da época, que, aliada à arte, buscava inspiração nos mitos sobre a água na Antiguidade e na recuperação da tradição hidráulica romana. Muito além das preocupações estéticas, essas obras objetivaram, segundo Silva (1998), o controle e a cobrança pela distribuição de água, realizada por meio de canalizações e das fontes. A revolução científica e tecnológica trouxe novas soluções como a implantação de redes de abastecimento público e de esgotamento sanitário, e, a partir de meados do século XIX, a criação dos serviços de saneamento e das legislações pertinentes ao controle da poluição das águas. Então, deu-se início um processo hegemônico de “higienização” das cidades e habitações, numa perspectiva autoritária e aristocrática de controle sanitário e social das doenças (SILVA, 1998).

Outras simbologias associadas às obras hidráulicas da humanidade, os aquedutos e pontes exaltam um saber-fazer dos arquitetos e o poder dos mestres construtores. Desde os romanos essas obras representam afirmação do poder, pois serviam de água as vilas criadas ou conquistadas. Mas a ponte também é portadora do símbolo de união ou destruição das relações entre duas comunidades, pela ruptura da passagem (BETHEMONT; RIVIÈRE-HONEGGER; LE LAY, 2006).

Numa aproximação do Turismo relacionado aos temas da paisagem e da água, encontra-se em Tuan (1980, p. 32) o questionamento sobre o que eram consideradas “atrações cênicas” para as sociedades. O autor revela que geralmente estavam associadas às formas da natureza onde a água é presente (desfiladeiros, cânions, gargantas, boqueirões, ravinas, vales), motivando os primeiros deslocamentos dos turistas. Essas representações referentes às águas de um rio encontram-se nas lendas do Graal e nos épicos de Tannhaeuser, ou na história de Edgard Allan Poe (“A propriedade de Arnheim”), descrevendo uma garganta como uma grande bacia de rara beleza (TUAN, 1980).

Já a designação de uma fase contemporânea de reapropriação da água em suas diversas

formas pelas sociedades (BETHEMONT; RIVIÈRE-HONEGGER; LE LAY, 2006), mas ainda predominantemente discutida sob a forma de rios, canais e arroios (GRAVARI-BARBAS; JACQUOT, 2016a) e suas interações com as questões do Turismo, serão o foco das discussões construídas na terceira parte da tese.

No contexto do Brasil, Queiroz (1999) retrata a diversidade de narrativas míticas e religiosas alusivas à água, especialmente relativas aos rios, tratando de considerar a água como objeto de uma razão prática (adaptação humana ao meio físico) e uma razão simbólica (das representações). Os cursos de água serviram à demarcação das fronteiras brasileiras, mas também ao expansionismo colonial, permitindo a ocupação do interior e a fixação das populações às margens dos rios e o desenvolvimento das atividades (QUEIROZ, 1999). A apropriação dos rios, lagos e fontes pelos grupos sociais foram ocorrendo por motivações econômicas ou culturais diversas, dotando a relação com a água de representações e significações próprias, expressadas em mitos e lendas ainda presentes nas manifestações culturais brasileiras. O mesmo autor enfatiza que a herança simbólica manifestada em mitos, lendas e representações aquáticas provém, em muitos casos, dos povos indígenas e hoje são vislumbradas nas toponímias (nomes de rios, povoações), e nas práticas de higiene, captação de água, pesca e navegação. Dos povos africanos, também a herança da água como sagrada, revelada nas crenças e práticas religiosas (QUEIROZ, 1999). A relação emblemática dos povos brasileiros com as águas pode ser evidenciada pelo exemplo do contexto amazônico, explicitada no relato da “paisagem líquida” da cidade de Belém como uma “imensidão das águas grandes”:

A água está em toda parte: elemento primordial e matéria-prima de todas as possibilidades de existência. Na Amazônia, no entanto, essa onipresença assume uma visibilidade absurda, quase irreal, que nos transmuta em seres aquáticos. É ela, e sempre ela, que comanda a cena. Seja na forma do “rio-estrada” que rasga a floresta, serpenteando por dezenas, às vezes, centenas de quilômetros, seja na forma do “rio-mar” que se alarga até a linha do horizonte, ou, ainda, na forma da chuva tropical que desaba, impiedosa, sobre nossas cabeças (DUARTE, 2006, p. 177).

Esses são apenas alguns recortes desse vasto conteúdo simbólico da água, disseminados pelo mundo e na cultura brasileira. A pertinência desse resgate é justificada por Bruni (1993, p. 57): “[...] é na dimensão simbólica que a água diz respeito mais profundamente à vida e ao homem”. Essa ampla diversidade de representações e percepções perpetuam ao longo dos tempos, sendo atualizadas, recriadas, justapostas nas práticas sociais contemporâneas de diferentes sociedades na sua relação com a água. Ao invés de reduzir a água à noção de recurso, o intuito é expandir a reflexão sobre as representações, percepções e maneiras de habitar as diferentes formas de água, nas diferentes culturas, acreditando que:

Se quisermos compreender o simbolismo da água, não podemos pensá-la como H₂O, mas como elemento fundamental indissociável de suas formas concretas: os mares, os oceanos, os rios, os lagos, os regatos, os riachos, as torrentes, as chuvas, as fontes, as nascentes, as praias, as quedas d'água, as cascatas, o gelo, o orvalho, onde se podem distinguir as águas claras, as águas correntes, as águas primaveris, as águas profundas, as águas dormentes, as águas mortas, as águas compostas, as águas doces, as águas violentas, as lágrimas. Cada uma das culturas humanas reserva um papel privilegiado para a água, em cada uma de suas formas, em cada um de seus modos de ser (BRUNI, 1993, p. 59).

Segundo Chevalier e Gheerbrant (1991), a apreensão da água como elemento vital primordial, fonte de vida, persiste no imaginário coletivo, porém, quando os atuais riscos de poluição, contaminação, remetem às representações de horror, sujeira, imundície, doença, morte. Talvez a percepção das águas brasileiras como abundantes possam até mesmo fazer emergir os riscos de degradação, como destacado por Queiroz (1999, p. 686): “[...] o risco de tê-las em relativa abundância [no Brasil], mas a tal ponto degradadas que as imagens nelas refletidas espelhem muito mais a devastação que o florescimento da vida”. As preocupações contemporâneas retomam a dialética da água, por um lado, como condição de vida à unidade física, biológica e social dos seres humanos, e, de outro, potencial instrumento de aniquilação das sociedades.

Conflitos atuais relacionados à água no Brasil são reveladores dessa diversificada matriz cultural e dos seus interesses muitas vezes adversos, em que podem ocorrer perdas do caráter simbólico de um elemento que é presente no cotidiano de muitos brasileiros. O barramento de cursos de água para a construção de usinas hidrelétricas é lembrado por Queiroz (1999), mostrando-se não apenas gerador de danos ambientais, mas levando à destruição do caráter simbólico na relação das populações ribeirinhas com a água. Em razão da inundação do território, a realocação dessas comunidades tem levado ao abandono das atividades produtivas tradicionais e dos ritos e práticas relacionados à água (QUEIROZ, 1999). Em outras situações, a poluição das águas aparece como fator que gera rupturas na relação das sociedades com os corpos hídricos, com perdas tanto no aspecto da vida biológica, quanto psíquica do ser humano: “[...] o enorme malefício que a moderna sociedade industrial introduz na dimensão simbólica, danificando, talvez de maneira irreparável, o rico patrimônio psíquico que o imaginário da água tem produzido ao longo da história da humanidade” (BRUNI, 1993, p. 63-64).

Em síntese, a água sempre esteve intimamente ligada à evolução das sociedades, agrupando uma multidimensionalidade e multifuncionalidade que dá condição à existência física, biológica e social dos sujeitos, individuais e coletivos. Tema de discussões científicas desde a década de 1970, as questões da água passaram a ser disseminadas pela mídia a partir da década de 1990, atingindo todas as escalas da sociedade. Essa difusão ocorre sob a

representação social da “problemática da água”, permeada de um discurso geralmente alarmista, em que a água passa a ser um bem, dotada de valor econômico, social e cultural (FAGUNDES, 2015).

Na Geografia contemporânea, emergem principalmente estudos sobre os conflitos geopolíticos e os desafios de cooperação transnacionais relacionados à água (RIBEIRO, 2013; 2008). Segundo Ribeiro (2008), no século XXI, a emergência desses conflitos está associada à noção de recurso e aos interesses de ordem política e econômica que estão em jogo, suscitando um debate profundo e global, nas diferentes esferas da sociedade, sobre a dimensão ética dessa relação. Exemplos desses conflitos são encontrados nos documentários “Filha da Lagoa”²⁹ (*Hija de la laguna*, 2015), sobre o confronto entre as populações tradicionais andinas e a invasão das mineradoras em suas próprias terras, impedindo o acesso e usos da água; e “A Guerra da Água”³⁰ (*La Guerra del Agua*, 2000), que retrata a resistência popular ocorrida nos anos 2000 em Cochabamba, na Bolívia, contra a privatização dos serviços municipais e toda forma autônoma de abastecimento de água, levando ao fim dos consórcios com as multinacionais estrangeiras e a retomada do bem público. Na reportagem sobre os 15 anos do confronto em Cochabamba³¹, o relato da continuidade do movimento social em defesa da água e sua conexão com outros casos em diferentes continentes revelam um enfrentamento que hoje é global. Esses movimentos têm questionado a privatização dos sistemas de água, a exploração dos aquíferos, a contaminação pela mineração e outras formas de extração, o predomínio dos interesses econômicos e políticos em detrimento das dimensões sociais e culturais da água como um bem público.

Outras questões geográficas e sociais emergem em contextos multiescalares, diante da escassez e da má distribuição da água, dos riscos de poluição e contaminação, das tensões no compartilhamento desse bem entre os múltiplos e intensivos usos pelas sociedades. Também se mostram problemáticas iminentes a proteção e a manutenção da qualidade das águas e dos ecossistemas correlatos, a água como patrimônio e bem comum, e as implicações socioespaciais no enfrentamento às mudanças climáticas.

Assim como a paisagem, a água é um tema transversal (NOGUÉ; PUIGBERT; BRETCHA, 2016), de interesse atual em todas as escalas geográficas, da vida cotidiana à esfera científica e política, do local ao global, e do global ao local, levantando questões de governança,

²⁹ **Filha da Lagoa**. Documentário. Canadá, 2015, 1h28. Direção: Ernesto Cabellos.

³⁰ **La Guerra del Agua**. Documentário. Bolívia, 2000, 18 minutos.

³¹ BERTELLI, M.; SAURAS, J.; LILL, F. *La guerra interminable : 15 años de lucha por el agua en Bolivia*. In: *El País. Los juegos del agua*. Cochabamba, Bolívia. 30 jul. 2015. Disponível em: <https://elpais.com/elpais/2015/07/13/planeta_futuro/1436796771_984802.html>. Acesso em: 26 fev. 2018.

de políticas públicas, de legislação, de gestão hídrica integrada e de participação social (JACOBI; SINISGALLI; 2009). Ela solicita abordagens interdisciplinares na interação com a paisagem e o patrimônio, interrogando os diferentes conhecimentos e a conexão entre as diversas ciências sociais, humanas e naturais.

A partir dessas considerações, reconhece-se a amplitude do tema da água na atualidade e a sua relevância científica sob as diferentes perspectivas. Nessa investigação, a intenção é fazer um recorte provisório sobre os estudos que tratam da água sob a forma de lagos e lagoas, na perspectiva das representações e percepções das paisagens e das práticas turísticas dos sujeitos, individuais e coletivos, em um contexto social, cultural, espacial e temporal específico – a Laguna dos Patos e suas conexões com as populações de quatro municípios ribeirinhos. Dessa forma, os estudos multidisciplinares abordados a seguir compõem a base das reflexões dessa investigação, na interação entre os temas da paisagem (especialmente das representações e percepções das paisagens lacustres), do Turismo (suas práticas, espaços e dinâmicas associadas às paisagens lacustres) e da água (sob a forma de lagos e lagoas).

2.2 COM OS PÉS NA ÁGUA OU COM VISTA PARA A ÁGUA? A RELAÇÃO ENTRE AS PRÁTICAS TURÍSTICAS E A ÁGUA

As relações entre a água e o Turismo mostram-se múltiplas, heterogêneas e complexas. A água é um tema, presente nos estudos em Turismo de maneira mais expressiva somente após a década de 1990, abordando diferentes contextos geográficos e pontos de vista. Nessa etapa da investigação, algumas dessas perspectivas são apresentadas, principalmente aquelas que aportam reflexões sobre as relações dos sujeitos contemporâneos com a água através das práticas turísticas, ou interrogando as percepções e representações associadas aos cursos de água, no cruzamento entre Turismo, Lazer e patrimônio.

A maioria desses estudos tem abordado a noção de recurso, questionando o papel da água enquanto elemento natural e material. Para Reynard (2001; 2000), a água é um recurso-chave para o Turismo, compondo a oferta turística de duas formas: na oferta turística original, a água é um dos elementos da paisagem, tornada objeto turístico principal em decorrência de sua força de atração (ex: lagos, rios, quedas d'água, estações termais, obras hidráulicas, etc); na oferta turística derivada participa sob a forma de infraestruturas para atender a demanda turística (ex: piscinas, pistas de patinação, neve artificial nas estações de esportes de inverno),

ou agregando outros serviços decorrentes da presença da água (ex: esportes náuticos, pesca, navegação, *rafting*, etc) (REYNARD, 2001; 2000).

No Brasil, pode-se dizer que a água é um elemento de forte apelo turístico, o que é verificado na diversidade da oferta turística de destinos que contemplam praias, lagos, rios, quedas d'água, reservatórios, águas termais, áreas úmidas, entre outros. Conforme a ANA (2005), diversas regiões brasileiras em condições de balneabilidade têm demonstrado expansão da demanda turística e de lazer, dividindo-as em três segmentos principais: turismo e lazer no litoral; turismo ecológico e pesca; e em lagos e reservatórios interiores. Esses últimos são indicados como de grande potencial, porém com desenvolvimento turístico incipiente no Brasil diante da carência de políticas (ANA, 2005), no qual se insere o recorte espacial desta pesquisa - a Laguna dos Patos.

A análise das implicações do Turismo no consumo da água tem sido foco de interesse de muitos estudiosos. Tendo em vista os elevados padrões de consumo hídrico dos equipamentos turísticos, e das tendências de expansão dos destinos e práticas turísticas, as preocupações voltam-se para a avaliação do consumo e dos impactos das atividades turísticas no sistema hidrológico. Esse consumo de água pelo Turismo se dá, segundo Gössling et al. (2012), pelo uso direto (nos meios de hospedagem e atividades) e indireto (construção de infraestrutura, produção de combustíveis e alimentos). Os estudiosos têm interrogado os padrões de consumo hídrico em hotéis, *resorts* ou segundas residências (VERA REBOLLO, 2006; GÖSSLING, 2001), principalmente na manutenção de piscinas e de jardins (DE STEFANO, 2004) ou na irrigação dos campos de golfe (KLEIN *et al.*, 2015). Nas estações turísticas de esportes de inverno, as críticas voltam-se para a construção dos *resorts* em altitudes elevadas e o consumo de água e altos custos energéticos para a produção de neve artificial, com o intuito de prolongar a temporada turística (BRITO-HENRIQUES; SARMENTO; LOUSADA, 2010; REYNARD, 2001; SCOTT, 2006).

Os conhecimentos relacionados aos impactos do Turismo nos sistemas hidrológicos ainda são escassos, devido às dificuldades de mensuração da quantidade e qualidade de água em relação às demandas e investimentos em gestão hídrica e, ainda, às limitações na diferenciação entre o consumo turístico e de outros usos (BRITO-HENRIQUES; SARMENTO; LOUSADA, 2010). O Turismo também é apontado no uso da água subterrânea, ampliando os riscos quanto à deterioração e superexploração dos recursos hídricos (GÖSSLING, 2001). São relatados impactos do Turismo no que se refere à alteração ou degradação dos ecossistemas, pela eliminação de esgotos, erosão do solo, provenientes da construção de infraestrutura turística, e sua influência no aumento da demanda de pescados onde já existe superexploração

pesqueira (GÖSSLING, 2001). Nos oceanos, a expansão do segmento de cruzeiros tem sido apontada como uma das principais fontes de poluição, gerando destruição dos ecossistemas aquáticos e costeiros (KLEIN, 2009). A ascensão dos esportes motorizados na água tem gerado impactos no ambiente físico e na experiência humana do lazer, repercutindo em conflitos entre os diferentes grupos de usuários (RICHINS, 2007).

Em níveis globais, o Turismo ainda não representa uma atividade de consumo hídrico substancial quando comparado com outras atividades, sendo consideradas como as atividades de maior demanda hídrica global a irrigação para a agricultura, a indústria e o uso doméstico. Mas sob o prisma das escalas local e regional, esses estudos sobre Turismo expõem casos de ampliação dos conflitos, especialmente nas regiões onde há escassez ou estresse hídrico por razões climáticas, hidrológicas ou geográficas, ou na ampliação das pressões diante das mudanças climáticas (RICO AMORÓS, 2002; GÖSSLING, 2001; GÖSSLING *et al.*, 2012). Em diversos casos, o provimento de água tem privilegiado a demanda turística em detrimento do abastecimento da população local ou, ainda, no compartilhamento com outras atividades (ex. agricultura, pesca), gerando situações de conflito (GÖSSLING, 2001; VERA REBOLLO, 2006).

Os destinos turísticos litorâneos (especialmente marítimos) e insulares são as áreas mais investigadas nessa perspectiva, diante da intensa e crescente atividade turística, e, ao mesmo tempo, pelas suas especificidades e fragilidades, tornando-se vulneráveis às situações de escassez ou estresse hídrico (VERA REBOLLO, 2006; BRITO-HENRIQUES; SARMENTO; LOUSADA, 2010; GÖSSLING, 2001). A alta concentração da demanda turística no tempo e no espaço devido a sua sazonalidade, em muitos locais coincide com as estações secas ou de menor produção hídrica ou, ainda, com os períodos de maior demanda para outras atividades como a agricultura, concorrendo para o agravamento das problemáticas relacionadas à água nesses contextos geográficos. Portanto, predomina a noção do Turismo como “vilão” nos discursos científicos e midiáticos sobre o tema da água.

Já em outros estudos, há uma postura de relativização dessa perspectiva, como Blondy (2016) observa nas ilhas da Polinésia Francesa: de um lado, há um intenso consumo hídrico pelos hotéis, gerando pressão suplementar na disponibilidade do recurso, que já é escasso nos meios insulares; por outro lado, o Turismo incentivou a melhoria das políticas de gestão da água e dos resíduos. No caso relatado, os equipamentos turísticos participaram do financiamento das infraestruturas de tratamento de água e de esgoto e desenvolveram estratégias próprias de redução do impacto (usina de dessalinização da água, reutilização da água da chuva para certos usos, etc.). O acesso e a manutenção dos serviços de distribuição de

água potável mostraram-se mais presente nas ilhas dotadas de função turística (BLONDY, 2016).

De forma geral, o tema da água tem se mostrado emergente nos debates científicos sobre o Turismo. Cada vez mais é compreendida como um fator essencial à evolução dos locais turísticos, dialogando com as dimensões físicas, ecológicas, paisagísticas e patrimoniais da água, interagindo com a garantia da qualidade de vida para os residentes e turistas. Isso demonstra que o debate vai muito além da noção de recurso natural, adquirindo valor como ativo socioeconômico do território (PÉREZ, 2015).

O Turismo é dependente de quantidade e qualidade de água (por exemplo, a importância da balneabilidade para as práticas do banho), da existência de serviços sanitários, da distribuição de água potável, mas também é a própria manutenção da atratividade nos destinos turísticos que está em jogo (VERA REBOLLO, 2006). As questões da água passam a ser consideradas na trajetória evolutiva dos locais turísticos: “Enquanto as demandas de água dos turistas precisam ser cumpridas para que o turismo seja atrativo, a gestão da demanda de água será cada vez mais um fator decisivo para a viabilidade do turismo a longo prazo”^{xxvii} (COLE, 2013, p. 3, tradução nossa).

Surge então o desafio político pela incorporação de critérios de gestão dos recursos hídricos na gestão dos destinos turísticos (VERA REBOLLO, 2006), e, recursivamente, a inserção do Turismo nos debates globais sobre a gestão das águas (GÖSSLING *et al.*, 2012). Cole (2013) defende a influência política do Turismo, com potencial para alavancar a governança das águas nos diferentes contextos geográficos, ao adotar a perspectiva dos direitos humanos das populações locais, engajando-se em uma gestão hídrica preventiva. No entanto, o campo do Turismo ainda tem pouca expressividade nos debates científicos, políticos e sociais sobre a gestão das águas.

Outras abordagens científicas ao tema da água têm tratado dos seus aspectos multidimensionais e multifuncionais, visando à compreensão da relação entre as sociedades e as diferentes formas físicas da água – as águas termais, os mares, os rios e canais, as áreas úmidas, os lagos, etc. Esses estudos têm se manifestado no cruzamento entre diversos campos e disciplinas: Geografia, Turismo, História, Arquitetura e Urbanismo, Sociologia, nos estudos do patrimônio, do Lazer, do Turismo, das paisagens, da cultura e do meio ambiente. A análise específica das práticas e locais turísticos associados a alguns desses espaços de água é bastante frequente: as águas termais e os litorais marítimos relacionam-se diretamente com a história do Turismo; os rios e canais mostram-se foco de um interesse renovado a partir da década de 1990. Mas as percepções, representações e apropriações turísticas de lagos, lagoas e outras áreas

úmidas, bem como dos lagos artificiais (pela construção de barragens), ainda são pouco frequentes na literatura científica.

As relações com a água são geográfica e historicamente inerentes ao fenômeno turístico. Diversos estudos sob a abordagem geográfica do Turismo têm retratado a importância desse fenômeno no que concerne às relações das sociedades humanas com os litorais marítimos (DUHAMEL; VIOLIER, 2009). Isso se justifica pelo papel do Turismo na invenção das praias marítimas no século XVIII, disseminando novos comportamentos sociais a partir dos novos olhares e práticas balneárias (CORBIN, 1988), e nas questões que levam à perenização desses locais turísticos, ainda hoje muito desejados pelas sociedades. Duhamel e Violier (2009) destacam que desde a invenção do Turismo as sociedades humanas voltam-se para o desejo do litoral, configurando-se então como a primeira destinação turística no mundo, e, ainda, perpetuando-se no tempo como espaço privilegiado pelos turistas, principalmente ocidentais. Além disso, congregam espaços de vida de mais da metade da humanidade, sendo marcados por discontinuidades socioespaciais, entre espaços negligenciados e cobiçados, onde as complexidades do Turismo mostram-se fortemente presentes (DUHAMEL; VIOLIER, 2009). Isso traz desafios diversos à gestão dos espaços turísticos litorâneos hoje, nos diferentes contextos geográficos, onde podem ser observadas situações de declínio, adaptação ou diversificação da função turística e sua interação com as demais funções do território. Os litorais marítimos também integram, de forma complementar, as reflexões desse trabalho, pois, tratando-se de uma Laguna situada na PCRS, desvelam dinâmicas interessantes na apropriação das águas doces e salgadas, das margens lacustres e marítimas, a partir das práticas dos sujeitos que se movimentam nessa interface de meios geográficos.

O início do Turismo, segundo Sacareau e Stock (2003, p. 15), está intimamente ligado às novas relações das sociedades com a água e dos cuidados com o corpo nos séculos XVIII e XIX, primeiro, através das estações termais (em francês, denominadas *villes d'eaux* – cidades de águas). As primeiras estações termais localizam-se junto aos litorais marítimos e lacustres, dando origem às estações balneárias, transformando os litorais em importantes locais de sociabilidades, inicialmente da aristocracia. A história do Termalismo e do Turismo estão intimamente entrelaçadas, e suas distinções teriam ocorrido somente no início do século XX, na França, diferenciando o público de “curistas” (voltado para a cura médica) dos turistas (SACAREAU; STOCK, 2003, p. 25).

Uma abordagem histórica da relação entre as cidades e os cursos de água (especialmente rios, canais e arroios) é apresentada por Gravari-Barbas e Jacquot (2016a) no contexto europeu, como consequência da conquista dos lazeres e dos direitos aos lazeres e da

progressão do tempo livre nas sociedades industriais e contemporâneas. Segundo Bethemont, Rivière-Honegger e Le Lay (2006), se no contexto das sociedades pré-industriais, os cursos de água eram compreendidos essencialmente para fornecimento de água para beber, para os processos artesanais e como modo de circulação entre interior e exterior das cidades, são os esportes de água, desenvolvidos no final do século XIX, que motivam uma reintegração entre os rios e as cidades. Pelos motivos higienistas, áreas alagadas são transformadas em parques urbanos e jardins, tendo também influência do turismo fluvial em algumas cidades (Londres e Paris). Acompanhando uma nova dinâmica social e cultural das cidades, os cursos de água voltam-se para uma apropriação essencialmente lúdica, mas que também coabitam com uma marginalidade: em suas margens, perseguidos foram mortos, ou a moralidade foi imposta por governantes, preocupando-se em urbanizar esses “espaços problemáticos” (BETHEMONT; RIVIÈRE-HONEGGER; LE LAY, 2006). As margens de água traduzem novas formas de relação com os espaços, as sociabilidades e o corpo, e com isso a criação das praias (nesse caso fluviais), planejadas, equipadas, estruturadas nessa interface água – cidade, para o desenvolvimento e difusão das atividades de lazer, comércio, turismo. No século XX, uma nova dinâmica de difusão, circulação e diferenciação das práticas recreativas, esportivas e lúdicas, reflete-se em uma nova geografia dos lazeres metropolitanos (a exemplo da difusão da bicicleta) (GRAVARI-BARBAS; JACQUOT, 2016a, p. 22).

Nesse contexto, a partir da década de 1990, o interesse científico volta-se de forma expressiva para as novas relações da sociedade com os rios, canais e arroios, especialmente em contextos urbanos (GRAVARI-BARBAS, 1991; GRAVARI-BARBAS; JACQUOT, 2016a, 2016b; LEICHNIG, 2015; PORTAL; BARRAUD; DAVODEAU, 2013). Em muitos deles, a análise das práticas e das representações relacionadas aos cursos de água apresentam-se no cruzamento entre Turismo, Lazer e patrimônio. São estudos que frequentemente retratam a perspectiva de reconquista das frentes de água (*waterfronts*) e os processos de patrimonialização impulsionados pelas políticas públicas, em especial no caso europeu.

Para Gravari-Barbas e Jacquot (2016b), as primeiras abordagens científicas tratavam da refuncionalização dos espaços industriais-portuários abandonados (Ex: Baltimore, Barcelona, Buenos Aires). Sob o prisma da relação entre as cidades e os portos, os espaços passaram a ser reabilitados com a criação de novos bairros próximos à água, e sua transformação em espaços recreativos, ou mesmo turísticos. Mas hoje, no contexto europeu, essa escala se amplia para a metrópole, em que os espaços fluviais passam a ocupar uma posição central nas novas dinâmicas turísticas e culturais. A linearidade dos cursos de água é valorizada, possibilitando (re)conexões dos espaços urbanos e peri-urbanos, da natureza e da cidade, do

Lazer e do Turismo, das sociabilidades do ontem e do hoje. As questões ecológicas e patrimoniais são bastante presentes nesses processos, em que há um interesse social renovado sobre os ativos naturais no meio urbano, a preservação da paisagem, a manutenção da qualidade da água e seu papel como corredores ecológicos³² (GRAVARI-BARBAS; JACQUOT, 2016b).

A tendência de patrimonialização de cursos de água (em especial rios e arroios) na Europa Ocidental e na América do Norte, foi iniciada na década de 1990, como resultado da ampliação da noção de patrimônio, emergindo uma renovação do olhar sobre a água e a natureza nas cidades (LEICHNIG, 2015). Esses processos de patrimonialização das paisagens fluviais urbanas, a exemplo do ocorrido nos rios Mississipi, Tâmisia (*Thames*), Reno, Líger (*Loire*) e Ródano (*Rhône*), geralmente nas proximidades de grandes metrópoles, têm sido tema de interesse científico crescente, cujas reflexões voltam-se para a noção de qualidade do ambiente urbano, aliada à restauração do meio aquático e à reconquista das frentes de águas. Eles refletem uma tomada de consciência sobre os espaços fluviais urbanos como novos objetos patrimoniais, valorizados e protegidos, com o intuito de associar espaços públicos naturais e urbanos (LEICHNIG, 2015).

Portal, Barraud e Davodeau (2013) apontam para a existência de diversos estudos sobre esses processos de patrimonialização, buscando compreender a evolução das representações e a atribuição de funções e valores dessas “paisagens de água” a partir da reconstituição de sua trajetória paisagística, e, assim: “[...] os estudos demonstram a extensão da dimensão simbólica dos legados cujas modalidades de apreciação são muitas vezes mais complexas do que sugere a comunicação turística e patrimonial”^{xxxviii} (PORTAL; BARRAUD; DAVODEAU, 2013, p. 9, tradução nossa). Esse movimento complexo de patrimonialização das paisagens de água, pelas suas implicações socioespaciais, material e ideal, também tem levantado questionamentos quanto ao argumento da conservação/destruição de elementos da paisagem e a oposição entre patrimônio natural - patrimônio cultural, que, segundo Portal, Barraud e Davodeau (2013), refletem-se em conflitos de uso e de valores na escala regional.

Em um estudo realizado em Saragoça (Espanha) e Pau (França), Leichnig (2015) aponta para um forte potencial turístico das paisagens fluviais urbanas, ao valorizar a memória

³²Servain, Rivière-Honegger e Andrieu (2016) fazem uma análise dos espaços fluviais nos projetos urbanos a partir da iniciativa do governo francês denominada “Trama Verde e Azul” (*Trame Verte et Bleue – TVB*), que instituiu desde 2012 uma política de integração da biodiversidade nas decisões de governança do território, nas diferentes escalas. A partir da formação de uma rede de pesquisa, o intuito é identificar continuidades ecológicas terrestres (representada pelo “verde”) e aquáticas (representada pelo “azul”), contribuindo à conservação dos meios naturais, das espécies, das paisagens e à qualidade das águas, pela integração de corredores ecológicos e cursos de água e zonas úmidas. Disponível em: <<http://www.trameverteetbleue.fr/?language%3Den=fr>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

do passado industrial ou comercial das cidades e os remanescentes de ecossistemas de interesse faunístico e florístico, capazes de subsidiar novos itinerários urbanos, aliando cultura e natureza. No entanto, a dimensão turística ainda tem sido negligenciada pelos projetos urbanos nessa (re)integração da natureza e dos rios urbanos, sendo geralmente pensados para uso exclusivo dos habitantes (LEICHNIG, 2015).

São abordagens complexas e conflituosas que surgem nesse mosaico de diferentes interesses envolvidos, a exemplo do estudo de Le Floch (2014) no Rio Garona (*Garonne*, entre a Espanha e a França), evidenciando tensões entre antigas e novas relações com os espaços fluviais. A autora encontrou uma política de planejamento territorial que trata da intervenção nesses espaços, priorizando o atendimento das expectativas dos novos residentes. Essas novas políticas têm procurado valorizar a linearidade fluvial e suas margens imediatas, sob o discurso de religar as paisagens de água com a população, garantindo visibilidade e continuidade de acesso às margens. Porém, Le Floch (2014) aponta para a negligência para com os espaços ribeirinhos tradicionais e as expectativas da população tradicional, relegando-os às áreas inundáveis, em detrimento da valorização dos usos recreativos e paisagísticos.

Já em Portal, Barraud e Davodeau (2013), no Vale do Loire (França), as práticas turísticas surgem vinculadas às novas interpretações sobre o patrimônio portuário e industrial. Servain, Rivière-Honegger e Andrieu (2016) demonstram três casos de cidades francesas (Lyon, Nantes e Strasbourg) onde os espaços fluviais foram convertidos em espaços multifuncionais, abrigando atividades econômicas, de serviços, de residência, bem como instalações artísticas e culturais, áreas preservadas e espaços planejados para as práticas de lazer ao ar livre e de turismo, tornando-se espaços de apropriação tanto de residentes quanto de turistas.

Em Servain, Rivière-Honegger e Andrieu (2016) é possível verificar como esses projetos urbanos nos espaços fluviais refletem a força das políticas territoriais (no caso francês), incentivando a valorização da dimensão paisagística dos espaços de água e suas margens, aliado à preservação ecológica das zonas úmidas, aos usos das vias navegáveis, sob o aspecto da melhoria da qualidade de vida. Com isso, o desenvolvimento dos “lazers” ligados à água e nas proximidades (circuito de caminhada, para bicicletas, esportes diversos) e a diversificação das práticas do turismo nos espaços urbanos, associam esportes e natureza, passeios de barco, novas interpretações do patrimônio industrial e urbano, organização de eventos e atividades diversas, cujas “atividades de relaxamento (caminhada, contemplação, meditação, descanso) e atividades esportivas se encontram na beira da água, respondendo inegavelmente a um novo fenômeno de atração fluvial” (SERVAIN; RIVIÈRE-HONEGGER; ANDRIEU, 2016, p. 70).

Gravari-Barbas e Jacquot (2016a) também descrevem o desenvolvimento ou retomada das atividades esportivas e recreativas na água ou nas margens dos rios, canais e arroios (cruzeiros, canoagem, remo, caiaque, pesca, caminhada, bicicleta), a criação de atividades festivas e artísticas, a revalorização da memória e do patrimônio por meio da re-criação de certos locais e práticas. Com isso, as paisagens fluviais modificam-se intensamente, tornando-se cada vez mais urbanizadas. Em outros casos, no entanto, as transformações ligadas à industrialização e ao transporte fluvial deixaram poucos traços relacionados aos antigos usos sociais e apropriações, havendo fragilidade e precariedade das instalações voltadas à recreação, trazendo outros desafios patrimoniais (GRAVARI-BARBAS; JACQUOT, 2016a).

No caso do Brasil, o processo de ocupação do litoral marítimo remonta ao início da colonização do país, mas foi o alastramento da prática social do banho de mar no decorrer do século XX que impulsionou a ocupação massiva das cidades litorâneas ao longo de toda a costa brasileira. Isso gerou um padrão urbanístico encontrado ainda hoje pela linha costeira, de caráter extensivo, de manchas urbanas contínuas, geralmente estruturadas por uma via de acesso paralela ao mar, composto de bairros ou subúrbios de veraneio à beira-mar (Ex: bairro de Copacabana no Rio de Janeiro), ou bairros de segunda residência, destinados à utilização concentrada nos períodos de férias de verão e feriados (MACEDO; PELLEGRINO, 1999).

Quanto ao papel social dos rios, arroios, riachos, especialmente urbanos, tem sido foco de questionamentos mais atuais, por meio dos significados e valores atribuídos a essas paisagens pelas populações ao longo da história (BEZERRA; MELO, 2014; BONILHA, 2006; CARNEIRO; DUARTE; MARQUES, 2009; COSTA, 2006; GHILARDI; DUARTE, 2006; MELO, 2007; OSEKI; ESTEVAM, 2006; QUEIROZ, 1999). A maioria desses estudos demonstram espaços fragmentados e desconectados da interação com os sujeitos, tratados com descaso pelas administrações públicas e planejadores urbanos, sofrendo perda do valor paisagístico. Nesses, o Turismo e o Lazer aparecem timidamente como possibilidades de transformação e de valorização desses espaços.

No geral, esses estudos têm revelado processos de distanciamentos ou (re)aproximações entre sociedades e cursos de água, de renegociações e conflitos a partir de novas dinâmicas sociais que se estabelecem e sua evolução no tempo e no espaço, questionando as representações e valores paisagísticos em jogo, e, em alguns casos, inserindo a questão da apropriação e valorização turística. Diante desses processos de reconquista das frentes de água, de (re)valorização das zonas ribeirinhas pelos atores locais, comumente interagem questões associadas à preservação da natureza e as transformações dos espaços de “beira de água” pelas sociedades, numa relação entre a urbanização e os cursos de água.

Outros estudos em Turismo têm problematizado o aproveitamento das águas continentais do ponto de vista turístico, muitas vezes vistos como subutilizados, passando a ser valorizadas como um patrimônio e um importante ativo para as políticas de desenvolvimento territorial, voltadas para o interior dos continentes. González (2004) relata as ações de qualificação e diversificação da oferta de produtos turísticos de interior associadas às políticas de reabilitação ou restauração dos espaços hídricos na Península Ibérica, principalmente nos entornos das cidades, objetivando um modelo de planejamento e gestão sustentável e integral do Turismo, de forma a evitar os problemas ocorridos nas regiões costeiras tradicionalmente turísticas. O autor descreve a valorização desses espaços a partir da vinculação entre águas e espaços protegidos, compreendendo a importância do componente paisagístico relacionado às águas, e da tomada de consciência sobre a importância do patrimônio histórico-artístico da cultura da água no mediterrâneo, exaltando a tradição, as formas de vida, as manifestações festivas relacionadas à água, e, ainda, a presença de ruínas, monumentos, edificações (pontes, aquedutos, moinhos, canais, fontes, jardins, termas e balneários, outros), hoje foco de atração turística. Ainda González (2004), considera crescente a demanda turística pelos espaços fluviais, como as embarcações existentes em outras cidades e rios importantes da Europa (Reno, Elba, Ródano, Danúbio, etc), e também cascatas, piscinas naturais, rios, lagos, lagoas, represas e conjuntos hídricos como importantes atrativos do interior, especialmente no verão. O uso crescente dessas águas para esportes náuticos e aquáticos, pesca e eventos esportivos, associa modalidades de turismo de natureza, rural, de aventura e o turismo de saúde, impulsionado pelos centros de talassoterapia, *spas*, etc (GONZÁLEZ, 2004).

De um lado, ilustram-se as potencialidades de um turismo de interior em diferentes países, pautado no alto valor paisagístico dos entornos hídricos, de outro, expressam-se variados desafios nesse encontro:

Os desafios resultantes do encontro da água com o turismo são enormes. Se por um lado a água é cada vez mais um recurso escasso em uma escala global, por outro lado o turismo continua a crescer implacavelmente, trazendo em muitos casos importantes benefícios econômicos, mas também levando consigo impactos significativos nos recursos hídricos^{xxix} (BRITO-HENRIQUES; SARMENTO; LOUSADA, 2010, p. 29, tradução nossa).

As zonas úmidas, por sua vez, concebidas com má reputação pelas sociedades, entendidas como fontes de epidemias, locais de intensa vida animal e vegetal, insalubres, mostram-se espaços ignorados ou fortemente alterados, muitas vezes até destruídos. A construção dos novos olhares sobre os banhados/pântanos, turfeiras e manguezais, tem se dado somente a partir da expansão das sensibilidades ecológicas a partir dos anos 1970, revalorizando

suas funções hidroecológicas e os serviços ecossistêmicos associados; entre eles, não há muitas referências às questões recreativas e turísticas nesses espaços (CUBIZOLLE; SACCA, 2013). Para Sajaloli (1996), as zonas úmidas passaram a ser apreendidas pelas sociedades como locais de alta relevância ecológica somente nas últimas décadas, e, no que se refere à função turística e ao valor patrimonial, o autor aponta forte potencial nos lagos e estuários, mas pouco nas costas abertas, planícies inundáveis e banhados de água doce, sendo praticamente inexistentes nas turfeiras. Muitas vezes as terras alagáveis predominam em áreas de grandes latifúndios, a exemplo da região de Camargue (França), a qual teve um desenvolvimento motivado por meio de inovações técnicas, após enfrentar diversas crises (BETHEMONT; RIVIÈRE-HONEGGER; LE LAY, 2006).

Essa revisão teórica coloca em foco a existência de um interesse científico multidisciplinar entorno das percepções, representações e práticas sociais nas fronteiras de água urbanas, marítimas ou fluviais, por meio de um resgate geohistórico dos valores e significados para as sociedades. Contudo, a relação dos sujeitos com os lagos ainda se encontra à margem da apreciação científica na sociedade ocidental (VERNEX, 1998), encontrando-se a mesma situação para as lagunas, os banhados, os lagos artificiais e outras formas entendidas como zonas úmidas.

Brito-Henriques, Sarmiento e Lousada (2010) citam o caso do Lago Alqueva, no Alentejo, o maior lago artificial da Europa, onde os investimentos em turismo têm repercutido em transformações nas localidades que se encontravam em declínio econômico e demográfico nas últimas quatro décadas. Com o megaprojeto de construção de dez novas barragens no país, surgem novos desafios perante os impactos ambientais e alterações espaciais, bem como as oportunidades de incremento do turismo, deflagrando a necessidade de regulamentação e planejamento dos diferentes usos das águas (BRITO-HENRIQUES; SARMENTO; LOUSADA, 2010). Com isso, os autores apontam para novas oportunidades do setor turístico no interior de Portugal, pautado numa oferta fortemente relacionada à água, considerando a deterioração dos destinos turísticos costeiros. Já em Germaine, Viry e Menozzi (2016), a abordagem volta-se para dois lagos artificiais (de barragens hidrelétricas) na Normandia (França), interrogando as relações das sociedades com a natureza através dos espaços lacustres, pelas representações e práticas de lazer e da pesca associadas a cabanas instaladas nas margens, havendo também um direcionamento a uma política de Turismo.

No que concerne aos espaços lacustres, novos questionamentos (re)surgem quanto às formas de apropriação das margens e dos acessos aos litorais dos lagos alpinos (NIKOLLI, 2016; 2018; VERNEX, 1985; MORI *et al.*, 2007; MONTUELLE; CLEMENS, 2015). Um

debate contemporâneo que atravessa a questão dos diferentes corpos de água, confrontando-se com a legislação e as normativas vigentes em cada território, trazendo indícios de uma crescente reivindicação social e política em distintas escalas, onde as práticas recreativas, entre elas o Turismo, estão presentes.

Então, se as abordagens históricas do Turismo remetem à relação sociedade – água nos diferentes tempos e espaços, poderiam as práticas turísticas mediar essa mesma reflexão na atualidade? De que forma a interface entre a Geografia e o Turismo pode auxiliar no aprofundamento do olhar sobre os lagos, lagoas, banhados e outras zonas úmidas? Como os sujeitos apreendem essa relação com os espaços lacustres através do Turismo? Ou, ainda, como os espaços lacustres acompanham a evolução das práticas turísticas? Qual é o lugar das paisagens lacustres na vida das sociedades locais?

Essas formas de água, até então, figuram como objetos de pouco interesse científico para as ciências sociais, mas apontam um interesse social e econômico crescente. Uma revisão teórica sobre a perspectiva das paisagens lacustres será contemplada na terceira parte dessa investigação, ao interrogar o papel do Turismo e suas implicações socioespaciais nas proximidades dos litorais lacustres.

3ª PARTE – “ESSA PAISAGEM É DOMINADA PELA ÁGUA”: AS RELAÇÕES ENTRE A PAISAGEM GEOGRÁFICA, A PAISAGEM LACUSTRE E O TURISMO

3.1 A PAISAGEM NA GEOGRAFIA

O estudo da paisagem³³, do ponto de vista cultural, perpassa todas as ciências humanas e sociais, cada uma com sua perspectiva de análise (BERQUE, 1998). Na Geografia tem sido retomado como um tema de grande interesse após a década de 1970, sob diversas concepções teóricas (HOLZER, 2004). Essa investigação está baseada nas correntes contemporâneas da Geografia Cultural, Humanista e das Geografias Emocionais, na concepção de paisagem pelas abordagens geográficas fenomenológicas. Esses enfoques sustentam a presente iniciativa de interpretar as paisagens lacustre em suas múltiplas dimensões, compreendendo-as pelo caráter relacional dos sujeitos com o espaço geográfico, apreendida por meio das percepções/sensações, representações e práticas dos sujeitos e dos grupos sociais (BERQUE, 1990; 1995; 1998; 2009; TUAN, 1980; 2015). Essa investigação aborda a espacialidade e materialidade da paisagem, a partir das formas, funções e estruturas, principalmente turísticas, nas áreas estudadas, mas coloca em evidência as subjetividades dos sujeitos a partir das suas percepções, representações e práticas (turísticas e outras) no espaço e com o espaço.

Termo de caráter polissêmico, a referência à paisagem expressa-se nas artes desde a Antiguidade, porém adquire interesse científico na Modernidade (VERDUM, 2012). A paisagem frequentemente é confundida com natureza ou espaço, pois integra os saberes sobre a natureza e os saberes sobre o ser humano (MENESES, 2002). A Geografia concentrou-se, primeiramente, nas formas visíveis da paisagem e no emprego das tecnologias para sua transformação, e, posteriormente, reconhece-a como um texto cultural e suas múltiplas e simultâneas possibilidades de leituras (COSGROVE, 1998). A análise paisagística permite compreender, em parte, a complexidade do espaço geográfico em um determinado momento, ao considerar o aspecto concreto, a coisa real da relação de uma sociedade com o espaço e com

³³ Apesar da abordagem científica ao tema da paisagem perpassar diversas correntes teóricas, em diversos países, manifesta-se uma influência mais significativa nesta tese dos estudos brasileiros, franceses e espanhóis, no que tange à perspectiva fenomenológica da paisagem, bem como da literatura referente às paisagens de água e suas relações com o Turismo. Esses aportes são resultado da experiência de estágio de doutorado sanduíche realizado na França, entre março e outubro de 2017, bem como da inserção da pesquisadora junto ao Laboratório da Paisagem (Pagus) - UFRGS.

a natureza, e, ao mesmo tempo, a imaginação, a representação, as imagens, resultantes das percepções individuais, concebidas a partir de uma matriz cultural coletiva (VERDUM, 2012).

Nesse sentido, a paisagem é compreendida nesta tese de forma integrada, pelos seus componentes naturais e culturais que interagem, simultaneamente, em um dado tempo e espaço:

[...] uma visão integrada da paisagem que precisa dos componentes naturais e culturais conjuntamente, nunca separadamente. [...] uma área, tal como é percebida pelas pessoas, cujo caráter é o resultado da ação e interação de fatores naturais (como o relevo, a hidrologia, a flora e a fauna) e/ou humanos (como atividades econômicas ou patrimônio histórico). Ao mesmo tempo, a paisagem é concebida como uma realidade física e de acordo com a representação que fazemos dela. É a fisionomia de um território com todos os seus elementos naturais e antrópicos, bem como os sentimentos e emoções que são despertados ao contemplá-los. A paisagem é concebida [...] como um produto social, a projeção cultural de uma sociedade em um espaço determinado a partir de uma dimensão material, espiritual e simbólica^{xxx} (NOGUÉ; SALA; GRAU, 2016, p. 15, tradução nossa).

A ideia de paisagem sob o ponto de vista cultural tem como um de seus precursores Sauer (1998, p. 22), compreendendo-a como a tarefa científica da Geografia, definida como “[...] uma área composta por uma associação distinta de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais.” (SAUER, 1998, p. 23). Esse autor considera que a observação das cenas individuais permite o reconhecimento da forma, estrutura, função e posição no sistema geral, que, inter-relacionados, oferecem identidade à paisagem, constituindo-se em um todo em constante transformação. Os conteúdos e significados paisagísticos dizem respeito à seleção e apropriação das qualidades físicas da Terra pelos sujeitos: “[...] porque nós somos parte dela, vivemos com ela, somos limitados por ela e a modificamos” (SAUER, 1998, p. 29).

Segundo Cosgrove (1998), a paisagem traduz as intencionalidades humanas, sendo composta de muitas camadas de significados, assumindo um caráter de mediação da relação entre os seres humanos e seu ambiente: “A paisagem, de fato, é uma ‘maneira de ver’, uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma ‘cena’, em uma unidade visual” (COSGROVE, 1998, p. 98).

Berque (2009, p. 60) defende que, para que uma cultura seja considerada paisagista, alguns dos seis critérios precisam existir naquela sociedade: i) uma literatura oral ou escrita, exaltando a beleza dos locais, incluindo também a toponímia; ii) os jardins ornamentais; iii) uma arquitetura projetada para a apreciação de uma bela vista; iv) pinturas representando o meio (*entorno*); v) uma ou mais palavras para referir à “paisagem”; e vi) uma reflexão explícita sobre “a paisagem”. Dessa forma, na Europa Ocidental, a paisagem passa a existir a partir do Renascimento, concomitantemente ao desenvolvimento das cidades, consolidando-se como um olhar, uma representação pictórica, transformando o território (*pays* em francês) em cena

poética.

Essa paisagem pode ser apreendida, simultaneamente, como uma marca-matriz (do original em francês, *empreinte - matrice*) para Berque (1998), ao valorizar a abordagem histórica da relação do sujeito coletivo com o seu meio, dando sentido a sua relação com o mundo:

A paisagem é uma *marca*, pois expressa uma civilização, mas é também uma *matriz* porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação – ou seja, da cultura – que canalizam, em um certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza e, portanto, a paisagem do seu ecúmeno. E assim, sucessivamente, por infinitos laços de co-determinação (BERQUE, 1998, p. 84-85).

Isso significa que a sociedade percebe o seu meio através das marcas que resultam da sua intervenção no espaço, e, reciprocamente, as suas formas de apropriação revelam matrizes, os esquemas de percepção e interpretação dos sujeitos sobre o seu meio (BERQUE, 1990). Também Dollfus (1998) defende a paisagem como expressões próprias de uma sociedade ao longo da história, sendo a cultura um filtro transformador em duplo sentido: a sociedade organiza, transforma e escolhe seu meio ambiente, e, por outro lado, a cultura permite a interpretação do espaço, articulando o físico e o imaginário.

A paisagem geográfica pressupõe uma dimensão concreta, física, das formas visíveis do mundo, as quais expressam o sentido da relação da sociedade com o espaço e com a natureza, ou seja, a materialidade passível à objetivação analítica; e, simultaneamente, ela existe em sua integração com o sujeito como “[...] um conjunto unitário, que se autoproduz e se auto-reproduz [...]” (BERQUE, 1998, p. 86). Ela integra um mundo material simultâneo a um mundo sensível, conforme Dardel (1952), para quem a realidade geográfica é apreendida pela experiência humana, individual ou coletiva, atribuindo-lhe um sentido do vivido, preche de conteúdos simbólicos, afetividades e sensibilidades.

Assim, a paisagem pode ser descrita pelas suas formas, funções e estruturas, mas a sua abordagem geográfico-fenomenológica busca uma explicação mais profunda da relação dos sujeitos com o mundo. Essa mudança de perspectiva reflete a crítica à descrição paisagística baseada no racionalismo científico, inaugurada por Sauer e Dardel, os quais sugerem a busca pelos significados e qualidades estéticas e sensíveis da paisagem pelas subjetividades, numa forma de (re)conciliação do homem com o movimento do mundo (BESSE, 2011).

Mais contemporaneamente, Augustin Berque traz reflexões sobre as duas vertentes da paisagem, em constante interação:

[...] uma que concerne às substâncias materiais e visíveis e outra que diz respeito às relações imateriais e invisíveis [...] a paisagem possui ao mesmo tempo uma existência física, que em si não supõe necessariamente a existência humana, e uma presença no espírito humano, que necessariamente supõe uma história e uma cultura.^{xxxii} (BERQUE, 2009, p. 84, tradução nossa).

Nesse sentido, a paisagem é interpretada pelas diferentes formas de relação medial entre sujeitos e mundo, envolvendo tendência objetiva, percepções/sensações, significações (BERQUE, 1990). Ela vai além da apreensão pela percepção, visual e individual do meio, passando a envolver todos os sentidos e o caráter coletivo dessa relação:

De fato, o que está em causa não é somente a visão, mas todos os sentidos; não somente a percepção, mas todos os modos de relação do indivíduo com o mundo; enfim, não é somente o indivíduo, mas tudo aquilo pelo qual a sociedade o condiciona e o supera, isto é, ela situa os indivíduos no seio de uma cultura, dando com isso um sentido à sua relação com o mundo (sentido que, naturalmente, nunca é exatamente o mesmo para cada indivíduo) (BERQUE, 1998, p. 87).

Dessa forma, a noção de paisagem aqui mobilizada aproxima-se da definição de Berque (1990, p. 48, tradução nossa): “a dimensão sensível e simbólica do meio; expressão de uma mediância”^{xxxiii} em uma determinada escala do tempo e do espaço.

Essa concepção corresponde aos intuítos dessa investigação, na medida em que prevê uma transposição nas dualidades clássicas entre sujeito e objeto, objetividade das coisas e subjetividade humana, físico e simbólico, material e imaterial, natureza e sociedade, etc. Sob o ponto de vista da mediância³⁴, Berque (1990, p. 48) reconhece a paisagem como um processo trajetivo^{xxxiii35}, um fenômeno relacional, social e íntimo, dirigido por cada indivíduo e cada sociedade de formas distintas, para dar um sentido unitário ao seu meio: “A mediância revela ambos, o físico e o fenomenal, o ecológico e o simbólico, o factual e o sensível. É o significado de um meio; significado que é simultaneamente significação, percepção, sensação, orientação e tendência efetiva desse meio como uma relação”^{xxxiv} (BERQUE, 1995, p. 36, tradução nossa).

A integração sujeito e objeto no mundo geográfico já era defendida por Dardel (1952, p. 30), para quem a paisagem é “[...] um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma ‘impressão’, que une todos os elementos [geográficos]”. Então, a paisagem

³⁴ Mediância (*médiance*) é o conceito fundamental nas obras de Berque (1990, 1995), criado pelo autor como um neologismo da palavra japonesa *fûdosei*, do filósofo Watsuji Tetsurô, que se refere ao momento estrutural da existência humana, derivado de *fûdo*, um conjunto de características físicas e sociais de determinado espaço.

³⁵ Processo trajetivo (*trajection, trajectif*): “combinação medial e histórica do subjetivo e do objetivo, do físico e do fenomenal, do ecológico e do simbólico, que produz uma mediância” (BERQUE, 1990, p. 48, tradução nossa).

assume uma “tonalidade afetiva” pela relação existencial dos sujeitos com o mundo vivido, no tempo e na história:

A paisagem se unifica em torno de uma tonalidade afetiva dominante [...] Ela coloca em questão a totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a Terra, ou, se preferirmos, sua geograficidade original: a Terra como lugar, base e meio de sua realização (DARDEL, 1952, p. 31).

Na concepção de Dardel, compreender a paisagem é “[...] ‘ser-na-paisagem’, está no ‘ser’, é ser atravessado por ela [...] esse ser invadido por sua cor fundamental que compõe dinâmica e ritmo de sua existência.” (BESSE, 2011, p. 119). Então, a geograficidade se revela pela paisagem, pois “[...] é através da paisagem que o homem toma consciência do fato de que *habita* a Terra.” (BESSE, 2011, p. 119). E para explicitar sua contraposição à objetivação científica do mundo físico, Dardel traz o exemplo do movimento da água, em que convergem aspectos visíveis e as sensibilidades despertadas na experiência vivida:

Talvez seja frente ao espaço das águas que se mostra melhor a insuficiência de uma atitude puramente intelectual, de um saber que, instrumentado pela razão, reifica complacentemente os fenômenos. [...] O movimento das vagas, que para a ciência é uma oscilação sem deslocamento material, age sobre nossa visão como um deslocamento real. Quem tem a razão aqui, a ciência que tende a reduzir o mundo a um mecanismo ou a experiência vivida que se apropria do mundo exterior ao nível do fenômeno? E como rejeitar, sem mais restrições, como falsas aparências essas que surgem ao nosso encontro, nesses confins do espaço úmido e do espaço aéreo onde dançam ligeiramente os reflexos, as sombras, os vapores, as brumas despertando nossa sensibilidade ao fantástico do mundo? (DARDEL, 1952, p. 23).

Cosgrove argumenta que a Geografia tem refletido pouco sobre os significados das paisagens, uma vez que “todas as paisagens possuem significados simbólicos porque são o produto da apropriação e transformação do meio ambiente pelo homem.” (COSGROVE, 1998, p. 108). O autor sugere a aplicação de habilidades interpretativas na representação da paisagem, seja na pintura, na poesia, na literatura, no teatro ou no cinema, capazes de expressar as conexões entre os sentimentos e emoções humanas e os ritmos da natureza. A leitura dos símbolos e significados das paisagens para uma determinada cultura, mesmo que pouco aparentes, reflete um conjunto de valores dominantes, traduzidos em normas culturais que estabelecem regras de conduta e códigos que influenciam os comportamentos por toda uma sociedade.

Nesse sentido é que se pretende uma leitura das paisagens³⁶ relacionadas à água na

³⁶ A escolha aqui é pela abordagem no plural, as paisagens, tratando de valorizar as múltiplas dimensões, sentidos, significados, valores, emoções que lhes são atribuídos pelos sujeitos.

contemporaneidade, na forma de paisagens lacustres. A água por si só, conforme Dardel (1952), é um “espaço portador” de muitos sentidos, significados, valores, emoções, que se movimentam entre sensações de repulsão e fascinação:

Com mais frequência o espaço em movimento das águas se apresenta como um espaço portador. Ele é cruzado sobre a piroga ou no vaso de guerra; ele une os povos e os continentes. [...] Por sua mobilidade, pelo salto soletrado da corrente ou pelo movimento ritmado das vagas, as águas exercem sobre o homem uma atração que chega à fascinação. Há uma palavra que encanta, uma substância que atrai. Palavra discreta ou turbulenta, acariciante ou ameaçadora, que dá ao rio ou ao mar uma personalidade (DARDEL, 1952, p. 21).

Então, a força de atração exercida pela água nos sujeitos contemporâneos pode ser revelada pela leitura da paisagem geográfica? É possível decodificar os sentidos e significados dessas paisagens por meio das experiências e apropriações geradas pelo fenômeno turístico?

A Geografia leva às reflexões dos conteúdos do sentimento topofílico³⁷ relacionado aos lugares e às paisagens, a partir da conjugação entre formas físicas e sentimentos humanos (TUAN, 1980). Centradas em ambos esses conceitos, as Geografias Humanista e Cultural trouxeram reflexões a partir da década de 1970, valorizando as subjetividades na percepção e vivência do espaço, agora retomadas na contemporaneidade pelas Geografias Emocionais (NOGUÉ, 2015). Esse ressurgir das Geografias Emocionais é justificado pela mudança de paradigmas nas esferas cultural, social e ética, em que se questionam as estruturas materiais e ideológicas clássicas, o sistema de produção e consumo hegemônicos. Diante de um contexto sociocultural e temporal de internacionalização e globalização, valorizam-se as “[...] topografias da vida cotidiana [...] impregnadas de emoção e sentimento [...]”^{xxxv} (NOGUÉ, 2015, p. 141, tradução nossa). A dimensão pública, social e espacial da emoção traz uma (re)valorização do papel dos lugares e das paisagens, na conexão entre o particular e o geral:

Experimentamos emoções específicas em diferentes contextos geográficos e vivemos emocionalmente as paisagens porque estas não são apenas materiais tangíveis, mas também construções sociais e culturais impregnadas de um denso conteúdo intangível, muitas vezes, apenas acessível através do universo das emoções^{xxxvi} (NOGUÉ, 2015, p. 141, tradução nossa).

Tuan (2015) também defende uma reaproximação dos conceitos de lugar e paisagem, a partir de uma Geografia contemporânea romântica, imaginativa, transcendental, na interpretação do espaço geográfico. Para o autor, as questões éticas e estéticas nas formas dos

³⁷ Topofilia é o termo central da obra de Tuan (1980, p. 107), um neologismo para definir em sentido amplo, “todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material”, cuja apreciação e sensações variam em intensidade, sutileza e modo de expressão.

sujeitos e grupos sociais se relacionarem com o mundo, quando mediadas pela experiência da paisagem sublime³⁸, podem levar à descoberta do significado mais profundo da vida humana - o sentido de lugar:

A Terra como um planeta provoca admiração, levando a um tom de escrita expositiva que não é utilitária, mas elevada e romântica. A mesma tendência se aplica às grandes subdivisões naturais da Terra que resistem a ser habitadas pelo ser humano, como as montanhas, oceanos, florestas, desertos e plataformas de gelo. Ao não ser habitáveis, ou facilmente habitáveis, liberam a mente humana da angústia de pensar como buscar ali o sustento, de maneira que possa dedicar-se, ao contrário, à satisfazer sua inclinação mais lúdica e intelectual. Entornos que são muitas vezes considerados atrativos e repelentes também podem levantar questões estéticas e morais^{xxxvii} (TUAN, 2015, p. 50, tradução nossa)

Assim, é a experiência polisensorial da paisagem que ganha ênfase, concretizada numa espacialidade das interações emocionais entre os sujeitos e os lugares:

[...] A paisagem está adquirindo cada vez mais um papel de primeira ordem, por múltiplas e variadas razões, entre elas pelo fato de atuar como carregador e transmissor de emoções. No entanto, não há emoção possível se não existe, previamente, imersão, sedução, contemplação. Contemplar não é apenas olhar. É olhar com atenção, mas não de maneira forçada ou obrigada, mas relaxada, descontraída, embora não menos atenta. E mais do que isso: a contemplação vai além do visual para entrar no polisensorial. Os estímulos que nos chegam através da audição, paladar, olfato, tato, convertem a contemplação em uma experiência multidimensional que contém, também, componentes estéticos, intelectuais, emocionais, entre muitos outros^{xxxviii} (NOGUÉ, 2015, p. 144, tradução nossa).

Ou também denominadas “paisagens afetivas”, em Luna e Valverde (2015), expressando o pensamento contemporâneo de valorização da subjetividade, em que as emoções mediam novas relações entre sujeitos-mundo, e que se estabelece em um duplo sentido:

[...] projetamos emoções na paisagem e, ao mesmo tempo, as paisagens têm a capacidade de nos comover, de despertar em nós respostas eminentemente emocionais. Então, muitas vezes, de forma aparentemente irracional, nos deixamos invadir por emoções ao observar ou pensar em uma paisagem, seja ela real ou imaginária, tanto na observação de campo como em suas representações na pintura, na literatura, na fotografia ou no cinema. O cânone da representação da paisagem geralmente está associada a uma determinada emoção a estes espaços: ou em sua descrição literária em sua representação visual, a paisagem tem atribuições culturais ligadas a determinadas emoções. A praia, o mar, a floresta, o deserto ou a selva são palavras que nos evocam determinadas imagens, e ao mesmo tempo determinadas emoções^{xxxix} (LUNA; VALVERDE, 2015, p. 6, tradução nossa).

³⁸ Segundo Tuan (2015), a noção de sublime retoma o século XVIII, numa busca do poder inerente das paisagens hostis na vida humana (ex: aventuras polares), representando valores polarizados distintos em cada cultura, que exaltam o belo, o prazer, os aspectos da razão científica, mas também o caótico, o feio, o medo, a imaginação, a aventura extrema, afrontando sua compreensão imediata e instigando as motivações pessoais que fazem o ser humano sentir-se vivo.

A palavra emoção, cuja origem no verbo latino *emovere*, composto de *e*, de fora, e *movere*, mover-se, trasladar-se, está etimologicamente relacionada a traslado, viagem, transferência de um lugar a outro (NOGUÉ, 2015). Com isso, delinea-se uma associação entre a (re)valorização das paisagens pelo viés das emoções e sua experiência pelas mobilidades e práticas turísticas, pautadas na alteridade e nas diferentes formas de re-criação. Talvez nessa interação entre paisagens emocionais e Turismo, possibilidades possam surgir no “[...] descobrir os novos lugares e as novas paisagens surgidas em um espaço flutuante e de um permanente transitar entre configurações espaço-temporais diferentes”^{xl} (NOGUÉ, 2015, p. 146, tradução nossa).

Nas aproximações dos temas da paisagem e do patrimônio, outro problema de pesquisa tem ganhado amplitude - a valoração do patrimônio paisagístico - no sentido de expandir sua redução à dimensão visual, geralmente avaliada por critérios artísticos e estéticos. Nesses estudos, a paisagem surge como “palimpsesto”, ou seja, um “único texto” em que se integram testemunhos de todas as épocas, entrelaçando-se com o presente como uma “obra aberta” em contínua transformação, colocando em pauta tanto:

[...] o patrimônio herdado, como das novas realizações, em um marco histórico caracterizado por processos de unificação e homologação cultural que merece certa atenção, tendo em conta o descobrimento e a valorização das especificidades, diversidades e identidades^{xli} (SCAZZOSI, 2006, p. 271, tradução nossa).

A atribuição de valores ao patrimônio é tema polêmico, tendo em vista os diversos interesses e critérios em jogo, que se multiplicam ao tratar-se da paisagem. Scazzosi (2006) apresenta algumas experiências de interpretação e valoração paisagística em diferentes países, geralmente relacionados a instrumentos operativos das políticas de proteção e gestão da paisagem. A base da proposta de Scazzosi (2006, p. 300) não está na hierarquização ou graduação de valores como uma operação estática, mas um processo dinâmico que atente para a multiplicidade de “valores e desvalores” da cultura contemporânea, sob as condições do momento e do contexto, local e geral. A ênfase é dada à busca do conhecimento aprofundado sobre o território em seu conjunto, considerando suas mudanças no tempo, como fundamento à política paisagística e à comunicação dos valores em todas as escalas. Essas experiências, segundo a autora, têm demonstrado uma tendência à superação da interpretação visual e estética das características da paisagem, por uma outra mais complexa, procurando compreender suas dimensões funcionais, simbólicas, arquitetônicas, culturais, bem como os problemas, potenciais e tendências.

No entanto, para as paisagens, não se pode definir categorias de interpretação ou

valoração “unívocas, definitivas e universalmente válidas” (SCAZZOSI, 2006, p. 299), mas um procedimento em constante atualização. Diante disso, a metodologia abordada nessa investigação oferece interpretações episódicas e parciais dos sistemas socioespaciais e funcionais em uma determinada paisagem e recorte temporal, valorizando as subjetividades no conhecimento do território, no reconhecimento dos seus elementos e suas potencialidades, sob múltiplos pontos de vista.

Nogué, Sala e Grau (2016) propõe uma identificação dos valores da paisagem atribuídos pelos sujeitos a partir de uma ampla classificação que dê conta das múltiplas dimensões e da diversidade paisagística da Catalunha (Espanha). Para os autores, a importância dessa identificação está no conhecimento dos valores atribuídos às paisagens, que passam a ser considerados na tomada de decisão sobre a qualidade paisagística. O papel dos sujeitos é fundamental nesse processo, permitindo capturar os valores a partir das percepções sensoriais e emocionais dos participantes. Nogué, Sala e Grau (2016, p. 62-64) distinguem seis tipos de valores da paisagem e suas respectivas dimensões, resumidos a seguir:

- a) naturais: refere-se aos elementos ou fatores que determinam a qualidade do ambiente, como espaços de especial interesse ecológico e natural (critérios de singularidade, representatividade natural, etc) e áreas legalmente reconhecidas por critérios naturais (ex: áreas protegidas). A dimensão natural da paisagem transmite a informação sobre os usos e a motivação das comunidades em transformá-la e significá-la no tempo;
- b) estéticos: paisagens que transmitem o sentimento do belo, cuja apreciação cultural e significação atravessam os tempos; fazem referência à realidade física tangível da paisagem, mas também expressados nas artes (pintura, literatura, música, fotografia); aquelas percebidas como visualmente atrativas e agradáveis, seja pela sua composição, diversidade de estruturas, texturas e cores, seja pela harmonia do conjunto. Geralmente são paisagens associadas a modelos e padrões sociais ao longo da história. Os valores estéticos contribuem para a tomada de consciência da sociedade quanto às necessidades de sua proteção e conservação. A dimensão estética das paisagens é definida em três categorias: elementos configurativos (aqueles que têm papel significativo na composição visual – ex: água), padrões (combinação de elementos identificada como repetitiva no território – ex: rios e vales) e singularidade (peculiaridades que tornam a paisagem única, não repetida na área – ex: paisagens de panorâmica aberta, imagem de planícies);
- c) históricos: capacidade de narrativa da paisagem, de transmitir informações sobre

as atividades empreendidas pelas populações na sua transformação, reveladas como marcas humanas na paisagem ao longo da história (ex: construções seculares, sistemas de irrigação, centros históricos, usos históricos da terra); também podem incluir cenas históricas de relevância social, econômica ou política; ou, ainda, associada à atividade ou à vida de sujeitos ou comunidades importantes no desenvolvimento histórico de uma nação. A dimensão histórica da paisagem pode revelar as facetas do interesse histórico esquecidas na leitura da paisagem, mas também elementos, áreas e grupos considerados de valor paisagístico para a perspectiva histórica. Os valores históricos da paisagem precisam ser considerados numa perspectiva dinâmica dos significados nos tempos, para que sejam experienciados no hoje ou no futuro;

- d) de uso social: valores que se relacionam ao uso individual ou coletivo da paisagem, percebidos como um ativo social por razões de prazer, lazer, relaxamento, observação, esporte ou atividades terapêuticas, ou de uma importância científica fundamental para o conhecimento, locais de relevância para o avanço da ciência, pelos valores educacionais, em que fatores e técnicas podem ser observados, determinando sua estrutura ou composição (paisagens de água, industriais, agrícolas);
- e) simbólicos: paisagens que têm relevância simbólica para as pessoas que lá vivem ou estabeleceram relações de pertencimento ou expressão de identificação. Elas geralmente se expressam em fatores naturais (rios, áreas úmidas, montanhas), locais geoestratégicos (portos, baías, faróis), fatores culturais (mosaicos florestais, castelos, construções estratégicas), elementos relativos à mitologia, ligados a lendas, ritos, costumes. Esses valores também residem em paisagens de importância histórica e representações artísticas contemporâneas (pintura, literatura, música, cartões postais, litografia, etc), que respondem a uma concepção social determinada e influenciam a imaginação coletiva. Valores encontrados também em paisagens de valor religioso e espiritual (calvários, caminhos, etc). A paisagem como símbolo de significados pelos quais uma comunidade se reconhece ou se identifica, emergindo certas respostas emotivas. São valores associados as tradições de viver, eventos, comemorações, ideias, práticas e crenças, que despertam um sentimento de pertencimento sob os quais certos grupos se identificam pela paisagem;
- f) produtivos: paisagens que fornecem benefícios econômicos, convertendo seus

elementos em recursos, sob parâmetros de sustentabilidade em todos os momentos; o Turismo pode ser associado a esses valores, mas não se tornar o único recurso econômico, sendo preferível unidades de dinâmica multifuncional, mas que mudam no tempo garantindo a sua produtividade. Pode incluir paisagens tipo ecológica, sistemas agrários, manejo florestal, pastagens, indústrias, processos de extração (mineração, salinas) associadas às redes de transportes e comunicação, centros econômicos, etc. A gestão adequada desses valores garante a multifuncionalidade do território, a renovação do recurso e a geração de novas funcionalidades ao longo dos tempos.

As abordagens dessa investigação aproximam-se da proposta de Nogué, Sala e Grau (2016), ao utilizar metodologias qualitativas que permitissem reunir um conhecimento subjetivo sobre a paisagem, obtido diretamente no contato com os sujeitos. A partir disso, a ferramenta de identificação dos valores da paisagem aqui apresentada serviu de inspiração à reflexão sobre a diversidade paisagística na área estudada e suas conexões com as práticas do Turismo e outros usos.

3.2 A PAISAGEM GEOGRÁFICA E O TURISMO

A paisagem expressa-se como um tema de relevância nos estudos que relacionam Geografia e Turismo, sendo retratada, principalmente, como um recurso ou matéria-prima para o fenômeno turístico (DEVANNE; FORTIN, 2011; RODRIGUES, 1999; PIRES, 1999; 2011; XAVIER, 2007).

Devanne e Fortin (2011) refletem sobre as diferentes noções de paisagem mobilizadas nas investigações sobre o Turismo, posicionando três formas de abordagem:

- a) a paisagem como um recurso, pois é, simultaneamente, uma atração para os turistas, e suporte para a promoção do destino turístico;
- b) a paisagem como um processo de mediação sociocultural, em que suas formas visíveis estimulam a experiência sensível e reflexiva dos turistas em um local determinado; e
- c) a paisagem participa das dimensões cognitivas e afetivas da representação dos turistas, influenciando a forma como conhecem e apreciam o local visitado.

Por essas razões, a paisagem geralmente é fundamento para a construção da imagem

do destino, reveladora de sua atratividade, elemento estratégico para o Turismo (DEVANNE; FORTIN, 2011).

A ideia de recurso para o Turismo fundamenta-se na paisagem enquanto percepção visual do novo e do diferente, traduzida no movimento do turista de um local para outro, no desejo de ruptura com o cotidiano, e, assim, engloba duas questões: “[...] A paisagem é um elemento substancial do fenômeno turístico e um recurso de grande valor para o desenvolvimento e consolidação da oferta turística”^{xlii} (PIRES, 2011, p. 524, tradução nossa). Nisso, a importância da diferenciação dos locais para o Turismo “[...] quanto mais exótica for a paisagem, mais atrativa será para o turista.” (RODRIGUES, 1999, p. 48).

A paisagem também é entendida como um bem cultural apropriado pelo Turismo (PIRES, 1999; CASTRO, 2002), impregnada de valor simbólico e estético de uma sociedade, justificando a experiência vivida numa “outra” paisagem ou na paisagem “do outro”:

As culturas e o modo como elas criaram paisagens diferentes despertam o desejo do conhecimento, da experiência vivida. As pessoas e coisas, vistas como elementos teatrais de um cenário, sugerem expectativas reais de encontros e trocas – nós como atores, espectadores e diretores. [...] a paisagem (isto é, o tipo de entrada mentalizado pelo turista) nada mais é do que a perspectiva de nos colocarmos numa outra configuração geográfica, cheia de história, costumes e outras coisas que queremos experimentar. Como paisagem, pouco pode interessar o deslocamento para o igual: é preciso que pelo menos seu aceno seja outro (YÁZIGI, 2002, p. 23-24).

Xavier (2007) destaca a paisagem como matéria-prima, suporte físico para o Turismo, sendo capaz de construir ou modificar os espaços, a partir da atribuição de valores diversos, sendo nela que “[...] os participantes do turismo se deslocam, valorizam seus produtos, modificam seus componentes e atribuem-lhes valores econômicos, sociais, afetivos ou simbólicos” (XAVIER, 2007, p. 36). A intervenção turística no espaço é reflexo das atitudes e condutas dos sujeitos com seu meio, através dos fundamentos cognitivos, afetivos e simbólicos que emergem da relação, tanto dos turistas quanto dos residentes, com os lugares (XAVIER, 2007).

O Turismo, muitas vezes, teve suas complexidades reduzidas à noção de atividade inserida no capitalismo, sendo condicionado à ideia de “devorador de paisagens” (KRIPPENDORF, 1977), desarticulador das suas formas e funções sociais, ou, ainda, da paisagem transformada em mercadoria (imagens, souvenirs, marcas) (MENESES, 2002), participando fortemente da produção de locais de consumo e do consumo dos locais. Castrogiovanni (2004) defende uma relativização dessa abordagem, uma vez que o Turismo “[...] produz e consome paisagens, redimensiona territórios, (re)Lugar(iza) os Lugares [...]”

(CASTROGIOVANNI, 2004, p. 43). Luchiari (2000) concorda que o Turismo participa da transformação histórica dos lugares, mas em conexão com o mundo e com as novas composições da sociedade contemporânea, refletindo-se em novas formas de valorização das paisagens na interação entre o Lazer e o Turismo:

A mediação entre o global e o local, empreendida pelo turismo, possibilita tomarmos o lugar e o mundo em sua unidade. Permite também trazeremos à luz novas formas de sociabilidade, articuladas em função do processo contemporâneo de revalorização das paisagens para o lazer. Esse movimento, ao invés de contrapor o tradicional ao moderno, o lugar ao mundo, o natural ao artificial, impulsiona a reestruturação das relações do lugar com o mundo e a formação de organizações socioespaciais cada vez mais híbridas, cujas formas e lógicas antigas associadas às novas originam uma outra composição (LUCHIARI, 2000, p. 121).

A construção social da paisagem pelo Turismo é retomada por Castro (2002), retratando sua vinculação com o imaginário social, demonstrando que vai muito além da lógica de consumo, do uso das imagens na promoção dos destinos turísticos. Argumenta a pertinência do conteúdo simbólico do qual estão revestidas as paisagens, de um imaginário social estabelecido e construído durante gerações, que se articula às experiências individuais da paisagem (CASTRO, 2002).

Cada vez mais a abordagem geográfica do Turismo tem considerado não apenas a paisagem enquanto imagem, pautada no seu aspecto visível, da construção da atratividade e da promoção do destino turístico (MESPLIER; BLOC-DURAFFOUR, 2000). Mas uma análise mais ampla sobre as diferentes formas dos sujeitos se relacionarem nos e com os locais através da paisagem, em especial, pela retomada do papel do turista na escolha das práticas e destinos:

[...] a importância da questão da construção do olhar de uma sociedade sobre as paisagens, que deve ser abordada sem negligenciar a capacidade das futuras gerações para avaliar diferentemente o valor dos locais. Em seguida, ao invés de se concentrar na atração dos locais - como nas análises clássicas - convém considerar o problema da frequência em termos da escolha feita pelos turistas, com base em informações que estão evoluindo sensivelmente de acordo com os períodos considerados. A maneira como os homens habitam os locais depende da relação que estabelecem com eles e da forma como são escolhidos: ao contrário dos lugares de nascimento, e muitos lugares de vida, os espaços turísticos são escolhidos pelos indivíduos com maior margem de manobra e autonomia^{xliii} (KNAFOU; STOCK, 2003, p. 933, tradução nossa).

Os enfoques metodológicos dos estudos da paisagem no Turismo ultrapassam as fronteiras disciplinares, revelando diferentes pontos de vista dos sujeitos envolvidos no processo de produção dos locais turísticos. Muitos estudos trataram da diferenciação na percepção paisagística entre as populações fixas (residentes) e flutuantes (turistas), procurando

valorizar o ponto de vista da escala do local e do cotidiano, das atitudes e valores dos sujeitos-residentes diante das políticas de valorização do espaço (CASTRO, 2002; MENESES, 2002; YÁZIGI, 2002; RODRIGUES, 1999). Hoje, diante das complexas dinâmicas de mobilidades humanas, a questão ganha novas nuances nas composições heterogêneas de sujeitos e práticas que coabitam no mesmo espaço.

Pires (2011) pontua o desafio de lidar com aspectos de natureza subjetiva na experiência turística ao interrogar a dimensão visual-estética da atração exercida pela paisagem, nas questões de qualidade, fragilidade e impactos visuais no espaço turístico. Esse desafio amplia-se diante da tentativa de abordar a paisagem pela multiplicidade de valores, significados e conteúdos mobilizados na relação dos sujeitos com os locais, mediados pela questão do Turismo.

Diante dessas múltiplas abordagens de análise da paisagem, ficam evidenciadas suas inúmeras possibilidades e contribuições ao planejamento e a gestão do Turismo (YÁZIGI, 2002; XAVIER, 2007; PIRES, 2011). Os estudos da paisagem podem mediar uma avaliação do potencial turístico de áreas, destinos e atrativos, questionando as percepções e preferências dos diferentes sujeitos que interagem com as paisagens, permitindo assim, uma base de informação mais qualificada para a tomada de decisão na gestão do destino (PIRES, 2011). Mas, tomando a paisagem como uma mediação sociocultural dos sujeitos com o espaço geográfico, de que forma essa abordagem pode contribuir com a reflexão sobre o Turismo? E de que forma o Turismo pode contribuir com as reflexões sobre a paisagem na Geografia? Talvez a experiência sensível nos locais turísticos possa interrogar muito além do “olhar a paisagem”, mas também as formas de habitar o espaço e de fazer com o espaço, a partir das práticas e dinâmicas dos sujeitos do Turismo, e da integração das percepções, representações e sensações que emergem dessa relação intrínseca entre sujeito e objeto na paisagem.

Concorda-se com Meneses (2002) que as interfaces entre a paisagem e o Turismo demonstram um “[...] enorme e inegável potencial de fecundação mútua e enriquecimento da vida humana” (MENESES, 2002, p. 61), que podem se combinar de distintas formas pela abordagem geográfica do fenômeno turístico.

3.3 AS PERCEPÇÕES, REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS DO TURISMO NAS PAISAGENS DE ÁGUA

Essa investigação pretende analisar a dimensão paisagística da água sob o prisma do Turismo, ao interrogar as relações das sociedades com os corpos hídricos, escolhendo como recorte espacial um corpo lagunar – a Laguna dos Patos, Rio Grande do Sul, Brasil. Para isso, tratou-se de construir um aporte histórico-geográfico sobre as percepções, representações e práticas dos sujeitos relacionados às paisagens de lagos, lagoas, rios e canais, em diferentes recortes geográficos do mundo, especialmente naquelas onde a função turística é presente. A partir dessa etapa, a abordagem volta-se para a dimensão paisagística e turística da água no que se considerou tratar como paisagens de água, e, em seguida, com o recorte específico das paisagens lacustres.

Na Geografia de Dardel (1952), o “mundo aquático” mostra-se dominante sobre o espaço geográfico, sendo a maior parte da superfície da Terra ocupada pelos mares e águas continentais (lacustres, fluviais, subterrâneas). A aridez, o deserto, a falta de água, oferecem ao espaço “algo de incompleto, de anormal” (DARDEL, 1952, p. 19), pois os sujeitos estabeleceram seus *hábitats* ao longo dos vales e solos úmidos, das costas, das fontes e lagoas. A experiência vivida do “espaço líquido” faz emergir afetividades contraditórias, de um lado, de melancolia, tristeza, morte, mas de outro, alegrias, juventude, calma:

O registro afetivo da alegria propõe seu vocabulário para qualificar o mundo aquático. O *riso* das águas, o trinado ou a canção do riacho, sonoridades alegres da cascata, a amplidão feliz do grande rio. Apelo à alegria, vivacidade material do espaço, juventude transparente do mundo. Mas o espaço aquático é também o da discrição. Algo reservado e calmo. Fala-se de bom grado do *murmúrio* das águas, do sussurro dos riachos. O canto das águas parece cheio de subentendidos, como sua claridade é cheia de claro-escuros. E o espaço líquido para, se espalha na imobilidade real do lago. Mas o vasto silêncio das águas não é da mesma natureza que o grande silêncio da floresta; sua imobilidade não tem o mesmo valor que a fixidez da planície; é uma imobilidade retida, recolhida, um repouso logrado de uma inquietude. Marinha ou lacustre, a água mais calma responde ao sopro que a faz ondular. O “império das ondas” é revelação da profundidade e, por vezes, do chamado abismo, como mostra a lenda das sereias: encanto enganador que vem do reino das sombras (DARDEL, 1952, p. 20-21).

Ao associar os temas paisagem e água, surgem os primeiros questionamentos: qual é o lugar da água na composição paisagística? Ela é componente ou elemento dominante? É água na paisagem, ou paisagem de água? Segundo Bethemont, Rivière-Honegger e Le Lay (2006), isso traz problemas complexos, pois conjuga questões ambíguas e subjetivas: a água é elemento

estruturante que condiciona tanto as suas formas como as escolhas pelas sociedades; e ela pode ser percebida de diversas maneiras, conforme o sujeito, o ponto de vista, a escala, o momento. Assim, Bethemont, Rivière-Honegger e Le Lay (2006) propõem uma migração da análise da água nas paisagens para as paisagens de água, ao destacar a problemática da percepção e da interpretação paisagística.

As paisagens de água são apreendidas na sua relação com os sujeitos, perspectiva que foi encontrada, até o momento, em alguns estudos contemporâneos, especialmente na interação entre as áreas de Geografia, Arquitetura e Urbanismo, História, Artes, Sociologia. Esses trabalhos versam sobre as paisagens de água do Brasil, Chile, Espanha, França, Suíça, Portugal, Japão (PALOM, 2016; MUÑOZ; AZÓCAR, 2014; LEICHNIG, 2015; PORTAL; BARRAUD, DAVODEAU, 2013; GHILARDI; DUARTE, 2006; OSEKI; ESTEVAM, 2006; CARNEIRO; DUARTE; MARQUES, 2009; BEZERRA; MELO, 2014; REYNARD, 2000; 2001). Como já descrito anteriormente, a água, enquanto elemento material de forte valor paisagístico e patrimonial, dialoga historicamente com o Turismo, sob diferentes dimensões (física, funcional, cultural, simbólica e estética), justificando a necessidade de sua reflexão. Mas são poucos os estudos turísticos que enfatizam a dimensão paisagística da água, motivando o engajamento científico nesse tema de pesquisa. Em muitos casos, apenas a dimensão física e visual da água na paisagem é considerada na avaliação da imagem turística veiculada por meio de cartões postais, materiais promocionais, peças publicitárias, revistas especializadas. Um exemplo é a água como um dos componentes da qualidade visual que exerce domínio marcante nas imagens dos cartões postais do litoral do estado de Santa Catarina, na análise de Pires (1999), demarcando contrastes de cores, formas e linhas das águas do mar, rios, lagunas, ou do encontro sinuoso das redes de drenagens.

Em Aysén, na Patagônia (Chile), as paisagens de água são avaliadas por Muñoz e Azócar (2014), nesse caso, como um recurso territorial potencial ao Turismo em locais remotos, distantes dos espaços turísticos tradicionais, auxiliando na manutenção das identidades das comunidades em sua relação com o território que habitam. As paisagens de água são definidas como:

[...] paisagens cujo principal componente é a água em suas distintas manifestações [...] A categoria paisagens de água também compreende paisagens originadas pela ação do homem sobre o território através dos processos de enraizamento à bacia; essa modalidade de paisagens de água se expressa nos povoados ribeirinhos, nos caminhos e trilhas de acesso aos lagos e rios, aos mirantes e locais para a contemplação da paisagem, em espaços públicos e construções que denotam o uso da água (costaneiras, pontes, faróis, molhes)^{xliv} (MUÑOZ; AZÓCAR, 2014, p. 38, tradução nossa).

Muñoz e Azócar (2014) destacam que as paisagens que predominam na geomorfologia dessa região patagônica são marcadas pela presença da água: paisagens lacustres (lagos e lagunas), paisagens fluviais (rios e seus afluentes), paisagens úmidas (*humedales*), paisagens de gelo (glaciares e campos de gelo) e paisagens costeiras (estuários). Sob a perspectiva da paisagem como uma construção cultural, identificam que há elementos fortemente presentes nas identidades locais e regionais, a exemplo da toponímia (o Lago *Esmeralda* e a Laguna *Verde*), revelando a conexão com os processos de ocupação e os laços afetivos nesses territórios. Conforme Muñoz e Azócar (2014), esses elementos, de forma isolada ou em conjunto, são apreendidos por seus valores espaciais, ambientais, territoriais, estéticos, culturais e sociais, relacionados às suas qualidades, funções e dinâmicas. O caso expressa uma tomada de consciência da paisagem como ativo territorial, principalmente impulsionado pelo Turismo. Desse intercâmbio entre paisagens de água como cenários da vida cotidiana para os residentes, ou portadora de elementos de grande atratividade para os turistas, surgem novas possibilidades de (re)valorização das áreas úmidas, por exemplo, evidenciando a intrínseca relação entre natureza e cultura nas paisagens:

O diálogo intercultural entre os habitantes e os visitantes tem sido fundamental para enriquecer a experiência do outro e gerar novas interpretações da paisagem. Os visitantes descobrem que a paisagem não é somente natureza, também é um entorno de vida com valor afetivo para seus habitantes e as comunidades locais descobrem que algumas paisagens são insuficientemente valorizadas por eles – paisagens de áreas úmidas possuem qualidades ambientais e uma beleza austera tão notáveis quanto as espetaculares paisagens de gelo. As paisagens de água são recursos territoriais com potencial para sustentar a economia baseada no turismo; também são fundamentais para a identidade das comunidades com o território que habitam^{xlv} (MUÑOZ; AZÓCAR, 2014, p. 44, tradução nossa).

Na busca por abordagens interdisciplinares que consideram paisagem, água e patrimônio³⁹ como temas convergentes, a publicação de Nogué, Puigbert e Bretcha (2016) traz diversos textos em que a água é vista como um elemento central e articulador das paisagens ocidentais, pois sua presença explica a ocupação milenar do território e a modelagem paisagística pelas sociedades. Os textos incentivam a repensar as paisagens de água a partir de perspectivas do planejamento urbano, do desenvolvimento territorial, da arte, do patrimônio, da gestão de águas, da recuperação e transformação das paisagens, dando destaque para os novos significados e apropriações das paisagens fluviais. No caso apresentado por Palom

³⁹ O tema do patrimônio está comumente entrelaçado ao debate sobre as paisagens de água, sendo compreendido em seu sentido amplo (ultrapassando a dicotomia natural - cultural): “A paisagem como patrimônio, em sua ampla acepção de natural e cultural, pode ser compreendida como objeto de conservação cujo foco de proteção é sua significância e seus conjuntos de valores, materiais e imateriais, que lhe são atribuídos e reconhecidos intersubjetivamente pelos grupos humanos que com ela interagem” (BEZERRA; MELO, 2014, p. 105).

(2016), sobre as estratégias de valorização territorial e turística das paisagens de água do rio Ter (Espanha), a autora demonstra a diversidade de matizes que permeiam o conceito de paisagem de água, defendendo a superação da polarização entre paisagem natural - cultural por um ponto de vista “híbrido”, sendo definidas como:

[...] aquelas paisagens em que a água desempenha um papel determinante em sua origem e configuração atual e no reconhecimento e percepção social e cultural que a sociedade tem deles. Assim, em nossa opinião, os principais elementos que definem as paisagens de água seriam o mar, os rios, os arroios, as ravinas, as zonas úmidas, os lagos e lagoas, os deltas, etc, mas sempre em relação com aqueles outros elementos que denotam a permanência histórica das relações entre a sociedade e a água, como as barragens, pontes, aquedutos, canais industriais, moinhos, hortos, frentes fluviais nas cidades, os caminhos, as colônias industriais, os limites, a literatura, a pintura, etc^{xlvi} (PALOM, 2016, p. 214, tradução nossa).

Em meados do século XX, a condição das paisagens de água em algumas cidades ocidentais era de deterioração da qualidade das águas e dos ecossistemas associados, decorrentes dos usos para atividades de forte impacto (extração de materiais, eliminação de efluentes urbanos e industriais, etc) (PALOM, 2016). Essas paisagens eram percebidas como risco diante das inundações e dos processos de contaminação e degradação ambiental, e passaram a contar com grandes intervenções hidráulicas como canalizações, desvios, drenagens e aterros. Muitas dessas ainda persistem no traçado das cidades, estruturas construídas sob a lógica de tornar as águas “invisíveis” à sociedade, a exemplo das canalizações de rios e arroios. Mas para Bethemont, Rivière-Honegger e Le Lay (2006, p. 2), esse processo de mutação para um “território hidráulico”, toma formas múltiplas, desde a destruição até a emergência de novas paisagens de água (ex: lagos-reservatórios), em que novas práticas coexistem ou colidem com práticas tradicionais. Nesse período, as obras hidráulicas eram concebidas como formas de “progresso”, de “dominação da natureza”, de pressões advindas dos grupos dominantes, levando os cursos de água à situação de marginalidade (BETHEMONT; RIVIÈRE-HONEGGER; LE LAY, 2006).

Porém, a partir da década de 1980, com a emergência das novas sensibilidades ecológicas, um interesse social, político e urbanístico (re)surge na relação com as paisagens de água, levando à (re)funcionalização e à (re)dinamização social e econômica desses espaços:

[...] as paisagens de água constituem-se cada vez mais como um espaço importante para a cidadania em termos de lazer e atividades lúdicas, equipamentos sociais e culturais, desenvolvimento comercial e turístico e urbanização residencial. A revalorização das paisagens de água as converte, cada vez mais, em uma atração para o desenvolvimento territorial^{xlvii} (PALOM, 2016, p. 215, tradução nossa).

Nesses processos, as paisagens de água adquirem novo *status* nos projetos de território, sob valorização das potencialidades turísticas, recreativas e patrimoniais, o que também gera mutações funcionais e paisagísticas (PALOM, 2016). A autora defende a necessidade de uma identificação e caracterização dessas paisagens de água, considerando-se a estreita relação entre os espaços, os usos e o patrimônio, e a elaboração de propostas e ações com coesão institucional e conciliação social, aliada à gestão pública pautada na inovação e no compromisso com o projeto de território.

No Brasil, alguns casos também remetem à complexidade das relações entre paisagens fluviais e as cidades. Bezerra e Melo (2014), Carneiro, Duarte e Marques (2009) e Melo (2007) trazem o exemplo de Recife, Pernambuco, onde a paisagem é marcada pela presença da água – mar, rios, canais, lagoas, manguezais, parques, praças, jardins e áreas remanescentes de mata atlântica. O rio Capibaribe, símbolo do município, juntamente com suas pontes, é reconhecido como um marco cultural da paisagem, pois delineou o sentido da estruturação urbana pelas populações, constituindo-se como um bem patrimonial. Hoje, o rompimento da sua relação com os habitantes é apontado como decorrência da degradação ambiental e poluição das águas provocadas pelo processo de urbanização (BEZERRA; MELO, 2014). Nesse estudo, os sujeitos entrevistados, direta ou indireta relacionados às paisagens de água, atribuíram-lhes valores diversos - utilitário, histórico-cultural, biológico, geofísico, estético, cênico, econômico, afetivo, simbólico.

Já Oseki e Estevam (2006) retratam os descasos com os cursos de água da cidade de São Paulo, demonstrando a perda gradativa da relação cidade-rios, os mesmos que foram responsáveis pelo estabelecimento da primeira metrópole brasileira. Os principais afluentes do rio Tietê na região central de São Paulo encontram-se canalizados ou tamponados, ocasionando problemas como os alagamentos. Em Ribeirão Preto, São Paulo, o descaso com o ribeirão Preto e a fragmentação dos seus espaços motivam Ghilardi e Duarte (2006) à proposição de um processo de requalificação pautado no uso e apropriação dos espaços livres por meio de diversas formas de Lazer, viabilizando-os como espaços comunitários integrados à estrutura urbana e cultural da cidade.

Alguns exemplos emergem dos projetos de restauração de rios urbanos no Japão, a partir da década de 1970, com a criação de novos espaços como parques lineares sobre córregos, tratando de despoluir os rios, restaurar seu papel como corredor biológico e (re)conectar as pessoas com a presença da água nas cidades (OSEKI; ESTEVAM, 2006).

Uma nova apropriação e significação social das paisagens fluviais urbanas está em curso nas sociedades contemporâneas. Projetos urbanísticos como esses são cada vez mais

presentes, de forma a evitar o agravamento das enchentes e a degradação das águas, além de subsidiar seu aproveitamento como parques, combinando preservação, lazer, esportes e educação ambiental (BONILHA, 2006). Mas, muito além da resolução dos problemas viários e de saneamento, essas iniciativas precisam considerar as dimensões estéticas, ecológica, cultural e afetiva da paisagem (OSEKI; ESTEVAM, 2006). De forma geral, esses processos têm valorizado a questão ecológica na forma de corredores biológicos, conjugada à questão da qualidade de vida, do uso dos espaços públicos e livres nas cidades, do valor social dessas paisagens. Com isso, ampliam-se as possibilidades de fruição da paisagem, permitindo o acesso físico à água pelas práticas de lazer nas suas margens, o convívio coletivo, tornando os cursos de água visíveis às cidades (COSTA, 2006).

No entanto, na literatura nacional sobre o tema das paisagens de água, há poucas referências à dimensão turística como uma das possibilidades, ao contrário dos trabalhos encontrados em outros países. Nesse contexto, Brito-Henriques, Sarmiento e Lousada (2010) destacam que as transformações nos transportes, nas tecnologias e nas comunicações no final do século XX, têm permitido a expansão do Turismo e a emergência de novas formas de experienciar as paisagens de água: jornadas de caiaque ou *rafting*, “turismo à vela”, observação de pássaros e baleias em zonas úmidas e costeiras, hotéis submersos nas Ilhas Fiji, passeios em submarino, etc. Isso tem oportunizado a democratização do acesso às paisagens de água a um maior número de sujeitos, incentivando a diversificação da oferta turística ao dispor de avançados equipamentos e tecnologias (ex: de mergulho, caiaques, submarinos, cruzeiros fluviais, etc). Esses revelam o crescimento das experiências turísticas nos ambientes aquáticos, embora trazendo também reflexões quanto aos impactos gerados. Com isso, revelam-se novas formas de interação dos sujeitos com a água através do Turismo:

Hoje em dia as paisagens de água estão disponíveis para o uso turístico de muito mais pessoas do que eram no passado. Na maioria do mundo ocidental, o *mar, sol e areia* não criam mais novas sensações, ou uma nova relação do corpo com a natureza. É necessário inventar novas atividades que irão dar lugar à experiência e à afirmação do eu. Parcialmente por causa disso, as pessoas têm novas formas de viver e desfrutar das paisagens de água^{xlviii} (BRITO-HENRIQUES; SARMENTO; LOUSADA, 2010, p. 22-23, tradução nossa).

Em países como Portugal e Espanha, as paisagens de água têm sido tomadas como oportunidades de diversificação da oferta turística e de desenvolvimento territorial voltados para o interior (não-costeiros), aproveitando as novas formas de relação dos sujeitos com a água (GONZÁLEZ, 2004; BRITO-HENRIQUES; SARMENTO; LOUSADA, 2010).

A acessibilidade é uma das questões centrais relacionadas às paisagens de água, muitas

vezes por serem áreas geograficamente remotas (BRITO-HENRIQUES; SARMENTO; LOUSADA, 2010). Muñoz e Azócar (2014) revelam que a estrutura de acesso criada há poucos anos garantiu a conservação de uma Patagônia “prístina” e os baixos índices demográficos, hoje permitindo que as paisagens de água sejam reveladas, exploradas e habitadas de maneira crescente, mas alguns atrativos ainda permanecem em condições de difícil acesso e falta de infraestrutura e serviços de apoio. Mas essa questão será retomada mais adiante, vinculando-se também às paisagens lacustres.

3.4 AS PERCEPÇÕES, REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS DO TURISMO NAS PAISAGENS LACUSTRES

No que concerne à paisagem de lagos, lagunas, e outras áreas úmidas, bem como os lagos artificiais, ainda se mostram tema de pouco interesse científico nas diferentes ciências humanas e sociais, sob a perspectiva da relação que as sociedades estabelecem com essas paisagens. A apreciação das percepções, representações e práticas das sociedades, nesses meios, é menos conhecida e investigada do que em outras paisagens de água, principalmente fluviais e marítimas, em contextos urbanos e metropolitanos. Ainda menos explícito é o contexto histórico e o papel do Turismo vinculado às paisagens lacustres. De qualquer forma, alguns trabalhos nessa abordagem versam sobre o contexto de lagos e sua dimensão turística, o que é tema central das obras de Vernex (1989; 1993; 1996a; 1996b; 1998; 2009; 2015), oferecendo chaves de interpretação importantes ao propósito dessa investigação, focado em uma Laguna, porém ambos considerados sob a denominação paisagens lacustres.

Conforme Vernex (1998), a relação dos sujeitos com os lagos ainda se encontra, na sociedade ocidental, à margem das definições existentes, as quais consideram prioritariamente os seus aspectos ecológicos, biológicos, hidrológicos, geológicos (TOUCHART, 2000; 2003). Pela abordagem da Geografia Cultural, Vernex (1998) reflete os lagos (em especial, no contexto alpino) pelo olhar dos sujeitos, buscando retratar as diferentes fases identitárias, pela transformação dos sentidos a eles atribuídos pelas sociedades ao longo dos tempos, e que influenciam na construção da imagem lacustre, atual e futura. Além das obras de Vernex, poucos estudos foram encontrados na perspectiva da formação e evolução das representações e dos usos lacustres pelas sociedades. Outro aspecto relevante na literatura científica francesa, mas ainda pouco frequente na brasileira, tem sido as formas de apropriação das margens e o

acesso aos litorais lacustres, cujas discussões são presentes em Nikolli (2016; 2018), Vernex (1985), Mori *et al.* (2007) e Montuelle e Clemens (2015).

Pela abordagem do Turismo, se as praias marítimas e as estações termais tornaram-se os principais espaços de sociabilidade por meio das práticas de lazer e de turismo desde as origens do fenômeno (BRITO-HENRIQUES; SARMENTO; LOUSADA, 2010), também as paisagens montanhosas e lacustres passaram a ser apreciadas mais tardiamente. Hoje, os lagos são descritos como meios geográficos que assumem grande importância turística em diversos países (LOZATO-GIOTART, 1990; MESPLIER; BLOC-DURAFFOUR, 2000).

Recentemente, os lagos alpinos, em seus múltiplos aspectos, têm sido objeto de programas de pesquisas interdisciplinares e de cooperação transnacional, como é o caso do Projeto *Alplakes* (MAGNI; CHINAGLIA, 2007). Formatada nos anos 2000, compõe-se de uma rede de atores diversos, de países que integram o arco alpino europeu (França, Itália, Áustria e Eslovênia), sendo inicialmente considerados 18 lagos. Magni e Chinaglia (2007) ressaltam os serviços diversos que os lagos oferecem às sociedades, incluindo água para irrigação, abastecimento humano, indústrias, energia hidrelétrica, diluição de poluentes, transportes, recreação, pesca, e por seus valores estéticos. Nessa obra, consideram que as principais causas da degradação dos lagos nos Alpes são os poluentes agrícolas e a intensificação dos usos a partir das mudanças demográficas e sociais em grande escala, o que tem levado à revisão das análises científicas, tratando de integrar os lagos e suas margens na sua relação com as bacias hidrográficas. O aumento da demanda por serviços ecossistêmicos é citado como desafios nesses espaços, entre eles a instituição de áreas naturais e os usos para Lazer e Turismo. A difusão das atividades turísticas no entorno desses lagos, no último século, é apontada como fator de forte pressão sobre as bacias hidrográficas e áreas próximas aos lagos (MAGNI; CHINAGLIA, 2007).

Também em Montuelle e Clémens (2015) verifica-se uma abordagem integrada dos aspectos biofísicos, econômicos e socioculturais referentes aos quatro grandes lagos alpinos franceses (a costa sul do Lago *Lemán*, o Lago *Le Bourget*, o Lago *Annecy* e o Lago de *Aiguebelette*⁴⁰). Esses lagos hoje oferecem uma grande diversidade de práticas recreativas, ao

⁴⁰ Esses quatro lagos situam-se na região francesa hoje denominada Sabóia (integra os Departamentos de Sabóia e a Alta Sabóia), cuja imagem turística é historicamente associada as estações termais, montanhas e lagos. Nesses lagos, o turismo consolidou-se após a década de 1930, com a criação das praias, dando surgimento a outras práticas: atividades náuticas como regatas, campeonatos de remo, competições de pesca, cruzeiros lacustres, esqui aquático e natação. As aglomerações urbanas próximas a esses quatro lagos (*Chambéry, Aix-les-Bains, Lyon, Grenoble*), tiveram um rápido crescimento a partir do final dos anos 1960-1970. Com isso, há uma forte concorrência entre a função residencial e a função turística, também com a conservação do patrimônio, demarcando processos particulares em cada lago, em virtude do desenvolvimento do transporte lacustre e das práticas de lazer e turismo (GAUCHON, 2015; LASLAZ, GAUCHON, PASQUET, 2015).

associar ambientes de lagos e montanhas, que variam conforme as especificidades e regulações em cada caso, entre elas: os circuitos de caminhada e bicicleta nas proximidades do lago; eventos (regatas, competições, festividades, eventos esportivos); o banho, que tem papel fundamental no período estival, nas 147 praias instaladas; a prática da vela, da navegação fluvial e lacustre privativa; os passeios de barco; o esqui náutico, o *wakeboard* e o *stand-up paddle*; o mergulho, a pesca amadora, o pedalinho, a canoagem, entre outros. A partir das proximidades com as montanhas, são frequentes também as práticas de caminhada, *mountain-bike*, bicicleta elétrica, parapente, alpinismo e escalada, e o aproveitamento dos panoramas (mirantes).

Dessa forma, os grandes lagos alpinos franceses desempenham um papel importante na trajetória da destinação turística, garantindo uma imagem turística polivalente, ao conjugar esportes aquáticos e terrestres no verão, e esportes de neve nas montanhas próximas no inverno. Nesses, as práticas turísticas coabitam com o lazer, o termalismo e os eventos, realizados ao longo do ano, revelando um desenvolvimento local pautado na diversidade de práticas (CLÉMENS; GORIN, 2015).

Tendo em vista essas publicações, as paisagens lacustres configuram-se como um tema de um interesse renovado nas sociedades alpinas, a exemplo da obra de Liabeuf, Marin e Bazin (2009), originada de uma exposição artística ocorrida em 2009, em *Annecy* (Alta Sabóia, França). Centrada nas paisagens lacustres, a obra oferece um resgate dos olhares sob diferentes pontos de vista: da pintura, da arquitetura, do cinema, da filosofia, dos museus e das viagens do *Grand Tour* ao Turismo.

Liabeuf (2009) reflete sobre os lagos na história da paisagem, primeiramente, presente na pintura europeia no final do século XV, depois tornada elemento descritivo da constatação topográfica, e, mais tardiamente, sua valorização estética, especialmente no século XIX, estreitamente ligada às paisagens de montanhas (foco do interesse social ocidental no século XVIII). A autora discorre sobre a influência das correntes clássicas da pintura na construção dos diferentes olhares da sociedade sobre os lagos ao longo dos tempos, desde as teorias do pitoresco, do inglês William Gilpin (século XVIII). Em seus quadros de lagos na Inglaterra, o elemento aquático ocupa uma posição decorativa, no segundo plano, mas uma condição necessária ao efeito pitoresco e, com isso, o lago foi aos poucos migrando para um *status* de elemento central na pintura no século XIX (LIABEU, 2009).

Também para Vernex (2009), a iconografia contribuiu para a construção de um sistema semântico próprio aos lagos, que remonta às origens das relações estéticas estabelecidas pelas sociedades com a natureza e seu meio, através dos olhares sobre a paisagem dos lagos alpinos. Ao refletir sobre a história dos sentidos atribuídos às paisagens lacustres pelas diferentes

sociedades, Vernex (1998) sugere três períodos distintos.

A partir do final do século XVII, emerge uma literatura que coloca os Alpes em evidência em suas diferentes formas, frequentemente sob manifestação do “belo”, demarcando uma transição das sensibilidades – o surgimento do “sentimento de natureza”. Para Vernex (2009), essa representação está intimamente ligada à presença de obras humanas, em que a noção do “belo” relaciona-se com noção de “útil”, de recurso-água (VERNEX, 2009, 2015). Essa corresponderia a uma primeira fase marcada pelos “sentidos utilitários e funcionais” na relação da sociedade pré-industrial com a natureza e com os lagos, servindo à satisfação das necessidades básicas (os peixes como alimento, o transporte de cargas). Ainda predominam os sentimentos negativos associados às “águas mortas”⁴¹, paradas, que representam perigo, medo, influenciando as sociedades, de um modo geral, a manter um distanciamento dos lagos. De qualquer forma, através do utilitarismo, as sociedades ribeirinhas já estabeleciam um sentimento de ligação com o meio lacustre, mas as margens dos lagos não tiveram alterações físicas expressivas, devido à baixa pressão humana e aos limitados instrumentos tecnológicos da época (VERNEX, 1998).

Um segundo momento é caracterizado pelos “valores estéticos e contemplativos” que emergem no final do século XVIII e início do século XIX (VERNEX, 1998). Com o surgimento da admiração estética da natureza, inicialmente pela aristocracia, depois imitada por outros segmentos da sociedade, traduzindo-se em novos códigos perceptivos que permeiam os olhares da sociedade para o mar e as montanhas, e, posteriormente, os lagos. A exemplo do Lago Léman, descrito como o “grande e belo lago”, como se fosse “a vista de um mar no interior das montanhas” (*la vue d’une mer à l’intérieur des montagnes*) (VERNEX, 2009, p. 42). Nessa época, a observação da natureza e a curiosidade conduzem geógrafos, botânicos, estudiosos como Saussure⁴², às observações de campo e descrições das paisagens de montanhas e lagos. Segundo Vernex (2009), a jovem elite inglesa do *Grand Tour* teve importante papel na apreciação das paisagens lacustres, pois muitos desviaram-se dos grandes itinerários clássicos para lançar-se à travessia dos Alpes, incluindo as cidades de Genebra, Lausana e Zurique. Assim, os lagos italianos, suíços e franceses e suas ilhas, passaram a ser descritos nos relatos desses viajantes:

⁴¹ Vernex (1998) diferencia os sentidos atribuídos às águas mortas, paradas (*eaux mortes* - no caso dos lagos), pelos perigos invisíveis, geralmente apreendidas pelos sentidos negativos, em contraposição às águas correntes (*eaux vives* – no caso dos rios e fontes).

⁴² Horace Bénédict De Saussure, naturalista suíço, considerado o precursor do alpinismo, descreve, em 1779, os Alpes pelos contrastes entre as montanhas e o lago Léman (VERNEX, 1998).

Percurso urbano por excelência, o *Grand Tour* desempenhou indiretamente, contudo, um papel na apreciação das paisagens lacustres, pelo menos para aqueles que se situavam nos principais pontos de passagem. O Lago Léman deve sua notoriedade a isso, acentuada pela presença ou pelos escritos, entre outros, de Voltaire e de Rousseau, esse último mantendo laços muito estreitos com a Inglaterra. Mas também podemos mencionar o Lago de Zurique, essa cidade que também era um farol intelectual da Europa do Iluminismo, ou mesmo o Lago Maior, com suas famosas Ilhas de Borromeu^{xlix} (VERNEX, 2009, p. 44-45, tradução nossa).

Aos poucos, é a “vista ao lago”, a partir dos diferentes pontos de vista das montanhas, que passa a ser valorizada, permitindo uma visão global, panorâmica, a contemplação dos diferentes planos (VERNEX, 1998). Ela reflete a difusão de novos códigos paisagísticos atrelados às novas sensibilidades: a busca pela paisagem pitoresca e, posteriormente, os ideais do Romantismo e a noção de sublime, provenientes das cidades (VERNEX, 2009). A partir desses movimentos, os lagos são exaltados, tanto em suas formas narrativas como picturais, como “quadro” (*cadre*), “cenário” (*décor*), passando a atrair filósofos, poetas, escritores, pintores, viajantes, e, em breve, os primeiros turistas. Um período que originou grande diversidade de sentidos vinculados aos lagos alpinos, seguindo a corrente da invenção dos litorais marítimos e da admiração estética das montanhas (VERNEX, 1998).

As noções do pitoresco expressam-se na observação e na relação emotiva face à natureza, na pintura ao ar livre, no papel do caminhante que se torna “uma condição da viagem pitoresca”^l a partir da influência de Jean-Jacques Rousseau (anos 1770) (VERNEX, 2009, p. 46, tradução nossa). Também na concepção do jardim inglês, onde a água parada (assim como o lago) é elemento central, associado à doçura, descanso e solidão. No século XIX, a percepção dos lagos está mais vinculada à paisagem sublime, representado pelo idílico do contraste com as montanhas: “[...] com base nas noções de grandioso, surpreendente, selvagem, majestoso. Os grandes lagos dos vales internos, às vezes sujeitos às fortes tempestades, oferecerão a essa sensibilidade a ocasião de novos êxtases”^{li} (VERNEX, 2015, p. 181, tradução nossa). O lago toma lugar central nos escritos de Lamartine, Byron, Balzac, Gautier, Senancour e nas pinturas de Calame, Bocion e Courbet, percebidos pelos seus contrastes com os maciços montanhosos:

Os *topos* (temas e argumentos) da bela paisagem lacustre são forjados e invadirão a literatura durante um século, até hoje! ‘Lago alegre, gracioso, delicioso, doce, delicioso, os adjetivos não faltarão para qualificar os grandes lagos ao redor dos Alpes, combinando margens, lagos e montanhas, próximas e distantes’^{lii} (VERNEX, 2015, p. 180, tradução nossa).

Esses olhares trouxeram notoriedade aos lagos alpinos no século XIX e, com isso, uma progressiva ocupação das margens lacustres, com traços de uma cultura aristocrática na

construção de calçadas (*quais-promenades*), palácios, castelos, mosteiros, vilas, pergolados e jardins (VERNEX, 1998). A primeira modalidade de frequência turística nos grandes lagos alpinos, segundo Gauchon (2015), teria sido a navegação, primeiro em barcos de pescadores, depois barcos de passageiros – iniciado pelo famoso barco *Couronne de Savoie* (Coroa de Sabóia), oferecido em 1861, por Napoleão III, a serviço do lago de *Annecy*. A instalação dos primeiros portos no final do século XIX, permite o desenvolvimento das primeiras regatas (vela ou remo), em associação com a vida nas estações turísticas termais (GAUCHON, 2015).

No século XX, uma terceira fase da relação entre a sociedade e as paisagens lacustres. A disseminação das práticas recreativas, e a valorização da água e do sol, impulsionam a criação das primeiras praias lacustres (anos 1920-1930), e o lago torna-se “centro de prazeres” (*centre de plaisirs*), “terreno de jogo” (*terrain de jeu*) para atividades náuticas e balneárias, impulsionando também as práticas turísticas (VERNEX, 1998).

A segunda metade do século XX, segundo Vernex (1989) é marcada por profundas transformações das práticas de turismo e de lazer que se expressarão rapidamente na integração do lago e suas margens como espaços priorizados pela sociedade urbana e industrial. A difusão e a democratização das práticas turísticas convergem para uma mudança de escala importante na frequência turística: *Annecy* adquire a dimensão de local turístico regional integrado (a cidade de *Annecy* e as localidades de entorno do lago), centrado sobre o seu litoral lacustre. A prática do banho no lago difunde-se largamente na sociedade, marcando em definitivo a evolução contemporânea do litoral lacustre, seguido da difusão da navegação e outras práticas de água (*pratiques de l'eau*). O litoral lacustre tem papel central como espaço de lazer, tanto das populações turísticas, como para as populações regionais e locais. Pela proximidade com grandes aglomerações urbanas (no caso dos lagos alpinos franceses), o litoral lacustre logo torna-se alvo de pressões sociais e conflitos diversos e crescentes. Vernex (1989; 1998) denuncia, no caso do lago de *Annecy*, uma monofuncionalidade recreativa dos espaços em função de um modelo econômico centrado em um Turismo estival, trazendo artificialização do litoral lacustre, empobrecimento dos sentidos e diluição das identidades das paisagens lacustres, e, ainda, riscos de desaparecimento da “cultura lacustre”, diante da banalização dos espaços e práticas. Os limites subjetivos da problemática da “saturação” nos lagos alpinos franceses é explorada por Vernex (1996a), diante da frequência concentrada nos meses de verão e do aumento progressivo do uso de barcos (principalmente motorizados), evidenciando conflitos entre práticas balneárias e esportivas.

Dessa forma, no contexto europeu, a valorização da “vista ao lago” (*la vue sur le lac*) assumiu papel central nos séculos anteriores, convertendo-se hoje, cada vez mais, na

reivindicação pelos “pés na água” (*pieds dans l’eau*)⁴³, traduzida na disseminação das práticas recreativas nas paisagens lacustres. Germaine, Viry e Menozzi (2016) utilizam-se desse duplo questionamento para refletir sobre as relações das sociedades com a natureza nos lagos artificiais (de barragem hidrelétrica), no Departamento da Mancha, Região da Normandia (França). A partir das representações e práticas de lazer e turismo, associados à instalação de cabanas de pesca nas margens, os autores revelam diferentes maneiras de habitar os espaços lacustres e os interesses divergentes.

Isso também pode ser verificado na análise dos cartazes de publicidade turística do lago de *Annecy*, na França, realizada por Vernex e Martin (2009). Eles identificam mutações nos valores atribuídos às paisagens lacustres, partindo de uma concepção de “lago contemplativo”, nos anos 1930, para um “lago ativo”, como consequência da difusão das práticas esportivas durante a década de 1960, também associando o “lago puro”, testemunhando o período em que são empreendidos esforços pela despoluição dos lagos na Sabóia (França). Entre os anos 2006-2009, as imagens retomam um imaginário contemplativo, evocando um lago-natureza, mas a noção de lazer ativo permanece presente, associado à ideia de patrimônio e seus arredores montanhosos (VERNEX; MARTIN, 2009).

Nesse contexto de expansão do Lazer e Turismo junto às paisagens lacustres, emerge o debate sobre as formas de apropriação das margens e do acesso aos litorais lacustres, tema evidenciado por Nikolli (2016; 2018). No caso de *Annecy*, a autora destaca que o acesso aos litorais lacustres mostra articulações e desconexões na combinação entre direito de propriedade, direito de uso e práticas espaciais, diante do desafio do compartilhamento do espaço de um litoral que atrai múltiplos interesses: “As margens do lago de *Annecy*, como as de outros grandes lagos alpinos, aparecem como espaços cobiçados, suporte de múltiplos usos e objeto de intenções antagônicas de apropriação”^{liii} (NIKOLLI, 2018, p.2, tradução nossa). Essa repartição espacial tem originado mobilizações sociais frequentes, e alguns conflitos no entorno deste lago, em especial nos casos de projetos de desenvolvimento ou mudanças legislativas. Assim, as condições de compartilhamento do espaço nas margens lacustres mostram-se variáveis e diferenciadas em cada lago, em função dos contextos locais - sociais, políticos, administrativos e legais, mas também respondendo as práticas e aspirações sociais hoje fortemente marcadas pelo desejo de “acesso ao lago” para fins de atividades recreativas.

No século XXI, as paisagens lacustres (re)assumem um papel fundamental na composição da atratividade turística dos Alpes, investidos de uma forte promoção turística e de

⁴³ Termo em francês que serviu de inspiração para o título desta tese, com o intuito de traduzir algumas das sensibilidades e práticas contemporâneas das sociedades em sua relação com os corpos de água.

uma grande diversidade de práticas, submetidos aos novos desafios na coexistência entre as funções de turismo, lazer, esportes, atração de novos residentes, etc. Nesse contexto, o Turismo é elencado como função importante nos espaços lacustres (lago e suas margens), muitas vezes pelo seu aspecto conflituoso na coexistência com outros usos e interesses, pelas pressões e transformações urbanas e espaciais que gera no território, tendo frequência turística muitas vezes comparável aos litorais marítimos (MAGNI; CHINAGLIA, 2007; MONTUELLE; CLEMENS, 2015; LASLAZ *et al.*, 2015). Porém, até o presente, o Turismo não figura como objeto principal de problematização científica da Geografia no que se refere às paisagens, espaços ou territórios lacustres.

Para ilustrar a formação e evolução das práticas turísticas relacionadas aos lagos, Vernex (1993) e Gauchon (2015) trazem o caso particular do lago de *Annecy*. Hoje, configura-se como um destino turístico emblemático pela sua relação íntima com o lago, porém, que teve uma trajetória turística mais tardia do que os outros lagos nas proximidades – o *Léman* e o *Le Bourget*, que prosperaram com a ascensão do termalismo na sua relação com as cidades (modelo das cidades de água – *villes d'eau*), tão valorizadas pela aristocracia desde o século XIX. O início de uma política turística no ano de 1895 teve grandes resistências da sociedade local, que até então ignorava completamente as possibilidades de atratividade do lago de *Annecy*, permanecendo em uma posição periférica no desenvolvimento turístico regional. Nos anos 1900-1930, a percepção sobre o lago começa a sofrer mudanças, assumindo posição decorativa, valorizado pelo conforto climático, como ambiente agradável para o verão. A água é que exerce força de atratividade como cenário, refletindo-se na instalação dos primeiros equipamentos, pontualmente concentrados ao longo do litoral lacustre: a invenção de atrativos (grutas, cascatas, castelos, teleféricos, panoramas, termas, praias); o desenvolvimento dos transportes (vias férreas, terrestres e navegáveis); de uma rede de hospedagem de alto padrão; opções de recreação (cassino, calçadão, terraços, jardins, parques); e a organização de “uma paisagem própria e salubre”, seguindo regras de higiene e boas maneiras (saneamento, ornamentação das varandas e espaços urbanos, regulamentação dos banhos). Essas instalações demonstram que a atratividade da água já era presente, mas não havia uma exigência pelo contato físico direto com o elemento líquido, já que estavam restritas à pequena parcela da sociedade (turistas e residentes) (VERNEX, 1989).

Segundo Vernex (1996b), é a prática do banho em “água livre”, em “meio natural”⁴⁴, a partir do século XIX, imbuída do discurso higienista e médico sobre a saúde física como um dever moral, que faz emergir novos comportamentos sociais e transformações socioespaciais das formas de habitar as paisagens dos lagos e rios. Com isso, o autor justifica a importância do resgate dos conteúdos simbólicos da água nos diversos tempos e sociedades, trazendo possibilidades de compreensão das atitudes, comportamentos e olhares contemporâneos sobre o elemento aquático. Outra questão interessante evidenciada por Vernex (1989) é a negligência, quase extinção, das zonas ditas “anfíbias”, úmidas, os banhados, os juncos nas proximidades dos lagos, consideradas áreas insalubres, impuras, pela força do discurso higienista. Posteriormente, a supressão dessas áreas foi reforçada pela urbanização das margens e pelo surgimento das práticas turísticas, para oferecer acesso direto e “limpo” aos turistas. As sociedades buscam os lagos para satisfazer suas necessidades, mas ainda são impregnadas da relação de desconfiança, precaução e medo. Foi somente a partir da regulação do nível da água que se inicia a ocupação das margens, ainda sob riscos de inundação e enchentes na relação com as bacias hidrográficas (VERNEX, 1989).

Os espaços litorais lacustres, antes considerados marginais, desde a metade do século XIX passam a integrar os ecossistemas humanos a partir da emergência de novas necessidades – especialmente centradas no Lazer e no Turismo, e as mudanças espaciais que engendram. Para ilustrar isso, Vernex (1989), cita três questões centrais na mutação da relação sociedade-lagos no exemplo de *Annecy*: “[...] o confronto da sociedade local com a emergência de práticas turísticas cada vez mais centradas no lago; o desenvolvimento da necessidade de contato físico com a água; a democratização das práticas turísticas e de lazer no meio natural”^{liv} (VERNEX, 1989, p. 37, tradução nossa).

Baseado nas práticas dos banhos de mar, as praias lacustres são instaladas nos anos 1920-1930, e, com elas: “[...] um novo recurso turístico centrado principalmente na água. Daí um novo modelo de instalação no qual o litoral lacustre desempenha um papel crucial, um modelo cujo elemento base é a praia”^{lv} (VERNEX, 1989, p. 41, tradução nossa). Em *Annecy*, as praias privativas dos hotéis de luxo estabelecem-se em 1935, anteriormente à praia municipal, evidenciando rupturas espaciais entre instalações turísticas e não-turísticas, e a

⁴⁴ Vernex (1996b, p. 8-9) retrata uma história social e cultural sobre a prática dos banhos nos lagos *Léman*, *Annecy* e *Le Bourget*, abordando o conceito de “banhos em água livre”, “em meio natural” (*bains de plein eau, en milieu naturel*), no sentido do contato com a natureza em seu “estado bruto”, experienciado como uma aventura, o que denota uma mutação na relação das sociedades com essas formas de água. O autor procura evidenciar a carência de estudos nessa questão, em detrimento da abundância de estudos sobre os banhos termais, representados como “águas fechadas”, em que a “natureza é policiada, civilizada, de acordo com os padrões de uma classe do ócio”, experienciado como um rito social.

regulamentação das práticas e espaços litorâneos. As mutações nas práticas recreativas induzem à integração do litoral lacustre no espaço turístico de *Annecy*, e, com isso, emergem as preocupações com as restrições de acesso ao lago, a manutenção das atividades de pesca, os conflitos com o processo de urbanização, a privatização das margens e a elevação dos custos da terra (VERNEX, 1989; VERNEX; MARTIN, 2009).

Esses são apenas alguns exemplos de estudos que abordam as representações e práticas relacionadas às paisagens lacustres na sociedade contemporânea, as quais têm sido retomadas como elemento central na promoção e consolidação de destinos turísticos, trazendo contribuições às leituras do campo em estudo. A investigação sobre as percepções, representações e práticas nos espaços de água, aqui permeadas pela abordagem geográfica do Turismo, oferecem renovação dos pontos de vista no entrelaçamento dos temas da paisagem, da água e do patrimônio. As relações das sociedades com as paisagens de água e, mais especificamente, as paisagens lacustres, tornam-se motivadoras da reflexão sobre a interação entre gestão das águas e gestão de destinos turísticos.

4ª PARTE – “UMA IMENSIDÃO DE ÁGUA”: A LAGUNA DOS PATOS COMO CAMPO DE INVESTIGAÇÃO

Nessa quarta parte da tese, o objetivo é explicitar o contexto espacial escolhido para a realização dessa pesquisa – a Laguna dos Patos e sua localização na Planície Costeira do estado do Rio Grande do Sul, Brasil (Figura 1). O recorte geográfico compreende a parte sul do corpo de água, integrando ambas as costas lacustres (leste e oeste), incluindo os municípios de São Lourenço do Sul, Pelotas, Rio Grande e São José do Norte, Rio Grande do Sul, Brasil.

Apresentam-se aqui algumas características geomorfológicas, geográficas, hidrológicas, ecológicas e biológicas, bem como os aspectos históricos e culturais de ocupação e uso do território, a partir da revisão de materiais bibliográficos e documentais encontrados até o momento, com o intuito de refletir as questões relacionadas ao Turismo nessa área de estudo, hoje denominada de Região Turística Costa Doce.

A Planície Costeira do Rio Grande do Sul (PCRS), localizada entre os paralelos 29° e 43° de latitude sul, segundo Tomazelli e Villwock (2000), corresponde à mais ampla planície litorânea do território brasileiro, com 33.000 km², alcançando mais de 100 km de largura e uma linha de costa de cerca de 620 km desde Torres, ao norte, até o Chuí, ao sul, formada de praias arenosas baixas, praticamente retilíneas e contínuas. Ela representa a porção mais superficial e proximal da Bacia de Pelotas⁴⁵, sendo o mais completo registro sedimentar do Cenozóico no estado, especialmente do Período Quaternário. Villwock e Tomazelli (1995) descrevem sua formação resultante das variações climáticas e flutuações no nível relativo do mar durante o Quaternário, resultando em dois tipos de sistemas deposicionais: leques aluviais na faixa contínua ao longo da parte mais interna da PCRS; e quatro sistemas deposicionais transgressivo-regressivos subsequentes, do tipo Laguna-Barreira, instalados nos últimos 400.000 anos, durante os maiores ciclos glácio-eustáticos.

A PCRS apresenta-se estável do ponto de vista tectônico, porém submetida a uma lenta subsidência, pelo fato de ser uma bacia marginal aberta em processo ativo de sedimentação (TOMAZELLI; VILLWOCK, 2000). Essa ampla planície mostra-se hoje como uma faixa litorânea limitada a leste pelo Oceano Atlântico, e a oeste pelas terras altas do Escudo Sul-riograndense e da Serra Geral (VILLWOCK; TOMAZELLI, 1995). Desde o final do século XIX, tem despertado o interesse de naturalistas, geógrafos, historiadores, filósofos, ecólogos e

⁴⁵ A Bacia de Pelotas tem seu desenvolvimento associado ao evento geotectônico que levou a abertura do Oceano Atlântico Sul, a partir do período Jurássico, resultando na ruptura do continente Gondwânico e na separação dos continentes africano e sulamericano (TOLDO JR., 1994).

demais pesquisadores (TOMAZELLI; VILLWOCK, 2000).

Como consequência de sua localização e da proximidade com o mar, apresenta clima subtropical úmido, sob a influência de massas de ar marítimas de origem tropical e polar, com fortes ventos, especialmente de NE, as temperaturas médias encontram-se entre 16-20°C e níveis pluviométricos anuais entre 1.000-1.500 mm (TOMAZELLI; VILLWOCK, 2000).

Schäfer (2009) destaca o caráter único da PCRS, em nível de Brasil e de mundo, pela existência de: dois corpos de água de grande extensão – Laguna dos Patos e Lagoa Mirim, representando 38,5% da área total da PCRS ocupada por águas; um “Rosário de Lagoas Costeiras”, ou seja, uma sequência de lagoas menores entre as lagunas e o mar; sendo essas, lagoas de águas doces, muito próximas ao oceano. Apresenta-se como um mosaico de ecossistemas litorâneos, considerados raros e de grande fragilidade ambiental, integrando barreiras arenosas, campos de dunas, praias, matas de restinga, banhados, rios, canais, lagos e lagunas. Esses ambientes são considerados de alta importância para a conservação da biodiversidade (MMA, 2000), todavia, são pouco conhecidos e valorizados (SCHÄFER, 2009).

Esse conjunto representa um dos maiores sistemas de lagoas litorâneas do mundo, tendo seu reconhecimento sob a instituição de duas importantes áreas protegidas: a Estação Ecológica (ESEC) do Taim e o Parque Nacional (PARNA) da Lagoa do Peixe, ambas incluídas na Rede de Reservas da Biosfera da UNESCO (TAGLIANI; ASMUS; POLETTE, 2011). O parque, criado em 1986 (ICMBIO, 2018), integra, desde 1991, a Rede Hemisférica de Reservas Internacionais de Aves Limnícolas, e, desde 1993, é reconhecido como sítio Ramsar (FNMA *et al.*, 1999). A ESEC do Taim, criada em 1986 e ampliada em 2017 (ICMBIO, 2018), obteve nesse último ano o reconhecimento como sítio Ramsar⁴⁶, integrando uma lista de vinte e duas unidades de conservação no Brasil reconhecidas como áreas úmidas de importância internacional, nesses dois casos citados, sendo representativas do bioma Pampa (MMA, 2018). Segundo Vieira (2014), a existência de corpo de água e banhado demonstra ser elemento importante na qualidade cênica da paisagem do bioma Pampa, especialmente no que concerne à PCRS, onde a existência de banhados, lagoas, lagunas, rios, arroios e ecossistemas associados conferem-lhe características singulares.

A gênese desses corpos hídricos está relacionada com as diversas gerações de barreiras formadas pelas sucessivas transgressões e regressões marinhas (TOMAZELLI; VILLWOCK, 2000), constituindo-se como feições muitas vezes efêmeras na escala de tempo geológico,

⁴⁶ MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Áreas protegidas. Instrumentos de Gestão. Sítios Ramsar. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/areas-protegidas/instrumentos-de-gestao/s%C3%ADtios-ramsar>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

apresentando ciclo de vida de milhões de anos (TOLDO JÚNIOR *et al.*, 2006). Para Tomazelli e Villwock (1991), as lagunas teriam sido formadas após o máximo transgressivo pós-glacial, ocupando a maior parte da faixa de terras baixas, hoje denominada planície lagunar holocênica. Já na fase regressiva posterior, muitas dessas lagunas transformaram-se em lagos rasos, perdendo sua conexão direta com o mar, mas permanecendo com canais interlagunares. Esses lagos passaram a sofrer uma progressiva colmatção promovida pelo aporte de sedimentos, pela acumulação de restos orgânicos ou pela migração das dunas eólicas. A transformação das lagunas em lagos, e posteriormente, em pântanos costeiros, é entendida como uma tendência do processo evolutivo, de gradativa colmatção, mas acelerado pela ação antrópica, devido à erosão dos solos causada pela destruição da vegetação, ao rebaixamento artificial do lençol freático pelos canais de drenagem e bombeamento da água para lavouras e cidades, e ao aterro direto de corpos aquosos e banhados (TOMAZELLI; VILLWOCK, 1991).

A intensa ocupação da zona costeira tem interferido significativamente na qualidade das águas e dos ecossistemas associados. Diversos municípios dependem dessas águas para abastecimento das populações urbanas e das indústrias, a exemplo da região metropolitana de Porto Alegre, dos municípios de Pelotas, Rio Grande e do Litoral Norte (VILLWOCK; TOMAZELLI, 1995). Fujimoto *et al.* (2006) defendem a necessidade de um gerenciamento integrado da zona costeira do Rio Grande do Sul, onde as características físicas, ambientais, econômicas e culturais possam ser entendidas como potencialidades territoriais diversificadas. A construção de uma identidade territorial regional que possa ir além do enfoque atual no legado açoriano e na vocação turística para fins de veraneio é defendida por Strohaecker (2007), ao ressaltar a diversidade das paisagens, das etnias e dos perfis socioeconômicos dos municípios litorâneos.

Diante desse cenário de quantidade e diversidade de corpos hídricos, a Laguna dos Patos é considerada o corpo lagunar mais importante da PCRS, devido à contribuição do fluxo de águas desde o complexo do Guaíba até a desembocadura em Rio Grande, associando ecossistemas raros e vulneráveis (TOLDO JÚNIOR, 1991). Foi escolhida como recorte espacial dessa investigação, pelas suas características geomorfológicas, geográficas, hidrológicas, ecológicas e biológicas, mas também ao sugerir uma importância histórica, econômica, cultural e turística para o estado do Rio Grande do Sul. Por isso será abordada sob a perspectiva da paisagem como forma de mediação dos sujeitos e das sociedades com o espaço geográfico, permitindo a apreensão integrada dos elementos da natureza e da sociedade, do sujeito e do objeto, do físico e do simbólico, do material e do imaterial, conforme sugerido por Berque (1990; 1995; 1998; 2009).

4.1 A LAGUNA DOS PATOS

Situada entre as latitudes 30°23'30'' e 32°10'00'' Sul e entre as longitudes 50°30'00'' e 52° 15'00'' Oeste (TOLDO JÚNIOR, 1994), a Laguna dos Patos tem papel de destaque na geologia e geomorfologia do Rio Grande do Sul (VILLWOCK; TOMAZELLI, 1995). Representa um extenso corpo de água costeiro, extremamente raso e pouco influenciado pela maré astronômica (TOLDO JÚNIOR, 1994). É o sistema lagunar mais extenso da América do Sul, com aproximadamente 10.000 km² de área, 240 km de comprimento e 40 km de largura máxima, com profundidade média de 6 m, tendo escoamento na direção NE - SW (TOLDO JÚNIOR et al., 2006). Apresenta margens rasas (entre 0,5-1m), chegando a 7-8m nas áreas mais profundas, e 10-15m no canal (VILLWOCK; TOMAZELLI, 1995). Está permanentemente conectada ao Oceano Atlântico pelo único canal de escoamento, denominado Canal ou Barra de Rio Grande, caracterizando-se como uma Laguna com características de um sistema estuarino. Possui uma vazão média de 4.800 m³/s no canal e o tempo de residência médio da água em seu interior é de 108 dias (TOLDO JÚNIOR, 1994).

Paralela à costa marítima, a Laguna apresenta-se abrigada por um sistema de barreiras arenosas, mas recebe influência da atividade oceânica a partir do canal, por onde as águas ingressam ciclicamente devido às micro marés (TOLDO JÚNIOR, 1991). De modo geral, predominam as águas doces, aumentando a salinidade em direção ao canal (VILLWOCK; TOMAZELLI, 1995), mas com possibilidades de maior interação entre as águas oceânicas e doces na área ao sul do pontal da Feitoria até o canal Norte (ALVAREZ; MARTINS; MELLO, 1984). Há variação dos parâmetros de turbidez, cor e materiais em suspensão, o que não ocorre com a temperatura das águas (ALVAREZ; MARTINS; MELLO, 1984), próxima de 13°C no inverno e 27°C no verão (VILLWOCK; TOMAZELLI, 1995).

Contemporaneamente, a Laguna dos Patos é compreendida como a convergência da bacia do Uruguai com a rede de drenagem da Bacia de Sudeste do Rio Grande do Sul, essa última constituída pelo complexo do Guaíba e seus rios tributários (Jacuí, Taquari, Sinos, Gravataí e Caí), e pelos rios Camaquã, Velhaco, São Lourenço, Pelotas e o Canal de São Gonçalo⁴⁷. A extensão dessa grande área de drenagem, incluindo a superfície da Laguna, alcança 180.000 km² (TOLDO JÚNIOR, 1991). As alterações no nível das águas decorrem principalmente das variações de vazão dos rios que nela deságuam, gerando correntes em

⁴⁷ O Canal de São Gonçalo, com cerca de 70 km de extensão, liga a Laguna dos Patos à Lagoa Mirim, que é o segundo maior corpo lagunar no estado do Rio Grande do Sul com extensão de 3.750 km², sendo compartilhada com o Uruguai.

direção ao interior da Laguna, seguindo para o sul. Os ventos são responsáveis por alterações no nível das águas (até 2m), bem como na formação de ondas (até 2m), que atuam na configuração das margens, gerando processos de erosão e deposição de sedimentos. A Laguna tem margens arenosas, com amplas baías, esporões/pontais, onde predominam as areias finas e cascalho, e o fundo lamoso e plano (TOLDO JÚNIOR *et al.*, 2006).

É considerado um corpo lagunar estável, sem evidências de tectonismo local nos últimos 5.000 anos. Sua gênese e morfodinâmica estão relacionadas às variações glácio-eustáticas no Quaternário, responsáveis pela migração da linha de costa e um processo complexo e variado de sedimentação na PCRS (TOLDO JÚNIOR, 1991). Segundo Tomazelli e Villwock (2000), a origem do Sistema Lagunar Patos-Mirim é atribuída à primeira fase de formação da Barreira Múltipla Complexa, correspondendo ao segundo ciclo transgressivo-regressivo pleistocênico (Sistema Laguna-Barreira II), aproximadamente 325.000 anos, responsável pela construção da barreira arenosa que isolou o que hoje representam a Laguna dos Patos e a Lagoa Mirim. No terceiro ciclo (Sistema Laguna-Barreira III), foi ocupada por corpos lagunares, transformando-a em uma grande planície fluvial, completando seu fechamento; esse evento é considerado de fundamental importância na evolução geológica da PCRS. No mais recente sistema deposicional (Sistema Laguna-Barreira IV), o Sistema Lagunar Patos-Mirim teria sido restabelecido pela ingressão marinha nos terrenos baixos das barreiras anteriores e no sistema de leques aluviais (TOMAZELLI; VILLWOCK, 2000). Esses avanços e retrocessos do mar geraram o retrabalhamento das margens lacustres, formando falésias, pontais arenosos, aberturas e fechamentos dos canais, expondo, na sua margem oeste, feições do sistema deposicional I, e dos sistemas III e IV, na extensa barreira que separa a laguna do oceano (VILLWOCK; TOMAZELLI, 1995).

Entre essas diversas feições morfológicas da Laguna dos Patos, os esporões ou pontais arenosos compreendem o produto mais importante do retrabalhamento dos depósitos sedimentares por força de ondas e correntes internas, resultantes da ação dos ventos (TOLDO JÚNIOR *et al.*, 2006). Esses pontais emersos têm altura média de 1m acima do nível médio das águas, e os submersos (bancos) atingem até 15km para o interior da Laguna. Nas margens lacustres aqui estudadas, encontram-se alguns dos principais pontais desse corpo hídrico: a oeste, pontais do Quilombo e da Feitoria; e a leste, do Bojuru e dos Lençóis (TOLDO JÚNIOR, 1991). Toldo Júnior (1991) refuta a ideia de segmentação completa da Laguna dos Patos, devido à ausência de registros de crescimento expressivo desses esporões, além da imponente contribuição hídrica da bacia de drenagem, dificultando a obstrução completa do Canal de Rio Grande. A existência de diversas baías rasas nas margens da Laguna, denominadas sacos,

localizados ao sul do estuário⁴⁸, são destacados por Tyrrell (2005) como áreas de importância biológica na reprodução das espécies e de crescente degradação ambiental.

A Laguna dos Patos e diversos ecossistemas associados à PCRS são reconhecidos como belezas cênicas do bioma Pampa, segundo o estudo de Vieira (2014), conforme alguns exemplos apontados no recorte da presente investigação e na intersecção com os municípios vizinhos: i) o próprio corpo hídrico da Laguna dos Patos; ii) os faróis como referência arquitetônica e histórica da navegação; iii) o Parque Nacional da Lagoa do Peixe; iv) o Sistema de Dunas e Lagoas Costeiras do Litoral Médio; v) o banhado, as dunas e os remanescentes arqueológicos próximos a Bojuru, em São José do Norte; vi) a colônia de pescadores da Ilha dos Marinheiros; vii) o Banhado do Maçarico e cordões litorâneos anexos; viii) os marismas, em Rio Grande; ix) o Delta do Rio Camaquã; x) as praias de São Lourenço do Sul; xi) a várzea do Canal de São Gonçalo; e xii) o sistema de banhados e restingas da Lagoa Pequena e da Ilha da Feitoria, em Pelotas (VIEIRA, 2014).

Conforme consultas aos sites oficiais (ICMBIO, 2018; SIMRPPN, 2018; SEMA, 2018a), algumas dessas paisagens associadas, direta ou indiretamente à Laguna dos Patos estão inseridas em unidades de conservação, as quais enumera-se a seguir aquelas contidas nos territórios dos quatro municípios estudados: i) o Parque Estadual do Camaquã, criado em 1975, abrangendo Camaquã e São Lourenço do Sul; ii) em Pelotas, a Reserva Particular do Patrimônio Natural - RPPN Pontal da Barra⁴⁹, no encontro do Canal de São Gonçalo com a Laguna dos Patos; iii) em Rio Grande, a ESEC do Taim, o Refúgio de Vida Silvestre do Banhado do Maçarico (criado em 2014, sob a forma de Reserva Biológica Estadual, e alterado de categoria em 2018), e a Área de Proteção Ambiental da Lagoa Verde (APA); e iv) em São José do Norte, o Refúgio de Vida Silvestre (Revis) do Molhe Leste⁵⁰. Além disso, o estuário da Laguna, a várzea do Canal de São Gonçalo, o banhado do Maçarico e os cordões litorâneos adjacentes, são indicados como Áreas Importantes para a Conservação das Aves (IBAs) pela *BirdLife International* (2006) (RS BIODIVERSIDADE, 2016).

Isso denota que a área abriga elevada abundância e diversidade de espécies de aves,

⁴⁸ O estuário, na Laguna dos Patos, é tradicionalmente considerado a área entre o Canal de Rio Grande e o Pontal dos Lençóis e da Feitoria, apesar de ser variável em função da descarga dos tributários e dos ventos (SEELIGER; ODEBRECHT, 2010).

⁴⁹ Criada em 1999, essa RPNN em Pelotas está incluída no Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), porém ainda não efetivada. SIMRPPN – Sistema informatizado de Monitoria de RPPN. RPPN Pontal da Barra. Disponível em: <<http://sistemas.icmbio.gov.br/simrppn/publico/detalhe/698/>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

⁵⁰ A Revis do Molhe Leste foi criada em 1996 como uma UC municipal, destinada à proteção dos leões e lobos marinhos na porção final do molhe, em São José do Norte. SEMA – Secretaria do Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. Unidades de Conservação. UCs Municipais. Disponível em: <<http://www.sema.rs.gov.br/>>. Acesso em: 16 mar. 2018a.

especialmente no estuário, pântanos e marismas⁵¹ adjacentes, o que já chamava a atenção dos viajantes no século XIX, porém em declínio desde aquela época (VOOREN, 1998). Também são encontrados no estuário mamíferos marinhos como o golfinho nariz de garrafa (*Tursiops truncatus*), mais frequente em maio e novembro e, ocasionalmente, leões marinhos (*Otaria flavescens*) (PINEDO, 1998). A maioria das espécies de peixes ocorre no extremo norte da Laguna, decrescendo em abundância em direção à desembocadura, sendo que no estuário predominam as espécies marinhas (VIEIRA; GARCIA; MORAES, 2010). Há crustáceos decápodes como camarões (especialmente o camarão rosa) e siris, principalmente no estuário, onde a intensa e prolongada vazão de água doce e os elevados índices de captura têm prejudicado a pesca artesanal, sob riscos de um futuro colapso (D'INCAO; DUMONT, 2010).

O estuário compreende uma área de aproximadamente 10% das águas lacustres, sendo uma das cinco unidades propostas por Asmus (1998) para a Laguna dos Patos, conforme composição de águas abertas profundas ou águas rasas e protegidas. Segundo Martins et al. (1989), essa área estuariana apresenta-se como de baixa diversidade de espécies de flora e fauna devido à imprevisibilidade do ambiente, e o canal, muito longo (cerca de 20 km) e estreito (entre 0,5 e 3 km de largura), o que dificulta a entrada e permanência de organismos marinhos. A diversidade e abundância da fauna aumentam nas estações mais quentes, especialmente nas baías rasas, que funcionam como berçários de reprodução de espécies marinhas dependentes do sistema estuarino (MARTINS *et al.*, 1989).

Na escala nacional, a área dessa investigação está inserida na Região Hidrográfica Atlântico Sul, que representa a porção mais meridional litorânea do Brasil, abrangendo 2,2% do território nacional e aproximadamente 13 milhões de habitantes, predominantemente urbana (88%), e os estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (ANA, 2018⁵²). Essa Região Hidrográfica corresponde a 2,6% da disponibilidade hídrica e 14,6% da demanda por recursos hídricos do país, e engloba 76,4% da área e 67,5% da população do Rio Grande do Sul (MMA, 2006). No documento realizado pela ANA (2015⁵³), essa região é destacada pelo expressivo contingente populacional (uma densidade demográfica de 70 habitantes/km², três vezes maior do que a média brasileira), pelo desenvolvimento econômico e sua importância

⁵¹ Marismas são sistemas de produção entremarés, recobertos por vegetação herbácea que subsidiam os estuários e águas costeiras, devido à capacidade de suas espécies vegetais de fixar carbono, fornecendo importantes recursos pesqueiros e manutenção à qualidade ambiental (SEELIGER; ODEBRECHT, 2010).

⁵² ANA. Divisões Hidrográficas. Região Atlântico Sul. Disponível em: <<http://www3.ana.gov.br/portal/ANA/as-12-regioes-hidrograficas-brasileiras/atlantico-sul>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

⁵³ ANA Agência Nacional de Águas. Conjuntura dos Recursos Hídricos no Brasil: regiões hidrográficas brasileiras. Brasília: ANA, 2015. Disponível em: <<http://www.snirh.gov.br/portal/snirh/centrais-de-conteudos/conjuntura-dos-recursos-hidricos/regioeshidrograficas2014.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

turística, mas principalmente pelo uso consuntivo para a irrigação representando 66% da demanda total nessa área, compreendendo a segunda maior área irrigada no país.

Na escala regional, a área de estudo está inserida na Região Hidrográfica do Litoral, localizada na porção leste e sul do estado, dividida em cinco bacias (SEMA, 2018b⁵⁴). As áreas dos quatro municípios aqui estudados compõem três dessas bacias, conforme informações da Sema (2018b) e da Fepam (2018), ilustradas na Figura 2:

- a) Bacia Hidrográfica do Litoral Médio (abrange o município de São José do Norte): compreende toda a margem leste da Laguna e diversas lagoas interligadas, tendo uso da água destinado principalmente à irrigação das lavouras de arroz, onde o Lazer e o Turismo figuram entre os usos existentes. Essa área apresenta grau de urbanização e densidade demográfica baixa, sendo apontadas fragilidades na manutenção da água doce devido à influência oceânica (COMITÊ DA BACIA HIDROGRÁFICA LITORAL MEDIO, 2018⁵⁵);
- b) Bacia Hidrográfica do Rio Camaquã (abrange os municípios de São Lourenço do Sul e Pelotas): o rio de mesmo nome é um dos principais corpos de água que escoam na margem oeste da Laguna, e apresenta como principais usos a irrigação e o abastecimento público. Conforme documento do Plano de Gestão do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Camaquã (2016⁵⁶), são previstos usos da água para recreação e turismo, por meio das práticas de esportes náuticos e banhos nos principais balneários às margens da Laguna dos Patos;
- c) Bacia Hidrográfica Mirim - São Gonçalo (abrange os municípios de Pelotas e Rio Grande): o Canal de São Gonçalo é um dos seus principais cursos de água, fazendo a ligação entre a Lagoa Mirim e a Laguna. A bacia compreende as margens oeste-sul da Laguna, tendo como principais usos a irrigação, o abastecimento humano e a dessedentação animal (SEMA, 2018b), porém ainda não há informações disponibilizadas sobre a inserção da função turística e de lazer (COMITÊ DA BACIA HIDROGRÁFICA MIRIM SÃO GONÇALO, 2018⁵⁷).

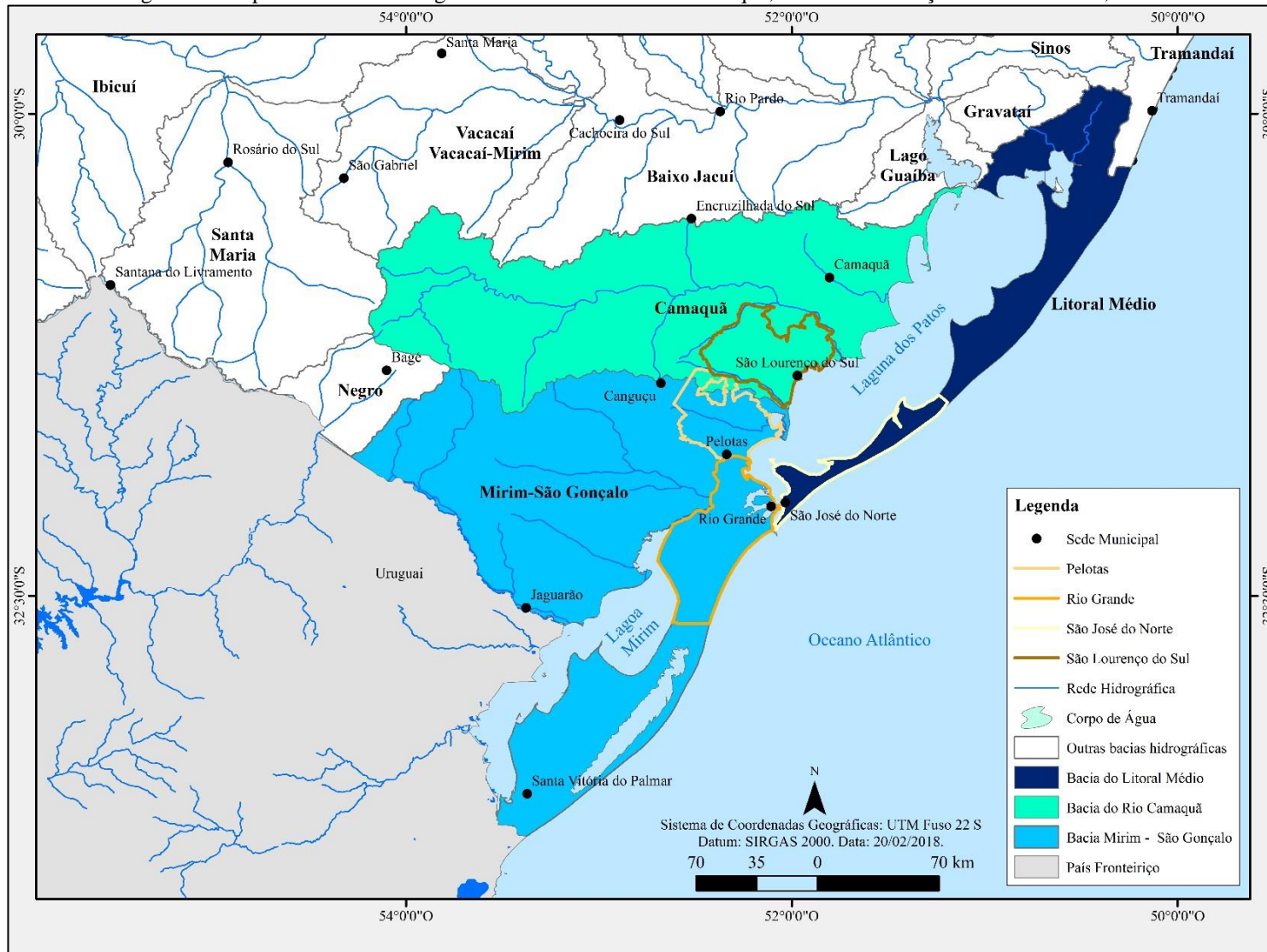
⁵⁴ SEMA, Secretaria do Ambiente e Desenvolvimento Sustentável do RS. Bacias hidrográficas do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://www.sema.rs.gov.br/bacias-hidrograficas>>. Acesso em: 27 mar. 2018b.

⁵⁵ Disponível em: <<http://www.comitelitoralmedio.com.br/quem-somos>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

⁵⁶ PLANO DA BACIA HIDROGRÁFICA DO CAMAQUÃ 2015-2035. Relatório executivo 2016. Disponível em: <<http://www.comitecamaqua.com/index.php/planejamento/plano-de-bacia>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

⁵⁷ COMITÊ DA BACIA HIDROGRÁFICA MIRIM SÃO GONÇALO. Disponível em: <<http://www.comitemirim.org.br/Inicial>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

Figura 2 – Mapa das Bacias Hidrográficas da área de estudo: Camaquã, Mirim-São Gonçalo e Litoral Norte, 2018



Fonte: Sema (2018b); Hasenack e Weber (2010); IBGE (2018b); MapCruzin (2018); Elaboração da autora e produção cartográfica do Geógrafo Msc. Jean Carlo Gessi Caneppele (2018).

No que concerne à regionalização da zona costeira do Rio Grande do Sul, o Programa de Gerenciamento Costeiro – Gerco/RS (FEPAM, 2016) foi iniciado em 1988, com o objetivo de implantação de um processo de gestão costeira no estado, propondo uma divisão do litoral em três setores, conforme características ambientais e socioeconômicas: litoral norte, médio (subdividido nas porções leste e oeste da Laguna dos Patos) e sul (FEPAM, 2016). As áreas desse estudo estão classificadas no litoral médio e litoral sul:

- a) litoral médio leste: São José do Norte;
- b) litoral médio oeste: São Lourenço do Sul, Pelotas e Rio Grande (apresenta área também no setor litoral sul);
- c) litoral sul: Rio Grande.

Conforme dados do IBGE (2018a), apresentados na Tabela 1, os quatro municípios do estudo compreendem uma área total de 7.473,835 km² e 625.549 habitantes (população estimada em 2017), havendo um aumento populacional a partir dos dados do último censo de 2010 (596.024 habitantes), quando apresentavam uma densidade demográfica média de 80 hab./km². Esses quatro municípios abrangem cerca de 61,5% da população total nas áreas de entorno da Laguna dos Patos (considerando-se os dados de população dos 14 municípios⁵⁸), estimada em 2017 em 1,017 milhões de habitantes (IBGE, 2018a). Pelotas representa o terceiro município mais populoso do estado atualmente, com cerca de 344 mil habitantes, onde a densidade demográfica é maior (203 hab./ km²), seguido de Rio Grande, com 209 mil habitantes, e São Lourenço do Sul e São José do Norte com menos de 50 mil habitantes. Rio Grande é o município de maior extensão territorial com 2.709,522 km², seguido de São Lourenço do Sul, Pelotas e São José do Norte.

Tabela 1 – Dados demográficos e área dos municípios estudados, 2010 e 2017

MUNICÍPIO	POPULAÇÃO – ÚLTIMO CENSO (2010)	POPULAÇÃO ESTIMADA (2017)	ÁREA EM KM ² (2017)	DENSIDADE DEMOGRÁFICA (2010) (hab./ km ²)
São Lourenço do Sul	43.111	44.580	2.036,125	21,17
Pelotas	328.275	344.385	1.610,084	203,89
Rio Grande	197.228	209.378	2.709,522	72,79
São José do Norte	27.410	27.206	1.118,104	22,81
TOTAL	596.024	625.549	7.473,835	80,165

Fonte: Elaboração da autora (2018), com base em IBGE (2018a).

A ocupação original da Laguna dos Patos, do litoral norte do Rio Grande do Sul e da

⁵⁸ Foram considerados aqui os dados da população estimada em 2017 (IBGE, 2018a), nos 14 municípios que se situam às margens da Laguna dos Patos: Viamão, Capivari do Sul, Palmares do Sul, Mostardas, Tavares, São José do Norte, Rio Grande, Pelotas, Turuçu, São Lourenço do Sul, Camaquã, Arambaré, Tapes e Barra do Ribeiro.

bacia do Jacuí, é atribuída aos índios Guaranis, em especial dos subgrupos Arachanes ou Patos, que habitavam as áreas nas margens ocidentais da Laguna e do Guaíba, e os Carijós, na faixa litorânea desde o atual município de São José do Norte em direção ao norte (MMA, 2006). No estuário da Laguna dos Patos, houve ocupações pelas tradições Umbu, Vieira, e, depois, Tupiguarani e Minuanos (TORRES, 2015). Segundo Spalding (1961), a denominação “Patos” decorre dos indígenas Arachanes, que assim eram chamados pelos navegadores, pois habitavam um local no atual estado de Santa Catarina conhecido como região ou sertão dos patos, devido à existência de “patos-arminho”. Com as incursões dos bandeirantes paulistas para o oeste e o sul, os topônimos teriam migrado juntamente com essas tribos indígenas, e, possivelmente, também os patos-arminho foram trazidos para as lagoas sul-rio-grandenses (SPALDING, 1961).

A Laguna dos Patos está relacionada à origem do nome do estado. Spalding (1961) relata que as denominações “Lagoa dos Patos, Guaíba e Barra do Rio Grande” são recentes, uma vez que constavam na cartografia dos séculos XVII até início do XIX sob a denominação única de “Rio Grande”, referindo-se desde a foz no Atlântico Sul (posteriormente Barra do Rio Grande) até as nascentes do Jacuí ou até Porto Alegre (posteriormente Lagoa do Viamão, e depois, Guaíba). Para Oliveira (1976, p. 79), o nome “Rio Grande do Sul” está vinculado “a um rio que não existe” e que caiu no domínio público de forma marcante. As águas lacustres, nesse caso, eram consideradas as mesmas águas fluviais em trânsito, decorrentes dos rios tributários do Guaíba, que escoam para a Laguna dos Patos através do estreito de Itapuã, até a desembocadura no oceano pelo Canal de Rio Grande (OLIVEIRA, 1976).

No século XVIII inicia a ocupação da zona costeira do Rio Grande do Sul, com a chegada dos imigrantes açorianos, portugueses e africanos; seguida no século XIX, pelos imigrantes alemães, italianos, poloneses, japoneses, entre outras etnias, mas a ocupação mais intensa ocorre somente a partir do século XX (STROHAECKER, 2007). Nas áreas de ocupação mais intensa, a facilidade de acesso e a disponibilidade hídrica permitiram a instalação das primeiras vilas, e, a partir disso, das indústrias, dos serviços, dos equipamentos urbanos, efetivando a Região Metropolitana de Porto Alegre como polo regional (MMA, 2006).

A primeira navegação no Canal de Rio Grande teria sido comandada pelo Brigadeiro José da Silva Paes, em 19 de fevereiro de 1737, ancorando em Rio Grande e estabelecendo o primeiro povoado, a Barra do Rio Grande de São Pedro, cidade mais antiga do estado – hoje Rio Grande, para fundar um presídio e o Forte Jesus-Maria-José (TORRES, 2015). Com isso, surgem as primeiras aglomerações e assentamentos de colonização portuguesa nas áreas às margens da Laguna, originando posteriormente municípios como Rio Grande, Mostardas, São

José do Norte, Viamão e Porto Alegre, caracterizando uma intensa ocupação litorânea (MMA, 2006).

Essas populações utilizavam a Laguna como fonte de alimento através dos abundantes recursos pesqueiros, bem como para atividades culturais, sociais e comerciais. Os avanços nas técnicas agrícolas permitiram o cultivo do arroz irrigado e a implantação de meios de transporte que modificaram o desenvolvimento e a ocupação dos centros urbanos no entorno lacustre (ASMUS, 1998). O estabelecimento das estâncias para criação de gado, a partir da distribuição das sesmarias pela coroa portuguesa, impulsionou a pecuária extensiva, voltada à produção do couro e depois do charque, esse último, tornando-se importante função econômica no final do século XVIII. Instaladas às margens dos cursos de água ligados à Laguna dos Patos, as charqueadas escoavam sua produção por meio do sistema hídrico. Após a agricultura diversificada decorrente da política de imigração, houve o desenvolvimento da indústria de formação familiar (MMA, 2006).

A navegação em Rio Grande teria motivado as obras de construção do porto novo e dos molhes (anos 1911-1915) e a dragagem do canal, permitindo a manutenção da navegação lacustre e fluvial (SPALDING, 1961; TORRES, 2015). Saint-Hilaire descreveu, nos anos 1820-1821, essa intensa atividade como propulsora de desenvolvimento às cidades de Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre. E, após 1950, foram progressivamente substituídas pelas estradas de rodagem (MMA, 2006). O Farol de Itapuã é destacado por Saint-Hilaire como um marco fundamental do sistema hidroviário sul-rio-grandense. Ele “sinaliza o fim do Rio Guaíba e o início da Lagoa dos Patos” (KNIPPLING, 2002). A existência dos demais faróis, do Estreito, Bojuru, Capão da Marca, Cristóvão Pereira e um faroleta na barra de São Lourenço, são elementos que facilitaram a navegação lacustre (SPALDING, 1961). Alguns ainda estão presentes nas margens, representando elementos paisagísticos de referência histórica e arquitetônica (VIEIRA, 2014). No entanto, após terem perdido sua funcionalidade diante do avanço das tecnologias, também não receberam valorização turística.

Ainda hoje, a Laguna dos Patos tem papel fundamental na economia e na cultura das populações, integrando uma diversidade de usos das águas: abastecimento, irrigação da rizicultura, indústrias (produção de fertilizantes, processamento de pescados, refino de petróleo, produção de alimentos), dessedentação de animais, pesca, atividades portuárias, mineração, turismo e lazer. Pereira, Niencheski e Baumgarten (2005) registram que as lavouras e a pecuária são atividades de importância nessa área, sendo as principais culturas: arroz, trigo, milho, feijão e tabaco, e as pastagens extensivas. As águas da Laguna e da Lagoa Mirim são, em grande parte, utilizadas para irrigação da rizicultura, com elevado grau de mecanização (MMA, 2006).

Suas águas também são utilizadas para o abastecimento dos municípios e do polo industrial no eixo Pelotas-Rio Grande, predominantemente de produtos químicos, fertilizantes e minerais (PEREIRA; NIENCHESKI; BAUMGARTEN, 2005). A seção sul é rica em peixes e crustáceos, sendo a pesca artesanal de pequena escala uma importante atividade das populações às margens da Laguna. Apesar das dificuldades que apresenta à navegação por ser um sistema costeiro raso, a atividade é descrita pelo MMA (2006) como significativa, somando mais de 350 km de trechos navegáveis na Laguna dos Patos e na Lagoa Mirim. Na rota Rio Grande – Porto Alegre navegam comboios de chatas rebocadas (transportam grãos), barcos de pesca, navios de carga geral, navios *porta-containers* e de cargas perigosas (químicos e derivados do petróleo). A atividade conta com três portos associados à área: Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande (MMA, 2006). O turismo é caracterizado como a atividade econômica mais recente, de importância sazonal na faixa oceânica, mas também na costa oeste da Laguna (PEREIRA; NIENCHESKI; BAUMGARTEN, 2005).

Diante desse cenário de múltiplos usos da água, emergem diversos conflitos de interesses. No relatório da ANA (2015), a Laguna dos Patos, juntamente com a Lagoa Mirim, é apontada como áreas em situação crítica quanto ao balanço hídrico quantitativo e qualitativo, conjugando alta demanda para irrigação, principalmente para a rizicultura, e lançamento de efluentes domésticos e industriais *in natura*. Também são enumeradas como áreas de riscos, em virtude das planícies de inundação no entorno dos sistemas lagunares, conjugada à alta concentração populacional, como em Pelotas e Rio Grande (ANA, 2015).

A insuficiência da rede de coleta e tratamento de esgoto nos principais municípios – Pelotas e Rio Grande – também é descrita por Ueda e Vigo (1997) e Pereira, Niencheski e Baumgarten (2005). Fatores esses que, somados às baixas taxas de tratamento dos efluentes industriais, aos problemas relacionados aos resíduos sólidos que se acumulam em galerias e dutos, ao descumprimento da legislação dos aterros sanitários, têm levado à crescente deterioração da qualidade das águas e dos ecossistemas associados à Laguna (PEREIRA; NIENCHESKI; BAUMGARTEN, 2005). Com isso, a poluição e a deterioração da qualidade da água causada pelos efluentes domésticos e industriais, têm se refletido na balneabilidade das praias lacustres, muitas vezes impróprias para o banho, prejudicando a função turística e de lazer nessas localidades.

Segundo Pereira, Niencheski e Baumgarten (2005), a agricultura tem causado consequências diretas à Laguna e áreas de entorno como: drenagem ilegal de banhados e cursos de água para irrigação, prejudicando os demais usos; erosão e compactação do solo pela ausência de práticas de conservação; contaminação das águas por resíduos agropecuários,

prejudicando a qualidade e disponibilidade hídrica; destruição da vegetação nas áreas úmidas, convertidas em lavouras e pastagens, levando à perda da biodiversidade.

Asmus (1998) e Tyrrell (2005) também alertam para o crescimento demográfico e industrial nos arredores da Laguna nas últimas décadas, somado à expansão das funções comercial e imobiliária, contribuindo para a deterioração das águas e à degradação de ambientes como as baías rasas (TYRRELL, 2005) e os marismas (SEELIGER; COSTA, 1998).

A Laguna dos Patos é historicamente fonte de interesses e usos diversos e conflituosos. Na busca pela compatibilização entre as demandas socioeconômicas e a proteção das águas e ambientes adjacentes, Seeliger e Costa (1998) citam como principais preocupações: a demanda crescente para irrigação das lavouras de arroz, afetando o balanço hídrico e o ciclo de vida de peixes e crustáceos de importância comercial; a descarga de nutrientes e materiais tóxicos agrícolas e dos efluentes domésticos e industriais, causando eutrofização e proliferação de algas tóxicas; a poluição por metais perigosos provenientes da descarga de efluentes industriais, de mineração, agrotóxicos e lavagens de tanques de navios; a construção de molhes, dragagens e aterros para desenvolvimento portuário, residencial e industrial, gerando redução e destruição de *hábitats*; as queimadas, a adubação, a pastagem extensiva e o florestamento por *Pinus elliottii* e *Eucalyptus*, levando à perda das funções dos marismas e alteração na hidrodinâmica. Já Asmus (1998) enumera impactos no baixo estuário provenientes das atividades portuárias, das indústrias de fertilizantes, do processamento de pescados e do refino de petróleo.

A manutenção da pesca artesanal na Laguna é outro aspecto que gera preocupações sociais e científicas. Alvarez, Martins e Martins (1981) já indicavam a redução dos recursos pesqueiros, relacionando-a à crescente instalação de complexos industriais na margem oeste, às obras do superporto em Rio Grande e à poluição trazida pelo Guaíba. Tendo a Laguna dos Patos servido de sustento e alimento às diversas comunidades por mais de um século, os estoques pesqueiros mostram-se hoje cada vez mais limitados. Isso é atribuído à intensificação da pesca industrial na segunda metade do século XX, à sobrepesca e captura indiscriminada no período de reprodução das espécies, aliado às modificações no canal e ao aumento das atividades portuárias desde o final da década de 1990 (SEELIGER, 2010; SEELIGER; COSTA, 2010). Ávila Martins (2002) alerta para o rompimento das relações de transmissão dos saberes de vida e do trabalho dos pescadores artesanais no estuário da Laguna dos Patos. Além disso, nos últimos anos, a instalação do polo de construção naval e as obras de prolongamento dos molhes e aprofundamento do canal de acesso ao Porto de Rio Grande alavancaram o setor naval e a movimentação de navios maiores na área do estuário, gerando impactos socioeconômicos, especialmente às comunidades pesqueiras (SEELIGER; COSTA, 2010).

A ineficiência do sistema de gerenciamento ambiental da Laguna é apontada por Asmus e Tagliani (1998) e Pereira, Niencheski e Baumgarten (2005), justificada por problemas técnicos e legais, de conflitos nas atribuições dos níveis municipal, estadual e federal.

Hoje, a Laguna dos Patos oferece condições à sobrevivência dos grupos sociais e sua cultura, cujas águas são utilizadas para usos múltiplos: irrigação das lavouras de arroz e outras culturas, dessedentação de animais, indústria, atividade portuária, mineração, construção civil, transportes, navegação, pesca, lazer, turismo, preservação, entre outros. Com o aumento e concentração da população nessas áreas de margens lacustres, em seu recorte sul, a água mostra-se indispensável ao abastecimento das cidades, além de ser fator de conflitos cada vez mais frequentes na atualidade. Outras formas de uso mais recentes nesses territórios, como a geração de energia eólica e a retomada do transporte hidroviário, emergem como novas perspectivas, em que talvez o Turismo possa agregar esforços enquanto alternativa socioeconômica.

4.2 A LAGUNA DOS PATOS NA REGIÃO TURÍSTICA COSTA DOCE

A estreita faixa litorânea entre a Laguna dos Patos e o Atlântico e as áreas de lagoas localizadas no litoral do Rio Grande do Sul são identificadas pelo MMA (2006) como áreas de especial interesse ecológico e turístico.

A valorização cultural dos espaços litorâneos marítimos como áreas de Lazer e Turismo no Rio Grande do Sul, segundo Strohaecker (2007), deu-se a partir do final do século XIX e início do século XX, com o uso ocasional nos meses de verão, a partir da divulgação no Brasil das propriedades terapêuticas dos banhos de mar (talassoterapia). O primeiro balneário gaúcho projetado - o Cassino, em Rio Grande - no Litoral Sul, foi inaugurado em 1890, com a implantação de uma ferrovia que possibilitou o acesso ao balneário (TORRES, 2015). A instalação dos primeiros estabelecimentos de hospedagem, para atender à crescente demanda de veranistas no Litoral Norte, deu origem aos balneários de Cidreira, Tramandaí e Torres. A partir da década de 1940, passam a receber gradativos e sistemáticos investimentos públicos, impulsionando o crescimento demográfico e a diversificação econômica. E, após os anos 1980, surge a implantação de loteamentos e empreendimentos imobiliários para fins de segunda residência e de complexos hoteleiros, condomínios e loteamentos de luxo, especialmente em áreas privilegiadas pela beleza cênica, intensificando o processo de urbanização aliado ao setor turístico no Litoral Norte (STROHAECKER, 2007).

No Litoral Norte, a atividade turística torna-se mais intensa e sazonal, decorrente das temperaturas mais elevadas no verão e do principal período de férias escolares, predominando um turismo de sol e praia e de segundas residências. O crescente incremento da população no período do “veraneio” tem agravado os processos de ocupação e adensamento populacional na zona costeira da Região Hidrográfica Atlântico Sul, com implicações na infraestrutura urbana, gerando impactos e degradação nos recursos hídricos e nos ecossistemas (MMA, 2006).

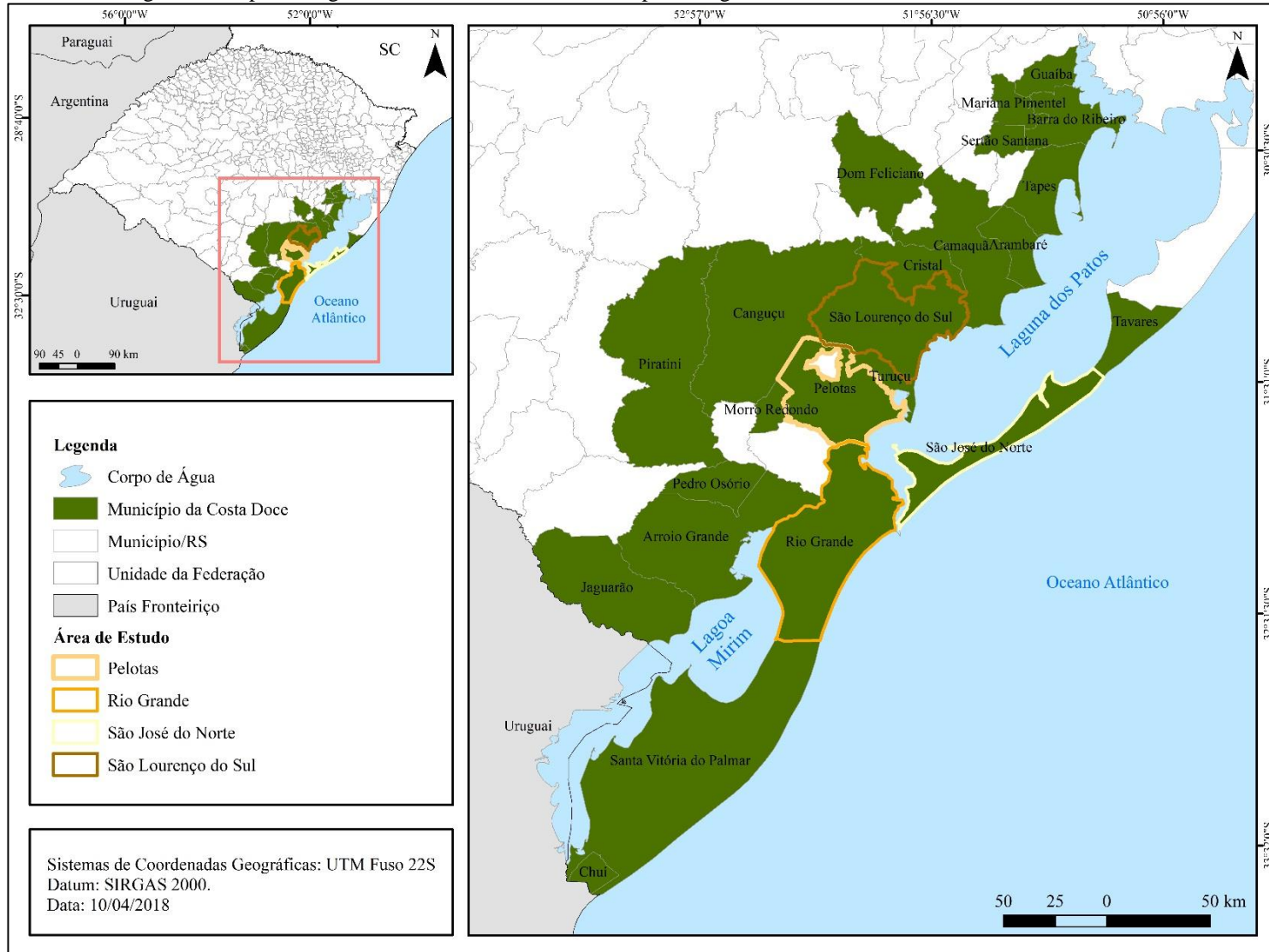
No que se refere à regionalização do Turismo adotada pela Secretaria de Estado da Cultura, Turismo, Esporte e Lazer (SEDACTEL, 2018), os quatro municípios estudados integram a região turística denominada Costa Doce. A estratégia de promoção institucional direciona-se ao turismo de sol e praia, nos balneários marítimos e lacustres nesse recorte geográfico, associado à valorização turística de elementos arquitetônicos e culturais herdados dos imigrantes, bem como pelo resgate de elementos históricos relacionados à Revolução Farroupilha, sendo divulgado como:

A Costa Doce reúne a beleza arquitetônica da imigração ibérica em uma região tocada pela imensidão das águas lagunares e pela costa oceânica, destino de Sol e Praia consagrado por gaúchos, uruguaios e argentinos. Com o Pampa, foi cenário da Revolução Farroupilha – o mais longo conflito armado do Brasil, que durou 10 anos. Descendentes dos imigrantes germânicos diversificam a oferta com os roteiros coloniais e o Caminho Pomerano, em paisagens de rara beleza e forte identidade cultural. A arquitetura e as praias doces e salgadas são o tesouro da Costa Doce (SEDACTEL, 2018⁵⁹).

A Região Turística Costa Doce, após atualização realizada no ano de 2017 (OBSERVATÓRIO..., 2018a), passou a ser formada por 23 municípios, conforme Figura 3, incluindo: Arambaré, Arroio Grande, Barra do Ribeiro, Camaquã, Canguçu, Chuí, Cristal, Dom Feliciano, Guaíba, Jaguarão, Mariana Pimentel, Morro Redondo, Pedro Osório, Pelotas, Piratini, Rio Grande, Santa Vitória do Palmar, São José do Norte, São Lourenço do Sul, Sertão Santana, Tapes, Tavares e Turuçu. Dez desses municípios localizam-se às margens da Laguna dos Patos.

⁵⁹ SEDACTEL, Secretaria de Estado da Cultura, Turismo, Esporte e Lazer. Regiões Turísticas. Região Costa Doce. Disponível em: <<http://www.turismo.rs.gov.br/regiao/43/regiao-costa-doce#sobre>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

Figura 3 – Mapa da Região Turística Costa Doce: municípios integrantes no contexto do Rio Grande do Sul, 2017



Fonte: Observatório de Turismo do RS (2018a); Hasenack e Weber (2010); IBGE (2018b); MapCruzin (2018); Elaboração da autora e produção cartográfica do Geógrafo Msc. Jean Carlo Gessi Caneppele (2018).

A margem oeste da Laguna é identificada pelo MMA (2006) como “área com vocação turística”, além de abrigar maior potencial de conflitos pelo uso da água decorrentes desta atividade. Apresenta balneários nos municípios de Barra do Ribeiro, Tapes, Arambaré, São Lourenço do Sul e Pelotas (PEREIRA; NIENCHESKI; BAUMGARTEN, 2005). Segundo Alvarez, Martins e Martins (1981), a orla oeste já era praticada do ponto de vista turístico, enquanto a margem leste, limitada pela área de restinga, era descrita como “pouco habitada e explorada”.

A Região Costa Doce apresenta oferta de serviços de hospedagem ampla e diversificada, principalmente concentrada no eixo Pelotas – Rio Grande. Segundo informações do Observatório de Turismo do RS, referentes ao ano de 2017 (OBSERVATÓRIO..., 2017b), a Costa Doce é a terceira região turística do estado mais representativa no que concerne à quantidade de estabelecimentos hoteleiros (9,89%), após a região das Hortênsias (18,31%) e Litoral Norte Gaúcho (12,93%), superando inclusive as regiões Uva e Vinho (8,05%) e Porto Alegre (6,53%). Na Tabela 2, segue a capacidade hoteleira atual dos municípios estudados:

Tabela 2 – Capacidade dos meios de hospedagem nos municípios estudados, comparativamente à Costa Doce e ao Rio Grande do Sul, 2018

MUNICÍPIO	MEIOS DE HOSPEDAGEM	UNIDADES HABITACIONAIS (UHS)	LEITOS
São Lourenço do Sul	14	281	762
Pelotas	27	863	2.270
Rio Grande	36	1.277	3.124
São José do Norte	6	38	98
SUBTOTAL	83	2.459	6.254
TOTAL COSTA DOCE	156	3.848	9.937
TOTAL NO RS	1.580	54.747	129.319
% COSTA DOCE EM RELAÇÃO AO RS	9,89%	7,03%	7,71%

Fonte: Elaboração da autora (2018), com base em Observatório de Turismo do RS (2018b⁶⁰; 2017b).

A Costa Doce é caracterizada por uma frequência turística sazonal em razão das praias (lacustres e marítimas), destacando-se também pela abertura de novos leitos para atender o fluxo de trabalhadores do setor naval em Rio Grande e São José do Norte, com operações iniciadas no ano 2010 (OBSERVATÓRIO..., 2017a). Pelotas apresenta uma diversificada oferta de serviços de acomodação, a exemplo da recente abertura de *hostels*, justificada pelo fato de ser uma cidade universitária. Na comparação dos dados de 2016 (OBSERVATÓRIO...,

⁶⁰ OBSERVATÓRIO DE TURISMO DO RS. Guia de meios de hospedagem do RS referentes à dezembro de 2017, disponibilizado via e-mail pela coordenação do Observatório, em sua versão mais atualizada e detalhada sobre a capacidade em cada um dos municípios do Rio Grande do Sul e por regiões turísticas. Porto Alegre, mar. 2018b.

2017a) e 2017 (OBSERVATÓRIO..., 2017b), a Região Costa Doce apresenta um incremento na capacidade hoteleira, passando de 142 para 156 meios de hospedagem e de 8.888 para 9.943 leitos. Porém, as situações de encerramento ou redução das atividades navais têm levado à reavaliação das estratégias regionais no setor hoteleiro (OBSERVATÓRIO..., 2017a).

A disponibilidade de transporte aéreo (Pelotas e Rio Grande possuem aeroportos), mas principalmente rodoviário, pelas BRS 290, BRS 116 e BRS 392, e as distâncias entre os municípios na margem oeste da Laguna dos Patos, precisam ser considerados na compreensão da função turística, mas também de outras mobilidades bastante frequentes nesse recorte geográfico como os movimentos pendulares a trabalho. O caso de São José do Norte é particular, diante da sua localização no extremo sul da restinga, interligando-se com os municípios do Litoral Norte do estado por via rodoviária, pela BRS 101, e por via lacustre, com Rio Grande, por meio dos serviços de transporte hidroviário realizado por balsas e lanchas. No Quadro 4, constam as distâncias rodoviárias aproximadas e os principais acessos (rodoviários e lacustres, via balsa, no caso de São José do Norte) entre os municípios e a capital estadual, Porto Alegre:

Quadro 4 – Distâncias rodoviárias (em km) e principais acessos entre os municípios estudados e a capital Porto Alegre, 2018

Municípios estudados e capital do RS	Pelotas	Rio Grande	São José do Norte	São Lourenço do Sul
Porto Alegre	253	310	340 (hidroviário) ou 373 (rodoviário)	194
Pelotas	-	60	77	72
Rio Grande	60	-	10	131
São José do Norte	70	10	-	141
São Lourenço do Sul	72	131	141	-
Acessos principais	BRS 290 – BRS 116 – BRS 293	BRS 290 – BRS 116 – BRS 392 – ERS 734	ERS 040 – RSC 101 – BRS 101	BRS 290 – BRS 116 – ERS 265

Fonte: Elaboração da autora (2018), com base em DAER (2018)⁶¹; ROTAMAPAS (2018)⁶².

Nos estudos que tratam da Laguna dos Patos, há um enfoque prioritário sobre seus aspectos geomorfológicos, geográficos, hidrológicos, ecológicos, biológicos, sociais e culturais. O Turismo aparece de forma pontual nesses estudos, sendo citado pelas suas potencialidades, ou ainda, reduzido à atividade geradora de impactos, considerando as

⁶¹ DEPARTAMENTO AUTÔNOMO DE ESTRADAS DE RODAGEM, DAER. Distâncias de Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.daer.rs.gov.br/distancias-porto-alegre-municipios>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

⁶² ROTA MAPAS. Disponível em: <<https://www.rotamapas.com.br/>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

fragilidades físicas e ecológicas da PCRS.

No caso do Turismo em Pelotas, uma pesquisa de demanda e satisfação do turista quanto à oferta turística local foi conduzida junto aos Centros de Atenção ao Turista (CAT) da Praia do Laranjal⁶³, durante o verão de 2013, pela SEDACTEL, sendo depois repetida nos anos 2014-2016, visando tanto um público de residentes como de não residentes (PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS, 2017a⁶⁴). A pesquisa indicou um grau de satisfação positivo da maioria dos entrevistados, sendo os principais critérios de insatisfação a sinalização turística, a segurança pública, o transporte urbano, a limpeza urbana, a água e o saneamento. Os dados mostraram uma conjugação do público de turistas e de veranistas, que permanecem entre dois a sete dias no destino, utilizando hotéis como principal meio de hospedagem, o carro como principal meio de transporte, porém não utilizando os serviços de agências de viagens. Eles são geralmente provenientes de Porto Alegre e outros municípios do estado, ou dos países vizinhos (Uruguai, Argentina). O relatório sugere que os viajantes a negócios são o principal público do município, associado àqueles que buscam o destino por motivação de férias e lazer (PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS, 2017a). Isso revela a necessidade de continuidade desses estudos para melhor entendimento da função turística local e sua interação com outras formas de mobilidade, a exemplo das viagens a negócios.

Ueda e Vigo (1997) já haviam sugerido que os recursos hídricos do entorno da Laguna dos Patos em Pelotas pudessem ser tratados como patrimônio, sendo integrados aos roteiros turísticos e às atividades de educação ambiental, incentivando a participação comunitária e a valorização e recuperação ambiental e urbana. Fischer e Calliari (2011) também alertaram para o potencial turístico das áreas de proteção ambiental nas margens lacustres de Pelotas, sujeitas à intensa ocupação, e, com isso, à ocorrência de processos erosivos nas margens lacustres, levando à diminuição da faixa de praia e à degradação da mata nativa.

Crivellaro, Monteiro e Silva (2011) relataram uma experiência de fomento ao ecoturismo no estuário da Laguna dos Patos, em Rio Grande, junto às comunidades da Ilha dos

⁶³ O Laranjal é designado como uma região administrativa de Pelotas (PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS, 2018), englobando diversos balneários, praias, comunidades pesqueiras, áreas de preservação, agrícolas e residenciais, compreendendo a extensão entre o Pontal da Barra e a Colônia de Pescadores Z3. No entanto, é popularmente conhecida como “Praia do Laranjal” referindo-se às áreas do Balneário Santo Antônio, o mais antigo do município, e do Balneário Valverde, sendo espaço frequentado de turistas e residentes.

⁶⁴ PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS. Plano Municipal de Turismo – Pelotas – RS – 2017-2024. Pelotas: Pelotas Turismo, 2017a. Disponível em: <<http://www.pelotaturismo.com.br/files/plano.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

Marinheiros⁶⁵ e do Molhe Oeste⁶⁶. Foram realizadas ações de capacitação, de elaboração de um sistema de visitação orientada, de fixação de placas indicativo-informativas e de criação de material de divulgação, e, com isso, a Ilha dos Marinheiros passou a integrar os atrativos turísticos locais. Já no Molhe Oeste, as propostas de trilhas de ecoturismo não foram executadas, sendo relatadas a resistência dos vagoneteiros e a precariedade das condições dos trilhos (CRIVELLARO; MONTEIRO; SILVA, 2011).

Em São José do Norte, Reis, Vieira e Stotz (2011) descreveram uma experiência piloto na comunidade da Várzea, no estuário da Laguna, de elaboração participativa do plano de gestão da pesca, onde o turismo foi escolhido como atividade complementar, buscando valorizar a pesca artesanal e contribuir como alternativa de renda. Foi descrito um processo de capacitação dos pescadores e de elaboração de um roteiro turístico, tendo como resultados o resgate histórico-cultural, a afirmação da identidade, a valorização do lugar onde vivem, a troca de experiências e conhecimentos.

O incipiente aproveitamento do potencial paisagístico dos lagos do Rio Grande do Sul foi levantado por Ribeiro (2003), visualizando-o como possibilidade ao desenvolvimento de modelos de turismo complementares à oferta turística de sol e praia. O desinteresse político-administrativo desse potencial teria favorecido a exploração e valorização imobiliária gradual das áreas de maior apelo paisagístico. Com isso, o autor propôs uma revalorização da via natural de transporte⁶⁷ formada pelos lagos através da navegação e da oferta de produtos turísticos nas margens (antigos portos e fazendas), sugerindo práticas como a pesca, a educação ambiental, a observação de aves, as atividades de baixo impacto ambiental, de valorização da fauna e da flora e do patrimônio cultural (RIBEIRO, 2003).

Nesses estudos, predominam, de um lado, a ideia de dependência de um turismo de sol e praia, e, de outro, a noção de potencialidades turísticas ainda pouco ativadas quando relacionadas à Laguna dos Patos e demais corpos hídricos da PCRS. Isso oferece indícios de que o Turismo não é tratado como prioridade nas políticas públicas locais e regionais, emergindo sob a forma de estudos, projetos e iniciativas isoladas nos territórios.

Conforme descrito por Rambo (1942, p. 30), a Laguna dos Patos “[...] introduz um

⁶⁵ A Ilha dos Marinheiros, com 40km², está localizada na porção central do estuário, é Patrimônio Histórico do estado e apresenta diversidade paisagística (praias, dunas, campos, matas, terraços lagunares, marismas e lagoas); nela ocorrem atividades de pesca e agricultura (CRIVELLARO; MONTEIRO; SILVA, 2011).

⁶⁶ O Molhe Oeste, no Canal de Rio Grande, é conhecido pelas vagonetas, veículo que se desloca sobre trilhos sob a ação do vento, transportando turistas e pescadores (CRIVELLARO; MONTEIRO; SILVA, 2011).

⁶⁷ Entre os anos 1920 e 1960, existia uma rede comercial de pequenos portos nos lagos do Rio Grande do Sul, onde o transporte de mercadorias e passageiros era feito de barco, por exemplo, entre Porto Alegre e Palmares do Sul, conectado via trem até Osório, e via lacustre até Torres. Essa navegação foi sendo progressivamente abandonada (RIBEIRO, 2003).

elemento novo na paisagem do litoral [...]”, pelas suas ilhas e sacos, direcionando o olhar do observador, pois: “[...] é neste descanso estético do espírito entre o oceano e as serras continentais que se revela a última razão da beleza natural: o litoral riograndense é uma paisagem profundamente harmônica, a mais harmônica de quantas existem no Rio Grande do Sul.” (RAMBO, 1942, p. 27).

Nas partes seguintes dessa investigação trata-se de questionar essas paisagens lacustres sob o prisma do Turismo, buscando descobrir mais profundamente a Laguna dos Patos em seus diferentes contornos, acentuar suas cores, integrar diferentes perspectivas, interpretar olhares, vivências e emoções manifestadas pelos sujeitos nessa relação com os espaços geográficos.

5ª PARTE – “DESCOBERTO PELAS ÁGUAS”: ANÁLISE DAS NARRATIVAS DOS SUJEITOS DA INVESTIGAÇÃO

Essa etapa da investigação estrutura-se essencialmente entorno das narrativas dos sujeitos participantes, com o intuito de compor um mosaico de interpretações que possam conduzir as reflexões acerca da questão central: de que forma o Turismo se relaciona com as paisagens lacustres?

A relação entre os sujeitos e os espaços geográficos relacionados à Laguna dos Patos (Rio Grande do Sul, Brasil), na escala de quatro municípios, é o tema central nessa etapa, no que concerne ao papel das paisagens lacustres e suas interações com o Turismo. Ao interrogar essas relações a partir dos conhecimentos e experiências, individuais e coletivas, coloca-se ênfase nas subjetividades, valorizando os conteúdos e contextos das falas dos 53 sujeitos, pertencentes a cinco grupos distintos, e que participaram das 40 entrevistas selecionadas (Apêndice F) para compor a base de interpretação desta quinta parte da tese.

Numa construção dialógica entre pesquisados e pesquisadora, associada à literatura científica e outras formas complementares de representação da paisagem (fotografias, relatos de viagem, música, pintura, poesia, literatura, outros), percorre-se as questões e objetivos dessa pesquisa, consolidando as reflexões em quatro temas principais:

Tema 1: “Do convívio com as águas internas”: O patrimônio da paisagem lacustre

Tema 2: “Porque água atrai”: A interação entre sujeitos, práticas e locais turísticos

Tema 3: “Entre a terra e a água há um portal”: As potencialidades e expectativas relacionadas à paisagem e ao Turismo

Tema 4: “Esse jogo entre água salgada e doce”: As limitações e tensões relacionadas à paisagem e ao Turismo

Das narrativas emergem múltiplos pontos de vista, situações, contextos, vivências e intencionalidades dos sujeitos e dos grupos selecionados, em relação à diversidade das paisagens lacustres no recorte temporal e espacial determinado. Esses relatos traduzem uma vasta gama de percepções, representações e práticas atribuídas às paisagens lacustres, sendo essa o fio condutor para a construção do debate sobre a interrelação entre os temas da paisagem, da água e do patrimônio pelo prisma do Turismo.

Para isso, alguns fragmentos das narrativas foram selecionados e integrados ao texto, tendo como critério os conteúdos e significados que aportavam a cada um dos temas em debate, conforme os resultados elucidados por meio da estruturação temática, oferecendo argumentos

para a problematização das questões e objetivos da pesquisa. Procurou-se evidenciar as contribuições mais representativas e específicas em cada caso, ilustrando alguns pontos de vista, e, a partir disso, as semelhanças e diferenças entre os sujeitos e os grupos escolhidos, tratando-se de valorizar a multiplicidade de interpretações e vivências junto às paisagens, e os distintos contextos sociais e geográficos dos sujeitos. Entretanto, não se pretendeu aqui esgotar todas as possibilidades e multidimensionalidades envolvidas nesse processo investigativo, abrindo-se às complexidades que permeiam essas relações no tempo e espaço.

TEMA 1: “DO CONVÍVIO COM AS ÁGUAS INTERNAS”: O PATRIMÔNIO DA PAISAGEM LACUSTRE

As múltiplas leituras sobre as paisagens lacustres contidas nos relatos episódicos e situacionais dos sujeitos são resgatadas nessa parte da investigação, objetivando revelar os valores e sentidos atribuídos a essas paisagens (objetivo 1), a partir das práticas, experiências e conhecimentos em sua relação com o espaço geográfico.

Ao valorizar as subjetividades na apreensão da paisagem, pretende-se compor o texto com uma diversidade de pontos de vista e opiniões dos sujeitos sobre os assuntos. Com o intuito de ultrapassar a perspectiva meramente visual e estética na leitura da paisagem, busca-se valorizar a abordagem a uma “experiência polisensorial” (NOGUÉ, 2015) e os diversos componentes envolvidos nos esquemas individuais de percepção, sensação e representação paisagística (estéticos, emocionais, culturais, simbólicos, outros).

Nas narrativas dos entrevistados, um “mundo material” e “um mundo sensível” emergem conectados ao se tratar da paisagem (DARDEL, 1952), expressando leituras que expõem não uma paisagem lacustre, mas múltiplas paisagens lacustres. Compondo-se de diversos recortes de um todo integrado, e, simultaneamente, de um todo compreendido nas partes. Essas paisagens são evidenciadas por suas variadas formas, estruturas, funções e dinâmicas, mas igualmente prenes de emoções, sentimentos, sensações, significados. Com o intuito de conjugar, simultaneamente, os aspectos do visível e do sensível, relacionados à paisagem (BERQUE, 1990; 1995; BESSE, 2011), alguns recortes das narrativas são capturados em seus conteúdos e na expressão de emoções, oferecendo suporte à reflexão sobre os sentidos dessas paisagens para as sociedades que habitam esses espaços, seja permanentemente ou temporariamente.

Aproximando-se do tema do patrimônio, a reflexão busca aporte na atual discussão sobre os valores da paisagem, baseando-se na tipologia proposta por Nogué, Sala e Grau (2016) de: valores naturais, estéticos, históricos, de uso social, simbólicos, produtivos. A paisagem, enquanto patrimônio herdado por uma sociedade, é também revelada na interação com as realizações do presente, concretizada como um “palimpsesto” (SCAZZOSI, 2006), composta de uma justaposição de diferentes camadas de significados que atravessam os tempos (COSGROVE, 1998). A partir disso, espera-se revelar conhecimentos que contribuam à tomada de consciência e valorização das especificidades, diversidades e identidades das paisagens lacustres na área estudada. Esse (re)conhecimento do patrimônio das paisagens lacustres pode contribuir significativamente à concepção e/ou evolução da dinâmica turística nesses espaços geográficos, mas não se reduz a esse objetivo. Essa análise pelo prisma do Turismo aponta novos caminhos à gestão da paisagem e do seu papel no desenvolvimento territorial, ao solicitar cada vez mais espaços multifuncionais e multidimensionais, conjugando-se a outras formas de mobilidades. Diante da profusão de conteúdos e emoções evidenciadas nesses relatos, alguns aspectos mais recorrentes nas falas dos sujeitos serão abordados a seguir, interagindo com a literatura científica, e com outras formas de representação das paisagens lacustres como complemento à análise.

5.1 A “LAGOA” DOS PATOS: NESSA “IMENSIDÃO DE ÁGUAS”, UM “MAR” DE EMOÇÕES

Uma das questões centrais dessa investigação, o tema da água e seu vasto arcabouço simbólico, é elemento significado e representado em diversas culturas, atravessando os tempos. Como já descrito anteriormente, ela faz emergir emoções, inspirações, sensações, contradições, sentimentos positivos e negativos, da atração à repulsão, conforme as sensibilidades sociais envolvidas na relação entre os sujeitos e as diferentes formas de água no tempo e no espaço.

Aqui, a água surge sob a forma de uma Laguna, sendo reconhecida como um meio geográfico, físico e biológico de características específicas por alguns entrevistados. Sendo considerada um corpo de água que tem conexão com o Oceano Atlântico e, por isso, representada por águas que se misturam - entre doce, salgada, salobra -, os sujeitos caracterizam a Laguna como:

[...] ela é uma Laguna, por ser uma água doce que salga, pro leigo: ‘por que Laguna, e não Lagoa?’ Em épocas da salga da Laguna, chega a ir até Tapes. [...] Mas ela sempre tem a influência, a água, ela chega a ser salobra [...] (E44, RG, representante do movimento escoteiro).⁶⁸

[...] é uma Laguna porque ela tem comunicação com o oceano, que já diferencia de uma lagoa outra, segundo, que ela é a maior, uma das maiores lagoas costeiras do mundo, e a descoberta que ela é um berçário isso é muito interessante [...] (E29, RG, representante de ONG ambientalista).

Essa mistura de águas mostra-se como um aspecto visível e sensível na experiência de muitos entrevistados que relatam o processo natural da “salga da água”. Eles descrevem uma água que se torna mais clara e transparente, trazendo abundância de peixes e a oportunidade do camarão, sendo esses expressados como a “riqueza” das populações, possibilitando o alimento, mas também a experiência da pesca, do mergulho, da visualização de aves, conforme expressam os sujeitos:

[...] ela começa a salgar lá em Rio Grande, vem, vem, vem... E quando chega março, abril, aí acontece de ela ficar mais em junho, julho, salgadinha... Que tu olha, assim, é cheiro de maresia aquela coisa! Aquelas gaivotas! Aqueles peixes! Linguados, aquela coisa toda! Aí eu começo a mergulhar, e a caçar linguados, pegava tainhas e tal... Mas a felicidade era estar debaixo d'água mesmo! [...] (E5, SLS, pesquisador independente).

[...] e também tem a riqueza alimentícia da Laguna, porque muita gente vive da pesca, os crustáceos, o camarão, são as tainhas, os peixes, enfim, né. Muita gente usufrui dela, e tira o seu alimento dela [...] (E45, RG, praticante de canoagem).

[...] quando nós temos a água salgada aqui, temos fartura de camarão ainda, né, então a gente, aqui é tranquilo, a gente tá muito, muito feliz aqui na Lagoa, né [...] (E18, SJN, operador turístico).

[...] mas eu acho que o significado seria esse: a riqueza dos frutos da Lagoa, que é o camarão, e a pesca e contemplar a paisagem, a natureza [...] (E52, SJN, professora e pesquisadora universitária).

Apesar da caracterização geomorfológica como Laguna, a referência ao termo “Lagoa dos Patos” é predominante nos relatos. Sua toponímia está relacionada à origem do nome do estado do “Rio Grande” do Sul. Na cartografia dos séculos XVII até início do XIX, as denominações “Lagoa dos Patos” (hoje Laguna dos Patos), “Guaíba” e “Barra do Rio Grande” eram designadas sob a denominação única de “Rio Grande” (SPALDING, 1961). Essas indefinições históricas na topografia dos corpos de água do estado talvez tenham influenciado

⁶⁸ A partir dessa etapa, os sujeitos da pesquisa são informados pelo código de identificação da entrevista (Ex: E1; E20); seguido da referência ao sujeito, quando houver mais de um participante da mesma entrevista (Ex: S01; S02); código do município onde ocorreu a entrevista (SLS; PEL; RG; SJN); e setor ou grupo de atuação do sujeito. Informações mais detalhadas podem ser consultadas no Apêndice F.

as toponímias, também expostas nos relatos de viagem do naturalista francês Saint-Hilaire, entre os anos 1820-1821. Ele já expressava as confusões entre “Lagoa dos Patos”, “Rio Guaíba”, “Rio Jacuí” e “Rio Grande”:

Descrevi a Lagoa dos Patos como principiando em Porto Alegre, mas isso talvez não seja rigorosamente exato. [...] O rio de que nos ocupamos tem realmente o nome de Jacuí até o lugar chamado Freguesia Nova, a umas doze léguas de Porto Alegre. Na Freguesia Nova, toma o nome de Guaíba e o conserva até Itapuã. Além desse ponto, são sempre as mesmas águas que se estendem até Rio Grande e não recebem nenhum outro afluente digno de mencionar, a não ser o Camaquã, que vem talvez da Coxilha Central [...] No entanto, como além de Itapuã, o Guaíba se alarga repentinamente e ocupa uma superfície de onze a doze léguas, isto é, o sêxtuplo do que as águas que cobrem antes, deram-lhe o nome de Lagoa dos Patos [...] toma a sua direção de nordeste e sudoeste e se estende por espaço de mais ou menos trinta léguas, até a ponta de Canguçu, sem experimentar estreitamento muito sensível. Em Canguçu ela se contrai, forma um ângulo, tomando a direção norte-sul até a barra. É nesse trecho, calculado em mais ou menos sete léguas, que recebe propriamente o nome de rio Grande (SAINT-HILAIRE, 2002, p. 89-91).

Então, é a noção de “Lagoa” dos Patos que atravessa os tempos, predominando ainda hoje na expressão escrita, a exemplo da literatura contemporânea, sob os títulos “Caminhos da Lagoa dos Patos” (VELASCO, 1990), “Navegadores da Lagoa dos Patos” (COSTA, 1999), “O Guaíba e a Lagoa dos Patos” (KNIPPLING, 2002) e “Lagoa dos Patos: história e natureza” (TORRES, 2013). As narrativas aqui estudadas mostram a predominância do termo “Lagoa” também na expressão oral das populações, cantada pelos músicos pelotenses Kleiton e Kledir:

*Lá no fundo da lagoa
Dorme uma saudade boa
Longe desse céu sereno
O coração pequeno
E vazio ficou
Sei que a vida içou as velas
Mas em noites belas
Sou navegador
Lá no fundo da lembrança
Dorme um resto de esperança
De voltar à vida à toa
À beira da lagoa
Só molhando o pé
Seja em Tapes, São Lourenço
Barra do Ribeiro ou Arambaré*

Lagoa dos Patos
*Dos sonhos, dos barcos
Mar de água doce e paixão
Ah! Essa canção singela
Eu fiz só pra ela
Não me leve a mal
Ela que é filha da lua
Que ilumina as ruas
Lá do Laranjal.
(Letra da música:
Lagoa dos Patos,
de Kleiton e Kledir; grifo nosso)*

Outro aspecto destacado nessa letra de música, e bastante recorrente nas narrativas, é a comparação da Laguna com o mar, tratada como um “mar interior”, um “mar interno”, um

“mar de dentro”, uma “costa doce”. Isso pode ser exemplificado por diversos projetos, associações, publicações, iniciativas regionais que adotaram essas nomenclaturas. Uma delas, a Associação de Artesãos “Bichos do Mar de Dentro” é lembrada pela coleção de artesanato constituída de representações da fauna, com o intuito de valorizar os elementos paisagísticos “que se estende de Guaíba ao Chuí, constituindo o maior complexo lagunar do mundo, formado pela Laguna dos Patos, Lagoa Mirim e Mangueira.⁶⁹”. Outro exemplo, na regionalização turística é adotada a denominação “Costa Doce”, expressando principalmente um potencial turístico relacionado à valorização do litoral lacustre, prioritariamente de águas doces. Segue relatos que evidenciam esses dois exemplos:

[...] a gente tinha uma proposta de montar um trabalho junto com eles que valorizasse a natureza, que valorizasse os bichos da região, que habitam a região, por exemplo, na Estação Ecológica [do Taim], na Lagoa dos Patos, né, com esse potencial do ‘mar de dentro’, e aí então a gente começou o trabalho com um grupo que trabalhou, que fez um artesanato, que começou a fazer um artesanato que valorizava os bichos, aí aves, né, os répteis que tem na Lagoa, ou na Estação Ecológica, enfim, né, então saiu aí o projeto, o grupo ‘Bichos do Mar de Dentro’ [...] (E22, PEL, representante do Sistema S em Turismo).

[...]a nossa região tem o nome de Costa Doce em proveito não só do que nós tiramos da nossa Lagoa, mas que toda a região tira! Eu acho que o grande investimento, e a nossa sacada pro turismo estaria aproveitando realmente esse potencial que a gente tem através da Lagoa, né! [...] (E53, RG, representante do setor público).

Essa questão é justificada historicamente, sendo presente nos antigos relatos orais e escritos, aqui retomada pelos sujeitos que retratam os modos de vida de pescadores, navegadores, esportistas náuticos. Os entrevistados caracterizam o corpo hídrico como um mar por suas grandes dimensões físicas e a interação com o Oceano, a partir da experiência sensível de navegar, pescar ou praticar esportes em seus 10.000 km² de águas, em uma extensão que chega à 240 km de comprimento e até 40 km de largura (TOLDO JÚNIOR *et al.*, 2006), conforme exemplificado nas narrativas:

[...] tradicionalmente as pessoas e a documentação falava no mar, né, o mar pros pescadores, e no século XIX era a própria Lagoa dos Patos, então as águas que circundavam são tão, essa relação de marisma, né, entre a Lagoa dos Patos e o oceano, esse jogo entre água salgada e doce faz com que a própria Lagoa era vista como mar, até porque as próprias dimensões dela [...] (E7, RG, professor e pesquisador universitário).

[...] a Lagoa dos Patos pra mim, é um verdadeiro mar interno! [...] Não é uma Lagoa, é uma Laguna, né! A gente sabe geograficamente... Chamam de Lagoa, mas não é! [...] Ela tem uma época em que ela fica salgada, então ela tem uma dinâmica diferente

⁶⁹ ASSOCIAÇÃO BICHOS DO MAR DE DENTRO. Disponível em: <<http://www.bichosmardedentro.com.br/Associacao>>. Acesso em: 06 mar. 2018.

[...] Naturalmente pela extensão dela, pelo comprimento dela, é um mar! Então, eu sinto assim, estar morando perto do mar! E um mar de histórias! [...] (E5, SLS, pesquisador independente).

[...] a Lagoa ela é tão grande que às vezes me vem a imagem, digamos assim, pra quem não conhece, ah, tu fala em Lagoa dos Patos a imagem que me vem é uma imensidão, é um mar na verdade [...] então tu tá velejando, às vezes tá no meio da Lagoa tu não enxerga nada, né, então assim, a Lagoa dos Patos não tem uma imagem específica [...] a Lagoa aparentemente é um mar assim que tu se perde, perde o horizonte assim. É, minha imagem de Lagoa é uma coisa bem grande assim [...] (E14, PEL, praticante e instrutor de esportes náuticos).

Com isso, as representações das paisagens lacustres, no que concerne ao elemento água, estão bastante ligadas às representações do mar, principalmente para esses grupos que têm uma relação muito próxima com as águas (pescadores, navegadores, esportistas). Isso retoma os conteúdos simbólicos marítimos que atravessaram os tempos, em que o mar, as águas salgadas, por serem agitadas, produzem maldição e desordem (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1991). Aqui transpostos à relação das sociedades com o meio geográfico lagunar, são descritos pelas sensações e percepções de medo, insegurança, dificuldades, intensidade, ambiente hostil e perigoso. Os sujeitos recorrentemente fazem referências à forte ação dos ventos que é característica dessa zona, gerando ondas e reconfigurando as margens lacustres (TOLDO JÚNIOR, 1991). Com isso, há narrativas que descrevem estórias de naufrágios e os riscos vivenciados na prática de esportes náuticos:

[...] o pescador tem muito medo do mar, né! Da Lagoa, eles chamam de mar, né! [...] (E51, SJN, representante do setor público).

[...] a Lagoa quando fica brava, ela fica furiosa! A Lagoa é furiosa, o vento deixa essa Lagoa enfurecida! [...] (E57, RG, representante do terceiro setor).

[...] desde o início sempre foi de muito difícil navegação! Então havia muitos barcos que encalhavam que não chegavam... Então é um lugar assim, de muitos desastres náuticos! Então criou um medo muito grande de navegar de Rio Grande pra Porto Alegre! E de Porto Alegre pra Rio Grande. Porque ela ficava encapelada, que ela tem ondas às vezes, de dois metros, dois metros e meio: ela é muito forte, as ondas são pesadas, ainda mais em água doce, a densidade dela é mais pesada, de ondas curtas! São ventos rápidos que surgem e ela é muito incômoda pra navegação, então diziam: "ah, prefiro navegar no mar, que as ondas são largas do que essa Lagoa...". [...] Porque muitos barcos afundavam! Tinham medo da Lagoa! [...] (E5, SLS, pesquisador independente).

[...] essas coisas que digamos assim tu não percebe, né, quem não vive isso não percebe a força do vento, tá ali em cima com a força daquele vento quase te arrancando, ou um simples vento... tu tá passando de carro, né, tu olha "ah, como tá bonita a Lagoa hoje", mas tu não te dá conta que é pela direção do vento, mas é exatamente aquela direção do vento, fraquinha, que deixa bonitinha, é aquela direção do vento que oferece risco [para a prática do kite], né [...] (E32, RG, professor e pesquisador universitário).

Também remetem aos outros conteúdos simbólicos da água, sendo interessante notar as justaposições de representações referentes à Laguna e às áreas úmidas adjacentes sob aspectos negativos, tanto concernente às “águas paradas”, como “águas correntes” (VERNEX, 1996b). Os sujeitos reclamam de um “preconceito com a nossa água” dita “água suja”, retomando representações relacionadas à noção de insalubridade, sujeira e outras percepções negativas historicamente designadas às zonas úmidas (CUBIZOLLE; SACCA, 2013; SAJALOLI, 1996), como um mundo de indecisões entre a água e a terra (VERNEX, 1996b).

Nas narrativas, há diversas referências às áreas de banhados ou à vegetação de juncos nas margens lacustres, sendo muitas vezes expressadas pela noção de “sujeira”, atrelada à percepção da cor da água, geralmente escuras, pois seus parâmetros de turbidez e cor variam de acordo com os materiais em suspensão (ALVAREZ; MARTINS; MELLO, 1984). Já as áreas de banhados são percebidas como inabitáveis (“nem casa, nem nada”) e de difícil acesso (“intransponíveis”, cercam as propriedades rurais arroteiras). Porém, hoje já apreendidos por alguns segmentos da sociedade (científicos, ONGs, operadores turísticos, esportistas náuticos) como áreas de relevância hidrológica, ecológica, biológica e paisagística. Esses sujeitos protestam quanto a uma predominância das sensibilidades sociais negativas relacionadas aos banhados, cuja intensa vida animal e vegetal é percebida como “lugar de mosquitos, cobras e ratos”, de “sujeira”, de barreiras à ocupação humana. Isso se reflete em situações de negligência ou supressão das áreas de juncos para garantir o acesso “limpo” e direto às praias, ou os aterramentos dos banhados para a expansão imobiliária ou hoteleira, aproximando-se do que Vernex (1989) encontrou no Lago *Annecy* (França). Porém, também vislumbram uma gradativa mudança de mentalidades, em que as áreas úmidas passam a ser percebidas como fator de controle hídrico (regulador de enchentes, umidade do ar, etc) e pelas oportunidades pedagógico-educativas, científicas, patrimoniais e turísticas associadas à valorização do ecossistema.

A existência dessas áreas úmidas demarca especificidades e identidades nesse recorte geográfico, como evidencia uma representante do setor público (E58), sobre a relação da população pelotense com seu entorno predominantemente aquático: “Nós somos seres do banhado, nós somos seres da água!”. Os relatos ilustram essas percepções referentes às áreas de banhados do Pontal da Barra, em Pelotas, e áreas de juncos em parte da orla lacustre de São Lourenço do Sul:

[...] os banhados pra mim assim, ele é um símbolo de paradigmas assim, né, porque tanta gente enxerga o banhado assim com uma visão de, sei lá, um lugar sujo, só tem cobra e rato, né, a gente escuta essas coisas assim, né, e a gente que tem uma vivência um pouco maior assim da biodiversidade, né, da importância da biodiversidade daquele ambiente assim, a gente começa assim como, né, tipo, as pessoas só enxergam

uma massa verde sendo que ali tem diversos processos acontecendo, diversas interações, né, a várzea do Canal São Gonçalo, né, até o início da Lagoa lá, a Mirim, é uma das maiores áreas úmidas do mundo, né, então tipo é um lugar muito especial assim, né, e acho que talvez essas áreas úmidas de banhado pra mim seriam o que mais, é, revelam a essência desse lugar assim, né [...] das figueiras, né, que já é clássico ali, a gente se encantar por elas, mas eu acho que o banhado talvez seja um dos maiores diferenciais da região assim, né, quanto à paisagem também, né [...] (E27, PEL, representante de coletivo socioambiental).

[...] eu acho que tem muito essa coisa, que eu acho que mudou bastante com o tempo, e acho que bom que mudou, que as pessoas enxergavam a, tanto água doce, como o junco, aguapé como sujeira [...] eu me lembro que aconteceu muito isso, pessoas que começaram, empreendimentos imobiliários muito grandes, hotéis, e aí cada hotel queria ter sua prainha na frente, sendo que era área de junco, o que é que aconteceu? No inverno, quando sobe a Lagoa, tem um movimento, né, sazonal assim, e das marés e tudo mais que a gente tá acostumado e de encher bastante da Lagoa, então o junco não tá aqui por acaso [...] então o pessoal tirou e aí subiu a Lagoa, e como a nossa primavera aqui dá um vento muito leste aqui, ah, subia onda, bateu toda na beira da praia e começou a comer calçada, estrada, por quê? Porque o junco, ele tem um papel fundamental que ele, né, ele faz, mata toda a onda, e chega aqui inclusive o pescador, aqui mesmo, a sabedoria dele tradicional, né, quando ele abre o junco, ele faz uma estradinha assim ó, ele não abre reto, porque reto a onda vai vim e vai bater na beira, então ele faz um caminho assim ó, sinuoso assim, porque aí faz com que a onda também, e isso é muito legal, então o pessoal se deu conta, aí acabou depois com o tempo deixando, sabendo que é importante até pros animais que tem aqui e tudo. Então, acho que ainda não é uma visão, também muito clara em toda, vamos dizer, do senso comum [...] (E13, SLS, operador de serviços relacionados ao turismo).

Se a apreensão da água como elemento vital, fonte de vida, purificação e regeneração persiste no imaginário coletivo, segundo Chevalier e Gheerbrant (1991), ela persiste sob a representação de sua forma límpida, incolor e inodora como sinônimo de limpeza, de sensações positivas, de “águas calmas”, de “águas belas”. Por isso, a variação da cor das águas lacustres (“águas verdes”, água “cor de cuia” ou “de chocolate”, “águas barrentas”, “águas escuras”, ou mesmo “águas claras e transparentes”, quando salgam ou em locais específicos), revelam sensações de medo, de apreensão de “não ver o fundo” ou à ideia de poluição, de sujeira:

[...] têm pessoas que vivem em praia de mar, ou são de cidade grande e convivem mais com piscina e coisa, chegam na Lagoa, eu que dou aula de windsurfe já vi isso, as pessoas sobem na prancha com medo de descer porque não enxergam o que tem lá embaixo, e, é muito engraçado isso, né, porque água doce, às vezes tem água de mar clara que são mais poluídas do que água doce escura, a água doce, o escuro dela não quer dizer, né, não tá associada à poluição e sim à condição da água de rio, né, condição de água doce, e isso é muito interessante [...] (E13, SLS, operador de serviços relacionados ao turismo).

[relata o trabalho de guia com um grupo de crianças] [...] explico que a água é salobra, "mas o que é isso?", "quer provar a água?", aí eles olham pra água e dizem: "Não! Tá suja!". Sabe o gosto de soro que tem em casa? É mais ou menos o gosto de soro! Porque é a mistura da água salgada com a doce, então não deixa de ser o açúcar com o sal. Então, é uma coisa que pra eles... A cor da água, né! Mas as vezes eles perguntam por que a água tá tão suja? E eu explico pra eles, isso é o lodo, é a água que tá baixa! Aqui muitas vezes talvez, há um metro, ou a um braço daqui, vocês têm água pelo joelho [...] (E55, RG, operadora turística).

Como as tonalidades da água mostram-se predominantemente escuras, a designação de “belo” e de “aprazível” aparecem somente quando elas se tornam águas claras, transparentes, límpidas, permitindo um “banho maravilhoso”, principalmente associado à costa leste da Laguna ou, ainda, nos poucos casos que relataram a apreciação visível do fenômeno da mistura de águas doces e salgadas:

[...] têm vários baixios assim que quando baixa a Lagoa que entra mar salgado, né, a água salgada e aí a água fica límpida e lá do lado de lá que não tem efluente dos esgotos aqui, não tem o barro do Camaquã, ela fica absolutamente linda. Muito! E um banho maravilhoso! [...] (E23, PEL, representante de comitê de bacia hidrográfica).

[...] acho que, nos molhes, aquela mistura da água salgada com a água doce, que fica com as texturas e com a coloração diferente, tu vê [...] (E29, RG, representante de ONG ambientalista).

Isso também é um aspecto mencionado na comparação que alguns sujeitos fazem com outros destinos turísticos que possuem forte imagem relacionada ao tema das águas (ex: Caribe, Lençóis Maranhenses), ressaltando os contrastes de cores e texturas com as areias brancas e a vegetação, conforme os relatos:

[relata experiência na orla de SJN] [...] teve uma das noites assim que eu acordei e demorei a me orientar onde eu tava assim, porque a água tava tons de verde assim, parecia sei lá, o Caribe, sei lá, algum lugar assim, né, a água muito transparente, muito bonita assim, né, águas calmas, né, acho que isso aí também é um grande diferencial da Lagoa [...] (E27, PEL, representante de coletivo socioambiental).

[relata experiência na Barrinha do Estreito, SJN] [...] que paraíso! Eu me senti, sabe aquelas praias no Caribe? Daquele jeito, aquela água transparente, a água passando, água doce! Aí mais uma faixa bem estreita de areia e o oceano ali do lado, ali! Aí eu entrei na água, é transparente! E não tinha ninguém lá, só nós, eu e o meu esposo! Vou tomar banho ali, na água salgada, e tirar o sal aqui na água doce! Mas é muito lindo o lugar, é muito lindo! Essa assim, eu me apaixonei pelo lugar, voltei lá várias vezes! E é muito bonito! A Barrinha do Estreito foi um lugar assim, que por si só [...] (E50, SJN, representante do setor público).

Nas narrativas também surgem referências à água representando morte, perigo, medo, sinônimo de catástrofes por enchentes, de riscos de inundações e de afogamentos. Com isso, expressam sentimentos de aversão e distanciamento do contato com a água, conforme as expressões: “a água passa por cima de tudo”, “na água não dá pra brincar”, “a água inunda”, “eu não sou muito da água”.

Por outro lado, predominam nos discursos as representações da água que remetem aos conteúdos simbólicos milenares, de valores positivos, fonte de vida, meio de purificação e

centro de regeneração (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1991). Elas podem ser verificadas nas expressões “água é vida”, “a água representa muito pra mim”, “águas calmas”, “água mansa”, “água limpa”, “elemento água”, “ligados à água”, “gostar da água”. Essa relação é muitas vezes permeada por uma ideia central do ambiente aquático como meio de vida, provedora de alimento, sobrevivência das populações:

S01 - [...] é tudo, né, é o estuário, é um meio de vida, né, de sobrevivência de várias gentes, várias pessoas, nós, eles lá, o pessoal pescando nela [...] (E31 – S01 - RG, operador turístico).

[...] quem se cria na beira da Lagoa dos Patos, né, em geral desenvolve esse laço com ela, laço de, né, provedora de alimento, provedora de, né, alimento e vida, né, então as duas coisas se misturam [...] (E15, PEL, professor e pesquisador universitário).

Os sujeitos relatam sensações e emoções diversas, em suas distintas práticas relacionadas à água – contemplativas, esportivas, turísticas, de lazer ou pedagógico-educativas. Eles expressam sensações de liberdade, prazer, encantamento, relaxamento, calma, paz, beleza, satisfação do contato com a natureza, aventura, desafio:

[...] a satisfação e a realização de tá ali dentro da Lagoa, de começar a praticar o esporte assim, acho que a sensação é a liberdade que dá e o contato com a natureza assim é fantástico, né, eu acho que é uma válvula de escape pra maior parte assim [...] uma terapia pra muita gente assim, é um troço que realmente alivia muito [...] a satisfação pelo prazer, né, do esporte e do contato com a natureza [...] (E14, PEL, praticante e instrutor de esportes náuticos).

[...] a natureza, né! A água, né! A gente olha e o céu parece que tá na água! Muito bonito! [...] (E42 – S01 – PEL, turista na escuna turística no Pontal da Barra).

S01 - [...] me sentindo relaxada, não tem coisa melhor! Sentar e olhar a água, assim, né! Muito bonito! [...] (E60 – S01 – SLS, turista na Praia da Barrinha).

[...] um deslumbramento! Sensação de paz, beleza! [...] (E53, RG, representante do setor público).

[...] são as belezas que ela oferece, então aqueles que tem esse espírito aventureiro, em toda essa imensidão dela aí, tem muita coisa bacana, tem muita coisa bacana que qualquer esporte embarcado, ou que qualquer atividade náutica tem acesso [...] (E1, PEL, praticante de canoagem).

S02 – [...] Ah, eu me sinto de uma maneira mais de reaproximação com a natureza [...] os momentos que a gente consegue tá próximo da natureza são raros, né, e próximo da água, próximo da vegetação nativa. S01 – É, pra gente também, a gente visualiza o que a gente vê na aula, porque a gente vê, sei lá, em foto, e a gente consegue ver ao vivo aqui, uma ave diferente, ou uma marisma mesmo, uma coisa é tu estudar, outra coisa é ver [...] (E35 – S01; S02 – RG, residentes em visita à Ilha da Pólvora).

Também há relatos de experiências polisensoriais das paisagens lacustres em que ficam evidenciadas as ambiguidades relacionadas às representações da água. Os entrevistados

falam de suas vivências permeadas por sensações que podem variar num intervalo de horas, do risco à serenidade, da calma à tempestade, da contemplação do pôr-do-sol refletido na água às dificuldades com a navegação, especialmente, a partir da ação dos ventos que interagem intensamente com essas águas nessa posição geográfica litorânea:

[...] a gente tava navegando aqui, porque no horário da tarde o vento é normal. Às três da tarde começa o vento, e as 18h, ele acalma! Até a mudança do vento litoral e o do mar, né. E então dá aquela calmaria, e então fica gostoso, quando tu tá tomando banho ali, a água começa a ficar dourada, porque o sol tá se pondo [...] (E44, RG, representante do movimento escoteiro).

[...] dependendo do vento, se tem um vento contra e muita, muita onda, muito mar, aumentava o percurso [da navegação], se tinha um vento de cola, né, diminuía barbaramente o tempo, então são essas coisas assim, porque a exposição aos elementos da natureza é muito grande, né. A Lagoa bucólica, aquela serena, com o espelho que tu vai ver amanhã de manhã, ela à tarde pode tá uma tempestade tremenda, entendesse? E outra coisa, como ela é rasa as ondas são muito frequentes, e isso muda completamente a característica dela [...] (E23, PEL, representante de comitê de bacia hidrográfica).

Os sujeitos também reconhecem a Laguna dos Patos na sua integração física com as bacias hidrográficas, pelas suas comunicações com o Lago Guaíba, as Lagoas Mirim e Mangueira, o Rio Camaquã e o Canal de São Gonçalo. Destacam seu papel como um escoadouro de um grande volume de águas do interior do estado para o oceano, pois ela “recebe água de vários rios”:

[...] a bacia hidrográfica da Lagoa dos Patos, é, alcança dois terços do estado, o que se equivale a quase 4%, uns 5% do território nacional, essa bacia hidrográfica é gigantesca! Toda essa água flui para a Lagoa dos Patos! Então tu tens um volume permanente de água fluindo [...] (E6, RG, professor e pesquisador universitário).

[...] eu entendo a Lagoa dos Patos como uma bacia hidrográfica, né, então ela se estende, além desse espaço que a gente vai na praia aqui, que comporta a Lagoa como um todo, a bacia hidrográfica ela comporta a bacia hidrográfica da Lagoa dos Patos, Canal de São Gonçalo e Lagoa Mirim [...] (E10, PEL, professor e pesquisador universitário).

Dessa forma, a presença da água é compreendida como um elemento físico marcante na paisagem dos quatro municípios estudados. Algumas expressões utilizadas nos discursos refletem essa compreensão na configuração geográfica: “a imensidão de águas”, “um volume permanente de água fluindo”, “um mundão de água”, “a força dessas águas”, “toda essa água”, “confluência de águas”, “é muita água aqui”, “tem água de todos os lados”. Pode-se dizer que a água aparece como mediadora das relações entre as diferentes sociedades e seu meio geográfico ao longo dos tempos, transparecendo em expressões como “o povo da água”, “paisagens de águas”, “patrimônio das águas”, “a água tá presente senão em tudo, em quase

tudo”, “o convívio com as águas internas”, “relação muito grande com a água”. Também se mostra marcante na história e ocupação dos territórios, numa estreita relação com as cidades: “uma área muito grande na volta do município de água”, “uma cidade rodeada/cercada de água”, “história da cidade ligada à água”, “um município que é todo demarcado por água”.

Por fim, podem ser reconhecidas como paisagens de água, no sentido de que a água desempenha um papel determinante em sua origem e configuração atual e na sua apreensão pelas sociedades, evidenciando a relação intrínseca entre aspectos naturais e culturais que conformam essas paisagens (MUÑOZ; AZÓCAR, 2014; PALOM, 2016). Alguns fragmentos narrativos são ilustrativos dessas relações, em parte compartilhada entre os municípios estudados, mas com particularidades em cada um deles no que concerne às apropriações e usos das paisagens lacustres:

[...] a Lagoa é, ela domina a paisagem amplamente, ela domina amplamente e ela influencia muito às vezes as pessoas, embora as pessoas ainda não percebam como tal, né [...] eu vejo que essa paisagem ela é profundamente dominada pela água, ela é uma paisagem evidentemente aquática [...] ela é central, porque nós temos a Lagoa Mirim, uma imensa duma lagoa, a Lagoa Mangueira, um pouco menor, mas é imensa também, a Lagoa dos Patos gigantesca, e uma infinidade de outras pequenas lagoas, então ele é um ambiente aquático [...] (E6, RG, professor e pesquisador universitário).

[...] nesses quatro municípios, você tem uma presença muito grande [da Laguna dos Patos], porque é uma área muito grande na volta do município de água, né! Cê olhando da terra pra água, tu tem uma orla muito grande! [...] Então ela é muito presente na configuração dos municípios em termos de paisagem. Mas ela não é homogênea! Porque você tem paisagens que tão mais associadas ao porto, você tem paisagens que tão mais associadas a presença da pesca. Ao mesmo tempo em que você vai andando ao longo da orla, cê tem marismas, tem horas que cê tem casas, então eu considero elas bem diferentes, ainda que você tenha usos similares [...] (E62, SLS, professora e pesquisadora universitária).

A existência de corpos de água confere características singulares à paisagem desses espaços geográficos. A exemplo do que foi constatado por Vieira (2014), em que a água surge como importante elemento na qualidade cênica da paisagem do bioma Pampa, especialmente no que concerne à PCRS, sob a forma de banhados, lagoas, lagunas, rios, arroios e ecossistemas associados. Algumas expressões nas narrativas enfatizam essa forte relação estética e visual dos sujeitos com as paisagens de água: “a estética das águas”, “olhando pra/a água”, “visões de águas”, “a visão que tu tem da água”, “ver a água mais de perto”, “imagem de água”, “lugar com água”, “reflete na água”, “entre a terra e a água há um portal”. Também é interessante notar os argumentos utilizados para tratar das diferentes percepções nas cores da água: “água verde”, “água transparente”, “água límpida”, “água clarinha”, “água barrenta”, “água dourada”. E, ainda, os registros visuais, principalmente relatados por aqueles que vivenciam cotidianamente

essas paisagens, denotando a dinâmica das águas: “água subiu”, “elevação da água”, “água desceu”, “água vai descendo”, “a água tá baixa”, “água passando”.

Ao interrogar o papel do Turismo nessas paisagens lacustres, muito além de uma relação meramente estética e visual, os sujeitos relatam diversas práticas na e com a água e com as margens lacustres (a praia, a orla, o litoral); ou mesmo práticas evitadas, a exemplo da expressão “não entraram na água”, evidenciando problemas de balneabilidade em algumas localidades. Alguns exemplos dessas interações entre os sujeitos e a água por meio das práticas e espaços utilizados são evidenciados nas expressões: “água que tu deixou pra trás [remando]”, “as pessoas vêm se interessando mais pela água, pelo esporte na água”, “atividade na água”, “brincar com a água”, “a água e a orla em si”, “as praias de água doce”, “sensação de estar na água”, “esse sentimento de água”, “caminhos das águas”, “ir pela água”, “andar na água”, “águas rasas”, “água pelo joelho”, “passeio na água”, “sentar e olhar a água”.

Esse entrelaçamento dos temas da paisagem e da água pelo prisma do Turismo desvela uma diversidade de interações dos sujeitos na e com o corpo hídrico e seus ambientes correlatos, que emergiram nas narrativas sob diferentes pontos de vista: “dentro da água”, “perto da água”, “entorno da água”, “por causa da água”, “na beira da água”, “viradas pra água”, “de costas pra água”, “debaixo da água”, “no fundo da água”, “próximo da água”, “tá na água”. Essa diversidade de perspectivas, de olhares, é exemplificada pelo praticante de canoagem:

[...] e é uma perspectiva de vida diferente, tu olhares Rio Grande ou a Ilha dos Marinheiros, né, onde tu fores, São José do Norte, da água, de um caiaque, do que olhar de terra! É muito legal, é muito bacana! [...] (E45, RG, praticante de canoagem).

Algumas dessas expressões inspiraram o título desse trabalho, pois as reflexões sobre as paisagens lacustres sob o prisma do Turismo fizeram emergir questões do acesso aos espaços e práticas dos sujeitos em sua relação com a água, as quais serão abordadas no tema 2.

5.2 UMA HERANÇA DE “IMPACTO VISUAL” E “IMPACTO HISTÓRICO”

As leituras dos entrevistados sobre as paisagens lacustres trouxeram a possibilidade de revelar diferentes elementos naturais e culturais e suas variadas composições no espaço geográfico dos quatro municípios estudados. Para subsidiar essa etapa de análise, esses elementos foram provisoriamente codificados nas narrativas como: caminhos, construções,

locais, manifestações socioculturais, natureza e traçados.

Ao abordar a dimensão natural das paisagens, conforme Nogue, Sala e Grau (2016), faz-se referência aos elementos ou fatores que determinam a qualidade da água e dos ecossistemas correlatos, os espaços de especial interesse físico, ecológico ou biológico, além daqueles legalmente instituídos para fins de proteção e conservação dessas características. Elementos naturais, individuais ou em conjunto, são destacados pelos sujeitos em seus relatos de experiências, sob diferentes pontos de vista na relação direta ou indireta com a água, com as margens ou ambientes adjacentes à Laguna dos Patos. Os entrevistados descrevem situações vivenciadas sob diferentes pontos de vista: sob a água, pela atividade de mergulho; sobre a água por meio do kitesurfe, caiaque, windsurfe, vela, passeio de barco ou outro; a partir da orla, pela atividade balneária, festiva ou contemplativa; pelo sobrevôo real para fins de pesquisa; ou ainda, a partir dos ambientes correlatos, durante atividades científicas e pedagógico-educativas, entre outras.

Os sujeitos dão destaque à diversidade das formas ou processos físicos, ecológicos, biológicos e hidrológicos percebidos nas paisagens lacustres, referindo-se frequentemente às margens arenosas e outras características descritas por Toldo Júnior *et al.* (2006). Conforme ilustrados na Figura 4, há referências narrativas sobre os aspectos físicos da orla, enseadas ou baías (denominados sacos), esporões (denominados pontas ou pontais – Figura 4C), praias (Figura 4A, 4D e 4H), ilhas (Figura 4G), marismas (Figura 4F), dunas, matas, banhados, lagoas, restinga, estuário, afloramentos rochosos (Figura 4B), além das areias finas, do fundo lamoso, da predominância da cor escura da água, dos fortes ventos, etc. A percepção do processo natural da “salga da lagoa” é bastante evidenciado nas falas dos sujeitos, presenciado nos quatro municípios, sob diferentes níveis de intensidade (mais evidentes em Rio Grande e São José do Norte, nas proximidades do Canal de Rio Grande), apreendidos principalmente pela mudança da cor e transparência da água, ou visualmente pelo encontro entre águas doces e salgadas.

As feições morfológicas dos pontais arenosos, descritos por Toldo Júnior (1991) como registros importantes da escala de tempo geológica da formação e evolução desse corpo hídrico, são percebidas a partir das práticas esportivas e da pesca junto aos pontais arenosos do Quilombo (em São Lourenço do Sul), da Feitoria (em Pelotas), do Bojuru e dos Lençóis (em São José do Norte). Também os sacos descritos por Tyrrell (2005), localizados ao sul do estuário, são destacados pelos sujeitos em suas experiências de pesquisa, de navegação, esportivas ou da atividade de pesca em Rio Grande e São José do Norte, a exemplo dos Sacos da Mangueira, do Justino, do Arraial, do Mendanha. Esses são identificados nos discursos como baías rasas nas margens da Laguna, de difícil acesso (geralmente apenas por água, e com

pequenas embarcações), onde encontram áreas de natureza preservada. Alguns sujeitos reconhecem a importância dessas áreas como berçários de reprodução de espécies biológica (MARTINS *et al.*, 1989), pela disponibilidade do recurso pesqueiro ou mesmo pela preocupação com a degradação ambiental (TYRELL, 2005).

Há relatos em que os elementos da natureza são descritos de forma separada dos aspectos culturais, mas, em outros, esses são percebidos na sua integração com as cidades (Figura 4G), os balneários, as vilas de pescadores (Figura 4C), as zonas rurais e os portos, sublinhando informações sobre as transformações dessas paisagens e suas significações para as populações:

[...] tem vários sacos no estuário, o Saco da Mangueira é o primeiro, né, depois tem o Saco do Justino [...] o Saco do Arraial, dentro desse Saco do Arraial tem outros sacos menores, o Saco do Justino, aqui tem o Saco do Boto, esse aqui é o Saco do Mendanha [...] (E6, RG, professor e pesquisador universitário).

[...] vários complexos de dunas da margem da Lagoa dos Patos, então eu te diria que seriam esses três elementos, as matas, né, os banhados e dunas ali da região do estuário da Lagoa dos Patos, Laranjal, né, inclui um pouco o lado de São José do Norte também, porque a gente sempre tá vendo São José do Norte, então as dunas de São José do Norte do outro lado da Lagoa. Então essa paisagem pra mim, ela é significativa, e realmente eu não vejo a Lagoa dos Patos sem a paisagem da orla [...] não dá pra tirar também a parte de balneário, a parte construída, que se destaca também, né, então teria um quarto elemento [...] as próprias construções humanas, a própria interferência humana [...] (E15, PEL, professor e pesquisador universitário).

[...] São Lourenço, eu acho belíssimo, e em termos de praia é belíssimo! Eu acho que as pedras e as formações rochosas [...] as dunas, que tem nessa região aqui de São José do Norte! Mostardas: lindíssimo também! São lugares altamente preservados! E com uma marca muito clara do que é a Lagoa dos Patos, nessa restinga entre a Lagoa e o mar. É um lugar marcante, interessante de se ver! E acho também, um dos lugares muito instigantes de se conhecer, é a região do Arroio Corrientes, na Lagoa Pequena, em torno da Ilha da Feitoria, pra quem vai pra Pelotas... Porque tem todo um ecossistema diferente ali, e que se alterna, águas que vem da terra, com aquela água que vem da lagoa com sal, aquele é um lugar muito interessante! E na região de Rio Grande, acho que seria na região da parte baixa Lagoa dos Patos, interior, saindo da Lagoa, as Marismas! As Marismas, eu acho importantíssimo que as pessoas conheçam, também! Então eu destacaria essas 5 paisagens! Os lugares, assim, top da Lagoa dos Patos! [...] (E5, SLS, pesquisador independente).

Os elementos da natureza mais destacados nas narrativas dos sujeitos são: a água, a areia, o vento, a biodiversidade, a mata nativa, a fauna e a flora, associadas aos ambientes aquáticos, especialmente de lagoas, banhados e marismas (Figura 4F); as figueiras (*Ficus cestriifolia*) (Figura 4A) e algumas espécies de aves (Figura 4E), mamíferos e outros animais presentes nas zonas úmidas e costeiras. A seguir, os argumentos mais recorrentes nas falas dos entrevistados:

[sobrea biodiversidade da área] ela é uma fauna aquática, predominantemente associada ao ambiente aquático, por isso que ela está tão ameaçada [...] Porque as aves estão associadas principalmente aos ambientes aquáticos, às lagoas, aos banhados [...] Então eu acho que realmente essa é uma paisagem de águas porque até as aves elas dependem da água, nós temos toda uma fauna de ratão do banhado, preás, e todas as aves, elas estão aqui principalmente por conta das lagoas, Lagoa do Peixe, né Lagoa dos Patos [...] (E6, RG, professor e pesquisador universitário).

[...] a Praia do Laranjal, né, a água em si da Lagoa e a paisagem associada, aquela orla de areia com aquelas matas nativas, as figueiras e a mata nativa do Barro Duro, os banhados do Pontal da Barra, aquele conjunto todo, faz parte de uma memória assim, é um conjunto que tem, assim, uma marca indissociável, na minha visão de, acho que de natureza assim [...] (E15, PEL, professor e pesquisador universitário).

[...] observação de mamíferos, um monte de boto ali [nos molhes], imagina, dentro da Lagoa dos Patos tu tem uma comunidade de mais de cem botos que moram ali, a população, né, que são residentes dali, e os leões e os lobos marinhos também, que utilizam, né, ali a região [...] com a construção dos molhes, [os leões e lobos marinhos] passaram a utilizar aquele lugar como refúgio de descanso e de alimentação, porque eles tavam na boca do estuário, né, é só abrir a boca mesmo ali, dar um mergulho que vem alimentado [...] (E29, RG, representante de ONG ambientalista).

Os critérios de singularidade e de representatividade natural atrelados à associação de ecossistemas do Pampa e da Mata Atlântica, nessa integração de ambientes aquáticos e terrestres inseridos na zona costeira do estado, são lembrados por alguns sujeitos, especialmente aqueles ligados a entidades ambientalistas ou científicas. Eles descrevem valores naturais associados às paisagens lacustres através de expressões como “naturalidade”, “singularidade”, ressaltando as particularidades dos marismas, dos banhados e áreas úmidas, desse conjunto paisagístico como um dos maiores sistemas de lagoas litorâneas do mundo, como consta nos fragmentos narrativos:

[...] são paisagens singulares, tu não acha em qualquer lugar paisagens assim, né. Então o grau de naturalidade, o grau de singularidade, a beleza cênica. É, acho que seria isso assim, e a biodiversidade, né, encontrada nesses ambientes aí [...] (E6, RG, professor e pesquisador universitário).

[...] ali [no Pontal da Barra] tem diversos processos acontecendo, diversas interações, né, a várzea do Canal São Gonçalo, né, até o início da Lagoa lá, a Mirim, é uma das maiores áreas úmidas do mundo, né, então tipo é um lugar muito especial assim [...] (E27, PEL, representante de coletivo socioambiental).

[...] como é o caso dos marismas, que são pouco conhecidos, né, únicos no Brasil, únicos no Brasil, só existe aqui no Rio Grande do Sul, as marismas, ou os marismas, ou os pântanos salgados, como queira, quer coisa mais maravilhosa que isso? Um troço que regula conforme a maré, que tem a sua própria capacidade de reciclar sua matéria orgânica e não solicitar, e regular quantidade de nutrientes que chega no oceano [...] (E29, RG, representante de ONG ambientalista).

Figura 4 – Fotos das paisagens lacustres: referentes aos valores naturais e estéticos indicados pelos sujeitos



Nota: A: Figueira e área de juncos na Praia da Barrinha, São Lourenço do Sul; B: Sujeito apreciando o pôr-do-sol sobre as formações rochosas da orla de São Lourenço do Sul; C: Pontal da Barra, Pelotas; D: Orla da Praia do Laranjal, Pelotas; E: Gavião-chimango (*Milvago chimango*) na Ilha da Pólvora, Rio Grande; F: Marismas da Ilha da Pólvora, Rio Grande; G: Eco Museu da Ilha da Pólvora e a vista para a cidade de Rio Grande; H: Orla da Praia do Barranco, São José do Norte.

Fonte: Elaboração da autora (2016; 2017).

Apesar disso, existem poucas áreas legalmente destinadas à proteção da natureza sob a forma de Unidades de Conservação nesse recorte geográfico, conforme verificado em ICMBIO (2018), SIMRPPN (2018), SEMA (2018a), Vieira (2014) e Tagliani, Asmus e Polette (2011), sendo as mais reconhecidas a ESEC do Taim e o PARNA da Lagoa do Peixe.

Os sujeitos expressam frequentemente valores estéticos, exaltando paisagens “belas”, de “beleza cênica” ou “as belezas da Laguna dos Patos” ao descrever as formas - elementos ou sua composição – que lhes são visualmente mais atrativas. Conforme os valores estéticos descritos por Nogué, Sala e Grau (2016), a água em suas diferentes formas (lagunas, rios, arroios, lagoas, banhados) surge como um dos elementos configurativos principais, como já retratado anteriormente. Mas também são evidenciados alguns padrões paisagísticos da orla lagunar, em especial das “praias de água doce” como um diferencial pela combinação de água – sol - areia – figueiras (que oferece a sombra ao usuário) (Figura 4A). Outras singularidades são apreendidas sob o aspecto da visibilidade do horizonte na planície costeira (pelo encontro entre água e céu, ou água e terra), das sensações vinculadas aos fenômenos meteorológicos, conforme os relatos:

[...] eu acho que uma paisagem lindíssima é a entrada do Arroio São Lourenço na Lagoa, em São Lourenço do Sul [...] Ah, o Laranjal é lindo, acho que a praia assim, sabe? As, a questão das figueiras eu acho essa, essa coisa de sol, água e sombra, acho que isso, isso é que diferencia as praias de água doce da Lagoa [...] (E22, PEL, representante do Sistema S em Turismo).

[...] as paisagens são invisíveis e os abismos são horizontais! É um espaço de grande planície! Então, quando se viaja pela Lagoa tu vê a planície da própria água [...] (E57, RG, representante do terceiro setor).

[...] ela é o mar, né! Assim, ela é muito onipresente na região né, por conta tanto da dinâmica, tanto dela ser muito grande, como da relação dela com a paisagem e como também essa coisa da interferência no clima [...] pra mim as duas grandes presenças aqui nessa região do Rio Grande do Sul é o céu e a Lagoa porque ela estabelece assim: um dia lindo te deixa absurdamente bem, e um dia feio te deixa completamente "Ah! O mundo vai acabar!" né?! Então acho que é muito presente por conta da presença na paisagem e na formação do clima mesmo [...] (E62, SLS, professora e pesquisadora universitária).

Os sujeitos expressam frequentemente uma vinculação dos valores estéticos e naturais, ao referir-se a “belezas naturais”, a “paisagem idílica”, permeada pelo ideal de natureza “intocada”. Isso fica evidenciado pelas ideias de “paraíso”, “*in natura*”, “primitividade”, “selvagem”, “não urbano”, de “lugar preservado”, “prístino”, quando são descritos os locais pouco habitados, de difícil acesso ou isolados por terra, principalmente localizados na margem lacustre leste, a exemplo dos seguintes fragmentos narrativos:

[...] o estuário, toda a Laguna junto a ilha, na praia, na saída dos molhes, todo o potencial turístico, a beleza natural que Rio Grande tem [...] (E44, RG, representante do movimento escoteiro).

[...] ainda nesse processo de mapeamento da zona costeira e tal, eu conheci a Lagoa Pequena [em Pelotas], nós acampamos ali [...] Um lugar muito prístino! Muito bonito! Uma área totalmente selvagem! [...] isso me chamou muito atenção assim, né, essa, essas coisas que eu guardo na memória [...] (E6, RG, professor e pesquisador universitário).

[...] as belezas da Lagoa dos Patos, elas impressionam, mesmo as que eu conheço, são basicamente, pela sua primitividade! É... alguns lugares, parece que o homem nunca chegou! Nunca passou por ali... [...] ela se auto renova, ela se mantém, praticamente intocada nesses pontos, que tu diz, assim: “nunca ninguém passou por aqui”! [...] (E5, SLS, pesquisador independente).

[...] o Saco do Umbu [em Rio Grande], é outro lugar que, é um paraíso, isolado, e não tem como chegar por terra, então tu encontra pessoas ali as vezes, são barcos, pessoas que vão pra pescar, tem um figueirão enorme [...] (E1, PEL, praticante de canoagem).

[...] mas eu conheci o outro lado da Lagoa [orla leste]! Que é o lado *in natura*! E quando eu cheguei na Lagoa dos Patos e ela tinha patos, eu fiquei encantada! [risos] É! Porque também São José do Norte tem aquela área mais urbana que a gente passa, mas tu tem a área que não é urbana! [...] (E56, PEL, representante do setor público).

As paisagens lacustres são percebidas enquanto cenário para contemplar, ver, fotografar, filmar a natureza, a lua, o nascer ou pôr-do-sol (Figura 4B), em alguns locais e situações específicas, denotando valores estéticos diferentes em cada sociedade. Em Rio Grande e São José do Norte, essa questão mostra-se mais evidente, onde os locais relacionados à Laguna dos Patos são apreciados enquanto “paisagens para ver”, em contraposição com as praias marítimas, onde se dão mais intensivamente as práticas balneárias nesses dois municípios. Já em Pelotas e São Lourenço do Sul, por haver praias e balneários de fácil acesso a partir do centro das cidades, são lembrados como espaços públicos de grande frequência pelos residentes, na sua interação cotidiana ou não com essas paisagens, e também pelos turistas:

[...] eu vejo a Lagoa como um cenário para fim da tarde, talvez aqui na Prainha [em São José do Norte], tomar um chimarrão e contemplar o pôr-do-sol. É algo que eu faço com frequência quando tô aqui! E também, visualizar a paisagem da Laguna dos Patos, enquanto eu tô fazendo a travessia [...] Prefiro ir na Praia do Mar Grosso, não contemplar, mas usar, usufruir o mar, eu acho! E não a Lagoa. Eu não costumo ir à praia, por exemplo, em função da Lagoa dos Patos [...] (E52, SJN, professora e pesquisadora universitária).

[...] no dia da Super Lua, a praia [do Laranjal] encheu, ninguém chamou, ninguém convocou, as pessoas sabiam que ia ter a Super Lua e então elas foram pra beira da praia, pra fotografar, pra filmar, pra levar seus filhos pra ver... Então ela faz parte do nosso cotidiano, sim! Todos os dias a gente se alimenta com aquela paisagem! Mesmo que tu venha trabalhar no centro, vai trabalhar num prédio fechado, mas aquele momento da manhã, ele é importante! Esse horário de verão, também, é ótimo, por que nos permite ao fim da tarde olhar as outras cores do entardecer! Então, o Laranjal

pra nós é assim. E especialmente é um lugar público, ele é um lugar de acesso universal, qualquer pessoa pode ir pegar o ônibus, ir de carro, não interessa! Pessoas vem de longe pra ir pra lá, e ficar lá na beira! [...] (E58, PEL, representante do setor público).

Ao refletir sobre os valores históricos das paisagens lacustres presentes nas narrativas dos sujeitos em sua relação com o espaço geográfico, tratou-se de investigar as informações sobre as atividades empreendidas pelas populações ao longo dos tempos e suas marcas na paisagem (NOGUÉ; SALA; GRAU, 2016). Essa questão também levou ao resgate de valores etnohistóricos, das ocupações humanas mais antigas, relativas aos povos indígenas Charrua, Mínuano e Guarani, que hoje são reveladas a partir das escavações científicas nos sítios arqueológicos do entorno da Laguna dos Patos. O sujeito professor e pesquisador universitário (E10), atribui uma relação intrínseca dessas populações mais antigas com os ambientes aquáticos aqui estudados, a partir de artefatos datados entre 1.000-2.500 anos, informando usos para fins de sobrevivência (alimento, moradia), navegação, transporte e comunicação com outros povos:

[...] essas populações viveram nesses banhados e se utilizaram dessa rede hidroviária de uma maneira muito intensa, como lugares de troca, né, movimentação de pessoas, transportes, pessoas, coisas, ideias, rodaram muito por aí, então a gente sabe que essa rede hidroviária é muito importante já desde a pré-história [...] A gente tem dados etnohistóricos desses Charrua, Mínuano se utilizando de canoas super compridas que deviam levar de dez a quinze pessoas dentro dessas canoas, basicamente, o principal tipo de material arqueológico que a gente escava nesses cerritos da Lagoa dos Patos, especialmente do Pontal da Barra, Lagoa Pequena e Lagoa do Fragata [em Pelotas], que são os lugares que a gente vem trabalhando, é, são restos de alimentação lacustre [...] o mundo das águas, esse mundo aquático tá muito presente na vida dessas pessoas, então essas são as provas que a gente tem [...] (E10, PEL, professor e pesquisador universitário).

Mas o intenso uso para navegação dessa rede hidroviária atrelada à Laguna dos Patos e suas ligações com o Arroio São Lourenço, o Canal de São Gonçalo e a Lagoa Mirim, remonta o século XVIII até início do século XX. Ao servir de meio para o processo de ocupação do Rio Grande do Sul, esse corpo lagunar assume papel central na história regional, conforme o relato: “[...] Porque a história do Rio Grande do Sul, de verdade, começa na Laguna dos Patos!” (E5, SLS, pesquisador independente).

A partir da instalação do Porto de Rio Grande e outros portos situados na orla lacustre até Porto Alegre (Pelotas, São Lourenço, Camaquã, etc), efetivou-se um transporte hidroviário de cargas e de pessoas, permitindo a chegada dos imigrantes e a ocupação intensiva do território gaúcho. Esse uso das águas passa a sofrer um retrocesso a partir do declínio das estradas de ferro no século XX, e, mais fortemente, pela expansão das estradas rodoviárias, após os anos

1950 (MMA, 2006), trazendo mutações nos significados da navegação para essas sociedades:

[...] não que assim, o Rio Grande do Sul náutico tenha sido pouca coisa, não foi! [...] teve grande navegação, teve grande atividade náutica! Mas ela recuou, quando as estradas de ferro começaram a recuar, ela começou a recuar! E a navegação ficou sem sentido, porque cai só em rodovias, e rodovias e rodovias, aí morreu de vez! [...] (E5, SLS, pesquisador independente).

Com isso, muitos desses antigos portos desapareceram, mas em Rio Grande, o complexo portuário foi expandido com a construção do Porto Novo e do Super Porto, demarcando uma forte relação histórica e cultural com a navegação na Laguna dos Patos. Essas especificidades locais são narradas na própria espacialidade das construções e apropriações do centro da cidade de Rio Grande e das áreas pesqueiras e portuárias:

[...] a valorização que se fez essencial para a sobrevivência local é desde 1737, o convívio com as águas internas já da Lagoa dos Patos no ponto único do Rio Grande do Sul que permitiu edificar um complexo portuário [...] a primeira formação portuária que teve uma estrutura de concreto, que na década de 1870 e todas as edificações posteriores, daí, o Porto Novo, né, em 1915 inaugurado, o Super Porto da década de [19]70 e tal, mas ali é o ponto essencial que inúmeras gerações ao longo de todo esse período da história de Rio Grande, os 280 anos que vai se completar agora, chegaram naquele espaço ali, que é o que é hoje a Rua Riachuelo, né, entre a Riachuelo, até o Rincão da Cebola, o Centro Histórico da cidade, né, cujo o epicentro é a Praça Xavier Ferreira [...] ali era as primeiras visões que se tinha ao chegar ao Rio Grande do Sul inteiro, né, porque como Rio Grande é o ponto marítimo primeiro de quem chegava e o jeito de chegar, basicamente, 99,9% era por via marítima, né, poucos conseguiam se deslocar via terrestre [...] (E7, RG, professor e pesquisador universitário).

[...] eu te falo em transporte hidroviário interior porque o processo geopolítico de ocupação aqui se deu através das águas, né, antes de dominar o território se disputou as águas, né, até tem a Barra do Rio Grande ali é uma baita de uma disputa né, histórica [...] (E23, PEL, representante de comitê de bacia hidrográfica).

[...] eu acho, que a Lagoa dos Patos é a nossa mina de ouro. A gente pode dizer nossa mina de água, então! [risos] Pra mim é isso, é sinônimo de riqueza! Principalmente aqui em Rio Grande, né! Onde tudo começou, e começou por causa da Lagoa, do mar, de toda essa estratégia do Porto! Então é cultura, é história, é riqueza, a Lagoa é isso! [...] (E53, RG, representante do setor público).

Os valores históricos atrelados às paisagens lacustres foram descritos nos quatro municípios, sendo revelados pelos usos da terra e da água, dos sistemas de produção, das construções, da estruturação das cidades, das vilas de pescadores, dos balneários e das zonas rurais. Esses relatos oferecem importantes chaves de leitura para a interpretação da mudança dos significados dessas paisagens ao longo dos tempos, refletidos nas diferentes percepções, sensações e representações dessas populações em sua relação com a Laguna dos Patos.

Em São Lourenço do Sul, ponto estratégico na antiga navegação entre Rio Grande e Porto Alegre, são lembradas as marcas na ocupação do território do município a partir do Porto

instalado no local, e, com isso, o estabelecimento de estaleiros e empresas de importação e exportação de cargas no Arroio São Lourenço. Essas formas físicas e saberes tradicionais associados à indústria artesanal de barcos são hoje praticamente inexistentes:

[...] toda a cultura de São Lourenço é baseada no trabalho manual dos barcos: construir barcos, manejar barcos, manobrar os barcos, carregar os barcos, tudo tem, cada um tem um *metier*, né! Um tipo de nicho de conhecimento que faziam algo, que os outros não faziam, e eles se complementavam... Ferreiro naval, o entalhador de velas, tinha o outro que fazia redes, o outro que pintava, o outro que construía, o marceneiro naval, o carpinteiro naval... Todo mundo fazia alguma coisa! E isso tá sendo perdido! Acho que velas mesmo raramente vai se encontrar quem sabe entalhar! [...] (E5, SLS, pesquisador independente).

Esses barcos artesanais chamados lanchões, escunas ou iates são lembrados como integrantes de cenas históricas associadas à Revolução Farroupilha, em que a Laguna dos Patos aparece como local de ações militares, nas guerras e lutas pelo domínio das terras. Também retratados em estórias de naufrágios, evidenciando as dificuldades da navegação lacustre. São Lourenço do Sul teria “o maior porto de veleiros do Brasil no século XIX”, segundo o relato do sujeito:

[...] construíram essas escunas aqui, em São Lourenço do Sul, em Porto Alegre, na zona de Itapuã, no Delta de Camaquã, quando foram construir barcos pras tropas da República de Piratini, eles construíram! Davam o nome, aqui de lanchões, mas eram escunas também. [...] os navegadores da Laguna dos Patos resgatam o iate, resgatam a escuna, que ninguém mais sabia o que era escuna! [...] (E5, SLS, pesquisador independente).

Além dos entrevistados ressaltarem a importância histórica de certos locais, também houve o resgate de personagens históricos importantes ligados à navegação em Rio Grande: o Almirante Tamandaré, como patrono da Marinha do Brasil; Gonçalves Dias, herói da guerra do Paraguai; e a passagem de Duque de Caxias e Dom Pedro II pela Ilha dos Marinheiros, dando nome à atual localidade de Porto Rei. Esse aspecto surge na narrativa do sujeito interessado na história dos locais onde realiza suas práticas de canoagem:

[...] todo o lugar que a gente passa, tem uma história, né. A Ilha dos Marinheiros [em Rio Grande], por exemplo, ela foi habitada inicialmente por índios, né. Por três tipos de tribos indígenas. De lá pra cá vieram os portugueses que colonizaram a ilha, que começaram a plantar, e trazer a cultura portuguesa pra ilha, né, que é um patrimônio da cidade de Rio Grande [...]. Em 1845, por exemplo, quando Dom Pedro II conheceu a ilha, né, acompanhado do General Duque de Caxias, e aí por isso que chamam determinado ponto da Ilha dos Marinheiros de Porto Rei, porque diz que ele desceu ali [...] (E45, RG, praticante de canoagem).

A atividade pesqueira e a relação histórica e cultural das comunidades ribeirinhas com a Laguna dos Patos é ainda presente nos quatro municípios. Esses aspectos são evidenciados nas leituras das formas, estruturas e dinâmicas pesqueiras das paisagens lacustres, geralmente permeadas por uma relação de sustento, de trabalho, de meio de vida, de uma cultura da pesca. É bastante frequente nos relatos a percepção sobre a diminuição do recurso pesqueiro e a situação de fragilidade socioeconômica em que se encontram essas comunidades. Apesar disso, o sujeito professora e pesquisadora universitária (E62) avalia que ainda há alta produtividade pesqueira, o que se reflete também na manutenção das questões culturais relacionadas à pesca, nas seguintes comunidades do estuário:

[...] se a gente compara a Laguna dos Patos com outras regiões do Brasil, a produtividade pesqueira é muito alta, né, ela é um ambiente produtivo, e aí então é muito importante pra esse grupo que são quase 4 mil pessoas nos quatro municípios. E aí, isso também tem uma demarcação cultural né... Então assim, aqui, que pega ali de... são basicamente três comunidades: que é o Arroio São Lourenço [...] pra trás do Navegantes, aí depois naquela parte dos juncos que tem barcos que ficam ali [...] e lá no Arroio Caraá, que eles moram... [...] E aí quando cê chega lá em Pelotas na Z3, toda comunidade também tem essa relação cultural. E São José do Norte e Rio Grande mais ainda né! São José do Norte é um município extremamente dependente da pesca. A pesca é muito importante na formação do PIB do município, muito mesmo. Tipo, um percentual alto. E Rio Grande tem todas as comunidades né... As ilhas, a Ilha da Torotama, a Ilha dos Marinheiros... Tem a própria questão da Festa do Mar, então tem toda uma tradição de pesca também ligada ao estuário que é muito demarcado tanto da relação do trabalho, da formação da renda e da reprodução social, como da questão cultural [...] (E62, SLS, professora e pesquisadora universitária).

Em São José do Norte, a importância da pesca é presenciada na estrutura e dinâmicas cotidianas do porto e da hidroviária no centro da cidade, dos barcos pesqueiros que compõem o cenário da Prainha ou da travessia para Rio Grande. Mas a costa lacustre leste é especialmente lembrada pela presença de pequenas vilas de pescadores e toda uma cultura da pesca, revelando as especificidades locais. Então, é a Laguna que dá “vida” ao município:

[...] ah, eu acho que ela é a vida do nosso município, por que da Lagoa dos Patos vem a alimentação de muitas famílias, a vida de muita gente depende da Lagoa! Não é qualquer lugar, que tem um lugarzinho como esse nosso que tem uma Lagoa, banhada pelo oceano, são poucos, né! São poucos! Então, é um lugar privilegiado, né! E a Lagoa é a vida daqui! A vida do município, muita gente vive em função dela! [...] (E51, SJN, representante do setor público).

Em São Lourenço do Sul, as comunidades pesqueiras compõem principalmente a paisagem da Praia da Barrinha (Navegantes) e as áreas dos arroios Caraá e São Lourenço. Em Pelotas, a Colônia Z3 e o Pontal da Barra são áreas predominantemente pesqueiras, localizadas nos dois extremos da orla lacustre do município, cuja relevância é comentada pela artesã:

[...] quando a Lagoa tá propícia a camarão, é uma cidade, né, é uma cidade, porque vem gente de outros lugares, entra comprador, entra, né, tudo, movimenta tudo, a Lagoa é a nossa movimentação, agora quando ela tá doce, né, como ela tá agora, tem menos movimento, mas tem pescador pescando [...] a Lagoa pra gente é tudo, né. Dali que a gente tira o sustento da gente, né [...] a gente pode dizer que a Lagoa além de dar o peixe, dá a escama [para as peças de artesanato] também pra gente, né. É, tudo, tudo da Lagoa [...] (E24, PEL, operadora de serviços relacionados ao turismo).

Em Rio Grande, a cultura pesqueira é presente na zona central do município, nas proximidades do Porto Antigo e do Rincão da Cebola e nas ilhas dos Marinheiros, Torotama, Leonídio e outras. O camarão e a tainha são lembrados como elementos identitários locais, associados à gastronomia e a cultura, que resistem às situações de riscos ambientais atuais, conforme relata o sujeito:

[...] inclusive as atividades de pesca e uma coisa, né, essencial aqui na Lagoa dos Patos é o camarão, né, o camarão, sem o camarão da Lagoa de Rio Grande é perder uma boa parte da identidade, sem as tainhas da Lagoa, Rio Grande, o seu prato típico, né, que é a tainha espalmado ou a tainha na brasa, se perderia bastante disso que é uma coisa que vem lá do século XVIII, né, as tainhas que trazem os portugueses pra cá, né, e, então esse convívio com os frutos do mar a gente deve à Lagoa dos Patos, por mais depauperada que ela esteja e mais agredida que ela foi, né, pela sobrepesca das indústrias pesqueiras aqui em Rio Grande e em outros pontos, pela poluição também [...] (E7, RG, professor e pesquisador universitário).

O papel da Laguna dos Patos é também manifestado na conformação das identidades locais e regionais, na consolidação das quatro cidades, percebidas como “terras rodeadas de águas”, entre o mar e a Laguna. Essas representações mostram-se em estreita relação com o contexto das bacias hidrográficas, ao qual a Laguna dos Patos está conectada, bem como a sua localização na planície costeira e em áreas fronteiriças, com a existência de cursos de água compartilhados entre o Brasil e o Uruguai (ex: Lagoa Mirim). As representações de São José do Norte seguidamente remontam à sua localização geográfica em forma de restinga, e, no caso de Rio Grande, à história da cidade e do estado ligada a esse encontro de águas:

[...] a gente chama de restinga da Lagoa dos Patos, que restinga é esse braço de terra que separa uma laguna costeira do oceano, esse é um termo técnico pra isso, né, este lado de São José do Norte é uma restinga [...] (E6, RG, professor e pesquisador universitário).

[...] a gente tem essa união aqui em Rio Grande, que tu tem a cidade e a Lagoa juntos, né! Resgatando toda essa história da cidade ligada à água, né! [...] (E53, RG, representante do setor público).

Com isso, a presença da água nas cidades é motivo de contemplação, de fonte de alimento, de memórias diversas, mas também sinônimo de inundação, enchentes, destruição,

perigo. Eventos como esses são lembrados pelos entrevistados nos quatro municípios, mas em Rio Grande, o sujeito operadora turística (E55) explica como é viver na desembocadura de uma imensa rede de drenagem (TOLDO JÚNIOR, 1991), vivenciada nas enchentes, curiosamente traduzida sob a expressão de uma “cheia sem chuva”:

[...] um outro detalhe, é a cheia que a nossa Laguna proporciona em Rio Grande! A cheia sem chuva! [...] A Laguna dos Patos, ela recebe água de vários rios, que eles vêm pro Guaíba, ou eles vem direto, né! Através da cidade, e eles deságuam todos na Laguna, então quando tem o período de muita chuva, mais pra cima [ao norte], como a gente diz aqui, a gente já se preocupa aqui embaixo! [...] Conforme a água vai descendo, ela vai saindo pelo canal. Mas quando tem o vento sul, como chamam aqui, que o vento sul, ele coloca a água salgada pra dentro da Laguna [...] Ela tranca a saída, é como se trancasse a saída! Que ela tá mandando a água pra dentro, e aí acaba descendo pra cá, e aí acaba em Rio Grande a água subindo, e aí ela pode vim até aqui, até a Vasco Vieira da Fonseca, o Museu Oceanográfico já ficou embaixo d'água! [...] (E55, RG, operadora turística).

Em São Lourenço do Sul, é lembrado principalmente o papel histórico da colônia pesqueira às margens dos arroios e da Laguna, associado aos estaleiros e a imigração de pomeranos e alemães que chegaram por vias lacustres, permitindo o crescimento da zona rural do município (Distrito de Boqueirão). Nos usos mais recentes, os entrevistados destacam as práticas balneárias no verão, principalmente turísticas e esportivas na orla lacustre, com forte aproveitamento atual das águas que circundam o município:

[...] porque, São Lourenço, se não fosse a Lagoa dos Patos, não existia! Basicamente é isso aí! Isso aqui é o presente da Lagoa dos Patos! Não tendo a Lagoa dos Patos, tu não iria conhecer São Lourenço do Sul! [...] (E5, SLS, pesquisador independente).

[...] assim, aqui em São Lourenço ele é bem presente, bem demarcado no verão e as pessoas têm essa relação também muito forte, mas muito só de, ou contemplativo, de olhar a Lagoa, ou ali de se banhar e muito restrito ainda, muito pouco valorizado. [...] Um município que é todo demarcado por água, né! Porque tem essa coisa da ponta, dos arroios né e [...] na Lagoa também, considerando essa relação com os dois arroios, com o Caraá e com o São Lourenço, ela é muito presente a Lagoa na orla do município [...] (E62, SLS, professora e pesquisadora universitária).

Já em Pelotas, a rede de águas que integra a Laguna dos Patos, o Arroio Pelotas, o Canal de São Gonçalo e a ligação com a Lagoa Mirim, são apresentados como marcadores identitários da cultura de uma cidade “cercada de águas”, justificando sua ocupação e usos ao longo dos tempos. Assim, o entrevistado ressalta a relevância histórica e cultural atrelada a essa rede hídrica, entre elas cita o Arroio Pelotas e sua influência na origem do nome de Pelotas e na importância socioeconômica das Charqueadas no século XIX. Hoje, além dos balneários, as plantações de arroz demarcam fortemente essa relação com as águas lacustres e ambientes aquáticos adjacentes:

[...] temos o nome da cidade que vem por causa de uma embarcação, da *pelota*, entendeu? Uma embarcação que era utilizada pra cruzar o Arroio Pelotas, então aí a cidade, ela, é, se eu for falar da colonização a partir da chegada do europeu, ela é feita nas margens do Arroio Pelotas, entendeu? Então a cidade cresce a partir disso, a cidade enriquece a partir disso, porque as charqueadas são feitas na margem e é isso que traz a riqueza da cidade [...] ela é toda cercada de água doce como eu falei, né, a gente tem ainda a Lagoa Mirim, nós temos o Canal São Gonçalo, temos a zona rural que também tem seu patrimônio de águas, né. Por exemplo, outra característica de Pelotas é a produção de arroz, isso é, vem por causa de uma condição geográfica específica que permite, que é uma região alagadiça na verdade [...] (E16, PEL, representante do setor público).

Com isso, além da intensa atividade pesqueira e portuária, as paisagens lacustres também são percebidas nas suas relações com outros usos da terra e da água, em que lhes são atribuídos valores produtivos por alguns entrevistados, também criticados por outros, no que concerne à garantia da multifuncionalidade e a sustentabilidade dos territórios. A cultura do arroz aparece como determinante nos entornos lacustres, mas também há referências à pecuária (grandes e pequenas fazendas), a agricultura (ex: na Ilha dos Marinheiros), as plantações de cebola e de *Pinus elliottii* e *Eucalyptus* (em São José do Norte), as indústrias, a mineração, a diluição de efluentes domésticos e industriais, entre outros. Mais recentemente, alguns entrevistados apontam a conversão de áreas rurais em grandes condomínios residenciais que se expandem nas proximidades dos balneários do Laranjal, em Pelotas, e, ainda, as dificuldades de acesso público à orla lacustre por conta das áreas privadas.

Com isso, surgem diversas situações de conflitos e tensões que serão retomadas no tema 4. Alguns dos usos atuais das áreas próximas à Laguna dos Patos nesses quatro municípios são manifestados pelos entrevistados, refletindo opiniões diversas:

S03 - [...] porque a maioria da orla é grandes fazendeiros de arroz, né. S01 – É, ali Mostardas e Tavares, além do arroz tem os caras dos *Pinus* também, né, que eles encheram de plantação de *Pinus* ali, produzem a cola e a própria madeira, aí é caminhão pesado. S03 – Isso é lamentável, né. S01 – E aí aquilo ali sim é uma judiação com a natureza [...] (E19 – S01; S03 – SJNI, turistas de *buggie* na Praia do Barranco).

[...] ali [Saco da Mangueira, em Rio Grande], ao longo do tempo a [nome da empresa de fertilizantes] jogava produtos químicos dentro dele, porque ficaram nos fundos da [nome da refinaria de petróleo] [...], tudo que tinha direito jogava dentro dele, os esgotos da cidade, basicamente metade dos esgotos da cidade vão tudo pra dentro dele, e ali historicamente o que que ele era? É, o ponto de reprodução de peixes, de camarão, de linguado [...] uma biodiversidade extraordinária no campo da piscicultura, e os peixes, claro, reduziu extremamente o manancial e ela está extremamente poluída [...] (E7, RG, professor e pesquisador universitário).

[...] tem uma entrada ali [entre a Praia do Laranjal e o Barro Duro], que tem já condomínios pressionando, ele era um lugar isolado, sem nada na volta, na beira da Lagoa [...] aí agora começaram a vender aquelas terras, das fazendas e tal, e eles tão com condomínio já cercando elas! [...] Tem as fazendas, tem fazendas ali! [...] (E58, PEL, representante do setor público).

[...] a cidade de São José do Norte sem essa Laguna não seria São José do Norte! E essas belezas não iriam ter, não iriam ter essas características de vida pesqueira que atrai, também! Típica vila de pescadores, não teria a irrigação da cultura da cebola, imagina o que iria ter? [...] (E50, SJN, representante do setor público).

[...] e a mineradora não é muito bem vista principalmente pelos pescadores, eles não querem! É, a mineradora, ela é forte, né! Mesmo que a comunidade não queira, ela tem uma presença muito forte! É um interesse nacional, mundial, por que nós somos uma terra, uma riqueza, com um solo muito rico, e um povo muito pobre! A nossa riqueza pode gerar ainda mais a nossa pobreza! [...] (E51, SJN, representante do setor público).

Também o Turismo é apontado como atividade que agrega valores produtivos às paisagens lacustres, mas que será aprofundado no tema 2, na interação com outras funcionalidades presentes nesse espaço geográfico.

5.3 “NOSSA MINA DE ÁGUA”: OUTRAS RELAÇÕES DO “GAÚCHO DA LAGOA” COM AS PAISAGENS LACUSTRES

Os valores de uso social das paisagens lacustres foram identificados nas falas dos sujeitos (Figura 5), ao tratarem das suas experiências individuais e coletivas, de lazer, contemplação, esportes, sociabilidades, atividades terapêuticas, religiosas, científicas ou pedagógico-educativas.

Então, o que atrai o “olhar” das pessoas nessas paisagens lacustres? A contemplação do nascer e do pôr-do-sol, da lua, da natureza, é uma das práticas mais recorrentes nos discursos, a exemplo das experiências pela Laguna dos Patos abaixo citadas. Uma valorização patrimonial do pôr-do-sol é defendida pelo sujeito professor e pesquisador universitário (E6):

[...] acho que é a paz, a tranquilidade de estar sentado ali, visualizando o pôr-do-sol, olhando a Lagoa, olhando a travessia, né! Ih, tem várias sensações! Digamos que eu busco mais como uma opção de relaxamento, de tranquilidade, [...] Mas é isso, é tranquilidade, paz, de estar sentado ali, relaxando, visualizando a natureza, as águas e o pôr-do-sol! [...] (E52, SJN, professora e pesquisadora universitária).

[...] são paisagens assim que bah, olha, é lindíssima! Eu já presenciei assim já, momentos nessa Lagoa aí de pôr do sol, de sol nascente, é algo que é fantástico [...] (E2, PEL, residente da Praia do Laranjal).

[...] e talvez o recurso mais importante que ela oferece, que eu acho que deveria ser catalogado no patrimônio imaterial do país, cultural, imaterial, que é a nossa paisagem, né, o pôr do sol. Eu acho que o pôr do sol é um patrimônio que nós temos aqui, imaterial, belíssimo que tem que ser preservado essa paisagem, né, então [...] (E6, RG, professor e pesquisador universitário).

Também são frequentes os relatos sobre a visualização dos barcos de pesca e a interação com a vida do pescador de São José do Norte (Figura 5H); ou dos botos, leões e lobos marinho e da entrada e saída de navios cargueiros a partir do Molhe Oeste em Rio Grande (Figura 5G); a recorrência da imagem da Praia do Laranjal associada ao trapiche em Pelotas (Figura 5D). Esses são alguns aspectos destacados pelos entrevistados, o que é justificado pela amplitude do “olhar” as paisagens no contexto da planície costeira:

[...] a típica vila de pescador, mas o acesso da localidade todinha é bonito! Se vê a Laguna toda! [...] [Nas Capivaras] Paisagem dos barquinhos parados ali, o ir e vir da lida, da pesca, sempre tem uma pessoa fazendo rede por ali [...] E ali se vê bem a rotina do pescador, e é bem típico de pescador, eu achei muito bonito esse lugar, os barquinhos tudo colorido ali, bem bonito, mesmo! [...] (E50, SJN, representante do setor público).

S01 - [...] se tu ficar aqui e ver sair um navio agora aqui, tu vai ver o que vem de gente correndo aqui pra ver, isso aqui [Molhe Oeste] lota aqui, bah! [...] S02 – Bonito também é o pôr do sol tu ver lá da ponta, muito bonito o pôr do sol [...] (E31 – S01; S02 - RG, operadores turísticos).

[...] então tem a entrada de navios, que é uma coisa maravilhosa de ver, tem botos passando, e tu tem aquele volume de água que vem toda a bacia hidrográfica e desemboca ali, então tudo isso são coisas que o turista vem pra ver aqui [...] (E6, RG, professor e pesquisador universitário).

[...] Eu gosto muito de sentar em frente ao trapiche. Nos banquinhos que tem em frente ao trapiche. [...] Essa é a paisagem mais bonita, que mais marca a costa doce é o trapiche do Laranjal. A Laguna enquanto paisagem é isso: é a extensão dos barcos, do trapiche [...] (E63, PEL, representante de APL em Turismo).

[...] Eu acho que pensando paisagem assim o que me traz de mais interessante assim, até por ter tido experiências em outros lugares, é a questão da gente conseguir enxergar longe, né, na paisagem da Lagoa [...] tu tem uma visão 360, né, do ambiente, né, pega muito essa paisagem de banhado, né, de, poucas matas, né, próximas da Lagoa, então te permite um olhar mais amplo assim, né, mais distante [...] (E27, PEL, representante de coletivo socioambiental).

De forma bastante frequente, os entrevistados evidenciam sensações de calma, tranquilidade, relaxamento, encantamento, paz, associadas às paisagens lacustres, a partir de práticas de contemplação e de lazer. Paisagens que também inspiram ao descanso, à leitura de um livro, mediando uma relação mais próxima dos sujeitos com a natureza, pela oportunidade de “olhar o horizonte”, sendo descritas como práticas de lazer que os residentes realizam durante todo o ano:

S01 - [...] Ah, eu acho que ela é importante pra dar identidade pro município, que eu acho que sempre que se fala em São Lourenço, se remete na Lagoa. E pra mim é um lugar de tranquilidade, de contato com a natureza, então que identifica a nossa relação com a natureza, aqui em São Lourenço, acho que a Lagoa faz esse papel! De aproximação, mesmo! [...] (E61 – S01 - SLS, representante do setor público).

[...] Relação com a natureza, a possibilidade de tá num momento, ontem eu tava lá, sentada na beira da praia com a minha cadeirinha lendo um livro e acho que essa relação assim da gente poder sair um pouquinho [...] eu gosto de ir na praia até no inverno, quando chega essa possibilidade de tu, porque tu trabalha o dia todo, né, nessa correria da gente todo dia, e ter um final de semana que tu tá na cidade [...] bom, eu tenho a Lagoa dos Patos pra mim disponível, entendeu? Eu tenho ali há 15 Km de casa eu tenho essa possibilidade de tá com esse contato com a natureza aí, de poder olhar o horizonte, essas coisas assim [...] (E22, PEL, representante do Sistema S em Turismo).

O banho e as práticas balneárias (Figuras 5A e 5B) são os usos sociais mais recorrentes, geralmente concentrados no verão, ocorrendo especialmente nos municípios que contam com infraestrutura de balneários e praias, principalmente em São Lourenço do Sul, Pelotas e São José do Norte. A característica da Laguna dos Patos de margens rasas (entre 0,5-1m) (VILLWOCK; TOMAZELLI, 1995) e profundidade média de 6 m (TOLDO JÚNIOR *et al.*, 2006) é percebida pelos sujeitos por meio das práticas nas praias, descrevendo-as sob a forma de “águas calmas”, onde a “água bate no joelho”, trazendo a sensação de segurança, de praias para “ir com crianças, com a família”. Também é apontado o diferencial da presença de figueiras na orla, oferecendo sombra aos usuários, como nos relatos abaixo:

[...] Dá uma praiazinha com profundidade baixa, onde as crianças podem tomar banho ou pescar com segurança, né. Então eu gosto dessa, que oferece conforto, segurança, abrigo e sombra... E são várias, são várias! [...] (E44, RG, representante do movimento escoteiro).

S01- [...] Ah, eu acho que é da sombra! Porque praia com sombra é difícil, né! Eu não conhecia praia com sombra, então... S02 - É que a gente... S01 - Porque eu fico olhando as crianças, né! Eu não sou muito da água, eu já prefiro olhar as crianças e ficar na sombra. Tem coisa melhor? S01 - Não, não gosto muito [de água]! Até nem entrei na água muito! Mas ficar curtindo a sombra é muito bom! [...] (E60 – S01; S02 – SLS, turistas na Praia da Barrinha).

[...] aqui [na Praia do Laranjal] o que mais me impactou foram as figueiras! Aquela área arborizada na beira da Lagoa, assim como tem em São Lourenço, também! Mas ali em São José já muda esse cenário! Ali, não, tu já vê a vegetação que tá na costa, aquela areia muito curtinha que quase não tem, também! E os bichos, ali, enfim! Então, os dois ambientes me impactaram, aqui na Praia do Laranjal, sem dúvida as figueiras! Chegar e olhar aquelas figueiras lindas, foi muito impactante! [...] Daquele espaço, que tu chega e tu diz assim: "nossa, aqui dá uma tranquilidade de ficar, né! [...] (E56, PEL, representante do setor público).

A situação se diferencia apenas em Rio Grande, pois não há praias institucionalizadas às margens da Laguna dos Patos, sendo as práticas balneárias desenvolvidas nas praias marítimas, junto ao histórico Balneário do Cassino. Em Pelotas, as incertezas quanto à qualidade da água trazem restrições ao banho e ao acesso à água, sendo visível a preferência dos usuários por outras práticas balneárias em detrimento do banho, o que será abordado como

problemática no tema 4.

As práticas esportivas na água ou nas margens lacustres têm demonstrado forte expansão, conforme relatam diversos entrevistados. Os esportes náuticos não motorizados (Figura 5E) são os mais frequentes, expandindo o uso para toda a rede hídrica integrada à Laguna dos Patos, principalmente representado pelo kitesurfe, windsurfe, barco à vela, caiaque, *stand-up paddle*, remo, e, menos frequentes, natação e mergulho. Foram verificadas práticas com uso de motor na água (barcos, lanchas, *jet-skis*, esqui aquático e *flyboard*), também em forte expansão nas áreas estudadas. Esse aumento do interesse pelos esportes náuticos é geralmente atribuído à ampliação do poder aquisitivo na última década, verificado na abertura de novos estabelecimentos comerciais de equipamentos ou de prestação de serviços (guarderías, escolas, clubes), bem como na promoção de eventos esportivos, associados a um maior acesso às novas tecnologias. E assim, há uma percepção de ampliação do uso das águas para esses fins esportivos, a partir do ponto de vista do Turismo:

[...] eu acho que de uns anos pra cá vem aumentando o número de esportistas na Lagoa, então a gente vai pra praia e senta lá, em algumas épocas, dependendo até no inverno, a gente vê pessoas praticando esportes na Lagoa, eu acho que isso vem aumentando, há uns anos atrás não via, até porque eu não sei se não tinha, ou era desconhecido o esporte, os esportes, né, náuticos, enfim, hoje a gente já vê o pessoal de kite, de wind, né, até de outros tipos, como é que chama? Stand-up, enfim, né, passeio de barco pela Lagoa, passeio de barco pelos arroios, isso a gente já vê muito mais, né, tanto que eu acho que aumentou muito, a compra de barcos, enfim, eu acho que as pessoas têm poder, bastante gente com poder aquisitivo bom que possa, que pode comprar um barco hoje e fazer passeio pela Lagoa, eu acho que isso vem, parece que as pessoas vêm se interessando mais pela água, né, pelo esporte na água [...] (E22, PEL, representante do Sistema S em Turismo).

Essa expansão dos esportes de água, principalmente à vela, é justificada pelas condições físicas e naturais encontradas na Laguna dos Patos, pelos fortes ventos e pela inexistência de obstáculos físicos na planície. Portanto, um uso social presente nos quatro municípios, como nos exemplos abaixo:

[...] diversos usuários de navegação usam aquele recanto do Bojuru [em São José do Norte] como um lugar de refúgio, e se tu pesquisar na internet o Bojuru tu vai ver que tem muita gente que fez relato nos seus diários de bordo de ficar por lá e fotos muito lindas porque é um lugar especial, então há uma diversidade de navegantes e muitos por esporte [...] (E23, PEL, representante de comitê de bacia hidrográfica).

[...] e quanto a isso, nós temos um lugar pra prática de esporte a vela [em Pelotas]! Nós temos um lugar muito bom, que aqui tem um período bom de vento durante o ano! Essa época do verão é muito boa! [...] (E40, PEL, operador turístico).

[...] porque todo mundo que vem diz isso “ah, São Lourenço é um dos melhores lugares pra velejar, a raia aqui!” Ai entra a questão geográfica, por quê? Porque o vento leste que predomina a partir de setembro é um vento limpo, aí entra a questão

técnica, né, por que que aqui é bom? Porque a leste não existe nada a não ser um banco de areia que é o Bojuru, do lado que separa a Lagoa do oceano, então nenhum outro lugar, se tu vai pra Santa Catarina, própria Porto Alegre, já tem morro, começa a ter morro, aqui nós temos o pampa e pra cá, nada, a não ser água e um banco de areia separando do oceano, então são ventos constantes, limpos, isso torna a raia aqui ideal pra vela [...] São Lourenço, né, é o lugar ideal pra essa prática, água, outra coisa é que é seguro, essa parte da [Praia da] Barrinha não tem pedra, é uma praia rasa, tu anda quinhentos metros aqui caminhando, vai dar pé, então por isso é um dos lugares bons pra aprender assim, andar, velejar, porque é muito seguro, tu não tem como te perder assim, sabe? Tu vai sair pra qualquer lado aqui é praia e o vento sempre te traz pra beira da praia [...] (E13, SLS, operador de serviços relacionados ao turismo).

A pesca amadora também é bastante frequente em locais como o Pontal da Barra, em Pelotas, as ilhas de Rio Grande, os arroios de São Lourenço do Sul e diversas localidades da costa leste de São José do Norte. Nas margens, o uso de *buggies*, jipes, quadriciclos, motos, bicicletas aparecem como práticas crescentes, e no ar, práticas de balonismo, paramotor começam a aparecer. E também os eventos esportivos e competitivos que têm se multiplicado nos últimos tempos, a exemplo da travessia a nado no Canal de Rio Grande como um dos mais antigos, além de outros encontros e campeonatos nas diferentes modalidades de esportes na água, bem como nas margens, como as maratonas, corridas, desafios de aventura, etc.

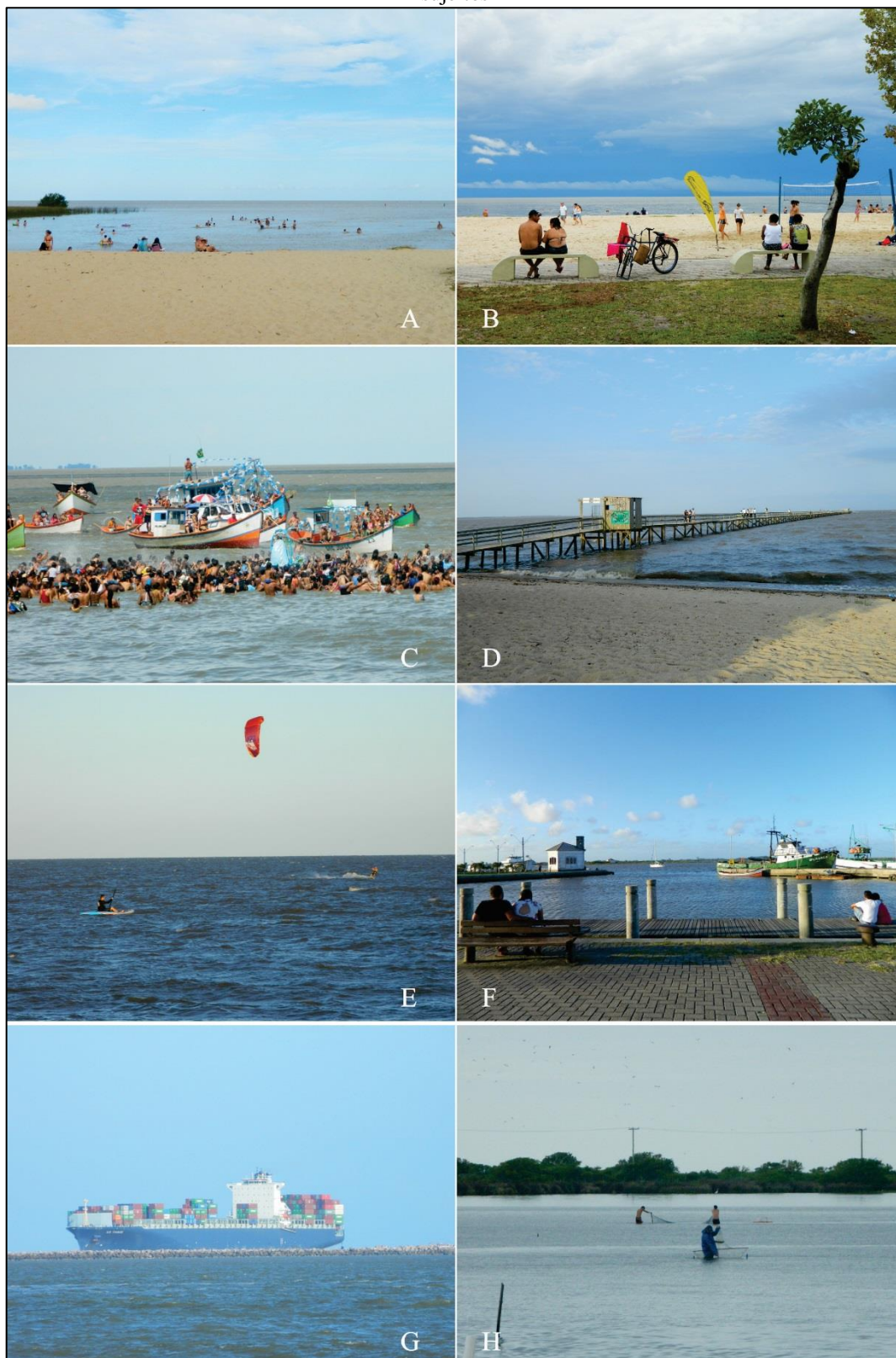
Relacionado às práticas náuticas, são relatadas sensações de liberdade, prazer, superação, paz, solidão (no caso da navegação à vela), aventura, desafio. Com frequência, há referências à atividade física que alia satisfação do contato com a natureza e com os pescadores da Laguna, em localidades que só é possível chegar embarcado, como comentam os entrevistados:

[...] é um esporte, junto à natureza, e que proporciona esse prazer neh, desse contato assim, porque o que o caiaque proporciona, as pessoas não tem ideia [...] na Ponta Rasa ali, do outro lado, bem no canto aqui, não chega embarcação, caiaque a gente tem que puxar, eu tenho fotos, a gente puxa os caiaques, sabe, é 5cm de água assim, então, nenhuma embarcação que tu conhece vai chegar ali, entendesse, então o caiaque proporciona [...] Então isso é o prazeroso, sem falar que é uma atividade física [...] água que tu deixou pra trás e que tu puxou no braço neh [...] (E1, PEL, praticante de canoagem).

[...] então, isso [a prática do mergulho] é uma coisa que te instiga a procurar mais! Mexe com o teu espírito aventureiro! Gosta de aventura, gosta disso né... É da natureza humana, né? [...] (E5, SLS, pesquisador independente).

[...] o cara que gosta de água é como eu te disse, pra mim não existe nada melhor que isso [a prática de velejar]! Paz, tranquilidade, é, tchê, tanta coisa esse sentimento, parece que tu tá só no mundo, mas não no sentido de assim, de só [...] na verdade a gente não precisa de ninguém, a gente precisa da gente mesmo [...] (E2, PEL, residente da Praia do Laranjal).

Figura 5 – Fotos das paisagens lacustres: referentes aos valores de uso social e simbólicos indicados pelos sujeitos



Nota: A: Práticas balneárias na Praia do Camping, São Lourenço do Sul; B: Práticas de lazer e turismo na Praia do Laranjal, Pelotas; C: Encontro de Nossa Senhora dos Navegantes e Iemanjá, Barro Duro, Pelotas; D: Práticas de lazer e turismo no trapiche da Praia do Laranjal, Pelotas; E: Esportes náuticos na Praia do Laranjal, Pelotas; F: Práticas de lazer e turismo no Rincão da Cebola, Rio Grande; G: Contemplação de navios ingressando nos molhes, Rio Grande; H: Práticas de pesca, Cocururo, São José do Norte.
 Fonte: Elaboração da autora (2016; 2017).

Também são citados usos esportivos e do banho como práticas terapêuticas, em virtude do contato com a água e com a natureza, proporcionando bem-estar, relaxamento, descontração, elucidando os conteúdos simbólicos regeneradores vinculados ao elemento líquido:

[...] porque água salgada, ou salobra, às vezes da Laguna, ela tem suas propriedades, que o nosso organismo recebe bem! Então fazer toda essa atividade na água, tomando banho, ele dá um cansaço físico, mas que é um tratamento, depois que passa isso, a musculatura tá renovada, o cérebro tá limpinho, a terapia mental é excelente por todas essas sensações que passa pelo organismo, tanto físicas quando passa pela água, como o que a visão, o que a gente percebe, aqui, da beleza da natureza em si, que manda pro cérebro, essas belezas que a gente precisa, realmente é uma terapia que ainda não vi ninguém que passasse mal ao apreciar tudo. Pessoal aqui passa bem! [...] (E44, RG, representante do movimento escoteiro).

[...] o ato em si de remar, né, ele já te traz uma sensação de bem-estar, né. Tem um ditado que diz assim: "Tá nervoso, vai pescar!". Eu como sou da canoagem, mudo um pouco, eu digo: "Vamos remar!". Porque quando tu rema tu libera mais endorfina e isso te causa mais bem-estar. Então nenhuma remada é igual a outra. Tu pode remar sozinho, ou remar com um grupo, mas a remada nunca é a mesma. E o contato com os animais selvagens né, leões marinhos, tartarugas marinhas [...] (E45, RG, praticante de canoagem).

[...] a satisfação pelo prazer, né, do esporte e do contato com a natureza e muitos me falam dessa questão assim "bah, isso aqui é a melhor coisa que tem!" porque realmente tu esquece de todo o resto, né, ou tu tá focado no esporte pro contato com a Lagoa ali, ou então, tua cabeça tem que tá aberta pra fazer aquilo assim, sabe? Então, pra eles, é questão de liberdade, muitos vêm do trabalho, então ali é o momento de descontração e lazer eu acho, isso sim acaba sendo bem significativo, essa terapia, kiteterapia [...] (E14, PEL, praticante e instrutor de esportes náuticos).

As paisagens lacustres são motivadoras de encontros entre amigos e familiares, sendo espaços visados para as práticas de sociabilidades diversas (Figura 5B e 5F), para “ver as pessoas”, para estabelecer vínculos sociais, para a prática do chimarrão, entre outras:

[...] encontrar os amigos, que geralmente vou encontrar ali! São amigos desde a infância, e sempre se tu vai tomar um chimarrão na Prainha [em São José do Norte] tu vai encontrar um conhecido! [...] (E52, SJN, professora e pesquisadora universitária).

[...] é mais essa questão realmente de descanso, de lazer, de energia, de ver pessoas. Eu gosto muito [da Praia do Laranjal], porque tu vê todo tipo de pessoa lá. Daí tem cultura, tem esporte [...] é um dos únicos lugares em Pelotas que tu consegue encontrar tudo num lugar só. E é isso que eu acho que é o diferencial [...] (E63, PEL, representante de APL em Turismo).

[...] o que é interessante, é que a orla é muito usada assim né, pra esportes, pra correr, pra caminhar, pra contemplar, pra tomar um chimarrão... Isso é bastante característico no município [de São Lourenço do Sul]. Aí tem esse significado. Pra mim também tem. Eu uso bastante, pessoalmente né, mas eu acredito que ela tem essa... Ela demarca né! Um município que é todo demarcado por água, né! [...] considerando essa relação com os dois arroios, com o Caraá e com o São Lourenço, ela é muito presente, a Lagoa na orla do município [...] (E62, SLS, professora e pesquisadora universitária).

S02 - [...] E aqui em São Lourenço [do Sul], o ponto de encontro acaba sendo a praia! Acho que realmente, né! A praça, depois da revitalização, eu acho que já tá dividindo, mas sempre tem essa coisa muito forte do chimarrão de domingo na praia, né! S01 – [...] E até a gente vê, nas redes sociais, o quanto as pessoas postam fotos do pôr-do-sol na Lagoa, da tarde... Tem muita foto! Então, o pessoal tá com o olhar voltado pra Lagoa, mesmo! [...] (E61 - S01; S02 - SLS, representantes do setor público).

As paisagens lacustres também proporcionam o encontro entre residentes e turistas, a exemplo do Rincão da Cebola, em Rio Grande (Figura 5F), após início do processo de revitalização (ainda não concluído), e da Praia do Laranjal, em Pelotas (Figura 5B e 5D), como ambientes aprazíveis nesse encontro mais próximo com as águas:

[...] talvez das experiências mais marcantes pra quem está em Rio Grande é o contato junto ao cais de Porto Velho, né, ali, aquele local na Lagoa dos Patos, né, pelo impacto visual e pelo impacto histórico, né, da importância econômica e cultural, aqui pra Rio Grande eu sempre recomendo, tu quer ver, vai no Rincão da Cebola, né, que hoje tá sofrendo aquela revitalização [...] aos poucos, mas tá melhorando bastante, ali seria um reencontro da população, de uma forma mais turística, né, e de lazer com o que é a essência de Rio Grande. Então a essência de Rio Grande são as águas [...] (E7, RG, professor e pesquisador universitário).

[...] porque eu gosto muito do Laranjal, morei no Laranjal, um amigo meu, suíço veio me visitar, eu levei ele pra passear no Laranjal, tu chega lá é a mesma expressão, é padrão, “mas que lindo! As figueiras, as palmeiras!” ou seja, é um ambiente aprazível, né [...] (E23, PEL, representante de comitê de bacia hidrográfica).

Por outro lado, há uma interessante contradição na percepção das paisagens lacustres, relatada por diferentes entrevistados, de que as sociedades estão “de costas para a Laguna”, no sentido de um esquecimento, desvalorização, abandono, desprestígio dessas paisagens. Os entrevistados citam o caso da Praia do Laranjal, onde frequentemente é possível notar os usuários sentados de costas para a Laguna e de frente para o movimento da rua, sendo atribuído à questão cultural, mas talvez também possa refletir a forte ação dos ventos e os problemas de balneabilidade. Em Rio Grande, entrevistados percebem as construções das casas de costas para a água e a ocupação desordenada na Rua Henrique Pancada como ilustrativo do descaso social na relação com as paisagens lacustres. Em outro relato, a percepção de que os poucos barcos na Laguna remetem a uma sensação de abandono desse potencial hídrico:

[...] por exemplo, nessa relação, a nossa praia é de Lagoa, todo mundo vai pra lá, ou pra tomar chimarrão no domingo, entendeu? E ficar de costas pra água, que é muito curioso. Mas a gente parou de lutar contra isso [...] as pessoas gostam de sentar ali e olhar o movimento, né, é o oposto de todos os lugares que eu conheço que têm água, né, as pessoas sentam de frente pro mar, né, e aqui a gente senta, as pessoas sentam de costas pra Lagoa, mas isso foi uma percepção interessante assim, porque tu não vai mudar o hábito [...] (E16, PEL, representante do setor público).

[...] sempre me chamou atenção [...] essa questão das pessoas chegarem na praia e virarem seus carros de costas pra Lagoa, isso é algo assim que é impressionante da gente ver, por que tu vai pra praia pra olhar carro passar ou tu vai pra olhar pra natureza? Entendeu? E isso, isso acontece, né, a gente ainda vê isso, eu acho que vê um pouco menos hoje talvez, mas se vê, aqui as pessoas não estacionam os carros virados pra Lagoa, então é de costas pra Lagoa, né, de costas pra beleza natural que tu tem ali disponível [...] (E22, PEL, representante do Sistema S em Turismo).

[...] uma pena ali na [Rua Henrique] Pancada hoje parece que ela tá começando a se virar, né [...] porque ela foi construída de costas, né, toda a cidade foi construída de costas pra Lagoa, né, foi toda construída de costas, a Alfândega de costas, o porto todo, né, tudo bem, mas aquela região lá do Saco da Mangueira lá, toda [de costas] [...] (E7, RG, professor e pesquisador universitário).

[...] quando eu navego pela Lagoa dos Patos, eu tenho a impressão, assim, de abandono! Eu acho assim, que o povo abandonou... Deu as costas, não conhece ela! Por medo, ou por qualquer outra coisa, não procura ela! Te dá a impressão assim, do ponto de vista humano, você vê pouca gente, vê poucos barcos! Não vê muito! [...] (E5, SLS, pesquisador independente).

São Lourenço do Sul é o município em que as práticas turísticas se mostram mais evidentes, por estarem concentradas nas quatro praias – das Ondinas, das Nereidas, da Barrinha do Camping, e nas proximidades do Arroio São Lourenço. Nesses ambientes, interagem a função turística sazonal (no verão) aliada à pesca profissional e amadora, e outras modalidades de lazer lúdico e esportivo dos habitantes. Nos relatos abaixo, as percepções de residentes no município, destacam a valorização das paisagens lacustres pela população local e turistas, mas ainda reduzida às práticas balneárias (Figura 5A) ou contemplativas, e sazonais. O sujeito representante do setor público municipal (E61 – S01) observa que as praias receberam nomes populares a partir das formas de apropriação coletivas, evidenciando identidades diferenciadas em cada uma delas – praia para famílias, praia para jovens, praia para praticar esportes náuticos:

[...] eu acho que do ponto de vista cultural você tem principalmente a pesca e você tem muito pouco ainda um turismo de veraneio. Assim, aqui em São Lourenço [do Sul] ele é bem presente, bem demarcado no verão e as pessoas tem essa relação também muito forte, mas muito só de ou contemplativo, de olhar a Lagoa, ou ali de se banhar e muito restrito ainda, muito pouco valorizado. Eu acho que do ponto de vista da paisagem é bastante valorizado, pelo menos pra quem mora em São Lourenço [...]. (E62, SLS, professora e pesquisadora universitária).

S01 - [...] E tem também a questão das praias ter seus nomes, as praias da Lagoa. Mas as pessoas acabam criando outros nomes, por exemplo a Praia das Ondinas é a “praia das mães”! Que é por ser calma, ter pouca pedra e as famílias levam os seus filhos pra lá, então é “praia das mães”, porque também é bem arborizada. Então, a própria população cria os nomes de acordo com o próprio uso que fazem da Lagoa! Isso eu acho bem interessante! Tem a Praia das Nereidas, é uma faixa maior, mas é a parte que fica em frente ao hotel das Figueiras, é a “praia do hotel”, o pessoal começou a chamar de “praia do hotel”! E aí também tem a característica que é um público mais jovem, a praia das mães é mais família! A [Praia da] Barrinha, que há um tempo era mais esquecida, agora ela tá, depois da enxurrada, teve a revitalização, e agora ela tá ganhando mais com os turistas. Ela era voltada mais pra turistas, mas agora a gente vê que as excursões até reduziram, né, com a implantação do terminal turístico. Mas

a gente vê que os turistas de casas de aluguel e de hotéis, eles têm buscado essa praia também! E ela é o “lugar dos esportes náuticos”, a gente vê essa identidade de cada parte da Lagoa! [...] (E61 – S01 - SLS, representante do setor público).

Nas proximidades da Laguna dos Patos (especialmente em São Lourenço do Sul e Pelotas), organizam-se eventos culturais, religiosos, esportivos. Em São Lourenço do Sul, eventos culturais, artísticos e musicais propõem uma (re)valorização do aspecto estético-paisagístico relacionado ao pôr-do-sol, ao luar, com aproveitamento dos locais mais propícios a essa interação com a natureza, especialmente no verão, como nos exemplos:

[...] É um evento, ele se faz bem ali naquela ponta entre o [arroio] São Lourenço e a Lagoa. Assim, bem na face daquela ponta, eles montam um palco, e aí tem música no pôr-do-sol. E é super bonito, porque o sol se põe atrás do palco, e aí então é um evento cultural. É promovido pelos grupos de música do município. E geralmente ele tá muito associado a isso: ao período de verão, final de primavera [...]. Agora teve e com muitos turistas, então esse evento, ele é muito legal, porque ele faz essa associação da cultura com a paisagem, claro, numa paisagem mais idílica, sem permear essa questão de outras relações de trabalho e tal [...]. (E62, SLS, professora e pesquisadora universitária).

S02 – [...] Porque a gente tem o pôr-do-sol mais pra Praia das Ondinas, e o luar é interessante mais pra Praia da Barrinha! Então, tem essa diferença também, do pessoal buscar esses horários diferentes! Até quando teve a super lua, nesse ano, o pessoal foi todo pra praia, pra ver ela nascendo! Então, tem todos os eventos ligados à natureza, o pessoal vai pra praia pra acompanhar. O pessoal depois das festas vai pra praia pra ver o sol nascer! [...] São exemplos bem pontuais, mas que eu acho interessante! S01- É, o pessoal foi pra Barrinha, mas a Barrinha tem a questão que é mais fria, e aí acabou se deslocando! A questão da lua, a Barrinha é bem interessante, porque reflete na Lagoa [...] Ela é mais aberta! S02 - Ela é mais aberta, então a gente tem uma visão [...]. (E61 – S01; S02 - SLS, representantes do setor público).

As Festas de Iemanjá e Nossa Senhora dos Navegantes (Figura 5C) são eventos culturais e religiosos de grande relevância na área de estudo. Eles ilustram valores de uso social e simbólicos aliados às paisagens lacustres, onde interagem comunidades pesqueiras, navegadores e esportistas, comunidades rurais e urbanas, refletindo-se numa integração dos diferentes segmentos das sociedades locais e turistas nas proximidades da Laguna dos Patos. O feriado do dia 02 de fevereiro é comum aos quatro municípios, sendo festejado com manifestações culturais diversas, incluindo as procissões lacustres que demarcam a interação entre as religiões, como no relato dessas festas em São Lourenço do Sul:

[...] era [dia de Nossa Senhora de] Navegantes, porque isso é outra coisa também que é do ponto de vista da cultura, mas que também tem relação com a orla, né! Com a paisagem e com essa configuração do município, enquanto um município que tá nas margens da Lagoa, que são as festas de Iemanjá e Navegantes. [...] Então, ambas, são duas comunidades pesqueiras. Lá, a localização, uma festa mais associada aos portugueses, ali, uma festa associada aos negros, né. Tem uma idiossincrasia. Tem uma relação das duas. São as mesmas pessoas que vão em uma e em outra. São duas

festas, mas as pessoas, não é uma coisa "Ai, eu não vou naquela porque é dos negros, eu não vou naquela porque são dos católicos", não. E as duas procissões saem do [arroio] São Lourenço, só que uma procissão é a noite e tal. As duas procissões então, levam a Iemanjá saindo do Arroio São Lourenço, faz toda volta e chega lá na [Praia da] Barrinha, onde tem aquela figura de Iemanjá. E a Nossa Senhora dos Navegantes também, só que a Nossa Senhora dos Navegantes eu não sei até onde vai. [...] e nas duas são os pescadores que levam né! São os bairros de pescadores [...]. E aí também, tem uma relação com o turismo do município. É um feriado que vem muita gente pra cá e muita gente tá presente nessas duas festas. Nas duas né! Tá numa e depois vem pra outra. É muito legal assim, também. Então do ponto de vista, tem essa questão do ponto de vista cultural que eu acho que já é, assim, na minha concepção, já é bastante usada assim, o setor turístico faz uso disso [...]. (E62, SLS, professora e pesquisadora universitária).

A Festa do Mar, em Rio Grande, e outros eventos gastronômicos sob iniciativas pontuais, tratam de valorizar os usos sociais e simbólicos relacionados à cultura pesqueira no estuário. Nesses eventos, a tainha e o camarão da Laguna dos Patos são os pescados mais valorizados, demarcando as identidades locais e regionais, o que se reflete também no Turismo:

[...] tem a própria questão da Festa do Mar, então tem toda uma tradição de pesca também ligada ao estuário que é muito demarcado tanto da relação do trabalho, da formação da renda e da reprodução social, como da questão cultural [...]. (E62, SLS, professora e pesquisadora universitária).

As paisagens lacustres também são espaços de práticas de pesquisa científica, de educação formal e informal, de mobilizações sociais e ambientais, presentes nas narrativas dos sujeitos. De forma mais específica, citam os trabalhos de ensino e pesquisa no Pontal da Barra, em Pelotas, voltados ao conhecimento científico e à proteção dos banhados e dos sítios arqueológicos, bem como as atividades de educação ambiental nesses ambientes correlatos à Laguna dos Patos. Em Rio Grande, o interesse científico volta-se para o mapeamento e monitoramento dos ambientes costeiros (marismas, ilhas, banhados, lagoas, etc), as experiências de formação de jovens navegadores, e o interesse científico atual diante da problemática da lama que invade a orla do Balneário do Cassino. Em São José do Norte, representantes da sociedade civil, políticos e científicos integram um movimento contrário à instalação de mineradoras nessa zona de restinga. E, em São Lourenço do Sul, as pesquisas relatadas voltam-se para a valorização dos saberes tradicionais e da cultura das comunidades pesqueiras.

Essas paisagens lacustres são apreendidas também pelos seus valores simbólicos para os sujeitos que nelas vivem, os quais relatam sentimentos de pertencimento, expressões de identificação, conforme descritos por Nogué, Sala e Grau (2016). Os entrevistados expressam diversas emoções e sensações ao descreverem suas vivências e memórias relacionadas às

paisagens lacustres, enfatizando fatores naturais e culturais, locais e eventos históricos, valores espirituais e religiosos, lendas, costumes, saberes, comemorações, práticas e crenças. Representações das paisagens lacustres, também encontradas na poesia de Jefferson Dieckmann, natural de São Lourenço do Sul, intitulada “Lagoa dos Patos”⁷⁰:

<i>Minha lagoa</i>	
<i>Imenso mar doce</i>	
<i>Praias pacatas</i>	
<i>Branças areias</i>	
<i>Esguios coqueiros</i>	<i>onde as velas se içam,</i>
<i>Sentinelas de pedra</i>	<i>onde as redes se tramam,</i>
<i>a vigiar nosso banho</i>	<i>onde salgam as águas,</i>
<i>Mornas águas,</i>	<i>onde lavo a alma,</i>
<i>onde navegam lembranças,</i>	<i>onde sou teu filho,</i>
<i>onde se afogam as mágoas,</i>	<i>onde vejo famílias,</i>
	<i>onde se abrem sorrisos</i>
	<i>Estuário da vida</i>
	<i>Berço da minha existência...</i>
	<i>(Poesia Lagoa dos Patos, de</i>
	<i>Jefferson Dieckmann)</i>

Nos relatos abaixo, os sujeitos residentes significam suas relações com as paisagens lacustres a partir de seus pontos de vista, de suas práticas cotidianas ou de lazer, revelando aspectos que participam fortemente da conformação das identidades locais e regionais:

[...] eu senti que aqui [na Praia do Laranjal] vai ser a minha vida, eu não consigo sair daqui, pela Lagoa, né, pela Lagoa, por tudo de bom que ela me deu, que ela me ensinou e o que ela me proporcionou, de prazer assim, de infância [...] eu preciso tá sempre perto da Lagoa, é difícil o dia que eu não vou na Lagoa olhar pra ela [...] é uma coisa que me acalma, me deixa pensar, me [silêncio/comoção], por muitas vezes me abraçou, me consolou, em momentos difíceis, né, a gente passa, todos nós passamos, né, e eu acho que, por muitas vezes, me fez companhia, naqueles momentos que tu sabe que a gente às vezes precisa de um abraço, de uma, e eu devo tudo aqui. Me deu um pouco de paz [...]. (E2, PEL, residente da Praia do Laranjal).

[...] ela representa essa grandiosidade ecossistêmica e cultural, né, onde tu consegue, parece que, “onde tu nasceu? Da onde que tu é?”, né, “eu sou da Lagoa dos Patos!” [...] e é engraçado que essa Lagoa daqui, ela também tem uma identidade, existe uma identidade, né [...]. (E29, RG, representante de ONG ambientalista).

[...] eu morar aqui nesse espaço [na Praia do Laranjal], pertencer, a facilidade, e o prazer que ele proporciona pro cara, assim, com toda essa riqueza que a gente tem aqui, assim, na porta de casa, como a gente poderia dizer [...]. (E1, PEL, praticante de canoagem).

[...] e aí, ali, morando, a gente começa a se apaixonar! E aí tu começa a ver que a Lagoa não é um ser inanimado, né! Porque se a gente vê aquela água mansa, a areia e tu não tá indo todos os dias, tu acha que é sempre assim! Não é verdade! Então, isso te leva a querer sair e ver como ela tá! A gente, eu e muitos moradores do Laranjal fazemos isso! A gente antes de ir embora pro trabalho de manhã, a gente vai até a

⁷⁰ Poesia sugerida pela entrevistada operadora turística de Rio Grande (E55). Disponível em: <<http://uneversos.com/poesias/43081>>. Acesso em 15 mar. 2018.

avenida e olha e vê, o vento tá ventando a nordeste, tá ventando a sudeste, a água subiu, a água desceu, a área de areia diminuiu ou aumentou, tem peixe morto, não tem peixe morto, a prefeitura limpou... Então, tu começa a pegar mais intimidade com ela! [...] (E58, PEL, representante do setor público).

[...] como eu te falei, nenhuma remada é igual a outra! Tem dias que tu tá remando e tá meditando, ao mesmo tempo, tá te trazendo aquela paz, aquele sossego que tu procura no dia-a-dia e não consegue, pela correria que é hoje em dia, né! Hoje em dia, na vida de qualquer um. Então ali [na Laguna dos Patos] eu me perco e me encontro. Eu descrevo desta forma! [...] (E45, RG, praticante de canoagem).

[...] mas é histórias assim, a gente sempre se reúne pra contar histórias antigas, e às vezes, quando a gente tem uma figueira muito grandona lá que os pescadores que viram fantasma, toda vez que acampa naquela figueira é uma renovação daquelas histórias antigas, né, e é muito bom, né, fazer fogueira de noite e contar aquelas histórias, passar, né, pros filhos da gente [...]. (E24, PEL, operadora de serviços relacionados ao turismo).

S01 - [...] ah, eu acho que ela é importante pra dar identidade pro município, que eu acho que sempre que se fala em São Lourenço [do Sul], se remete a Lagoa. E pra mim é um lugar de tranquilidade, de contato com a natureza, então que identifica a nossa relação com a natureza. Aqui em São Lourenço, acho que a Lagoa faz esse papel! De aproximação, mesmo! E um local que tu vai conseguir estabelecer um relacionamento com outras pessoas, criar vínculos, que todo mundo se reúne ao redor da praia, né! É um local de lembranças boas, né! [...] (E61 – S01 - SLS, representante do setor público).

Essa identificação com as paisagens lacustres é também cantada na música “Peão das Águas”⁷¹, do lourenciano Mário de Freitas, vencedora da segunda edição do Reponte da Canção, em 1986, que é um evento nativista realizado há cerca de 30 anos, em São Lourenço do Sul, no qual o autor retrata o “gaúcho da Lagoa”:

*O Rio Grande não é feito só de pampas
De coxilhas, só de matas ou de campos
Tenho aqui minha parelha de canoas
Sou gaúcho da lagoa.
De manhã, muito cedinho o sol desponta,
Já reponto a minha rede
Cevo o mate, ligo o rádio,
E a vaneira então ecoa,
Despacito vou cantando
No lombo da lagoa.
Jogo a rede que é meu laço,
E com o braço esticado,
Vou levando de arrasto
Traíra, bagre e pintado.
Mas o peixe anda escasso,
Nos meus olhos a tristeza,
Se usou tanto a lagoa,
Sem respeito à natureza.*

*Nesta sina andarenga de cruzar
As planuras destas águas
Trago as minhas mãos marcadas
Pelos redes e esporões.
Sou um taura sobre as ondas
Cultivando as tradições.
A lagoa não se doma,
Com temporal corcoveia,
Quando o barco boleia...
Que peleia, que peleia.
Valei-me nossa senhora,
No entrevero da batalha,
As águas que dão sustento
Também servem de mortalha.
(Letra da música:
Peão das Águas,
de Mario de Freitas)*

⁷¹ Letra de música sugerida pelo entrevistado operador de serviços relacionados ao turismo (E13, SLS) e pela professora e pesquisadora universitária (E62, SLS). Fonte: MEA (2016).

A referência a essa música aparece em alguns relatos de sujeitos de São Lourenço do Sul, ao enfatizarem a valorização das comunidades de pescadores como protagonistas dessa relação entre as sociedades e os ambientes aquáticos nesse recorte geográfico, porém hoje “invisibilizados” nas dinâmicas sociais e econômicas. Uma perspectiva que trata de ampliar a cultura do gaúcho, muitas vezes reduzida à identificação pelo chimarrão e pelas lidas do campo, fortemente atreladas às tradições agropecuárias. Essa questão aparece justificada pelas dificuldades e incertezas da navegação na Laguna dos Patos, refletindo-se numa cultura voltada à terra, como cita o entrevistado: “[...] Explica muitas coisas! Receios [da navegação], tu entende? E eu acho assim: o resto do povo é um povo territorial, terrestre, com lidas bovinas e etc, e isso afasta, mesmo! [...]” (E5, SLS, pesquisador independente).

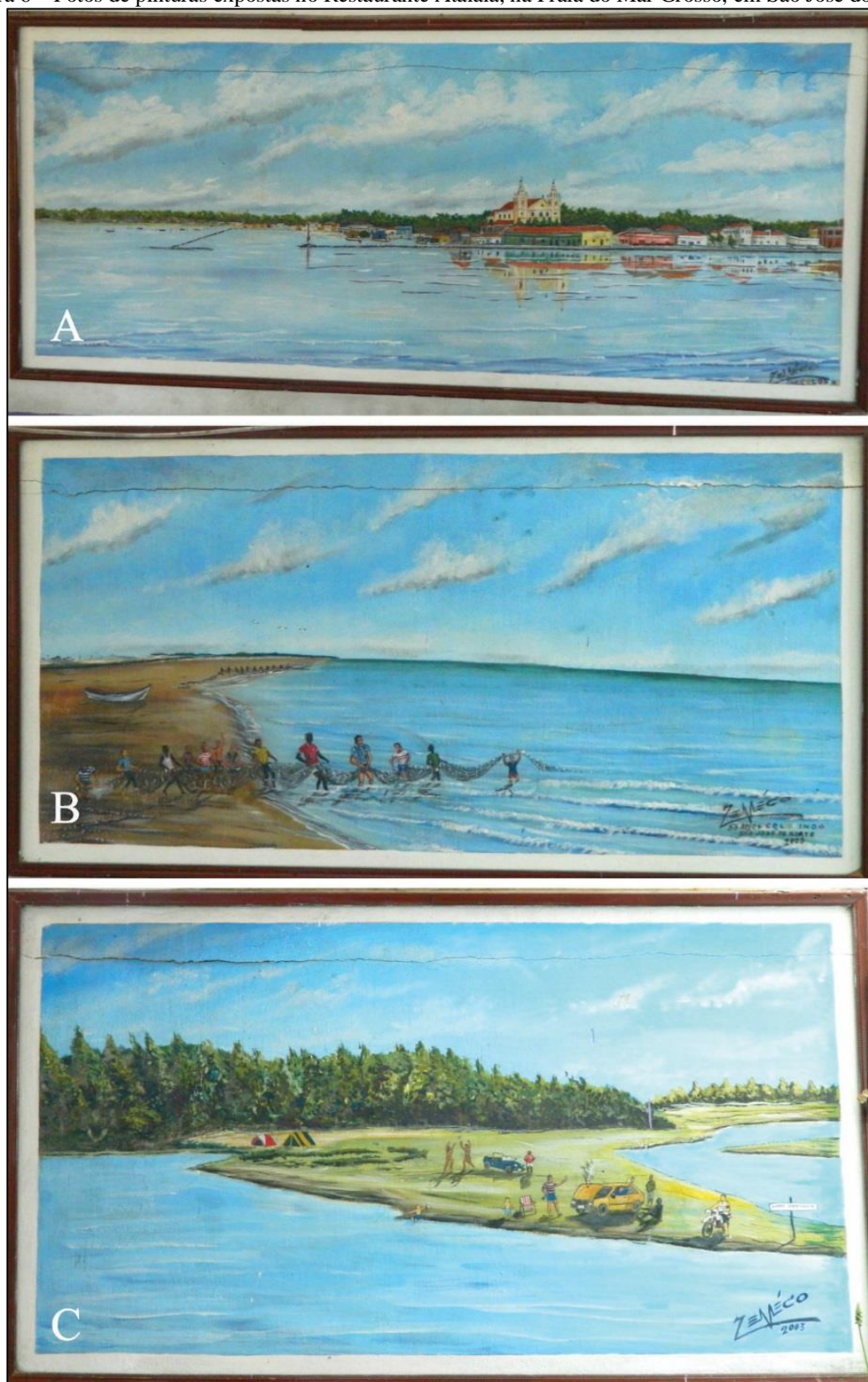
Os sujeitos, então, propõem uma (re)valorização das culturas pesqueiras e da navegação, através de diferentes práticas na Laguna, mas também através da arte, da gastronomia, do Turismo ligado às paisagens lacustres:

[...] os pescadores, eles ainda são muito invisíveis e o turismo poderia ser um mecanismo bem pensado de dar visibilidade a esses povos né, que são povos que tem sua cultura relacionada à Lagoa. Aí... é o “gaúcho da Lagoa” né, como eles dizem [...] que a gente tem essa coisa da construção do gaúcho do pampa e da lida com o gado, do chimarrão e tal, e a canção dele remete que os pescadores, que a Lagoa também faz parte dessa composição e dessa cultura gaúcha [...]. (E62, SLS, professora e pesquisadora universitária).

[...] aqui se fala do gaúcho da Lagoa, né, porque quando se fala em Rio Grande do Sul, se associa, né, a questão do campo, muito mais o canto assim, né, o canto do gaúcho, é o canto do cavalo, do campo, do mato, né, da lida, [...] sou “gaúcho da Lagoa” [refere-se à letra da música], então querendo cantar assim, dizer que, bom, é o meu canto nativo é o lugar onde eu vivo, sou nativo do Rio Grande do Sul, mas eu sou litorâneo, eu moro na beira da praia [...] a questão da Lagoa, porque é o nosso canto nativo é a Lagoa dos Patos, né [...] Acaba te inserindo em todos os aspectos da tua vida assim, a questão da Lagoa né, de tu entender melhor isso, como tu vai te entendendo, né, te formando, e entendendo que ela representa bastante assim da, o nosso subjetivo, né, nas coisas, na tua arte, nas coisas que tu vai fazendo, acaba tendo a presença da [Lagoa], e acho que é pouco ainda, acho que tem muito a se explorar nisso, nessa questão de o artista local utilizar mais as coisas do litoral e da Lagoa [...]. (E13, SLS, operador de serviços relacionados ao turismo).

As telas pintadas por Zeméco (Figura 6), artista de São José do Norte, evidenciam essa relação identitária da cultura pesqueira associada à Laguna dos Patos, presente tanto no centro da cidade como no interior do município, bem como a prática da pesca amadora nas áreas destinadas ao Lazer e ao Turismo, como a Barrinha do Estreito, onde as águas lacustres encontram as oceânicas.

Figura 6 – Fotos de pinturas expostas no Restaurante Atalaia, na Praia do Mar Grosso, em São José do Norte



Nota: Pinturas de Zeméco (2003), retratam as paisagens de água de São José do Norte. A: a vista do centro de São José do Norte, a partir da travessia lacustre de Rio Grande, com suas construções coloridas refletidas nas águas da Laguna dos Patos e, à esquerda, a predominância da atividade pesqueira; B: na orla lacustre, pescadores jogam redes “ao mar”; C: práticas turísticas e de lazer na Barrinha do Estreito, junto ao Oceano Atlântico.

Fonte: Elaboração da autora (2016).

Uma cultura da água, que é retratada pelos praticantes de esportes náuticos na sua relação com os pescadores, como uma cultura de solidariedade, de generosidade, de trocas culturais, de ajuda mútua no enfrentamento das dificuldades que a Laguna dos Patos pode oferecer às populações:

[...] e isso é interessante, entre a comunidade marítima, né! O pescador, o marítimo, o escoteiro do mar, todos se ajudam, né! Na hora da dificuldade, embora exista a obrigação legal, mas não é a obrigação legal, realmente, é a obrigação do conhecimento da dificuldade da vida no mar, um ajuda o outro. E a dificuldade, se tu vem a conhecer, o socorro é imediato! Vê que está passando dificuldades, um ajuda o outro. Então é uma vida, dessa pessoa que tem contato com o mar, é uma vida diferente realmente! [...] e na comunidade marinha, pescador ou todos que tão dentro d'água é obrigação de se cumprimentar, é um diferencial, também! [...] (E44, RG, representante do movimento escoteiro).

[...] outro dia a gente pegou onda com mais de 1 metro na Ponta do Bojuru [em São José do Norte], foi muito difícil de vencer aquilo ali, quebrou o leme do meu caiaque, aí eu consegui consertar numa vila de pescadores, que a gente conseguiu um abrigo para uma noite, então tem essa cultura também, o povo da água se ajuda muito, os pescadores, aí os caras resolveram pra mim, conseguiram [...]. (E1, PEL, praticante de canoagem).

[...] mas essa generosidade do viver que tem na navegação é uma coisa muito bacana! É isso, tem uma população dentro da Lagoa aí que eles são maravilhosos! E tão diminuindo, tão diminuindo, então esse é um potencial muito grande cultural, tudo, muito, muito legal [...]. (E23, PEL, representante de comitê de bacia hidrográfica).

As experiências narradas pelos entrevistados denotam uma perspectiva integradora da paisagem, na qual natureza e cultura se encontram nas paisagens lacustres, sendo essa manifestada por meio de sensações e valores diversos. Como sugere o relato do sujeito residente da Praia do Laranjal (E2), as paisagens não são apenas vistas, mas sentidas sob diversas emoções, a cada dia de uma forma diferente, solicitando “olhos de contemplação”:

[...] cada dia é diferente do outro! [...] a Lagoa, essa região aqui, eu acho que tu tem que admirar, tem que olhar com outros olhos, né, com olhos de mundo, de vida, de, olhos de contemplação mesmo [...] (E2, PEL, residente da Praia do Laranjal).

Essa diversidade de paisagens lacustres é também narrada pelo sujeito representante de comitê de bacia hidrográfica (E23), ao expressar que podem ser “mais de 365 paisagens” ao ano. O sujeito representante de ONG ambientalista (E29) também descreve a relação da Laguna dos Patos com as sociedades que ali habitam, enquanto elemento articulador na (trans)formação da cultura regional, nessa proximidade com as águas:

[...] a paisagem da Lagoa, ela tem uma variação de matizes muito grande, quem acha que é monótona a vista da Lagoa não, não ligou a percepção pra nuances, os detalhes, a relação de luminosidade e nebulosidade, o vento, de amanhecer um espelho, daqui

a pouco tá aquela névoazinha em cima, é muito variável, um dia, cada dia era uma paisagem, 365 paisagens, ou mais, porque varia muito, é, então é muito lindo [...]. (E23, PEL, representante de comitê de bacia hidrográfica).

[...] então compreender um ambiente desses, gigante, que produz comida, que produz cultura, né, o jeito de andar, o jeito de se relacionar, o jeito de falar, os tipos de barco, as velas, as redes, então tem toda uma relação, né [...]. (E29, RG, representante de ONG ambientalista).

As Figuras 7 e 8 ilustram capas dos materiais de promoção dos municípios de estudo, principalmente turísticos, e os logos utilizados pelos órgãos municipais de Turismo, onde imagem e texto apontam para o papel desempenhado pelas paisagens lacustres na divulgação dessas localidades. Em Pelotas, o folheto turístico (Figura 7B) enfoca a água como elemento importante, uma vez que as imagens mostram os canais e arroios e sua relação com a cidade, bem como a paisagem lacustre, geralmente associada à imagem do trapiche do Laranjal, e as quedas d'água encontradas na zona rural do município. Mas é o patrimônio histórico e cultural, principalmente associado aos prédios da zona central e as Charqueadas, e a tradição dos doces que aparecem como aspectos centrais. Também é trazido para a análise um material produzido para o Dia do Patrimônio⁷² (Figura 7A, 7C e 7D), realizado em agosto de 2015, intitulado “Pelotas Natural: patrimônio de águas”, pois vincula-se com o tema dessa pesquisa. A ilustração do mapa hídrico de Pelotas na capa traz um enfoque aos corpos de água presentes em todo o território municipal, configurado pela Laguna dos Patos, lagoas, canais, rios e arroios. Os materiais complementares dessa iniciativa (cartões postais) trazem referências aos valores patrimoniais, principalmente históricos, simbólicos, de uso social ou produtivos, associados à diversidade de paisagens de água do município, dos quais são ilustrados dois exemplos que remetem às paisagens lacustres – o encontro de Iemanjá e Nossa Senhora dos Navegantes (Figura 7A) e a Colônia de Pescadores Z3 (Figura 7D).

⁷² PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS. SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA. Pelotas Natural: Patrimônio de Águas. Dia do Patrimônio – 14, 15 e 16 de agosto de 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/DiadoPatrimonioPelotas/photos/a.461355464034583.1073741860.171852529651546/489382964565166/?type=3&theater>>. Acesso em: 08 abr. 2018.

Figura 7 – Reprodução de folhetos sobre Pelotas, 2015-2017



Nota: A: Cartão postal “O encontro de Iemanjá e Nossa Senhora dos Navegantes” (2015); B: Folheto turístico “Pelotas, Rio Grande do Sul” (2017); C: Publicação do Dia do Patrimônio - “Pelotas Natural: patrimônio de águas” (2015); D: Cartão postal “Laguna dos Patos” (2015), retrata a Colônia de Pescadores Z3.

Fonte: Prefeitura Municipal de Pelotas (2015; 2017b); elaboração da autora (2018).

Em São Lourenço do Sul, o folheto turístico (Figura 8A) apresenta imagens de um barco, das propriedades da zona rural, da gastronomia associada aos pescados, do patrimônio construído, da agricultura e da pesca, ressaltando valores produtivos, históricos, de uso social, simbólicos, estéticos e naturais, em sua maioria associados às paisagens lacustres. A expressão “São Lourenço do Sul – Terra de todas as paisagens”, utilizada como logo, e associada à imagem do sol, da água e do barco à vela, remetem à noção de paisagem como elemento central, integrando elementos naturais e culturais que revelam questões identitárias fortemente relacionadas à Laguna dos Patos, nesse município. A importância das funções da agricultura,

da pesca, do lazer e do turismo no território são representadas nesse material, onde as imagens relacionadas às práticas balneárias já não são mais presentes, dando lugar às imagens de praias sem turistas, de águas calmas, de esportes náuticos. O material também evidencia uma preocupação com a diversificação da oferta turística, diante das imagens que remetem não apenas às praias lacustres, mas à gastronomia, aos eventos, à tradição do “gaúcho”.

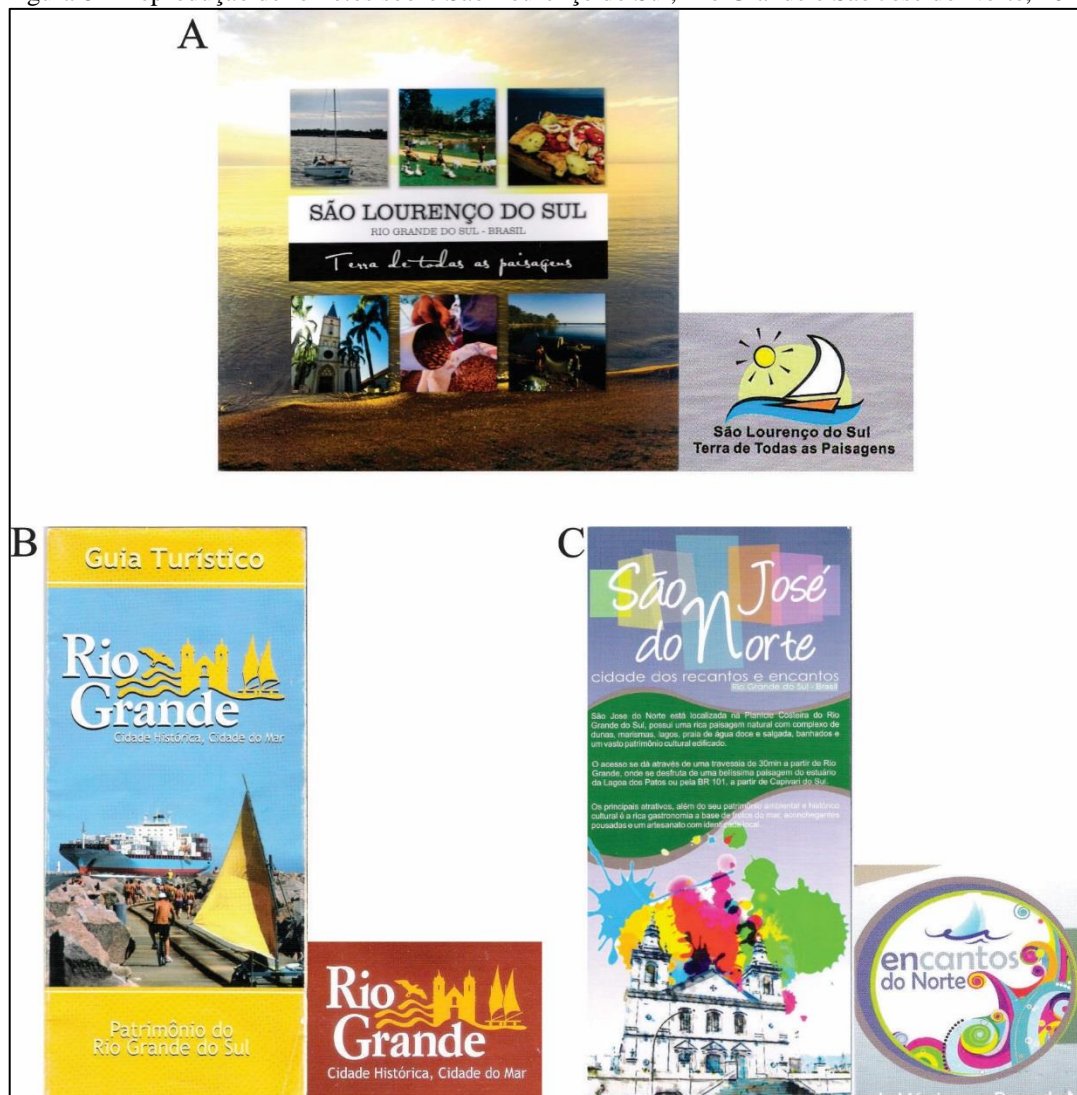
Em Rio Grande, o logo é composto da expressão “Rio Grande, cidade histórica, cidade do mar” (Figura 8B), associado às imagens de uma igreja, das vagonetas, das águas e de uma espécie de ave, ressaltando os valores históricos, simbólicos, de uso social e naturais das paisagens de água do município. Apesar da tentativa de demarcar uma imagem como “patrimônio histórico do Rio Grande do Sul”, as figuras revelam uma relação mais próxima da população local com o mar e com os valores produtivos do território. A capa é ilustrada com um navio de cargas ingressando no Canal de Rio Grande, além da vagoneta e dos turistas no Molhe Oeste. Com isso, é a função portuária que fica evidenciada, colocando a função turística em segundo plano, uma vez que a vagoneta, apropriada como um dos principais atrativos do município no ponto de convergência entre o mar e a Laguna, aparece sem turistas nessa imagem. Outras representações também são presentes no interior desse material: os prédios e monumentos históricos, os museus, a religiosidade, a praia marítima e outros elementos associados às paisagens lacustres (os molhes, as ilhas, as comunidades pesqueiras, os lobos e leões marinhos).

São José do Norte é referida como “Cidade dos recantos e encantos” (Figura 8C), predominando imagens e textos que retratam valores históricos, simbólicos, de uso social, produtivos e naturais de suas paisagens de água, tanto no litoral marítimo quanto lacustre. As principais referências textuais dizem respeito ao “patrimônio cultural edificado” e a “gastronomia de frutos do mar”, resgatando a expressão “*Mui heroica villa*”, conforme título recebido de Dom Pedro II, em 1841, pela defesa dos territórios durante a Revolução Farroupilha. A imagem de capa é da igreja do centro da cidade, diversas vezes retratada (quatro imagens), e o logo remete a um barco à vela. Com isso, a imagem turística mostra-se difusa entre diversos temas e espaços, além da inexistência da figura dos turistas, demonstrando uma função turística ainda incipiente. As paisagens lacustres aparecem associadas principalmente à “paisagem natural” representativa da PCRS, com imagens da cultura pesqueira, do centro da cidade, da gastronomia e dos lobos e leões marinhos no Molhe Leste.

A questão paisagística patrimonial é presente nesses materiais de promoção dos municípios estudados, ainda que, muitas vezes, permeados por uma postura dicotômica entre paisagem natural e paisagem cultural. As paisagens lacustres têm um papel secundário junto à

função turística nessas localidades (exceto em São Lourenço do Sul), geralmente salientando valores estéticos e naturais associados às águas calmas, ao pôr-do-sol, às praias e à fauna, mas também aos valores produtivos da pesca, do porto (em Rio Grande), da gastronomia, do lazer e do turismo. Mas ainda denotam pouco aproveitamento turístico da diversidade de sentidos e valores patrimoniais associados à Laguna dos Patos.

Figura 8 – Reprodução de folhetos sobre São Lourenço do Sul, Rio Grande e São José do Norte, 2017



Nota: A: Folheto turístico e logo “São Lourenço do Sul, RS, Brasil – Terra de todas as paisagens” (2017); B: Folheto turístico e logo “Rio Grande – Cidade histórica, cidade do Mar” (2017); C – Folheto turístico e logo “São José do Norte – Encantos do Norte” (2017).

Fonte: Prefeitura Municipal de São Lourenço do Sul (2017); Prefeitura Municipal de Rio Grande (2017); Prefeitura Municipal de São José do Norte (2017); elaboração da autora (2018).

No tema 2, a seguir, são aprofundadas as questões que refletem a paisagem como forma de mediação na reflexão das práticas, sujeitos e espaços do Turismo na parte sul da Laguna dos Patos.

TEMA 2: “PORQUE ÁGUA ATRAI”: A INTERAÇÃO ENTRE SUJEITOS, PRÁTICAS E LOCAIS TURÍSTICOS

Nesta parte, busca-se conhecer o cenário atual das práticas, espaços e dinâmicas turísticas associadas às paisagens lacustres (objetivo 2) nos municípios em estudo, compreendendo o Turismo como “um sistema de atores, de práticas e de locais que visa à re-criação pelo deslocamento e pelo habitar temporário em outros locais”^{vii} (STOCK, 2010, p. 21, tradução nossa).

Diante de um contexto global de intensa diversificação das práticas e diferenciação dos locais turísticos, torna-se necessária a busca de novos critérios para a compreensão da dimensão turística e sua trajetória evolutiva no tempo e no espaço (DUHAMEL, 2003; CERIANI-SEBREGONDI *et al.*, 2008). Essa é cada vez mais associada ao jogo de conflito/cooperação/negociação entre os sujeitos que compõem o Turismo, suas formas de coordenação e sua articulação com o contexto social (CLERGEAU; VIOLIER, 2012). Com isso, as trajetórias dos locais turísticos mostram-se específicas em cada território, conforme a diversidade e a heterogeneidade das configurações socioeconômicas e espaciais das localidades (CLERGEAU; VIOLIER, 2012).

Dessa forma, as práticas turísticas são entendidas como práticas de mobilidade específicas, não pelas suas dissociações, mas pelas (re)conexões empreendidas em um *continuum* re-criativo e de múltiplas mobilidades que caracterizam a sociedade contemporânea (CERIANI-SEBREGONDI *et al.*, 2008; DARBELLAY; STOCK, 2012).

A compreensão do “habitar turisticamente” (STOCK, 2003; *ÉQUIPE MIT*, 2011) o espaço geográfico, oferece uma noção que vai muito além da intencionalidade de deslocamento dos sujeitos, de um local de residência para um outro local (SACAREAU; STOCK, 2003). A confrontação com a alteridade e a busca da re-criação, são tomadas como aspectos identificadores do Turismo contemporâneo (*ÉQUIPE MIT*, 2005; 2008; 2011; SACAREAU; STOCK, 2003; 2005; 2010). Nesse sentido, a abordagem geográfica pretende valorizar as diferentes formas de re-criação que conduzem os sujeitos contemporâneos na escolha de suas práticas e locais turísticos, bem como as dinâmicas socioespaciais que configuram as redes de sujeitos engajados na ativação turística dos espaços.

5.4 PRÁTICAS DE TURISMO QUE SE INTEGRAM EM UM *CONTINUUM* RE-CRIATIVO ASSOCIADO ÀS PAISAGENS LACUSTRES

Conforme destacam Sacareau e Stock (2003), as práticas de turismo mostram-se estreitamente articuladas com outras formas de mobilidades, o que se apresenta no recorte geográfico desse estudo através: das migrações, ocorrendo principalmente em Rio Grande e São José do Norte, por serem importantes centros da indústria naval (portos e estaleiros), atraindo grande número de trabalhadores (chegou a empregar 24 mil pessoas em 2013⁷³); dos deslocamentos profissionais, uma vez que Pelotas e Rio Grande apresentam-se como polos socioeconômicos no sul do estado, recebendo fluxo de viajantes a negócios ou eventos (comerciais, universitários, culturais), sendo que Pelotas consolida-se também como polo cultural regional; e, ainda, dos movimentos pendulares entre local de residência e local de trabalho, de grande intensidade entre as cidades vizinhas. Também se pode ressaltar as mobilidades a estudo, principalmente em Pelotas, Rio Grande e São Lourenço do Sul, que apresentam polos universitários, atraindo grande fluxo de estudantes anualmente; das mobilidades residenciais, em que as proximidades com as praias (marítimas e lacustres) têm sido requeridas como locais para viver a aposentadoria ou de segundas residências convertidas em residências principais; e, por último, das peregrinações e mobilidades para participar de retiros e encontros de diferentes religiões.

Já os deslocamentos para fins de lazer (lúdicos, esportivos, outros), mesclam-se com as práticas turísticas de tal forma que nem sempre é possível distingui-las nos espaços aquáticos e terrestres próximos à Laguna dos Patos, onde coabitam turistas e residentes, conforme ilustra a Figura 9. Como cita Ceriani-Sebregondi *et al.* (2008), a expansão global das mobilidades e a difusão das formas re-criativas e da busca da alteridade no cotidiano das sociedades também se refletem na escala local e regional. Por isso, as práticas turísticas serão aqui abordadas como integrantes desse “*continuum* re-criativo” (CERIANI-SEBREGONDI *et al.*, 2008; DARBELLAY; STOCK, 2012), nas suas interações com outras práticas, especialmente de lazer. Hoje, nesses quatro municípios, visualiza-se uma diversidade de práticas re-criativas, ao associar os espaços aquáticos e terrestres adjacentes à Laguna dos Patos, que variam conforme

⁷³ FINKLER, J. Conclusão da plataforma P-74 da Petrobras pode provocar demissão de 3 mil trabalhadores. Gaúcha ZH, Geral, São José do Norte. Reportagem de 23/02/2018. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2018/02/conclusao-da-plataforma-p-74-da-petrobras-pode-provocar-demissao-de-3-mil-trabalhadores-cje06lrq901a001qxgv4t7psj.html>>. Acesso em: 16 mar. 2018.

as formas de apropriação e usos sociais dos espaços em cada localidade.

Diversas práticas estão relacionadas aos esportes náuticos, percebidas pelos sujeitos como cada vez mais intensa na última década, incluindo modalidades como: kitesurfe, windsurfe (Figura 9D), *stand up paddle*, canoagem (Figura 9G), remo, barco à vela, natação, esqui aquático, mergulho, etc; e também a expansão do uso de equipamentos náuticos motorizados (barcos, lanchas, *jet-ski* e o *flyboard*). Com isso, a realização de competições e eventos específicos foi verificada nos quatro municípios, bem como a instalação de escolas especializadas e serviços de guarderías e aluguel de equipamentos, a expansão das atividades dos clubes náuticos e dos estabelecimentos comerciais especializados.

A oferta de passeios de escunas e lanchas está presente em três municípios, e de forma mais expressiva em São Lourenço do Sul (Figura 9B), onde o serviço turístico já ocorre há cerca de 10 anos. Apenas em Rio Grande, ele é hoje inexistente, já tendo ocorrido no passado ou de forma pontual durante a Festa do Mar. As escunas atendem uma demanda turística no verão, mas também um público voltado à atividade da pesca, porém ainda não organizado enquanto oferta turística. A travessia de barco para a visitação do Eco Museu da Ilha da Pólvora (Figura 9E) é compreendida como parte do atrativo, entretanto, é inexistente no que se refere às outras ilhas de Rio Grande, como a Ilha dos Marinheiros, cujo acesso é realizado por estrada não pavimentada. Os serviços de transporte prestados na travessia de balsa ou lancha entre Rio Grande e São José do Norte, que é hoje a única forma de ligação entre esses dois municípios, não faz um aproveitamento turístico do serviço; apesar disso, é percebido por turistas e residentes como meio de contemplar as paisagens lacustres. Em Pelotas, os passeios de barco utilizam de forma mais expressiva o Arroio Pelotas, onde é possível visualizar o patrimônio construído das Charqueadas, mas também há passeios pela orla da Praia do Laranjal, na Laguna dos Patos. Há práticas individuais de navegação pelo Canal de São Gonçalo, para a visualização da Eclusa, ou até a Lagoa Mirim, porém são inexistentes enquanto produto turístico.

A pesca amadora é recorrente em espaços como as ilhas de Rio Grande, em especial a Ilha dos Marinheiros, e nas localidades do Cocuruto (Figura 9H) e no Molhe Leste em São José do Norte, bem como no Molhe Oeste, em Rio Grande. Em Pelotas, ocorre geralmente no Pontal da Barra (Figura 9C) e no Canal de São Gonçalo, e nos arroios de São Lourenço do Sul. Porém, de forma geral, ainda não há um aproveitamento turístico dessa questão da pesca e das embarcações para esse fim. Em São José do Norte, pousadas na localidade de Cocuruto têm se especializado na oferta desses serviços turísticos de pesca.

Figura 9 – Fotos das paisagens lacustres: referentes às práticas de turismo e de lazer observadas nos municípios estudados



Nota: A: Contemplação da paisagem na sombra de uma figueira, Praia da Barrinha, São Lourenço do Sul; B: Prática do banho e passeio de escuna, São Lourenço do Sul; C: Pesca amadora no Pontal da Barra, Pelotas; D: Windsurfe na Praia do Laranjal, Pelotas; E: Travessia de barco durante a visita à Ilha da Pólvora, Rio Grande; F: Passeio de vagoneta no Molhe Oeste, Rio Grande; G: Prática da canoagem na Laguna dos Patos, Rio Grande; H: Prática da pesca amadora junto a uma pousada, Cocuruto, São José do Norte.
Fonte: Elaboração da autora (2016; 2017).

Já as práticas na orla lacustre incluem *buggies*, jipes, quadriciclos, motos, bicicletas, em que o uso de equipamentos motorizados é crescente nas margens e nos complexos de dunas do entorno da Laguna dos Patos. Também há uma propagação de atividades e eventos esportivos, como caminhadas, corridas, maratonas, esportes na areia (futebol, vôlei) e encontros e competições das diferentes modalidades. Muitos desses eventos são realizados nas águas lacustres ou nas margens, onde as paisagens são utilizadas também como cenário para sua realização, a exemplo do Moto Lagoa e Encontro de Vela em São Lourenço do Sul; travessia a nado São José do Norte-Rio Grande; Corrida da Lagoa em Pelotas; Volta Ecológica da Ilha dos Marinheiros, em Rio Grande; e diversos campeonatos e encontros de vela, windsurfe, kitesurfe e caiaque, realizados ao longo do ano nesses quatro municípios. Também foram relatadas práticas de campismo e de expedições de velejo pelas águas da Laguna dos Patos e a rede hídrica integrada, onde os sujeitos relatam um interesse pelos aspectos naturais e pelo contato com as comunidades pesqueiras, significando-os como locais pouco habitados, de natureza preservada, algumas vezes acessível somente pela água.

O banho e as práticas balneárias são os usos sociais mais recorrentes (Figura 9B), geralmente concentrados no verão, ocorrendo especialmente nos municípios que contam com infraestrutura de balneários e praias, principalmente em São Lourenço do Sul e Pelotas, e menos frequente em São José do Norte. Isso porque as praias são rasas (pouca profundidade), geralmente de águas calmas, com ondas de baixa intensidade e, por isso, são muito procuradas por famílias com crianças. Os entrevistados também relatam frequentemente o diferencial das figueiras e da vegetação na costa, oferecendo sombra aos usuários (Figura 9A).

São Lourenço do Sul é o município que apresenta um Turismo mais identificado com a Laguna dos Patos, com aproveitamento das práticas balneárias e esportivas concentradas nas quatro praias, e com os passeios oferecidos pelas escunas turísticas, que utilizam o Arroio São Lourenço e as águas lacustres. O Camping Municipal apresenta grande frequência no verão, além de outras práticas turísticas e de lazer nas águas e nas margens, e a realização de eventos culturais, gastronômicos e esportivos. O intenso uso das águas para atividades náuticas tem promovido cada vez mais uma aproximação com o Turismo através da realização de campeonatos e eventos esportivos. A oferta de serviços de hospedagem, alimentação e estabelecimentos comerciais concentrados ao longo das praias, demarca uma atividade intensamente voltada à Laguna dos Patos, ainda que muito dependente da temporada de verão.

Em Rio Grande há uma situação diferenciada dos demais municípios, pois as práticas turísticas estão voltadas de forma mais intensiva ao uso da praia marítima do Balneário do Cassino, não havendo praias institucionalizadas às margens da Laguna dos Patos. Dessa forma,

a apropriação turística das paisagens lacustres nessa localidade hoje se dá através da visita aos museus (Museu Oceanográfico, Eco Museu da Ilha da Pólvora, Museu do Porto, Museu Náutico), áreas públicas do Centro Histórico, Molhe Oeste, clubes e escolas náuticas localizados na orla lacustre, e na Ilha dos Marinheiros.

Em São José do Norte as práticas turísticas estão voltadas para o uso da Praia do Mar Grosso junto ao Oceano Atlântico, e na orla lacustre, principalmente na Praia do Barranco. Localidade que dispõe de uma infraestrutura turística mínima (camping, restaurante, hospedagem), e que atrai turistas por ser uma vila de pescadores, pelos pescados servidos no quiosque e no restaurante, além da possibilidade do banho e da pesca. Na localidade do Cocuruto, há pousadas destinadas ao público interessado na pesca. Na Barra, há visitação ao antigo farol da Barra e torre Atalaia, como remanescentes arquitetônicos de uma das primeiras instalações humanas nessa área. No Molhe Leste, a infraestrutura turística é inexistente e o acesso é precário, sendo que a área da Revis ainda não está efetivada. Mas há turistas que procuram o local para atividades de pesca, esportes, contemplação da paisagem e observação da biodiversidade (lobos e leões marinhos). Diversas outras localidades da costa leste de São José do Norte foram apontadas pelos seus elementos ou conjuntos paisagísticos de grande atratividade, geralmente relacionadas às vilas de pescadores e áreas de valor natural (pontas, sacos, ilhas, barras, lagoas e arroios), sendo ainda inexistente o seu aproveitamento turístico.

Ainda sobre a prática do banho, apesar de ser bastante recorrente, em Pelotas, a questão da balneabilidade é limitadora dessa forma de apropriação (principalmente na Praia do Laranjal), bem como pelos riscos oferecidos no encontro com o Canal de São Gonçalo no Pontal da Barra (profundidade, correnteza das águas). Dessa forma, os usuários geralmente demonstram preferência por outras práticas balneárias em detrimento do banho, fazendo maior uso da faixa de areia, calçadão e avenida para atividades re-criativas diversas (banho de sol, tomar chimarrão, contemplação da paisagem, jogos para as crianças, circuito de caminhadas e ciclismo, atividades esportivas e culturais na areia, cavalgada, levar os cachorros para passear). Os balneários que compreendem a Praia do Laranjal recebem visitação intensificada no verão, integrando funções de comércio, hospedagem e alimentação, que hoje se mantém de forma mais permanente ao longo de todo o ano, apesar de certa limitação.

A visitação às áreas de importância histórica no centro da cidade de Rio Grande, em especial os locais em processo de revitalização como o Rincão da Cebola, o Cais do Porto Velho e o Mercado Público, contam com poucos instrumentos interpretativos na valorização das relações históricas e socioculturais locais com a Laguna dos Patos. A área dos molhes - Molhe Leste, pertencente a São José do Norte, e Molhe Oeste, pertencente a Rio Grande – apresenta

situação similar, tendo hoje uma frequência turística relacionada somente ao passeio de vagoneta (Molhe Oeste, em Rio Grande – Figura 9F) ou utilizada para caminhadas e para a pesca. Ainda não há um aproveitamento turístico dos potenciais desse local nas questões ecológica (Revis Molhe Leste), cultural (das comunidades pesqueiras do entorno, dos vagoneteiros) e histórica (da construção dos molhes, das vagonetas). Isso já havia sido apontado nessa localidade por Crivellaro, Monteiro e Silva (2011), relatando um projeto de ecoturismo que não teve continuidade nos molhes, mas que se mostrou melhor sucedido na Ilha dos Marinheiros. Essa, por sua vez, é citada pelos entrevistados como um local histórico, onde os turistas geralmente buscam a pesca, o banho na lagoa existente no interior da ilha ou a compra da Jurupiga⁷⁴, não havendo um aproveitamento turístico da orla lacustre, da história relacionada ao Porto Rei, ou mesmo o acesso embarcado à ilha. Alguns locais e construções históricas de São José do Norte, estreitamente relacionadas à Laguna dos Patos, são atribuídos de valor paisagístico-patrimonial, ainda pouco valorizados turisticamente: o Centro Histórico e a vista da chegada ao município via lacustre, pela balsa ou lancha; a apreciação da paisagem e do pôr-do-sol na Prainha; e a localidade da Barra, onde há o farol da Barra e a Torre do Atalaia. Sendo o único farol e torre remanescente na Laguna no âmbito desses quatro municípios, não há informações precisas sobre a possibilidade de visitação turística, sendo possível de ser ativado enquanto elemento paisagístico de valor histórico e arquitetônico (VIEIRA, 2014).

O camarão e a tainha da Laguna dos Patos são apreciados na gastronomia, cujo aproveitamento no Turismo se dá pela realização da Festa do Mar, de Rio Grande, e festivais gastronômicos eventuais baseados no camarão. Sendo um recurso muito apreciado pelas sociedades, o camarão é representado muitas vezes como a “riqueza da Lagoa”, isso porque ele oferece alimento às populações, mas também traz a oportunidade do comércio, atraindo turistas e residentes às áreas litorâneas da Laguna. No entanto, a ocorrência da salga da Laguna é percebida pelos sujeitos como cada vez mais escassa, ao relatarem a inexistência da safra do crustáceo nos últimos cinco verões (entre 2012 e 2016).

Também existe um artesanato com temáticas relacionadas à biodiversidade e à cultura pesqueira, a exemplo das Associações Bichos do Mar de Dentro e Redeiras, que têm promovido essa valorização das paisagens lacustres associadas à marca da região turística Costa Doce, e que hoje estão acessíveis aos turistas e consumidores em loja no Mercado Municipal de Pelotas.

Entre as práticas festivas que ocorrem junto às paisagens lacustres, as práticas religiosas e simbólicas da realização da Festa de Iemanjá e da Festa de Navegantes expressam-

⁷⁴ Jurupiga é uma bebida de produção artesanal a base de uva, de tradição portuguesa, reconhecida como patrimônio cultural e imaterial municipal referente à Ilha dos Marinheiros.

se como um importante marco identitário dessa relação das sociedades com a Laguna dos Patos. Ela também demarca uma função turística, ao atrair turistas e residentes, provenientes das zonas rurais e urbanas dos próprios municípios e outros, para acompanhar a procissão lacustre, a partir do ponto de vista da orla ou embarcando nos barcos dos pescadores. Em Pelotas, a Figura 5C revela o ponto central da procissão - o encontro entre a Nossa Senhora de Navegantes, trazida pelos pescadores em seus barcos a partir da Colônia Z3, e a Iemanjá, trazida pela comunidade que adentra caminhando pelas águas, a partir do Balneário dos Prazeres. A procissão lacustre segue até a comunidade de pescadores do Pontal da Barra e pelo Canal de São Gonçalo, encerrando no cais do Porto, revelando essa aproximação das comunidades com todo esse circuito de águas que envolve o município.

Também são paisagens reconhecidas pelos sujeitos ao expressarem práticas terapêuticas, na busca pelo bem-estar, descanso, relaxamento, meditação, do esporte náutico aliando atividade física e questões emocionais. A água aparece como mediadora do desejo dos sujeitos de contato com a natureza, em especial pelas práticas esportivas. A orla lacustre também é lembrada como motivadora de práticas de sociabilidades diversas das populações, locais onde as pessoas são vistas, onde os amigos e as famílias se encontram, onde os vínculos sociais e afetivos acontecem, onde as lembranças da infância e da adolescência emergem, onde as pessoas se reúnem para tomar o chimarrão, conversar e contemplar o pôr-do-sol ou a lua.

Também foram revelaram espaços utilizados para práticas de pesquisa científica, de práticas didáticas de educação formal e informal, de mobilizações sociais e ambientais relacionados aos ambientes lacustres e/ou correlatos à Laguna dos Patos, expandindo-se para a bacia hidrográfica e sua integração com as zonas costeiras. Foram relatadas algumas experiências de projetos de pesquisa, de práticas didáticas com alunos da Graduação e Pós-Graduação, práticas de educação ambiental, de formação de esportistas náuticos, escoteiros e navegadores ou, ainda, práticas de expedições fotográficas ou cinematográficas. Com isso, há uma preocupação de certos segmentos da sociedade ligados ao meio científico e de organizações não governamentais voltadas a causas socioambientais, em incentivar a observação da fauna e flora, a valorização dos ecossistemas e culturas locais, a busca do conhecimento e a tomada de consciência acerca do patrimônio material e imaterial cultural, arqueológico, histórico, ecológico, simbólico presente nesses espaços geográficos. Nessas experiências relatadas, a função turística é eventualmente considerada, surgindo como alternativa socioeconômica às comunidades pesqueiras, ou servindo à difusão dos conhecimentos sobre a natureza e a cultura regional, divulgando as especificidades e fragilidades nessa zona costeira.

As pesquisas sobre Turismo associadas a esses espaços mostram uma preocupação em torno da imagem dos destinos turísticos, ao investigar a associação entre a imagem divulgada e a imagem percebida pelos turistas, colaborando ao entendimento do papel das paisagens lacustres associado ao Turismo nessa área de estudo. Em outros casos, foram relatadas a participação dos sujeitos na construção de planos, projetos e iniciativas turísticas, em especial, pelos representantes do setor público. No entanto, a apreciação das paisagens lacustres mostra-se reduzida à apropriação imagética dos seus elementos físicos para fins promocionais - o uso da imagem de águas calmas, da orla da praia, de barcos ou esportes náuticos, da pesca, do pôr-do-sol, do trapiche do Laranjal, dos molhes ou das zonas centrais das cidades de São José do Norte e Rio Grande, na Laguna dos Patos – esses aparecem nos materiais turísticos dos municípios, ainda que sob um caráter secundário (exceto em São Lourenço do Sul). No que concerne à tomada de decisão relacionada à organização da infraestrutura e serviços e a valorização dos espaços e práticas dos sujeitos junto às paisagens lacustres, tem ocorrido somente naqueles municípios onde as praias lacustres desempenham função turística central (particularmente em São Lourenço do Sul, e em Pelotas, muito destinada à prática do lazer). Enquanto as ações e projetos em Turismo em Rio Grande voltam-se expressivamente para o Balneário do Cassino, relegando o potencial turístico de outras áreas do município; em São José do Norte, a mobilização social em torno da ativação turística das áreas relacionadas à Laguna dos Patos mostra-se mais expressiva. Mesmo que a Praia do Mar Grosso seja ainda o espaço de interesse turístico principal no município de São José do Norte, essa mobilização atual dos sujeitos do Turismo mostra-se interessante, sendo retomada na parte 5.5 desta tese.

As reflexões sobre as práticas turísticas e sua integração com as demais práticas recreativas reforçam a preocupação com o acesso às paisagens lacustres. Nas narrativas, os sujeitos demonstram um interesse crescente pelas práticas relacionadas à água, requerendo acesso físico direto ao elemento líquido e às margens lacustres para a realização de suas práticas, como o banho e os esportes náuticos. Mas também um acesso visual, para fins de contemplação da natureza, de observação do horizonte ou da fauna e da flora, bem como seu uso como cenário para as sociabilidades, festividades, religiosidades. E, ainda, revela-se uma relação com o patrimônio imaterial associado às paisagens lacustres através da gastronomia, das festas, das comemorações, das crenças, da ciência. Essas questões fazem emergir ainda a problemática da qualidade da água e dos ecossistemas associados, influenciando os tipos de práticas e apropriações dos espaços lacustres.

Como cita Gravari-Barbas e Jacquot (2016a), a retomada de certas práticas recreativas nas proximidades dos corpos hídricos demonstra estar condicionada à questão ambiental em

duplo sentido: enquanto condição de possibilidade, a exemplo da ligação direta entre qualidade da água e banho; mas também enquanto limitação, com o intuito de que áreas frágeis sejam destinadas à preservação. Esse exemplo retoma duas questões centrais na área de estudo, a primeira, a problemática da balneabilidade, principalmente na Praia do Laranjal, percebida pela perda de turistas para outras praias, sendo recorrente o fluxo de turistas regionais em direção ao Balneário do Cassino, conforme os relatos abaixo:

[...] o que contrasta com o que a gente vê no Cassino, por exemplo, que as pessoas têm uma certa balneabilidade, podem tomar banho e tão dentro d'água, isso é muito mais atrativo, né! Sim, porque afinal de contas as pessoas vêm pra praia pra tomar banho, e se não pode tomar banho, então balneabilidade pra mim é o impacto mais negativo que se tem pra turismo aqui [...]. (E10, PEL, professor e pesquisador universitário).

[...] há umas duas semanas atrás, publicaram que as águas estavam impróprias [na Praia do Laranjal]. Tinha gente do Uruguai, tava marcado pra vir pra cá [na pousada], e ligaram cancelando, porque eles queriam tomar banho de Lagoa e não dava, né. E aí, ao mesmo tempo que a gente tem um lugar bonito, as pessoas têm muito receio! [...] Mas só de dizer que a água é imprópria, é uma coisa que a gente sofre muito isso, assim. A gente perde... A gente perde cliente, perde movimento, o próprio pessoal daqui vai pro Cassino ao invés de vir pra cá, se quer tomar um banho! Às vezes chega o pessoal aqui, dorme um dia, e depois: "bah, a água tá imprópria", tem uma placa ali um pouco mais pro lado. Aí, amanhã eles vão pro Cassino! Vão embora, e é uma coisa bem complicada, assim [...]. (E40, PEL, operador turístico).

A outra, a questão da supressão ou aterramento das áreas de banhados e de juncos na orla lacustre e, com isso, a exclusão também das comunidades ribeirinhas. Segundo dois entrevistados, as propostas de projetos urbanísticos ou imobiliários em São Lourenço do Sul e em Pelotas, utilizam-se de um interesse turístico direcionado à orla dos municípios lacustres para justificar a reconversão dessas áreas para exploração humana, em detrimento da sua importância ecológica e social, em que o próprio Turismo acaba sendo condenado pela destruição paisagística:

[...] porque aí às vezes, vem esses projetos de valorização da orla, mesmo as vezes projetos urbanísticos, que nem são tanto turísticos mas são só urbanísticos, e que aí retira as pessoas né. Aqui mesmo em São Lourenço [do Sul] às vezes tem um pouco. Aquela parte dos juncos, que é uma parte que tem muitos moradores e que tem uma orla mais empobrecida, vamos dizer assim, vira e mexe cê vê na fala das pessoas, que aquelas pessoas deveriam ser retiradas dali pra dar lugar a uma economia mais forte. Desde perspectivas de retiradas dos juncos, que ambientalmente é questionável e pode ser questionado do ponto de vista da paisagem, porque é parte da paisagem, né! Mas principalmente das pessoas que estão presentes nessa paisagem. Porque aquela área dos juncos tem muitos pescadores que tão ali né, então [...]. (E62, SLS, professora e pesquisadora universitária).

[...] a gente sabe que assim como o Pontal da Barra, ele é a ponta do *iceberg* na verdade, toda a várzea do Canal São Gonçalo vem sendo impactada por esses empreendimentos imobiliários e que eles são contrários ao desenvolvimento turístico,

quer dizer, tu acaba com banhado, tu não tem mais o que fazer de turismo [...]. (E10, PEL, professor e pesquisador universitário).

A partir dessas conexões entre práticas de lazer e turísticas, emergem representações das paisagens lacustres que remetem, simultaneamente, à satisfação das necessidades humanas básicas, mas principalmente à sua compreensão como “cenário” (*décor*) e “centro de prazeres” (*centre de plaisirs*), bem como “terreno de jogo” (*terrain de jeu*) para as práticas náuticas. Essas referências são designadas por Vernex (1989) no estudo das paisagens lacustres alpinas, demarcando uma retomada do interesse pelos lagos e de suas margens como espaços de lazer e turismo cada vez mais priorizados e cobiçados pelas sociedades urbanas, e que no caso aqui estudado refletem-se no contexto da Laguna e outras áreas úmidas adjacentes. Essa questão dos espaços preteridos e praticados pelos sujeitos será abordada a seguir.

5.5 A “COSTA DOCE” – A (RE)INVENÇÃO DOS LOCAIS TURÍSTICOS

Os espaços relacionados às paisagens lacustres nesse recorte geográfico mostram-se destinados a diferentes funções, sendo citadas nas narrativas usos e apropriações destinadas à funcionalidade residencial, industrial, pesqueira, portuária, agrícola, extrativista, comercial, recreativa, turística, pedagógico-educativa, científica. A função turística emerge como uma das mais recentes, influenciando novas dinâmicas socioeconômicas e espaciais, na sua integração com as demais funções territoriais.

Ao estimar a taxa de função turística como uma das ferramentas para analisar a dinâmica turística nas localidades (*ÉQUIPE MIT*, 2000), numa relação entre a capacidade total de hospedagem (considerando-se aqui o número total de leitos, somente em meios de hospedagem) e a população residente nas localidades (considerando-se o dado para cada 100 habitantes), obteve-se os dados apresentados na Tabela 3. Com isso, seria possível apontar São Lourenço do Sul como o município do estudo onde a dimensão turística é mais presente, no que diz respeito ao aspecto específico da capacidade de acomodação turística, seguido de Rio Grande, Pelotas e São José do Norte. No entanto, são dados pouco expressivos quando comparados aos outros locais turísticos nos estudos realizados pela *Équipe MIT* (2000; 2008;

2011) e Moreau (2017)⁷⁵. Esses dados precisam ser relativizados ao contexto brasileiro, diante das altas taxas de densidade demográfica e grandes extensões territoriais municipais, como nos casos aqui analisados, que apresentaram taxa de função turística inferior a dois leitos para cada 100 habitantes. É recomendável que esse indicador não seja considerado de maneira isolada, mas associado à outros índices como a capacidade total de hospedagem (número de leitos turísticos), a densidade turística (número de leitos por km²) e outros critérios complementares (MOREAU, 2017). Porém essas análises quantitativas extrapolam os objetivos propostos nesse estudo, podendo vir a ser retomados em pesquisas futuras, sublinhando os desafios à pesquisa sobre a frequência turística nos municípios, e mesmo a inexistência dos dados referentes às segundas residências e outras informações que poderiam auxiliar na análise da dinâmica turística e sua trajetória evolutiva nas localidades.

Tabela 3 – Taxa de função turística dos municípios estudados, 2018

MUNICÍPIO	POPULAÇÃO TOTAL ESTIMADA (2017)	TOTAL DE LEITOS EM MEIOS DE HOSPEDAGEM (2018)	TAXA DE FUNÇÃO TURÍSTICA (para cada 100 habitantes)
São Lourenço do Sul	44.580	762	1,71
Pelotas	344.385	2.270	0,66
Rio Grande	209.378	3.124	1,49
São José do Norte	27.206	98	0,36
TOTAL	625.549	6.254	1,0 (média)

Fonte: Elaboração da autora (2018), com base em IBGE (2018a) e Observatório de Turismo RS (2018b).

Por isso, tratou-se de ampliar as reflexões e leituras do cenário turístico encontrado no campo em estudo, baseando-se na análise socioespacial da função turística em interação com outras funções urbanas nos territórios, como proposto por Duhamel (2003) e *Équipe MIT* (2008; 2011). Com base nas informações obtidas a partir das narrativas dos sujeitos e da observação em campo, pode-se dizer que o Turismo não desempenha papel dominante na dinâmica local de nenhum dos quatro municípios, apresentando-se como uma atividade mais recente quando comparada a outras funcionalidades historicamente marcantes nesse recorte geográfico (pesqueira, portuária, agrícola, extrativista, residencial, etc). O processo turístico configurou-se posteriormente à instalação das cidades e localidades, e com funções limitadas às questões sazonais e à capacidade de hospedagem (ex: Rio Grande e Pelotas), na interação muito próxima

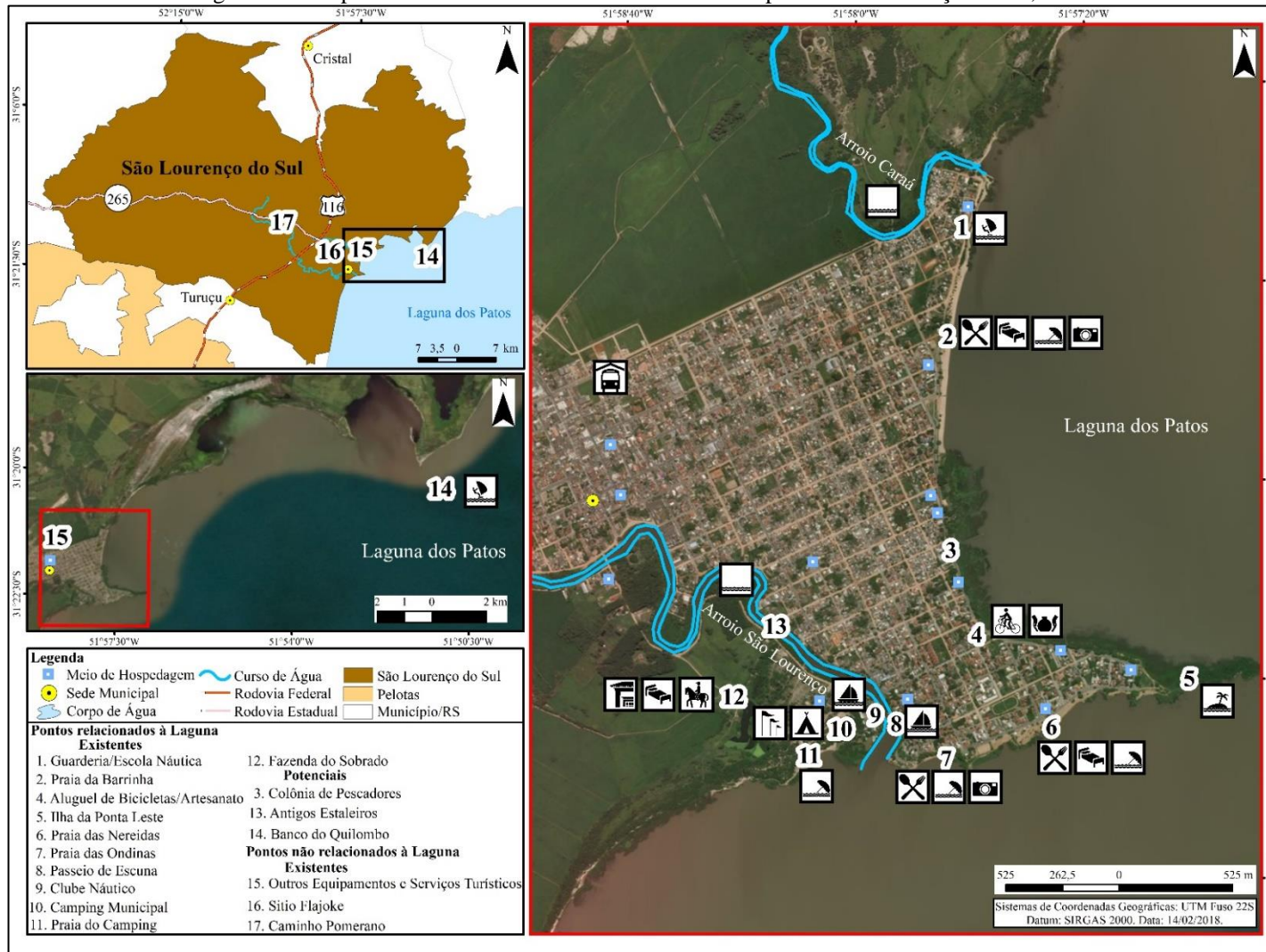
⁷⁵ A taxa de função turística, também denominada indicador de intensidade turística, trata de auxiliar na mensuração da pressão turística sobre um território. No contexto francês, conforme Moreau (2017), um índice igual ou superior à 100 leitos para cada 100 habitantes é considerado de “forte intensidade turística”, pois representa que o território dispõe de uma capacidade de hospedagem de turistas equivalente à população permanente, podendo pelo menos dobrar a sua população em períodos de maior fluxo turístico. Em 2016, a França apresentava uma taxa de função turística média de 32 leitos para cada 100 habitantes (MOREAU, 2017).

com outras formas de mobilidades não turísticas. O Turismo ainda não se apresenta como uma função prioritária nesses municípios, tendo papel complementar, mas, ainda assim, já demarca certas mutações socioeconômicas e espaciais em porções do território investidos pelo Turismo.

Algumas das informações e interpretações elaboradas nessa investigação estão representadas nos mapas a seguir, propondo uma discussão que parte da espacialidade dos equipamentos, serviços e práticas turísticas no território para compreender as dinâmicas atuais da dimensão turística em sua relação com outras funções urbanas, seguindo as tipologias de locais turísticos propostas por Duhamel (2003) e *Équipe MIT* (2008; 2011). Com o intuito de refletir sobre o papel que os espaços próximos à Laguna dos Patos desempenham no Turismo de cada um dos municípios, procurou-se representar nos mapas os elementos, conjuntos e/ou locais enumerados pelos sujeitos durante as entrevistas, sendo que, muitos deles, foram visitados durante o trabalho de campo. Os principais espaços e locais de interesse turístico são indicados em todo o território municipal, como pontos relacionados ou não com a Laguna dos Patos e a rede hídrica adjacente, sinalizando aqueles onde já existe uma frequência turística (identificados nas legendas dos mapas como “existentes”), daqueles identificados pelos entrevistados como possíveis de serem ativados pelo Turismo (representados como “potenciais”).

Em São Lourenço do Sul (Figura 10) os sujeitos percebem a função turística como importante na dinâmica socioeconômica e espacial local, o que também é expressado nas políticas destinadas à organização e promoção do Turismo no município. Uma dinâmica turística que é dependente das práticas sazonais, concentradas no verão, cujas áreas de maior investimento hoje estão nas proximidades da Laguna dos Patos, principalmente no recorte espacial entre os arroios Caraá e São Lourenço (dos pontos 1 ao 13). Nesses espaços, é possível notar a concentração espacial da oferta de meios de hospedagem e outros equipamentos e serviços relacionados ao Turismo (Camping Municipal, restaurantes, bares, loja de artesanato e de aluguel de equipamentos náuticos, bicicleta, etc), priorizando as proximidades com a orla lacustre ou mesmo sua conexão com o Arroio São Lourenço, de onde partem os passeios nas escunas turísticas.

Figura 10 – Mapa dos locais de interesse turístico no município de São Lourenço do Sul, 2017



Fonte: Geodiversidade (2010); Hasenack e Weber (2010); IBGE (2018b); MapCruzin (2018); São Lourenço do Sul Tem (2018); Prefeitura Municipal de São Lourenço do Sul (2018); Observatório de Turismo do RS (2018b); Elaboração da autora e produção cartográfica do Geógrafo Msc. Jean Carlo Gessi Caneppele (2018).

Outro local investido pelo Turismo é a zona rural do município, por meio da rota turística Caminho Pomerano (ponto 17), que tem se voltado para o atendimento do público ao longo de todo o ano, e, de forma menos expressiva, alguns equipamentos de acomodação, museus e serviços no centro da cidade (ponto 15), onde predomina a função comercial. O Sítio Flajoke (ponto 16) foi destacado pelos sujeitos por integrar a rede de artesãos Bichos do Mar de Dentro, valorizando as relações com as paisagens lacustres através das representações da fauna regional no artesanato.

Verificou-se uma orla lacustre de aproximadamente 53 km, dos quais apenas cerca de 5 km hoje estão destinadas ao uso recreativo e turístico, por meio das quatro praias abertas ao público: Barrinha (ponto 2), Nereidas (ponto 6), Ondinas (ponto 7) e do Camping (ponto 11). Essa última sob certas restrições de acesso e permanência destinada aos campistas, é um espaço gerido pela prefeitura municipal. O acesso a essas praias é realizado a partir da RS 265, cerca de 2 - 3 km do centro da cidade. Não há informações precisas sobre as funcionalidades no restante da orla lacustre do município, provavelmente destinada ao uso agrícola, revelando carências de estudos específicos sobre as formas de apropriação e acessos às margens lacustres em toda a extensão desse imenso corpo hídrico, como proposto por Nikolli (2016; 2018).

Nesse recorte espacial da orla lacustre é possível visualizar no mapa uma urbanização concentrada, associando diversas funções: i) residencial, havendo movimentos de atração de novos residentes, de segundas residências transformadas em residência principal, ou de pessoas que privilegiam o local para viver a aposentadoria; ii) recreativa, sendo espaços de sociabilidades muito apreciados pelos habitantes; iii) esportiva, especialmente das práticas a vela, na Praia da Barrinha (ponto 1), cujo ponto de maior interesse são as condições de ondas e ventos oferecidas pelo chamado banco do Quilombo (pontal arenoso) (ponto 14), na Laguna dos Patos; iv) pesqueira, cujas atividades se concentram no bairro Navegantes (ponto 3) e nas proximidades dos dois arroios, principalmente no São Lourenço; e v) funções comercial e turística, especialmente sazonais, ao longo de toda essa parte urbanizada da orla.

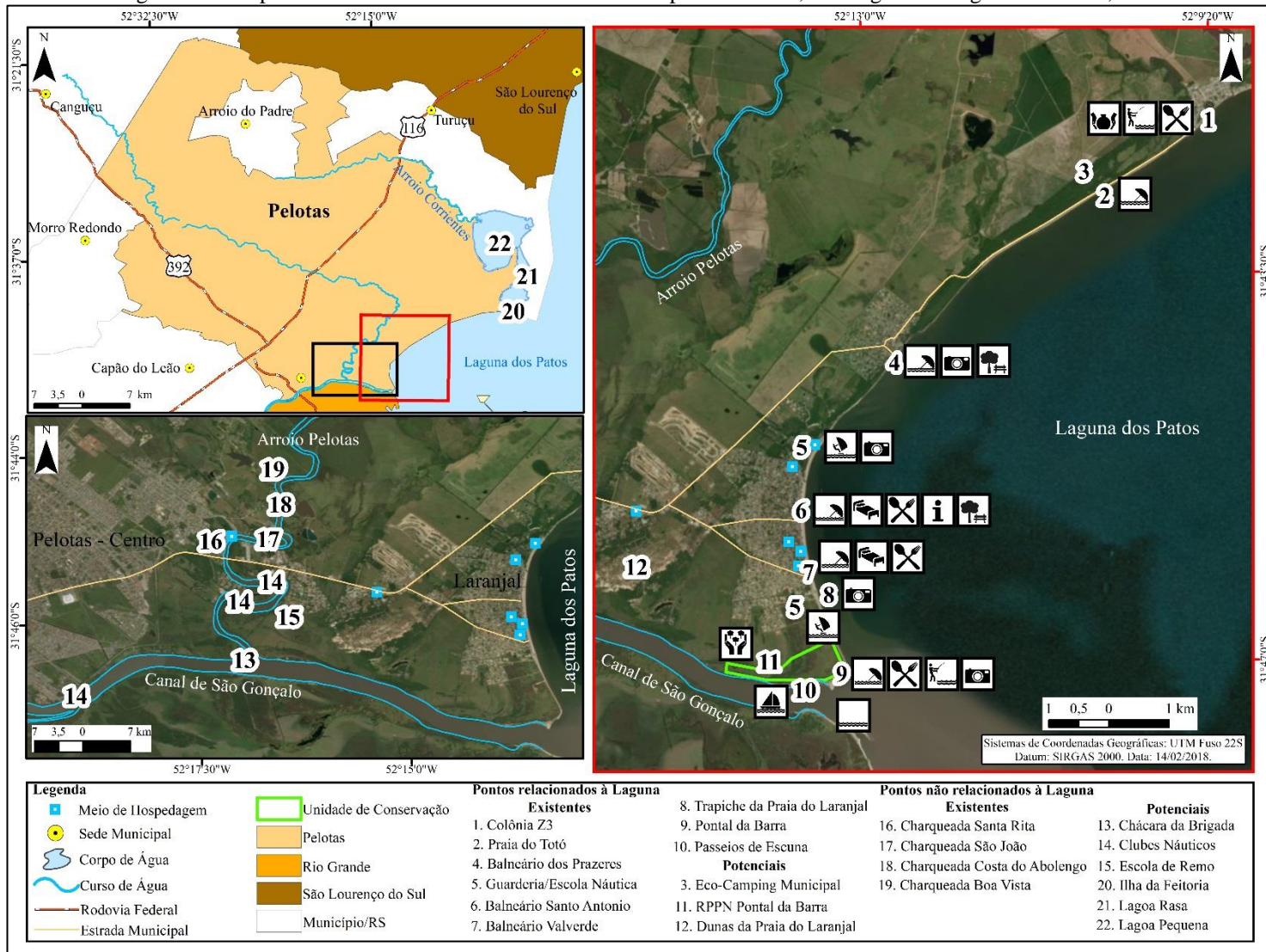
As práticas turísticas ainda estão reduzidas aos usos balneários, principalmente do banho e da contemplação da paisagem, mas têm integrado cada vez mais os esportes náuticos, a partir da atração de turistas e esportistas durante a realização de eventos esportivos. A frequência turística converge principalmente para os espaços de praias, mas também para a realização dos passeios de escuna (ponto 8), pelo Arroio São Lourenço e Laguna dos Patos, e a prática do campismo (ponto 10), também nas margens lacustres. A Fazenda do Sobrado (ponto 12) integra patrimônio histórico e meio de hospedagem, diversificando a oferta com passeios a cavalo na orla lacustre e uma vivência rural nas proximidades do Arroio São Lourenço.

O município demonstra uma capacidade hoteleira bastante expressiva quando comparada aos outros municípios estudados, além de ser recorrente a prática de segundas residências ou aluguel de imóveis na temporada pelos “veranistas”, porém a falta de dados sobre esses fluxos trazem limitações à compreensão da dinâmica turística local e regional. Os espaços e práticas relacionados à cultura pesqueira (ponto 3) e aos antigos estaleiros (ponto 13) são sugeridos como passíveis de ativação turística, por meio das possibilidades de valorização patrimonial paisagística, pelo resgate dos valores históricos, produtivos e simbólicos relacionados às paisagens lacustres.

Em Pelotas (Figura 11 e Figura 12) a função turística apresenta-se diluída na dinâmica socioeconômica e espacial local, integrando-se a outras formas de mobilidades: viagens a negócios, eventos, intercâmbios acadêmicos e culturais, movimentos pendulares entre local de residência e local de trabalho (principalmente entre Rio Grande – Pelotas), deslocamentos com fins de lazer (lúdicos, esportivos, outros) e residenciais.

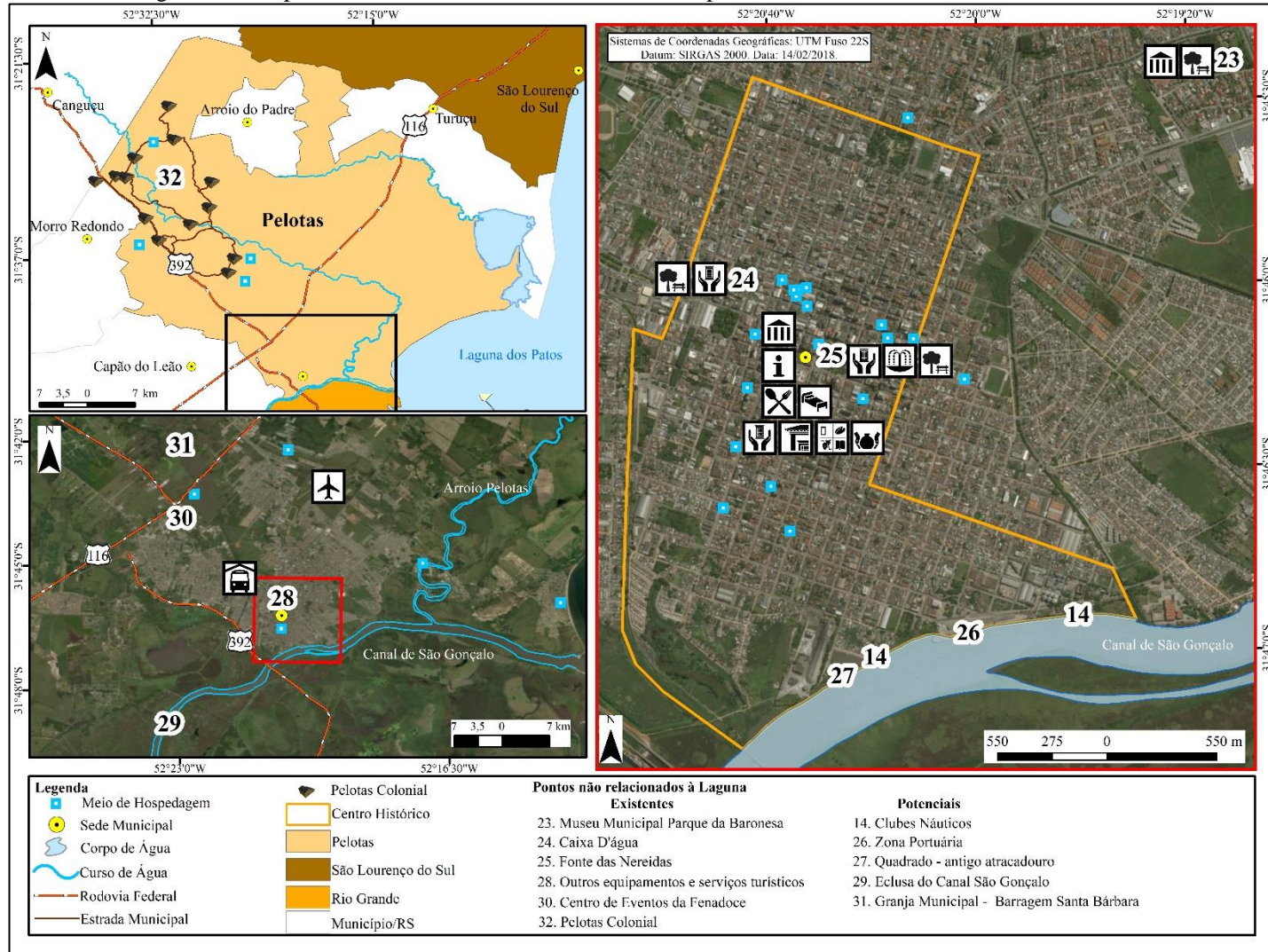
Verificou-se uma orla lacustre de aproximadamente 21 km, dos quais cerca de 12 km hoje estão destinadas ao uso recreativo e turístico, por meio das quatro praias abertas ao público: Praia do Totó (ponto 2), Balneários dos Prazeres (ponto 4), Santo Antônio (ponto 6) e Valverde (ponto 7). Esses dois últimos balneários são popularmente conhecidos como Praia do Laranjal, o que dá nome ao bairro, aparecendo como o local mais cobiçado para práticas diversas às margens da Laguna dos Patos, onde a pressão imobiliária é crescente. A lógica de grandes condomínios residenciais privados às margens do Arroio Pelotas, expande-se cada vez mais para as proximidades das praias lacustres e do Canal de São Gonçalo, atraindo novos residentes. Historicamente, o Laranjal era o local de “veraneio” dos pelotenses, que tinham o costume de ter uma casa residencial no centro da cidade, e outra para passar as férias de verão na praia lacustre, uma vez que as condições da estrada até a década de 1980 eram precárias (hoje essa distância é de cerca de 12 km, em sua maioria de estrada asfaltada). Essa relação histórica e cultural com o Laranjal é exemplificada nos relatos do sujeito residente (E2), que recentemente converteu sua casa de segunda residência em residência principal. Isso evidencia o que foi descrito por Duhamel e Violier (2009) sobre espaços litorâneos que passam por transformações socioespaciais a partir de uma urbanidade crescente, onde as práticas do habitar temporário convertem-se em um habitar permanente, atraindo novos residentes, podendo se refletir também numa retração da função turística em virtude da expansão da função residencial. Esses movimentos parecem aproximar-se do caso da Praia do Laranjal, em Pelotas.

Figura 11 – Mapa dos locais de interesse turístico no município de Pelotas, às margens da Laguna dos Patos, 2017



Fonte: Geodiversidade (2010); Hasenack e Weber (2010); IBGE (2018b); MapCruzin (2018); Pelotas Tem (2018); Prefeitura Municipal de Pelotas (2018); Observatório de Turismo do RS (2018b); Elaboração da autora e produção cartográfica do Geógrafo Msc. Jean Carlo Gessi Caneppele (2018).

Figura 12 – Mapa dos locais de interesse turístico no município de Pelotas, na zona central da cidade, 2017



Fonte: Geodiversidade (2010); Hasenack e Weber (2010); IBGE (2018b); MapCruzim (2018); Pelotas Tem (2018); Prefeitura Municipal de Pelotas (2018); Pelotas Colonial (2018); Observatório de Turismo do RS (2018b); Ribeiro e Vieira (2014); Elaboração da autora e produção cartográfica do Geógrafo Msc. Jean Carlo Gessi Caneppele (2018).

Enquanto aglomeração urbana que concentra uma diversidade de serviços e equipamentos, Pelotas se configura hoje como principal centro comercial, cultural e universitário no sul do estado. Com isso, pode-se atribuir um caráter multifuncional, para onde convergem distintas formas de mobilidades, atraindo um público variado. O Turismo revela-se como atividade complementar, não sendo prioridade entre as políticas locais. No entanto, cada vez mais a função turística tem sido integrada como possibilidade socioeconômica em projetos de qualificação urbana (ex: revitalização da orla da Praia do Laranjal; projeto de Parque Urbano na Granja Municipal), de desenvolvimento rural (ex: roteiro Pelotas Colonial e projetos anteriormente desenvolvidos na Colônia de Pescadores Z3) e de valorização da cultura (ex: políticas de revitalização do Centro Histórico).

A função turística integra-se às funções urbanas e às outras formas de mobilidade, mesclando-se os espaços e práticas frequentados pelos turistas daqueles frequentados pela população, a exemplo dos espaços públicos da Praia do Laranjal, em que coabitam os usos turísticos, de lazer, residenciais e comerciais. Porém, isso também traz desafios políticos e científicos quanto ao papel do Turismo dentro dessa dinâmica multifuncional. Na Praia do Laranjal, alguns sujeitos relatam uma retração da função turística nas últimas décadas, percebendo uma migração do fluxo para ao Balneário do Cassino, em Rio Grande, atribuindo a questão à balneabilidade; mas outros designam um novo momento de instalação de meios de hospedagem nessa mesma área. Foram identificados um total de seis meios de hospedagem (hotéis, pousadas e um *hostel*) nessa zona do Laranjal.

As práticas turísticas em Pelotas, hoje, estão mais relacionadas à visitação e interpretação do patrimônio construído, concentrando-se na zona de interesse do Centro Histórico e das Charqueadas. Isso reflete um direcionamento das políticas locais na última década, fortemente investidas na revitalização dos prédios históricos, mas também à promoção de eventos e à tradição doceira, como aspectos que se integram na realização da Fenadoce. Na Rota das Charqueadas (pontos 16 ao 19), além da visitação ao patrimônio histórico e arquitetônico e a possibilidade de meios de hospedagem, destaca-se o uso turístico recente das águas do Arroio Pelotas para passeios de barco. Já na zona rural do município, a Rota Pelotas Colonial (ponto 32) tem uma oferta turística associada às atividades rurais e na natureza, incluindo trilhas e banho nos arroios, sob a forma de cachoeiras e piscinas naturais.

Nas áreas às margens da Laguna dos Patos, as práticas de turismo ocorrem no recorte espacial entre a Colônia de Pescadores Z3 (ponto 1) e o Pontal da Barra (ponto 9), geralmente nos espaços de urbanização concentrada, onde predominam as funções de lazer, residencial, comercial e pesqueira. Ao norte, a Colônia Z3 (ponto 1) já recebeu projetos de Turismo, e hoje

conta com uma visitação esporádica associada ao comércio dos pescados (principalmente quando há camarão), de um restaurante que oferece os pescados da Laguna, e da realização da Festa de Nossa Senhora de Navegantes. Nessa localidade também está sediada a Associação de Artesanato Redeiras, que se utiliza dos materiais da pesca local (escamas, redes, etc) para a realização das peças da coleção, que são comercializadas no Mercado Central de Pelotas, no Centro Histórico. A Praia do Totó (ponto 2) é uma área procurada para banho e pela existência de uma mata atlântica ainda preservada nessa faixa da orla, geralmente utilizada como refúgio para sombra e práticas de campismo selvagem, uma vez que inexiste qualquer infraestrutura na localidade, já que o Eco Camping Municipal se encontra fechado (ponto 3). O Balneário dos Prazeres também se destaca por ser uma área de mata preservada na orla, mais destinadas às práticas de lazer das comunidades locais, especialmente para banho.

Nos Balneários Santo Antônio e Valverde, os equipamentos e serviços recreativos, turísticos e comerciais (pousadas, restaurantes, lojas, *shopping*, escolas e guarderías náuticas, informações turísticas), geralmente acompanham a linearidade da avenida junto à orla da praia. Esses espaços da Praia do Laranjal são os mais investidos pelas práticas de lazer, que se mesclam com as práticas de turismo, incluindo a contemplação da paisagem (geralmente lembrada pela imagem do trapiche do Laranjal – ponto 8), o passeio pelo calçadão e o banho (com menos frequência, variando conforme a informação dos padrões de balneabilidade), sendo expressivo o aumento dos esportes náuticos e outras atividades esportivas nas margens. Na área do Pontal da Barra (ponto 9), no encontro entre a Laguna dos Patos e o Canal de São Gonçalo, a função pesqueira e residencial é prioritária, onde se integra uma função turística com os passeios de escuna (ponto 10), ofertando a possibilidade de navegar até o Arroio Pelotas ou pelas águas lacustres. Também é uma área que atrai turistas e residentes, seja pela gastronomia, o comércio de pescados, seja pelas práticas de pesca amadora.

Esses espaços e práticas investidos pelo Turismo podem ser observados a partir da leitura dos “eixos e subeixos temáticos”, conforme consta no Plano Municipal de Turismo (PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS, 2017a), no sentido de setorizar os roteiros, produtos, serviços e ações de promoção do destino turístico Pelotas. Entre esses, o eixo “Pelotas Cultural” tem destaque, englobando as Charqueadas, o Centro Histórico, o patrimônio cultural, a tradição doceira e gastronômica e as manifestações artístico-culturais. O segundo eixo principal apresentado nesse documento é o denominado “Costa Doce Pelotas”, onde são destacados como atrativos turísticos os balneários e praias, os passeios náuticos, o Arroio Pelotas com a Rota das Charqueadas, o patrimônio ambiental e arqueológico e os esportes náuticos. Na sequência, apresentam o eixo “Turismo Rural e Natureza”, onde são inseridos o

Pelotas Colonial e a Colônia de Pescadores Z3; e, por último, o eixo “Negócios e Eventos”. É interessante notar a ausência dos nomes “Laguna/Lagoa dos Patos” nesse documento (PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS, 2017a), apesar da Praia do Laranjal constar recorrentemente como espaço de frequência de turistas e residentes, onde inclusive foram conduzidas pelos órgãos públicos as pesquisas sobre o perfil e satisfação dos visitantes. No que concerne aos corpos hídricos, é o Arroio Pelotas e sua vinculação com as Charqueadas que ganha maior destaque nas políticas locais de Turismo.

Diante dessa diversidade de atrativos, equipamentos e serviços, a função turística em Pelotas mostra-se mais distribuída ao longo do ano. Porém a sazonalidade é marcante nessas localidades próximas à Laguna dos Patos, onde há a prática de segundas residências ou aluguel de imóveis na temporada pelos “veranistas”, evidenciando a carência de dados e informações sobre os fluxos e perfis dos turistas e outros tipos de viajantes.

O município apresenta uma oferta de hospedagem ampla e diversificada, tendo em vista a atração de diferentes públicos, e concentrando-se na área central e nas principais vias de acesso (BR 116, estrada para a Praia do Laranjal, proximidades do centro de convenções e do aeroporto). Mas também é existente nas proximidades de corpos hídricos - na Praia do Laranjal, na Laguna dos Patos, e nas Charqueadas, nas proximidades do Arroio Pelotas. Os sujeitos operadores de meios de hospedagem na Praia do Laranjal relatam atender um público de pelotenses e de turistas em deslocamento, no fluxo entre Porto Alegre e Uruguai, bem como de uruguaios em trânsito, cujo destino final é as praias do estado de Santa Catarina.

Apesar de Pelotas apresentar uma oferta turística hoje destinada à valorização do patrimônio histórico edificado no centro da cidade e ao patrimônio imaterial, da tradição dos doces finos de origem portuguesa e dos doces coloniais, principalmente através do evento da Fenadoce (ponto 30), essa investigação revela uma função turística crescente em torno da ativação do seu patrimônio de águas. Nos mapas, é possível verificar um agrupamento das áreas de interesse turístico às margens da Laguna dos Patos (pontos 1 ao 12), Canal de São Gonçalo (pontos 13, 14, 26 e 27) e Arroio Pelotas (pontos 13 ao 19, e 32), bem como a existência de um patrimônio construído que integra o conjunto do Centro Histórico, que remete à questão das paisagens de água, a exemplo da Fonte das Nereidas (ponto 25) e da Caixa d'Água (ponto 24), que é monumento tombado como Patrimônio Histórico Nacional pelo IPHAN.

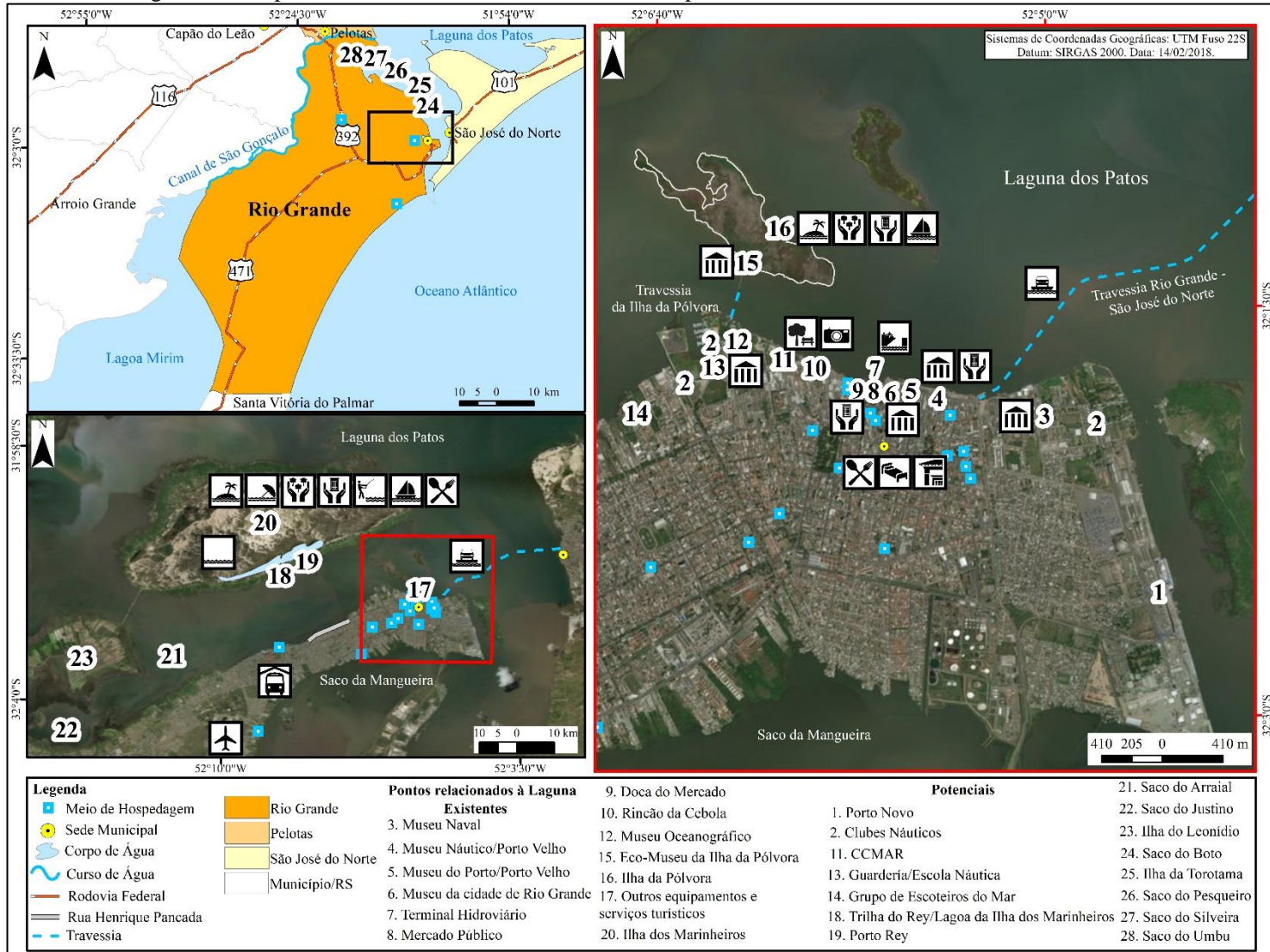
Outras paisagens relacionadas a esse patrimônio de águas (pontos 3, 11, 12, 13, 14, 15, 26, 27, 29 e 31) foram sugeridas como áreas de interesse turístico ainda não ativadas, as quais lhes foram atribuídos diferentes valores paisagísticos, conforme Nogué, Sala e Grau (2016). Elas incluem áreas naturais ou espaços livres nas proximidades dos corpos hídricos, onde há

projetos ou intenções para sua conversão em parques urbanos, sendo elas: a Chácara da Brigada, entre o Arroio Pelotas e o Canal de São Gonçalo (ponto 13); o Quadrado, antigo atracadouro às margens do Canal de São Gonçalo (ponto 27); e a Barragem Santa Bárbara (ponto 31). O Pontal da Barra (ponto 11) e as dunas da Praia do Laranjal (ponto 12) são áreas identificadas pelos sujeitos pesquisadores e ambientalistas como paisagens de interesse científico, portadoras de valores naturais, históricos, simbólicos e estéticos, cujo aproveitamento turístico poderia favorecer a disseminação dos conhecimentos pela valorização e proteção dessas áreas de banhados, matas, dunas e sítios arqueológicos. Outras paisagens lacustres foram reconhecidas pelo seu valor natural e estético, enumeradas principalmente pelos pescadores e praticantes de esportes náuticos, como a Ilha da Feitoria e as Lagoas Rasa e Pequena (pontos 20 ao 22); porém, são áreas de difícil acesso e, em alguns casos acessível somente por água, identificadas como áreas de grande interesse ecológico e científico.

Outras possibilidades de valorização do sentido patrimonial das águas pelo Turismo foram sugeridas junto ao Canal de São Gonçalo, especialmente as possibilidades de (re)interpretação paisagística nas proximidades da zona portuária de Pelotas (ponto 26) e da obra hidráulica da Eclusa (ponto 29). Também as infraestruturas destinadas aos esportes náuticos (clubes, escolas e guarderías – pontos 5, 14 e 15), na orla lacustre e nas proximidades dos demais corpos hídricos, revelam-se bastante expressivas e crescentes em Pelotas. Os entrevistados visualizam o forte potencial de relação com o Turismo, sob a realização de eventos das diferentes modalidades de esportes náuticos, atraindo um público dos municípios e países vizinhos. Apesar de já terem ocorrido projetos e iniciativas de cooperação entre os sujeitos de ambas as áreas – Turismo e Esportes -, ainda não se mostra efetiva; e essa mesma situação foi encontrada nos outros municípios do estudo.

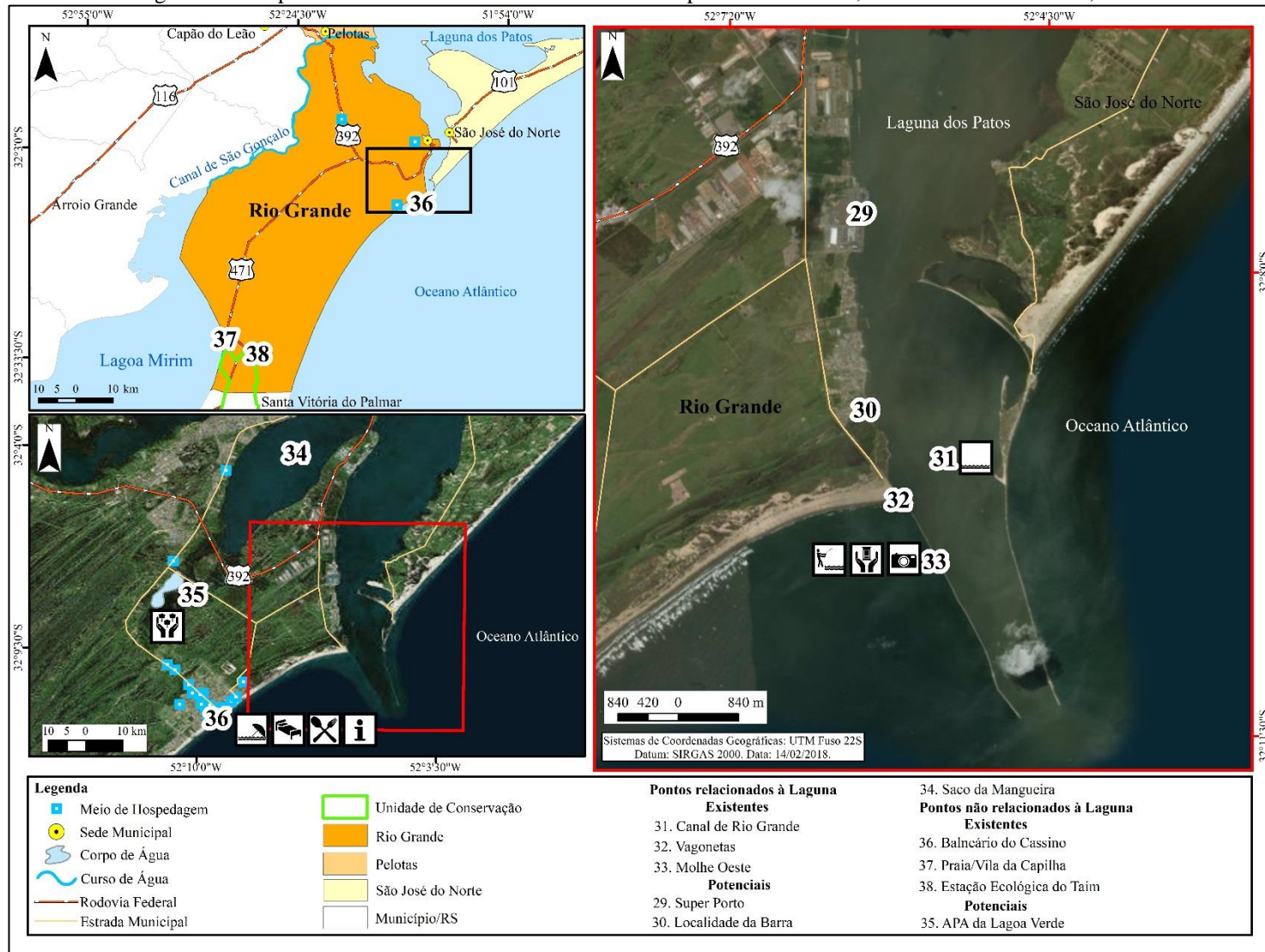
Em Rio Grande (Figura 13 e Figura 14) a função turística aparece principalmente concentrada na área da praia marítima do Cassino, voltada às práticas balneárias, onde se concentra grande parte da infraestrutura e equipamentos turísticos (meios de hospedagem, restaurantes, informações turísticas, etc). Rio Grande mostra uma dinâmica turística bastante dependente da sazonalidade no verão, mas essa função também está diluída na dinâmica socioeconômica e espacial da área central do município e em outras áreas de interesse ecológico e estético, como as margens da Lagoa Mirim, na Praia/Vila da Capilha (ponto 37), utilizada para práticas balneárias e esportivas, e a ESEC do Taim (ponto 38), com visitação turística nas áreas de entorno. Essa dispersão no território pode se dar pela diversidade de ambientes (lacustres e oceânicos) e   grande extensão territorial do município (2.709,522 km² - dado IBGE, 2018a).

Figura 13 – Mapa dos locais de interesse turístico no município de Rio Grande, na zona central da cidade, 2017



Fonte: Geodiversidade (2010); Hasenack e Weber (2010); IBGE (2018b); MapCruzin (2018); Prefeitura Municipal do Rio Grande (2018); Observatório de Turismo do RS (2018b); Elaboração da autora e produção cartográfica do Geógrafo Msc. Jean Carlo Gessi Caneppele (2018).

Figura 14 – Mapa dos locais de interesse turístico no município de Rio Grande, na zona do Molhe Oeste, 2017



Fonte: Geodiversidade (2010); Hasenack e Weber (2010); IBGE (2018b); MapCruzin (2018); Prefeitura Municipal do Rio Grande (2018); Observatório de Turismo do RS (2018b); Elaboração da autora e produção cartográfica do Geógrafo Msc. Jean Carlo Gessi Caneppele (2018).

A prática de segundas residências ou aluguel de imóveis na temporada pelos “veranistas” é recorrente no Balneário do Cassino, e, assim, a falta de dados sobre esses fluxos trazem limitações à compreensão da dinâmica turística local e regional. O município também apresenta uma oferta de hospedagem ampla e diversificada, concentrando-se principalmente na área central e no Balneário do Cassino. Com isso, é possível verificar a interação da função turística com outras formas de mobilidades que são muito frequentes em Rio Grande, por se caracterizar como polo industrial-portuário e universitário no sul do estado. Atraindo um público bastante diversificado, turistas, residentes e novos residentes (especialmente no Balneário do Cassino) mesclam-se nos espaços urbanos e na praia marítima, com um fluxo intenso de viajantes a negócios, e, ainda, com os que se deslocam para fins de trabalho em movimentos pendulares diários (principalmente entre Rio Grande – Pelotas), de lazer (em especial, provenientes de Pelotas para passar o dia no Balneário do Cassino) ou de intercâmbios e eventos acadêmicos.

Há relatos dos operadores turísticos de que a chegada de cruzeiros marítimos nos últimos anos tem trazido modificações espaciais e socioeconômicas relacionadas à função turística, local e regional, mas esse impacto ainda não foi mensurado. Então, o turismo aparece como atividade complementar, não sendo prioridade entre as políticas locais. Essas ações e iniciativas geralmente estão direcionadas ao recorte do Balneário do Cassino. A Lagoa Mirim e a zona rural do município surgem como novos espaços investidos pelo Turismo, manifestando um interesse dos órgãos públicos na diversificação da oferta turística, bem como a preocupação com o aumento do fluxo de visitantes na Praia da Capilha, às margens da Lagoa Mirim.

É interessante verificar que numa extensão de orla lacustre de cerca de 128 km⁷⁶, Rio Grande não apresenta nenhuma praia que ofereça o acesso público para atividades recreativas e turísticas vinculadas às paisagens lacustres. Essas áreas geralmente estão destinadas às funções urbana, pesqueira, portuária, industrial e residencial, com algumas instalações pontuais destinadas ao lazer, ao turismo ou aos esportes náuticos.

Nas proximidades do centro da cidade, essas práticas de lazer e de turismo relacionadas, direta ou indiretamente, às paisagens lacustres são possíveis a partir da visitação aos museus (pontos 3, 4, 5, 6, 12 e 15), alguns deles instalados em prédios históricos como o Porto Velho e a Antiga Alfândega. Também é no Porto Velho que ocorre a Festa do Mar, em Rio Grande. Outras construções que exaltam os valores históricos e de uso social e produtivo

⁷⁶ No caso de Rio Grande, a mensuração da orla ocorreu apenas junto a faixa continental emersa da Laguna dos Patos até o início dos Molhes da Barra, não sendo consideradas as ilhas. A extensão dos molhes foi mensurada em cerca de 3,5 km em Rio Grande (Molhe Oeste) e 3,1 km em São José do Norte (Molhe Leste).

para as sociedades na sua relação com a Laguna dos Patos são o Mercado Público (ponto 8) e a Doca do Mercado (ponto 9), junto às imediações da Praça Xavier Ferreira, e o Rincão da Cebola (ponto 10). São locais que passaram por recentes processos de revitalização (ainda inacabados), estando abertos ao público, porém, provavelmente sem a previsão de uma ativação turística, tendo em vista a inexistência de estratégias de interpretação patrimonial vinculadas à essas paisagens lacustres. De qualquer forma, o Rincão da Cebola é citado como local de (re)aproximação da cidade com as águas, onde hoje práticas de lazer (pesca amadora, tomar chimarrão, contemplar a paisagem, esportes náuticos) interagem com a função pesqueira.

A partir do Terminal Hidroviário (ponto 7) partem as lanchas que realizam a travessia para São José do Norte, porém não há ativação turística desse serviço, pois é priorizado o transporte de pessoas em suas mobilidades diárias, a trabalho ou estudo, entre as duas cidades. No entanto, os turistas entrevistados relatam utilizar a travessia para conhecer o município vizinho, e mesmo os residentes relatam a prática da contemplação da paisagem durante o percurso. Outra possibilidade de transporte lacustre é a balsa para São José do Norte (travessia na Figura 13) para automóveis e caminhões, no entanto, inexistindo uma ativação turística desse meio de transporte.

A visitação à Ilha da Pólvora (ponto 16), a partir de uma travessia de barco que parte do Museu Oceanográfico (ponto 12), oferece a oportunidade da prática re-criativa de descobrir o ecossistema de marismas, visualizado a partir de um mirante, e a história da Casa da Pólvora, a partir de um acervo interpretativo disponível no Eco Museu (ponto 15). Outro local frequentado por turistas e residentes é a Ilha dos Marinheiros (ponto 20), porém a inexistência de acesso via lacustre e a precariedade do acesso por terra (estrada não pavimentada) dificultam a chegada ao local. Nessa Ilha, os principais atrativos são uma lagoa interna (ponto 18), que é acessível a pé pela trilha do Rey, a partir da localidade de Porto Rey (ponto 19), onde há equipamentos turísticos como restaurante, camping e o comércio da bebida artesanal denominada Jurupiga, que é Patrimônio Histórico Imaterial de Rio Grande. No entanto, a orla lacustre dessa ilha é desprezada em seu potencial turístico, servindo apenas às funções pesqueira, agrícola, de transporte de residentes e de cargas, residencial e de lazer (esportes náuticos e pesca amadora).

Na área do Canal de Rio Grande (ponto 31), que se caracteriza pela desembocadura da Laguna dos Patos no Oceano Atlântico, tem destaque a oferta do passeio de vagoneta (ponto 32), que recebe um grande fluxo de turistas por estar localizada junto ao Balneário do Cassino. As vagonetas e a profissão dos vagoneteiros tiveram tombamento como Patrimônio Histórico e Cultural de Rio Grande e estão junto ao Molhe Oeste (ponto 33), local que também é visitado

para fins de pesca amadora, caminhada e contemplação da paisagem. Nessa área, já ocorreram iniciativas de passeios de barco, mas hoje é inexistente na oferta turística do município. Não há aproveitamento do sentido patrimonial relacionado às paisagens lacustres, destacados pelos sujeitos quanto aos seus valores históricos relacionados à obra de engenharia dos molhes, e aos valores de uso social e produtivo associados às vagonetas/aos vagoneteiros. Os valores naturais dessas paisagens também são negligenciados diante das possibilidades de visualização dos botos e dos leões e lobos marinhos que se posicionam no Molhe Leste, pertencente a São José do Norte.

Como elementos passíveis de ativação turística em Rio Grande, foram enumeradas paisagens lacustres atribuídas de valor natural e estético – os Sacos do Arraial, do Justino, do Boto, do Pesqueiro, do Silveira e do Umbu, as Ilhas do Leonídio e da Torotama (pontos 21 a 28). Porém, são áreas de acesso difícil ou inexistente por terra, sugeridas principalmente pelos pesquisadores e praticantes de esportes náuticos. Algumas localidades situadas na zona rural do município, e que apresentam funções pesqueiras e agrícolas, também foram sugeridas como potencial turístico, porém apresentam difícil acesso por terra.

O Saco da Mangueira (ponto 34) é descrito como um local de importância ecológica e beleza cênica, mas situado muito próximo do centro da cidade de Rio Grande e a zona industrial-portuária, onde o comprometimento das questões de qualidade da água e dos ecossistemas já demonstra limitações à valorização turística e paisagística dessa área. A Rua Henrique Pancada (Figura 13) é lembrada como um local de acesso visual e público à Laguna dos Patos, hoje utilizada para o lazer das comunidades nas proximidades da área central do município, porém onde são apontadas problemáticas sociais diante das formas de ocupação do território e da perda da qualidade das águas pela falta de saneamento, limitando o seu aproveitamento turístico e de lazer. A APA da Lagoa Verde (ponto 35) é um ecossistema protegido por uma UC Municipal, inter-relacionado ao sistema hídrico do estuário, onde a integração entre a função turística, científica e pedagógico-educativa é sugerida como possibilidade de acesso e disseminação da importância ecológica da área.

Outras possibilidades de valorização do sentido patrimonial das águas pelo Turismo foram sugeridas junto ao Complexo Portuário de Rio Grande, integrando o Porto Novo (ponto 1) e o Super Porto (ponto 29). A localidade da Barra (ponto 30) é apontada como um local histórico da ocupação do Rio Grande do Sul, inexistindo projetos de valorização turística dessa área, onde são lembradas as possibilidades de integração da comunidade pesqueira e dos vagoneteiros. Nessa localidade, já houve investimentos em passeios de barco e pesca, com utilização dos trapiches privados na localidade, mas que hoje é uma oferta turística inexistente.

Também as infraestruturas destinadas aos esportes náuticos (clubes, escolas e guarderías – pontos 2 e 13) e à formação náutica (CCMAR e Escoteiros do Mar – pontos 11 e 14), localizados em pontos estratégicos às margens da Laguna dos Patos, revelam-se como possibilidades interessantes na integração das funções turísticas, esportivas, educativas, náuticas e na organização de eventos, pelo aproveitamento do potencial das águas e dos ventos do estuário.

Tendo em vista a concentração dos meios de hospedagem no centro da cidade e no Balneário do Cassino, é possível notar a existência de poucos hotéis que investem na ativação turística da vista à Laguna dos Patos, sendo os mais próximos das margens lacustres localizados em frente ao Rincão da Cebola. Isso evidencia que as paisagens lacustres têm sido negligenciadas enquanto potenciais paisagístico, turístico e patrimonial em Rio Grande, trazendo questões referentes à qualidade ecológica e visual desses espaços às margens da Laguna dos Patos, o que será discutido no tema 4.

Em São José do Norte (Figura 15) a função turística divide-se entre os espaços e práticas na orla marítima e lacustre, valorizando sua condição geográfica de restinga. A oferta de meios de hospedagem e de outros equipamentos e serviços relacionados ao Turismo apresenta-se mais limitada do que nos outros municípios desse estudo. Ela está concentrada principalmente no centro da cidade (ponto 2), seguida da Praia do Mar Grosso (ponto 23), e, mais recentemente, tem se expandido para algumas localidades às margens da Laguna dos Patos, como o Cocuruto (ponto 4), a Barra (ponto 5) e o Barranco (ponto 16).

De um lado, a instalação das atividades do polo naval em São José do Norte trouxe implicações socioespaciais ao município, atraindo grande número de trabalhadores, tendo o auge da empregabilidade em 2013, refletindo-se na ampliação dos serviços de hospedagem local. Por outro lado, a redução dessa função nos últimos anos tem gerado preocupações na questão do emprego e renda local. Com isso, a função turística tem sido considerada como uma oportunidade socioeconômica, a exemplo da recente criação da Organização Nortense dos Empreendedores da Cultura e do Turismo (ONECT), integrando representantes do setor público, privado e terceiro setor, com o objetivo de fortalecer o Turismo local.

Mas a função turística ainda não figura como prioridade entre as políticas locais, sendo um município reconhecido pela produção da cebola, pela pesca e pelas áreas de florestamento, e onde a especulação para a mineração tem representado fortes interesses. Com isso, os fluxos de viajantes a trabalho podem ser presenciados diariamente na travessia lacustre até Rio Grande, conjecturando forte concorrência com os fluxos turísticos no uso da balsa e das lanchas, que atravessam pedestres, veículos e caminhões entre os dois municípios. Assim, as funções produtivas do território se mesclam à função turística, especialmente na temporada de verão.

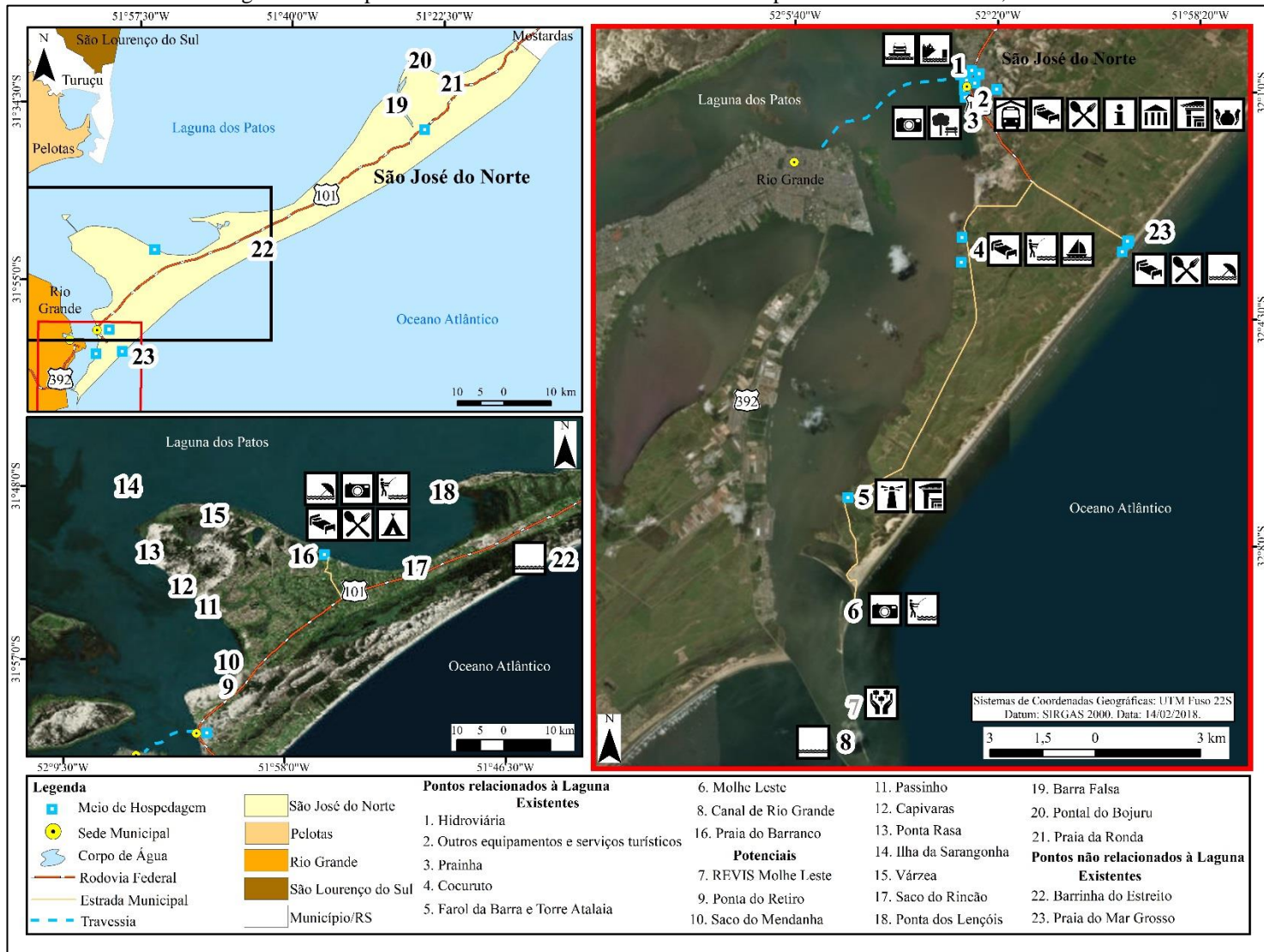
Isso é lembrado por diversos entrevistados como um ponto crítico à ativação turística, uma vez que representa hoje a principal via de acesso local, mantendo horários reduzidos e limitados, e não flexibilizando o atendimento para a demanda crescente no verão.

Essas dificuldades de acessibilidade à margem lacustre leste, descrita por Alvarez, Martins e Martins (1981), ainda se mostra hoje como um fator limitante. Mesmo com a pavimentação completa da BR 101, ocorrida em 2009, depois de cinco décadas para ser concluída no trecho entre Osório e São José do Norte, a popularmente conhecida “Estrada do Inferno”, ainda se mostra em condições precárias de manutenção e sinalização, e com dificuldades nos acessos às praias e localidades no interior do município. Por isso, a reivindicação por alternativas de ligações com Rio Grande, entre elas a construção de uma ponte, é histórica e bastante frequente nos relatos dos residentes, alguns visualizando como única alternativa possível, outros com certa resistência às mudanças e ao impacto dessa possível obra.

As práticas balneárias são frequentes em São José do Norte, em ambas as orlas, marítima e lacustre, o que caracteriza uma dinâmica turística bastante dependente da sazonalidade no verão, mas que também tem se voltado para um aproveitamento do potencial relacionado à pesca, melhor distribuído ao longo do ano.

A orla lacustre pertencente a São José do Norte, com cerca de 170 km, foi verificada como a maior orla lacustre entre os municípios do entorno da Laguna dos Patos. Nessa, os entrevistados apontaram diversas localidades frequentadas pelas populações locais para práticas de lazer, de pesca ou esportes náuticos, sendo indicadas pelos seus elementos ou conjuntos paisagísticos de interesse ao Turismo, retratando vilas de pescadores e áreas de valor natural (pontas, sacos, ilhas, barras, lagoas, arroios, complexos de dunas), sendo eles: Ponta do Retiro (ponto 9), Saco do Mendanha (ponto 10), localidades de Passinho (ponto 11) e Capivaras (ponto 12), Ponta Rasa (ponto 13), Ilha da Sarangonha (ponto 14), localidade da Várzea (ponto 15), Saco do Rincão (ponto 17), Ponta dos Lençóis (ponto 18), Barra Falsa (ponto 19) e Praia da Ronda (ponto 21). Muitas dessas são localidades de difícil acesso e pouco sinalizadas, em alguns casos é possível chegar somente embarcado, inexistindo uma infraestrutura de equipamentos e serviços. Na comunidade de pescadores da Várzea, um projeto piloto de Turismo é descrito por Reis, Vieira e Stotz (2011), mas que não teve continuidade.

Figura 15 – Mapa dos locais de interesse turístico no município de São José do Norte, 2017



Fonte: Geodiversidade (2010); Hasenack e Weber (2010); IBGE (2018b); MapCruzin (2018); Prefeitura Municipal de São José do Norte (2018); Observatório de Turismo do RS (2018b); Elaboração da autora e produção cartográfica do Geógrafo Msc. Jean Carlo Gessi Caneppele (2018).

As práticas balneárias na Laguna, hoje, estão mais direcionadas à Praia do Barranco (ponto 16), com cerca de 8 km, que é uma pequena vila de pescadores, cuja conversão às práticas de lazer e de turismo trouxe modificações socioespaciais, onde conflitos são relatados como crescentes entre com a pesca e a questão imobiliária. Apresenta uma infraestrutura turística reduzida (camping, restaurante, hospedagem), sendo procurada pelos turistas em função da gastronomia (especialmente dos pescados da Laguna), do banho e da pesca.

A prática da pesca atrai uma significativa frequência turística ao município, principalmente junto às pousadas especializadas nesse aspecto na localidade do Cocuruto (ponto 4), onde o acesso aos trapiches privativos ou o aluguel de barco para pesca ocorrem de forma isolada, sob iniciativas individuais. Esse público especializado é também presente em outras localidades da orla marítima e lagoas, a exemplo do Bojuru, porém, ainda não há uma oferta turística estruturada voltada à pesca no município. Além das diferentes modalidades de esportes náuticos, o uso de *buggies*, jipes, quadriciclos, motos, são práticas crescentes, principalmente nessa margem leste, onde não há regulação dos usos e espaços, e o acesso público à beira lacustre ainda se mantém, exceto em alguns trechos de propriedades destinadas ao florestamento.

No Oceano Atlântico, a Praia do Mar Grosso (ponto 23) dispõe de infraestrutura de meios de hospedagem e restaurantes, sendo bastante frequentada como segunda residência ou pelos “veranistas” para as práticas balneárias. E a Barrinha do Estreito (ponto 22) é apontado como um local de valor paisagístico pelas formas físicas do encontro das águas da Laguna dos Patos com o oceano, frequentada pelas populações locais para práticas de lazer e balneárias.

A zona central do município mostra-se em relação direta com a Laguna dos Patos e, com isso, uma proposta de roteiro autoguiado convida o turista a descobrir o conjunto patrimonial dos prédios históricos, o museu, a igreja, o artesanato e a gastronomia local. No centro da cidade, concentra-se a maior parte dos equipamentos e serviços turísticos (ponto 2). A prática da contemplação da paisagem na Prainha (ponto 3) é recorrente entre os residentes, sendo apontado como local de sociabilidades.

A chegada ao município, via lacustre, é apreciada por turistas e residentes, pois possibilita a vista do conjunto patrimonial edificado e da cultura pesqueira, visualmente predominante já na entrada da cidade. A hidroviária (ponto 1) é citada como local de encontros, de informações turísticas, onde a vida do município acontece nessa relação muito próxima com o município vizinho, pois é vivenciado como um trajeto cotidiano, no fluxo entre local de trabalho ou estudo, e local de moradia entre Rio Grande e São José do Norte. Nessa questão, as águas são apreendidas tanto como oportunidade de ligação com outras localidades, bem como

uma barreira, diante das dificuldades meteorológicas, causando interrupções dos serviços de balsa e lancha, muitas vezes elucidada sob a noção de isolamento geográfico.

Na localidade da Barra, a visitação turística ao antigo farol da Barra e torre Atalaia (ponto 5) e o aproveitamento de outros elementos patrimoniais arquitetônicos dessa que foi uma das primeiras instalações humanas nessa área, ainda é incipiente. No Molhe Leste (ponto 6), a infraestrutura turística é inexistente e o acesso é precário, sendo que a área de preservação destinada à Revis (ponto 7) ainda não está efetivada. Ainda assim, há frequentação do local para atividades de pesca, esportes, contemplação da paisagem no Canal de Rio Grande (ponto 8) e observação da biodiversidade (lobos e leões marinhos).

De forma geral, em São Lourenço do Sul, a dimensão turística revela-se de forma mais expressiva na espacialidade das práticas e apropriações dos espaços, aproximando-se de uma localidade com função turística (DUHAMEL, 2003; *ÉQUIPE MIT*, 2008; 2011), onde o Turismo ainda é atividade complementar, fortemente sazonal, priorizada nos espaços à beira da Laguna dos Patos e cursos de água adjacentes, sendo dependente da frequentação turística no verão.

Pelotas também agrega elementos de uma cidade com função turística (DUHAMEL, 2003; *ÉQUIPE MIT*, 2008; 2011), especialmente por se configurar como importante aglomeração urbana no sul do estado, oferecendo serviços diversificados, atraindo um público variado. Diante dessa característica multifuncional, o Turismo interage com outras funções urbanas e mobilidades diversas, sendo de difícil dissociação no conjunto do território. Outro fator, a disposição espacial dos meios de hospedagem, também possibilita sua caracterização como cidade de trânsito (DUHAMEL, 2003; *ÉQUIPE MIT*, 2008; 2011), com função limitada a esse uso pelos turistas que estão em deslocamento para outros destinos, com curta permanência.

Em Rio Grande, a função turística é predominantemente voltada ao Balneário do Cassino, dependente da temporada de verão, mas também é presente no centro da cidade, mesclando-se às outras funções (urbanas, industrial, portuária, comercial). O Turismo ocorre ainda em áreas dispersas no território, destinadas às práticas balneárias mais recentes, como é o caso da Praia da Capilha, na Lagoa Mirim, e sob a forma de iniciativas que relacionam turismo, ciência, educação e preservação ambiental nos arredores da ESEC do Taim. Poucos são os locais diretamente relacionados à Laguna dos Patos que apresentam função turística, a exemplo das Ilhas da Pólvora e dos Marinheiros, os museus e áreas de interesse histórico no centro da cidade. Por isso, pode ser caracterizada como uma cidade com função turística, agregada à função de trânsito (DUHAMEL, 2003; *ÉQUIPE MIT*, 2008; 2011), devido à oferta

de hospedagem concentrada na zona urbana central, relacionada às diferentes formas de mobilidades que interagem no território.

São José do Norte apresenta-se como uma cidade com função de trânsito (DUHAMEL, 2003; *ÉQUIPE MIT*, 2008; 2011), principalmente pelo fluxo de pessoas viajando por motivos não turísticos. No entanto, os atores locais têm feito uma escolha para agregar a função turística (DUHAMEL, 2003; *ÉQUIPE MIT*, 2008; 2011), tratando de organizar, diversificar e qualificar a oferta de equipamentos e serviços destinados ao turista.

Para concluir, as funções desses territórios mostram-se, em sua maioria, desconectadas em suas propostas de desenvolvimento, esvaziando as possibilidades de configuração como territórios multifuncionais. Nesse cenário demarcado por rupturas espaciais e socioeconômicas, de descontinuidades entre os espaços públicos, privados e mistos, diversos conflitos de interesses e agravamento de problemáticas socioculturais e ecológicas têm sido frequentes. O descaso político, administrativo e social diante da questão da qualidade das águas e dos ecossistemas associados e o enfraquecimento das identidades culturais nesse recorte geográfico mostram-se refletidas nas percepções e representações das paisagens lacustres, no tempo e no espaço.

No que tange à dimensão turística, ela não se encontra entre as prioridades das políticas locais e regionais, e o enfrentamento às limitações decorrentes da sazonalidade é presente nos quatro municípios, sendo dependentes de um turismo de sol e praia associado às segundas residências e outras práticas de mobilidades nesses territórios, aspectos esses que ainda precisam ser investigados e conhecidos. Esse cenário leva a considerar a seguinte questão: se há investimentos e ações públicas e privadas em Turismo, bem como frequência turística que aflui para esses municípios, por que a função turística é ainda menosprezada como possibilidade nesses territórios? Nos temas a seguir, pretende-se discutir essa questão, partindo das expectativas e potencialidades (objetivo 3) e das tensões e limitações (objetivo 4) na interação do Turismo com as paisagens lacustres, sob o ponto de vista dos sujeitos, referentes à porção sul da Laguna dos Patos.

TEMA 3: “ENTRE A TERRA E A ÁGUA HÁ UM PORTAL”: AS POTENCIALIDADES E EXPECTATIVAS RELACIONADAS À PAISAGEM E AO TURISMO

Ao refletir sobre o objetivo 3, proposto nesse estudo, procurou-se valorizar as opiniões

e conhecimentos narrados pelos entrevistados no que concerne às potencialidades relacionadas às paisagens lacustres e o Turismo, trazendo suas expectativas sobre a questão.

Um potencial turístico bastante recorrente nas narrativas é associado à expansão dos diversos esportes náuticos nos últimos anos, nas áreas da Laguna dos Patos e toda a rede hídrica presente na PCRS (lagoas, rios, canais, arroios). Alguns sujeitos propõem um aproveitamento turístico das condições propícias dos ventos e das águas da Laguna dos Patos para os esportes náuticos, como possibilidades de ofertar práticas re-criativas, que podem ser associadas ao jogar, ao descobrir, ao cuidar de si, ao comprar e ao socializar (*ÉQUIPE MIT*, 2011). Os sujeitos praticantes desses esportes náuticos entrevistados geralmente reconhecem a associação da atividade física com as paisagens lacustres, pelo contato com a natureza e com as comunidades pesqueiras. Outros ainda reforçam as possibilidades terapêuticas ou as formas de socialização que podem estar atreladas a essas experiências. Conforme o relato do sujeito E6 (RG, professor e pesquisador universitário), a Laguna dos Patos é reconhecida como “[...] um palco pra atividades aquáticas nas mais variadas [...]”, porém uma apropriação que ainda não é vislumbrada como ativo turístico regional, conforme os relatos:

[...] nós temos esse potencial hídrico muito grande, a gente tem esse potencial de esportes náuticos que pode ser enriquecido! [...] (E56, PEL, representante do setor público).

[...] canoagem é um grande atrativo turístico, né! Que aqui em Rio Grande ainda não tem, talvez seja um projeto futuro da gente fazer, um projeto com ecoturismo, as embarcações com caiaques, né! [...] (E45, RG, praticante de canoagem).

S02 - [...] Rio Grande tem muito vento, então pra prática de esportes que necessitam do vento [...] tem muita, muita possibilidade, muita possibilidade mesmo, inclusive a gente tem um amigo nosso que é daqui, que trabalha até certo ponto com turismo, que ele dá aula de surfe na praia [Balneário do Cassino] e ele sempre comentou isso pra gente [...] muita da renda dele vem exatamente do turismo, veranistas que praticam o surfe, que vão aprender surfe, assim como outros esportes, kitesurfe, windsurfe, então poderia ser muito mais explorado isso [...]. (E35 – S02 – RG, residente em visita à Ilha da Pólvora).

[...] eu acho que seriam esportes náuticos e que tem demanda, que quer esse lugar tranquilo, e que tem essa disponibilidade de natureza, digamos, pra fazer esse tipo de esporte, e que as pessoas... o município em si não divulga isso né! E os próprios empreendedores não entendem isso como um nicho de mercado pra atrair turista! [...] (E52, SJN, professora e pesquisadora universitária).

As competições, regatas, encontros e outros eventos, que já são realizados pelos sujeitos envolvidos com a questão náutica nos quatro municípios, são indicados pelo seu potencial de atração de um público de interesse específico, mas que geralmente vem acompanhado de familiares. Também são descritas as possibilidades de realização dos esportes e dos eventos náuticos em diferentes períodos do ano. São atividades procuradas por residentes

e turistas no verão, pela oferta de cursos e atividades oferecidas pelas escolas náuticas, mas que podem emergir como alternativa à sazonalidade turística, pois são mais dependentes dos ventos do que da “temporada”, como cita o entrevistado:

[...] esses esportes náuticos têm um potencial em função disso, um potencial que é o turismo que pode apoiar, por causa disso, enxergando que ele não precisa da temporada, ele pode ser em qualquer período, então isso aí é uma coisa que é interessante assim, pro turismo local, né, a gente poder trabalhar fora de época [...] no próprio inverno se faz, também dá pra fazer, em qualquer época do ano, porque quem veleja, veleja o ano todo [...] escola [náutica] é verão, é verão, porque a pessoa vem aprender assim na temporada [...]. (E13, SLS, operador de serviços relacionados ao turismo).

Mesmo que a dimensão turística ainda não esteja integrada ao planejamento e organização desses eventos e atividades náuticas, esse potencial de conexões entre turismo, lazer e esporte figura entre as expectativas de determinados grupos de sujeitos, especialmente aqueles vinculados ao Turismo, mas ainda com certa resistência no setor náutico. Enquanto esses últimos visualizam mais o caráter competitivo e das sociabilidades relacionadas aos eventos que realizam, os operadores turísticos, os órgãos públicos municipais e as instituições vinculadas ao desenvolvimento turístico local e regional têm defendido essa questão como articuladora da imagem do destino turístico “Costa Doce”. Nessas solidariedades conflitivas, surgem aspectos citados por Bourdeau, Mao e Corneloup (2011), do potencial de mediação entre o Lazer e o Turismo por meio dos esportes de natureza, diante da difusão das práticas recreativas nas sociedades contemporâneas, trazendo possibilidades de (re)composições entre locais turísticos e não turísticos, cidade e natureza, ação e contemplação, e outras.

Nesse contexto, o sujeito representante do Sistema S em Turismo (E22) expõe suas expectativas em relação ao trabalho cooperado entre os atores e instituições do Turismo e dos esportes náuticos, justificando a tomada de consciência do próprio nome da região turística “Costa Doce”, como um potencial a ser ativado. Nas falas dos representantes do setor público de Rio Grande e São Lourenço do Sul, surge as expectativas em torno da questão náutica como oportunidade de integração dos municípios nessa região turística, bem como de ampliação da oferta, hoje ainda muito dependente das práticas de sol e praia nos municípios estudados:

[...] acho que a região [pode] se tornar um grande incentivador do segmento náutico do turismo, dos esportes náuticos, porque ela tem a Lagoa dos Patos pronta aí pra ser usada, né, e os arroios da região, enfim, né, então há uma grande possibilidade disso, só que eu acho que quem faz, quem faz é porque é apaixonado pelo que faz [...] eu gostaria de ver a região Costa Doce como um centro de treinamento de esportes náuticos [...]. (E22, PEL, representante do Sistema S em Turismo).

[...] trazer os esportes náuticos pra dentro dessa Lagoa! Mas eu não vejo isso só Rio Grande, né! Eu vejo isso regional! Eu acho que pro negócio bombar, pra gente ter realmente, um turismo forte, um turismo que a gente crie essa marca, tem que ser com a região! [...] Meu sonho é ver isso! Ver através dos esportes náuticos, e a Lagoa cheia de coisas, cheia de atividades, nós interagindo com outros municípios! [...] (E53, RG, representante do setor público).

[...] bom, eu acho que, na verdade hoje, grande parte do nosso turismo, ele acaba sendo sol e praia, né! Em consequência, pega essa questão da Lagoa, pega os esportes náuticos, também, que também tão aumentando nos últimos anos, então, acho que é um enorme potencial turístico, né! É fundamental pra São Lourenço! [...] (E61- S02 - SLS, representante do setor público).

A navegação soma-se aos esportes náuticos, sendo também percebida pela oportunidade de ativação turística, oferecendo o acesso a locais remotos, vilas de pescadores ou antigos portos, ilhas, sacos, etc. Entre as expectativas, surgem passeios de barco para contemplação da paisagem, para conhecer as localidades pesqueiras, ou aqueles destinados à pesca amadora. Essas propostas já ocorrem em alguns municípios, mas ainda como uma oferta reduzida no que tange ao aproveitamento do potencial patrimonial associado às paisagens lacustres, e não organizados no que concerne à associação turismo e pesca amadora. Também são vislumbrados potenciais de agregação da função turística à travessia entre São José do Norte e Rio Grande, hoje exclusivamente voltada ao transporte de cargas e de passageiros, e mesmo a proposição de novas travessias (ex: entre as ilhas de Rio Grande). A navegação com função turística é exemplificada como possibilidade de valorização patrimonial junto às estruturas dos molhes, da eclusa (no Canal de São Gonçalo), dos portos ou antigos portos e estaleiros.

Antigos trajetos da navegação lacustre, como a ligação Rio Grande - Pelotas – São Lourenço do Sul - Porto Alegre, emergem como expectativas narradas pelos sujeitos, mas certamente requerem avaliação enquanto viabilidade turística/naval. Com isso, os valores históricos, produtivos, de uso social, naturais e outros (NOGUÉ; SALA; GRAU, 2016), relacionados às paisagens lacustres, podem ser resgatados por meio de diferentes estratégias interpretativas do patrimônio paisagístico pelo Turismo. A resignificação de elementos e conjuntos naturais, de apropriações e dos usos sociais, do passado e do presente, o resgate dos personagens históricos e das lendas da navegação local, sob a forma de roteiros temáticos, são algumas dessas possibilidades trazidas pelos entrevistados, reveladora desse desejo de navegação na Laguna dos Patos:

[...] um turismo onde se utiliza a navegação, onde se pode utilizar a navegação, obviamente! Muito importante, porque tem vários pontos que são inacessíveis a não ser de barco! Por exemplo, o banco do Quilombo! [em São Lourenço do Sul] [...] excursões de exploração: podes fazer um turismo interessante, utilizando lugares remotos da Lagoa [...] mas tudo tá em torno da água, e evidentemente, que sempre se

foque, por exemplo, na restauração dos antigos portos, dos lugares onde antigamente funcionou a navegação! Porque ali é um começo pra se atingir o resto! [...] (E5, SLS, pesquisador independente).

[...] as pessoas gostam daquele tipo de turismo [passeio de escuna em São Lourenço do Sul], né, tá quase sempre cheio, dificilmente, no veraneio, é, ele sai de quarenta em quarenta minutos, mais ou menos, e sempre fila. Então isso é uma coisa que dá certo na Lagoa, tá, e isso faltava em Rio Grande, a gente tinha que ter esse passeio, né, em momentos do verão, até pra conhecer o complexo portuário, ir até o Porto Novo, avançar um pouco em direção à saída dos molhes [...]. (E7, RG, professor e pesquisador universitário).

[...] acho que a questão da vela, né, dos esportes náuticos, da pesca, né, sair com os barquinhos, pescar camarão, imagina tu pegar, tu entrar num barco, né, as travessias eu acho, né, que são pouco exploradas, né, São José do Norte, Rio Grande, Ilha dos Marinheiros [...] Rio Grande que tem travessias ali, né, só que é pouco divulgado, tu não conhece muito bem [...]. (E29, RG, representante de ONG ambientalista).

S01 - [...] então o ideal assim, o suprasumo seria que tivesse infraestrutura em todas as ilhas e tivesse um barco, uma escuna que levasse, que fizesse um *tour* por todas as ilhas, bah! Aí ia ser fantástico! [...] (E35 – S01 – RG, residente em visita à Ilha da Pólvora).

Outra vertente sugerida é a integração entre o Turismo e a educação ambiental, pela valorização e disseminação dos conhecimentos acerca das paisagens lacustres e áreas adjacentes, contribuindo ao entendimento das relações das sociedades com as diferentes formas de água (laguna, lagoas, rios, arroios, banhados, etc) que caracterizam fortemente esse território. Podem-se destacar as áreas úmidas como os banhados, que hoje atraem um renovado interesse científico e patrimonial (CUBIZOLLE; SACCA, 2013; SAJALOLI, 1996), assim como áreas de relevância ecológica e arqueológica como o Pontal da Barra, em Pelotas, e outras UCs nesses municípios. Elas também são áreas de crescente interesse recreativo, revelando essa busca contemporânea por formas de (re)conexões entre os espaços urbanos e peri-urbanos, da natureza e da cidade, do Lazer e do Turismo, das sociabilidades do ontem e do hoje (GRAVARI-BARBAS; JACQUOT, 2016a, 2016b). Essas são possibilidades ainda em aberto quanto às propostas de experiências que associem ciência, educação, ludicidade e Turismo, em que as cinco modalidades da prática re-criativa podem ser aqui integradas (*ÉQUIPE MIT*, 2011), aos quais se agregam exemplos trazidos nas narrativas: o descobrir (a oportunidade de conhecer os elementos naturais e sociais locais, através de uma expedição fotográfica), o jogar (propostas de atividades lúdicas e pedagógico-educativas na natureza), o cuidar de si (o contato com a natureza desperta sensações e emoções), o socializar (o encontro entre sujeitos de interesses compartilhados), ou mesmo o comprar (*souvenirs*, artesanato local, produtos agroecológicos, etc). Nesse sentido, há iniciativas pontuais de certos grupos representantes do terceiro setor ou das universidades, em que a função turística ainda é pouco representativa,

muitas vezes lembrada pela sua face negativa, geradora de impactos. Outros entrevistados relativizam essa questão do aproveitamento turístico, posicionando-o como uma oportunidade nessa relação com a educação ambiental, expressando suas expectativas conforme os fragmentos de narrativas abaixo:

[...] no caso aqui do Pontal da Barra [em Pelotas], tem as espécies ameaçadas de extinção, né, e outras espécies, raras e tal, que naturalmente despertam interesse das pessoas, então pode ser explorado turisticamente, né, assim como também tem paisagens interessantes que podem ser, são bonitas e podem ser exploradas [...] as dunas do Laranjal, e o entorno ali, é um lugar assim, exuberante, fantástico, ou seja, é um lugar que atrai as pessoas, as pessoas vão lá naturalmente passear [...]. (E15, PEL, professor e pesquisador universitário).

[...] o turismo poderia tá vinculado a essa questão educativa pra transformar esse pensamento, banhado não é sujeira, banhado é um ecossistema específico importante demais [...] ecoturismo, né, isso que poderia ser muito bem explorado, o Pontal da Barra [em Pelotas] seria um espaço muito importante nesse sentido, ia ter toda uma infra de ecoturismo, de levar escolas [...] As pessoas irem lá visitar o Pontal da Barra pra ter um observatório de pássaros, pra ter um, e aí vai ter, sei lá, um monitor [...] pra receber as pessoas e explicar que tipo de pássaros, comportamento desses animais e aí vai ter outros caras que vão levar as pessoas pra visitar os sítios arqueológicos. Então seria, quando eu tô pensando em ecoturismo, eu tô pensando na verdade nesse sentido [...] ter toda uma informação de monitores sobre a ciência que foi produzida a partir dali [...]. (E10, PEL, professor e pesquisador universitário).

[...] sonhos de projetos assim pra aquele lugar [o Pontal da Barra, em Pelotas], se colocasse um centro de educação ambiental ali, né, que as pessoas pudessem conhecer, ter os animais da região ali pra pessoa se apropriar, né, e ver a fauna que existe ali, de repente ter um mirante, né, pra ver o pôr do sol, pra ver o banhado de cima, não sei, palafitas, né, pra pessoa caminhar em cima, e passear, sei lá, muitas ideias assim, né, pra desenvolver aquele lugar, né, tem a comunidade que de repente dava pra inserir, pensar até uma forma de renda pra eles, né, a, camiseta do peixinho anual do Pontal, das aves do Pontal, né, enfim acho que tudo tem como a gente ter ideias criativas assim de como transformar um lugar, né, e deixar, tirar a identidade ruim que ele tem [o banhado], né, que é um elefante branco que tá ali, que só tá incomodando, só dá problema, não sei o que, mas transformar ele numa solução, né [...]. (E27, PEL, representante de coletivo socioambiental).

[...] as pessoas que fazem turismo, elas têm curiosidade! Então, além do valor patrimonial, das coisas que é discutido! "Ah, essa aqui foi a casa do seu fulano, que morou aqui...", que tu vê muitas vezes. Bom, nós podemos agregar essa conversa: "Olha, nós estamos na bacia hidrográfica do rio tal! Olha aquela ponte, nós passamos em cima do arroio tal". Então o turismo pode nos ajudar nessa percepção do território! Eu acho que ele tem tudo pra fazer isso! Ele é uma educação não formal [...]. (E58, PEL, representante do setor público).

Já na interação com a atividade pesqueira tradicional, o Turismo é percebido por alguns sujeitos como uma alternativa de atividade complementar às comunidades ribeirinhas, através da pesca amadora, dos passeios de barco ou da inserção dos produtos pesqueiros em restaurantes e eventos gastronômicos, ou do artesanato. Com isso, a oportunidade de valorização e integração da cultura da pesca lacustre no processo de ativação turística da Costa

Doce é percebida como:

[...] bom, o turismo é o seguinte: eu acho que é uma forma que essas populações ribeirinhas, que estão, vamos dizer assim, com grande dificuldade de sobrevivência do seu modo habitual de trabalho, que é a pesca, poderiam ser aproveitados para guias, pra alguma coisa nesse sentido. Porque é uma forma de explorar a Lagoa dos Patos [...]. (E5, SLS, pesquisador independente).

[...] pois é, voltada à Laguna, eu vejo que a questão da pescaria, né! Eu vejo que as pessoas teriam um grande potencial pra trabalhar, já que tem tantos pescadores, e eles trabalham com a safra do camarão, que é durante a temporada, talvez trabalhar com essa temporada de visitação e pesca, no entorno e em alguns destinos, né! Eu acho que seria uma possibilidade [...] tem alguns pescadores que fazem, e levam os turistas pra pesca noturna, né! Mas não é algo que a gente veja divulgado no município [de São José do Norte], e que as pessoas saibam que aqui é um destino que tenha esse tipo de atrativo [...]. (E52, SJN, professora e pesquisadora universitária).

[...] eu gostaria de um turismo que valorizasse esses usos tradicionais. Eu acho que a valorização da pesca é importante. E eu gosto desse módico turismo de São Lourenço do Sul, eu acho que é uma coisa que a cidade comporta, que é um turismo que faz esse uso contemplativo [...] e eu acho que poderia valorizar a questão gastronômica [relacionada aos produtos da Laguna]. Acho que a questão gastronômica mesmo, acho que é desvalorizada [...]. (E62, SLS, professora e pesquisadora universitária).

O potencial de Turismo atrelado ao artesanato foi presente nos relatos, sob o exemplo dos projetos Redeiras e Bichos do Mar de Dentro de forma a integrá-los à rede de atores do Turismo, agregando valor aos elementos paisagísticos relacionados à biodiversidade e à cultura pesqueira da PCRS. Além disso, é vislumbrado também um potencial ainda pouco valorizado quanto ao artesanato associado à navegação na Laguna dos Patos, como oportunidade de resgate do sentido patrimonial dos usos e apropriações dessas águas, do passado ao presente:

[...] e já existe um artesanato do Mar de Dentro, que existe aqui em São Lourenço [do Sul], de peças de animais da Lagoa e coisa e tal. E poderia estar junto, pras pessoas levarem como lembranças, além das fotos, né! Alguma coisa nesse sentido! O turismo trabalha muito em cima do artesanato naval, se vende muito isso! Fazem miniaturas de barcos, reproduções de cordas de leme. Poderia levar oitões, que são aqueles rolamentos de madeira de barcos. As pessoas podem levar pras suas casas: sinos, nós... Bom, aí é infinita a possibilidade! É pra não deixar perder! [...] (E5, SLS, pesquisador independente).

Os sujeitos reconhecem a existência de um Turismo que hoje tem caráter prioritariamente regional, mas identificam-no com potencial de expansão multidimensional e multiescalar, tendo em vista a proximidade com territórios fronteiriços, e a caracterização de três desses municípios como cidades de trânsito (DUHAMEL, 2003; *ÉQUIPE MIT*, 2008; 2011). Nos relatos abaixo é exemplificado o potencial de integração com outros locais turísticos de proximidade, como entre São José do Norte, Mostardas e Tavares, com o Parque Nacional da Lagoa do Peixe e a Revis do Molhe Leste, e entre Rio Grande e Santa Vitória do Palmar,

com a ESEC do Taim, além de outras lagoas de relevante potencial turístico como a Mangueira e a Mirim. Esses locais são lembrados pelas possibilidades de (re)valorização paisagística por meio do Turismo, sendo áreas de relevante interesse para a ciência e a proteção da natureza, como citam os entrevistados:

[...] Nós temos, associado à Lagoa dos Patos, nós temos a Lagoa do Peixe, que vem turistas, vêm cientistas do mundo inteiro estudar aquela Lagoa, né, então, acompanhar ali e tal, mas não saem dali, vão e voltam, não sabem que ali tem uma Lagoa imensa [...] então essa falta de conhecimento das pessoas, sobre o recurso, a falta de uma política pública orientada pra incentivar isso, a falta de investimentos, de infraestrutura, é, tudo isso eu acho que são impedimentos, né, pro desenvolvimento do turismo na região [...]. (E6, RG, professor e pesquisador universitário).

[...] porque a gente sabe que o turista vem aqui e que ele não vai passar um dia em São José do Norte! Então, a gente pode unir isso, né! Passa por São José do Norte, por Mostardas, por Tavares, visita a Lagoa do Peixe! Então se houver essa organização pra que todos ganhem com esse turista que tá chegando, era isso que eu gostaria, digamos, de ver como uma atividade organizada aqui no município. E que tá caminhando pra isso! [...] (E52, SJN, professora e pesquisadora universitária).

Em alguns casos, os sujeitos expressam as condicionantes da situação geográfica da Laguna dos Patos na PCRS, enquanto áreas de grandes fragilidades ecológicas e sociais, e de intensa pressão demográfica e imobiliária. Mas também como territórios permeados de potencialidades socioeconômicas associadas às paisagens de água, ainda pouco vislumbradas pelas políticas locais e regionais, a exemplo da geração de energia, do transporte hidroviário, do Lazer e do Turismo, como descrevem:

[...] ela é, pra mim, ela é o elemento preponderante da paisagem da planície costeira, ela é um recurso estratégico pro estado, muito pouco utilizado, sua potencialidade é, ela tem um potencial econômico fantástico, tanto pra produção de energia eólica, quanto pra produção de energia das correntes e, então, é totalmente inexpl... a exploração turística ainda se dá, mas de uma forma muito desorganizada aí, e fragmentada, não existe uma política voltada pro desenvolvimento turístico na Lagoa dos Patos, como pras outras lagoas. O que eu acho que é o grande recurso! [...] (E6, RG, professor e pesquisador universitário).

[...] então é muita coisa, digamos no meu olhar pessoal, é, nós temos uma natureza extremamente bela, extremamente bela, né, e Rio Grande, é, tem uma dupla vantagem, né, ela tem então, é, a Praia do Cassino, junto à cidade, uma distância mínima, nós estamos então dentro da planície costeira, portanto, né, dessa zona costeira e numa proximidade muito próxima da praia, então isso não é comum, das maiores cidades do Rio Grande do Sul, Rio Grande é a única que está basicamente vivendo dentro da praia, né [...] e tem um segundo item que é a Lagoa dos Patos [...] o potencial de Rio Grande devido à presença da Lagoa dos Patos e o estuário da Lagoa, né, a travessia pra São José do Norte, turismo náutico [...]. (E7, RG, professor e pesquisador universitário).

Isso revela desafios às políticas locais na escolha pela dimensão turística. As

subjetividades se expressam sob a forma de diferentes “turismos” pretendidos nesse recorte geográfico, emergindo expressões como um “turismo sustentável”, “um outro turismo”, “um turismo mais selvagem”, “um turismo proativo” (no sentido de maior imersão nos locais visitados), ou ainda elencam diferentes designações como: ecoturismo, turismo científico, turismo de natureza, turismo ecológico, turismo ambiental, turismo de biodiversidade, turismo de aventura, turismo náutico, turismo esportivo, turismo de pesca, turismo cultural, turismo de paisagem, turismo rural, turismo gastronômico, turismo de sol e praia, turismo de massa, e outros. Mas, ao contrário de se restringir à designação ou diferenciação desses segmentos do Turismo, mesmo que eles tenham emergido nos discursos dos entrevistados, pretende-se ampliar a leitura para a diversidade de práticas re-criativas (*ÉQUIPE MIT*, 2011), reais e possíveis nesses territórios, o que será abordado na sexta parte desta tese. Nas falas dos residentes, surgem as reivindicações por formas de Turismo que representem:

[...] o turismo poderá ser a exploração sustentável da Lagoa dos Patos! Não vamos explorar a Lagoa dos Patos pescando mais, porque não tem mais o que tirar! Não é com indústria, ou grandes atividades pesadas e comerciais... É um turismo! O turismo é o único meio, que eu vejo, com a intervenção do homem, que pode se dar uma exploração sustentável, né! Porque o resto todo é invasivo, é destrutivo! [...] (E5, SLS, pesquisador independente).

[...] quando eu falo turismo não tô falando do turismo de massa, né, tô me referindo a um tipo de turismo sustentável, né, um turismo mais de cunho ecológico do que aquele turismo de consumo, né [...] é um outro turismo, um turismo mais voltado pra natur... um turismo mais selvagem, um turismo mais, talvez até pro próprio consumo interno do Rio Grande do Sul, enfim, e também internacional, evidentemente, né, o turismo científico [...]. (E6, RG, professor e pesquisador universitário).

[...] acho que o turismo sem educação ele pode ser desastroso, né, então a educação ambiental é uma ferramenta importante, eu acho que caminha junto pro turismo ser sustentável, turismo ecológico, turismo ambiental, de base ambiental, ser sustentável. Mas pra isso tem que fazer imersão, tem que fazer ferramenta, tu tem que criar situações, criar propostas que façam a pessoa sair da zona de conforto [...]. (E15, PEL, professor e pesquisador universitário).

S01 - [...] o turismo ele também tem que ser feito com respeito à natureza, né, tem que ser um, sustentável, tu não vai fazer um turismo e degradar toda essa, tudo que tem, necessita de um estudo [...]. (E35 – S01 – RG, residente em visita à Ilha da Pólvora).

Entre os aspectos mais recorrentes nos discursos sobre as formas de Turismo, tem destaque a preocupação com a valorização dos elementos e conjuntos paisagísticos lacustres que são atribuídos de valor natural e estético: os ambientes úmidos de lagoas e banhados, associados às dunas e matas, na interação entre o Pampa e a Mata Atlântica, a biodiversidade, algumas espécies de fauna e flora, as formas das paisagens lacustres (ilhas, sacos, orla, praias, etc), e o pôr-do-sol na Laguna. Com isso, visualizam possibilidades às práticas re-criativas do

cuidar de si/repousar e do (re)descobrir elementos e conjuntos paisagísticos, no sentido de revelar, (re)tornar a ver, por meio da observação, da contemplação, da fotografia da natureza. Essas, quando associadas às práticas turísticas, podem vir a contribuir com a valorização e proteção das águas e dos ambientes costeiros, como nos exemplos:

[...] eu acho que poderia, por exemplo, um ponto de aproveitamento do ecossistema, é desenvolver, porque tem muitas aves migratórias, a observação de pássaros! Acho legal! Tem uma série de pássaros que tu pode catalogar, de repente as pessoas podem observar e fotografar! [...] (E5, SLS, pesquisador independente).

[...]A pessoa chega aqui [em São José do Norte] pra ir pra praia [no oceano], ir pro Molhe Leste, pra contemplar a Lagoa dos Patos, ou visitar os atrativos naturais, o refúgio dos lobos marinhos, e na verdade, o município não entende que esses são os verdadeiros atrativos que vão talvez atrair mais demanda! [...] (E52, SJN, professora e pesquisadora universitária).

[...] e talvez o recurso mais importante que ela [a Laguna dos Patos] oferece, que eu acho que deveria ser catalogado no patrimônio imaterial do país, cultural, imaterial, que é a nossa paisagem, né, o pôr-do-sol. Eu acho que o pôr-do-sol é um patrimônio que nós temos aqui, imaterial, belíssimo que tem que ser preservado essa paisagem [...]. (E6, RG, professor e pesquisador universitário).

[...] Turismo na Lagoa dos Patos? Seria uma redescoberta, eu acho. É, uma redescoberta desse lugar assim, né, redescobrir, né, porque a gente pega letras antigas de músicas tradicionalistas e outras músicas, né, que falam, falavam da beleza que era, né, da Lagoa dos Patos, dos cisnes que voavam nas figueiras e tal [...] da gente revelar de novo, né, essas paisagens assim, né, seja pelo visual, seja pela, criar ferramentas que mostrem a importância que têm esses ambientes, né, pra qualidade de vida de todo mundo... a água, nosso bem mais precioso que a gente tem em tanta abundância aqui que a gente não valoriza, né, então acho que o futuro assim, no momento, do turismo, é meio que de redescoberta assim, sabe? A gente redescobrir essas coisas que tão aqui, tão do nosso lado que a gente não, não consegue ver, né, acho que seria isso aí mesmo [...]. (E27, PEL, representante de coletivo socioambiental).

Mas esses discursos não estão descolados de um Turismo que possibilite o encontro com as paisagens lacustres no que tange às populações e às culturas ribeirinhas, enumerando potencialidades de valorização patrimonial relacionadas à pesca, à lida do campo, à mobilidade a cavalo, às populações urbanas, à história das cidades e balneários, das fazendas e charqueadas, dos faróis, dos molhes e dos portos. Com isso, a tomada de consciência dos valores históricos, produtivos, simbólicos e de uso social, associados a essas paisagens, podem ser redimensionados a partir da proposição de experiências re-criativas diversas (do jogar, descobrir, repousar/cuidar de si, socializar ou mesmo do comprar), como citam os entrevistados:

[...] fazer um turismo a cavalo pela Lagoa dos Patos, conhecer as praias, conhecer os rios, as entradas de barco ou de cavalo, também dá! Também é muito legal! Pode-se também ser utilizado! [...] cavalgada é uma forma de fazer uma aventura, né! Ir

acampar, tem um acampamento esperando... Pode-se fazer um churrasco... As casas, né... Senhoriais das antigas fazendas nos estilos açorianos estão intactas na Lagoa e podem ser objeto de visitação! Charqueadas antigas [...] tem muito pra cá! Na Lagoa! Os faróis! Ninguém conhece os faróis! Qual gaúcho que conhece os faróis? Ninguém conhece! [...] (E5, SLS, pesquisador independente).

[...] existe muita falta hoje no mundo de lugares assim, que ofereçam a natureza, né, que ofereçam esse tipo de população ainda muito ligada às suas raízes, nós aqui no sul, na verdade, o nosso atrativo, nós não podemos perder de vista essa questão do gaúcho, da propriedade rural, e a nossa Lagoa, ela além de ser lindíssima, ela tem toda essa ligação com propriedades rurais [...]. (E8, representante de associação de cavaleiros).

[...] os Molhes da Barra, que   um dos cartões postais, de fato, se a gente fosse ver o cartão postal mais histórico que nós temos é o Porto Velho do Rio Grande, aquela área, aquela visão, a visão das ilhas, ali tu enxerga a Ilha dos Marinheiros, consegue ver a Ilha da Pólvora, baita ponto turístico têm também [...] e São José do Norte do outro lado, é o ponto então de confluência, seja do Norte, seja da Ilha dos Marinheiros, Ilha do Leonídio [...]. (E7, RG, professor e pesquisador universitário).

S01 – [...] poderia ter um barzinho que as pessoas viessem, um restaurante talvez, n , talvez de frutos do mar, de coisas que são pescadas na Lagoa mesmo, pessoa vem, almoça, passa um pouco da tarde e volta, claro que tem um limite de pessoas, n , mas eu acho que se fosse organizado teria esse potencial. S02 – Sim, até pra desenvolvimento das próprias pessoas, moradores, por exemplo, a gente tem na Ilha dos Marinheiros muitos pescadores, então se você faz projetos assim com uma parceria, como se fosse uma cooperativa com esses pescadores, com esses moradores de l , tu, ajuda a desenvolver muito eles e, aí desenvolver bastante o turismo [...]. (E35 – S01; S02 – RG, residentes em visita à Ilha da Pólvora).

Nessa busca do (re)encontro com a “essência” das populações na sua relação histórica e cultural com as águas, um sujeito opina sobre os projetos de revitalização do Centro Histórico de Rio Grande, principalmente no Rincão da Cebola (com obras ainda inacabadas), como um processo de (re)ligação entre a cidade e a Laguna dos Patos pela abordagem do Turismo e do Lazer:

[...] ali seria um reencontro da população, de uma forma mais turística, n , e de lazer com o que   a essência de Rio Grande. Então a essência de Rio Grande são as águas, seja as  guas do [Balneário do] Cassino, mas antes das  guas do Cassino serem valorizadas, a partir do ano de 1890, a valorização que se fez essencial para a sobrevivência local é desde 1737, o convívio com as águas internas já da Lagoa dos Patos [...]. (E7, RG, professor e pesquisador universitário).

Esse investimento na (re)valorização das paisagens lacustres pela função turística associada ao lazer   também indicado como “salvação” ou “alternativa” para esses municípios, sendo justificado como um retorno às origens desses territórios, onde a Laguna dos Patos exercia papel central na interação das sociedades com o espaço geográfico. Nesse sentido, as expectativas dos sujeitos vão ao encontro de um Turismo que ultrapasse a monofuncionalidade do turismo de sol e praia, sendo capaz de oferecer produtos turísticos diversificados,

organizados e orientados para o atendimento de residentes, turistas e outros públicos em mobilidades diversas, com foco no resgate dos sentidos patrimoniais das paisagens lacustres:

[...] então eu vejo o turismo, não só na Lagoa dos Patos, como no Rio Grande do Sul, com todo esse grande potencial, o Estado hoje tá falido [...] então o turismo eu acho que pode crescer muito na Lagoa dos Patos, uma boa política orientada assim, eu acho que o Estado, seria a salvação do Estado na verdade [...]. (E6, RG, professor e pesquisador universitário).

[...] São Lourenço do Sul foi descoberto pelas águas, São Lourenço do Sul pode ser salvo pelas águas! Acho que a mesma coisa se aplica pra Arambaré, se aplica pra Tapes, se aplica pra Porto Alegre, se aplica pra São José do Norte, se aplica pra Rio Grande, se aplica pra todo mundo! Que teve um portinho, que teve uns barcos, né, como seu começo de vida! Pode ser por aí de novo, o caminho futuro! Acho que São Lourenço se salva por aqui! [...] (E5, SLS, pesquisador independente).

[...] algo sustentável, né! A ideia de atrair demanda, não é de trazer todo mundo. Mas de pequenas propriedades rurais se organizarem, essas pequenas comunidades no entorno da Lagoa se organizarem pra receber o turista, ou uma hospedagem, ou um espaço de lazer, ou um restaurante, e haver essa organização da população pra começar a receber o turista e ver isso como uma alternativa pro município. Acho que a população precisa começar a empreender, através de alternativas econômicas que venham trabalhar o turismo aqui na região [...]. (E52, SJN, professora e pesquisadora universitária).

Essas são algumas ideias expressadas pelos sujeitos entrevistados no que tange às expectativas e potencialidades na interação do Turismo com as paisagens lacustres no recorte geográfico sul da Laguna dos Patos. Diante desses possíveis cenários futuros, emerge a questão: por que as inúmeras potencialidades turísticas narradas pelos sujeitos ainda não são ativadas? A relativização desses aspectos mostra-se importante à luz das tensões e limitações (objetivo 4) percebidas nesses territórios, as quais são abordadas a seguir.

TEMA 4: “ESSE JOGO ENTRE ÁGUA SALGADA E DOCE”: AS LIMITAÇÕES E TENSÕES RELACIONADAS À PAISAGEM E AO TURISMO

As tensões e limitações relacionadas às paisagens lacustres e ao Turismo, na opinião dos sujeitos (objetivo 4), são trazidas ao debate, confrontando em alguns aspectos as potencialidades e expectativas identificadas no tema 3 dessa investigação. De um lado, as paisagens lacustres são percebidas como ativo turístico local e regional, tendo em vista o seu reconhecimento como potenciais patrimoniais desses territórios. Mas os entrevistados também descrevem situações ambíguas nas relações das sociedades com esses espaços geográficos,

onde a água emerge como elemento biofísico e sociocultural estruturante. Esses aspectos extrapolam os limites físicos do corpo lacustre, diante de sua conexão com outras bacias hidrográficas, bem como pela sua integração a uma ampla zona costeira, trazendo ao debate diversas limitações que desafiam as sociedades contemporâneas. A partir disso, tratou-se de resgatar as reivindicações narradas pelos entrevistados no que tange aos desafios políticos, sociais, econômicos e ecológicos emergentes nessa área de estudo, refletindo sua conexão com os movimentos globais da sociedade.

Uma percepção recorrente entre os entrevistados é a “falta de visão” das sociedades locais em relação às paisagens lacustres. Esse aspecto é justificado pelos sujeitos, referindo-se à falta de conhecimentos, de sensibilização, de oportunidades de valorização desse patrimônio paisagístico. Talvez porque vivenciadas enquanto paisagens ordinárias, cotidianas, habituais, e, muitas vezes, ainda apreendidas pelas sensações de medo, dificuldade, sujeira, barreira ou obstáculo físico. Assim, a expressão “dar às costas” à Laguna dos Patos aparece como argumento frequente nas narrativas dos sujeitos, ao refletirem a relação das sociedades atuais com essas paisagens, vinculando-a às noções de descuido, desleixo, desprestígio, preconceito, desvalorização, desconhecimento, abandono, entre outras. Alguns desses fragmentos narrativos que trazem esses pontos de vista são apresentados abaixo:

[...] elas [as populações locais] não foram ainda devidamente tocadas pelo patrimônio natural, que receberam provavelmente a maioria, porque nasceu aqui, e acha que isso é tão habitual, é tão comum, que é tão corriqueiro, que não conseguem perceber diante da grandiosidade da água que eles têm na frente! Que é um mar! Se tu pegar as dimensões da Lagoa dos Patos, tu coloca a República do Líbano inteira e ainda sobra lugar! Então eles não contam! Não se dão conta da diversidade que ela tem! Porque é comum, nasceram aqui, e viram sempre assim! Não é todo mundo [...]. (E5, SLS, pesquisador independente).

[...] quando vêm os estrangeiros aqui eles ficam pasmos, quando eles vão daqui de lancha a Pelotas, eles ficam fotografando a fauna, na volta assim, eles ficam apavorados assim com a riqueza, a diversidade, as pessoas aqui não enxergam porque os filtros, né, não percebem mais nem isso, né [...]. (E6, RG, professor e pesquisador universitário).

[...] mas aí também Rio Grande tem toda essa questão da relação do centro do município com a Lagoa por meio do porto, por meio da pesca, tal... Aí quando cê chega lá em Pelotas, a paisagem da Lagoa já tá mais presente no centro. Aqui, já tá presente na zona urbana, apesar de não ser no centro. Mas então considero diferente. [...] Eu acho que inclusive é muito desvalorizado. As cidades são meio de costas pra Lagoa. Principalmente Rio Grande, que é a maior delas. Pelotas também [...]. (E62, SLS, professora e pesquisadora universitária).

[...] é uma questão cultural, né, porque tu vê, em outros países desenvolvidos, digamos, o que as pessoas fazem? Elas viram as casas de frente pras lagoas, pros mares, enfim, e as paisagens são fantásticas! O pessoal não deposita lixo, o pessoal cuida, o pessoal... né! Em alguns outros lugares, infelizmente é o contrário, o pessoal vira a casa de costas pra Lagoa e põe o lixo [...]. (E45, RG, praticante de canoagem).

[...] ah, é muito pequena [a cultura da água]! Isso é uma das coisas que ainda, a maior parte das pessoas estão de costas pra água! Aqui não tem escolas que ensinem isso! Aqui as pessoas veem a água com muito medo, porque a água é muito dura, né! Então eles não são acostumados com conforto na água! [...] mas no passado, sempre foi um lugar de estupidez total! A água era dura [...]. (E57, RG, representante do terceiro setor).

Essas representações das paisagens lacustres têm seus reflexos no aproveitamento patrimonial pelo Turismo. Especialmente no caso de Rio Grande, cuja função turística está prioritariamente voltada à orla marítima; a orla lacustre, por sua vez, é esquecida, desvalorizada, desprestigiada enquanto paisagem, e também como potencial de aproveitamento para Turismo e Lazer:

[...] em Rio Grande tinha que ter restaurante à beira mar [referindo-se à Laguna], sabe? Tu tinha que, quando fizesse um edifício junto, né, fizeram o Swan [Tower], aquele hotel e não pensaram nisso, de o último andar ser um restaurante panorâmico pra ti enxergar, porque aquilo ali é muito bonito, né, paisagem vista de cima ali é extremamente bonita, né. Quando tu sobe num edifício daqueles que estão na Marechal Floriano e olha pra frente, é algo muito forte, né! Que tu enxerga São José do Norte, as ilhas, os navios passando, né, tu vê todo aquele fluxo assim, tu ter a dimensão do que é a natureza naquele ponto, que tu não tem na horizontal. Não tem, isso é muito absurdo na verdade [...] tem coisas que saltam os olhos, né, da falta de um aproveitamento pro turismo [...]. (E7, RG, professor e pesquisador universitário).

[sobre o projeto de revitalização do Rincão da Cebola, em Rio Grande] [...] o nosso maior interesse era obviamente, era a frontidão pra Lagoa, o aproveitamento da paisagem, que a gente tem ali, e uma rampa, um atracadouro, alguma coisa que a gente pudesse fazer com que o pessoal que anda de kite, de *jet-ski*, porque a gente não tem nada [...] pra ser utilizada pro lazer náutico, pro esporte náutico! [...] Mas infelizmente nunca andou, até hoje tudo continua meio estagnado! [...] Até, culturalmente, como a gente não tem, como a gente não oferece isso pra comunidade, culturalmente nem a própria comunidade, reconhece aquela riqueza que tem ali! [...] a gente reconhece o [Balneário do] Cassino, mas não aproveita a Lagoa como deve aproveitar! [...] (E53, RG, representante do setor público).

[...] e em Rio Grande, por incrível que pareça, tu para pra analisar, cadê nossa praia da Laguna? Não tem! [...] [Na Rua Henrique Pancada] Claro que tem as crianças, que tem uns trapiches ali, e elas se jogam ali, até porque tem muitos pescadores que vem, que moram pela volta ali, então eles conseguem chegar ali, mas a praia em si, não tem. [...] A Marambaia [na Ilha dos Marinheiros] tinha um, eu acho que dava pra tomar banho, mas é muito pequeno, reservado ainda a comunidade que mora ali, muitas vezes são poucas casas que tem esse privilégio! [...] (E55, RG, operadora turística).

Ainda em Rio Grande, citam situações em que as paisagens lacustres são tornadas invisíveis às sociedades, diante da ocupação desordenada e irregular das margens em certos pontos da cidade. Com isso, os sujeitos alertam para a perda de oportunidades, ou mesmo a inviabilidade de uma refuncionalização turística e de lazer em certas paisagens lacustres, devido à perda da qualidade das águas e dos ecossistemas correlatos, ou, ainda, por situações de restrição quanto ao acesso e a visibilidade paisagística. Os exemplos da Rua Henrique Pancada

e do Saco da Mangueira (ponto 34), são trazidos pelos entrevistados como paisagens cujos valores naturais, estéticos e de uso produtivo pela pesca diluem-se em problemáticas sociais e ecológicas, conforme relatam:

[...] é a ocupação desordenada, né, na margem da Lagoa, de qualquer jeito, em qualquer lugar, tu vai vendo ali na [rua] Henrique Pancada todas aquelas, né, vai pra dentro ali mais ainda, tu imagina que o lixão de Rio Grande era na beira da Lagoa, gurria! Tu sabe disso? É, tá até hoje resquício dele lá [...] pra tu ver o que que é o descaso, né, e a falta de percepção dum lugar, pensar que é um lugar, que ali é, como é que tu trata uma maternidade, né? O estuário é uma maternidade! É o que sustenta, e é isso que as pessoas não têm essa compreensão, de que coisas que tão acontecendo, o esgoto, o lixo, uma pesca predatória, que isso vai desqualificar, descaracterizar o ambiente, entendeu? Então acho que isso, acho que é o principal conflito, os principais conflitos [...]. (E29, RG, representante de ONG ambientalista).

[...] Ali [no Saco da Mangueira], ao longo do tempo a [nome da empresa] jogava produtos químicos dentro dele, porque ficaram nos fundos da refinaria [...], tudo que tinha direito jogava dentro dele, os esgotos da cidade, basicamente metade dos esgotos da cidade vão tudo pra dentro dele, e ali historicamente o que que ele era? É, o ponto de reprodução de peixes, de camarão, de linguado, de gorfina, enfim, era uma biodiversidade extraordinária no campo da piscicultura, e os peixes, claro, reduziu extremamente o manancial e ela está extremamente poluída [...] tu acaba degradando espaços que ecologicamente teriam um baita potencial pro turismo como o Saco da Mangueira [...]. (E7, RG, professor e pesquisador universitário).

No caso de Pelotas, os conflitos em torno das paisagens lacustres voltam-se, principalmente, para a zona da Praia do Laranjal, onde o crescimento urbano tem sido marcante na transformação paisagística nas últimas décadas. Os entrevistados percebem essas mudanças como degradação visual e física das paisagens, devido à deposição de lixo, à poluição das águas pela diluição de efluentes domésticos e agrícolas, às barreiras visuais pela implementação de infraestrutura na orla da praia, além do aterramento de banhados, da depredação de remanescentes de Mata Atlântica, entre outras questões. A problemática da balneabilidade é emblemática nessa parte da orla lacustre, havendo divergências entre aqueles que acreditam ser “um mito”, um preconceito com as formas das águas doces (escuras, trazendo sensação de sujeira), e que levantam dúvidas quanto à mensuração da balneabilidade pelos órgãos competentes; e outros que defendem o problema do saneamento como histórico na localidade, argumentando que mesmo após a criação da estação de tratamento de esgoto, não houve adesão dos moradores locais na ligação de suas residências à rede pública, em função da taxa do serviço. Como cita Gravari-Barbas e Jacquot (2016a), o desenvolvimento de certas práticas recreativas e turísticas em espaços de águas é condicionado pelo desafio da qualidade ambiental enquanto condição de possibilidade. No caso da Laguna dos Patos, emerge a questão da qualidade da água e dos ecossistemas associados, interferindo na prática do banho, sendo essa

uma reivindicação bastante frequente nos relatos sobre a orla de Pelotas. Os sujeitos ressaltam os reflexos na atração de turistas e a percepção visual de um número reduzido de pessoas que se banham nas águas lacustres, segundo os relatos:

[...] balneário maravilhoso! Desde que melhore questão de saneamento e higiene, e serviços, é realmente maravilhoso, e essa questão do esporte náutico é, e aqui tá crescendo a olhos vistos, agora tem dois empreendimentos aqui com venda de barco [...]. (E23, PEL, representante de comitê de bacia hidrográfica).

[...] tinha que ser tomada alguma providência pra acabar com esse esgoto, essa coisa. Tratamento pra se poder... eu entro na água, pra mim não vai fazer a menor diferença, mas tu poder vender e dizer: "ó, aqui na frente [da pousada] vocês podem tomar banho!". Eu não posso dizer... Como é que eu vou dizer, fazer propaganda: "Venham tomar banho na Lagoa dos Patos!" Aí, chega aí e é impróprio! É complicado! [...]. (E40, PEL, operador turístico).

[...] porque eu lembro que nos anos 90 a Praia do Laranjal era muito mais, é, ocupada tanto pela população local quanto por turistas de fora, e eu acho que essa decadência do turismo no Laranjal se deve muito à água com problemas [...] não tem como tomar banho, e se não tem como tomar banho, os turistas não querem nem saber, as pessoas vão pra outros lugares, embora o Laranjal seja muito mais prazeroso de tá do que o [Balneário do] Cassino, por exemplo, no meu ponto de vista, tem sombra, tem água fresca, enfim, tem um ambiente muito mais agradável com calçadão, né, com um monte de árvore, com pracinha, e aí quando tu vê tá todo mundo na areia, do calçadão pra rua e tu olha pra dentro da água tem pouca gente [...]. (E10, PEL, professor e pesquisador universitário).

É possível notar, na figura 11, a expansão imobiliária na Praia do Laranjal avançando para a área da várzea do Canal de São Gonçalo, no limite sul do município, na orla da Laguna dos Patos, pressionando a área destinada à RPPN e entornos de banhados, dunas e matas. Essa área denominada Pontal da Barra (ponto 9), que já foi anteriormente abordada pelo seu potencial turístico, pedagógico-educativo e científico, é também um dos principais espaços de conflitos na zona estudada. Criada em 1999 (SIMRPPN, 2018), essa UC não está efetivada de fato, mas esteve associada aos projetos imobiliários, que foram interditados por ações judiciais, e que ainda hoje se mantém em situação de tensão, sob diferentes interesses envolvidos (público, privado, terceiro setor, moradores locais). Desde os anos 2000, essa área é pauta de reivindicações de determinados segmentos da sociedade (em especial movimentos ambientalistas e universidades), sendo alguns desses representantes entrevistados nessa investigação. Para esses sujeitos, a função turística, por um lado, se associa à pressão imobiliária, contribuindo à transformação socioespacial nas proximidades dessa localidade, mas, por outro, também pode ser uma possibilidade de valorização e conservação do patrimônio paisagístico dessa área de banhado, apoiando a disseminação dos conhecimentos sobre sua relevância patrimonial. O potencial turístico se associa à reivindicação pela criação de UCs,

consideradas de pouca expressividade nesse recorte espacial, configurando-se em um desafio político, local e regional, como narrado pelos sujeitos:

[...] Hoje o Pontal da Barra que é a cereja do bolo, digamos assim, nos dois sentidos, ela vem pra, é o alvo, é o objeto de uma construção imobiliária que só vai pra frente porque existe uma certa ignorância das pessoas com relação ao potencial daquela área e a importância ambiental e cultural daquela área, talvez se a gente tivesse alguns empreendimentos turísticos ao redor e que chamassem a atenção pra valorização e importância daquela área, a gente estaria numa outra situação [...] então, pra mim, o turismo na Lagoa dos Patos é isso, é um problema e é uma solução, né, eu não sei como resolver isso porque é muito complexo mesmo [...]. (E10, PEL, professor e pesquisador universitário).

[...] pra incentivar o turismo [...] eu penso que ter essas, né, identificação de áreas, que se destacam das demais [...] se o objetivo é justamente usar elas pro turismo, pra sociedade, pra comunidade como um todo tem que criar algum mecanismo que assegure a salvaguarda dela, né, então tu passa pras ferramentas que têm essa possibilidade, a primeira ferramenta é unidade de conservação [...] [em Pelotas é] fraco, não tem, só tem o [a RPPN] Pontal da Barra que é uma unidade de conservação, vamos dizer, não efetivada [...]. (E15, PEL, professor e pesquisador universitário).

A instalação de condomínios residenciais privados tem avançado nos últimos anos para as imediações das praias lacustres e, de forma mais evidente no caso de Pelotas, para as margens do Canal de São Gonçalo e do Arroio Pelotas, passando a atrair novos residentes, tornando-se áreas cada vez mais visadas pelos empreendimentos imobiliários. Na fala do sujeito residente da Praia do Laranjal (E2), talvez a chegada dos condomínios possa oferecer melhoria da infraestrutura e serviços públicos, pois é a “cidade” que avança em direção à praia. Isso também tem repercutido em transformações das representações paisagísticas relacionadas à praia, ao rural, como cita a representante do setor público (E58), ao tratar da instalação dos grandes condomínios residenciais, conforme visualizados na Figura 11 (entre os pontos 5 e 12):

[...] agora no verão tu vê [...] os caras capinando, limpando, mas vem pra cá em março, abril pra tu ver, nem caminhão de lixo passa! Então agora que eu acho que vai começar, com esses condomínios todos que vão sair aí [nome dos empreendimentos] o Laranjal tá se tornando não mais uma praia, faz parte da cidade já, ela tá sendo absorvida pela cidade já [...]. (E2, PEL, residente da Praia do Laranjal).

[...] [do segundo acesso ao Laranjal, no sentido centro de Pelotas-Laranjal] ao lado esquerdo, que era tudo rural, eles liberaram pra condomínios de 35 hectares, eu acho, eu não tenho certeza! Eles mudaram a lei, é uma cidade! Se tu olhar, ele é capaz de ser igual a uma cidade pequena do Estado do Rio Grande do Sul. Então, tem dois hoje, já! [...] e depois ficou um resíduo de um produtor de leite! Então, ainda tu vê uma vaquinha de leite, tu vê alguns animais. E depois fizeram o [nome do condomínio] e aí mexeram com tudo! Pra mim, mexeram com tudo! Porque eu chego em casa à tardinha, eu saio de manhã, eu vejo a luz do amanhecer, e no retorno eu vejo o pôr-do-sol, eu vejo o Monte Bonito [área rural de Pelotas] lá do Laranjal. E agora já começou a ficar difícil. Esse lugar que ainda tem as vaquinhas, ele tá sendo preservado, mas eu acredito que é uma reserva de mercado! Que quando oferecerem o dinheiro que ele quer, ele vai permitir também! E se a lei permitir a construção, eles

vão ocupar! Ele tem assim, é um lugar que tem dias que tu passa e tem um açude, tem dia que tu passa e não tem açude! Tem dia que tu passa e tem cavalo, outro dia tem boi [...] ela também é uma paisagem dinâmica, da natureza se alterando e mostrando também a atividade humana, uma coisa meio rural! E essas alterações urbanísticas vão nos tirando isso! [...] (E58, PEL, representante do setor público).

Esse cenário reforça o que foi encontrado por Ribeiro (2003), no estudo sobre o Turismo nos lagos costeiros do Rio Grande do Sul, onde ressalta que o desinteresse político-administrativo diante do potencial turístico e de lazer teria favorecido a exploração e valorização imobiliária gradual das áreas de maior apelo paisagístico, em especial nas proximidades dos corpos hídricos. Essa percepção sobre o avanço do interesse imobiliário também foi relatada em São Lourenço do Sul e São José do Norte, exceto em Rio Grande, onde as paisagens lacustres denotam outras representações. Com isso, revelam-se pistas sobre uma possível busca das sociedades pelas áreas próximas às paisagens de águas para fins não apenas produtivo ou de uso social, pelo Lazer e Turismo, mas talvez um interesse renovado da função residencial, trazendo solidariedades conflitivas entre os diferentes usuários e suas práticas:

[...] aí tu vai ver os arroios que deságuam na Lagoa dos Patos também, todos, a mata ciliar já tá restrita a três metros talvez, isso é muito, né, então essa falta de preocupação, né, com a preservação desses ambientes por parte da monocultura [principalmente do arroz], né, da própria exploração imobiliária assim também, né, que a gente vê em São Lourenço, aqui no Arroio Pelotas, no Canal São Gonçalo também, as pessoas querem morar perto da água, aí quase moram dentro, né, tipo, sem cuidado com esgoto, né, sem cuidado com transporte [...]. (E27, PEL, representante de coletivo socioambiental).

Nesse cenário de mudanças nas (re)significações e (re)apropriações e usos das paisagens lacustres, expandindo-se mais amplamente para as paisagens de água da PCRS, emerge a questão da acessibilidade. Nos relatos há referências sobre as preocupações de que sejam garantidos o acesso físico, no que concerne às práticas relacionadas à água, que é também uma solicitação de acesso visual às paisagens lacustres, citado entre os critérios importantes na avaliação dos locais turísticos pela *ÉQUIPE MIT* (2000) - a existência de abertura paisagística do local. Entre os sujeitos usuários da Laguna, há posicionamentos que avaliam a condição restritiva desses acessos na atualidade, limitados principalmente pelas propriedades de plantações de arroz, de *Pinus elliottii* e *Eucalyptus* ou propriedades privadas na orla lacustre. A questão da acessibilidade então se conjuga fortemente à reflexão sobre a concepção e a trajetória evolutiva do local turístico, e nesses recortes espaciais pode ser ilustrado, de um lado, pela reivindicação ao acesso e uso das margens lacustres, mas, de outro, reforça as pressões sobre a conversão dessas áreas para atender aos desejos das sociedades contemporâneas. A pressão pela abertura de novos espaços de praia em São Lourenço do Sul, a conversão das localidades de

pesca como a Praia do Barranco em áreas para lazer e turismo em São José do Norte, ou mesmo os conflitos entre as práticas lúdicas e esportivas pelo uso da orla na Praia do Laranjal, são situações relatadas pelos entrevistados, ilustrando ambas as faces do Turismo (SACAREAU; STOCK, 2003, p. 19). De um lado, as práticas turísticas e de lazer levantam questionamentos quanto ao acesso e uso público dos espaços adjacentes aos corpos hídricos, exigindo determinadas condições de qualidade das águas e dos ecossistemas, e de limitação dos seus próprios usos para fins ecológicos (GRAVARI-BARBAS; JACQUOT, 2016a). Mas, de outro, também pode se revelar mais um fator de pressão, conflitando com os usos tradicionais das comunidades pesqueiras, pela apropriação e uso dos cobijados espaços próximos à orla lacustre. Nos dois exemplos citados abaixo, em São José do Norte e São Lourenço do Sul, os sujeitos retratam essa condição complexa da função turística associada ao lazer e suas interações com a manutenção da cultura da pesca e das áreas de relevância ecológica (juncos e banhados), entrelaçando-se nesses territórios em transformação:

[...] e ali [na Praia do Barranco], também é uma área de conflito, porque o pessoal quer vender pra especulação imobiliária, né! Que é um lugar muito bonito, realmente, mas tem o problema da área, que é área de APP, Área de Preservação Ambiental, e claro, que o pescador, ele é nativo! E como ele é nativo, ele ocupa a área sazonalmente, faz aquela ocupação sazonal! Na época da pesca, ele tá lá, tem uma varandinha, uma casinha pequena, de madeira, e depois ele volta pra cidade, ou pra vila onde ele mora! É, são temporários! Área de camarão, então gera um conflito com o turismo! [...] Mas é área de conflito, porque é área de pesca, né! Não é um balneário, mas já está se transformando. Porque todo o fim de semana tá muito lotado! Mas falta infraestrutura, porque por ser uma área de pesca, aí complica! E o pessoal deixa o lixo, e isso vai trazendo problemas, né! [...] (E51, SJN, representante do setor público).

[...] e aí quando vê, você vê uma perspectiva de valorização. Até essa fala "Ah, mas os turistas vêm e precisam de mais praia"[em São Lourenço do Sul], e assim, isso na verdade deveria ser valorizada essa paisagem, no meu entendimento. Até porque é uma valorização das pessoas como parte da paisagem. É isso né! E talvez melhorar as condições de trabalho deles, porque eles têm uma série de dificuldades em relação à questão da relação cotidiana do trabalho. Então cê poderia fazer isso e aí o turismo seria uma consequência disso, de valorização [...] mas isso às vezes é a visão que a cidade, que a administração pública tem sobre seu próprio espaço e usa do turismo pra justificar [...]. (E62, SLS, professora e pesquisadora universitária).

Nessa interação com a função pesqueira, o Turismo é geralmente compreendido pela sua capacidade de “sinergia” com a cultura e os espaços da pesca, pelo engajamento à manutenção desses valores paisagísticos e patrimoniais. Mas a valorização dos pescados da Laguna pelo Turismo, por meio da gastronomia, seja disponibilizando-os nos restaurantes locais ou em eventos gastronômicos, seja no comércio direto ao turista, são apontados como potenciais ainda não ativados. A percepção da redução dos pescados e da escassez da safra do camarão (desde 2012) é bastante frequente nos relatos, relacionando-se com a prática turística

de forma ambivalente: de um lado, a função turística é vista como alternativa socioeconômica às comunidades de pescadores, ainda pouco trabalhada nesse sentido; por outro, a concomitância da safra do camarão e da temporada no verão podem trazer situações de conflitos nas comunidades pesqueiras. Diante desse cenário, são trazidos os casos de São José do Norte e São Lourenço do Sul:

[...] bom, a questão do Barranco [em São José do Norte], é que lá é uma praia de pescadores. Como faz um bom tempo que não tem camarão, nós estamos já há várias safras sem camarão, o pessoal começou a ir pra lá como área de lazer! E tá ocupado bastante como área de lazer! Só que se der uma safra de camarão, gera conflito, porque ali é área de pescador! Então, vem sujeira e enfim, e quem é da área turística, não tem muito a quem reclamar, porque é uma área de pesca! Então, mesmo que eles queiram que tenha, que a prefeitura, como eu vou dizer, facilite o turismo, é complicado, por que é uma área de pescador! [...] (E51, SJN, representante do setor público).

[...] o interior [de São José do Norte], Barranco, Capivaras, que é todo de comunidades de pescadores que se beneficiam em função da pesca, e acho que eles nem se dão conta de toda a riqueza que a Lagoa pode vir a trazer! Até pensando no desenvolvimento turístico, né! O que eles poderiam usufruir, ou oferecer pro turista ao contemplar os passeios ou atrativos da Lagoa, que ainda não são trabalhados [...]. (E52, SJN, professora e pesquisadora universitária).

[...] então esse turismo, vamos supor, mais gastronômico, que faz uma relação com o produto da Lagoa, né, que é oriundo da pesca, eu acho que não tem. E aí acaba que eu acho, que o turista vem com esses valores, que são valores globais, pra mim o turista é um turista que vem de fora sempre independente do lugar. Vamos supor, a massa do turismo, ele é muito um cidadão global né! Que ele cria, ele idealiza determinadas coisas. Desde a discussão de que a água tem que ser azul [risos] que é uma idealização da água né! Então assim, se a água é marrom, se a água é doce, ela é desvalorizada né! Então que vem com essa coisa da simbologia. Como na questão da alimentação vem muito do tipo... claro que ninguém chega aqui querendo comer lagosta né... mas assim, quer lagosta, camarão e dois, três tipos de peixe. E cê tem toda uma outra variedade de produtos que poderiam ser valorizados e que não são. E aí não tem na cidade [...]. (E62, SLS, professora e pesquisadora universitária).

E como a paisagem é, simultaneamente, marca-matriz das sociedades (BERQUE, 1998), sua percepção também está condicionada aos usos e ocupação do território ao longo do processo histórico, demonstrando que o significado da Laguna dos Patos hoje está atrelado às sucessivas escolhas políticas e socioeconômicas. Uma questão que surge nas entrevistas é a mutação dos referentes paisagísticos de um “mundo hidroviário” para um “mundo rodoviário”, e, com isso, alguns entrevistados justificam um certo abandono da navegação na Laguna dos Patos, devido aos investimentos na expansão das estradas desde as décadas de 1950 (MMA, 2006), como nessa reflexão sobre as vivências das diferentes gerações de uma família com a Laguna dos Patos:

[...] [minha] mãe dizia assim: "Tá, mas isso não é novidade, porque eu viajei muito pela Lagoa dos Patos! Porque a gente ia [de São Lourenço do Sul] lá pra casa das

minhas tias, em Rio Grande, e nós íamos de barco! Íamos e vínhamos de barco!" Digo, mas que coisa! Porque eu tava num mundo rodoviário! Entende? Todo mundo indo pra Pelotas, indo pra Rio Grande, indo pra Porto Alegre, e todo mundo indo por ônibus! [...] (E5, SLS, pesquisador independente).

Hoje, esse mundo da navegação é presente sob a forma de esportes náuticos e de algumas iniciativas isoladas de barcos que oferecem passeios turísticos. Para a maioria dos entrevistados, são as dificuldades da navegação, pelas condições físicas e climáticas da Laguna dos Patos, que inibem um melhor aproveitamento turístico, exigindo investimento e planejamento adequado às limitações locais:

[...] o que dificulta muito em Rio Grande é o frio! Uma embarcação aberta! Porque uma escuna, geralmente ela é aberta! Às vezes eu dizia pra ele: "a gente tem que arrumar uma maneira de, não fechar ela [a escuna que operou por um tempo em Rio Grande] toda, mas de dar uma arrumada nela toda por causa do frio, pensar em alguma coisa!" Mas era aberto! Então se chovia, cerração, já não podia sair! Um dos principais fatores é a dificuldade de manter ela no inverno! Climática! Fora um pouco mais de divulgação, talvez sáísse, mas o maior problema ainda é do clima! [...] (E55, RG, operadora turística).

[...] somente se houver embarcações adequadas! É! Pra existir investimento voltado ao mar, tem que ter, boa embarcação, e adequada para o local onde ela está operando! Tem que haver retaguarda de apoio a essa embarcação, e tem que haver um bom serviço de divulgação! Porque seriam pioneiros. [...] olha, eu gostaria que existisse um turismo [com embarcação], né! Mas que fosse uma coisa legal, uma coisa bem fundamentada. Porque levar as pessoas ao desconforto, ninguém volta! [...] Deverá estar compatível na proposta esse olhar do clima, da oceanografia, da climatologia, da geografia, e associado a isso a atividade! Mas pra isso, tem que ser alguém que tenha esse *feeling*! [...] (E57, RG, representante do terceiro setor).

[...] agora, a grande dificuldade que a gente tem, é o nosso clima! Porque nós estamos no verão, e mesmo no verão tem dias com vento mais forte, com temperatura mais baixa, com chuva. E o inverno nosso é bem rigoroso! O inverno, tanto o pescador como nós que ficamos treinando a navegação, mesmo no inverno, ele castiga muito, tem que ter experiência, o tempo pode mudar muito rápido, e a gente tem o zelo, e percebe a dificuldade do pessoal! E tem que tá preparado [...]. (E44, RG, representante do movimento escoteiro).

Na questão dos esportes náuticos, são enumeradas dificuldades de infraestrutura adequada para esse desenvolvimento, como a inexistência de marina pública nos quatro municípios. São relatadas resistências no diálogo entre os sujeitos do Turismo e os sujeitos relacionados aos clubes e escolas náuticas, no que concerne às possibilidades de acolhida da função turística junto aos seus estabelecimentos, principalmente diante das potencialidades dos eventos náuticos que esses atores já têm realizado na área de estudo. Sobre as dificuldades de se planejar uma acolhida turística de um público de navegadores da Laguna dos Patos, hoje direcionada exclusivamente aos meios de transporte rodoviários, um dos entrevistados comenta:

[...] as pessoas hoje chegam na Lagoa e chegam nos municípios por terra, a maioria, né, mas por que não chegar por água? E essa infraestrutura nós não temos, da chegada por água, em alguns clubes náuticos, mas aí é fechado como eu te disse, né, aonde é que tem um píer público, por exemplo, para que uma pessoa que chega de barco pela Lagoa possa atracar e almoçar num restaurante no Laranjal, então nos falta essa infraestrutura, né, náutica na região, em toda. Em toda, porque tu, se tu encontrar, se um cara, se uma pessoa, né, uma pessoa que quer chegar em Tapes e atracar com seu barco ali nesse lugar, se ele não for sócio daquele clube ele não vai conseguir, ou então ele tem que talvez pagar uma taxa, mas eu acho que, eu não sei se os clubes oferecem essa possibilidade, entendeu? [...] (E22, PEL, representante do Sistema S em Turismo).

Com relação à expansão dos esportes náuticos, motorizados e não motorizados, já são relatados alguns casos de conflitos entre os praticantes e os banhistas, ou mesmo a intervenção da Marinha do Brasil na intermediação dessas questões. Nesse caso, nem todos os municípios contam com uma regulação desses usos da orla lacustre, sendo também relatados problemas na identificação dessas zonas ou mesmo na atualização dessa discussão, diante das crescentes demandas de novos usos recreativos. A precariedade na fiscalização, das águas e das margens lacustres, são preocupações recorrentes nas falas dos entrevistados, relatando o aumento das práticas aquáticas a motor (lanchas, barcos e *jet-skis*), e também o desconhecimento público sobre as formas de apropriação das margens para fins agrícolas, residenciais ou de florestamento. Atenta-se para o caso similar apresentado por Vernex (1996a), dos lagos alpinos franceses, onde o aumento progressivo do uso de barcos (principalmente motorizados) tem evidenciado conflitos crescentes entre práticas balneárias e esportivas, trazendo a problemática da percepção de saturação pelas sociedades, diante da frequência e usos concentrados nos meses de verão. Algumas das percepções dos entrevistados sobre essa discussão dos conflitos e impactos decorrentes dos usos e apropriações da orla lacustre, das inconsistências entre as leis e a prática de fato nessas paisagens de águas, são evidenciadas nesse recorte geográfico:

[...] eu acho que conflito com embarcações que, a motor, né, porque polui a Lagoa, né, então assim, *jet-ski*, por exemplo, né, a gente vê, e, é, aí eu vou falar do Arroio Pelotas [em Pelotas], né, porque também eles acabam indo pra Lagoa, né, pelo Canal São Gonçalo, mas, que aumentou muito o fluxo de barco, embarcações no arroio e isso tá tendo um impacto forte nas cabeceiras do arroio, porque no momento que bate a água, faz erosão, entendeu? E até, se impacta no arroio, impacta na Lagoa, né [...] deve ter maneiras de prevenção, né, regras, criar regras, né, um regramento, porque hoje não tem, né, hoje acho que não tem muito assim uma regra que possa isso, possa aquilo, não possa, talvez seja um conflito [...]. (E22, PEL, representante do Sistema S em Turismo).

[...] *jet-ski* tem uma determinada área [no Balneário do Cassino], aí os caras tão andando, tem criança ali, né, não sei como é que é função de *jet-ski* ali no Laranjal, também acho que possa ser um pouco complexa, porque o legal, o legal é andar perto da beira pros outros verem, né? E perto da beira as pessoas tão tomando banho, entendeu? É um ambiente, é uma moto, né, com motor, então ela tá poluindo, acho

que no verão os conflitos podem aumentar em relação a isso, né [...]. (E32, RG, professor e pesquisador universitário).

S02 – [...] fazendeiro lá do outro lado da Lagoa [...] os fazendeiros aí têm acesso à margem protegida que é dele ali, das duas limitações da sua cerca, não, não existe como circular [de *buggie*]. S01 – É, os caras se adonam. S02 – É [...] a maioria é posseiro, né, que fazem, os fazendeiros, e os campings, qualquer terreninho lá, a maioria tomou conta daquilo ali por conta e risco e ficou, por que que a Marinha vai se incomodar? [...] ela não enxerga aquelas cercas Lagoa adentro. É revoltante, sabe? É revoltante porque é uma coisa que é pra todo mundo, de todo mundo! [...] (E19 – S01; S02 – SJN, turistas de *buggie* na Praia do Barranco).

[...] por lei, não é permitido tu privatizar praia, mas tem muita gente que privatiza praia, impede o acesso, obstaculiza, quer seja por desconfiância de roubo de gado, quer seja porque, a justificativa que quiser, mas a praia por conceito é um acesso, tem que ter um acesso amplo e irrestrito. Público, isso é regra, mas o pessoal acaba ocupando, acaba ficando dono e meio que privatiza as praias né, então eu vejo problemas nisso. É, os que, pretensos proprietários da terra, porque eles não são proprietários, é terreno de Marinha [...]. (E23, PEL, representante de comitê de bacia hidrográfica).

A função turística relacionada às paisagens lacustres nesses municípios é percebida pelos sujeitos, em sua maioria, como pontual na dinâmica socioespacial, sob iniciativas isoladas, descontinuadas no tempo e no espaço.

Sob o ponto de vista dos representantes do setor público, são elucidados projetos e políticas onde o Turismo interage com outras funções do território (Cultura, Meio Ambiente, Desenvolvimento Rural, Lazer, Esportes, etc), cujo argumento em comum é a dificuldade na disponibilidade de orçamento ou de financiamento para a continuidade desses processos. Eles também descrevem as dificuldades mediante a falta de dados e informações sobre a frequência turística e sua interação com as demais práticas de mobilidades, em especial, predominando um certo desconhecimento do papel socioeconômico desempenhado pelo Turismo nos municípios, sendo um fator negativo na concorrência com outras funções do território no que concerne às políticas locais.

Esses cenários mostram-se bastante particulares em cada município estudado, variando conforme os investimentos e a escolha política e social pela valorização ou não das paisagens da Laguna dos Patos enquanto áreas de interesse turístico, sendo assim sintetizados:

- a) São Loureço do Sul demonstra fazer uma escolha política mais consolidada pelo Turismo no conjunto das funções do território, com ações e espaços mais diretamente ligados às paisagens lacustres, por meio da valorização das praias;
- b) em Pelotas, são as funções residenciais, agrícolas, de lazer e da pesca que predominam nesses espaços lacustres, utilizando-os como imagem complementar na promoção do destino turístico, que hoje está fortemente voltada às políticas de valorização do patrimônio construído, à tradição doceira e a realização de eventos;

- c) São José do Norte apresenta um direcionamento tanto para os espaços do litoral marítimo (na Praia do Mar Grosso), quanto para as paisagens lacustres, demonstrando um crescente aproveitamento do potencial turístico de sua localização geográfica em uma restinga. Ainda, a recente criação de uma associação de operadores turísticos, de uma agência de turismo receptivo e de novos meios de hospedagem junto às paisagens lacustres (localidades da Barra, Cocuruto e Barranco), tem reforçado a articulação local pela ampliação do peso político e socioeconômico do Turismo no município; e
- d) Rio Grande, por sua vez, revela uma função turística ainda estagnada no Balneário do Cassino, com espaços e iniciativas mínimas e isoladas quanto ao aproveitamento paisagístico e patrimonial da Laguna dos Patos pelo Turismo e outras práticas associadas.

Os demais sujeitos operadores turísticos, do terceiro setor, turistas e residentes reclamam uma falta de interesse e iniciativa pública, mas também privada, que seja direcionada e qualificada para a função turística, além da ausência de investimentos e de divulgação no setor, e da inexpressiva capacidade de regulação e gestão dos espaços e usos relacionados à Laguna dos Patos.

Também são elencadas descontinuidades de propostas e projetos, a exemplo da revitalização do Rincão da Cebola e do Molhe Oeste, em Rio Grande, a efetivação da RPPN Pontal da Barra, em Pelotas e da Revis do Molhe Leste, em São José do Norte. Designados pelos entrevistados como áreas de importância para a função turística local, porém, muitas vezes negligenciadas, onde a ressignificação do sentido patrimonial paisagístico poderia trazer possibilidades de (re)composições entre o Turismo e o Lazer, a cidade e suas paisagens de águas.

Aliado ao fato do Turismo ainda não figurar como prioridade nas políticas locais, outra questão levantada pela *ÉQUIPE MIT* (2000) para avaliar os locais turísticos é a postura das sociedades em relação ao Turismo. Quanto a isso, alguns sujeitos percebem indiferença, descrença ou desconhecimento local sobre a função turística e suas potencialidades, ou a sensação de desprestígio das paisagens lacustres pelos próprios residentes ou pelos empreendedores do Turismo, como se pode notar nos argumentos referindo-se a São José do Norte, Pelotas e Rio Grande:

S01 - [...] assim, tem algumas coisas que tem que ajustar [em São José do Norte], não é que tá ruim, tem que ajustar, o pessoal ainda não acredita no potencial do turismo, entendeu? Eles não trabalham com turismo, pra ti trabalhar com turismo tu tem que

trabalhar quase que 24 horas e o pessoal é meio que limitado a horários, então... de ter uma pousada na cidade que sábado de tarde a pessoa não abre a pousada [...] então isso, isso é uma das dificuldades nossas aqui [...]. (E21, SJN, operador turístico).

[...] eles não acreditam muito: ‘o que você tem é importante!’ Eu ainda acho que a autoestima é baixa [em São José do Norte], em relação ao que pode acontecer, ao que pode oferecer, e a cidade tem tudo isso, né! Eles também não acreditam muito! Não pelo turismo existir e não ter feito nada, mas mesmo porque eles... sei lá! Acostumaram com esse modo de vida e pensam: ‘o que as pessoas vão vir aqui, vão fazer o que, vão ver o que?’. E tem toda essa riqueza, então isso que poderia ser melhorado! [...] (E50, SJN, representante do setor público).

[...] eu acho que ainda, o turismo é desacreditado [em São José do Norte]! As pessoas ainda não conseguem visualizar o turismo como uma alternativa econômica, digamos. Então, talvez os próprios pescadores ainda não acreditem no turismo, mas não tenham esse conflito! Talvez seja falta de informação! [...] (E52, SJN, professora e pesquisadora universitária).

[...] e me parece que as vezes, o pelotense não tem este olhar! Não me refiro a todos, mas parece que a grande maioria, parece que tem um certo preconceito da praia que tem! Não sei se por ser água doce, porque... enfim! Eu acho linda, tenho um orgulho enorme, adoro lá [...]. (E56, PEL, representante do setor público).

[...] talvez historicamente faltou também, é, ter desenvolvido um pensamento turístico dentro de Rio Grande, isso também teria sido muito importante, um pensamento de valorização do meio natural, de ter aproveitado os espaços que a natureza nos deu [...]. (E7, RG, professor e pesquisador universitário).

[...] então as dificuldades que eu vejo, primeiro é a falta de uma política específica pra isso [...] a outra é, que tá relacionado com isso, é o desconhecimento das pessoas com relação ao recurso, que também vem da falta de uma política que faça as pessoas, tanto que o turismo da região não é um turismo internacional, [mas] um turismo mais, talvez [...] pro próprio consumo interno do Rio Grande do Sul [...]. (E6, RG, professor e pesquisador universitário).

A fragilidade das políticas de Turismo nesses municípios reflete-se, por exemplo, na ausência ou carência da infraestrutura turística, e até mesmo de infraestrutura mínima (sanitários, acessos, recolhimento de lixo, saneamento, sinalização, etc) em diversos locais de interesse turístico, relacionados à Laguna dos Patos. Mesmo assim são espaços muitas vezes frequentados por turistas e residentes, deflagrando o descaso político e social quanto às possibilidades de acesso e acolhimento das sociedades nessa relação mais próxima com as paisagens lacustres.

Nesse sentido, os sujeitos trazem narrativas sobre alguns desses locais de interesse turístico, a exemplo da Ilha dos Marinheiros em Rio Grande, lembrada pelos projetos turísticos descontinuados, pelas precárias condições de acesso, dificultando a chegada dos turistas e residentes, cuja visitação hoje se destina principalmente à prática balneária e de lazer na lagoa que existe no interior da ilha, não havendo nenhum aproveitamento dos potenciais paisagísticos lacustres. Os molhes, tanto em Rio Grande como em São José do Norte, também são apontados como espaços subaproveitados e de infraestrutura mínima inexistente, exceto pela operação do

passeio de vagoneta (Molhe Oeste), que se mantém sob diversos conflitos de regulação do uso e manutenção desses equipamentos e espaços. Esse é lembrado como um dos pontos de maior interesse turístico em ambos os municípios, com um potencial de interpretação paisagístico e patrimonial ainda pouco valorizado, que poderia acolher práticas turísticas e de lazer nessa área de encontro entre águas lacustres e oceânicas. Nas praias lacustres de São José do Norte, os sujeitos reclamam das dificuldades de acesso, sinalização e infraestrutura turística na Praia do Barranco, mas também a inexistência de estrutura de visitação junto ao Molhe Leste. Na Praia do Laranjal, em Pelotas, a infraestrutura turística tem se ampliado nos últimos anos, com a abertura de novos meios de hospedagem e, apesar da estrutura urbana presente na localidade, há relatos de frequente falta de água, problemas de balneabilidade, carências no recolhimento de lixo e outros serviços públicos fora da temporada turística. Mesmo contando com a estrutura de balneário, há dificuldades na manutenção das funções comerciais e turísticas ao longo do ano. Essas solicitações de melhorias nos equipamentos e serviços turísticos e associados ao Turismo nos locais visitados na orla lacustre são elaboradas pelos seguintes entrevistados:

[...] no fim da Lagoa dos Patos tem os Molhes da Barra, né. É, também, pô, ali é um ponto focal turístico importante e bastante, muito frequentado e muito mal orientado e planejado, não tem nenhuma infraestrutura de suporte aos turistas ali, também é uma coisa espontânea, não existe uma infraestrutura de banheiros, sanitários, coleta de resíduos, lixo, então, os trabalhadores que trabalham não são capacitados, não são orientados pra ensinar, explicar pras pessoas o que é que estão vendo ali. Então tem a entrada de navios, que é uma coisa maravilhosa de ver, tem botos passando, e tu tem aquele volume de água que vem de toda a bacia hidrográfica e desemboca ali, então tudo isso são coisas que o turista vem pra ver aqui e que não enx... olha, mas não sabe o que tá vendo, por falta de capacitação [...]. (E6, RG, professor e pesquisador universitário).

S01 - [...] a gente tem muita dificuldade com a estrutura, o pessoal não investe em turismo, é, ontem mesmo a gente tava comentando, aqui é maravilhoso, mas não, não tem um mercado aqui, não tem uma infraestrutura pra tu pelo menos ficar mais tempo, tem que sair pra buscar alimento, gelo, essas coisas, eles não têm a ideia, eles botam um camping assim, atiram ali e deu, né [...] S02 – Neste caso aqui a gente tem que viajar 25 km pra pegar um coisa, né. S01 – É muito longe, e a gente nota assim ó, que no Rio Grande do Sul, eu até comentei isso, eu sou um dos maiores críticos disso aí, porque ele não investe nisso e não deixa se fazer [reclamam das normas ambientais em áreas protegidas] [...] (E19 – S01; S02 – SJN, turistas de *buggie* na Praia do Barranco).

[...] começa a ter pousadas, né, antes não tinha, hoje a gente, eu acho que tem umas três pousadas, ou quatro ali na praia [do Laranjal, em Pelotas], faz com que as pessoas, o turista venha onde tem onde dormir, ficar na praia, né, acho que isso já, porque a nossa praia ela não é, não tem foco no turista, é no veranista, nas pessoas que têm casa, né, eu acho que o foco no turista começa a ter quando tu começa a oferecer infraestrutura, né, começa a ter infraestrutura pra chamar as pessoas, né, hoje já começa a acontecer isso, mas eu acho que precisa muito ainda pra melhorar, a valorização do ambiente praia eu acho que tá melhor, né, porque já tem alguns investimentos, de infraestrutura melhor, com certeza tem que melhorar muito porque

as pessoas que moram lá dizem que não, né, quem mora lá sente o inverno, né, o verão, a gente vai no verão, né [...]. (E22, PEL, representante do Sistema S em Turismo).

Em todos os quatro municípios, os entrevistados fazem referências à dependência de um turismo sazonal, de sol e praia - ou localmente denominado um “turismo de veraneio” -, atribuindo a isso certas fragilidades ao papel do Turismo no contexto socioeconômico local. Com isso, os destinos ficam sujeitos a uma frequência turística que é altamente dependente dos fatores climáticos, concentrada no verão e na orla lacustre, com o objetivo da prática do banho e outras atividades nas praias.

Durante a coleta dos dados (primavera-verão de 2016-2017), os operadores turísticos reclamavam um baixo movimento de turistas na temporada, devido a um “verão muito chuvoso”. Então, se, por um lado, São Lourenço do Sul é reconhecido pelos entrevistados como o município mais “vocacionado” ao turismo de sol e praia, citado como exemplo positivo na valorização das paisagens lacustres pela função turística concentrada na orla; de outro, há uma preocupação constante dos sujeitos do Turismo na busca pela diversificação da oferta e sua distribuição ao longo do ano:

S01- [...] porque o turismo de sol e praia, ele fica bem sazonal, né! Aquele período de dezembro a março, é um período que... S02 - Envolve planejamento, né! S01 - Isso sempre teve, né! De buscar outras alternativas ao longo do ano, já que nós temos a Lagoa, vamos pensar, também em como usar ela pra atrair os turistas, né! [...] (E61 – S01; S02 - SLS, representantes do setor público).

[...] eu acho que pra turismo nós teríamos que ter uma infraestrutura melhor em todos os municípios que tão na beira da Lagoa, porque São Lourenço [do Sul] é um exemplo de que o turismo de sol e praia na Lagoa vale a pena, entendeu? Que ele traz renda, que ele ajuda no desenvolvimento econômico, né, São Lourenço acho que é o exemplo pros outros, né, disso. Também a gente não pode pensar só no turismo de sol e praia, tem o resto do ano pra trabalhar, então tem que ter alternativas, de oferta de produto para o resto do ano, né, pensar em algumas coisas assim, mas eu vejo que se a gente quer trabalhar o turismo realmente voltado pra sol e praia, ou, sem falar só no verão, porque no verão o fluxo ele acontece naturalmente, né, pra onde tem infraestrutura, pra onde não tem, né, ele não é um turista, é o veranista, né, que é o nosso caso, Pelotas, né [...]. (E22, PEL, representante do Sistema S em Turismo).

Os operadores turísticos locais reconhecem as fragilidades dessa dependência, pois mesmo numa sexta-feira, um dia ensolarado de verão (fevereiro), o sujeito (E11) observa a falta de turistas para o passeio de escuna. O professor e pesquisador universitário em Rio Grande (E7), também usuário de segunda residência em São Lourenço do Sul, observa essas mesmas dificuldades ao visualizar a praia com pouca frequência durante a alta temporada:

[...] isso aí tá muito, muito pouco divulgado, muito pouco difundido, podia ser bem melhor, tanto é que hoje tu vê um dia maravilhoso aí e não tem turista, né, não sei se

é o problema, financeiro, problema no estado, no governo do país, porque não é só nós aqui, né [...]. (E11, SLS, operador turístico).

[...] as crises foram pegando, não houve um crescimento, a cidade lá também está estagnada e o que eu percebi assim, veraneios, os três que eu aproveitei lá nos últimos anos, todos foram, segundo os comerciantes locais, fracassados, nenhum foi veraneio que eles consideraram como bons, muito esvaziada a praia, tinha dias assim de sol maravilhoso embaixo dos coqueirinhos em que tu contava trinta pessoas embaixo dos coqueiros, né, é, se fosse uma outra praia teria dez mil pessoas ali que nem o [Balneário do] Cassino aqui [...] (E7, RG, professor e pesquisador universitário).

Referindo-se também aos demais municípios, surge nas narrativas um esforço de distinção da frequência dos “veranistas” daqueles realizados pelos residentes e turistas. Segundo os entrevistados, é um Turismo que se volta mais para um público regional, conforme as falas dos sujeitos sobre a Praia do Laranjal, em Pelotas e as praias de São Lourenço do Sul:

[...] mas nós temos que fazer com que as pessoas visitem esses espaços, que elas conheçam esses espaços, que elas visitem esses espaços, e se nós tivermos ações fora da alta temporada, porque a alta temporada tá garantido! Fora da alta temporada, é aí que tu vai fazer um produto turístico mais eficiente! Porque hoje o veranista que ali está, são os moradores, os visitantes dos moradores, e as pessoas que obviamente vão na praia porque tá verão, porque tá calor, porque vão passar o domingo no Laranjal! Agora durante, fora dessa sazonalidade de verão, tu vê muito pouco! Tu vê as pessoas que vão tomar um mate, as pessoas que vão fazer uma caminhada, mas tu não tem uma atividade que atraia o público! Então, nós precisamos de uma atividade que atraia o público local, e aí com o arranjo produtivo do turismo, disseminar isso pela região da Costa Doce! [...] e eu acho que o turista que a gente tem que pensar, ele é mais da região, do que fora da região, porque quem está aqui que começa a circular! [...] (E56, PEL, representante do setor público).

[...] no Laranjal que a gente vê, a praia, óbvio, como maior parte das praias, é verão e muita gente da cidade, até tem gente de fora que vem e tal, mas eu acho que, por exemplo, eu acho que, acredito que São Lourenço é uma cidade que explora muito mais a parte turística de beira de praia, pousadas e etc., e a gente acaba pegando alguns clientes, né, que vêm de fora assim, mas eu acho que o maior número de clientes nosso é local assim, é local ou é estudante de fora, quem realmente mora na cidade assim, muito pouca gente de, é, no universo de alunos [da escola náutica] é pouca, ah, é muito pouca, não, mas no universo que a gente tem, quantidade de pessoas é, acabam sendo poucos que vêm “ah, tô de férias em Pelotas, querendo fazer um curso” já teve esse [...]. (E14, PEL, praticante e instrutor de esportes náuticos).

As práticas, os espaços e os sujeitos do Turismo se entrelaçam com outras formas de mobilidades, principalmente do Lazer, de tal forma que não parece coerente dissociá-las, pois coabitam nos mesmos espaços. Quanto a isso, sugere-se a continuidade dessas análises sobre as diferentes práticas de mobilidade e sua compreensão diante das dinâmicas do mundo contemporâneo (SACAREAU; STOCK, 2003), demarcado pela “sociedade dos indivíduos móveis” (STOCK, 2005). Porém, esse estudo concentra-se na mobilidade turística, associada às dinâmicas re-criativas em difusão, influenciando novas (re)composições socioespaciais nas sociedades contemporâneas (CERIANI-SEBREGONDI *et al.*, 2008; DARBELLAY; STOCK,

2012).

O Turismo é exaltado nas falas dos entrevistados sob a noção de “vocação”, de “atração”, de atributos (principalmente) físicos e históricos que atraem os sujeitos (*ÉQUIPE MIT*, 2008; CERIANI-SEBREGONDI *et al.*, 2008; VERNEX, 1993), aparecendo nas expressões “a Lagoa já é atrativo por si só”, “a natureza que nos deu”, “está aí pronto”, “no verão está garantido”. Mas as insuficiências dessa abordagem também emergem nos posicionamentos dos entrevistados, vinculado à noção de “projeto”, de “eleição”, de “intenção” dos sujeitos conforme proposto por *ÉQUIPE MIT* (2008) e Ceriani-Sebregondi *et al.* (2008). Com isso, evidenciam o entendimento do Turismo como uma escolha política realizada pelos atores locais e regionais, onde o turista, e mesmo o residente, ainda são pouco considerados nessa dinâmica:

[...] porque grande parte do pessoal da gestão pública me parece que “ah, a Lagoa dos Patos por si só já é um atrativo” o resto, né, é uma impressão minha, o resto deixa “não, se lotear, ah, se tá dentro da legislação!”. É, então é uma, uma escolha de posturas, né, se se deixar, deixar a maré levar, é uma incerteza [...] [sobre a pressão dos loteamentos na Praia do Laranjal] isso aqui vai continuar, agora, e o resto? E o entorno? Né, é interesse ter uma, é interesse incentivar a proteção e uso dessa área de entorno da Lagoa? [...] (E15, PEL, professor e pesquisador universitário).

[...] então, o nosso papel [em São José do Norte] é articular todos eles e fazer disso um produto! Porque nós temos o produto. Tem que fazer com que as pessoas acreditem nisso. Que já existe, que a natureza deu! E é um espaço que tem toda a infraestrutura, nós temos um bairro lá, com restaurantes, que acabam não abrindo ou abrindo no domingo, porque tu não tem o público frequentador, mas se tu tiver as atividades, a gente consegue com que as pousadas fiquem mais ocupadas, que os restaurantes fiquem mais abertos e tu tá movimentando a economia, tá trazendo gente pra conhecer! [...] (E50, SJN, representante do setor público).

[...] acredito muito no potencial! O Laranjal [em Pelotas] é lindo, tem uma infraestrutura maravilhosa! Tem! Não só uma riqueza da praia e da água, mas o que ela pode proporcionar pro turista, então tá pronto! Se muitas vezes tu vê um local, que tá quase que *in natura* e que atrai pessoas de diversas regiões, nós temos que no mínimo levar o nosso público pra lá! Nós somos uma cidade com mais de 300 mil habitantes! Então, eu acredito muito nesse potencial que a gente tem! [...] (E56, PEL, representante do setor público).

[...] o morador [de São José do Norte], ele tem que entender que ele faz parte e que ele precisa contemplar esse lugar, assim como um atrativo turístico! Não haver essa segregação: “ah, isso foi feito pro turista, e isso foi feito pro morador!”. Acho que a partir daí, ele também vai entender que o turista é algo bom, digamos assim, pro município, de haver essa integração, de despertar essa hospitalidade, né! Pra que eles recebam melhor os turistas! Talvez se eles fossem mais incluídos, a gente teria esse retorno mais fácil! [...] (E52, SJN, professora e pesquisadora universitária).

Também é bastante frequente nos discursos dos entrevistados, a tomada de consciência de que a dimensão turística não ocorre pela escolha política ou socioeconômica de determinados sujeitos e/ou instituições, mas pela capacidade de articulação, coordenação e negociação entre

os atores do Turismo (SACAREAU; STOCK, 2003; CLERGEAU; VIOLIER, 2012). Porém, na maioria das vezes, isso é apontado como um entrave à ativação turística, devido à falta de participação e interesse no trabalho cooperado por parte de alguns atores, ou na descontinuidade das ações de planejamento e promoção turística. O caso de Pelotas é frequentemente lembrado pela dificuldade na participação e cooperação dos diferentes atores, já São José do Norte surge como exemplo recente, a partir da criação de uma associação de empreendedores e associados ao Turismo, buscando superar as limitações, pelo fortalecimento da função turística no município. O desafio de uma maior articulação da rede de Turismo na escala regional é citado como um desafio, no qual os municípios se veem ainda como concorrentes, em detrimento da integração de esforços em ações coletivas pelo fortalecimento da região turística Costa Doce:

[...] só que não adianta atrair um público e a gente chega aqui [em São José do Norte] e encontra uma desorganização, ou não tem lugares pra se hospedar, né! Então, eu acho que tem diversas dificuldades que precisam ser articuladas, com a população, com o poder público, com o poder privado, pra que a gente venha a trabalhar o turismo de uma forma que contemple a grade e contemple o público que tá chegando [...]. (E52, SJN, professora e pesquisadora universitária).

[...] vamos fazer de forma conjunta! Não tem como trabalhar sozinho! As pessoas ainda olham, pra uma cidade desse tamanho [Pelotas], e acham que a responsabilidade é do município. O município tem a responsabilidade, sim, principalmente nós, que somos uma secretaria, meio de fazer articulação e de cuidar dessa logística, e é isso que a gente vai fazer, da melhor forma possível! É articular, é mobilizar, é chamar, é enfim... É montar, mas a ação, ela tem que ser coletiva! Não adianta a gente levar um evento pro Laranjal, se os restaurantes não abrirem, se as pousadas não fizerem uma promoção, pra atrair, tu entende? É uma ação conjunta! [...] (E56, PEL, representante do setor público).

[...] os municípios da região da Lagoa dos Patos, em primeiro lugar eles têm que pensar que eles não são concorrentes, essa é a primeira mudança de mentalidade regional, porque individualmente não vão ter sucesso, no momento que eles descobrirem isso, eles têm que começar a criar essa condição pro investidor, né, de se estabelecer, mas muito mais que isso, eles têm que achar que o turismo é bom, que o turismo vai trazer riqueza pro município, né, e isto, nós não temos esta cultura, as pessoas participam das reuniões, ouvem as ideias, veem os planejamentos, mas a execução depois é mínima do mínimo. Isso tem que mudar! [...] (E8, PEL, representante de associação de cavaleiros).

[...] nós temos que aproveitar o que tem pra gente estruturar, pra ver o que falta, pra gente tá lançando e estruturando. [...] mas o nome da nossa região é Costa Doce, né! A gente não deslança pra isso, a gente atira pra tudo que é lado e a gente não consegue acertar no nosso foco! [...] (E53, RG, representante do setor público).

No que concerne aos conflitos existentes ou potenciais entre o Turismo e outras atividades socioeconômicas, os sujeitos manifestam poucos casos na área de estudo, sendo justificada como uma função recente nos territórios, ainda caracterizada por ações isoladas e incipientes, mas que também pode ser retratado pela forte frequência sazonal pautada no turismo de sol e praia. Mas há certos relatos que abordam uma tomada de consciência sobre os

aspectos negativos causados pelo Turismo, evidenciando a importância do planejamento dessa função de forma integrada às demais funções nas localidades. Quando há relatos sobre conflitos, geralmente referem-se ao uso e apropriação dos espaços de orla lacustre, entre banhistas e esportistas, ou pelo aumento do uso de embarcações a motor, ou, ainda, pelas barreiras físicas ao acesso público da orla:

[...] eu acho que nesse momento ainda não existe muito esse conflito porque o turismo ainda é muito incipiente, né, mas sem dúvida não pode ignorar que o turismo também traz os seus, os seus impactos ambientais, de geração de resíduos e se tu não tem uma infraestrutura de serviços, para coletar, né, esses resíduos e tratar, né [...] isso gera problemas ambientais, né, então [...] eu desconheço algum conflito hoje presente em turismo em outros setores [...] é, eu acredito que mais esteja sofrendo do que afetando outra atividade, por exemplo, que ele se relaciona bem, o turismo com a pesca, não há um conflito, há uma sinergia, né, então, talvez no, e é esse que nós temos que planejar, né, que os novos usos que venham a ter na Lagoa não se conflitem com esse potencial explorado que é o turismo, pra isso tem que ter planejamento, né [...]. (E6, RG, professor e pesquisador universitário).

[...] quem tem proximidade com a praia, especialmente quem mora nas regiões, reclama bastante de não ter turismo, não ter ações voltadas ao turismo na região. Então eu sinto mais dessa forma. Agora, atividades conflituosas eu não tenho nenhum relato. Não conheço nenhum relato de outros municípios [...]. (E63, PEL, representante de APL em Turismo).

[...] conflito, não assim, o nosso maior problema hoje é um pouco de espaço na praia, só, assim que, a praia é grande e tal e acaba que final de semana a galera não respeita a área, que é a zona náutica ali [na Praia do Laranjal, em Pelotas], o próprio pessoal que frequenta a praia, tem as placas ali de marcação da zona e tal e acaba que a galera não respeita, nem dentro d'água também, é, então a gente acaba tomando mais cuidado só pra não machucar ninguém [...]. (E14, PEL, praticante e instrutor de esportes náuticos).

O Turismo associado à Laguna dos Patos é ainda pouco valorizado na área de estudo, diante de outras escolhas políticas e socioeconômicas, que, em alguns aspectos, têm interagido de forma conflitiva com a própria função turística nessas localidades. A prioridade das políticas locais e regionais nas últimas décadas tem se voltado para a instalação de complexos industriais e naval-portuários em Rio Grande, e mais recentemente também em São José do Norte. E também aos interesses da cultura do arroz, fortemente presente em toda a extensão da Laguna dos Patos, do florestamento na margem leste lacustre, e da atual especulação em torno da mineração (no rio Camaquã e na área de restinga de São José do Norte), entre outras atividades. Alguns sujeitos refletem sobre uma imagem de “atraso econômico”, popularmente designada à zona sul do estado, como consequência dos (des)caminhos das sucessivas escolhas, das discontinuidades políticas, pautadas na noção de crescimento econômico, em detrimento do entendimento sobre as potencialidades e fragilidades, ecológicas e sociais, associadas à zona costeira:

[...] há uns anos atrás, que o discurso predominante era: “Não, agora nós temos que poluir Rio Grande, poluir a Lagoa porque a poluição traz desenvolvimento.” Tava diminuindo a pesca e tal, depois tinha aquela “A Lagoa enquanto setor produtivo acabou, agora nós temos que industrializar, agora vamos partir pra indústria pesada!” E esse discurso vem desde a década de [19]70, e eu acho que, eu digo “Não, a Lagoa, a pesca, ela é um recurso muito importante!” [...] Porque nós ainda, governos, nossas lideranças, ainda enxergam a região como um atraso econômico, por quê? Porque tenta importar modelos de desenvolvimento que não são, não se coadunam com as vocações dessa região, então turismo é uma grande vocação. É, o que os governantes não entendem [é] que as zonas costeiras têm que ser tratadas com um olhar diferenciado [...] são ecossistemas frágeis, são ecossistemas jovens, então tu tem que entender quais são os serviços ambientais que estão envolvidos e que não tão sendo explorados [o] que poderiam ser explorados em benefício, né, da comunidade [...]. (E6, RG, professor e pesquisador universitário).

[...] então, claro, historicamente Rio Grande é uma cidade com tantos problemas históricos assim, de falta de recursos, de crescimento, é, sem haver um controle, né, é uma cidade, ela é pobre em tempos reais porque ela é uma cidade industrial, é uma cidade portuário-industrial com ciclos econômicos, ciclos assim de pseudo enriquecimento e depois ciclos de decadência, nós tivemos o ciclo que foi o de enriquecimento do polo naval, e não existiu esse enriquecimento, foi só falácia, “Eldorado do Sul” foi uma grande falácia construída aqui [...] então por isso que eu acredito que historicamente não se conseguiu planificar Rio Grande, né, ela vive sempre ciclos assim de decadência [...]. (E7, RG, professor e pesquisador universitário).

[...] então, quer dizer, o principal entrave é a cabeça desses políticos desenvolvimentistas, né, eles acham que emprego e renda é o que salva tudo e nada tem que ser preservado, ou seja, o conceito de preservação vai até a necessidade de construir alguma coisa e gerar emprego e renda, se a preservação tiver atrapalhando em qualquer sentido, desencana, não importa se é uma coisa bacana do ponto de vista histórico, dane-se. Ambiental? Vai ter bicho? Dane-se. Eles não tão nem aí. É o principal entrave, política pública e da cabeça de político *old school*, né, desenvolvimentista [...]. (E10, PEL, professor e pesquisador universitário).

Dessa forma, os sujeitos questionam os modelos socioeconômicos adotados na região, relatando percepções acerca da deterioração da qualidade das águas, do ar, do solo, dos ecossistemas, principalmente pelo lançamento de efluentes domésticos, industriais e agrícolas na Laguna dos Patos. Com isso, as representações contemporâneas das paisagens lacustres associam-se fortemente ao significado de “depósito de poluentes”, de “diluição de esgotos”, como um reflexo do cenário de descaso político e administrativo e desconhecimento social acerca do patrimônio paisagístico da Laguna dos Patos:

[...] há uma deterioração da qualidade da água... Obviamente, isso tudo, que tem que passar por uma conscientização de todos os governantes, de todas as cidades, que não pode lançar os esgotos, não podem lançar os dejetos na Lagoa dos Patos, nem os seus resíduos industriais e nem agrícolas! Nós temos índices altos de zinco, bário, chumbo no fundo da Lagoa, sedimentados... De questões que têm que ser resolvidas! [...] (E5, SLS, pesquisador independente).

[...] isso aqui é o que a gente chama de Super Porto de Rio Grande, né, que tá situado, e esse complexo todo, aqui é o complexo químico de desembarque de fertilizantes e o de química, é, químico ligado aos combustíveis que chegam, né, e também o

químico ligado à amônia e outros produtos que acabam virando, né, adubo, então é uma bomba atômica isso aqui, né, de fato assim, a quantidade de produtos químicos que tem aqui são toneladas e tal, as emissões atmosféricas são extremamente intensas [...]. (E7, RG, professor e pesquisador universitário).

[...] os grandes ecossistemas do planeta Terra estão representados aqui, mas também os grandes impactos humanos também tão, a parte industrial, turismo excessivo, expansão imobiliária, deposição de lixo, tá tudo aqui nesse microcosmos, então é um, a Lagoa dos Patos é um microcosmos [...]. (E15, PEL, professor e pesquisador universitário).

[...] na verdade, a gente tem a Laguna muito assim, no ponto de vista da água né, eu acho que é subutilizada na verdade e muito ainda depósito de poluentes, tanto dos agrotóxicos - porque a gente tem uma agricultura muito forte na margem da Lagoa com o uso indiscriminado de agrotóxicos que carrega, como depois lá na porção de Rio Grande, de uma intensidade de uso por conta da atividade portuária e da indústria. E aí, eu, pra mim, os pescadores, eles ainda são muito invisíveis e o turismo poderia ser um mecanismo bem pensado de dar a visibilidade a esses povos né, que são povos que têm sua cultura relacionada à Lagoa [...]. (E62, SLS, professora e pesquisadora universitária).

Nesse sentido, os entrevistados especialistas nas áreas de gestão de recursos hídricos reiteram a inexistência atual de um plano de gerenciamento específico da Laguna dos Patos, também apontada por Asmus e Tagliani (1998) e Pereira, Niencheski e Baumgarten (2005). Os territórios relacionados à Laguna dos Patos estão desmembrados em distintas bacias hidrográficas, como nesse recorte do estudo, cujos quatro municípios pertencem a três bacias distintas, conforme a Sema (2018). Isso traz desafios à implementação dos planos de gestão de águas, ao se desconsiderar a relevância da Laguna dos Patos dentro do paradoxo todo-partes (MORIN, 2000; 2003), integrando-a no contexto mais amplo em que se inserem os diferentes espaços de águas da PCRS, conforme relatos abaixo:

[...] e existe, de direito, mas não de fato, um comitê gestor da Lagoa dos Patos, que ele é integrado por representantes de diferentes comitês de bacia que compõem essa bacia da Lagoa do Patos, só que na prática ele nunca funcionou, né, então, eu acho que teria que ter um plano de gestão para essa Lagoa dos Patos. Não, não existe, não acontece ainda [...]. (E6, RG, professor e pesquisador universitário).

[...] do ponto de vista da Lagoa dos Patos, a Política de Recursos Hídricos negligenciou a Lagoa dos Patos, e nós estamos querendo estabelecer um Comitê Gestor da Lagoa dos Patos, foi feito uma iniciativa em 2002, porque nós tamo retomando [...] pra ver se a partir de 2017 agora, a gente começa a discutir o reestabelecimento do Comitê da Lagoa dos Patos [...]. (E23, PEL, representante de comitê de bacia hidrográfica).

Com isso, surge a reflexão, se a Laguna dos Patos representa o sistema lagunar mais extenso da América do Sul (TOLDO JÚNIOR *et al.*, 2006), por que ela é negligenciada dentro das políticas de gestão de águas? A partir das informações levantadas nesta tese, é possível sugerir a necessidade de investigação aprofundada sobre as relações de uso e apropriação das

paisagens lacustres, perante as distintas funções do território e sua trajetória do passado ao presente, uma vez que seus valores paisagísticos parecem “diluir-se” no tempo e no espaço. Com isso, os relatos evidenciam um desconhecimento e descaso social e político diante dos potenciais diversos atrelados às paisagens lacustres (hídrico, cultural, ecológico, científico, patrimonial-paisagístico, turístico, recreativo, etc). Os entrevistados apontam a perda de oportunidades relacionadas ao Turismo, mas também associadas ao lazer, à pesca, aos esportes, ao transporte hidroviário, à geração de energia eólica, à ciência e à educação associadas aos ambientes lacustres costeiros.

Essas situações conflitivas apresentadas pelos sujeitos, no que tange à interação do Turismo com as paisagens lacustres no recorte geográfico sul da Laguna dos Patos, colocam em evidência certas potencialidades, particularidades, identidades e limitações, locais e regionais, que precisam ser consideradas na gestão das águas e dos territórios adjacentes, oportunizando também uma melhor compreensão da natureza e da trajetória evolutiva da função turística. As grandes dimensões físicas da Laguna e sua conectividade a uma imensa rede hídrica colocam em jogo desafios políticos, legais, ecológicos e socioeconômicos, sublinhando questões que repercutem no debate global sobre a gestão das paisagens de água, em todas as escalas geográficas.

Até o momento, tratou-se de valorizar as interpretações episódicas e parciais dos sistemas socioespaciais nesse determinado recorte temporal e espacial, no que tange às percepções e representações acerca do patrimônio associado às paisagens lacustres; as leituras sobre os sujeitos, práticas e espaços do Turismo; e as opiniões locais sobre as potencialidades e limitações nessas interações. Esse processo investigativo então “desemboca” na tentativa de conjugar essas informações coletadas, propondo, na sexta parte, uma reflexão sobre as possibilidades de ação nos encontros entre as paisagens lacustres e o Turismo.

6ª PARTE – “O MUNDO DAS ÁGUAS PRESENTE NA VIDA DOS SUJEITOS” - PROPOSIÇÕES DE ENCONTROS ENTRE PAISAGENS LACUSTRES E TURISMO

Nesta parte da tese é realizada a integração dos procedimentos e das informações coletadas, com o intuito de ampliar a análise e interpretação, propondo possibilidades de ação nos encontros entre as paisagens lacustres e o Turismo (objetivo 5). Alguns aspectos que surgiram ao longo dessa investigação são aqui retomados e apresentados sob a forma de uma agenda de sugestões, pela valorização do sentido patrimonial relacionado às paisagens lacustres.

A partir dessa etapa, nos propomos⁷⁷ a uma reflexão mais profunda sobre a realidade dos quatro municípios localizados na porção sul da Laguna dos Patos, de maneira individual e conjunta, no que tange às especificidades e identidades paisagísticas reveladas, contemplando-as sob a perspectiva do Turismo. Resgatamos aqui a multiplicidade de leituras reflexivas e dialógicas realizadas pelos sujeitos entrevistados, mediados pelas práticas turísticas e outras práticas, realizadas nos e com os espaços turísticos e não turísticos. Retomamos também os múltiplos sentidos e valores das paisagens lacustres evocados nas narrativas, nas observações que realizamos no campo de estudo ou em outras formas de representação paisagística.

Essas sugestões não se encerram em si, mas convidam a um constante repensar o prisma do Turismo, em seu contexto local e regional, e suas conexões multiescalares e multidimensionais inerentes à complexidade do fenômeno turístico. Sempre que possível, procuramos associar ideias, possibilidades e limitações observadas em outros destinos turísticos de águas, porém considerando-se as especificidades de cada contexto geográfico. Esses destinos turísticos de águas, os quais temos considerado como aqueles espaços geográficos dotados de uma função turística, cuja característica comum esteja centrada na oportunidade de interação e significação das diferentes formas de paisagens de água, por meio das práticas e experiências turísticas dos sujeitos no e com esses espaços, em nosso caso, especificamente voltado às paisagens lacustres.

Tratamos de mobilizar aqui o fenômeno turístico, não de forma isolada, mas em suas distintas formas de (re)ligação com os movimentos e transformações contemporâneas,

⁷⁷ Embora tenha-se utilizado, até o presente momento, a terceira pessoa do singular para a elaboração textual desta tese, a partir dessa etapa, verificamos a necessidade de uma maior explicitação da autoria. Com isso, passamos a nos manifestar, prioritariamente, na primeira pessoa do plural, com o intuito de transgredir a impessoalidade textual, sinalizando o processo de síntese e de construção das compreensões provisórias elaboradas, pretendendo um diálogo mais próximo com o leitor.

compreendendo-o de maneira integrada ao sistema global de mobilidades e ao cenário de difusão re-criativa, especialmente pelas práticas relacionadas à água e seus espaços correlatos. A identificação de certos atributos ou conjuntos paisagísticos, apontados como potenciais de atração nos municípios estudados, nos revelou uma perspectiva importante diante de um cenário no qual a função turística não é prioritária entre as políticas locais; porém insuficiente à análise das dinâmicas turísticas das sociedades contemporâneas. Isso porque entendemos que a dimensão turística mostra-se cada vez mais pautada na heterogeneidade dos sujeitos, em seus múltiplos arranjos de cooperação e negociação e sua escolha política e socioeconômica pelo Turismo, reconhecendo-se as relações interescalares e de codependência envolvidas.

Por isso, escolhemos não nos restringir à designação de potenciais segmentos do Turismo, mas ampliar a discussão para as diferentes formas de re-criação que conduzem os sujeitos contemporâneos à escolha de suas práticas e locais turísticos. Com isso, procuramos multiplicar os cursos possíveis entre as cinco modalidades re-criativas fundamentais: o jogar, o descobrir, o repousar/cuidar de si, o comprar e o socializar (SACAREAU; STOCK, 2003; *ÉQUIPE MIT*, 2011), sejam elas associadas à água e/ou aos espaços lacustres adjacentes mais visados pelos sujeitos.

Com base nisso, apresentamos algumas proposições, não como soluções, mas como uma teia de desafios, tecida a partir das tramas complexas que engendram as interações entre a Geografia e o Turismo e os temas da paisagem, da água e do patrimônio. Tendo em vista a dialogicidade desse conjunto temático, compomos o texto com algumas possíveis implicações locais e regionais, considerando que os “meandros” são repletos de incertezas e contradições, de complementações e oposições, características das complexidades do mundo. Ressaltando seu caráter provisório, construímos essa agenda de sugestões, entrelaçando-a às dúvidas e dificuldades encontradas no recorte espacial e temporal definido para esta tese, conforme segue:

- a) ampliar o aproveitamento das águas e dos ventos da Laguna dos Patos e corpos hídricos associados para a prática de esportes náuticos e da navegação: verificamos a existência de condições propícias às diferentes modalidades de esportes náuticos e à navegação, que poderiam incentivar a vinculação entre as práticas pedagógico-educativas, esportivas e turísticas. Para isso, sugerimos o fortalecimento dos empreendimentos, projetos e coletivos socioambientais ligados ao esporte náutico e à navegação, conforme alguns exemplos que verificamos em campo (movimento escoteiro, formação de jovens navegadores, escolas e clubes náuticos, etc), bem como o incentivo aos novos investimentos nessas áreas. Fortalecer essas iniciativas no sentido de ampliar sua esfera de ação aos diferentes segmentos da sociedade,

oportunizando um acesso mais democratizado aos equipamentos e práticas relacionadas à água. Parece-nos que a (re)descoberta das paisagens lacustres pelo esporte e pela navegação pode contribuir para a (re)interpretação dos valores patrimoniais, (re)ligando as sociedades a esses espaços, por meio da multiplicidade de práticas e experiências possíveis. O potencial de integração da função turística aparece timidamente vinculado a essas iniciativas, principalmente pela ocorrência de eventos e competições náuticas já sendo realizados nessas localidades, porém ainda com resistência à agregação da dinâmica turística. Uma multiplicidade de “cursos” possíveis surge pela captação e organização de eventos e competições náuticas, os quais têm procurado cada vez mais a orla lacustre para sua realização, seja na água (nas diferentes modalidades, motorizados ou não.), nas margens (maratonas, corridas, desafios de aventura, etc) ou no ar (balonismo, paramotor, etc). Também sugerimos o apoio às iniciativas de democratização dos espaços e das experiências náuticas principalmente coma implementação de parques náuticos públicos (ainda inexistente nesses quatro municípios). A difusão dos esportes náuticos nos últimos anos tem sido fortemente percebida nessas áreas de estudo, oferecendo oportunidades de diversificação da oferta turística regional relacionada a essas práticas (hoje limitada a poucas propostas de passeios de barcos e à pesca, podendo incluir também roteiros temáticos, expedições de caiaques, *stand-up paddle*, barco à vela, entre outras). As práticas re-criativas associadas a essas questões podem oportunizar múltiplas (re)composições entre um (re)descobrir as paisagens lacustres, o jogar (por meio das práticas esportivas e náuticas), o cuidar de si/repousar (a contemplação, o contato com a natureza), o socializar (nos encontros e eventos específicos) e o comprar (equipamentos e produtos vinculados à temática). Por meio dessas experiências, visualizamos uma retroalimentação entre esportes e turismo, lazer e educação, locais turísticos e não turísticos, cidades e águas. Nessas interações emergem algumas alternativas possíveis no confronto à sazonalidade turística, devido à diversificação das práticas náuticas, que podem ser conduzidas ao longo do ano. Parece-nos importante mobilizar as proposições turísticas que se vinculam às especificidades e identidades territoriais, pela consolidação da denominada “Região Turística Costa Doce” a partir de suas águas. As principais dificuldades, hoje, revelam-se nas limitações da infraestrutura, nas imprecisões (políticas, legais, fiscalizatórias) sobre o uso e a apropriação da orla lacustre, e no jogo das solidariedades conflitivas

entre os sujeitos e instituições do setor náutico e do Turismo, bem como entre as esferas locais e regionais;

- b) diversificar e qualificar a oferta de passeios de barco: consideramos importante a sua adaptação às condições climáticas e meteorológicas, e de navegabilidade na Laguna dos Patos e corpos hídricos adjacentes, podendo oferecer uma ampla diversidade de roteiros temáticos, específicos a diferentes tipos de público. Apontamos para algumas possibilidades de resgate dos valores históricos, associados às lendas, personagens e episódios, como aqueles relacionados à Revolução Farroupilha, bem como roteiros pedagógico-educativos, culturais, festivos e expedições fotográficas. Sugerimos ainda as oportunidades de (re)interpretação dos valores naturais e estéticos, a exemplo da visita aos ecossistemas e ambientes associados à Laguna (ilhas, lagoas, marismas, banhados, sacos), ou dos valores produtivos, de uso social e simbólicos relacionados a essas paisagens, incluindo visitas às comunidades de pescadores, aos portos, à eclusa do Canal de São Gonçalo. Também verificamos interesses sociais na retomada da navegação de longo curso (antigos trajetos Rio Grande – Pelotas – São Lourenço – Porto Alegre), na (re)funcionalização das infraestruturas portuárias, ou, ainda, na prospecção de trajetos lacustres e fluviais intramunicipais, como alternativa à problemática das mobilidades em grandes núcleos urbanos, como Pelotas e Rio Grande. Nesses, identificamos que a função turística pode emergir como aliada, inclusive junto à travessia já existente entre Rio Grande e São José do Norte, trazendo possibilidades de (re)valorização dos sentidos patrimoniais, incentivando novos olhares sobre as paisagens do estuário da Laguna dos Patos. As dúvidas voltam-se para a viabilidade socioeconômica dessas iniciativas, diante das instabilidades meteorológicas e as condições de navegabilidade;
- c) incentivar investimentos e iniciativas de (re)apropriação e (re)interpretação patrimonial das paisagens lacustres: propomos a necessidade de se refletir sobre os espaços multifuncionais e de acesso público, onde possam coabitar as práticas de turismo, de lazer, de educação ambiental, da pesquisa científica, da preservação dos elementos naturais e culturais. Acreditamos na possibilidade de implementação de um centro de interpretação patrimonial, pela (re)significação dos valores associados às paisagens de água da PCRS e do bioma Pampa, valorizando suas especificidades naturais e estéticas, e as identidades regionais, exaltando os valores históricos, de uso social, simbólicos e produtivos (como a

navegação, os estaleiros, a cultura do arroz, os portos, a construção dos molhes). Sugerimos a implementação desse centro no eixo Pelotas – Rio Grande, sendo esses os municípios mais populosos da região sul do estado. Com isso, uma ampla gama de práticas re-criativas do descobrir, jogar, socializar, cuidar de si/repousar e comprar podem ser vislumbradas, (re)ligando residentes e turistas por meio de experiências lúdicas, esportivas, educativas, científicas e turísticas. A partir das leituras paisagísticas dos sujeitos, percebemos que a densidade de significados e conteúdos patrimoniais da Laguna dos Patos tem se diluído no tempo e no espaço, configurando-se como um desafio político e social premente. Com isso, expomos a necessidade de ações de sensibilização, pela (re)tomada de consciência sobre os sentidos e valores atrelados ao patrimônio paisagístico lacustre e dos ambientes associados;

- d) resgatar as apropriações e usos das paisagens lacustres: entendemos que a vinculação das memórias do passado com as implicações socioespaciais do presente podem ser retomadas por meio de diferentes estratégias interpretativas do patrimônio paisagístico (centros de interpretação, museus, roteiros temáticos, painéis interpretativos, mirantes, formação de guias de turismo, etc). Com isso, sugerimos a criação de novos itinerários que (re)conectem turismo e lazer, cultura e natureza, urbano e rural, espaços turísticos e não turísticos, cidades e águas. A função turística também pode estabelecer relações com as funções da pesca tradicional, do transporte hidroviário e da cultura arrozeira, oportunizando um (re)dimensionamento dos valores produtivos vinculados às paisagens lacustres. Nessas interações e retroações possíveis, o Turismo pode vir a contribuir na (re)valorização e (re)significação das identidades do “gaúcho da Lagoa” e das especificidades territoriais, incentivando a sua efetiva multifuncionalidade;
- e) motivar ações e iniciativas de sensibilização e valorização das paisagens lacustres direcionadas aos residentes e turistas: propomos alguns exemplos que incluem atividades de educação ambiental e patrimonial nas áreas de relevância ecológica e cultural, atividades sociais e pedagógico-educativas que podem incluir a descoberta dos esportes náuticos, os eventos festivos nas margens lacustres, eventos gastronômicos pela valorização do recurso pesqueiro local, bem como expedições fotográficas às áreas úmidas, e outras propostas de vinculação entre ciência e turismo;
- f) garantir a criação e implementação de áreas destinadas à preservação e

conservação da natureza e da cultura: sugerimos o desenvolvimento de planos e estratégias de proteção e manutenção dessas áreas, associando participação social e disseminação dos conhecimentos acerca desse patrimônio paisagístico, em defesa da qualidade da água, da cultura ribeirinha, dos sítios arqueológicos e dos valores naturais. Nesses espaços, sugerimos o entrelaçamento entre as práticas turísticas, de lazer, de educação ambiental e de pesquisa científica, reconhecendo-se as solidariedades conflitivas entre os diferentes interesses envolvidos e as regulamentações restritivas conforme cada categoria de área protegida. O recorte geográfico apresenta poucas estratégias nesse sentido, ou, muitas vezes, correspondem às áreas protegidas ainda não efetivamente implementadas, a exemplo da RPPN Pontal da Barra em Pelotas, da Revis do Molhe Leste, em São José do Norte e da APA da Lagoa Verde, em Rio Grande. Esses espaços podem trazer novas possibilidades à diversificação da oferta turística local e regional;

- g) oportunizar a opção de integração das comunidades pesqueiras no processo de ativação do Turismo: sugerimos possibilidades de valorização das culturas ribeirinhas e dos pescados através da gastronomia e de eventos gastronômicos, da organização de produtos turísticos destinados à pesca amadora e à visitação nas vilas de pescadores, da valorização do artesanato e da qualificação dos meios de hospedagem e acampamentos nessas localidades, bem como dos barcos de passeio e da infraestrutura de trapiches destinados a essa finalidade. Isso poderia fortalecer o engajamento das comunidades pesqueiras na rede de atores do Turismo. Sabemos que essas questões trazem cenários complexos, concebendo-as como possibilidades, e não como certezas, uma vez que já existiram diversos projetos e iniciativas de Turismo nessas comunidades que não tiveram continuidade no tempo e no espaço, a exemplo da Colônia de Pescadores Z3, em Pelotas; das comunidades da Barra e da Ilha dos Marinheiros, em Rio Grande; e da comunidade da Várzea, em São José do Norte. As dúvidas remetem às precárias condições de acesso e de infraestrutura básica nessas localidades, dificultando a acolhida da função turística, bem como as imprecisões (políticas, legais, fiscalizatórias) sobre o uso e a apropriação da orla lacustre, o que pode ocasionar conflitos entre a pesca, os esportes e o turismo. O acesso aos conhecimentos específicos sobre a operação turística, e a não escolha por essa função também precisam ser fatores considerados nessa relação das comunidades pesqueiras com o Turismo;
- h) reivindicar a regulação e a gestão dos espaços e usos das margens lacustres:

identificamos que a orla lacustre é cada vez mais cobiçada pelos variados interesses (imobiliários, agrícolas, portuários, industriais, extrativistas, recreativos, turísticos), figurando como espaço latente de solidariedades conflitivas que merecem atenção e acompanhamento dessa evolução pela comunidade científica, principalmente diante das atuais mudanças regulamentares na gestão dos espaços de orla do país. Sugerimos que essas ações incluam o mapeamento, zoneamento, monitoramento e fiscalização dessas áreas, bem como das práticas, dos equipamentos e serviços instalados em suas proximidades. Entendemos que as áreas de livre acesso e de uso público nas margens lacustres poderiam ser destinadas ao usufruto de residentes e turistas, especialmente sob a forma de praias lacustres, sendo ainda hoje os espaços mais reivindicados para as práticas de lazer e de turismo no recorte do estudo (exceto em Rio Grande). Tendo em vista a rápida difusão das práticas re-criativas, principalmente relacionadas aos esportes náuticos, verificamos que os sujeitos relatam divergências – convergências entre os diferentes usos e apropriações desses espaços, reivindicando maior atenção das políticas locais direcionadas a essas áreas, antes talvez negligenciadas;

- i) atentar para a qualidade das águas e dos ecossistemas correlatos à Laguna dos Patos: entendemos que esse é fator condicionante ao desenvolvimento de certas práticas re-criativas, inclusive turísticas. A problemática da balneabilidade aparece como um dos principais desafios no que tange aos temas em estudo, desvelando-se sob a lógica recursiva das funções prioritárias nesses territórios (industrial, portuária, agrícola e urbana), que são produto das escolhas políticas e socioeconômicas, produtoras de poluição e degradação física e ecológica; mas também de dinâmicas de emprego e renda, espaços de vida para as populações locais. Essas situações mostram-se complementares sob a perspectiva de certas funções territoriais, mas também são percebidas como antagônicas ao Turismo e outras formas de lazer associadas à água. Em especial no caso de Pelotas, identificamos que os sujeitos percebem uma retração da demanda turística, comparativamente a décadas anteriores, e um comprometimento da imagem do destino devido a problemática da balneabilidade, deflagrando incertezas à evolução da função turística;
- j) garantir a participação social e a continuidade política e administrativa dos processos de (re)vitalização ou (re)qualificação das frentes de água: consideramos, em especial, os espaços destinados ao livre acesso e ao uso público na orla lacustre,

nos quais entendemos que o Turismo surge como uma das possibilidades nesses espaços pretendidos como multifuncionais. A função turística pode agregar esforços à (re)valorização e (re)interpretação patrimonial paisagística, oferecendo oportunidades de acesso, de visibilidades, de democratização das práticas e dos espaços em contato com a água, solicitando condições mínimas de qualidade das águas e dos ecossistemas associados. Mas a dialogicidade nesses processos de (re)funcionalização das frentes de água, trazem uma teia complexa de desafios, conforme verificamos nos diversos casos apresentados ao longo da revisão teórica, nos diferentes contextos geográficos. O enfrentamento das discontinuidades político-administrativas e das rupturas socioespaciais, o diálogo conflitivo entre os interesses envolvidos, a negociação entre as práticas do passado e do presente, mostram-se recorrentes nesses processos que acompanham um interesse social renovado, da busca pelas (re)conexões entre a cidade e as águas, as sociedades e a natureza, também presenciadas no contexto local e regional desse estudo;

- k) realizar planejamento e gestão turística de áreas prioritárias nas proximidades da Laguna dos Patos: a partir das leituras paisagísticas realizadas, podemos sugerir que esses espaços de interesse turístico hoje compreendem balneários estruturados, com áreas de livre acesso às praias; vilas de comunidades pesqueiras, carentes de infraestrutura básica; áreas de acesso público restrito, como museus e ilhas; ou áreas pontuais, de livre acesso às margens lacustres, onde a frequência turística já acontece espontaneamente, porém sem qualquer infraestrutura, básica e turística, como é o caso dos molhes, em Rio Grande e São José do Norte, e do Pontal da Barra, em Pelotas. Essas questões refletem e são refletidas nas políticas locais de Turismo, uma vez que não figuram como espaços prioritários à função turística (exceto em São Lourenço do Sul), em detrimento da valorização dos espaços de orla marítima (caso de Rio Grande) e do patrimônio arquitetônico e cultural relacionado aos Centros Históricos (casos de Pelotas e São José do Norte). Parece-nos que atentar para a multiplicidade de valores e sentidos associados às paisagens lacustres pode trazer novas oportunidades de diversificação e consolidação da oferta turística local e regional. As reivindicações dos usuários (sejam eles turistas ou residentes) “flutuam” em torno da organização, regulação e qualificação dos espaços e serviços turísticos prestados (a exemplo de casos relatados de museus que fecham aos finais de semana), além da necessidade de acessos, sinalização, infraestrutura básica e turística, comodidades e segurança aos usuários para a

realização de suas práticas nesses locais. Essas contingências nos levam a questionar constantemente: qual é (ou pode ser) o lugar do Turismo nas políticas locais e regionais? Será mesmo uma escolha política e socioeconômica adotada tanto pelos governantes quanto pelas populações locais? Por que as narrativas e significados paisagísticos revelados pelos sujeitos estão ainda tão distantes das práticas do fazer Turismo nessas localidades? Não buscamos respostas absolutas, mas refletir como o Turismo ocorre nessas localidades, diante das complexidades inerentes ao fenômeno turístico;

- l) criar projetos e mecanismos de observação, avaliação e monitoramento da função turística nos municípios: tendo em vista a atual insuficiência de dados que possam auxiliar na compreensão da natureza e da trajetória evolutiva dos locais turísticos e suas interações com outras formas de mobilidades nos municípios estudados, sugerimos a necessidade de acompanhamento técnico especializado dos processos de coordenação e de tomada de decisão nas políticas turísticas, bem como na revisão constante do papel do Turismo no desenvolvimento territorial e do posicionamento dos atores locais em relação a essa função. Diante da heterogeneidade de sujeitos e instituições que compõem o Turismo, sabemos que o jogo de conflito/cooperação/negociação expõe uma trama de desafios específicos a cada território, em suas formas de articulação com o contexto socioeconômico e espacial, local e interescalar. Verificamos que essas questões aparecem nos relatos sobre as dificuldades no engajamento dos diferentes sujeitos nos processos de planejamento e gestão do Turismo, bem como nas ações de integração regional. Tendo em vista os cenários complexos em que se insere o Turismo na contemporaneidade, parece-nos importante mobilizar ações contínuas de sensibilização sobre o fenômeno turístico, com o intuito de disseminar conhecimentos e práticas locais, incentivando os residentes à experiência do território, bem como a proposição de debates participativos e iniciativas de integração dos turistas nos processos de tomada de decisão sobre a dimensão turística. Algumas dessas iniciativas já foram ou são realizadas pelas universidades presentes nesses territórios (a exemplo de UFPel e FURG), ONGs e coletivos socioambientais, merecendo continuidade e ampliação da esfera de atuação por meio de projetos de pesquisa científica, ensino e extensão, com a cooperação dos demais atores;
- m) reivindicar a inclusão da Laguna dos Patos nas políticas de gestão das águas:

propomos que seja abordada enquanto corpo hídrico articulador de políticas regionais integradas, valorizando suas múltiplas dimensões e funções nos diferentes territórios. Tendo em vista que o Turismo é uma das funções mais recentes e crescentes nas áreas da PCRS, sugerimos que essa área de conhecimento e atuação seja integrada e considerada na gestão das águas, uma vez que já consta como atividade prevista em alguns planos de bacias hidrográficas dessa área de estudo;

- n) em São Lourenço do Sul: entendemos que a preocupação com a diversificação da oferta turística, ainda muito focada no turismo de sol e praia, manifesta-se pela iniciativa de novas formas de (re)apropriação dos espaços da orla (eventos, festividades) e outros espaços adjacentes, como no entorno dos arroios e áreas rurais do município. Sugerimos possibilidades de (re)qualificação dessas áreas e (re)significação das paisagens de águas, resgatando os valores produtivos da pesca, da navegação e da agricultura, associados aos valores históricos, simbólicos, de uso social, estéticos e naturais dessas paisagens. Acreditamos ser oportuno sugerir a elaboração de roteiros temáticos que possam trazer diversificação da oferta de passeios de escuna hoje disponível, voltando-se para o resgate de estórias, lendas e personagens históricos relacionados à Revolução Farroupilha, e outros roteiros com propostas pedagógico-educativas, culturais, festivas, expedições fotográficas, de contemplação da paisagem. Também vislumbramos oportunidades à dinamização da função turística local a partir de associações possíveis entre esportes e turismo, turismo e gastronomia, turismo e os diferentes lazeres das populações locais nas margens lacustres;
- o) em Pelotas: verificamos que a questão da balneabilidade da Praia do Laranjal e uma maior regulação e qualificação dos espaços de orla, emergem como as principais reivindicações, a fim de garantir condições de acesso e uso das águas aos usuários. O Pontal da Barra é identificado como principal cenário de interesses complementares - antagônicos, onde a integração dos potenciais científicos, turísticos e patrimoniais parece-nos convergir para a (re)significação e (re)valorização dessas paisagens. Outras áreas são identificadas pela relevância ecológica (a Ilha da Feitoria, as Lagoas Rasa e Pequena, o Eco Camping Municipal), porém ainda deficitárias enquanto função de preservação, sendo indicadas como áreas de potencial interesse turístico. Pela caracterização socioespacial das áreas turísticas de Pelotas, verificamos uma função turística

fortemente relacionada ao patrimônio paisagístico de águas do município, da Laguna dos Patos e das lagoas, canais, rios, arroios e banhados interligados. A tomada de consciência sobre essas especificidades e identidades locais pode contribuir com um novo olhar sobre a função turística e suas interações com outras formas de mobilidades presentes nesse território;

- p) em Rio Grande: sugerimos um aproveitamento do potencial turístico de navegação entre diferentes pontos do estuário, além da interpretação patrimonial dessas paisagens lacustres junto às ilhas, aos molhes e aos museus localizados nas proximidades do corpo hídrico. Os molhes (tanto Oeste, em Rio Grande, quanto Leste, em São José do Norte) estão entre os pontos de maior interesse na área de estudo, pois concentram diversas possibilidades de (re)apropriação e (re)significação do patrimônio lacustre pela função turística, além das proximidades com o Balneário do Cassino. A instalação de infraestrutura básica, de equipamentos e serviços turísticos e a adoção de estratégias de interpretação paisagística (painéis interpretativos, roteiros guiados ou autoguiados, mirantes para observação da fauna, passeios de barco temáticos, etc), podem oportunizar a (re)valorização da diversidade de paisagens encontrada no local. A zona central do município também merece maior atenção das políticas turísticas locais, onde são requeridas a continuidade dos projetos de (re)qualificação das áreas próximas à Laguna dos Patos, bem como a (re)tomada de consciência do acesso visual às paisagens lacustres, hoje pouco valorizadas pelos empreendimentos e instalações turísticas e de lazer nas proximidades. Nas áreas destinadas à preservação e conservação da natureza (Ilha da Pólvora, ESEC do Taim, APA da Lagoa Verde), associadas ao sistema lagunar, a função turística é ainda pouco aproveitada, podendo mobilizar uma frequência voltada à (re)descoberta dos ecossistemas úmidos e do mosaico de paisagens da PCRS, oferecendo oportunidades de integração das comunidades de entorno no processo de ativação turística;
- q) em São José do Norte: apontamos para um o fortalecimento da sua função turística, a partir da iniciativa de cooperação dos atores locais que se mostram em processo de mobilização. Nesse município, verificamos possibilidades de organização dos produtos destinados à pesca amadora, motivando uma (re)funcionalização turística e de lazer da Praia do Barranco e da localidade do Cocuruto. Diversas outras vilas de pescadores às margens da Laguna dos Patos são evocadas nos discursos dos sujeitos pelos seus valores naturais, estéticos, simbólicos, de uso social, produtivos

e históricos, uma vez que a pesca tradicional é elemento marcante nas paisagens lacustres desse município, porém trazem um cenário de incertezas quanto a sua ativação turística. Identificamos que a efetivação da Revis do Molhe Leste pode oferecer oportunidades na conjugação dos interesses científicos, turísticos e patrimoniais, solicitando infraestrutura básica e turística para que a frequência de turistas, hoje espontânea, possa ser qualificada e ampliada, convertendo-se em um dos principais atrativos do município. A função turística na zona central da cidade, hoje está direcionada à interpretação dos prédios históricos, onde sugerimos a integração de estratégias de (re)significação patrimonial das paisagens lacustres junto à Prainha e aos serviços prestados nas travessias;

- r) valorizar o turismo de caráter local e regional: entendemos que essa é a característica predominante atualmente nesse recorte geográfico, e, assim, propomos a investigação das tendências e necessidades dessa demanda de turistas e residentes, valorizando principalmente as mobilidades turísticas entre os municípios vizinhos. Com base nisso, sugerimos a busca de alternativas locais à sazonalidade concentrada no verão, que seja capaz de distribuir e ampliar essa frequência ao longo do ano. Da mesma forma, consideramos que a implementação de políticas e ações de gestão e promoção dos destinos possam prospectar um turismo de caráter nacional e internacional. Isso por serem cidades que conjugam uma função turística e de trânsito, dispendo de infraestrutura hoteleira e outros equipamentos e serviços turísticos diversos, bem como pela localização próxima a importantes vias rodoviárias e aos territórios fronteiriços;
- s) repensar as práticas re-criativas nos locais de interesse turístico relacionados às paisagens de água: a (re)descoberta da natureza e das culturas ribeirinhas parecem abrir novos “meandros” para um potencial inerente a essas localidades, ainda pouco valorizado, no que concerne ao patrimônio das paisagens de água, atribuídas de valores diversos pelas sociedades. As especificidades e fragilidades desses ambientes lacustres costeiros ressaltam potencialidades turísticas diversas, mas também lançam desafios políticos, legais, patrimoniais, ecológicos e socioeconômicos à implementação desses como possíveis destinos turísticos de águas.

A dialogicidade referenciada nos encontros entre as paisagens lacustres e o Turismo nos leva ao entendimento da dupla vertente dessas interações: convergentes, quanto à motivação de proteção da natureza e das culturas, contribuindo à (re)funcionalização,

(re)qualificação e/ou (re)interpretação dos espaços, à implementação de novas práticas nas orlas e nas águas, à (re)significação dos valores pela disseminação dos conhecimentos e pela democratização do acesso e das visibilidades às paisagens lacustres, oportunizando (re)ligações entre sociedades e natureza, cidades e águas; simultaneamente, interagem processos divergentes, sendo o Turismo agente de transformação socioespacial, podendo agravar as pressões ecológicas, socioculturais e econômicas recorrentes nesses territórios.

“O RETORNO PARA A ÁGUA”: CONSIDERAÇÕES (NÃO TÃO) FINAIS

Com o intuito de compreendermos as relações das sociedades contemporâneas com as paisagens lacustres sob o prisma do Turismo, tratamos de investigar as percepções, representações e práticas de sujeitos em quatro municípios às margens da Laguna dos Patos, Rio Grande do Sul, Brasil, sendo eles: São Lourenço do Sul, Pelotas, Rio Grande e São José do Norte. Para isso, tomamos os temas transversais da paisagem e da água como eixos articuladores dessa investigação, a partir das interfaces entre o Turismo e a Geografia. As multidimensionalidades e as multiplicidades de leituras encontradas nessa associação temática parecem-nos apontar para problemas complexos, solicitando a integração dos conhecimentos e as (re)ligações entre as diversas ciências humanas, sociais e naturais. Guiados pela perspectiva teórico-epistemológica da Complexidade de Edgar Morin, conduzimo-nos à busca por abordagens científicas interdisciplinares para a compreensão provisória dessas interações convergentes e divergentes.

Num esforço de transposição das dualidades científicas clássicas, o que é inerente à compreensão do Turismo pelo Pensamento Complexo, bem como à abordagem geográfica da paisagem de corrente fenomenológica, desafiamo-nos à busca pela integração entre o uno e o múltiplo, o sujeito e o objeto, a objetividade das coisas e a subjetividade humana, o físico e o simbólico, o factual e o sensível, o material e o imaterial, a natureza e a sociedade.

Compreendendo as interdependências e as incertezas nas relações contemporâneas das sociedades com o espaço geográfico em constante (trans)formação, reconhecemos a relevância do fenômeno turístico, que interage em um cenário global de difusão das mobilidades humanas e das práticas re-criativas. Por isso nossa escolha pela abordagem geográfica do Turismo, tratando de refletir as complexidades inerentes a esse fenômeno social, a partir de suas implicações socioespaciais e temporais, questionando as práticas e os locais turísticos, pelo ponto de vista dos sujeitos.

Pelas narrativas de residentes e turistas, procuramos valorizar as subjetividades na relação com as paisagens lacustres, evidenciando os conhecimentos e experiências vividas pelos sujeitos, principalmente relacionadas às práticas turísticas. Nas inter-retroações entre o sujeito e a paisagem, o sujeito e o local turístico, reconhecemos as relações recursivas entre essas noções, considerando as interdependências entre aquele que é observador e, ao mesmo tempo, produto/produtor da paisagem, dos locais turísticos sendo produzidos e reproduzidos pelos sujeitos e suas práticas. Hologramaticamente, consideramos as partes refletindo no todo,

bem como o todo que está contido nas partes, ao analisarmos a relação entre os sujeitos e o mundo, pelas interações contemporâneas das sociedades com as paisagens lacustres sob o prisma do Turismo. A partir dos sentidos e valores atribuídos às paisagens lacustres, revelados nos locais estudados, refletimos sobre as mudanças nas sensibilidades das sociedades relacionadas à água nos distintos contextos geográficos e, da mesma forma, como essas se refletem nas práticas turísticas locais, diante das interdependências e interesclaridades inerentes ao Turismo. Concebendo, ainda, as solidariedades conflitivas entre a função turística e outras funções nos territórios estudados, ou entre as distintas formas de mobilidades, buscamos lidar com as desordens do mundo, negociando com as dúvidas e incertezas, tecendo uma trama de desafios e questionamentos. Essas noções permearam nossos argumentos para tratar das diferentes leituras das paisagens lacustres, a partir das práticas turísticas.

No primeiro objetivo proposto nessa investigação, interrogamos os valores e os sentidos das paisagens lacustres atribuídos pelos sujeitos, direta ou indiretamente relacionados ao Turismo, em sua interação com o espaço geográfico em estudo (objetivo 1). Nesse aspecto, a associação dos temas da paisagem, da água e do patrimônio conduziu-nos à apreciação das percepções e representações, usos e apropriações socioespaciais, reveladas nas narrativas dos sujeitos, bem como das paisagens contidas nas letras de música, na poesia, nos relatos de viagem, na pintura, na literatura, nos materiais turísticos. As paisagens lacustres são evocadas pelas sociedades por seus valores diversos - naturais, estéticos, históricos, simbólicos, produtivos e de uso social -, expressando sentidos múltiplos e antagônicos em referência à Laguna dos Patos. Consideramos, então, que essas percepções e representações revelam uma diversidade de significados atribuídos pelos sujeitos e pelas sociedades aos elementos e conjuntos paisagísticos. Esses aspectos são apreendidos a partir da apreciação estética das características físicas e/ou naturais da Laguna dos Patos, pelas distintas formas de apropriação e usos do passado e do presente, pelo resgate de aspectos históricos ou, ainda, pelos costumes e crenças, pelas festividades, religiosidades e tantas outras práticas sociais vivenciadas junto ao corpo hídrico.

Identificamos uma multiplicidade de práticas sociais narradas pelos sujeitos, em especial na integração do Turismo e do Lazer, revelando relações multisensoriais com as paisagens lacustres, fazendo emergir emoções e sensações diversas, a partir das vivências e das memórias, podendo então ser consideradas como paisagens afetivas. O encontro dos sujeitos com as paisagens investigadas desvela-se em conteúdos que remetem, em muitos casos, à dialética simbólica da água. De um lado, essa “imensidão de águas” é lembrada como substância essencial à vida, fonte de alimento, de regeneração, de purificação, bem como

elemento motivador de encontros e sociabilidades diversas. Paradoxalmente, também são águas lembradas como elemento de diluição de efluentes domésticos, industriais e agrícolas, de poluição e contaminação, de destruição pelas enchentes, de naufrágios, de barreiras entre as sociedades, em especial no caso entre São José do Norte e Rio Grande, expressada como uma relação de separação – ligação pelas águas do canal.

Objetivando conhecer o cenário atual das práticas, espaços e dinâmicas turísticas associadas às paisagens lacustres (objetivo 2), tratamos de compreender a dimensão turística e sua trajetória evolutiva no tempo e no espaço nos quatro municípios estudados. Em geral, entendemos esses municípios como cidades com função turística (exceto São José do Norte, cujos atores do Turismo mobilizam-se para atingir essa etapa evolutiva) e, em alguns casos, associam-se à função de trânsito, como em Pelotas e Rio Grande, dispondo de uma ampla oferta de meios de hospedagem e outros serviços urbanos e turísticos. Assim, entendemos que o Turismo tem uma função complementar nesses territórios, não sendo prioritária nas políticas locais e regionais, exceto em São Lourenço do Sul, onde se mostra mais expressivo. Esses locais turísticos mostram-se condicionados à sazonalidade de um turismo de sol e praia, concentrado no verão, emergindo incertezas à evolução da função turística. As segundas residências e outras formas de mobilidades associam-se nesse cenário, refletindo as dinâmicas globais das sociedades contemporâneas pautadas em deslocamentos diversos, desafiando-nos a repensar as formas de habitar os locais turísticos.

A diversidade de práticas turísticas e do lazer confundem-se nos espaços junto às orlas marítimas, lacustres e nas proximidades de rios e arroios. Os usos e apropriações turísticas junto às paisagens lacustres, nesse recorte geográfico, mostram-se, até o momento, incipientes, sob iniciativas isoladas, não constando como áreas de interesse prioritário nas políticas locais e regionais de Turismo; exceto em São Lourenço do Sul, onde as praias da Laguna dos Patos têm papel central na gestão e promoção turística do município. A função turística relacionada às paisagens lacustres direciona-se principalmente aos espaços de praias ou balneários, ou outros espaços como comunidades pesqueiras, ilhas, museus e atrativos pontuais, dispersos nos territórios. Rio Grande diferencia-se dos demais pela inexistência de praias institucionalizadas às margens da Laguna dos Patos, onde a função turística concentra-se na orla marítima do Balneário do Cassino. Identificamos diversos elementos, conjuntos e/ou locais de interesse turístico relacionados à Laguna dos Patos e corpos hídricos adjacentes nos quatro municípios, onde é possível verificar uma frequência turística, ainda que sazonal e pouco organizada, bem como pontos descritos como ativos ao Turismo. Tendo em vista a concentração de atrativos e infraestrutura turística junto às paisagens de águas nesses territórios, e as oportunidades de

realização de práticas e experiências dos sujeitos no e com esses espaços aquáticos, propomos que sejam repensadas como destinos turísticos de águas.

No que concerne às expectativas e potencialidades nessa interação entre as paisagens lacustres e o Turismo (objetivo 3), os sujeitos fizeram inúmeras referências a um aproveitamento das condições de ventos e águas, lacustres e fluviais, para a realização de esportes náuticos, eventos e competições nas diferentes modalidades. Com isso, visualizamos diversas possibilidades na associação entre Lazer e Turismo, a partir de práticas que integram atividade física, contato com a natureza, convívio com as comunidades pesqueiras e experiência turística associada às águas. Também identificamos potenciais turísticos associados à navegação, à educação ambiental, à ciência, ao artesanato, à gastronomia, integrando esforços pela (re)significação e (re)valorização das paisagens lacustres e outras áreas úmidas da PCRS. Acreditamos que são inúmeras as oportunidades de diversificação e diferenciação da oferta de práticas re-criativas turísticas nesses municípios. Para isso, sugerimos também a ação cooperada com outros municípios turísticos, especialmente aqueles que apresentam identidades e especificidades próximas, trazendo possibilidades de fortalecimento do turismo local e regional, bem como a prospecção de ampliação ao mercado nacional e internacional. Identificamos as expectativas dos sujeitos em torno de um fortalecimento da função turística nesses territórios, associado às outras atividades socioeconômicas (lazer, transporte hidroviário, produção de energia eólica, etc). Essas narrativas nos auxiliaram a tecer alguns desafios diante desse cenário de complexidades relacionados à Laguna dos Patos e sua inserção na PCRS.

As principais tensões e limitações nessa interação entre as paisagens lacustres e o Turismo, na opinião dos sujeitos (objetivo 4), são retratadas pela falta de conhecimentos e de sensibilização da população diante do patrimônio paisagístico existente. Sendo paisagens muitas vezes apreendidas pelas sensações de medo, dificuldade, sujeira, barreira ou obstáculo físico, o que nos parece transfigurar-se em limitações à (re)tomada de consciência social dos múltiplos sentidos patrimoniais. Enquanto a orla marítima é muito valorizada, a orla lacustre, por sua vez, mostra-se esquecida, desvalorizada, negligenciada enquanto paisagem, refletindo-se em seu aproveitamento para o Turismo e o Lazer. Atentamos também para a pressão imobiliária, ao deflagrar novos interesses nas relações das sociedades com as paisagens de água, reivindicando acessos e visibilidades para suas práticas residenciais, turísticas, esportivas e de lazer. A função turística relacionada às paisagens lacustres nesses municípios é percebida pelos sujeitos, em sua maioria, como pontual na dinâmica socioespacial, sob iniciativas isoladas, descontinuadas no tempo e no espaço, que enfrentam a carência de infraestrutura básica e turística, de investimentos e de continuidade das políticas turísticas. A evolução dos locais

turísticos parece-nos apontar para um cenário de dúvidas e incertezas, tendo em vista as resistências das populações locais e dos governantes diante da função turística, as dificuldades na cooperação e coordenação dos atores locais e regionais, e a perda da qualidade das águas e dos ecossistemas, bem como as restrições de acesso e visibilidade às paisagens lacustres.

Destinamos uma parte desta tese (sexta parte), para a proposição de reflexões em forma de possibilidades de ação nos encontros entre as paisagens lacustres e o Turismo (objetivo 5). Entendemos que o Turismo, pela sua característica inerentemente complexa, pode propor (re)ligações com outros elementos e formas de mobilidades das sociedades contemporâneas, integrando interdependências globais e articulando uma heterogeneidade de atores em solidariedades conflitivas. Ao considerarmos o Turismo dialogicamente, entendemos as oportunidades de resgate dos sentidos e dos valores patrimoniais das paisagens lacustres, pelas práticas re-criativas turísticas realizadas pelos sujeitos, oferecendo possibilidades de interagirem e significarem sua experiência no espaço geográfico. E, simultaneamente, admitimos a contradição, o acaso, a contingência inerente ao Turismo como agente de transformação socioespacial, capaz de agravar problemáticas socioculturais, ecológicas e econômicas nos territórios onde se insere.

Buscar compreender como as sociedades se relacionam com as paisagens lacustres pelo prisma do Turismo, trouxe apontamentos às formas de valorização e difusão dos conhecimentos sobre o território, à identificação das identidades e especificidades locais e regionais, levando à (re)tomada de consciência sobre os valores patrimoniais, os usos e apropriações dos espaços lacustres. Ao questionarmos as relações entre as paisagens lacustres e o Turismo, desvelamos reflexões sobre a acessibilidade e a visibilidade das paisagens, o direito às práticas e aos espaços em contato com a água, as reivindicações pela democratização dos usos e das apropriações socioespaciais. A realização de práticas re-criativas nas paisagens lacustres solicitam condições de qualidade das águas e dos ecossistemas, bem como a efetivação de espaços destinados à preservação e conservação da natureza e da cultura.

Retomamos aqui a questão proposta no título: “Com os pés na água” ou “de costas para a água”? Essas expressões revelam nossas reflexões sobre as novas sensibilidades contemporâneas em relação às paisagens de água, que, a partir das práticas turísticas, parecem-nos conduzir ao desejo dos sujeitos de um contato, físico e visual, na e com a água. Mas também expõem as incertezas perante as escolhas políticas e socioeconômicas feitas pelos sujeitos, num recorte temporal e espacial determinado, onde o Turismo pode interagir de maneira complementar e antagônica na configuração multifuncional dos territórios.

As principais limitações no “curso” dessa pesquisa referem-se às dificuldades

encontradas para a realização do trabalho de campo. As condições meteorológicas e as dificuldades de acesso, sinalização, informação e segurança no trajeto às localidades (especialmente as extensas zonas rurais de Rio Grande e São José do Norte), bem como as longas distâncias que percorremos entre os municípios ou dentro de seus limites, tendo em vista o tempo e o recurso disponível, trouxeram dificuldades ao deslocamento e à observação dos locais. As visitas ao município de São José do Norte foram reduzidas devido às imprecisões dos serviços prestados na travessia, onde enfrentamos dificuldades meteorológicas, horários restritos e capacidade física limitada, principalmente no acesso por balsa.

Quanto às entrevistas, os principais desafios que enfrentamos dizem respeito à abordagem direta em campo junto aos sujeitos turistas ou residentes, que demonstraram certa desconfiança e indisponibilidade de tempo e de interesse em interagir com a pesquisadora, bem como a inviabilidade da proposta de uso da fotografia como instrumento de pesquisa participativo. Também o período eleitoral nos municípios e a fase de transição política-administrativa nas Prefeituras atrasaram e dificultaram a coleta de informações junto aos seus representantes. Verificamos indisponibilidade ou não atualização de informações sobre as realidades turísticas dos municípios, nos sites e aplicativos oficiais, bem como a inexistência de dados que possam contribuir com a compreensão da natureza e da trajetória evolutiva do Turismo nessas localidades (ex: dados sobre frequência turística nos equipamentos turísticos e nas estradas, sobre as segundas residências, etc).

Nesta tese não temos a intenção de esgotar o assunto, mas instigar novos debates e investigações científicas que possam conduzir ao acompanhamento da evolução da dimensão turística, bem como a necessidade de conhecer os fluxos referentes às outras formas de mobilidades que interagem simultaneamente nesses territórios. Parece-nos que a noção de proximidade e distância, do “aqui” (cidade, cotidiano, trabalho) e do “outro” (natureza, não cotidiano, lazer), utilizada como marcador na distinção entre o Turismo e outras formas de mobilidades parecem não dar mais conta dos novos movimentos das sociedades contemporâneas, merecendo ser profundamente investigadas. As reflexões desta tese nos instigam ao contínuo repensar as (re)composições fluidas e multiescalares, as continuidades e descontinuidades socioespaciais, as (re)conexões ou (des)conexões do Turismo, do Lazer e outras formas de mobilidades dentro de um *continuum* re-criativo que permeia as complexidades do mundo contemporâneo.

Também consideramos a importância da continuidade da investigação referente às percepções, representações e práticas das paisagens da Laguna dos Patos, ampliando os pontos de vista para além do Turismo, e expandindo-se para as bacias hidrográficas correlatas, no

sentido de se buscar conhecer as relações entre as sociedades e as paisagens de água da PCRS ao longo da história e acompanhar suas mutações nessas populações ribeirinhas. No que concerne ao Turismo nesses espaços, sugerimos a investigação científica sobre as paisagens associadas aos outros lagos, lagoas, áreas úmidas, rios, canais, arroios e reservatórios interiores, no estado e no Brasil, os quais demonstram ter função turística ainda pouco conhecida, ao que nos engajaremos em nossas pesquisas futuras.

Concluimos, provisoriamente, que o espaço geográfico aquático nos possibilita observar a relação tempo-espaço na paisagem, emergindo como elemento articulador de (re)conexões entre sociedade e natureza, cidades e água, Turismo e Lazer, usos e apropriações do passado e do presente. Ao contemplar as formas como os sujeitos interagem e significam o espaço a partir das práticas turísticas, uma amplitude de novos olhares, sensações e representações sobre as paisagens lacustres foi revelada, mas que não se encerra em si. Essa abordagem nos traz reflexões profundas sobre como os diferentes sujeitos e suas práticas coabitam, mas também divergem, nos locais turísticos e não turísticos. A partir das complexidades que envolvem os “daqui” e os “de fora”, os “novos” e os “antigos”, os “de um lado” e “de outro” do “canal”, continuamos nossa busca pelo entendimento do sentido fluido, relacional, negociado entre o Turismo, a paisagem geográfica e a água.

REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, J. A.; MARTINS, I. R.; MARTINS, L. R. **Estudo da Lagoa dos Patos**. Pesquisas, Porto Alegre, n. 14, p. 41-66, dez. 1981.
- ALVAREZ, J. A.; MARTINS, I. R.; MELLO, P. R. Levantamento preliminar das correntes na área compreendida entre a Barra de Rio Grande e a Ponta da Feitoria. **Lagoa dos Patos**. Pesquisas, Porto Alegre, n. 16, p. 269-311, mar. 1984.
- ANA, AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS. **Conjuntura dos Recursos Hídricos no Brasil: regiões hidrográficas brasileiras**. Brasília: ANA, 2015. Disponível em: <<http://www.snirh.gov.br/portal/snirh/centrais-de-conteudos/conjuntura-dos-recursos-hidricos/regioeshidrograficas2014.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2018.
- ANA, AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS. **Divisões Hidrográficas**. Região Hidrográfica Atlântico Sul. Disponível em: <<http://www3.ana.gov.br/portal/ANA/as-12-regioes-hidrograficas-brasileiras/atlantico-sul>>. Acesso em: 27 mar.2018.
- ANA, Agência Nacional de Águas. **Cadernos de Recursos Hídricos: o turismo e o lazer e sua interface com o setor de recursos hídricos**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, Agência Nacional de Águas, 2005. 21 p.
- ASMUS, M. L. A Planície Costeira e a Lagoa dos Patos. In: SEELIGER, U.; ODEBRECHT, C.; CASTELLO, J. P. (Eds.) **Os ecossistemas costeiro e marinho do extremo sul do Brasil**. Rio Grande: Ecocientia, 1998. p. 9-12.
- ASMUS, M. L.; TAGLIANI, P. R. A. Considerações sobre manejo ambiental. In: SEELIGER, U.; ODEBRECHT, C.; CASTELLO, J. P. (Eds.) **Os ecossistemas costeiro e marinho do extremo sul do Brasil**. Rio Grande: Ecocientia, 1998. p. 227-229
- ASSOCIAÇÃO BICHOS DO MAR DE DENTRO. Disponível em: <<http://www.bichosmardedentro.com.br/Associacao>>. Acesso em: 06 mar. 2018
- ÁVILA MARTINS, C. A. No trabalho dos pescadores artesanais a Lagoa dos Patos vive e dá vida. **Scripta Nova**, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Barcelona, vol. VI, n. 119 (47), 1 de ago. 2002.
- BACHELARD, G. **L'eau et les rêves: essai sur l'imagination de la matière**. Paris : Librairie José Corti, 1942.
- BECKER, U. **Dicionário de símbolos**. Tradução Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 1999
- BERQUE, A. **El pensamiento paisajero**. Traducción Maysi Veuthey. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2009.
- BERQUE, A. **Les raisons du paysage de la Chine antique aux environnements de synthèse**. Paris: Hazan, 1995.
- BERQUE, A. **Médiance: de milieux en paysages**. Montpellier: Reclus Maison de la Géographie, 1990.

BERQUE, A. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural. Tradução Ednês M. Vasconcelos Ferreira e Anne-Marie Milon Oliveira. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998. p. 84 – 89.

BERTELLI, M.; SAURAS, J.; LILL, F. La guerra interminable: 15 años de lucha por el agua en Bolivia. In: **El País. Los juegos del agua**. Cochabamba, Bolívia. 30 jul. 2015. Disponível em: <https://elpais.com/elpais/2015/07/13/planeta_futuro/1436796771_984802.html>. Acesso em: 26 fev. 2018.

BESSE, J. M. Geografia e existência: a partir da obra de Eric Dardel. In: DARDEL, E. **O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução W. Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.p. 111-139.

BETHEMONT, J.; RIVIÈRE-HONEGGER, A.; LE LAY, Y. F. **Les paysages des eaux douces**. Géoconfluences, 26/03/2006. p. 1-7. Disponível em: <http://geoconfluences.ens-lyon.fr/doc/transv/paysage/PaysageScient2.htm>. Acesso em: 01 abr. 2017.

BEZERRA, O. G.; MELO, V. L. M. de O. **Valores da paisagem: os significados dos rios e manguezais da cidade do Recife**. Paisagem Ambiente: ensaios, São Paulo, n. 34, p. 93-106, 2014.

BIERDERMANN, H. **Dicionário ilustrado de símbolos**. Tradução Glória Paschoal de Camargo. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1993.

BLONDY, C. **Le tourisme, un facteur de développement durable des territoires insulaires tropicaux?** Tourisme, aménagement, environnement et société locale à Bora Bora (Polynésie française). Mondes du Tourisme [En ligne], Hors-série | 2016, mis en ligne le 01 septembre 2016. Disponível em: <<http://tourisme.revues.org/1283> ; DOI : 10.4000/tourisme.1283>. Acesso em: 02 abr. 2017.

BONILHA, I. A água e os rios na cidade: elementos para o projeto ecológico da paisagem. **Paisagem Ambiente: ensaios, Especial ENEPEA 2006**, Universidade de São Paulo, São Paulo, n. 22, p. 172-179, 2006.

BOURDEAU, P. ; MAO, P. ; CORNELOUP, J. Les sports de nature comme médiateurs du « pas de deux » ville-montagne. Une habitabilité en devenir ? **Annales de géographie**, 2011/4 (n° 680), p. 449-460. DOI 10.3917/ag.680.0449

BRITO-HENRIQUES, E.; SARMENTO, J.; LOUSADA, M. A. When water meets tourism: an introduction. In: _____(eds). **Water and Tourism: resources management, planning and sustainability**. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa, 2010. p. 13-33.

BRUNET, R.; FERRAS, R.; THÉRY, H. **Le mots de la géographie: dictionnaire critique**. 3 ed. revue et augmentée. Montpellier - Paris: RECLUS - La Documentation Française, 1993.

BRUNI, J. C. A água e a vida. **Tempo Social**, São Paulo, v. 5, n. 1/2, p. 53-65, dez. 1993.

BUTLER, R. W. The concept of a Tourism Area Cycle of Evolution: implications for management of resources. **The Canadian Geographer**, nº 1, 1980, p. 5-12.

CARNEIRO, A. R. S.; DUARTE, M.; MARQUES, E. A. A conservação da paisagem na perspectiva de um sistema de espaços livres públicos do Recife. **Paisagem Ambiente: ensaios**, São Paulo, n. 26, p. 127-141, 2009.

CARON, D. **El estudio del paisaje como clave interpretativa del territorio a través de las narrativas para la planificación urbana y territorial**. Paraty, Rio de Janeiro/Brasil como caso de estudio. 2017. 477 f. Tese (Doutorado em Urbanismo) – Universitat Politècnica de Catalunya (UPC), Escola Tècnica Superior d'Arquitectura de Barcelona (ETSAB), Departament d'Urbanisme i Ordenació del Territori (DUOT).

CASTRO, I. E. Paisagem e turismo: de estética, nostalgia e política. In: YÁZIGI, E. (Org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 121 – 140.

CASTROGIOVANNI, A. C. **A Geografia do Espaço Turístico como construção complexa da Comunicação**. 2004. 334f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação Social, PUCRS, Porto Alegre, 2004.

CASTROGIOVANNI, A. C. **Turismo: uma construção complexa da comunicação**. Porto Alegre: Tese de Doutorado - PPG em Comunicação - PUCRS, 2004.

CERIANI-SEBREGONDI, G. ; CHAPUIS, A. ; GAY, J- C ; KNAFOU, R. ; STOCK, M. ; VIOLIER, P. « Quel serait l'objet d'une « science du tourisme » ? », **Téoros** [En ligne], 27-1 | 2008, p. 7 – 13, mis en ligne le 01 février 2012. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/teoros/1629>>. Acesso em: 07 fev. 2018.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. **Metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Tradução Vera da Costa e Silva et al. 5 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

CLÉMENS, A. ; GORIN, O. Quels tourisimes et quels loisirs sur les grands lacs ? IN : MONTUELLE, B.; CLÉMENS, A. (Direc.) **Le tour des grands lacs alpins naturels en 80 questions**. Lyon : Observatoire des lacs alpins –OLA, Zone Atelier Bassin du Rhône, Graie, 2015. p. 98-99. 205 p.

CLERGEAU, C. ; VIOLIER, P. Le concept de *cluster* est-il soluble dans le tourisme? **Téoros. Revue de recherche en tourisme**, v. 31, n. 31-2, p. 60-71, 2012.

COLE, S. Tourism and water: from stakeholders to right holders, and what tourism business need to do. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 22, n. 1, p. 89-106, 2013.

COMITÊ DA BACIA HIDROGRÁFICA DO CAMAQUÃ. **Plano de gestão da bacia 2015-2035: Relatório executivo 2016**. Disponível em: <<http://www.comitecamaqua.com/index.php/planejamento/plano-de-bacia/>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

COMITÊ DA BACIA HIDROGRÁFICA LITORAL MEDIO. **Quem somos**. 2018. Disponível em: <http://www.comitelitoralmedio.com.br/quem-somos>. Acesso em: 27 mar. 2018.

COMITÊ DA BACIA HIDROGRÁFICA MIRIM SÃO GONÇALO. **Inicial**. 2018. Disponível em: <<http://www.comitemirim.org.br/Inicial>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

CORBIN, A. **Le territoire du vide: l'occident et le désir du rivage**. Paris : Flammarion, 1988.

COSGROVE, D. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. Tradução Olivia B. Lima da Silva. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998. p. 92-122.

COSTA, J. S. **Navegadores da Lagoa dos Patos: a saga náutica de São Lourenço do Sul**. São Lourenço do Sul: Hofstätter, 1999.

COSTA, L. M. S. A. Rios urbanos e o desenho da paisagem. In: _____ (Org.). **Rios e paisagens urbanas em cidades brasileiras**. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, Ed. PROURB, 2006. p. 9-15.

CRIVELLARO, C. V. L.; MONTEIRO, A. F.; SILVA, K. G. Fomento às iniciativas de ecoturismo: as experiências da Ilha dos Marinheiros e dos Vagoneteiros do Molhe Oeste, Rio Grande-RS. In: TAGLIANI, P. R. A.; ASMUS, M. L. (Orgs.). **Manejo integrado do estuário da Lagoa dos Patos: uma experiência de gerenciamento costeiro no sul do Brasil**. Rio Grande: Editora da FURG, 2011. p. 127-134.

CUBIZOLLE, H.; SACCA, C. Nouveaux regards sur les zones humides, **Géocarrefour**, v. 88, n. 4, p. 243-245, 2013.

D'INCAO, F.; DUMONT, L. F. C. A comunidade de crustáceos decápodes. In: SEELIGER, U.; ODEBRECHT, C. (Eds.). **O estuário da Lagoa dos Patos: um século de transformações**. Rio Grande: FURG, 2010. p.117-122.

DARBELLAY, F.; STOCK, M. Tourism as complex interdisciplinary research object. **Annals of Tourism Research**, v. 39, n. 1, p. 441-458, 2012.

DARDEL, E. **O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução W. Holzer [1952]. São Paulo: Perspectiva, 1952.

DE FREITAS, M. **Peão das Águas**. Música. In: MEA, A. S. D. A música dos festivais nativistas do Rio Grande do Sul como elemento fomentador à afirmação da(s) identidade(s) do povo gaúcho. 2016. Dissertação (Mestrado em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social) – Unicruz – Universidade de Cruz Alta, 2016.

DE STEFANO, L. **Freshwater and Tourism in the Mediterranean**. Rome: WWF, 2004.

DEPARTAMENTO AUTÔNOMO DE ESTRADAS DE RODAGEM, DAER. **Distâncias de Porto Alegre**. Disponível em: <<http://www.daer.rs.gov.br/distancias-porto-alegre-municipios>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

DEVANNE ; A.-S. ; FORTIN, M.-J. Construire l'image d'une destination touristique dans un paysage en changement : défi d'articulation autour de l'éolien en Gaspésie (Canada). **Mondes du Tourisme** [En ligne], 4 | 2011, mis en ligne le 30 septembre 2015. Disponível em: <<http://tourisme.revues.org/457>>. Acesso em: 30 set. 2016.

DIECKMANN, J. **Lagoa dos Patos**. Poesia. Disponível em: <<http://uneversos.com/poesias/43081>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

DOLLFUS, O. A produção do meio. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998. p. 89 – 91.

DUARTE, C. F. Belém, cidade das águas grandes. In: COSTA, L. M. S. A. (Org.). **Rios e paisagens urbanas em cidades brasileiras**. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, Ed. PROURB, 2006. p. 177-187.

DUHAMEL, P. Les lieux touristiques. In: STOCK, M. (coord.). **Le Tourisme: acteurs, lieux et enjeux**. Paris: Belin, 2003. p. 33-82.

DUHAMEL, P. ; VIOLIER, P. **Tourisme et littoral: un enjeu du monde**. Paris, France: Éditions Belin, 2009.

ÉQUIPE MIT. "La mise en tourisme des lieux: un outil de diagnostic", **Mappemonde**, nº 57, vol. 1, 2000, p. 2-6.

ÉQUIPE MIT. **Tourismes 1: lieux Communs**. Paris: Belin, 2008.

ÉQUIPE MIT. **Tourismes 2: moments de lieux**. Paris: Belin, 2005.

ÉQUIPE MIT. **Tourismes 3: la révolution durable**. Paris: Belin, 2011.

FAGUNDES, B. **A problemática da água como representação social: um estudo de caso com os moradores do bairro Alto da XV em Guarapuava – PR**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

FEPAM, FUNDAÇÃO ESTADUAL DE PROTEÇÃO AMBIENTAL HENRIQUE LUIZ ROESSLER. **As regiões hidrográficas. Região hidrográfica do litoral**. Disponível em: <http://www.fepam.rs.gov.br/qualidade/bacias_hidro.asp>. Acesso em: 26 fev. 2018.

FEPAM, FUNDAÇÃO ESTADUAL DE PROTEÇÃO AMBIENTAL HENRIQUE LUIZ ROESSLER. **Programas e Projetos: GERCO**. Disponível em: <http://www.fepam.rs.gov.br/programas/programa_gerco.asp>. Acesso em: 26 fev. 2016.

FILHA da Lagoa. Direção: Ernesto Cabellos. Canadá: Guarango, 2015 [produção]. 1 filme (98 min). Disponível em: < <https://www.netflix.com/br/title/80160815>>. Acesso em: 20 out. 2017.

FINKLER, J. **Conclusão da plataforma P-74 da Petrobras pode provocar demissão de 3 mil trabalhadores**. Gaúcha ZH, Geral, São José do Norte. Reportagem de 23 fev. 2018. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2018/02/conclusao-da-plataforma-p-74-da-petrobras-pode-provocar-demissao-de-3-mil-trabalhadores-cje06lrq901a001qxgv4t7psj.html>>. Acesso em: 16 mar. 2018.

FISCHER, A.; CALLIARI, L. J. Variações morfodinâmicas das praias do “Saco do Laranjal”, costa noroeste do estuário da Laguna dos Patos, RS. **Pesquisas em Geociências**, Porto Alegre, v. 38, n. 3, p. 283-296, 2011.

FLICK, U. Entrevista episódica. BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (Eds.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 114-136.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Tradução Joice Elias Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009a.

FLICK, U. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009b. 196 p.

FNMA; FURG; IBAMA; NEMA; UFPEL. **Plano de manejo do Parque Nacional da Lagoa do Peixe - fase 2**. Rio Grande: Serviço Público Federal, Ministério da Educação e do Desporto, Fundação Universidade do Rio Grande, 1999. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/imgs-unidades-coservacao/parna_lagoa-do-peixe.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2016.

FUJIMOTO, N. S. V. M.; STROHAECKER, T. M.; GRUBER, N. L. S.; KUNST, A. V.; FERREIRA, A. H. Litoral norte do estado do Rio Grande do Sul: indicadores socioeconômicos e principais problemas ambientais. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, n. 13, p. 99-124, jan/jun. 2006.

GAUCHON, C. Comment s'est développé le tourisme autour des lacs ? IN: MONTUELLE, B.; CLÉMENS, A. (Direc.) **Le tour des grands lacs alpins naturels en 80 questions**.. Lyon : Observatoire des lacs alpins –OLA, Zone Atelier Bassin du Rhône, Graie, 2015, p. 188-189.

GEODIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. VIERO, A. C.; DA SILVA, D. R. A. (Org.). **Geodiversidade do Estado do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: CPRB, 2010. 250p. + 1 DVD- ROM.

GERMAINE, M. A., VIRY, M., MENOZZI, M.-J. Construction des lieux et rapports à la nature: Cabanons et pêcheurs des lacs du Sud Manch. **Norois**, n. 3, p. 77-100, 2016.

GHILARDI, A.S.; DUARTE, C. R. de S. Ribeirão Preto: os valores naturais e culturais de suas paisagens urbanas. In: COSTA, L. M. S. A. (Org.). **Rios e paisagens urbanas em cidades brasileiras**. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, Ed. PROURB, 2006. p. 95-119.

GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos** [recurso eletrônico] / tradução Roberto Cataldo Costa; consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição Lorí Viali. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa de Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GONZÁLEZ, L. G. Agua y turismo. Nuevos usos de los recursos hídricos en la Península Ibérica. Enfrique integral. **Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles - A.G.E.**, Madrid, n. 37, p. 239-255, 2004.

GÖSSLING, S. The consequences of tourism for sustainable water use on a tropical island: Zanzibar, Tanzania. **Journal of Environmental Management**, v. 61, n. 2, p. 179-191, 2001.

GÖSSLING, S.; PEETERS, P.; HALL, C. M.; CERON, J.-P.; DUBOIS, G., LEHMANN, L. V.; SCOTT, D. Tourism and water use: supply, demand, and security. An international review. **Tourism Management**, v. 33, n. 1, p. 1-15, 2012.

GRAVARI-BARBAS, M. **La mer retrouvée: Baltimore et autres reconquêtes de fronts d'eau urbains**. Thèse (Doctorat) – Paris, Université Paris 4, 1991.

GRAVARI-BARBAS, M.; JACQUOT, S. La place de l'espace fluvial dans les projets urbains de Lyon, Nantes et Strasbourg, analyse exploratoire. **Espaces**, nº 333, p. 64-71, nov./dec. 2016b.

GRAVARI-BARBAS, M.; JACQUOT, S. Les espaces fluviaux des métropoles européennes. Perspectives de (re)conquête à des fins récréatives. **Espaces**, nº 333, p. 20 – 25, nov./dec. 2016a.

GUERRA, A. T.; GUERRA, A. J. T. **Novo Dicionário Geológico-Geomorfológico**. 7 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

HASENACK, H.; WEBER, E. (org.). **Base cartográfica vetorial continua do Rio Grande do Sul** – escala 1:50.000. Porto Alegre: UFRGS Centro de Ecologia, 2010. 1 DVD-ROM (Série Geoprocessamento n.3). ISBN 978-8563483-00-5 (livreto) e ISBN 978-85-63843-01-2 (DVD).

HOLZER, W. Augustin Berque: um trajeto pela paisagem. **Espaço e cultura**, Rio de Janeiro, n. 17-18, p. 55-63, jan/dez 2004.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 21 mar. 2018a.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <<https://mapas.ibge.gov.br/bases-e-referenciais/bases-cartograficas/cartas>>. Acesso em: 21 jan. 2018b.

ICMBIO, INSTITUTO CHICO MENDES; MMA, MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Unidades de Conservação. Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/portal/unidadesdeconservacao/biomas-brasileiros>>. Acesso em: 02 fev. 2018.

JACOBI, P. R.; SINISGALLI, P. A. (Orgs.). **Governança da Água e Políticas Públicas na América Latina e Europa**. São Paulo: Annablume, 2009.

KLEIN, J.; EKSTEDT, K.; WALTER, M. T.; LYON, S. W. Modeling potential water resource impacts of Mediterranean Tourism in a changing climate. **Environ Model Assess**, v. 20, n. 1, p. 117-128, 2015.

KLEIN, R. A. **Getting a Grip on Cruise Ship Pollution**. Washington DC: Friends of the Earth, 2009. 56 p.

KLEITON; KLEDIR. **Lagoa**. Música. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/kleiton-e-kledir/>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

KNAFOU, R.; STOCK, M. Tourisme. In: LÉVY, P.; LUSSAULT, M. (Direc.) **Dictionnaire de la Géographie**. Paris: Belin, 2003, p. 931 – 934.

KNIPLING, G. **O Guaíba e a Lagos dos Patos**. 3 ed. ampl. atual. Porto Alegre: Palotti, 2002. 175 p.

KRIPPENDORF, J. **Les dévoreurs de paysages**: Le tourisme doit-il détruire les sites qui le font vivre ? Lausanne, Suisse: Éditions 24 heures, 1977.

LA GUERRA del Agua. Bolívia, 2000 [produção]. 1 filme (18 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Of3K5H3U83k>>. Acesso em: 18 fev. 2018.

LASLAZ, L.; GAUCHON, C. ; PASQUET, O. C.; NICOLAS, A. **Atlas Savoie Mont-Blanc, au carrefour des Alpes, des territoires attractifs**. Paris, France : Ed. Autrement, Collection Atlas/Monde, 2015. 96 p.

LAZZAROTTI, O. Tourisme et Géographie: le grand dérangement. In: STOCK, M. (coord.). **Le Tourisme**: acteurs, lieux et enjeux. Paris: Belin, 2003. p. 259-282.

LE FLOCH, S. Les bords de Garonne et leurs nouveaux riverains. **Ethnologie française** v. 44, n. 1, p. 165-172, 2014.

LEICHNIG, K. **La patrimonialisation des espaces fluviaux urbains et l'expérience des usagers, visiteurs et habitants**: une approche compare Pau (France) et Saragosse (Espagne). 2015. 624 f. Thèse (Doctorat en Géographie spécialité aménagement) - Laboratoire SET (Société, environnement et territoire), Université de Pau et des pays de l'Adour, Universidad de Zaragoza, Pau, déc. 2015.

LIABEUF, B. Avec vue sur lac. In : LIABEUF, B. ; MARIN, S. ; BAZIN, Y. (Comissariats). **Avec vue sur lac**: regards sur les lacs alpins du XVIIIe siècle à nos jours. Lyon, France: Fage Éditions; Annecy, France, Musée-Chateau, 2009, p. 33-39.

LIABEUF, B.; MARIN, S.; BAZIN, Y. (Comissariats). **Avec vue sur lac** : regards sur les lacs alpins du XVIIIe siècle à nos jours. Lyon, France : Fage Éditions ; Annecy, France, Musée-Chateau, 2009, p. 33-39.

LOZATO-GIOTART, J.-P. **Geografía del turismo**: del espacio contemplado al espacio consumido. Barcelona: Masson, 1990. 182 p.

LUCHIARI, M. T. D. P. Urbanização turística: um novo nexó entre o lugar e o mundo. In: SERRANO, C.; BRUHNS, H. T.; LUCHIARI, M. T. D. P. (Orgs.). **Olhares contemporâneos sobre o turismo**. Campinas: Papyrus, 2000. p. 105-130.

LUNA, A.; VALVERDE, I. Presentación. Afecto, sentido, sensibilidad: miradas transversales sobre paisaje y emoción. In: LUNA, A.; VALVERDE, I. (Dir.). **Teoría y paisaje II**: Paisaje y emoción. El resurgir de las geografías emocionales. Olot: Observatorio del Paisaje de Cataluña; Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 2015. p. 5-9.

MACEDO, S. S.; PELLEGRINO, P. R. M. Do Éden à Cidade – transformação da paisagem litorânea brasileira. In: YÁZIGI, E.; CARLOS, A. F. A.; CRUZ, R. C. A. (Orgs.). **Turismo**: espaço, paisagem e cultura. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 156-160.

MAGNI, D., CHINAGLIA, N. **Alpine Lakes**. A common approach to the characterization of lakes and their catchment area. Itália: Alpine Lakes Network, 2007. 240 p.

MAPCRUZIN. Disponível em: <<http://www.mapcruzin.com/>>. Acesso em: 21 jan. 2018.

MARTINS, I. R.; VILLWOCK, J. A.; MARTINS, L. R.; BEMVENUTI, C. E. **The Lagoa dos Patos estuarine ecosystem (RS)**. Pesquisas, Porto Alegre, 22, p. 5-44, 1989.

MELO, V. M. As paisagens do Rio Capibaribe no século XIX e suas representações. **Paisagem Ambiente**: ensaios, São Paulo, n. 23, p. 253-263, 2007.

MENESES, U. T. B. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, E. (Org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 29-64

MESPLIER, A.; BLOC-DURAFFOUR, P. **Geografía del turismo en el mundo**. Madrid: Síntesis, 2000. 382 p.

MMA, MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Áreas protegidas. Instrumentos de Gestão. Sítios Ramsar**. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/areas-protegidas/instrumentos-de-gestao/s%C3%ADtios-ramsar>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

MMA, MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Avaliação e ações prioritárias para a conservação da biodiversidade da Mata Atlântica e Campos Sulinos**. Brasília: MMA/SBF, 2000.

MMA, MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Caderno da região hidrográfica Atlântico Sul**. Brasília: MMA, Secretaria de Recursos Hídricos, 2006.

MOESCH, M. M. **A produção do saber turístico**. São Paulo: Contexto, 2000.

MONTUELLE, B.; CLÉMENS, A. (Direc.) **Le tour des grands lacs alpins naturels en 80 questions**. Lyon : Observatoire des lacs alpins –OLA, Zone Atelier Bassin du Rhône, Graie, 2015. 205 p.

MOREAU, S. (Direc.). **La fonction touristique des territoires: facteur de pression ou de préservation de l'environnement ?** Bialec, Nancy (France) : Ministère de l'Environnement, de l'Énergie et de la Mer, Commissariat Général au Développement Durable (CGDD), Service de l'Observation et des statistiques (SoeS)/DATALAB, mars 2017.

MORI, N., PAGON, P., BRANCELJ, A. **Public lakeshore access and lakeside occupation: practical guide**. Ljubljana: National Institute of Biology; Alpine Lakes Network, 2007. 45 p.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Tradução Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 12 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução Dulce Matos. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

MORIN, E; KERN, A.-B. **Terra-Pátria**. Tradução Paulo Azevedo Neves da Silva. 5 ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MTUR – MINISTÉRIO DO TURISMO. **Guia Brasileiro de Sinalização Turística**. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/publicacoes/item/41-guia-brasileiro-de-sinalizacao-turistica.html>>. Acesso em: 06 fev. 2018.

MUÑOZ, M. D.; AZÓCAR, G. Incorporación del paisaje en la gestión del territorio de la Patagonia Chilena. **Revista Urbano**, Concepción, Chile, v. 17, n. 30, p. 34-59, nov. 2014.

NIKOLLI A. **Les grands lacs alpins, des espaces publics?** Le «droit au lac» face aux restrictions d'accès aux rives lacustres. Étude de cas du lac d'Annecy, de la rive française du Léman et du lac du Bourget (France). Mémoire de master 2, ENS de Lyon, 160 p, 2016.

NIKOLLI, A. **Les rives lacustres comme espaces publics:** essai de cartographie. L'exemple du lac d'Annecy. Mappemonde, n. 123, mise en ligne 02/2018 p. 1 – 21, Disponível em : <<http://mappemonde.mgm.fr/123as2/>>. Acesso em : 16 out. 2017.

NOGUÉ, J. Emoción, lugar y paisaje. In: LUNA, A.; VALVERDE, I. (Dir.). **Teoría y paisaje II: Paisaje y emoción. El resurgir de las geografías emocionales.** Olot: Observatorio del Paisaje de Cataluña; Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 2015. p. 137-147.

NOGUÉ, J.; PUIGBERT, L.; BRETCHA, G. (eds.). **Paisatge, patrimoni i aigua. La memòria del territori.** Olot: Observatori del Paisatge de Catalunya; Barcelona : ATLL, 2016.

NOGUÉ, J.; SALA, P.; GRAU, J. **The landscape catalogues of Catalonia, Methodology.** Olot: Landscape Observatory of Catalonia; Barcelona: ATLL, 2016. Documents 03.

NOSCHANG, J. **O modelo teórico SISTUR diante da complexidade do fenômeno turístico.** 2014. 182f. Dissertação (Mestrado Profissional em Turismo) - Centro de Excelência em Turismo, Universidade de Brasília (UNB), Brasília, 2014.

O LIVRO da Filosofia. Tradução Douglas Kim. São Paulo: Globo, 2011.

OBSERVATÓRIO DE TURISMO DO RIO GRANDE DO SUL. **Meios de Hospedagem no Rio Grande do Sul 2016.** Porto Alegre: Secretaria da Cultura, Turismo, Esporte e Lazer do Rio Grande do Sul (SEDACTEL), mar. 2017a. Disponível em: <<https://sedactel.rs.gov.br/upload/arquivos/carga20180139/16153919-relatorio-meios-de-hospedagem-rs-2016.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

OBSERVATÓRIO DE TURISMO DO RIO GRANDE DO SUL. **Meios de Hospedagem no Rio Grande do Sul 2017.** Porto Alegre: Secretaria da Cultura, Turismo, Esporte e Lazer do Rio Grande do Sul (SEDACTEL), dez. 2017b. Disponível em: <<https://sedactel.rs.gov.br/observatorio-de-turismo>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

OBSERVATÓRIO DE TURISMO DO RIO GRANDE DO SUL. **Regionalização Turística.** Disponível em: <<http://sedactel.rs.gov.br/regionalizacao-turistica>>. Acesso em: 28 mar. 2018a.

OBSERVATÓRIO DE TURISMO DO RIO GRANDE DO SUL. **Guia de meios de hospedagem do RS referentes à dezembro de 2017, disponibilizado via e-mail pela coordenação do Observatório, em sua versão mais atualizada e detalhada sobre a capacidade em cada um dos municípios do Rio Grande do Sul e por regiões turísticas.** Porto Alegre, mar. 2018b.

OLIVEIRA, C. A. A. A designação Guaíba. **Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, n. 19, p. 65-89, 1976.

OMT, ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO; UNWTO –WORLD TOURISM ORGANISATION. **Glossary of tourism terms.** Disponível em: <<http://publications.unwto.org/unwto-publications>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

OSEKI, J. H.; ESTEVAM, A. R. A fluvidade em rios paulistas. In: COSTA, L. M. S. A. (Org.). **Rios e paisagens urbanas em cidades brasileiras.** Rio de Janeiro: Viana & Mosley, Ed. PROURB, 2006. p. 77-94.

PALOM, A. R. Paisatges de l'aigua i desenvolupament territorial: el cas del riu Ter. In: NOGUÉ, J.; PUIGBERT, L.; BRETCHA, G. (eds.) (2016). **Paisatge, patrimoni i aigua. La memòria del territori.** Olot: Observatori del Paisatge de Catalunya; Barcelona : ATLL, 2016, p. 49-68; 214-216.

PELOTAS COLONIAL. Disponível em: <http://www.pelotascolonial.com.br/>. Acesso em: mar. 2018.

PELOTAS TEM. Aplicativo. Disponível em: https://play.google.com/store/apps/details?id=com.cohde.turismopelotas&hl=pt_BR. Acesso em: 10 jan. 2018.

PEREIRA, R. S.; NIENCHESKI, L. F. H.; BAUMGARTEN, M. G. Z. Condição ambiental da Lagoa dos Patos. In: ÁGUASUL - **Simpósio de Recursos Hídricos do Sul, Simpósio de Águas da Associação de Universidades Grupo de Montevideo (AUGM)**, 1., 2005, Santa Maria. **Anais...** Porto Alegre: Associação Brasileira de Recursos Hídricos – ABRH - Regional RS/SC, AUGM, 2005. p. 1-19. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/2394/CONDI%C3%87%C3%83O%20AMBIENTAL%20DA%20LAGOA%20DOS%20PATOS.pdf?sequence=1>. Acesso em: 21 fev. 2016.

PÉREZ, M. S. Cuestiones de escala en el ámbito de la “Huella Hídrica”. **Observatorio Medioambiental**, Madrid, v. 18, n. 1, p. 9-37, 2015.

PIMENTEL, M. R. **Uma abordagem geográfica do Turismo:** visitando Porto Alegre. 2017. 368 f. Tese (Doutorado em Geografia) – PPG em Geografia – Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, 2017.

PINEDO, M. C. Mamíferos marinhos. In: SEELIGER, U.; ODEBRECHT, C.; CASTELLO, J. P. (Eds.) **Os ecossistemas costeiro e marinho do extremo sul do Brasil.** Rio Grande: Ecoscientia, 1998. p. 70-71.

PIRES, P. S. Marco teórico-metodológico de los estudios del paisaje: perspectivas de aplicación en la planificación del turismo. **Estudios y Perspectivas en Turismo**, Buenos Aires, v. 20, n. 1, p. 522-54, 2011.

PIRES, P. S. Paisagem litorânea de Santa Catarina como recurso turístico. In: YÁZIGI, E.; CARLOS, A. F. A.; CRUZ, R. C. A. (Orgs.). **Turismo:** espaço, paisagem e cultura. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 161-177.

PLANO DA BACIA HIDROGRÁFICA DO CAMAQUÃ 2015-2035. **Relatório executivo 2016.** Disponível em: <<http://www.comitecamaqua.com/index.php/planejamento/plano-de-bacia>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

PORTAL, C.; BARRAUD, R.; DAVODEAU, H. Introduction. La patrimonialisation des paysages de l'eau dans l'ouest de la France. **Norois**, n. 228, p. 7-10, 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS. **Plano Municipal de Turismo – Pelotas – RS – 2017-2024**. Pelotas: Pelotas Turismo, 2017a. Disponível em: <http://www.pelotasturismo.com.br/files/plano.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2018.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS. Secretaria Municipal da Cultura. **Pelotas Natural: Patrimônio de Águas. Dia do Patrimônio – 14, 15 e 16 de agosto de 2015**. Disponível em: <https://www.facebook.com/DiadoPatrimonioPelotas/photos/a.461355464034583.1073741860.171852529651546/489382964565166/?type=3&theater>. Acesso em: 08 abr. 2018.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS. **Secretaria Municipal de Desenvolvimento, Turismo e Inovação**. Disponível em: <http://www.pelotasturismo.com.br>. Acesso em: mar. 2018.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS. **Secretaria Municipal de Desenvolvimento, Turismo e Inovação**. Pelotas. Rio Grande do Sul. Material promocional turístico impresso. 2017b.

PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO GRANDE. **Secretaria Municipal de Turismo, Esporte e Lazer**. Disponível em: <http://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/index.php/atrativos-turisticos>. Acesso em: mar. 2018.

PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO GRANDE. Secretaria Municipal de Turismo, Esporte e Lazer. **Guia Turístico Rio Grande – Cidade Histórica, Cidade do Mar**. Material promocional turístico impresso. 2017.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DO NORTE. **Secretaria Municipal de Turismo e Promoções**. Disponível em: <http://www.saojosedonorte.rs.gov.br/sao-jose-do-norte/turismo>. Acesso em: 18 mar. 2018.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DO NORTE. Secretaria Municipal de Turismo e Promoções. **São José do Norte – Cidade dos recantos e encantos**. Material promocional turístico impresso. 2017.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LOURENÇO DO SUL. **Secretaria Municipal de Turismo, Indústria e Comércio**. 2018. Disponível em: <https://www.saolourencodosul.rs.gov.br/portal/turismo/9>. Acesso em: 21 mar. 2018.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LOURENÇO DO SUL. Secretaria Municipal de Turismo, Indústria e Comércio. **São Lourenço do Sul – Rio Grande do Sul – Brasil – Terra de todas as paisagens**. Material promocional turístico impresso. 2017.

QUEIROZ, R. S. Caminhos que andam: os rios e a cultura brasileira. In: REBOUÇAS, A. da C.; BRAGA, B.; TUNDISI, J. G. **Águas Doces no Brasil: capital ecológico, uso e conservação**. São Paulo: Escrituras Editora, 1999. p. 671- 687.

RAMBO, B. **A Fisionomia do Rio Grande do Sul: ensaio de monografia natural**. Porto Alegre: Of. Gráf. Da Imprensa Oficial, 1942.

REIS, E. G.; VIEIRA, P. C.; STOTZ, W. Projeto de manejo integrado da pesca artesanal. In: TAGLIANI, P. R. A.; ASMUS, M. L. (Orgs.). **Manejo integrado do estuário da Lagoa dos Patos: uma experiência de gerenciamento costeiro no sul do Brasil**. Rio Grande: Editora da FURG, 2011. p. 149-158.

REYNARD, E. Aménagement du territoire et gestion de l'eau dans les stations touristiques alpines. Le cas de Crans-Montana-Aminona (Valais, Suisse). **Revue de géographie alpine**, Lyon, n. 3, Tome 89, p. 7-19, 2001.

REYNARD, E. **Gestion patrimoniale et intégrée des ressources en eau dans les stations touristiques de montagne**. Les cas de Crans-Montana-Aminona et Nendaz (Valais). Thèse de doctorat. Université de Lausanne, Lausanne, Institut de Géographie, Travaux et Recherches n° 17, avril 2000, 2 vol.

RIBEIRO, F.; VIEIRA, S. O zoneamento urbano como estratégia de preservação da paisagem cultural do centro histórico de Pelotas, RS. GOT, **Revista de Geografia e Ordenamento do Território.**, n. 6, p. 283-303, 2014.

RIBEIRO, M. **El turismo y las relaciones sociales: olvido, inclusión y perspectivas en el litoral norte de Rio Grande do Sul, Brasil**. 2003. Tese (Doctorado en Turismo y Desarrollo Sostenible) - Departamento de Geografía, Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, La Palmas de Gran Canaria, 2003.

RIBEIRO, W. C. (Org.). **Conflitos e cooperação pela água na América Latina**. São Paulo: Annablume, PPGH, 2013.

RIBEIRO, W. C. **Geografia política da água**. São Paulo: Annablume, 2008.

RICHINS, H. Motorized water sports. In: JENNINGS, G. (ed.). **Water-based Tourism, Sport, Leisure, and Recreation Experiences**. Amsterdam: Elsevier, 2007. p. 69-94.

RICO AMORÓS, A. M. Insuficiencia de recursos hídricos y competencia de usos en la Comunidad Valenciana. **Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles- A.G.E.**, Madrid, n° 33, p. 23-50, 2002

RODRIGUES, A. B. **Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar**. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

ROTA MAPAS. **Página Inicial**. Disponível em: <<https://www.rotamapas.com.br/>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

RS BIODIVERSIDADE. SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE. **Biodiversidade do RS. IBAs**. Disponível em: <http://www.biodiversidade.rs.gov.br/portal/index.php?acao=secoes_portal&id=43&submenu=23>. Acesso em: 11 abr. 2016.

SACAREAU, I. ; STOCK, M. Qu'est-ce que le tourisme? In: STOCK, M. (coord.). **Le Tourisme: acteurs, lieux et enjeux**. Paris: Belin, 2003. p. 7- 32.

SAINT-HILAIRE, A. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Tradução Adroaldo Mesquita da Costa. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002. 578 p. Coleção O Brasil visto pelos estrangeiros.

SAJALOLI B. «Les zones humides : une nouvelle vitrine pour l'environnement». **Bulletin de l'Association de Géographes Français**, v. 73, n. 2, p. 132-144, 1996.

SÃO LOURENÇO DO SUL TEM. **Aplicativo**. Disponível: <<http://saolourenco.1app.com.br/>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

SAUER, C. O. A morfologia da paisagem. Tradução Gabrielle Corrêa Braga. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998. p. 12-74.

SCAZZOSI, L. “Valorar” los paisajes. In: MATA, R.; TARROJA, A. (Coord.). **El paisaje y la gestión del territorio: critérios paisajísticos em la ordenación del territorio y el urbanismo**. Barcelona: Diputación de Barcelona, 2006. p. 267-301.

SCHÄFER, A. E. A planície costeira do Rio Grande do Sul: um sistema ecológico costeiro único no mundo. In: SCHÄFER, A. E.; LANZER, R. M.; PEREIRA, R. (Org.) **Atlas socioambiental: municípios de Mostardas, Tavares, São José do Norte e Santa Vitória do Palmar**. Caxias do Sul: EDUCS, 2009, p. 46-55.

SCOTT, D. US Ski industry adaptation to climate change: hard, soft and policy strategies. In: GÖSSLING, S.; HALL, M. C. (eds.). **Tourism and Global Environmental Change: ecological, social, economic and political interrelationships**. London, New York: Routledge, 2006. p. 262-285.

SEDACTEL, Secretaria de Estado da Cultura, Turismo, Esporte e Lazer. **Regiões Turísticas**. Região Costa Doce. <Disponível em: <http://www.turismo.rs.gov.br/regiao/43/regiao-costa-doce#sobre>>. Acesso em 28 mar. 2018.

SEELIGER, U. Introdução. In: SEELIGER, U.; ODEBRECHT, C. (Eds.). **O estuário da Lagoa dos Patos: um século de transformações**. Rio Grande: FURG, 2010. p.11-13.

SEELIGER, U.; COSTA, C. S. B. Impactos naturais e humanos. In: SEELIGER, U.; ODEBRECHT, C.; CASTELLO, J. P. (Eds.) **Os ecossistemas costeiro e marinho do extremo sul do Brasil**. Rio Grande: Ecoscientia, 1998. p. 219-226.

SEELIGER, U.; COSTA, C. S. B. Lições ecológicas e futuras tendências. In: SEELIGER, U.; ODEBRECHT, C. (Eds.). **O estuário da Lagoa dos Patos: um século de transformações**. Rio Grande: FURG, 2010. p.147-149.

SEELIGER, U.; ODEBRECHT, C. (Eds.). **O estuário da Lagoa dos Patos: um século de transformações**. Rio Grande: FURG, 2010.

SEMA – SECRETARIA DO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL. **Unidades de Conservação**. Disponível em: <<http://www.sema.rs.gov.br/unidades-de-conservacao-2016-10>>. Acesso em: 16 mar. 2018a.

SEMA, SECRETARIA DO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO RIO GRANDE DO SUL. **Bacias hidrográficas do Rio Grande do Sul**. Disponível em: <<http://www.sema.rs.gov.br/bacias-hidrograficas>>. Acesso em: 27 mar. 2018b.

SERVAIN, S.; RIVIÈRE-HONEGGER, A.; ANDRIEU, D. La place de l'espace fluvial dans les projets urbains de Lyon, Nantes et Strasbourg – analyse exploratoire. **Espaces**, nº 333,

nov./dec. 2016, p. 64-71.

SILVA, E. R. **O curso da água na história: simbologia, moralidade e a gestão de recursos hídricos**. 1998. 201 f. Tese (Doutorado) - Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Osvaldo Cruz, Rio de Janeiro, 1998.

SIMRPPN – Sistema informatizado de Monitoria de RPPN. **RPPN Pontal da Barra**. Disponível em: <<http://sistemas.icmbio.gov.br/simrppn/publico/detalhe/698/>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

SPALDING, W. O Guaíba, a Lagoa dos Patos e a Barra do Rio Grande. **Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, n. 11, p. 98-104, jan.-jun 1961.

STOCK, M. «Vers une théorisation de l'approche géographique du tourisme». **Mondes du Tourisme** [En ligne], v. 2, n. 1, p. 19-23, 2010.

STOCK, M. Introduction. In: STOCK, M. (coord.). **Le Tourisme: acteurs, lieux et enjeux**. Paris: Belin, 2003. p. 3-6.

STOCK, M. Les sociétés à individus mobiles: vers un nouveau mode d'habiter ? *EspacesTemps.net*, Travaux, 25.05.2005. Disponível em: <<https://www.espacestemp.net/articles/societes-individus-mobiles/>>. Acesso em: 19 mar. 2018.

STROHAECKER, T. M. **A urbanização no Litoral Norte do Estado do Rio Grande do Sul: contribuição para a gestão urbana ambiental do município de Capão da Canoa**. 2007. 398 f. Tese (Doutorado em Geociências) - Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

TAGLIANI, P. R. A.; ASMUS, M. L.; POLETTE, M. Por que gerenciar o estuário da Lagoa dos Patos? In: TAGLIANI, P. R. A.; ASMUS, M. L. (Orgs.). **Manejo integrado do estuário da Lagoa dos Patos: uma experiência de gerenciamento costeiro no sul do Brasil**. Rio Grande: Editora da FURG, 2011. p. 17-25.

TOLDO JÚNIOR, E. E. Morfodinâmica da Laguna dos Patos, Rio Grande do Sul. **Pesquisas, Porto Alegre**, v. 18, n. 1, p. 58-63, 1991.

TOLDO JÚNIOR, E. E. **Sedimentação, predição do padrão de ondas e dinâmica da antepraia e zona de surfe do sistema lagunar da Lagoa dos Patos, RS**. 1994. 189 f. Tese (Doutorado em Geociências), Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994.

TOLDO JÚNIOR, E. E.; DILLENBURG, S.R.; CORREA, I. C. S., ALMEIDA, L. E.S.B.; WESCHENFELDER, J.; GRUBER, N; L. S. Sedimentação de longo e curto período na Lagoa dos Patos, sul do Brasil. **Pesquisas em Geociências**, Porto Alegre, 33 (2), p. 79-86, 2006.

TOMAZELLI, L. J.; VILLWOCK, J. A. **Geologia do Sistema Lagunar Holocênico do Litoral Norte do Rio Grande do Sul, Brasil**. *Pesquisas*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 13-24, 1991.

TOMAZELLI, L. J.; VILLWOCK, J. O Cenozóico no Rio Grande do Sul: Geologia da Planície Costeira. In: HOLZ, M.; DE ROS, L. F. (Eds.). **Geologia do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: CIGO/UFRGS, 2000. p. 375-406.

TORRES, L. H. **Lagoa dos Patos: história e natureza**. Rio Grande: Pluscom Editora, 2013.

TORRES, L. H. **História do município do Rio Grande: fundamentos**. Rio Grande: Pluscom Editora, 2015.

TOUCHART, L. **Hydrologie: mers, fleuves et lacs**. Paris: Armand Colin, 2003. 190 p.

TOUCHART, Laurent. Qu'est-ce qu'un lac ? (What is a lake ?). In: **Bulletin de l'Association de géographes français**, 77e année, 2000-4 (décembre). Géographie des lacs (Henri Rougier) / Thèmes de géographie tropicale (Jean Demangeot) pp. 313-322; doi : 10.3406/bagf.2000.2179 Disponível em: <http://www.persee.fr/doc/bagf_0004-5322_2000_num_77_4_2179>. Acesso em: 15 set. 2017.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TUAN, Y.-F. **Geografía romántica: en busca del paisaje sublime**. Tradução B. Nogué; Ed. de J. Nogué. Madrid: Biblioteca Nueva, 2015.

TUAN, Y.-F. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Y.-F. **Topofilia, um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo, Rio de Janeiro: DIFEL, 1980.

TVB, *TRAME VERTE ET BLEUE*. **Página Inicial**. Disponível em: <<http://www.trameverteetbleue.fr/?language%3Den=fr>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

TYRRELL, D. A. **Modelling the water quality of the Patos Lagoon, Brazil**. 2005. 309 f. Thesis (Doctor of Philosophy) - School of Earth, Ocean and Environmental Sciences, Faculty of Science, University of Plymouth, 2005.

UEDA, V.; VIGO, M. A. Recuperação do ambiente natural e urbano da Lagoa dos Patos em benefício do desenvolvimento da atividade turística em Pelotas/RS. In: RODRIGUES, A. B. (Org.). **Turismo e ambiente: reflexões e propostas**. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 98-107.

URRY, J. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. Trad. Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Studio Nobel, SESC, 1996.

VELASCO, L. F. S. **Caminhos da Lagoa dos Patos**. Porto Alegre: Arte e Cultura, 1990.

VERA REBOLLO, J. F. Agua y modelo de desarrollo turístico: la necesidad de nuevos criterios para la gestión de los recursos. **Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles - A.G.E.**, Madrid, n. 42, p. 155-178, 2006.

VERDUM, R. *et al.* Perceber e conceber paisagem. In: VERDUM, R. *et al.* (Orgs.). **Paisagem: leituras, significados e transformações**. Porto Alegre: EdUFRGS, 2012. p. 15-33.

VERNEX J. C. «Paysage et société : l'exemple du littoral du lac d'Annecy». **Le Globe**, v. 125, n. 1, p. 273-287, 1985.

VERNEX J. C. **Histoire des bains**: cent ans de baignades dans nos lacs. Léman, Annecy, Bourget. Genève : Junod, 1996b. 126 p.

VERNEX J. C. L'invention des lieux touristiques. **Le Globe**, vol. 133, n°1, p. 15-28, 1993.

VERNEX J. C. Qu'est-ce qu'un lac ? De l'imaginaire lacustre à l'aménagement. **Le Globe**, v. 138, n. 1, p. 7-16, 1998.

VERNEX J. C.. Évolution des pratiques de loisirs et espace littoral lacustre. Une étude de cas: le lac d'Annecy (France). **Le Globe**, v. 129, n. 1, p. 37-47, 1989.

VERNEX J.-C. Les lacs alpins, espaces saturés ? Pour une approche subjective de la densité. **Méditerranée**, vol. 84, n°3, p. 35-36, 1996a.

VERNEX, J. C. Le beau paysage lacustre : archéologie d'un regard. In : LIABEUF, B. ; MARIN, S. ; BAZIN, Y. (Comissariats). **Avec vue sur lac**: regards sur les lacs alpins du XVIIIe siècle à nos jours. Lyon, France : Fage Éditions ; Annecy, France, Musée-Chateau, 2009, p. 41-53.

VERNEX, J. C.; MARTIN, M. Vendre le lac : quelles images, quels imaginaires ? L'exemple d'Annecy. In : LIABEUF, B. ; MARIN, S. ; BAZIN, Y. (Comissariats). **Avec vue sur lac**: regards sur les lacs alpins du XVIIIe siècle à nos jours. Lyon, France : Fage Éditions ; Annecy, France, Musée-Chateau, 2009, p. 92-97.

VERNEX, Jean-Claude. Comment la culture et les arts ont-ils contribué à créer l'image contemporaine des lacs ? IN : MONTUELLE, B.; CLÉMENS, A. (Direc.) **Le tour des grands lacs alpins naturels en 80 questions**. Lyon : Observatoire des lacs alpins –OLA, Zone Atelier Bassin du Rhône, Graie, 2015, p. 180-181.

VIEIRA, J. P.; GARCIA, A. M.; MORAES, L. A assembléia de peixes. In: SEELIGER, U.; ODEBRECHT, C. (Eds.). **O estuário da Lagoa dos Patos**: um século de transformações. Rio Grande: FURG, 2010. p.79-88.

VIEIRA, L. F. S. **A valoração da beleza cênica da paisagem do bioma pampa do Rio Grande do Sul**: proposição conceitual e metodológica. 2014. 251 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

VILLWOCK, J. A.; TOMAZELLI, L. J. **Geologia Costeira do Rio Grande do Sul**. Notas Técnicas, Porto Alegre, 8, p. 1-45, 1995.

VINUTO, J. **A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa**: um debate em aberto. Temáticas, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, ago/dez., 2014.

VOOREN, C. M. A fauna das aves. In: SEELIGER, U.; ODEBRECHT, C.; CASTELLO, J. P. (Eds.) **Os ecossistemas costeiro e marinho do extremo sul do Brasil**. Rio Grande: Ecoscientia, 1998. p. 68-70.


XAVIER, H. **A percepção geográfica do turismo**. São Paulo: Aleph, 2007.

YÁZIGI, E. A importância da paisagem. In: YÁZIGI, E. (Org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 11-27.

APÊNDICE A – GUIA DE ENTREVISTA - MODELO A

 Instituto de Geociências Programa de Pós-Graduação em Geografia Doutoranda: Laura Rudzewicz Ano: 2016 / 2017		
GUIA DE ENTREVISTA (MODELO A)		
<p>Apresentação: Nessa entrevista, eu irei lhe solicitar, por várias vezes, que você relate/conte/descreva situações em que você teve determinadas experiências significativas, pessoais ou profissionais, vinculadas aos temas turismo e paisagem da Laguna dos Patos (LP); e, em outros momentos, eu irei questionar o seu ponto de vista sobre alguns temas importantes para esse estudo.</p>		
Tópicos gerais	Tópicos específicos	Questão:
Relação com a Laguna dos Patos	1. Experiência significativa na LP 2. Significado da LP	1. Conte-me uma experiência significativa para você em contato com a LP? 2. O que a LP significa para você?
Relação com a paisagem lacustre da Laguna dos Patos	3. Concepção de paisagem lacustre 4. Elementos da paisagem lacustre de maior atratividade	3. Você reconhece à ideia de paisagem lacustre relacionada à LP? Na sua opinião, o que é a paisagem lacustre da LP? 4. Relate-me quais são essas paisagens lacustres que lhe parecem mais atrativas? Por quê?
Experiência de turismo nas paisagens lacustres da Laguna dos Patos	5. Concepção de turismo na LP 6. Prática de turismo na LP 7. Percepções, sentidos e emoções da experiência de turismo na LP	5. Para você, o que representa o turismo relacionado à LP? 6. Descreva-me uma situação em que você realizou/promoveu/vivenciou uma prática de turismo relacionada à LP? 7. Relate-me quais foram os sentimentos, sensações, percepções que esta experiência de turismo relacionada à LP despertou em você/nos sujeitos envolvidos?
Argumentações sobre potencialidades do turismo	8. Potenciais do turismo na LP	8. Na sua opinião, quais são os potenciais do turismo na LP? Relate-me uma experiência em que estes potenciais apareceram?
Argumentações sobre dificuldades ao turismo	9. Dificuldades ao turismo na LP	9. Na sua opinião, quais são as dificuldades ao desenvolvimento do turismo na LP? Relate-me uma experiência em que estas dificuldades estiveram presentes?
Argumentações sobre conflitos relacionados ao turismo	10. Conflitos que envolvam o turismo na LP	10. Na sua opinião, quais são os conflitos existentes relacionados com o turismo na LP? Relate-me uma experiência em que estes conflitos estiveram presentes.
Imaginação de cenários futuros sobre o turismo	11. Expectativas futuras sobre o turismo na LP	11. Imagine-se em um futuro próximo, o que você espera do turismo na LP? Relate/imagine uma situação que pudesse esclarecer esse momento futuro.
Síntese da reflexão sobre o turismo na Laguna dos Patos	12. Palavra/expressão para turismo na LP	12. Para você, qual é a palavra/expressão que representa, hoje, o turismo na LP? Por quê?
Avaliação sobre a fotografia de autoria do sujeito	13. Situação da foto 14. Motivação da foto	13. Agora sobre a fotografia escolhida, diga-me em que situação ela foi realizada? 14. Qual foi a sua motivação ao fotografar este ângulo?
Avaliação final da entrevista	15. Avaliação final	15. Para encerrar, eu gostaria de lhe solicitar uma avaliação desta entrevista: há algo que você esqueceu ou gostaria de mencionar o seu ponto de vista?



APÊNDICE B – GUIA DE ENTREVISTA - MODELO B

Tópicos gerais	Tópicos específicos	Questão:
 <p style="text-align: center;">Instituto de Geociências Programa de Pós-Graduação em Geografia Doutoranda: Laura Rudzewicz Ano: 2016 / 2017</p>		
GUIA DE ENTREVISTA (MODELO B)		
Apresentação: Nesta entrevista, eu irei lhe solicitar, por várias vezes, que você relate/conte/descreva situações em que você teve determinadas experiências significativas, vinculadas aos temas turismo e paisagem da Laguna dos Patos (LP); e, em outros momentos, eu irei questionar o seu ponto de vista sobre alguns temas importantes para esse estudo.		
Relação com a Laguna dos Patos	1. Experiência significativa na LP 2. Significado da LP	1. Conte-me uma experiência significativa para você em contato com a LP? 2. O que a LP significa para você?
Relação com a paisagem lacustre da Laguna dos Patos	3. Concepção de paisagem lacustre 4. Elementos da paisagem lacustre de maior atratividade	3. Você reconhece à ideia de paisagem lacustre relacionada à LP? Na sua opinião, o que é a paisagem lacustre da LP? 4. Relate-me quais são essas paisagens lacustres que lhe parecem mais atrativas? Por quê?
Concepção/relação/experiência com tema: turismo na LP	5. Concepção de turismo na LP 6. Prática de turismo na LP 7. Percepções, sentidos e emoções da experiência de turismo na LP	5. Para você, o que representa o turismo relacionado à LP? 6. Descreva-me uma situação em que você realizou/vivenciou uma prática de turismo relacionada à água na LP? 7. Relate-me quais foram os sentimentos, sensações, percepções que esta experiência de turismo relacionada à LP despertou em você/nos sujeitos envolvidos?
Imaginação de cenários futuros sobre o turismo	8. Expectativas futuras sobre o turismo na LP	8. Imagine-se em um futuro próximo, o que você espera do turismo na LP? Relate/imagine uma situação que pudesse esclarecer esse momento futuro.
Argumentações sobre dificuldades ao turismo	9. Dificuldades ao turismo na LP	9. Na sua opinião, quais são as dificuldades ao desenvolvimento do turismo na LP/enfrentadas durante a sua experiência de turismo? Relate-me uma experiência em que estas dificuldades estiveram presentes.
Síntese da reflexão sobre o turismo na Laguna dos Patos	10. Palavra/expressão para turismo na LP	10. Para você, qual é a palavra/expressão que representa, hoje, o turismo na LP? Por quê?
Avaliação sobre a fotografia de autoria do sujeito	11. Situação da foto 12. Motivação da foto	11. Agora sobre a fotografia escolhida, diga-me em que situação ela foi realizada? 12. Qual foi a sua motivação ao fotografar este ângulo?
Avaliação final da entrevista	13. Avaliação final	13. Para encerrar, eu gostaria de lhe solicitar uma avaliação desta entrevista: há algo que você esqueceu ou gostaria de mencionar seu ponto de vista?

**APÊNDICE C – CADASTRO DAS ENTREVISTAS E TERMO DE
CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

	<p>Instituto de Geociências Programa de Pós-Graduação em Geografia Doutoranda: Laura Rudzewicz Ano: 2016/2017</p>									
<p>CADASTRO DE INFORMAÇÕES DA ENTREVISTA Nº _____</p>										
<p>DADOS DA ENTREVISTA</p> <table border="0"> <tr> <td>Local:</td> <td>Duração:</td> </tr> <tr> <td>Município:</td> <td>Arquivo do áudio:</td> </tr> <tr> <td>Data:</td> <td>Arquivo da fotografia:</td> </tr> <tr> <td>Hora:</td> <td>Grupo:</td> </tr> </table>			Local:	Duração:	Município:	Arquivo do áudio:	Data:	Arquivo da fotografia:	Hora:	Grupo:
Local:	Duração:									
Município:	Arquivo do áudio:									
Data:	Arquivo da fotografia:									
Hora:	Grupo:									
<p>DADOS DO ENTREVISTADO</p> <p>Nome: Telefone: E-mail: Idade: Profissão: Entidade/Empresa: Tempo de experiência: Município de residência: Desde que ano reside no município:</p>										
<p align="center">TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO:</p> <p>Eu, _____ (nome completo), estou sendo convidado/a colaborar com a pesquisa de doutorado intitulada “<i>Onde o Turismo encontra as paisagens de água: significados e práticas na Laguna dos Patos, Rio Grande do Sul, Brasil</i>”, sob responsabilidade da pesquisadora Laura Rudzewicz e seu orientador Prof. Dr. Antonio Carlos Castrogiovanni (POSGEA-GEOGRAFIA/UFRGS).</p> <p>O objetivo é investigar como os sujeitos se relacionam com as paisagens de água através do turismo, tratando de conhecer as práticas e significações relacionadas à Laguna dos Patos, RS.</p> <p>Informo que recebi os esclarecimentos necessários sobre este estudo, e aceito, voluntariamente, ceder uma entrevista em que irei apresentar minhas experiências, definições e informações sobre o tema, e também uma fotografia, de minha autoria. Estou ciente de que, por tratar-se de um estudo que abrange questões subjetivas e sujeitos específicos relacionados ao tema, poderei ser identificado ao longo deste estudo, e, ainda, que as informações e imagem cedidas poderão ser utilizadas nesta pesquisa e outras publicações decorrentes.</p> <p>Também fui informado de que poderei retirar meu consentimento a qualquer momento, sem sofrer qualquer tipo de prejuízo.</p> <p>Estou de acordo que a pesquisadora poderá entrar em contato novamente, por telefone ou e-mail, para confirmação ou complementação das informações.</p> <p>Em caso de reclamação ou esclarecimentos sobre este estudo, devo entrar em contato com o Programa de Pós-Graduação em Geografia – POSGEA/UFRGS pelo email posgeografia@ufrgs.br ou pelo telefone (51) 3308-6347.</p> <p>Tendo sido orientado/a quanto ao teor de todo o aqui mencionado, manifesto meu livre consentimento em colaborar, estando totalmente ciente e esclarecido/a de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação nessa investigação.</p> <p align="right">_____ Local e data</p> <p>_____ Assinatura do entrevistado _____ Rúbrica da pesquisadora</p>										

APÊNDICE D – NOTAS DA ENTREVISTA

	<p>Instituto de Geociências Programa de Pós-Graduação em Geografia Doutoranda: Laura Rudzewicz Ano: 2016/2017</p>	
NOTAS DA ENTREVISTA Nº _____		
DADOS PREENCHIDOS PELA PESQUISADORA		
1. Informações sobre a fotografia do entrevistado:		
Tema da foto:		
Observações:		
2. Conclusões, complementações ou sugestões fornecidas pelo entrevistado:		
Indicações de outros entrevistados:		
Complementações:		
Sugestões na condução da entrevista:		
3. Anotações gerais/impressões sobre o contexto e a condução da entrevista:		
O primeiro contato com o entrevistado:		
Quanto ao local de realização da entrevista:		
Contribuições importantes:		
Argumentações sobre os temas da pesquisa:		
Dificuldades no momento da entrevista:		

APÊNDICE E – NOTAS DE CAMPO



Instituto de Geociências
Programa de Pós-Graduação em Geografia
Doutoranda: Laura Rudzewicz
Ano: 2016/2017



NOTAS DE CAMPO

MUNICÍPIO:

Local visitado	Data	Hora	Ponto no GPS	X	Y	Tempo de observação	Atividades observadas	Contatos estabelecidos

1. Observações gerais do campo	
2. Anotações focais (TURISMO)	
3. Anotações focais (PAISAGEM LACUSTRE)	
4. Problemas e soluções	
5. Anotações sobre contatos estabelecidos	
6. Materiais textuais e visuais coletados	

Registro fotográfico:

Nome da pasta:

Número de imagens:

APÊNDICE F – LISTA DAS ENTREVISTAS SELECIONADAS PARA A ANÁLISE DA TESE

(continua)

GRUPO	ID DA ENTREVISTA	MUNICÍPIO	N. SUJEITOS	TEMPO (MINUTOS)	DATA	ÁREA OU FOCO DE ATUAÇÃO
1 Operadores de serviços turísticos ou relacionados ao Turismo	E11	SLS	1	20,54	17/12/2016	Escuna turística
	E13	SLS	1	62,14	17/12/2016	Escola e guardería náutica
	E18	SJN	1	45,18	13/01/2017	Acampamento turístico e serviço de alimentação
	E21	SJN	2	32,22	15/01/2017	Agência receptiva (S01) e transporte turístico (S02)
	E24	PEL	1	29,47	17/01/2017	Artesanato
	E31	RG	2	29,25	20/01/2017	Atrativo turístico – vagonetas (S01 e S02)
	E40	PEL	1	38,48	03/02/2017	Meio de Hospedagem - pousada
2 Representantes de órgãos públicos municipais de Turismo ou relacionados ao Turismo	E55	RG	1	67,27	07/02/2017	Guia de turismo e agência receptiva
	E16	PEL	1	49,01	19/12/2016	Cultura (secretário)
	E50	SJN	1	39,43	06/02/2017	Turismo (servidora pública, turismóloga)
	E51	SJN	1	33	06/02/2017	Meio Ambiente (secretária)
	E53	RG	1	27,44	07/02/2017	Turismo (servidora pública, turismóloga)
	E54	RG	3	34,31	07/02/2017	Esporte e Lazer (S01 – superintendente de esporte e lazer; S02 e S03 – servidores públicos, educadores físicos)
	E56	PEL	1	27,31	08/02/2017	Turismo (diretora)
3 Representantes do terceiro setor, relacionados direta ou indiretamente ao Turismo	E58	PEL	1	69,55	08/02/2017	Desenvolvimento Rural (servidora pública, engenheira agrônoma - área de recursos hídricos)
	E61	SLS	2	34,31	10/02/2017	Turismo (S01 – secretária adjunta, turismóloga; S02- servidora pública, tecnóloga em turismo)
	E8	PEL	1	40,08	15/12/2016	Associação de cavaleiros
	E22	PEL	1	77,56	16/01/2017	Sistema S em Turismo (turismóloga)
	E23	PEL	1	68,33	16/01/2017	Comitê de Bacia Hidrográfica
	E27	PEL	1	34,59	19/01/2017	Coletivo socioambiental - produção audiovisual
	E29	RG	1	50,36	20/01/2017	ONG – educação, pesquisa e meio ambiente
4 Pesquisadores e professores universitários, de diversas áreas do conhecimento	E44	RG	1	34,58	05/02/2017	Movimento escoteiro
	E57	RG	1	22,40	08/02/2017	Centro de formação de jovens na cultura marítima
	E63	PEL	1	41,22	03/03/2017	APL em Turismo (turismóloga)
	E5	SLS	1	93,19	01/02/2017	Pesquisador independente - Navegação
	E6	RG	1	57,24	15/12/2016	Professor e pesquisador universitário - Oceanologia, Ecologia, Gerenciamento Costeiro
	E7	RG	1	60,22	15/12/2016	Professor e pesquisador universitário - História, Gerenciamento Costeiro
	E10	PEL	1	35,58	16/12/2016	Professor e pesquisador universitário - Arqueologia

(conclusão)

	E15	PEL	1	90,25	19/12/2016	Professor e pesquisador universitário - Zoologia, Gestão Ambiental
	E32	RG	1	52,26	20/01/2017	Professor e pesquisador universitário - Educação física, Esportes de aventura
	E52	SJN	1	23,39	06/02/2017	Professora e pesquisadora universitária - Turismo
	E62	SLS	1	35,27	10/02/2017	Professora e pesquisadora universitária - Oceanografia, Ciências Sociais, Gestão Ambiental
5 Usuários	E1	PEL	1	71	28/11/2016	Praticante de canoagem
	E2	PEL	1	83	28/11/2016	Residente da Praia do Laranjal
	E14	PEL	1	40,01	19/12/2016	Praticante e instrutor de esportes náuticos
	E19	SJN	3	54,21	14/01/2017	Turistas de <i>buggie</i> na Praia do Barranco (S01; S02; S03)
	E35	RG	4	14,12	21/01/2017	Residentes em visita à Ilha da Pólvora (S01; S02; S03; S04)
	E42	PEL	2	6,42	03/02/2017	Turistas na escuna turística no Pontal da Barra (S01; S02)
	E45	RG	1	25,10	05/02/2017	Praticante de canoagem
E60	SLS	2	11,33	09/02/2017	Turistas na Praia da Barrinha (S01; S02)	
TOTAL DE ENTREVISTAS INTERPRETADAS NA TESE		40 entrevistas	53 sujeitos	1776,08 minutos	Média de 44 minutos/entrevista	
TOTAL DE ENTREVISTAS REALIZADAS PARA A TESE		63 entrevistas	83 sujeitos	2341,09 minutos	Média de 37,16 minutos/entrevista	





APÊNDICE G – ANÁLISE GLOBAL DAS ENTREVISTAS

ENT _____	
Enunciado:	
Palavras-chaves:	
Perfil do sujeito:	
Tópicos centrais:	TURISMO SIGNIFICADOS/PRÁTICAS: POTENCIAIS/EXPECTATIVAS: DIFICULDADES/FRAGILIDADES: CONFLITOS:
	PAISAGEM LP SIGNIFICADOS: USOS PASSADOS: USOS ATUAIS: USOS POTENCIAIS:
Elementos da paisagem indicados:	CAMINHOS: CONSTRUÇÕES: LOCAIS: MANIFESTAÇÕES SOCIOCULTURAIS: NATUREZA: TRAÇADOS:

APÊNDICE H – ESTRUTURA TEMÁTICA DA ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

TEMAS	SUBTEMAS
1. Patrimônio paisagístico	Biofísico
	Sociocultural
	Integrados
2. Percepções e sensações relacionadas às paisagens lacustres	Positivas
	Negativas
3. Práticas	Turísticas
	Outras
4. Tensões/limitações	Relacionadas ao turismo
	Outras
5. Expectativas/potencialidades	Relacionadas ao turismo
	Outras
6. Elementos da paisagem	Caminhos
	Construções
	Locais
	Manifestações Socioculturais
	Natureza
	Traçados

**APÊNDICE I – CHAVES DE LEITURA DOS MAPAS, CONFORME
PICTOGRAMAS TURÍSTICOS ADAPTADOS AO CONTEXTO LOCAL DE
ESTUDO**

	AEROPORTO
	ÁREA DE CAMPISMO
	ARQUITETURA HISTÓRICA
	ARTESANATO
	BARCO DE PASSEIO
	CAVALGADA
	CENTRO DE CULTURA
	CICLISMO
	ESPORTES NÁUTICOS
	FONTE
	HOTEL
	ILHA
	INFORMAÇÕES TURÍSTICAS
	MUSEU
	PATRIMÔNIO CULTURAL
	PATRIMÔNIO NATURAL
	PAVILHÃO DE FEIRAS E EXPOSIÇÕES
	PESCA ESPORTIVA
	PONTO PANORÂMICO
	PRAÇA
	PRAIA
	RESTAURANTE
	RIO, ARROIO, LAGOA
	TERMINAL HIDROVIÁRIO
	TERMINAL RODOVIÁRIO
	TRAVESSIA

NOTAS DE TRADUÇÃO

ⁱ «*Mise en tourisme - processus de création d'un lieu touristique ou de subversion d'un lieu ancien par le tourisme qui aboutit à un état: le lieu touristique. L'expression mise en tourisme est préférée à touristification (touristisation) [...] 'mise' en tourisme' présente l'avantage de souligner le caractère dynamique et humain de l'action*» (ÉQUIPE MIT, 2008, p. 300).

ⁱⁱ «*Ce système est constitué d'entreprises (proposant différents services, allant de l'agence de voyage aux restaurateurs et hôteliers, en passant par les transporteurs et les tour-opérateurs), de normes et de valeurs (pour certains, le tourisme est positif, pour d'autres, il est négatif et surtout, il existe différentes manières, socialement et culturellement différenciées, d'être touriste), de lois (sur la nationalité, les congés payés, la fiscalité, etc.), de touristes (qui sont temporairement dans des lieux autres et se distinguent par leurs pratiques), de lieux touristiques de qualités différentes (pouvant être classés selon des types: station touristique, site touristique, lieu de villégiature, ville touristifiée, métropole touristique, etc.), de marchés (plus ou moins segmentés) et de relation non-marchandes (prêter ou échanger un logement, regarder un paysage, etc.) Ce système est aussi informé par les autres institutions sociales (la famille, comme lieu d'apprentissage des pratiques touristiques, le mariage, comme voyage de noce, etc.) d'imaginaire (le paradis change: de la Suisse aux mers du Sud), d'images (véhiculées par les catalogues, la télévision, les photos et les diapositives des autres touristes, etc.), et de discours (les guides, les scientifiques, les émissions radiophoniques ou télévisées, etc.)*» (ÉQUIPE MIT, 2011, p. 278-279).

ⁱⁱⁱ *Tourism is a social, cultural and economic phenomenon which entails the movement of people to countries or places outside their usual environment for personal or business/professional purposes. These people are called visitors (which may be either tourists or excursionists; residents or non-residents) and tourism has to do with their activities, some of which involve tourism expenditure.*” (OMT, 2018, p.1). “*Tourist (or overnight visitor): A visitor (domestic, inbound or outbound) is classified as a tourist (or overnight visitor), if his/her trip includes an overnight stay, or as a same-day visitor (or excursionist) otherwise*” (OMT, 2018, p.12).

^{iv} «*En poussant plus loin, l'habiter pourrait être le concept qui synthétise l'ensemble des pratiques des lieux, c'est-à-dire le « faire-avec » les lieux, sans oublier la part de l'imaginaire, des représentations, des valeurs et symboles assignés aux lieux*» (STOCK, 2005, p. 5).

^v «*Il entraîne notamment une diversification des pratiques récréatives, des lieux de récréation et même des temps de récréation, abolissant progressivement les organisations saisonnières pour se diriger vers un fractionnement croissant des temps récréatifs tout au long de l'année. Comment dès lors distinguer le tourisme d'autres pratiques récréatives comme les loisirs, dans un contexte où les mobilités font désormais partie du quotidien? On pourrait, au contraire, faire l'hypothèse que le tourisme s'intègre dans un continuum récréatif avec d'autres pratiques, dont il resterait à déterminer les critères de distinction*» (CERIANI-SEBREGONDI et al., 2008, p. 10).

^{vi} “*Interdisciplinary research on tourism can be defined as the organization of an interface between different disciplines and bodies of knowledge in order to analyse the manifestations and the existing complexities of society's touristic dimensions. The different disciplinary approaches are therefore seen as complementary. Interdisciplinary research involves organised coordination within a research process*” (DARBELLAY; STOCK, 2012, p. 453).

^{vii} «*[...] le concept 'tourisme' définit un système d'acteurs, de pratiques et de lieux visant à la re-création par le déplacement et l'habiter temporaire de lieux autres [...]*» (STOCK, 2010, p. 21)

^{viii} «*Ceci nous conduit à définir les pratiques touristiques comme des pratiques de récréation choisies, effectuées par un déplacement du lieu de résidence vers un lieu autre*» (SACAREAU; STOCK, 2003, p. 23).

^{ix} «*[...] on peut concevoir les pratiques touristiques comme étant une manière particulière d'habiter les lieux géographiques*» (STOCK, 2003, p. 5).

^x «*En effet, le déplacement est constitutif des pratiques touristiques ; il n'existe pas de tourisme sans déplacement. Ceci implique la 'pratique in situ' d'un lieu, c'est-à-dire que nécessairement, le corps de l'individu*

est engagé dans la pratique. Cette nécessaire association de la pratique à un lieu autre fait que les individus sont obligés de se déplacer» (STOCK, 2005, p. 4).

^{xi} «Le temps des loisirs correspond le plus souvent à une excursion hors de chez soi sans nuitée à l'extérieur, mais il peut inclure le week-end comme un prolongement du mode d'habiter au quotidien» (SACAREAU, STOCK, 2003, p. 29).

^{xii} «[...] le caractère binaire de l'opposition Ici-Ailleurs initialement envisagée doit être relativisé, et que de multiples transgressions spatiales, territoriales et géoculturelles contribuent à l'affirmation d'un continuum croissant entre espaces urbains et espaces de nature» (BOURDEAU; MAO; CORNELOUP, 2011, p. 453).

^{xiii} «Dans ce dépassement de la rupture traditionnelle entre les espaces, les temps et les pratiques du proche et du lointain, c'est une hybridation croissante entre enracinement et mobilité, travail et loisir, quotidien et hors quotidien, tourisme de proximité et de séjour, visiteurs-visités, mais aussi fonctions résidentielles, productives et récréatives, qui s'opère, renvoyant à nouveau au régime de l'entre-deux» (BOURDEAU, MAO, CORNELOUP, 2011, p. 455).

^{xiv} «Touriste (tourist, 1800; touriste, 1816) - personne se déplaçant temporairement vers des lieux situés dans l'espace-temps du hors-quotidien afin d'y développer des pratiques récréatives» (ÉQUIPE MIT, 2008, p. 301).

^{xv} «Le tourisme est donc un changement de place induit par l'intention des touristes de mettre en œuvre des pratiques dans les lieux adéquats» (CERIANI-SEBREGONDI et al., 2008, p. 12).

^{xvi} «Ce n'est pas le lieu en lui-même qui attire les touristes, mais ce sont les touristes qui choisissent les lieux en fonction de leurs besoins et de leurs pratiques, celles-ci changeant au cours du temps selon l'évolution des sociétés» (SACAREAU; STOCK, 2003, p. 18).

^{xvii} «Ces deux dynamiques – se rendre familier les lieux géographiques et rechercher des lieux les plus adéquats pour chaque pratique – pourraient être au fondement d'un « mode d'habiter poly-topique », à multiples lieux pour des habitants mobiles des sociétés contemporaines. Que devient alors l'habitat, investi pour des 'projets', par définition temporaire ? Les lieux géographiques deviennent, dans une société à individus mobiles, des lieux de projets, à significations simultanément multiples» (STOCK, 2005, p. 5).

^{xviii} «Il s'agit d'une approche bien réductrice, car elle ne rend pas compte de la complexité des pratiques touristiques des individus, et en particulier du fait que les individus ne réalisent pas toujours, une fois sur place, les activités qu'ils prévoyaient d'effectuer avant de partir» (SACAREAU; STOCK, 2003, p. 18).

^{xix} No texto original, em francês: «jouer, découvrir, se reposer/soin de soi, acheter et socializer» (ÉQUIPE MIT, 2011).

^{xx} «Ces acteurs agissent sur les lieux en fonction de leurs projets existentiels, économiques ou politiques, de leurs représentations qui varient dans le temps, de la nature de leurs pratiques des lieux, de leur inégale capacité d'intervention et de leur inégal degré d'investissement dans les lieux. La réussite du tourisme dans un lieu dépend étroitement des interactions entre ces différents acteurs et en particulier des interactions entre les touristes et les acteurs de la société local. Quant aux lieux, ils naissent et évoluent en fonction de la dynamique engendrée par ces différents acteurs» (SACAREAU ; STOCK, 2003, p. 31).

^{xxi} «Les destinations changent, innovent, renouvellent leurs organisations et leurs ressources, et ce, sous l'impulsion de choix des acteurs associés, dans des processus de tri et d'erreur. La capacité d'évolution est liée à l'influence de ces parties prenantes et des jeux de conflit/coopération/négociation autour du partage des territoires qui les animent» (CLERGEAU ; VIOLIER, 2012, p. 69).

^{xxii} «[...] car il n'y a pas de tourisme sans touristes, ni de lieux touristiques sans une fréquentation par un nombre significatif de touristes» (SACAREAU; STOCK, 2003, p. 19).

^{xxiii} No texto original, em francês, essas categorias de locais turísticos (*lieux touristiques*) são designadas: *site touristique, comptoir touristique, station touristique et ville touristique* (DUHAMEL, 2003; ÉQUIPE MIT, 2008; 2011).

xxiv «Fontaines et rivières sont des eaux vivantes, transmettant la vie et desquelles se dégagent le plus souvent des principes bienveillants. Utilisées avec toutes les précautions nécessaires, elles ne peuvent que dégager des influences positives et n'offrent guère de danger pour l'homme, à la différence des eaux dormantes. Eaux dormantes, eaux 'mortes', eaux qui somnolent entre leurs rives, eaux au cours très lent des marais bordiers. Il faut s'attarder sur leur perception et leur valorisation au sein des sociétés traditionnelles [...] il y a dans les eaux dormantes cette vision de mondes multiples qui parfois se côtoient pour le plus grand danger des humains. Eaux silencieuses, eaux sombres, eaux insondables, elles cachent en leur sein mille merveilles, mais en même temps mille dangers. [...] De façon générale, les eaux stagnantes représentent des lieux de contact privilégiés entre le monde des morts et le monde des vivants. [...] Le monde infernal s'incarne dans ces espaces d'eaux croupissantes où les limites entre l'eau et la terre sont indéfinies, tout comme entre l'eau et le ciel. Limites qu'il n'est pas sans danger de franchir, car dans les profondeurs des lacs se cache un monde fantastique rempli de personnages surnaturels, gardiens de trésors inestimables ou bien parfois des portes de l'enfer» (VERNEX, 1996b, p. 14-15).

xxv «La mort quotidienne n'est pas la mort exubérante du feu qui perce le ciel de ses flèches ; la mort quotidienne est la mort de l'eau. L'eau coule toujours, l'eau tombe toujours, elle finit toujours en sa mort horizontale. Dans d'innombrables exemples nous verrons que pour l'imagination matérialisante la mort de l'eau est plus songeuse que la mort de la terre : la peine de l'eau est infinie» (BACHELARD, 1942, p. 13).

xxvi «L'eau distingue le pur de l'impur. Elle relie les lieux, les moments et les symboles grâce à ses incessantes métamorphoses. Elle fusionne les contraires, avalant peu avant d'être absorbée. Les habitants de l'Europe tempérée sont sensibles à cette unitas multiplex. [...] Bonne et mauvaise, l'eau permet d'influer sur le bien et le mal : c'est l'élément des apparitions et des pèlerinages, des rites dits anniversaires, de préparation et par procuration, des processions et déambulations, des ablutions et ingurgitations. Elle est le support des paysages oniriques comme des paysages utilitaires» (BETHEMONT; RIVIÈRE-HONEGGER; LE LAY, 2006, p.6).

xxvii «While tourists water demands need to be met in order for tourism to be attractive, water demand management will increasingly be a decisive factor in tourism's long-term viability» (COLE, 2013, p. 3).

xxviii [...] les études menées démontrent l'étendue de la dimension symbolique des héritages dont les modalités d'appréciation sont souvent plus complexes que ne le suggèrent la communication touristique et patrimoniale» (PORTAL; BARRAUD; DAVODEAU, 2013, p. 9).

xxix «The challenges resulting from the meeting of water with tourism are enormous. If on the one hand water is increasingly a scarce resource at a global scale, on the other hand tourism relentlessly continues to grow, bringing in many cases important economic benefits, but also carrying with it significant impacts on water resources.» (BRITO-HENRIQUES; SARMENTO; LOUSADA, 2010, p. 29).

xxx «[...] an integrated vision of landscape that takes the natural and cultural components jointly, never separately. [...] an area, as perceived by people, whose character is the result of the action and interaction of natural (such as the relief, the hydrology, the flora and the fauna) and/or human (such as economic activities or historic heritage) factors. At the same time, the landscape is conceived as a physical reality and according to the representation that we make of it. It is the physiognomy of a territory with all its natural and anthropic elements as well as the feelings and emotions that are awakened on contemplating them. The landscape is conceived [...] as a social product, the cultural projection of a society in a given space from a material, spiritual and symbolic dimension» (NOGUÉ ; SALA; GRAU, 2016, p. 15).

xxxi « [...] el paisaje tiene dos vertientes, una que concierne a sustancias materiales y visibles y otra que atañe a relaciones inmateriales e invisibles [...] el paisaje posee a la vez una existencia física, que en sí misma no supone necesariamente la existencia humana, y una presencia en el espíritu humano, que supone necesariamente una historia y una cultura.» (BERQUE, 2009, p. 84).

xxxii «[...] dimension sensible et symbolique du milieu; expression d'une médiance» (BERQUE, 1990, p. 48).

xxxiii «combinaison médiale et historique du subjectif et de l'objectif, du physique et du phénoménal, de l'écologique et du symbolique, produisant une médiance» (BERQUE, 1990, p. 48).

xxxiv «La médiance relève à la fois du physique et du phénoménal, de l'écologique et du symbolique, du factuel et du sensible. C'est le sens d'un milieu ; sens qui est simultanément signification, perception, sensation, orientation et tendance effective de ce milieu en tant que relation» (BERQUE, 1995, p. 36).

xxxv “[...] topografías de la vida cotidiana [...] impregnadas de emoción y sentimiento [...]” (NOGUÉ, 2015, p. 141).

xxxvi “Experimentamos emociones específicas en distintos contextos geográficos y vivimos emocionalmente los paisajes porque estos no son solo materialidades tangibles, sino también construcciones sociales y culturales impregnadas de un denso contenido intangible, a menudo solamente accesible a través del universo de las emociones” (NOGUÉ, 2015, p. 141).

xxxvii “La Tierra como planeta provoca admiración, incitando un tono de escritura expositiva que no es utilitaria, sino elevada y romántica. La misma tendencia se aplica a las grandes subdivisiones naturales de la Tierra que se resisten a ser habitadas por el ser humano, como las montañas, océanos, junglas, desiertos y las mesetas de hielo. Al no ser habitables, o fácilmente habitables, liberan a la mente humana de la angustia de pensar cómo buscarse allí el sustento, de manera que esta puede dedicarse, en cambio, a satisfacer su inclinación más lúdica e intelectual. Entornos que uno considera a la vez atractivos y repelentes también plantean cuestiones estéticas y morales” (TUAN, 2015, p. 50).

xxxviii “[...] el paisaje está adquiriendo cada vez más un rol de primer orden, por múltiples y variadas razones, entre ellas por el hecho de actuar como contenedor y transmisor de emociones. Ahora bien, no hay emoción posible si no existe, previamente, inmersión, seducción, contemplación. Contemplar no es solo mirar. Es mirar con atención, pero no de manera forzada u obligada, sino más bien relajada, distendida, aunque no por ello menos atenta. Y más que eso: la contemplación va más allá de lo visual para entrar en lo polisensorial. Los estímulos que nos llegan a través del oído, del gusto, del olfato, del tacto, convierten la contemplación en una experiencia multidimensional que contiene, también, componentes estéticos, intelectuales, emocionales, entre muchos otros” (NOGUÉ, 2015, p. 144).

xxxix “[...] proyectamos emociones sobre el paisaje y, al mismo tiempo, los paisajes tienen la capacidad de conmovernos, de despertar en nosotros respuestas eminentemente emocionales. Así a menudo, de forma aparentemente irracional, nos dejamos invadir por emociones al observar o pensar en un paisaje, ya sea real o imaginario, tanto en la observación sobre el terreno como en sus representaciones en la pintura, la literatura, la fotografía o el cine. El canon de representación del paisaje suele tener asociada una determinada emoción a esos espacios: ya sea en su descripción literaria en su representación visual, el paisaje tiene atribuciones culturales ligadas a determinadas emociones. La playa, el mar, los bosques, el desierto o la selva son palabras que nos evocan determinadas imágenes, y al mismo tiempo determinadas emociones” (LUNA; VALVERDE, 2015, p. 6).

xl “[...] descubrir los nuevos lugares y los nuevos paisajes surgidos en un espacio fluctuante y de un permanente transitar entre configuraciones espacio-temporales diferentes” (NOGUÉ, 2015, p. 146).

xli “[...] el problema de la valoración, ya sea del patrimonio heredado del pasado como de las nuevas realizaciones, en un marco histórico caracterizado por procesos de unificación y homologación cultural que merece cierta atención, teniendo en cuenta el descubrimiento y la valorización de las especificidades, diversidades e identidades” (SCAZZOSI, 2006, p. 271).

xlii “[...] paisaje y turismo son dos realidades íntimamente relacionadas. El paisaje es un elemento substancial del fenómeno turístico y un recurso de gran valor para el desarrollo y la consolidación de la oferta turística” (PIRES, 2011, p. 524).

xliii «[...] l'importance de la question de la construction du regard d'une société sur des paysages, qui doit être abordée en se négligeant plus la capacité des générations qui se succèdent à évaluer différemment la valeur des lieux. Ensuite, plutôt que de mettre l'accent sur l'attraction des lieux – comme dans les analyses classiques – il convient de considérer le problème de la fréquentation sous l'angle du choix effectué par les touristes, en fonction d'informations qui évoluent très sensiblement selon les périodes considérées. La manière dont les hommes habitent les lieux dépend du rapport à ceux-ci et de la façon dont ils sont choisis : à la différence des lieux de naissance, et de beaucoup de lieux de vie, les espaces touristiques sont choisis par les individus avec davantage de marge de manœuvre et d'autonomie» (KNAFOU, STOCK, 2003, p. 933).

xliv “[...] paisajes cuyo principal componente es el agua en sus distintas manifestaciones. [...] La categoría de paisajes del agua también comprende paisajes originados por la acción del hombre sobre el territorio a través de los procesos de arraigo a la cuenca; esta modalidad de paisajes del agua se expresan en los poblados

riberños, en los caminos y senderos de acceso a los lagos y ríos, en los miradores y lugares para la contemplación del paisaje, en los espacios públicos y construcciones que denotan el uso del agua (costaneras, puentes, faros, muelles)” (MUÑOZ; AZÓCAR, 2014, p. 38).

^{xlv} “El dialogo intercultural entre los habitantes y visitantes ha sido fundamental para enriquecer la experiencia del otro y generar nuevas interpretaciones del paisaje. Los visitantes descubren que el paisaje no es sólo naturaleza, también es un entorno de vida con valor afectivo para sus habitantes y las comunidades locais descubren que algunos paisajes insuficientemente valorados por ellos –paisajes de humedales poseen cualidades ambientales y una belleza austera pero tan notable como los espectaculares paisajes de hielo. Los paisajes del agua son recursos territoriales con potencial para sustentar la economía en base al turismo; también son fundamentales para la identidad de las comunidades con el territorio que habitan” (MUÑOZ; AZÓCAR, 2014, p. 44).

^{xlvi} «[...] paisajes en los que el agua desempeña un papel determinante en su origen y configuración actual y en el reconocimiento y percepción social y cultural que la sociedad tiene de ellos. Así, y a nuestro juicio, los principales elementos que definen los paisajes del agua serían el mar, los ríos, los arroyos, las ramblas, los humedales, los lagos y lagunas, los deltas, etc., pero siempre en relación con aquellos otros elementos que denotan la permanencia histórica de las relaciones entre la sociedad y el agua, como las presas, los puentes, las acequias, los canales industriales, los molinos, los huertos, las fachadas fluviales de las ciudades, los caminos, las colonias industriales, los límites, la literatura, la pintura, etc » (PALOM, 2016, p. 214).

^{xlvii} “[...] los paisajes del agua constituyen cada vez más un espacio importante para la ciudadanía en lo que respecta al ocio y las actividades lúdicas, los equipamientos sociales y culturales, el desarrollo comercial y turístico y la urbanización residencial. La revalorización de los paisajes del agua los convierte, cada vez más, en un atractivo para el desarrollo territorial” (PALOM, 2016, p. 215).

^{xlviii} «Waterscapes are nowadays accessible for the tourist utilization of much more people than they were in the past. Within most of the western world, the sea, sun and sand do not create new sensations anymore, or a new relation of the body with nature. It is necessary to invent new activities that will give place to the experience and affirmation of the self. Partly because of that, people have new forms of living and enjoying waterscapes» (BRITO-HENRIQUES; SARMENTO; LOUSADA, 2010, p. 22-23).

^{xlix} «Parcours urbain par excellence, le Grand Tour joua cependant indirectement un rôle dans l’appréciation des paysages lacustres, du moins pour ceux qui se situaient aux principaux points de passage. Le Léman lui doit sa notoriété, accentuée par la présence ou les écrits, entre autres, de Voltaire et de Rousseau, ce dernier entretenant des liens très étroits avec l’Angleterre. Mais on peut citer également le lac Zurich, cette dernière ville étant aussi un phare intellectuel dans l’Europe des Lumières, voire le lac Majeur avec ses fameuses Îles Borromées» (VERNEX, 2009, p. 44-45).

^l «La sensibilité nouvelle se construit sur la valorisation des émotions tandis que la marche à pied permettant d’avancer lentement et de jouir de tout’, devient la condition même du voyage pittoresque » (VERNEX, 2009, p. 46).

^{li} « [...] fondée sur les notions de grandiose, de saisissant, de sauvage, de majestueux. Les grands lacs des vallées internes, soumis parfois à de fortes tempêtes, offriront à cette sensibilité l’occasion de nouvelles extases» (VERNEX, 2015, p. 181).

^{lii} Les topoï (thèmes et arguments) du beau paysage lacustre sont forgés et envahiront la littérature pendant un siècle, jusqu’à aujourd’hui ! « Lac riant, gracieux, délicieux, doux, ravissant, les adjectifs ne manqueront pas pour qualifier les grands lacs du pourtour des Alpes, associant rives, plans d’eau, et montagnes proches et lointaines. (VERNEX, 2015, p. 180).

^{liii} “Les rives du lac d’Annecy, comme celles d’autres grands lacs alpins, apparaissent ainsi comme des espaces convoités, support d’usages multiples et objet de volontés antagonistes d’appropriation » (NIKOLLI, 2018, p. 2).

^{liv} «[...] trois mutations affectant les rapports hommes-lac: la confrontation de la société locale à l’émergence de pratiques touristiques de plus en plus centrées sur le lac; le développement du besoin de contacts physiques avec l’eau; la démocratisation de pratiques touristiques et de loisirs en milieu naturel» (VERNEX, 1989, p. 37).

^{iv} « [...] *une nouvelle ressource touristique centrée essentiellement sur le plan d'eau. D'où un nouveau modèle d'aménagement dans lequel le littoral lacustre joue un rôle crucial, modèle dont l'élément de base est la plage*» (VERNEX, 1989, p. 41).